



Título Original: *Flowers from the Storm*
de Laura Kinsale

Digitalizado, revisado e formatado por: Dora A.

Português de Portugal – Antes do Acordo Ortográfico Luso-Brasileiro





LAURA KINSALE é uma das escritoras mais admiradas e reconhecidas dentro do gênero: novela romântica devido às suas histórias bem trabalhadas, intensas e originais.

Laura Kinsale é vencedora - e três vezes nomeada - do prêmio Golden Choice Best Book of the Year, concedido pela Romance Writers America. Tornou-se autora de romances depois de trabalhar seis anos como geóloga - uma carreira que consistia em levantar-se da cama a meio da noite e conduzir sozinha centenas de quilômetros através do Texas ocidental para sentar junto a poços de petróleo, onde usava um chapéu de abas largas e tentava dar ordens homens cobertos de óleo e consideravelmente maiores do que ela.

Aos trinta e cinco anos começou a escrever. Também publicou, entre outros romances, *The Shadow and the Star* e *The Prince of Midnight*. É casada e divide o seu tempo entre as casas que possui em Santa: (Novo México) e no Texas.

O seu romance mais elogiado e preferido das leitoras norte-americanas é ***Flores na Tempestade***.

Christian era um dos homens mais brilhantes e sedutores da alta sociedade inglesa. Um libertino que despertava paixões avassaladoras até que um trágico ataque o condena a um mundo de silêncio, sombras e de loucura. Christian perde a capacidade de falar e a família coloca-o num sanatório, crente de que perdeu a razão.

Maddy, de nascimento modesto e com uma alma simples e generosa, fica presa a este homem que lhe desperta sensações novas. Um homem que oscila entre a raiva e a frustração de estar preso ao silêncio, que a repele, mas que necessita da sua atenção e do seu carinho para o tirar daquele tormento solitário. A amizade que nasce entre os dois transforma-se num amor arrebatador. Fonte de necessidade, desejo ... e de uma paixão redentora.

Laura Kinsale, autora best-seller americana, traz-nos um dos romances de amor mais belos e originais que jamais se escreveu. Uma história apaixonante e inesquecível que se converteu numa das novelas românticas mais elogiadas pela crítica e pelo público em todo o mundo."

**Os diálogos e pensamentos reproduzidos com erros ortográficos
estão de acordo com o original.**

Prólogo

Ele gostava de política radical e tinha um fraco por chocolate. Cinco anos antes, a honorável miss Lacy-Grey quase desmaiara quando num baile, perante testemunhas, ele a convidara para uma contradança - um exemplo do tipo de incidentes que os amigos achavam intensamente divertidos e gostavam de recordar *ad nauseam* enquanto bebiam. Circulava o rumor que uma proposta de casamento teria deixado a pobre rapariga maculada para o resto da vida, e um convite de um gênero inferior tê-la-ia matado de imediato.

Christian encontrava-se naquele momento com a cabeça pousada na curva suave das costas dela - os dedos a deslizarem indolentes entre a meia e a pele macia mesmo acima da liga azul e amarela - e pensou que os amigos tinham sido um pouco exagerados nas suas previsões. Parecia viva e bem viva. Os tornozelos estavam belamente cruzados, e sacudiam-se com suavidade para cima e para baixo no ar acima dele.

Christian pousou a palma da mão em cima da nádega dela, beijou o sinal no fundo das

costas e endireitou-se, apoiado no cotovelo.

- Quando é que Sutherland regressa a casa?

- Em princípio, só daqui a duas semanas. - A *ex-miss* Lacy-Grey rolou para o lado, sorriu, expôs os seios que se tinham tornado mais pesados, e a cintura ligeiramente mais gorda e inchada. Eram amantes há cerca de três meses. Christian passou os olhos pelas alterações subtis ergueu as pestanas, sem falar.

- Quem me dera que nunca mais voltasse - disse ela, e entrelaçou mãos acima da cabeça. - Tem sido maravilhoso.

- Melhor do que chocolate - disse ele.

- A sério?

Ele olhou em volta, ao lembrar-se. A cafeteira alta esperava-o, a chaleira a ferver suavemente no fogão.

- Desculpa. Levantou-se da cama.

- Seu homem odioso.

Christian fez uma vénia rasgada e piscou-lhe o olho. Pegou na chaleira, deitou água quente sobre o leite frio, exactamente metade de cada, raspou algumas lascas de chocolate para dentro da cafeteira e agarrou manipulo do moinho. Sentia o tapete frio e acetinado sob os pés nus. Rodou o alto manipulo do moinho vigorosamente - aquilo deveria ter sido feito sobre o lume, não na cafeteira, mas as condições a altas horas da noite nos aposentos de outro homem nem sempre eram as ideais, serviu-se de uma chávena da mistura espumosa.

- Que consigas beber isso sem um único grão de açúcar é um desafio para a imaginação - observou ela.

- O açúcar és tu que lho dás, doçura - respondeu ele de imediato bebeu outra golada, nu junto da mesa. - Como poderia ser de outro modo?

Ela tentou fazer uma expressão aborrecida, mas acabou por lhe sorrir. Voltou a esticar os braços com um suspiro e, provocadora, arqueou o corpo ao mesmo tempo que fazia deslizar os pés enfiados nas meias, uma e outra vez, sobre os lençóis.

- A sério! Gostaria que Sutherland nunca mais regressasse a casa.

- Era melhor que desejasses que ele voltasse depressa para que se deitasse contigo, minha menina, e quanto mais depressa melhor.

Ela levantou o olhar pousado nas mãos e de seguida voltou a baixá-las. Franziu de novo os lábios com aquela expressão tão atraente.

- Ele não se vai importar.

- Tenho a certeza que não - replicou Christian num tom cínico. Ela pousou a palma da mão no ventre inchado e observou-o pelo canto do olho.

Christian pousou a chávena e inclinou-se sobre ela. Beijou-lhe o peito, enquanto lhe passava os dedos por entre o cabelo e lhe beijava o pescoço.

- Valeu a pena? - murmurou-lhe ao ouvido.

Ela levantou os braços até lhe rodear os ombros e apertou-o com força. A suavidade daquela pele voltou a despertar o desejo em Christian, e, enquanto a jovem se agarrava a ele como se se estivesse a afogar, aproveitou o momento para lhe voltar a manchar a honra. Ela pareceu desfrutar o momento. Deus era testemunha disso.

Na base da escadaria, cintilava a chama de uma única vela, que iluminava o braço esquerdo e as roupagens de uma reprodução em mármore de uma estátua de Ceres cujo olhar, num excesso de sentimentalismo, repousava num feixe de trigo que tinha aos pés. Christian desceu as escadas discretamente, mas não às escondidas, já que uma semana antes chegara a um acordo com o mordomo e passara a deixar junto do candelabro um impecável montículo formado por três moedas de ouro de cada vez que saía da casa. Estava à procura das moedas no bolso quando ouviu o som de passos mais em baixo. Deteve-se no patamar, a mão apoiada no corrimão.

- Edith? - perguntou do fundo das escadas uma voz masculina, que ecoou ligeiramente pelo vestíbulo.

Que o diabo me carregue.

Christian deteve-se, completamente imóvel. Na base da escada, surgiu Leslie Sutherland, a despir o casaco.

- Eydie? - voltou a chamar, e alisou as patilhas ruivas enquanto olhava para cima.

No vestíbulo ouvia-se o tiquetaque de um relógio. Christian nunca se apercebera da sua presença, mas naquele instante de silêncio soou como um augúrio cristalino e irrevogável. *Um... dois... três... quatro...*

Ao chegar a quatro, aconteceu. O meio sorriso desapareceu do rosto de Sutherland. Os lábios entreabriram-se-lhe. Christian não esperou que pronunciassem qualquer palavra e não o fizeram. Apenas silêncio e o rosto de Sutherland a tornar-se cada vez mais pálido, até a boca se fechar e a cor lhe invadir todo o rosto, com excepção dos vincos profundos junto ao nariz e em volta dos lábios.

Seis... sete... oito...

Christian pensou em diversas coisas para dizer, todas elas falsas e dirigidas a si mesmo, excepto a frase clássica: *Voltaste mais cedo, não voltaste?*

Conteve-se. Sutherland ainda parecia presa de um profundo choque. Uma dormência incómoda na mão direita fez com que Christian se apercebesse da força com que agarrava o corrimão através da luva. Soltou-o, mas a sensação de formigueiro aumentou e teve a sensação de que era atingido por uma vertigem, como se a escada debaixo dele ondulasse sem se mover.

Abriu e fechou a mão para a desentorpecer.

O gesto pareceu despertar Sutherland. Olhou fixamente para a mão de Christian.

- Jervaulx - disse, num tom incongruentemente suave -, vou matar-te por causa disto.

Nem sequer pronunciou bem o nome, soou desajeitado. Demasiada ênfase no «J» e no «X». Num momento arrepiante como aquele, a mente de Christian teve uma reacção absurda e repetiu a pronúncia exacta do seu título: *Shervoh - Sbervoh - Sbervoh...*

Não proferiu palavra, estendeu a mão e voltou a dobrar os dedos até os transformar num punho, algo que lhe pareceu difícil de fazer. Sentia o braço pesado, como se adormecido, e um formigueiro percorria o interior dos ossos dos dedos.

- Os nomes dos teus padrinhos - disse Sutherland num tom mais elevado e com maior agressividade. - Quero os nomes deles.

- Durham. E o coronel Fane. - Era inevitável. Mas surpreendeu-se por se sentir tão estranho.

Enquanto se olhavam, o relógio marcou mais dez segundos.

- Canalha. *Fora da minha casa!*

O grito saiu abafado. Sutherland tinha o rosto tão inflamado, estava tão congestionado, que Christian pensou que iria rebentar e cair ao chão com uma apoplexia.

- Está bem - respondeu em voz baixa.

Desceu as escadas e passou pelo outro homem com movimentos deliberadamente passivos e contidos. Sutherland podia sentir vontade de o matar, um direito que lhe assistia, mas Christian não tinha a mínima intenção de ser o causador da morte do homem no vestíbulo da própria casa.

Além disso, precisava de respirar ar fresco. Sentia-se embriagado. Ao abrir a porta, continuou a sentir a mão direita desajeitada e adormecida. Fechou a porta atrás dele com a mão esquerda e tropeçou. Cambaleante, apoiou-se no corrimão de ferro da entrada.

Estava Lua cheia e esta iluminava o manto de névoa que cobria o fundo da rua. Uma neblina azulada que contrastava com a escuridão das fachadas e que se erguia lentamente. Christian continuou agarrado ao corrimão, a olhar para a encosta. Não havia dúvida, passava-se qualquer coisa de errado. Sentia-se enjoado, atordoado e... estranho. Uma ideia louca de que o tinham envenenado atravessou-lhe o pensamento.

Eydie? O chocolate. Eydie seria capaz de o envenenar? Por que motivo faria semelhante coisa?

O coração batia-lhe acelerado. Engoliu em seco várias vezes numa tentativa para se acalmar, para pensar.

Passado um bocado, soltou o corrimão. O ar fresco pareceu dar-lhe forças. Respirou fundo algumas vezes e recompôs-se. Junto à base da escada que dava acesso à casa vislumbrou um vulto negro. Olhou-o de lado e viu que se tratava do próprio chapéu.

Desceu os degraus, passou ao lado do vulto e voltou a lembrar-se que era o seu chapéu. A carruagem esperava-o duas ruas mais abaixo. Olhou inseguro para o chapéu e prosseguiu. Não lhe ocorria nenhum motivo para que Eydie o envenenasse e isso incomodava-o bastante. Mas agora, ao andar, sentia-se melhor. As coisas voltavam ao lugar. Quando se aproximou da carruagem, o cocheiro desceu rapidamente da boleia e abriu-lhe a portinhola.

Cass e *Devil* saíram imediatamente da carruagem e sacudiram as caudas peludas, eufóricos. Christian encostou-se a um dos lados da carruagem e deixou que os cães saltassem à vez para cima dele. Acariciou-lhes as orelhas com uma mão, chamou *Devil* para que voltasse e deixasse de cheirar os depósitos de carvão que se encontravam junto do passeio, e entrou para a carruagem. *Cass* deitou-se obediente aos pés de Christian, mas *Devil* introduziu o focinho às manchas pela luva e tentou sentar-se ao lado dele.

Christian acariciou a cabeça do *setter*. Quando a carruagem começou a andar, ergueu a mão para tirar o chapéu e descobriu que não o tinha.

Encostou a cabeça ao assento. Sutherland. Sutherland exigia-lhe uma reparação.

Christian só queria dormir. Flectiu os dedos da mão direita para se livrar daquela sensação de peso, de adormecimento, que continuava a sentir. Sonolento, pensou que, por uma vez na vida, era-lhe conveniente ser canhoto porque se não o fosse ser-lhe-ia impossível empunhar uma pistola.

1

Ainda acho que é impossível. Sem dúvida que vou continuar a achá-lo. Como é possível que alguém como tu, pai, espere vir a receber a devida consideração de uma pessoa com a sua... - Archimedeia Timms interrompeu-se, à procura da palavra adequada -... com a sua posição?

- Terás a amabilidade de me servir uma chávena de chá, Maddy? - pediu-lhe o pai naquele tom de voz tão aprazível que não dava azo a que ninguém comesse uma discussão a sério.

- Para começar, é duque - prosseguiu ela por cima do ombro enquanto atravessava a sala de jantar à procura de Geraldine, já que a campainha da sala não funcionava. O tempo que demorou a encontrar a criada, a certificar-se de que a água era posta a ferver, e voltar para o salão não foi suficiente para que esquecesse a sequência dos pensamentos. - É impossível imaginar que um duque leve a sério assuntos desta natureza... tens o quadrado junto da mão direita, pai... já que ficou bem claro que durante a semana passada não preparou a sua integração.

- Não deverias impacientar-te, Maddy. Estas coisas têm que ser feitas com um enorme cuidado. Está a perder o seu tempo e eu admiro-o por isso. - O pai procurou com os dedos o pedaço de madeira cortada com o formato do número dois e colocou-o no lugar correspondente para que fosse o expoente de «s».

- Ele não está a perder tempo, gasta-o sem se importar. Sai continuamente e dedica-se aos prazeres mundanos. Não tem a mínima consideração nem pela tua reputação, nem pela sua.

O pai sorriu e olhou em frente, enquanto procurava o sinal de multiplicar e o juntava à sequência de letras e números de madeira que colocara sobre a toalha de baeta vermelha, os dedos a percorrer os blocos até os reconhecer pelo tacto.

- Tens a certeza absoluta desses prazeres mundanos, Maddy?

- Basta ler os jornais. Durante toda a Primavera não houve um único acontecimento social em que não tenha estado presente. E a apresentação do vosso tratado matemático conjunto na tarde do Terceiro Dia? Já percebi que terei de ser eu a cancelá-lo, porque *ele* nem me lembrará de o fazer. O presidente Milner ficará muitíssimo ofendido, e com toda a razão, porque quem substituirá

Jervaulx no estrado?

- Tu encarregar-te-ás de escrever as equações no quadro, e eu estarei ali para responder às perguntas.

- Sempre que o amigo Milner o permitir - disse Maddy com amargura. - Dirá que é extremamente irregular.

- Ninguém se vai importar. Tu encantas-nos com a tua presença todos os meses, Maddy. Foste sempre bem recebida. O próprio amigo Milner disse-me uma vez que o rosto de uma dama alegra enormemente os salões das reuniões.

- Mas é claro que assisto às reuniões. Como poderia deixar-te ir sozinho?

Ergueu os olhos quando a criada entrou com o tabuleiro. Geral-dine pousou o chá sobre a mesa, e Maddy serviu uma chávena ao pai, pegou-lhe na mão e conduziu-a gentilmente até ao pires e à asa. Tinha dedos pálidos e macios apesar de tantos anos de trabalhos em casa, e um rosto no qual, apesar da idade, ainda não se via rugas. Sempre o rodeara um ar de abstracção, mesmo antes de perder a vista. Que a verdade fosse dita, os hábitos quotidianos da sua vida mal se tinham alterado após a doença que, anos antes, o deixara cego. A única excepção é que agora se apoiava no braço de Maddy quando saía para dar o seu passeio diário ou quando assistia às reuniões mensais da Sociedade Analítica e usava as peças de madeira e os ditados para as questões matemáticas, em vez de escrever com a própria pena.

- Vais hoje a casa do duque para que te entregue os diferenciais? -perguntou.

Maddy fez uma careta sem necessidade de a dissimular, já que Geraldine saía da sala.

- Sim, pai - respondeu, e esforçou-se para que a voz não revelasse a humilhação que sentia. - Voltarei a casa do duque.

Quando Christian acordou, a primeira coisa que lhe veio à mente foi a integração incompleta. Afastou os lençóis para trás, expulsou *Cass* e *Devil* da cama, e sacudiu a mão com força, numa tentativa de se libertar da sensação de formigueiro que sentia depois de ter dormido sobre ela. Os cães lamuriavam-se junto da porta e deixou-os sair. Aquela insensibilidade incómoda dos dedos custava a desaparecer. Apertou o punho enquanto se servia de chocolate e, com o roupão vestido, sentou-se a folhear as páginas em que estavam escritas as equações de Timms e as suas.

Era fácil distingui-las. As de Timms estavam escritas com uma letra pequena e requintada com um terço do tamanho dos rabiscos retorcidos escritos por Christian. Desde a primeira vez em que pisara uma aula, Christian rebelara-se contra a insistência para que escrevesse em cursivo com a mão direita e fazia-o com a esquerda. Desde o primeiro dia de escola que aguentara, num silêncio ressentido, as palmatoadas que recebia com regularidade na palma da mão ofensora, mas ainda se sentia incomodado quando escrevia perante outros. Naquela manhã, a letra de Timms parecia-lhe tão pequena que até lhe era difícil lê-la. Os símbolos pareciam flutuar sobre o papel e Christian sentiu uma dor de cabeça ao tentar fixar os olhos sobre eles.

Era óbvio que sofria os efeitos do *brandy* que consumira na noite anterior. Pegou numa pena, já preparada pelo secretário para que tivesse o ângulo exacto que a postura desajeitada e retorcida da mão de Christian requeria, e começou a trabalhar, ignorando o que já estava escrito. Era-lhe fácil abstrair-se naquele mundo luminoso e tranquilo, formado por funções e distâncias hiperbólicas. Os símbolos sobre a página podiam parecer torcidos e trémulos, mas na sua mente as equações eram uma melodia inabalável. Pestanejou, e apertou os músculos do rosto a tentar libertar-se da dor que parecia ter-se instalado no olho direito, e continuou a escrever.

Quando, por fim, acabou de calcular o último diferencial e pensava em chamar Calvin para que lhe levasse o tabuleiro do pequeno-almoço, teve a impressão que despertava de um transe ao levantar os olhos e reconhecer o próprio quarto: as colunas de estilo paladino que flanqueavam a cama, o friso de gesso, os painéis de madeira e o papel de parede com desenhos azuis, escolhido por uma dama cujo nome no momento não conseguia recordar. No entanto, o pensar em damas trouxe-lhe à mente a recordação agradável de Eydie, e mandou Calvin assegurar-se de que esta receberia

uma orquídea antes da hora do chá.

- Como quiser, excelência - disse o mordomo com uma ligeira vénia. - O senhor Durham e o coronel Fane encontram-se lá em baixo. Há já algum tempo que querem falar consigo. Quer que lhes diga que esta tarde sua excelência não se encontra em casa?

- Parece-te que não estou em casa? - Esticou as pernas, reclinou-se na cadeira e cruzou os tornozelos enquanto olhava para o relógio. - Santo Deus, é uma e meia. Há quanto tempo estão lá em baixo? Diz--lhes que subam, de que estás à espera? Diz-lhes que subam.

Christian não se incomodou a arranjar-se para receber Durham e Fane. Não tinha amigos mais antigos, nem mais íntimos. Esfregou a cabeça devido à pressão aguda e persistente que sentia, e durante um momento manteve-se recostado e de olhos fechados.

- Mas que raio! Que temos aqui? Outra vez a fazer gatafunhos? -A voz pesarosa de Durham soou ligeiramente surpreendida. - Num momento destes? Não há dúvida que és frio como um icebergue.

Christian abriu os olhos para os voltar a fechar logo de seguida.

- Que Deus nos guarde, aí vem a cúria.

- Mesmo a tempo. Pareces estar pronto para receber os últimos sacramentos, meu amigo.

- E tens a certeza de que os podes administrar? - perguntou Christian, enquanto abria uma pálpebra.

- Poderia sempre tentar. Faria qualquer coisa por ti, Shev.

Durham ainda imitava o estilo Brummel, quer no modo de falar quer no vestuário, apesar de Beau ter fugido para França há onze anos para escapar aos seus credores, mas o cabelo loiro e os movimentos determinados eram um contraste voluntário aos movimentos lânguidos. A austeridade no vestir era a sua única concessão à vocação religiosa, e Christian, o seu único benfeitor - recaía sobre os duques de Jervaulx, entre outros vinte e nove cargos eclesiásticos, o privilégio de nomear vitaliciamente o titular de Saint Matthews-upon-Glade, um generoso posto eclesiástico que Christian considerara adequado conferir ao amigo. E era um favor particularmente pouco merecido se também se tivesse em consideração o facto de faltar por completo a Durham os atributos e carácter que normalmente se exigem a um pastor.

Fane, seguido dos cães, entrou, com *Devil* a esgueirar-se entre as botas do guarda real que trajava resplandecente um uniforme escarlate e dourado, e rodopiava um chapéu alto no dedo. Pegou no chapéu e atirou-o na direcção de Christian.

- Da parte de Sutherland.

Christian sentou-se e afastou as patas de *Devil* do colo.

- Estás a falar de quê? Sutherland?

- Garantiram que ontem à noite deixaste isto à porta da casa dele.

- Quem garantiu tal coisa?

- Pois, quem é que achas que o fez? - Fane, de testa franzida, deixou-se cair numa poltrona. - Os seus malditos padrinhos, foram esses que o garantiram.

Apesar da dor de cabeça, Christian não conseguiu evitar um sorriso.

- Regressou à cidade? Já me desafiou para um duelo?

- Vai para o inferno, Shev, ninguém acha isso engraçado - disse Durham. - Sutherland tem uma pontaria certa.

Fane acariciou a cabeça de *Cass* e de seguida tirou um pêlo negro do casaco vermelho.

- Quer que seja amanhã de manhã. É claro que depende de ti. Achamos que vai querer que sejam pistolas mas, tratando-se de Sutherland, poderias escolher os sabres.

Christian fechou os olhos e voltou a abri-los. A dor de cabeça estava a afogá-lo. Nem sequer podia pensar com clareza.

- Que azar teres-te encontrado com ele no vestíbulo da casa - acrescentou Fane num tom sombrio. - Poderia jurar que não fazia a mínima ideia do teu caso com a mulher. Não passou de um momento de pouca sorte, um verdadeiro azar. Poderia pensar-se que o imbecil queria manter segredo, não é? O que acontecerá se te conseguirmos matar, se é que o consegue? Uma longa viagem

pela Europa, ou um enforcamento se demorar muito a fugir. Juro-te por Deus, Shev, que eu mesmo me encarregarei de o denunciar se ele te matar.

Christian, de testa franzida, olhou inquieto para Fane. Pensou que não passava de uma brincadeira muito elaborada, e não estava com paciência para aquilo. Mas ninguém sorria, e Fane tinha um ar decididamente sério, de maxilar tenso.

- Esta manhã recebeste a visita dos padrinhos de Sutherland? - perguntou hesitante.

- Os seus cartões-de-visita chegaram às oito. - Fane sacudiu a mão. - E às nove estavam na escadaria da minha casa em Albany. Ele espuma pela boca, Jervaulx. Sedento de sangue.

- Disseram... que estive na casa dele?

- Não estiveste?

Christian olhou para os pés. Agora que pensava nisso, não se conseguia recordar bem da noite anterior.

- Céus. Devia estar bêbado como um cacho. Durham exalou fortemente.

- Por todos os santos, Jervaulx, quer dizer que não te lembras? Christian sacudiu ligeiramente a cabeça. Não se sentia como se

tivesse bebido. Não se recordava de ter começado a beber. Sentia dores de cabeça e a mão... sentia-se estranho, apenas isso.

- Céus - disse Durham, e sentou-se numa poltrona. - Que confusão.

- Não interessa. - Christian apertou a parte superior do nariz com os dedos. - Amanhã? Quer que seja amanhã? Amanhã é demasiado cedo.

- Então quando?

- Amanhã à tarde tenho que apresentar um artigo. Terá que ser na quarta de manhã.

- Um artigo? - repetiu Fane como um eco.

- Um artigo matemático.

O coronel limitou-se a olhar para ele.

- Um artigo, Fane - explicou Christian paciente -, formado por palavras que transmitem uma mensagem de grande importância. Alguma vez lêes alguma coisa, no exército?

- Às vezes - respondeu Fane.

- Não sabes que Shev é um verdadeiro Newton? - Durham recostou-se e cruzou as pernas antes de acrescentar: - Embora pelo seu aspecto ninguém o adivinhasse, não achas? Tens um aspecto pavoroso, Jervaulx.

- E é assim que me sinto - disse Christian. Acariciou o pescoço de *Devil* com a mão esquerda e suspirou. - Para o inferno com tudo isto. E acabei de mandar uma orquídea a Edith.

A casa de Belgrave Square, branca, elegante e de construção recente, era uma afronta a Maddy. Tudo o que se relacionava com o duque de Jervaulx era-lhe ofensivo. Como nascera e fora criada no seio da Sociedade de Amigos¹ era de presumir que Maddy se devia preocupar com o estado de Graça de um homem que desperdiçava a vida em bailes, jogo e diversões como ele o fazia mas, na verdade, a Divina Luz Interior dela não parecia estar minimamente interessada no estado espiritual do homem. Antes pelo contrário, o que sentia por ele era um antagonismo muito mundano. Em circunstâncias normais, Maddy nem teria perdido tempo a pensar nele. Na verdade, nunca teria ouvido falar do duque de Jervaulx se este, movido por algum motivo perverso, não tivesse começado a escrever cartas para o jornal da Sociedade Analítica de Londres, e fora devido a isso que começara a ocupar um lugar tão importante e invisível na pequena casa que os Timms habitavam em Chelsea.

Era ela que se encarregava de ler cada palavra do jornal ao pai e, fora também ela que se

¹ Membros de uma divisão da Igreja protestante, os *quakers* ou Sociedade de Amigos, fundada em Inglaterra no século XVII. Não admitem qualquer tipo de sacramento, não prestam juramento perante a justiça, não aceitam nenhum tipo de hierarquia, nem pegam em armas, e acreditam na simplicidade de todos os actos. (*N. do T.*)

encarregara de escrever a resposta, ditada pelo pai, à carta publicada do duque, e na qual este se interessava na monografia do pai acerca da *Solução para as Equações de Quinto Grau*. Isso acontecera no Primeiro Mês. Agora encontravam-se quase no Sexto Mês, com os vasos das janelas cheios de ervilhas-de-cheiro e de tulipas tardias, cujas corolas escarlates contrastavam vivamente com o branco das fachadas, e assim já há algum tempo que Maddy se convertera numa visitante habitual da casa de Belgrave Square.

Nunca vira Jervaulx em pessoa. Não lhe pusera a vista em cima nem uma única vez. Era evidente que o duque não se ia dignar a receber uma *quaker* de categoria simples e modesta como ela, nem tão pouco se dignaria aparecer em pessoa nas reuniões da Sociedade Analítica. Tinha maneiras mais aristocráticas e duvidosas de passar o tempo. Não. Archimedeia Timms apresentava-se à porta da casa nobre com uma cópia do último trabalho do pai, que ela escrevera com infinito trabalho e exactidão, e depois de a entregar a Calvin, o mordomo, este conduzia-a até um recanto da saleta de pequeno-almoço, oferecia-lhe uma chávena de chocolate, levava as propostas tão meticulosas do pai e deixava-a ali sentada, às vezes até três horas e meia, à espera que o mordomo voltasse com uma nota e várias folhas cobertas de traços descuidadamente exagerados, de fileiras de equações escritas como se os números e os símbolos tivessem uma finalidade estética e não matemática.

Mais frequentemente, tudo o que Calvin trazia era a promessa do duque que a parte que lhe correspondia estaria preparada no dia seguinte. E quando chegava o dia seguinte, a promessa era para o dia a seguir a esse, e para outro depois daquele, até ela ter perdido a paciência com o homem. A acrescentar a isso, e como se fosse pouco, havia o entusiasmo silencioso mas cada vez mais intenso do pai por aquilo em que ele e Jervaulx estavam a trabalhar. As matemáticas eram tudo na vida do pai, a prova irrefutável de um teorema o único objectivo da sua vida. Não pela fama pessoal que uma descoberta desse teor lhe podia proporcionar, mas pelo amor à própria ciência. Para ele, o duque era um milagre, uma bênção prodigiosa para a sua vida, para a geometria e para a Terra em geral, e esperava com uma paciência infinita aquelas respostas tão irregulares.

Na verdade, Maddy receava poder estar a ser um pouco ciumenta. O modo como o rosto do pai se iluminava quando ela, por fim, voltava com uma nova série de equações e axiomas da casa de Jervaulx, o olhar inicial de choque e depois de prazer, quando ela lhos lia em voz alta e ele descobria uma inovação concreta, alguns cálculos que exibiam um requinte único... mas bem, não tinha o direito de lhe regatear essa felicidade apenas porque para ela tudo aquilo não passava de uma infinita série de símbolos, uma espécie de língua estranha que alguém sabia ler e pronunciar, mas que na realidade não entende. Havia pessoas que nasciam com esse dom e Maddy, apesar da esperança iludida que o pai expressara ao dar-lhe o nome em honra de Arquimedes, não se encontrava entre elas.

Mas o duque de Jervaulx, sim.

Ele era dissoluto e esbanjador, galante, jogador, mulherengo, um mecenas das artes mundanas - de pintores, músicos e romancistas -, e sem rodeios aparecia como o «D... de J...» nas folhas de escândalos, onde era "frequente encontrar notícias acerca das suas numerosas proezas.

Maddy dedicara-se a indagar a vida daquele homem. E, sem querer faltar-lhe ao respeito, era um libertino.

Para o pai não teria feito qualquer diferença mesmo que o homem apascentasse vacas. O que lhe importava era o talento. Mas Jervaulx era um duque, algo que Maddy se via obrigada a recordar com muito mais frequência que o pai - na verdade de cada vez que se sentava à espera naquele recanto à mercê dos caprichos aristocráticos dele. E agora - apesar de já se terem passado dois meses desde que concordara em ser co-autor daquele trabalho com o pai e em que até condescendera em oferecer-se para fazer a apresentação preliminar na reunião mensal da Sociedade Analítica - parecia que Jervaulx se esquecera por completo do assunto e nem sequer podia ser incomodado para dar o toque final e terminar os cálculos.

Pelo menos, Maddy esperava que ele se tivesse esquecido, porque o seu maior receio era que estivesse a pregar uma horrível partida ao pai. O seu pior pesadelo era que Jervaulx aparecesse

na Sociedade Analítica com alguns dos seus indesejáveis amigos, talvez sob os efeitos da bebida, em companhia de mulheres de má reputação, para converter o pai e os restantes membros da sociedade em objecto de escárnio público.

Na verdade, não tinha qualquer motivo para desconfiar que fosse acontecer algo de semelhante, mas no melhor dos casos o pai ia sentir-se profundamente decepcionado e envergonhado perante os amigos pela ausência do duque, e tudo por culpa de um aristocrata que era demasiado indolente para cumprir os seus compromissos, a não ser que se tratassem de deboches. Para Jervaulx, aquilo não passava de um mero passatempo. Para o pai, era tão importante quanto a própria vida.

Subiu, decidida, os degraus de acesso à mansão branca, quase disposta a entregar ao duque, juntamente com a mensagem amável e tímida do pai, outra escrita pelo próprio punho e na qual expressava os seus sentimentos com clareza. Apesar de nunca ter encontrado nem no silêncio da Assembleia, nem no seu interior, o atrevimento necessário para se levantar e falar, tinha a certeza de que não se ia sentir nada atemorizada pelo facto de ele ser duque. Não se alteraria se tivesse que falar com ele, o que, na sua opinião, significava que os seus motivos tinham a aprovação divina. Tinha a convicção de que, de acordo com os ensinamentos bíblicos quanto à igualdade dos homens, qualquer coisa que servisse para abrir os olhos do duque perante as próprias iniquidades de um modo calmo e convincente só lhe faria bem.

Mas Calvin sorria quando a convidou a entrar. Pegou numa pasta de pele que se encontrava numa mesa do vestíbulo e estendeu-lha.

- Para ser entregue ao senhor Timms, através de *miss* Archimedeia Timms, com os cumprimentos de Sua Excelência - disse. - O duque deu instruções para que comunique ao senhor Timms que, amanhã à noite, irá assistir à reunião da Sociedade Analítica na companhia de *sir* Charles Milner e que espera com ansiedade pelo momento de fazer a apresentação.

Maddy pegou na pasta.

- Ah - exclamou -, sempre terminou.

Calvin não demonstrou ter reparado na surpresa dela. Limitou-se a inclinar um pouco a cabeça com uma expressão expectante na direcção da saleta do pequeno-almoço.

- Gostaria de beber um chocolate, *miss*?

- Um chocolate? - Maddy tentou pôr os pensamentos em ordem. - Não. Obrigado, mas não. Vou ter de me ir embora. Tenho de entregar isto de imediato ao meu pai.

- Como quiser, *miss*.

O cumprimento repentino e inesperado da promessa que o irresponsável do duque fizera deixou Maddy completamente desconcertada, e de certo modo mais irritada que satisfeita. Que homem tão odioso, que deixava tudo de pernas para o ar, e que achava que depois podia colocar tudo no lugar pelo simples facto de confraternizar com o presidente Milner e terminar com os diferenciais no último momento.

- Vou-te ser franca, amigo - disse Maddy, no tom sério que reservara para se dirigir ao próprio duque -, espero que Jervaulx tenha preparado bem o discurso. Receio que agora já não haja tempo para que o meu pai lhe ofereça ajuda.

Calvin lançou-lhe um olhar indiferente.

- *Sua Excelência* não referiu estar à espera de contar com a ajuda do senhor Timms.

Como sempre, colocou uma ênfase enorme no tratamento, o que Maddy interpretava, sem motivo para dúvidas, como um modo de demonstrar a sua desaprovação perante o facto de ela utilizar a linguagem simples para falar de Jervaulx e o tratar directamente pelo nome do seu ducado. Maddy não se importava. Se tivesse sabido qual era o apelido dele, teria ido mais longe e utilizá-lo-ia como qualquer *quaker* desprezível faria ao falar de qualquer pessoa.

Ficou por momentos calada, a bater no chão com o pé, silenciosa e rapidamente.

- Posso falar com ele?

- Lamento comunicar-lhe que Sua Excelência não se encontra em casa.

O pé de Maddy começou a bater com mais força.

- Estou a ver. Que pena. Nesse caso, peço-te que lhe transmitas os agradecimentos do meu pai.

Enfiou a pasta debaixo do braço, deu meia volta e desceu as escadas.

Christian estava deitado na cama com os olhos cobertos por um pano ensopado num unguento fétido.

- Esteve cá *miss* Archimedeia Timms, excelência. Levou os papéis.

- Muito bem.

Fez-se um momento de silêncio.

- O médico não demoraria nem um quarto de hora - disse Calvin -, se deixasse que eu o chamasse, Excelência.

- Não preciso de nenhum curandeiro - respondeu Christian, e engoliu em seco. - Dentro de alguns minutos, já passou.

O mordomo balbuciou umas palavras de assentimento. A porta guinchou quando a fechou atrás dele. Christian arrancou violentamente o pano com cheiro a mofo e atirou-o ao chão. Cobriu os olhos com o braço e inclinou a cabeça para trás, enquanto se perguntava se aquela maldita dor de cabeça o mataria antes de Sutherland ter a oportunidade de o fazer.

2

Na noite do Terceiro Dia, a reunião da Sociedade Analítica foi um sucesso estrondoso. No caso dos Timms, começou ao início da tarde com a chegada à porta da modesta residência de Upper Cheyne Row, de um criado de libré e peruca esbranquiçada e portador de uma mensagem escrita com aqueles traços fascinantes que o duque de Jervaulx utilizava. Se não houvesse nenhum inconveniente da parte deles, enviaria às oito e meia da tarde uma carruagem para levar o Sr. Timms aos salões onde a reunião iria ser celebrada. E no fim da mesma, seria uma honra que o Sr. Timms e a filha se juntassem a ele e a *Sir* Charles Milner para usufruírem de um jantar tardio em Belgrave Square, no final do qual encarregar-se-ia de que a própria carruagem os levasse de regresso a casa sãos e salvos.

- Mas, pai! - exclamou Maddy horrorizada, num sussurro furibundo, de modo a evitar que o criado que se encontrava junto da porta da sala a ouvisse. - Não podemos ir.

- Não podemos? - perguntou o pai. - Nesse caso, não me parece que possamos aparecer na reunião, porque se o fizéssemos, que desculpa íamos dar a Jervaulx para nos recusarmos a jantar depois com ele?

Maddy corou ligeiramente.

- Não vai passar de um jantar de conversas inúteis e banais. É um homem pérfido. Sei que o admiras pela sua ciência, mas o seu carácter moral é... é atroz!

- Presumo que o seja - disse o pai, relutante. - Mas vamos ser nós a lançar-lhe a primeira pedra?

- Duvido muito que sejamos os primeiros. - Com um movimento rápido, atirou a mensagem para a lareira. O papel elegante e de boa qualidade rangeu ao embater no guarda-fogo. - Não se trata de lançar pedras, apenas do desejo de não nos associarmos a esse homem.

O pai virou-se ao ouvir o barulho que o papel fizera, e de seguida concentrou-se na direcção da voz de Maddy.

- É apenas uma noite.

- Tu podes ir. Eu volto para casa assim que acabar a reunião.

- Maddy? - O rosto do pai exibía uma expressão interrogativa. Por acaso, tens medo dele?

- Claro que não! Por que motivo teria medo dele?

- Pensei que talvez... Fez alguma coisa que fosse contra a tua vontade?

Maddy abafou uma exclamação de incredulidade.

- Sim, fez! Deixou-me à espera durante horas, naquele recanto ridículo da saleta de pequeno-almoço. Poderia fazer-te uma descrição pormenorizada do papel de parede. Tem o desenho de um entrançado verde sobre um fundo branco, com flores de malva pintadas em cruzamentos alternados, formadas por dezasseis pétalas e três folhas que cercam um centro amarelo.

O rosto do pai suavizou-se.

- Receei que te tivesse dito alguma coisa inconveniente.

- Nunca me disse nada, pelo simples motivo que nunca o vi. Mas podes acreditar quando te digo que representa tudo de mal que existe na aristocracia. É esbanjador, libertino e ímpio. Nós somos pessoas simples, não temos nenhum motivo para jantarmos com ele.

O pai manteve-se em silêncio durante um bom bocado. De seguida, ergueu as sobrancelhas e disse decidido:

- Mas eu quero jantar com ele, Maddy.

Os dedos brincaram com o «Y» de madeira, e fizeram-no girar e rodopiar sobre o feltro vermelho. O candeeiro a óleo colocado junto ao cotovelo dele permanecia apagado, apesar da luz fraca vinda de norte ti aquela tarde enublada. Para o pai, a iluminação não tinha qualquer importância.

Maddy apertou os punhos com força e apoiou o queixo sobre eles.

- Por favor, pai!

- Importas-te assim tanto, minha querida Maddy?

Maddy suspirou. Sem voltar a proferir palavra, abriu a porta para informar o criado que aceitavam o convite do duque para jantar.

Para esconder a insatisfação que sentia, deixou a companhia do pai e subiu as escadas para tirar o casaco e a camisa que levava às reuniões, e preparar tudo de que precisava para o arranjar. De seguida, dirigiu-se ao seu guarda-fato. Antes de receber a mensagem de Jervaulx, planeara vestir o vestido cinzento de seda, tal como era adequado a uma ocasião especial. Agora debatia-se com o desejo corrupto de se arranjar de tal maneira que parecesse que para o pai e para ela fosse muito natural jantar com duques, e o impulso de se vestir sem qualquer tipo de adorno para que desse a impressão que jantar em Belgrave Square lhe despertava o mesmo interesse que revolver uma lixeira.

Além da depravação de se vestir como se se relacionasse frequentemente com membros da classe alta, existiam dificuldades materiais que se tornaram evidentes quando esquadrinhou o interior escuro do guarda-fato. A família dela não se contava entre as fileiras mais mundanas da Sociedade de Amigos. Tinham sempre cumprido com os princípios da simplicidade no vestir e a simplicidade no falar. O vestido de seda cinzento-aço, com a gola branca larga e sem enfeites, era o ponto alto do seu vestuário. A confecção do mesmo seguia o padrão mais piedoso e recatado, e aquele feitio tão longo e antiquado não deixava lugar a dúvidas quanto àquilo que era - o vestido mais simples que uma dama *quaker* poderia vestir, e que já possuía há quatro anos.

Examinou o vestido preto, o que reservava para tarefas como fazer compras ou tratar do pai. Estava limpo e num estado decente, mas notava-se o desgaste nos cotovelos. Não podia deixar que os companheiros do pai na sociedade pensassem que, para ela, a ocasião não tinha a mínima importância.

Acabou por se decidir pelo de seda. E para salientar a opinião pessoal que o comportamento libertino do duque lhe causava, tirou a gola branca e deixou o decote em bico sem qualquer enfeite. Apesar de não ter espelhos em casa, sentiu-se satisfeita quando colocou o vestido à sua frente depois de o ter alterado. Aquela ausência de enfeites dava ao vestido a austeridade suficiente.

O que fazer com o cabelo era outro problema. A touca engomada com que normalmente andava parecia demasiado vulgar para a ocasião. A mãe - apesar de professar a fé dos Amigos e em consequência do casamento ter perdido todo o contacto com a família - transmitira-lhe algumas regras sociais. Maddy pensou que um pouco de reconhecimento quanto ao carácter excepcional da reunião matemática era uma necessidade real.

Decidiu desfazer as tranças e voltar a pentear-se. O simples facto de desenrolar o cabelo era

uma tarefa difícil. Nunca o cortara - a única vaidade mundana que a mãe, e agora ela, se permitira - e chegava-lhe aos tornozelos. Depois de fazer uma trança grossa e de a enrolar à volta da cabeça, um impulso caprichoso fê-la remexer o fundo de uma das gavetas da cómoda e tirar um pequeno estojo com o colar de pérolas da mãe.

Não tinha o atrevimento necessário para levar ousadamente o colar à volta do pescoço, mas depois de pensar um pouco e fazer algumas tentativas descobriu que aquele encaixava perfeitamente na base do penteado. Pensou que daquele modo a jóia não podia ser totalmente apreciada e, na sua opinião, estabelecia um equilíbrio aceitável entre o paganismo e a idolatria.

Mas quando desceu as escadas às oito e um quarto, depois de deixar o pai vestido para a ocasião, foi acometida por uma repentina perda de confiança. Tinha medo que as pérolas parecessem ridículas e não tinha a quem o perguntar, excepto ao pai e a Geraldine, e não poderia esperar de nenhum deles um conselho no qual pudesse confiar. Maddy tinha na mão a chaleira de prata e tentava sem êxito ver-se reflectida na superfície arredondada, quando ouviu os passos lentos do pai na escada.

Simultaneamente, ouviu uma pancada forte na porta e teve que correr até às escadas que desciam à cozinha para chamar Geraldine, porque a campainha continuava sem funcionar, apesar da promessa expressa do senhorio que estaria arranjada ao início da tarde. De seguida, depois de se certificar que o pai descia a escada sem perigo e de vigiar o criado enquanto este o ajudava a entrar para carruagem de um negro reluzente - tendo como único enfeite sobre a portinhola um escudo, formado por uma fénix branca cercada de seis flores-de-lis douradas sobre um campo azul -, encontrou-se de repente perante a vénia do criado e a mão que este lhe estendia como ajuda. Não lhe restou outro remédio senão aceitá-la.

A sala de palestras do Instituto Real de Albemarle Street, um anfiteatro enorme formado por bancos acolchoados com lugar para novecentos assistentes, não costumava encher-se muito para as reuniões da Sociedade Analítica. Os interessados capazes de compreender a filosofia da matemática eram poucos mas apaixonados, e gostavam de se juntar no centro das primeiras quatro filas em volta do estrado, deixando o resto da sala numa obscuridade em que reverberava o eco.

No entanto, quando a carruagem se aproximou de Albemarle Street, a rua parecia estar a abarrotar de cavalheiros à espera de entrar no edifício da instituição. Por um momento, Maddy pensou, horrorizada, que tinham ido na noite errada, mas não, ali estava o presidente Milner em pessoa, gorducho e jovial, a aproximar-se da portinhola da carruagem para ajudar o pai a descer para o passeio. Maddy seguiu-os e a multidão que abarrotava a entrada e as escadas cumprimentava-os e tirava o chapéu, e chegava-se para um lado para os deixar passar.

- À sua disposição, *miss* Timms. Vamos entrar por um momento na sala de leitura - disse o amigo Milner, a olhar por cima do ombro, enquanto conduzia o pai até ao átrio. - O duque encontra-se ali e está ansioso por vos conhecer.

Maddy abafou uma resposta irónica, já que duvidava muito que o duque sentisse aquele tipo de emoção. Deteve-se por um momento no átrio a abarrotar, hesitante junto à confusão da entrada do bengaleiro, até que um cavalheiro amável, um dos membros assíduos da sociedade, lhe pegou na capa.

- Quem são todas estas pessoas? - murmurou.

- Creio que vieram ver o duque matemático. Maddy fez um esgar.

- Qualquer coisa no género do porco sábio? O cavalheiro riu-se e pegou-lhe na mão.

- Transmita os meus cumprimentos ao senhor Timms. Estou ansioso por ouvir esta palestra.

Maddy assentiu e deu meia volta. Era mesmo de Jervaulx converter tudo num circo, pensou. Devia ter contado com aquilo. O pobre do pai ia ser objecto de troça.

Deteve-se perante a porta fechada da sala de leitura, distraída por instantes a pensar nas pérolas que levava no cabelo. Parecia que ninguém lhes prestara qualquer atenção. Levou a mão ao cabelo entrançado para se certificar que não se tinham soltado.

Continuavam no mesmo sítio. Pensou que lhe deviam dar a aparência de uma dama antiga, caprichosa e excêntrica, o que não deixava de ser verdade. Não passava de uma *quaker*, uma dessas

peças peculiares, e para agravar a situação, num momento de vaidade, colocara as pérolas em volta do cabelo apertadamente entrançado. Ao pensar nisso, riu-se de si mesma. Que figura ia fazer perante aquele duque dissoluto!

Bem, mas em frente. Deixá-lo-ia sem palavras. Decerto nunca tivera de jantar com alguém parecido com Archimedeia Timms. Com um ligeiro sorriso no canto dos lábios, empurrou a porta.

No fundo da sala fracamente iluminada encontrava-se o pai sentado a uma das mesas. Os jornais do dia colocados no centro desta tinham sido afastados para arranjar espaço. Não tirara o chapéu de aba larga que levava bem enfiado. O presidente Milner desaparecera. O outro homem que estava sentado no círculo de luz projectado pela vela estava inclinado sobre uma pilha de papéis com uma concentração que Maddy não voltara a ver desde que ajudara a dar aulas na Escola do Primeiro Dia. Tinha os cotovelos estendidos, o que fazia com que o tecido do casaco azul-celeste se esticasse sobre os ombros. Ao aproximar-se, viu como afastava o cabelo negro dos olhos com um gesto impaciente, e deu-lhe a impressão de um poeta apaixonado que estivesse numa água-furtada entregue à sua arte.

De repente, antes de ela se aproximar de onde estavam, pousou a pena e com um movimento rápido levantou-se para a receber, como se quisesse esconder o que estava a fazer.

Olhou-a por instantes e de seguida sorriu.

O estudante fervoroso e o poeta apaixonado desvaneceram-se atrás daquele gesto galante.

- Miss Timms - disse no tom em que um duque o diria, com calma e uma ligeira vénia. Tinha os olhos de um azul-muito-escuro, o nariz direito e forte, vestia com requinte e os modos exibiam a boa educação recebida. Mas havia algo nele, apesar daquele verniz brilhante que o cobria, que o fazia parecer-se com um verdadeiro pirata.

Era exactamente igual ao que esperara, embora com menos sinais de decadência física do que aqueles que ela imaginara dado o estilo de vida que ele levava. Dava a impressão de ser muito enérgico, mas muito controlado, sem que se visse nele qualquer sinal de degeneração. Não se via qualquer fraqueza naquele corpo sólido e imponente. Ao lado dele, o pai parecia mortalmente pálido, como se a qualquer momento se fosse converter em fumo e desaparecer.

- A minha filha Archimedeia - disse o pai. - Maddy, este é o duque de Jervaulx.

Pronunciou o nome de um modo diferente daquele que estavam habituados a fazer, como se começasse pelo «x» e não terminasse num som como «ocs», mas num «o». Sentiu-se muito provinciana ao perceber que sempre tinham pronunciado aquele nome de um modo incorrecto e, envergonhada, recordou-se claramente da quantidade de vezes em que o dissera mal ao mordomo. Desejou de todo o coração que a origem da correcção tivesse sido o amigo Milner, e não o próprio Jervaulx.

Estendeu a mão para que lhe apertasse e evitou fazer uma vénia ou reverência, nem sequer uma inclinação, como correspondia a uma pessoa simples que pertencesse aos Amigos. Tinham-na educado para que não murmurasse as saudações habituais, como, por exemplo, «bom dia», porque desejar o bom dia a alguém que estava a passar um dia mau era ofender a Deus e faltar à Verdade. Também não pôde dizer que se alegrava por conhecer o duque, já que isso seria outra mentira, por isso limitou-se a utilizar a fórmula universal:

- Amigo.

O cumprimento do cavalheiro não foi tão severo.

- É um enorme prazer colocar-me à sua disposição, *mademoiselle*. - Pegou na mão que ela lhe estendia e levantou-a ligeiramente, enquanto baixava os olhos. De seguida, soltou-a. - Tenho de apresentar as minhas desculpas a miss Archimedeia pelas muitas horas que a fiz esperar em minha casa. Há dois dias que sofro o tormento de uma dor de cabeça.

Maddy perguntou-se qual seria a desculpa para os dias anteriores mas o pai, que exibia mostras evidentes de preocupação, limitou-se a dizer:

- Espero que tenhas recuperado.

O pai dizia sempre a verdade e assim demonstrava acreditar no que aquele homem dizia. Pobre e ingénuo pai.

- Completamente - respondeu o duque, a sorrir, e piscou o olho a Maddy como se fossem dois conspiradores que tramassem algo em conjunto. - Embora saiba que *miss* Archimedeia tenha umas certas dúvidas quanto a isso.

O pai sorriu ao ouvi-lo.

- Sim, está cheia de receio que me possas envergonhar de tal modo que jamais possa levantar a cabeça nas noites do Terceiro Dia.

-Pai!

Nesse momento, o presidente Milner bateu à porta e entrou com os braços estendidos e a sacudir as mãos como se estivesse entusiasmado a afastar galinhas.

- *Miss* Timms, senhor Timms, chegou o momento. Venham sentar-se e depois eu e o duque ocuparemos os nossos lugares à frente.

- Vou precisar de *miss* Timms - disse o duque, e agarrou-a pelo braço enquanto ela se afastava com o pai. - Se quiser...

E olhou-a nos olhos. Nesse momento, Maddy soube que aquele era o olhar que utilizava com as mulheres que sucumbiam voluntariamente à influência dele e que lhe caíam nos braços. Até ela - que aos 28 anos apenas fora cortejada numa ocasião, e por um médico muito convencional que aceitara a recusa dela cheio de tristeza e que, a seguir, se comprometera com uma tal Jane Hutton e que passado meio ano já deixara as reuniões *quakers* -, até Maddy era capaz de identificar aquele olhar intenso e simultaneamente interrogativo, e perceber o tipo de poder que se conseguia obter com ele.

Assim, quando tudo o que ele fez foi aproximar dela a pilha de papéis e pedir-lhe que transcrevesse a equação na ardósia enquanto lha explicava, sentiu uma espécie de anticlímax. Baixou os olhos para os papéis e disse:

- Não queres ser tu a fazê-lo? O quadro está mesmo atrás do estrado e a maior parte dos conferencistas...

- Não - foi a única resposta dele.

- Vamos, vamos. - Através da porta, que o Sr. Milner mantinha aberta, chegou até eles o murmúrio distante da sala de palestras. -Vamos, senhor Timms?

Foi o próprio Jervaulx que pegou no braço do pai, o conduziu até ao átrio e desceu as escadas até à primeira cadeira. O presidente com um gesto da mão indicou a Maddy que devia subir até à fileira de cadeiras de costas altas que se encontravam sobre o estrado. O duque seguiu-a e os passos firmes de ambos ressoaram sobre a plataforma de madeira oca. Com um movimento suave, o duque ajeitou a cadeira em que Maddy se sentou, e com um gesto elegante e descontraído levantou as asas do casaco e sentou-se ao lado dela.

A sala ficou em silêncio quando o presidente Milner se aproximou da estante, virou o abajur do pequeno candeeiro a óleo e pigarreou. Maddy olhou para aquele mar de rostos, cada um deles realçado por um colarinho branco, o que dava a sensação de estarem a flutuar sobre um fundo negro e uniforme. Já assistira a inúmeras reuniões, tanto da Sociedade Analítica como dos Amigos, e sentara-se sempre com o pai nos bancos de trás, mas nunca estivera em frente de público, e muito menos perante um tão numeroso. Pensou que estavam todos atentos às palavras do presidente, que pedira silêncio e estava a fazer a apresentação do trabalho do pai, que descrevia como co-autor do mesmo, mas recordou com que facilidade o pensamento do espectador divagava e como era difícil concentrar o olhar. Era óbvio que diversos cavalheiros da primeira fila tinham os olhos postos atrás do presidente Milner e que olhavam para ela ou para o duque, não conseguia ter a certeza, mas sentiu-se horivelmente exposta com o vestido de seda simples e o colar de pérolas.

Também percebeu intensamente quão sólida e real era a presença de Jervaulx e como, sem qualquer dúvida, se deveria destacar ao lado dela com o casaco azul-celeste e as luvas brancas a cobrirem-lhe as mãos, que mantinha cruzadas no colo numa imobilidade total, o que fez com que Maddy se sentisse forçada a deixar de apertar e torcer os próprios dedos. Parecia muito seguro de si mesmo e enfrentou com toda a tranquilidade e sem se alterar toda a atenção que se centrou nele, quando o presidente Milner se referiu à honra que constituía para todos aqueles ali reunidos a

presença de uma eminência como Christian Richard Nicholas Francis Langland, sua excelência o duque de Jervaulx, senhor de Langland e visconde de Glade, que nessa noite tivera a amabilidade de se dirigir aos membros da Sociedade Analítica de Londres.

O duque levantou-se ao ouvir os aplausos. Não levava notas, já que entregara a Maddy todos os papéis. Devia ter imaginado que o cavalheiro possuía o dom da palavra e uma voz agradável, descontraída e simultaneamente poderosa, que se tornou grave quando anunciou que dedicava a palestra à memória do seu falecido tutor, o Sr. Peeples, homem culto e apreciado, que fora um orgulho para a profissão e para sempre merecedor do respeito e da consideração dos seus alunos. No entanto, o duque lamentava o cheiro a morto que o livro de Matemática desprendia.

Todos se riram, até o pai.

A recordação daquele cheiro encheu Jervaulx de tristeza e, sem saber muito bem como, conduziu-o à página que estivera mais impregnada dele, e aquela página levou-o ao postulado de Euclides e à geometria diferencial, e, entre as gargalhadinhas persistentes relacionadas com a paixão que o impelira a render-se à atracção de certas superfícies curvas irresistíveis, virou-se, e expectante, fez-lhe um sinal com a cabeça.

Maddy levantou-se de imediato, pegou no giz e começou a escrever no quadro enorme. Estava habituada à letra do duque, mas esta era difícil de decifrar até no melhor dos casos. Não se podia permitir nenhum erro num momento daqueles e concentrou toda a atenção na transcrição correcta da ordem das equações, e em copiar os círculos e as linhas que as atravessavam na diagonal. A infinidade de horas de trabalho com o pai tinham-lhe dado a capacidade para continuar com a sequência numérica em questão. Interrompia-se e esperava que Jervaulx referisse certas séries, e, ao ouvi-lo, decidia quando era o momento de passar à fórmula seguinte e apagar a anterior para deixar espaço livre. Apenas hesitou uma vez e deteve-se demasiado tempo numa das folhas até que Jervaulx se virou para o quadro e a alertou do erro.

Apagou rapidamente cinco equações e copiou a primeira metade da página seguinte do duque.

Ao chegar ao fim daquelas notas, ia já à frente dele. O duque ainda estava a descrever o progresso da prova de umas linhas mais atrás. Mas quando Maddy acabou de copiar a equação final, e fez um floreado na integral entre o zero e o «r», e se sentou de imediato, começou a ouvir-se um murmúrio entre o público. Jervaulx continuava a falar. Pouco a pouco, alguns cavalheiros entre o público começaram a levantar-se. Primeiro um, depois outro, depois de dois em dois, de três em três, e cinco em cinco, de olhos fixos no quadro.

Alguém começou a aplaudir. O aplauso inicial encontrou eco enquanto se levantavam mais pessoas. Os aplausos transformaram-se em ovação, e esta deu lugar a um autêntico clamor no qual as palavras se afogavam.

O duque deixou de falar. No meio da ruidosa aclamação, olhou para Maddy com um sorriso e fez um gesto para a parte da frente do estrado, na direcção do pai. Mas o presidente Milner já se encarregara de o ajudar a subir ao palco.

A força e o barulho da ovação redobraram. Os cavalheiros começaram a bater no chão com os pés, e toda a sala vibrou com o ruído. Maddy levantou-se, pegou na mão do pai e apertou-a emocionada. Ele deu-lhe umas palmaditas nas costas da mão. O sorriso que assomava trémulo no canto dos lábios, a expressão de felicidade do rosto, era algo que Maddy não via nele desde a morte da mãe, há seis anos.

Estavam cercados por uma explosão de energia pura, uma homenagem calorosa e tangível. Jervaulx aproximou-se, apertou a mão do Sr. Timms e prolongou o aperto quando o pai dela não o quis soltar. O duque fez uma ligeira inclinação da cabeça e mostrou um sorriso um tanto envergonhado e um olhar que, se Maddy se tivesse podido convencer e acreditar nisso, reflectia uma certa timidez. Por um momento quase o conseguiu imaginar como uma criança desajeitada e impaciente, cheia de um entusiasmo inocente. Mas depois virou-se, agarrou-lhe a mão e, ao inclinar-se, surgiu-lhe nos olhos uma expressão que apenas podia pertencer a um homem maduro e experiente. Um olhar sugestivo e íntimo que revelava um patife a cem metros de distância.

Inclinou-se até quase lhe tocar a orelha, sem lhe soltar a mão para desse modo a reter tão perto dele quanto possível, e Maddy conseguiu sentir o calor que desprendia e sentir o cheiro a madeira de sândalo.

- Em que está a pensar, *miss Timms*? - perguntou num tom de voz que se fez ouvir acima do ruído.

Maddy deu um passo atrás para se soltar.

- O que foi que fizemos?

- O que é que fizeram? - vociferou o presidente Milner. - Provaram que existe uma geometria diferente da de Euclides, criança! Reinventaram o postulado paralelo! Descobriram um novo universo! Santo Deus, se isto é tão exacto quanto parece... - e com essas palavras, deu umas palmadas nas costas do pai e do duque, enquanto acrescentava aos gritos entre o barulho - ... são um par de mágicos, meus senhores! De verdadeiros mágicos!

- O mérito é todo teu, amigo - repetiu o pai. Maddy fez a contagem. Com aquela era a sétima vez. - É assim que deve ser.

Jervaulx bebeu uma golada de vinho.

- Disparate, senhor Timms. - E com um sorriso malicioso acrescentou: - O senhor é que é responsável por fazer o mais difícil, escrever o artigo.

Encontravam-se os três sentados em volta de uma mesa redonda, junto a uma janela de canto, numa sala bonita e acolhedora sobranceira à rua escura. Maddy nunca entrara tão profundamente na casa do duque. A seda azul e as cadeiras confortáveis surpreenderam-na. Nunca pensara que um solteiro fosse capaz de conseguir sozinho um efeito tão agradável numa casa.

E, naquele momento, ele era a verdadeira imagem de um homem celibatário. Afastara a cadeira da mesa, já levantada, para ter espaço para esticar as pernas, rodeava com os dedos a borda do copo de vinho e baloiçava-o com uma expressão despreocupada. Maddy estava sentada com toda a compostura e, dissimuladamente, olhava em volta para observar a decoração da sala.

O pai tinha o rosto ruborizado e via-se que estava satisfeito, talvez um pouco distraído, como se ainda não acreditasse naquilo que fora o momento alto da noite. O momento em que o duque de Jervaulx, enquanto desfrutavam de um delicioso e requintado prato de peixe com espargos, lhe perguntara do modo mais natural do mundo se estaria interessado em se encarregar da cadeira de Matemática da nova universidade que ele e os seus sócios políticos estavam a organizar, na qual não seriam necessários exames de teologia para se entrar, e que nascia com o único intuito de educar estudantes adultos em todos os campos do conhecimento moderno.

Fora uma verdadeira surpresa saber que o duque apoiava uma causa tão nobre. Mas ao fazer gala de tanta inteligência e de um tal poder de persuasão ao falar do assunto, deixou tão claro o seu compromisso que até o amigo Milner - que era o homem mais conservador e anglicano que Maddy conhecia e que a princípio se sentira muito incomodado quando os Timms lhe chamaram «amigo» em vez de «*Sir Charles*», embora com o tempo já se tivesse habituado - colocou de lado as suas dúvidas iniciais e, cheio de entusiasmo, recomendou ao pai dela que considerasse seriamente a proposta.

O pai, Maddy via-o claramente, deixara para trás qualquer tipo de meditação e começara de imediato a sonhar acordado. E, na verdade, quando o duque referiu a quantia que já destinara à criação da cadeira de Matemática, a própria Maddy sentira uma injeção de ânimo. Não era muito desejável ter por mecenas um *bon vivant* famoso nos jornais da sociedade mas o trato com ele, se viesse a acontecer, não teria de ir mais além do que o estritamente necessário. E entreteve-se com imagens de uma casa suficientemente grande para ter um jardim, e de uma sala onde a campanha para chamar os criados funcionasse sempre.

No meio daquelas fantasias agradáveis, o amigo Milner desculpou-se e retirou-se para fumar. Ao sair, deixou a porta entreaberta e, numa questão de segundos, o som das patas de um cão a aproximar-se ágil sobre o chão encerado anunciou a entrada de um *setter* cujo pêlo sedoso e branco estava salpicado de manchas pretas, como se lhe tivessem entornado por cima uma lata de tinta. Sem dirigir ao duque mais do que um olhar de lado, o animal dirigiu-se directamente a Maddy

e com um salto encontrou-se junto do colo dela. Colocou as patas em cima da saia de Maddy, e esticou o focinho rosado e sarapintado para lhe lambe o queixo.

- *Devil!*

A chamada à ordem fez com que o cão virasse a cabeça e olhasse com um olhar interrogativo para Jervaulx, a abanar a cauda, mas sem afastar as patas peludas do colo de Maddy.

Ela sorriu e acariciou-lhe as orelhas.

- Que cão mais travesso! - disse em voz baixa, como se houvesse um segredo entre ambos. - És um cão muito traquinas.

Os olhos castanhos de *Devil* olharam-na em adoração, enquanto ela exibia um sorriso aberto que contradizia a acusação.

Uma nova ordem do duque fez desaparecer a cabeça sarapintada e, depois de uma expressão com que parecia pedir desculpa, o cão desceu para o chão e desapareceu. Jervaulx olhou-o fixamente sem proferir palavra. Um momento depois, *Devil* baixou a cauda e com um aspecto abatido arrastou-se pelo soalho até sair da sala. O amo, sem se comover, levantou-se e fechou a porta atrás dele.

A expulsão de *Devil* fez com que a sala mergulhasse no silêncio. Maddy fixou os olhos na toalha imaculadamente branca que se encontrava entre ela e o duque, e depois de umas palavras de desculpas voltou a sentar-se. Tinha a impressão que o duque os achava muito pouco requintados. Tinham surgido muitos momentos de silêncio que tanto ele como o amigo Milner se tinham visto obrigados a preencher. Maddy não estava habituada a conversas banais. Desde criança que se esforçava por seguir o mandamento bíblico «Que as vossas palavras sejam poucas», e agora era-lhe difícil falar sem ter assunto. Adorava cães mas nunca tivera nenhum, e conhecia apenas os cães de rua. Por isso não podia falar do assunto com alguém como Jervaulx, que, possivelmente, era um criador conhecido ou algo parecido, e pensaria que era muitíssimo lamentável que ela estivesse tão pouco informada.

Gostaria de ter perguntado qual o preço do tecido bonito que forrava as cadeiras, mas mordeu a língua. Os lares simples e severos não continham enfeites mundanos como tapeçarias de seda, nem quadros pendurados na parede. O único quadro em casa dos Timms era uma pintura pouco artística de um barco de escravos, que contava com a aprovação do conselho de anciãos por se tratar de uma recordação do sofrimento da espécie humana. Enquanto estava distraída na contemplação de uma natureza-morta com uma moldura muita ornamentada que pendia sobre a estante de música e que, para sua surpresa, era uma reprodução muito recatada de uns lilases de caules mal cortados e espalhados junto de um punhado de ovos de tordo, Jervaulx voltou a falar.

- Há muito que ficou cego, senhor Timms? - perguntou. Maddy ficou rígida na cadeira, surpreendida por uma pergunta tão pessoal. Mas o pai limitou-se a responder calmamente:

- Já há muitos anos. Há quase uns... são quinze, Maddy?

- Dezoito, pai - respondeu ela, sem levantar a voz.

- Claro - assentiu. - E durante todos eles tu, minha querida Maddy, tens sido uma bênção para mim.

Jervaulx continuava descontraído, com o cotovelo apoiado no braço da cadeira e o queixo pousado na mão.

- Nesse caso, não vê a sua filha desde que ela era criança - murmurou. - Permite-me que lha descreva?

Maddy não estava preparada para uma sugestão daquelas, nem pelo interesse que de repente iluminou o rosto do pai. Nem sequer teve tempo de pensar nas objecções que ia colocar porque o pai disse:

- Fazes-me isso? A sério que o fazes?

Jervaulx olhou para Maddy. Enquanto ela sentia o rosto a aquecer, o sorriso dele transformou-se naquele outro mais descarado e respondeu:

- O prazer será todo meu. - E inclinou a cabeça para a observar. - Receio que a tenhamos feito corar. É um rubor muito delicado, da cor... das nuvens, diria eu. Aquele tom rosado que a

névoa adquire ao amanhecer. Lembra-se da cor a que me refiro?

- Sim - respondeu o pai num tom sério.

- O rosto tem... dignidade, não é verdadeiramente austero, mas tem uma maneira de erguer o queixo que faria refrear qualquer homem. É mais alta que o senhor, mas sem que a altura a torne desajeitada. Acho que é o queixo e a postura tão direita, e a aparência tranquila que faz com que tenha presença. Mas a mim só me chega ao nariz, e por isso... deve medir talvez um metro e setenta e dois - acrescentou num tom avaliador. - Dá-me a impressão que goza de boa saúde, e nem é demasiado magra nem demasiado gorda. Tem uma estrutura excelente.

- Como uma vaca leiteira! - explodiu Maddy.

- Agora acabou de fazer aquele gesto com o queixo - disse Jervaulx. - Como a aborreci, o rubor assemelha-se agora mais ao tom de um vinho tinto ligeiro. Estende-se do pescoço às faces, talvez até desça um pouco até ao pescoço. Mas mais abaixo, pelo que consigo ver, a pele é suave e pálida.

Maddy cobriu com a mão o decote em bico do vestido e, de repente, teve a sensação que era demasiado pronunciado.

- Pai - disse a olhar para ele, mas este tinha o rosto inclinado e um sorriso estranho.

- O cabelo - prosseguiu Jervaulx - é ouro baço, onde a luz da vela o ilumina, e onde não o faz... é mais intenso, como a luz que se filtra através da cerveja escura quando é servida. Usa-o entrançado e enrolado à volta da cabeça. Acho que pensa que é de um modo simples, mas não tem consciência do resultado. Deixa a descoberto a curva do pescoço e da nuca, e faz com que um homem pense em soltá-lo e deixar que lhe cubra as mãos.

- Isso é indecoroso - recriminou-o o pai num tom ligeiro.

- Desculpe, senhor Timms, não o consegui evitar. Quer que continuemos com o nariz? E aquilo a que poderíamos chamar um nariz com personalidade. Acho que não se pode dizer que seja perfeito. Um tanto anguloso para o ser. Nariz determinado, nariz de donzela solteira. Em sintonia com a expressão do queixo. Mas os olhos... creio que os olhos contrastam com o aspecto de solteirona, com uma ênfase total. E a boca. Tem uma boca pensativa, muito bonita, que não sorri abertamente com frequência. - Deteve-se e bebeu uma golada de vinho para de seguida continuar. - Sejamos justos. Já a vi sorrir-lhe, mas a mim nunca se dignou fazê-lo. Uma boca tão séria poderia parecer insípida, mas não. Combina na perfeição com as pestanas longas e maravilhosas, que não são onduladas e infantis como as das adolescentes. São lisas, mas tão compridas e com um ângulo tal que dão uma certa sombra aos olhos e fazem com que a cor avelã destes pareça dourada, e diria que me está a olhar por detrás delas. Não... - negou com uma expressão triste. - Lamento comunicar-lho, *miss* Timms, mas não me dá de modo algum a impressão de ser uma donzela. Uma donzela nunca me olharia através das pestanas do modo como a menina o faz.

Na casa dele, sentada à sua mesa, Maddy não lhe podia dizer abertamente qual a opinião que tinha a respeito dele e das suas donzelas. Além disso, o pai parecia enlevado.

- Maddy - disse num murmúrio -, és igual à tua mãe.

- Claro que sim, pai - replicou ela, sem qualquer resistência. - Nunca ninguém to disse?

- Não. Nunca houve ninguém que mo dissesse.

Proferiu aquelas palavras sem qualquer emoção especial. Mas à luz da vela, Maddy viu que tinha lágrimas nos olhos.

- Pai - disse, e tentou pegar-lhe na mão.

Ele mal a roçou. De seguida, levantou os dedos até lhe tocar no rosto. Percorreu-o com lentidão e intensidade, cercou-lhe as faces e acariciou-lhe as pestanas. Ela, atordoada, manteve as mãos fortemente unidas e, de repente, num impulso tolo também se sentiu perto das lágrimas.

Aquilo era algo que nunca lhe ocorrera. Poderia ter-se sentado à dente dele e deixado que o pai a visualizasse através do tacto, como o fazia agora, em qualquer altura. Mas a vida passava, o dia-a-dia repetia-se, e nunca pensara que o pai não a via há dezoito anos, nem que pudesse desejar fazê-lo.

- Agradeço-te, amigo - disse o pai na direcção do duque. - Agradeço-te por me teres dado

um dos melhores dias da minha vida.

Jervaulx não respondeu. Parecia que nem sequer o ouvira, e manteve os olhos fixos nas pregas escuras da toalha de mesa, os olhos azul-escuros meditabundos e o sorriso de pirata com uma expressão sombria.

3

Mas ao amanhecer, a névoa não tinha a tonalidade rosada que ele descrevera na noite anterior. Aquilo ficara muito poético, pensou Christian, mas na verdade era tudo de um cinzento-esbranquiçado, a relva húmida e escura, e as vozes agudas e irreais no silêncio matinal. Ouviu a própria respiração compassada quando retirou a pistola do estojo que Durham lhe estendia e ajustou a mira do cano estreito.

Não acreditava que fosse morrer naquela manhã e, quanto a isso tinha a certeza, não ia matar ninguém. Como daquela vez o único culpado era ele, a única atitude honrada era esperar firmemente pelo tiro e depois errar o alvo. Dispararia para o ar. Desse modo era muito provável que Sutherland acertasse, quase de certeza que o faria, mas Christian não acreditava que fosse morrer.

Era-lhe ligeiramente divertido sentir-se tão seguro de que isso aconteceria. Tinha a idade suficiente para saber que as coisas não eram bem assim. A primeira vez que se batera em duelo fora há quinze anos, e tinha na altura a idade ardente dos 17, e nessa altura podia perdoar-se o considerar-se invencível. Mas agora... olhou em volta. O céu que começava a clarear, as folhas recém-nascidas, e o próprio coração continuavam a dizer-lhe que era impossível que aquele fosse o seu último dia de vida.

Não achava muito divertida a ideia de ficar ferido, e decidiu não se adiantar aos acontecimentos. Reparou que as pancadas do seu coração aumentavam quando saiu para o campo sem olhar para Sutherland, que caminhava a seu lado.

Juntaram-se no centro e contaram os passos. Christian empunhava a pistola com a mão direita, já que não precisava de acertar. Daria uma melhor impressão. Aqueles que o conheciam sabiam desde o início que não tinha qualquer intenção de acertar.

A voz lânguida de Durham mandou-os parar e dar a volta.

Christian virou-se.

Sutherland já erguera a pistola. Christian viu um desejo de morte no rosto do adversário. Aquele homem queria executá-lo e era capaz de o fazer. De repente, o pulso de Christian descontrolou-se e um ruído imenso ressoou-lhe nos ouvidos.

- Cavalheiros - disse Durham, e levantou o lenço.

A dor estalou na cabeça de Christian, uma dor lancinante, acompanhada por uma sensação de irreabilidade. Ficou a olhar para Sutherland, abriu e fechou os olhos duas vezes, a perguntar-se porque não ouvira o tiro que o atingira.

Durham voltou a falar. Christian não percebeu as palavras dele. O rosto de Sutherland contraiu-se. Gritava qualquer coisa a Christian, mas este também não o entendia, embora Sutherland mantivesse a arma em posição.

Christian tentou levantar o braço direito. Com os olhos semicerrados, esforçou-se por fixar o olhar em Sutherland, mas a visão era clara e simultaneamente desfocada enquanto virava o rosto para ver o adversário. Durham pronunciou uma única palavra. O lenço branco deslizou-lhe de entre os dedos e caiu no chão.

Christian ouviu o tiro e o zumbido da bala, viu a voluta de fumo branco que saía da arma de Sutherland e soube que errara o tiro, mas, apesar de continuar de pé, Christian sentiu-se cair. A pistola soltou-se-lhe da mão e esta disparou estrondosamente ao embater no solo.

Christian, incapaz de controlar o equilíbrio, olhou para baixo e tentou ver onde caía. Tinham-lhe acertado. Tinham-lhe acertado?

Durham e Fane aproximaram-se dele a grandes passadas. Christian sentiu que caía, que caía uma e outra vez sem chegar a atingir o chão. Ouvia à sua volta um murmúrio, uma torrente de palavras ininteligíveis. Tentou mover a mão direita para se apoiar no ombro de Fane, mas a mão não respondeu. Quando baixou os olhos para a olhar, nem sequer parecia pertencer-lhe. Mal conseguia ver. Tentou encontrar sangue, não conseguiu, e olhou perplexo para os amigos.

- O que é que se passa? - perguntou. Tudo o que saiu dos lábios deles foi *não. Não, não, não, não.*

Fane moveu a cabeça e começou a rir, ao mesmo tempo que dava um murro nas costas de Christian com ar de triunfo. Durham sorria. Christian agarrou o braço do coronel com a mão esquerda.

- Fane - disse. - O que é que aconteceu? *Não, não, não, não, não.*

Ouviu-se a dizê-lo. Fechou a boca horrorizado, e tentou formar as palavras correctas, enquanto respirava com força entre dentes.

- Fane! - gritou.

E ficaram a olhá-lo, porque ainda não o dissera de modo correcto. Agarrou-se ao braço de Fane. Pareceu a Christian que metade do rosto daquele homem se desmoronava e se desvanecia na neblina cinzenta. O coração era um enorme tambor que lhe ressoava nos ouvidos. Quis soltar Fane e cobrir os olhos com as mãos, mas não conseguiu fazer qualquer movimento. Não conseguia pronunciar palavra. Só foi capaz de se aproximar o suficiente para apoiar o peso no ombro do amigo, enquanto o mundo se inclinava e deslizava para longe dele, e a escuridão se lhe apoderava da mente, invadia-o até às margens da sua visão e cobria tudo. Arrastava tudo consigo...

A beleza da manhã não fez senão aumentar o prazer que Maddy sentia naquele dia. Percorreu com passo vivo a King's Road, passou em frente das novas edificações de Eaton Square e até se permitiu admirar a arquitectura das mansões que estavam a ser construídas, e que, por acaso, tinham o mesmo desenho da casa do duque em Belgrave Square.

Naquela manhã, enquanto tomavam o pequeno-almoço, ela e o pai não tinham falado de outra coisa se não da cadeira de Matemática da futura universidade. Jervaulx dissera que abriria portas no próximo ano, com o admirável nome de Universidade de Londres, mas os departamentos e a organização tinham de começar muito antes, possivelmente no Nono Mês. Já tinham encontrado um edifício onde a instalar em Gower Street, e Maddy pensou que, depois de passar por IVlgrave Square, podia continuar até Bloomsbury e dar uma olhadela às casas que houvesse ali disponíveis.

Daquela vez, não levava papéis cheios de números, era apenas portadora de uma carta escrita entre ela e o pai, a agradecer a Jervaulx o jantar e a amabilidade, e a expressar os seus elogios pelo excelente discurso pronunciado na noite anterior perante a sociedade. Depois de um debate rápido entre ambos, tinham concordado quanto ao tom de gratidão e entusiasmo adequados para falar da cadeira de Matemática, já que Maddy não queria ser tão efusiva quanto o pai, mas ao mesmo tempo estava consciente de que uma aparente falta de interesse perante a oferta poderia ser fatal.

Deu a volta à esquina e entrou na praça, onde se deteve. Normalmente havia sempre uns quantos indivíduos a vaguear à volta das luxuosas mansões com a esperança de conseguirem algumas moedas, mas agora o que via era um enorme número de curiosos, de aparência muito diferente, amontoados à volta de uma caleche verde em frente da casa do duque.

Maddy apertou os lábios. Havia palha espalhada pela rua, e a caleche puxada por dois cavalos tinha a aparência de ser a carruagem de um médico. Enquanto se mantinha parada e hesitante, deu a volta à outra esquina uma imponente carruagem puxada a toda a velocidade por cavalos negros, e ornamentada com um medalhão em que se via o escudo heráldico completo da família, sem que faltasse nem a coroa nem o lema. O grupo de mirones dispersou, e o rapaz que se

encontrava na boleia da caleche apressou-se a obrigar os cavalos ruços a avançarem para darem espaço para a carruagem que, com enorme ruído, se deteve em frente da porta.

Mesmo antes de o lacaio ter saltado da boleia e baixado as escadas, a portinhola abriu-se com um empurrão. Uma dama idosa procurou a mão do lacaio e saiu rapidamente. Levantou com uma mão a saia do vestido negro e avançou com a outra mão apoiada numa bengala que batia agitada no chão. Maddy viu Calvin a descer apressado as escadas até chegar junto da dama e pegá-lo num braço para a ajudar a subir os degraus, enquanto uma mulher mais nova descia da carruagem. O lacaio apoiou-a até à entrada onde, aparentemente, as forças abandonaram por completo aquela segunda mulher. Cambaleou e pareceu cair sobre o criado, mas este rodeou-a com o braço e conduziu-a para o interior da casa. A porta fechou-se estrondosamente atrás deles.

A pequena multidão permaneceu onde estava, a murmurar. Maddy sentiu-se incapaz de tomar uma decisão. Passo a passo, os pés fizeram-na avançar, como se o cérebro tivesse delegado no corpo a tomada de decisões.

Na margem do grupo, apoiado na cancela de ferro forjado que cercava a casa, o rapaz encarregado de varrer a entrada olhou para ela e inclinou a cabeça em sinal de reconhecimento.

- Bom dia, *miss*. Já soube?

Ela levantou os olhos. Como um mau presságio, em todas as janelas, as cortinas estavam corridas e a palha cobria a rua para amortecer o ruído das rodas das carruagens, como se naquela casa houvesse uma doença grave...

- Não, não sei de nada.

- Foi Sua Excelência, *miss*. Dispararam contra ele.

- Dispararam? - sussurrou Maddy. O rapaz apontou para a carruagem.

- Chamaram a família - disse resumidamente. - Demasiado tarde, segundo Tom. Tom, o rapaz dos estábulos, tinha tudo preparado para que saíssem antes de surgirem as primeiras luzes e viu como traziam Sua Excelência de volta numa maca. Um duelo, *miss*. Mataram-no. Meteram-no em casa já morto. - Encolheu os ombros e continuou: - Mas o médico ainda lá está. Deve estar à espera da família.

Sem proferir palavra, Maddy fixou o olhar na casa. O zumbido dos comentários parou de repente. Emudeceram todos ao ouvir o que os tinha interrompido. Um longínquo grito de mulher, um grito ferido de incredulidade que aumentava de tom para de seguida se transformar num gemido de angústia. Maddy sentiu a garganta seca e bloqueada. O gemido interrompeu-se de repente, como se alguém o tivesse cortado pela raiz, e as pessoas que se encontravam no exterior da casa trocaram olhares carregados de significado.

Maddy apertou as mãos. Era incapaz de pensar. Não conseguia acreditar. Na noite anterior, apenas na noite anterior... Nunca vira ninguém tão cheio de vida, com tanto entusiasmo e tanta energia.

Um duelo. Uma inútil e sem sentido troca de tiros. Um único instante, e toda aquela vitalidade desaparecera.

Como podia ter aquilo acontecido? A sua mente negava-se a aceitá-lo. Nunca ignorara o que ele era. Um canalha, um devasso... Até ao dia anterior teria dito, «Sim, acredito, o duque de Jervaulx morreu esta manhã num duelo em consequência de um tiro». Mas agora a comoção provocara-lhe um tal aturdimento que, quando deu meia volta para se afastar, não soube para onde ir nem que fazer.

Andou às cegas, com as mãos apertadas à sua frente.

E, é claro, na noite anterior ele já o sabia. Enquanto estivera sentado com eles, sorridente, a falar de geometria e a descrevê-la ao pai. Durante todo aquele tempo, ele soubera que dentro de poucas horas teria que enfrentar aquilo.

A mente dela não tinha capacidade para o entender. Sofrera a perda da mãe e de alguns amigos, todos eles vítimas de doença, todos muito mais velhos, mas nunca se confrontara com uma mudança tão brusca e vertiginosa da realidade.

E a mãe dele, meu Deus, como é que se deveria estar a sentir. Interiormente, Maddy teve a

certeza que era aquela segunda dama, recordava-se como cambaleara ao chegar à porta. Já percebera o que tinha acontecido, soubera-o antes que lho contassem, e dera aquele grito aterrador ao confirmá-lo. A outra dama, a vestida de negro, a idosa que entrara como se fosse para uma batalha, essa era aquela que não mostraria nada, que se manteria direita e altaneira, a sofrer em silêncio.

Maddy sentiu que de algum modo deveria estar ali e oferecer-lhes a ajuda que lhes pudesse dar. Mas, em vez disso, descobriu que tinha atravessado a soleira da própria casa e que o pai, sorridente, erguia a cabeça e lhe perguntava:

- Já de volta, minha querida Maddy?

- Sim, pai!

O sorriso desapareceu do rosto do pai e ergueu-se na cadeira.

- O que é que aconteceu?

- Não sei muito bem, não... - e agarrada à maçaneta da porta soltou um gemido. - Morreu, pai! Mataram-no hoje de manhã, num duelo.

O pai ficou rígido, as mãos apoiadas nos símbolos de madeira. Após um longo momento de silêncio, repetiu:

- Morreu. - Aquela palavra era oca. Maddy deixou-se cair de joelhos e apoiou a cabeça no colo dele. - É... é tão incrível...

Tocou-lhe o cabelo com os dedos. Nesse dia não pusera chapéu. Tinha o cabelo entrançado como na noite anterior. O pai acariciou-lhe a nuca com suavidade. Roçou-lhe o queixo e deteve a lágrima solitária que lhe deslizava pelo rosto.

Maddy levantou a cabeça.

- Não sei porque estou... porque choro. Nem sequer gostava dele!

- Isso é verdade, minha menina? - perguntou-lhe o pai suavemente. - Porque eu gostava.

Continuou a acariciar-lhe a cabeça. Ela voltou a apoiar a cabeça na perna dele, o olhar perdido num canto da sala.

- Mal posso acreditar - murmurou. - Não consigo acreditar.

4

Blythedale Hall deu a Maddy a impressão de ser um bolo sedutoramente decorado, construído em tijolos cor de salmão claro e rematado por colunas rectas e arcos curvilíneos cobertos de pedra clara. O novo refúgio do seu primo Edward em Buckinghamshire incluía, para além do edifício, uma enorme extensão de campo circundante, um roseiral cheio de flores em plena floração naquele Décimo Mês, uma manada de veados que vagueavam pelo parque que não era vedado, e cisnes negros que deslizavam serenos pelas águas do lago. Tudo aquilo legado de um baronete arruinado que lho vendera. A propriedade era agora cuidadosamente mantida para proporcionar aos pacientes do primo Edward efeitos calmantes e benéficos.

O primo do pai, o Dr. Edward Timms, dirigia Blythedale Hall da maneira mais moderna e humanitária possível. Cada um dos pacientes contava com um auxiliar pessoal. Apenas eram impostas medidas restritivas nos casos mais intratáveis, e eram retiradas com a maior rapidez quando deixavam de ser necessárias. Edward era dedicado ao trabalho, e naquele momento descrevia as terapias e a organização com todo o pormenor e entusiasmo, enquanto cortava outro pedaço de *bacon* e convidava o pai de Maddy a comer outro arenque e a beber outra chávena de café.

Maddy ouviu uma mulher a soluçar de um modo que não deixava lugar a dúvidas e que a encheu de inquietação, mas o primo Edward nem o parecia ter percebido, e momentos depois o lamento tornou-se menos audível até se calar por completo. Deu uma golada no café e tentou reunir

forças para o que se avizinhava. O seu primeiro contacto com o lugar e as pessoas, e a descrição do trabalho que a esperava.

O primo Edward garantira-lhe que o seu trabalho ali seria encarregar-se da supervisão, mas não das tarefas mais pesadas. Um enfermeiro especializado trataria do pai enquanto ela estivesse a trabalhar, e acabara por lhe ser impossível recusar o convite do primo Edward para trabalhar ali e encarregar-se das funções organizativas. Antes era a mulher dele que as efectuava, mas estava prestes a dar à luz o terceiro filho do casal. A ideia era que, se tudo corresse de feição, Maddy ficaria naquele lugar de modo permanente. A oferta tornara-se especialmente apetecível depois da desilusão sofrida ao receberem uma carta acerca da cadeira de Matemática, em que um tal Henry Brougham lamentava a retirada do financiamento prometido pelo duque de Jervaulx e comunicava-lhes que o novo provedor de fundos, um cavalheiro que preferia manter-se no anonimato, escolhera outro candidato que não o Sr. Timms.

E não se podia negar que naquela manhã outonal Buckinghamshire e Blythedale Hall tinham uma aparência perfeita, com a luz do Sol a aquecer as recém-pintadas paredes amarelo-alaranjadas da sala de jantar, e a fazer resplandecer a prata e a porcelana da baixela que o baronete falido cedera, bem como os quadros e os móveis. A casa cheirava a cera fresca e a cortinados novos. O primo Edward mandara retirar tudo o que pudesse ser deprimente.

Era tudo agradável e transmitia paz, apesar de a Maddy, com os seus ideais *quaker* de virtude, parecer demasiado sumptuoso. Mas o ambiente era o adequado para os gostos refinados dos pacientes do primo Edward. A única coisa que quebrava a opulência do lugar era o som distante dos soluços, que mais uma vez se fez ouvir através das portas fechadas como se se tratasse do gemido de um fantasma matinal, magoado e perdido.

- Vamos, prima? - O médico limpou a boca ao guardanapo e tocou a campainha que se encontrava ao seu lado. - Janie, chama Blackwell para que acompanhe o senhor Timms ao salão da família.

A rapariga fez uma reverência levantando o avental e desapareceu. Momentos depois, apareceu o auxiliar do pai e todo o processo foi feito com precisão e em silêncio. Depois de se despedir dele, o primo Edward levou Maddy até ao escritório que se situava no primeiro piso.

- O correio - disse, e apontou para um cesto que se encontrava em cima da mesa.

O primo Edward tinha as mesmas feições suaves, calmas e agradáveis do pai de Maddy, mas os olhos escuros eram rápidos e inteligentes e franzia com frequência os lábios. Não seguia de modo estrito o código de simplicidade no vestir e simplicidade na fala. Embora o casaco não tivesse colarinho, via-se bem que fora confeccionado num tecido caro. Maddy pensou que se parecia satisfeito consigo tinha esse direito. Era o membro da família Timms que chegara mais longe, já que a sua especialidade médica estava em plena expansão e contava com as novas instalações, ampliadas e luxuosas, de Blythedale.

- Esta será uma das tuas funções - disse -, organizar a correspondência assim que é recebida. Abres a minha e coloca-la no cesto. Aquela que vier dirigida aos pacientes terás de a arquivar nas pastas deles.

Maddy olhou-o.

- Depois de a copiar, é isso que queres dizer?

- Não é preciso. Basta abrires as cartas e arquivá-las. Se achares que o conteúdo é importante ou insólito, podes entregar-mas. Às vezes é preciso fazer uma versão censurada.

- Desculpa... mas não estou a perceber - disse Maddy, enquanto tocava na pilha de cartas. - Queres dizer que os pacientes não podem receber as próprias cartas?

- É imperioso que todos os pacientes que neste momento se encontram ao nosso cuidado sejam sempre mantidos num estado de completa paz e tranquilidade. As comunicações íntimas com a família nada mais fariam senão causar-lhes um enorme estado de excitação. Recomendamos aos familiares que não lhes escrevam mas, como podes ver, insistem em fazê-lo.

- Oh - disse Maddy.

- E relembro-te que nenhum dos pacientes que neste momento se encontra ao nosso cuidado

é da nossa religião. Tenho de te pedir que te abstenhas de utilizar a simplicidade na fala. Alguns sentir-se-iam ofendidos por serem tratados com tanta familiaridade. - Perante o olhar sério de Maddy, corou ligeiramente. - Acho que não preciso de te dizer que entre nós a podemos utilizar. Mas talvez fosse melhor restringirmos a norma apenas aos aposentos privados.

- Vou tentar, mas...

- Tenho a certeza que vais conseguir fazê-lo. Segue o meu exemplo. Deixa-me ir buscar o meu caderno... Primeiro vou-te apresentar aos doentes. Aqui somos uma família. É importante que tenhas sempre isso presente. Sinto-me como um pai de todas as almas atormentadas que chegam a Blythedale. E descobrirás que os doentes se assemelham muito a crianças. Pensa neles como se o fossem, e não cometerás grandes equívocos.

- Está bem - respondeu Maddy.

Nalguma parte da casa, vários tenores tinham começado a cantar a versão alegre de uma música, enquanto um homem começara a soltar gritos histéricos e ininteligíveis que abafavam as notas musicais.

- Acabarás por te habituar - disse o primo do pai com um ligeiro sorriso. - Alguns estão a recuperar, mas outros estão muito mal.

- Claro - replicou Maddy, e respirou fundo. - Compreendo.

Naquele momento, havia quinze pacientes em Blythedale Hall, quinze damas e cavalheiros pouco afortunados que, no entanto, tinham a fortuna dos familiares para pagarem os gastos e o tratamento no manicómio privado mais luxuoso do país. Devido à excelente reputação do Dr. Edward Timms no que se referia às terapias médicas e morais, Blythedale era um local mais exclusivo do que a clínica Tice-hurst House do Dr. Newington, no Sussex. Não se incitava as famílias a visitar Blythedale, mas qualquer pessoa que não tivesse relação directa com os doentes era bem recebida a qualquer momento e podia visitar o manicómio na companhia de um dos auxiliares. Em Blythedale, colocava-se em prática os tratamentos mais modernos com uma dieta sã, banhos frios, uma rotina tranquila e a manutenção da reabilitação num ambiente em que reinava a ordem.

As senhoras cosiam e passeavam pelo roseiral, tomavam infusões calmantes e, por vezes, era-lhes permitido pintar ao ar livre. Os cavalheiros seguiam o mesmo regime, só que em vez de coserem, faziam exercícios de ginástica, jogavam xadrez e tinham uma selecção de livros da biblioteca à sua disposição. Também lhes era permitido passear até ao bosque da propriedade, e recolher flores e folhas que as senhoras se encarregavam de desenhar. Todos os que estavam em condições de o fazer assistiam a palestras científicas semanais e jogavam às cartas, e havia um pastor anglicano que celebrava serviços religiosos aos quais assistiam todos os doentes, excepto os mais difíceis de controlar.

Entre os manicómios, Blythedale era um lugar único e progressista, explicou-lhe o primo Edward, porque se fazia um esforço para se misturar os dois sexos num ambiente social normal, algo que era possível e seguro, graças ao facto de cada um dos pacientes ter um auxiliar privado. Em primeiro lugar, conduziu-a até ao salão, onde os cantores estavam reunidos em volta de um flautista. Os gritos horríveis tinham parado, mas um dos tenores vestia uma camisa-de-forças, com íis mangas brancas atadas atrás das costas. O auxiliar, um jovem magro e musculoso, com o aspecto de um camponês, encontrava-se ao lado dele. Quando Maddy entrou acompanhada pelo Dr. Timms, o paciente ilirigiou-lhe um olhar esperançoso.

- Veio para me levar para casa? - perguntou-lhe o homem da camisa-de-forças. - Acho que hoje devia ir para casa.

- Hoje à tarde - respondeu o primo Edward -, Kelly levá-lo-á a dar um passeio.

O rosto do paciente começou a ruborizar-se.

- Mas tenho que ir para casa! A minha mulher está a morrer! O primo Edward olhou para o auxiliar. Kelly disse:

- Vamo-nos sentar a descansar, senhor John.

- Ela está a chamar-me. Jesus Cristo redimiou-me!

O homem cambaleou para a frente. Kelly agarrou-o com destreza por uma alça nas costas da

camisa, e puxou-o para que ele não perdesse o equilíbrio.

- Sou o redimido dos redimidos do Senhor! A minha mulher morreu por mim. Sacrificou a sua vida por mim. Estou salvo, ouviu-me, senhor? Estou a dizer que estou...

A voz continuou a elevar-se, falava com maior rapidez e num tom mais alto, enquanto Kelly o arrastava para a porta. Os outros pacientes, três homens e cinco mulheres, não se alteraram, excepto um dos tenores, que desatou a rir à gargalhada. Uma jovem bastante bela, vestida com um traje elegante, estava sentada a olhar pela janela sem exhibir qualquer tipo de emoção, enquanto ao seu lado uma mulher incli-nava-se sobre um bordado, a embalar-se e a sussurrar. As gargalhadas do tenor desvaneceram-se. O cavalheiro mordeu o lábio e lançou a Maddy um olhar de desculpa.

Os gritos atroadores continuavam a ouvir-se à distância, mas o primo Edward começou a apresentar Maddy aos pacientes, quer estes lhe respondessem ou não, e depois aos auxiliares. Apontou algumas coisas no caderno, e depois estendeu-o a Maddy para que esta lesse os pormenores.

- A doença de *miss Susanna* é a melancolia - disse. - Afecta-a profundamente. Como se encontra hoje, *miss Susanna*?

- Estou bem - respondeu a jovem num tom apático.

- Apetece-lhe cantar?

- Não, obrigada, doutor.

A mente está apreensiva, leu Maddy. *Os pensamentos mais triviais produzem-lhe tormentos. Pouco apetite, sono inquieto. Fala de suicídio, e tentou afogar-se. Anteriormente era feliz e ocupava-se com assuntos femininos normais. A melancolia surgiu após distúrbios menstruais causados por uma estimulação excessiva da mente, causada por estudos excessivos e por uma enorme dedicação intelectual, que desviaram o fluxo sanguíneo e deixaram de irrigar os órgãos femininos.*

O médico sorriu, deu uma palmadinha no ombro de *miss Susanna* e prosseguiu o seu caminho. Apresentou Maddy à Sr.^a Humphrey, que sofria de demência e imbecilidade progressiva. A senhora sorriu com alegria e perguntou a Maddy se pertencia à família Cunningham.

- Não - respondeu Maddy. - Chamo-me Archimedeia Timms.

- Já a vi na Índia. - A Sr.^a Humphrey desprendia o cheiro ligeiramente azedo de um bebé a precisar de mudar de fraldas. - A menina despiu-me.

- Não... a senhora está enganada.

- Às seis e meia - afirmou a Sr.^a Humphrey. - Deviam ser os chapéus.

Não reconhece nem o marido nem os filhos, dizia o caderno de historiais clínicos. *Demência e deterioração progressiva do intelecto, precipitadas pela chegada da doença climatérica feminina.*

- Por favor, leve a senhora Humphrey para o quarto para a pôr apresentável - disse o médico à auxiliar da senhora. Tinha as sobrancelhas ligeiramente franzidas. - Tenho de lhe pedir mais cuidado com as questões higiénicas.

Os pacientes que se encontravam na sala representavam os mais disciplinados dos habitantes de Blythedale, como Maddy veio a descobrir. O Sr. Philip sentia-se desorientado e achava que a comida tinha um sabor estranho. Cada vez que ouvia alguma coisa triste desatava à gargalhada, como explicou a Maddy, algo que lhe produzia um enorme desgosto. Contou-lho entre gargalhadas. *Lady Emmaline* insistia incessantemente que era órfã, uma enjeitada que perdera toda a família na guilhotina, apesar de o primo Edward lhe repetir com doçura que os pais eram *lord* e *lady Cathcarte*, que estavam bem vivos e residiam em Leicestershire. Mas o seu umbigo estava a desaparecer, anunciou *lady Emmaline* incisivamente, como se aquilo fosse a prova dos seus argumentos.

Para além dos pacientes que se encontravam no salão, havia outros confinados aos quartos atrás de portas duplas. A exterior de madeira e a interior de barras de ferro. Tinham retirado a maior parte do mobiliário, e apenas restava a cama do doente e um catre para o auxiliar.

Mania, dizia o caderno, *perigosa e destrutiva. Loucura e crises nervosas causadas por um excesso de estudo da religião.*

E noutro caso, *epiléptico violento. Alucinações. Incontinência. Atrofia emocional.*

Apesar de tudo, o primo Edward dedicava-se a falar pessoalmente com aqueles doentes e voltou a explicar a Maddy as vantagens de seguir uma rotina quotidiana estrita para que eles pudessem recuperar o controlo de si mesmos, e para lhes distrair as mentes enfraquecidas e afastá-las de preocupações pouco saudáveis.

Maddy quis acreditar. Tentou deixar-se arrastar por aquele humor optimista e prático mas, mais que tudo, apetecia-lhe estar enroscada na sua cama de Chelsea e chorar por aquelas pobres criaturas. Acreditara ser uma enfermeira experiente e mentalmente forte mas, naquele dia, aquela acumulação de apresentações tinha feito com que Blythedale Hall lhe parecesse uma espécie de purgatório, confortável mas aterrorizador.

- Ah, estamos a ser barbeados - disse o primo Edward ao olhar por entre as barras de ferro que substituíam as portas dos quartos dos doentes mais violentos.

Deteve-se para abrir a porta com a chave e inclinou-se para Maddy para a informar num murmúrio:

- Receio que este seja um dos nossos casos mais trágicos. Um exemplo de loucura moral que terminou em mania.

Ela mordeu o lábio, e desejou que ele não lhe tivesse contado nada. Ainda se sentiu mais relutante em erguer os olhos e olhar para mais outro desgraçado daquele manicómio.

- Boa tarde - disse o médico afectuosamente ao entrar no quarto. - Como nos encontramos hoje, senhor?

O doente não respondeu e o auxiliar disse:

- Não está num dia mau, doutor. Está bastante calmo.

Por fim, Maddy fez um esforço, atravessou a soleira da porta e levantou a cabeça. O auxiliar corpulento estava a afiar a navalha da barba. Tinha o aspecto de um *boxeur* com a cabeça quase totalmente rapada, uma ligeira penugem a cobrir-lhe a cabeça. Uns passos mais à frente, vestido com calças claras, uma camisa branca e um braço algemado à cabeceira da cama, via-se a silhueta de um homem que olhava pela janela.

- Amigo - obrigou-se a dizer como saudação, no tom mais natural que conseguiu.

O homem virou a cabeça de repente, o movimento interrompido a meio por um som metálico. O cabelo escuro caía-lhe em desordem sobre a testa, e nos olhos de um azul-intenso, como cobalto gelado, lia-se a fúria. Era um pirata enjaulado e acorrentado, um animal encurralado.

Maddy ficou sem voz.

Ele olhou-a em silêncio. Sem demonstrar que a reconhecia. Nada.

- Tu! - murmurou Maddy.

O homem baixou um pouco o rosto e contemplou-a por entre as pestanas. O cansaço, a raiva e uma paixão profunda e intensa reflectiram-se-lhe no rosto, no olhar, na respiração acelerada com os maxilares firmemente fechados, e na mão que se abria e fechava uma e outra vez.

- Não... não te lembras de mim? - perguntou Maddy, hesitante. - Sou Maddy Timms. Archimedeia Timms.

- Céus! Conhecem-se?

Maddy afastou os olhos daquele ser primitivo junto da janela.

- Sim, o meu pai e eu... É o duque de Jervaulx, não é verdade? Mal conseguia pronunciar aquelas palavras.

- Sim. Claro que é. O senhor Christian veio visitar-nos durante uma temporada.

O Sr. Christian lançou um olhar ao médico como se lhe quisesse arrancar o pescoço com as mãos nuas.

O primo Edward sorriu ao doente com uma expressão benévola.

- Que coincidência fantástica. - Fez um gesto na direcção de Maddy. - Lembra-se de miss Timms, senhor Christian?

Jervaulx afastou os olhos do primo Edward, olhou para Maddy e voltou a pousar os olhos no médico. Depois encostou-se ao parapeito da janela e apoiou as costas nas grades que cobriam os

vidros.

- O seu entendimento é limitado - disse o primo Edward. - Igual ao de uma criança de dois anos. Como disse, parece ter um historial de loucura moral que, com um impulso repentino, degenerou em demência. E mania, sobretudo quando é contrariado. A apoplexia deixou-o num estado de inconsciência durante dois dias e, no princípio do coma, as constantes vitais eram tão baixas que se pensou que perdera a vida.

- Sim - replicou Maddy com uma voz abafada. - Era isso que pensávamos, que... o tinham morto

- É uma história interessante. É claro que isto é estritamente confidencial. Não pode sair daqui, mas o acontecimento que lhe provocou esse estado foi causado por um lance de honra, no qual foram utilizadas pistolas. Não ficou ferido, mas o impacto do momento parece ter precipitado o ataque. O médico que o assistiu declarou-o morto e mandou que o corpo fosse transferido para a capela, mas os cães do duque fizeram um tal alvoroço que os funcionários da morgue nem lhe conseguiram tocar. - O primo Edward sacudiu a cabeça. - É aterrorizador pensar o que teria acontecido se os animais não se tivessem comportado assim. Mas parece que, de algum modo, o barulho chegou ao duque e fez com que este se movesse, e que o pulso mostrasse que ainda continuava vivo. E claro, passado algum tempo, recuperou a consciência e o movimento das extremidades. Mas ficou num estado de imbecilidade maníaca. - O primo Edward escreveu uma nota no caderno, olhou para Jervaulx como se o estivesse a estudar, e voltou a anotar qualquer coisa. Fechou o caderno de repente e entregou-o a Maddy. - É claro que sabe que a indulgência e a ausência de disciplina moral predis põem a mente à irracionalidade. Ele não fala e rege-se por emoções primitivas. É algo de muito frequente nestes casos, nos quais a base anterior sustentava o vício e a perversidade. Existe uma ruptura, uma perda da consciência moral que dá rédea solta aos apetites e desejos instintivos, que viola por completo os hábitos refinados que se possuía anteriormente. Fisicamente, é bastante forte. Estou certo, Larkin? O auxiliar respondeu com uma resmungadela:

- Claro que é. Se não falarmos da mão direita. Como vê, só preendi a esquerda, com essa é que temos de ter cuidado.

E colocou de lado a navalha de barbear.

- Medidas restritivas mínimas - disse o primo Edward, e assentiu aprovador. - Fisicamente é robusto, mas quanto ao resto está reduzido a um estado animal.

Larkin premiu a campainha.

- Veremos como reage hoje quando o arranjarmos. Ontem tivemos que utilizar a camisa-de-forças e a maca.

Maddy, sem conseguir aguentar, baixou os olhos. Incapaz de enfrentar aquele olhar tão intenso, tão silencioso. Sentiu-se derrotada, abatida, destroçada. Que ele estivesse ali...

Christian preferiria estar morto. Bastava-lhe olhar para ele.

Manteve o caderno à sua frente.

- Tem cura?

- Ah - respondeu o primo. Cobriu o lábio superior com o inferior e franziu o sobrolho. - Não vou negar que o caso é grave. A mãe é uma mulher muito boa, uma cristã convicta, que participa zelosamente nas actividades evangelizadoras e beneficentes da sua igreja. Contou-me que o filho tem um longo historial de excessos descontrolados e rebeldia. Com uns hábitos tão sanguíneos e irregulares... - Suspirou. - Bem, tudo o que posso dizer é que se não formos capazes de o curar em Blythedale, é porque não tem cura.

Maddy apertou o caderno contra o peito.

- E que tratamento é que... é que lhe está a dar?

- Um horário regular é o mais importante, é claro, para criar o hábito da autodisciplina e da serenidade mental. Silêncio absoluto, exercício frequente para o acalmar, uma série de banhos terapêuticos, sessões de leitura em voz alta com uma selecção de textos que servem para lhe estimular o intelecto letárgico e inspirar a temperança. Nada de desenhos. As penas e outros

utensílios de escrita parecem provocar-lhe estados alterados e muito violentos. Apenas toma tónicos para os nervos à força. Receio que ainda não tenhamos visto nenhum progresso em relação a uma situação em que possamos confiar nele e levá-lo para a sala com os pacientes tranquilos, mas em breve sairá para dar passeios com outros maníacos para evitar que se sinta isolado.

Jervaulx cruzou os braços e o movimento fez tinir a corrente. Maddy levantou o rosto e olhou-o. A expressão do rosto dele descontraiu-se, a indignação contida dera lugar a uma ligeira expressão irónica. Devolveu-lhe o olhar com um leve sorriso, a boca torcida para um lado.

Era incrível. Voltara a parecer o mesmo de sempre, o aristocrata senhor de si mesmo. Maddy quase esperava que falasse ou assentisse, mas não fez nem uma coisa nem outra. Limitou-se a sorrir-lhe com um interesse que lhe recordou aquele modo malicioso com que a observara na noite em que a descrevera ao pai. De repente, teve a certeza que se recordava dela.

- Jervaulx - disse, e avançou um passo. - O meu pai também se encontra cá. John Timms. Tu... o senhor trabalhou com ele na nova geometria.

O sorriso dele apagou-se ligeiramente. Olhou-a com muita atenção, a cabeça um pouco de lado, de tal modo que parecia um cão a tentar decifrar o mistério do comportamento humano. Maddy reparou que se fixava na boca dela enquanto falava. Mas não estava surdo, virara-se no momento exacto em que ouvira o som de uma voz.

- Não gostaria que o meu pai o viesse visitar?

Ele inclinou a cabeça com um gesto educado de assentimento.

Maddy sentiu-se entusiasmada. Respondera àquilo com total inteligência, não havia dúvida. Olhou para o primo Edward. O médico limitou-se a sacudir a cabeça.

- Está a tentar agradar-lhe. Por vezes, os maníacos podem ser muito astutos. Pergunte-lhe no mesmo tom se é o rei de Espanha.

Maddy não o quis fazer. Parecia-lhe um truque dos mais óbvios. Não acreditava que por trás daqueles olhos não existisse mais do que a mente de uma criança de dois anos. Em vez disso, perguntou:

- Nunca pensaste encontrar-me aqui, pois não?

A corrente tilintou ligeiramente ao mudar de posição. Examinou-a e fez um gesto negativo.

Quando o fez, ela apercebeu-se que lhe fizera a pergunta em tom negativo, e que desse modo lhe dera a pista para que respondesse que não.

- Não me compreendes - disse, desiludida.

Ele hesitou, com um olhar penetrante, e depois limitou-se a ficar em silêncio, com a boca contorcida numa expressão grosseira.

- Lamento - disse Maddy impulsivamente. - Lamento muito que seja vítima desta doença.

Ele dirigiu-lhe aquele sorriso cínico e contorcido. Ergueu os ombros e estendeu para ela a mão acorrentada, como se quisesse pegar na dela e fazer-lhe uma reverência. Maddy pegou nela de modo automático. Jervaulx inclinou-se e de repente puxou-a para si, e fê-la girar até ela lhe cair nos braços, a mão algemada a segurá-la pelo pescoço enquanto com o outro braço a apertava contra o peito.

- A navalha! - gritou o primo. - Meu Deus, Larkin!

O auxiliar virou-se, tinha nas mãos a bacia de água que a criada acabara de lhe entregar. Deixou cair a bacia, o líquido derramou-se em cascata sobre a almofada bordada à mão, e precipitou-se na direcção deles. Mas Jervaulx emitiu um som que lhes gelou o sangue, um bramido gutural, ao mesmo tempo que aproximava a navalha de barbear do maxilar de Maddy.

Larkin deteve-se de repente. Pelo canto do olho, Maddy viu o polegar de Jervaulx sobre o gume e Larkin, o primo Edward e a criada em suspenso junto da porta. Jervaulx apertou-a contra si, e afundou-lhe o braço sem piedade na cintura. Maddy sentiu junto ao ouvido o silvar da respiração entrecortada.

- Não resista - disse o primo Edward com uma voz calma. - Não faça nada.

Maddy não tinha qualquer intenção de oferecer resistência. O modo como a apertava magoava-a. Sabia que não tinha força para resistir àquele aperto. Ele estava tenso, era como se

tivesse atrás das costas um muro instável, ardente e duro. O pulso de Jervaulx afundou-se nela enquanto a arrastava com ele tanto quanto a corrente lho permitia e encaixava o pé à volta de uma das pernas da mesa de barbear.

Puxou a mesa para eles, a manobrar com cuidado, e detinha-se sempre que aquela ameaçava virar-se para depois a voltar a puxar, até a aproximar. O primo Edward começou a falar com uma voz tranquilizadora, mas Jervaulx não lhe prestou atenção. Afastou a navalha do pescoço de Maddy e, com um movimento amplo do braço, atirou para o chão com grande ruído a bacia de cobre. A corrente retiniu na borda da mesa quando ele fez um corte com a navalha em linha recta sobre a superfície envernizada, e criou uma incisão pálida.

Abraçou Maddy com força. Ela sentiu como os músculos dele se moviam quando virou o punho e cruzou a primeira linha com outra. Quando Larkin deu um passo na direcção deles, o gume da navalha pousou de imediato na garganta de Maddy.

Ela ouviu a respiração estridente junto da orelha, sentiu o calor da pele e as pancadas violentas do coração de ambos.

- Deixá-lo - murmurou o primo Edward. - Deixa-o acabar. Jervaulx esperava. A navalha roçava a pele de Maddy. O primo Edward fez-lhe um sinal.

- Pode continuar, senhor Christian.

Passado um momento, o punho de Jervaulx apertou com mais força o cabo da navalha e situou a ponta da intersecção com a cruz. Com um esforço de todo o corpo, que Maddy sentiu, desenhou uma curva perfeita e sinuosa ao longo do eixo da linha.

Soltou a navalha, que emitiu um barulho forte ao chocar contra a mesa. Pousou a mão atrás da cabeça de Maddy e forçou-a a inclinar-se e a olhar para a figura que gravara.

Afrouxou o braço e soltou-a. Maddy ficou imóvel com o olhar fixo na mesa.

Deu a volta e olhou-o. A intensidade da esperança reflectia-se no rosto dele, a concentração... estava à espera de que ela o compreendesse. Não olhava para mais ninguém.

Ela não conhecia aquela figura, mas sabia que era matemática.

- Espera aqui! - disse, e apertou-lhe as mãos. - Espera! - Virou-se para Larkin e para o primo Edward, e exclamou: - Não o castiguem. Não lhe façam mal!

E depois de dizer estas palavras, saiu apressada do quarto. Encontrou o pai na saleta privada, na companhia de um auxiliar que lhe estava a ler em voz alta.

- Pai! - Correu até junto dele e pegou-lhe na mão. - O que é isto? Conduziu o indicador do pai até formar uma cruz na brilhante superfície da mesa da sala, e de seguida a linha sinuosa que a percorria.

- É uma função periódica - disse o pai. Maddy exalou e pegou em papel e numa pena.

- Qual é a definição?

- Qual a série infinita, é isso que queres dizer?

- O que quer que seja. Qualquer coisa que tenha a ver com isto. Se ta dessem, o que é que responderias? Qual seria a resposta?

- Se ma dessem, o quê?...

- Pai! Depois explico-te tudo, mas agora tenho de regressar o mais depressa possível. Limita-te a dizer-me uma função periódica, como a de *monsieur* Fourier. Como se escreve? Começa com o seno de «x», que é igual a?

- A série das funções dos senos. Ou queres a dos co-senos?

- E os gráficos são diferentes, não é verdade? Nesta... - Mordeu o lábio e fechou os olhos para se recordar das curvas sobre o verniz -... a curva começa... na intersecção dos eixos.

- Então é a função do seno. O seno de «x» é igual a «x», menos «x» elevado ao cubo a dividir por três, mais «x» ao quinto a dividir por cinco, menos «x» ao sétimo a dividir por sete, e assim sucessivamente.

- Sim! Sim! - Maddy escreveu os símbolos familiares, grandes e nítidos. - Ah, pai, nem podes imaginar o que aconteceu! Já volto para te contar!

Atravessou o vestíbulo barroco de mármore a correr e subiu a escadaria. O chão alcatifado

rangeu e estalou sob os pés dela. Quando chegou ao quarto nu, descobriu que não tinham prestado atenção ao seu pedido. Larkin e outro auxiliar tinham imobilizado Jervaulx de rosto contra a parede, e seguravam-no entre ambos enquanto acabavam de lhe atar as mangas de uma camisa-de-forças.

Quando Maddy se deteve na soleira da porta, soltaram-no. Ele não se moveu, nem resistiu. Limitou-se a inclinar a cabeça e a encostá-la à parede, uma figura branca no recanto escuro.

- Não deveriam ter...

- Prima Maddy! - Edward virou-se para ela. - Já se recompôs? Quer deitar-se um bocado? Que calamidade! É absolutamente indesculpável que Larkin tivesse deixado a navalha de barbear ao alcance dele. Quando utilizamos medidas restritivas mínimas, requer-se uma prudência absoluta em todos os momentos. Nunca devia ter permitido que entrasse aqui.

- Não aconteceu nada. É a função de um seno! Oxalá não lhe tivessem posto essa coisa!

Jervaulx virou-se e apoiou o ombro na parede. Maddy percebeu a acusação no olhar que lhe lançou.

- A figura que ele desenhou - acrescentou Maddy, a desenrolar a folha de papel. - É a função do seno.

- Tal como lhe disse, os utensílios para escrever, qualquer que seja o tipo, sobreexcitam-lhe a mente. Não deve procurar um sentido para aquilo que rabiscou.

- Mas tem um sentido! Esta é a série infinita que o demonstra.

- Não. Não, devo insistir que agora o temos de deixar no seu ambiente descontraído. Não... prima Maddy! - A voz endureceu quando ela avançou com a folha de papel na mão. Tirou-lha e amarrotou-a. - Agora não lhe mostre nada que o possa alterar ainda mais.

Ela ficou imóvel. Jervaulx olhava-a.

- É uma função do seno - disse, e devolveu-lhe o olhar, a desafiar o primo.

Se esperara uma reacção, um sinal de que a tinha compreendido, não a obteve. Jervaulx olhava-a simplesmente como se entre ambos existisse uma parede de vidro e ele não conseguisse ouvir a voz dela.

5

Foram-se embora... fora... foram-se todos embora menos o rufião que me barbeia, cão maltratado, quarto sem privacidade, atirado ao chão... obrigado a engolir comida... queira ou não queira.

Primamad.

Prima-mad.

Cama, mão atada, pés amarrados... amarrado como um por-co-ani-mal gordo e rosado... rabo encaracolado. Palavra desaparece, desaparece, sempre... afasta-se. Doía-lhe a cabeça de tanto tentar encontrar o nome.

Prima-mad. Tentou dizê-lo sem ruído, cercar os sons com a língua.

Tinha medo de como se ouviria em voz alta. *Não, não, não*, isso seria a única coisa que ouviria.

Não falar, recusar.

A raiva e o medo no seu interior não tinham fim. Falavam todos demasiado depressa, era isso o que acontecia. Balbuciavam, resmungavam, não lhe davam oportunidade para os compreender.

Puseram-me a mão em cima, A MIM! Santo Deus, não tinham esse direito. Besta ignorante, agarra com força. Vingança, banho de sangue, correntes jardim estranhos observa. Fúria, luta, VERGONHA. Atado à cadeira, barulho, loucos deambulam... tinham-lhe roubado os amigos, a casa, a própria vida.

Deitado, contemplou as sombras ténues no tecto elegantemente decorado, seguiu com o

olhar o desenho oval até onde este se encontrava com a parede e parava de repente interrompido pelo tabique que tinham colocado para criar aquela cela, a partir daquilo que outrora deveria ter sido uma sala elegante. Do outro lado do corredor, um dos loucos gemia, um som que criava em Christian um terror profundo no fundo da garganta e no peito, porque era o mesmo som que ele achava estar a fazer, o do desespero, e que apenas o orgulho e a fúria fria continham.

Aqui fechado muito tempo... muito tempo... lunático.

Às vezes tentara averiguá-lo, identificar quem o retinha naquele lugar, quem tentava levá-lo a atravessar a barreira da sanidade. Recordava rostos. Às vezes era capaz de lhes dar nomes, e às vezes pensava naqueles mesmos rostos, mas os nomes não surgiam.

Fora isso que acontecera com a Prima-mad. Olhara-a. *Coisa branca... bem engomada...* o nome do que ela levava na cabeça perdia-se na distância. *Fala de ti, tu. Conheço, conheço.*

Ouve. Ouve com muita, muita, muita atenção.

Prima-mad parecia ser e não ser o nome correcto. Na verdade, quanto mais pensava nisso, mais estranho lhe parecia, mas quando tentou pensar muito nele, quando se esforçou em excesso para tentar extrair a resposta daquele labirinto que emergia e se dissolvia na sua mente, sentiu-se nauseado.

Ouviu o rangido de passos no corredor, um som que lhe era familiar, que o alarmava porque nunca sabia o que iam fazer de seguida com ele. A luz vacilou e desenhou as barras da porta no tecto com a forma de ondas desordenadas. Ouviu o som da fechadura, e os ruídos fortes que o seu guardião fazia ao acordar.

O sussurrar de uma voz feminina, depois o perfil dela iluminado pela vela quando se inclinou sobre o catre encostado a um canto. Falou com a figura em desordem que estava ali sentada. Os dois segredaram de modo incompreensível durante um momento, e de seguida a Besta levantou-se e saiu do quarto, a arrastar os pés.

Ela colocou a vela no parapeito da janela e virou-se para ele. Era-lhe intolerável que o visse naquele estado de humilhação abjecta, completamente escravizado. Fechou os olhos e fingiu dormir. Desejou que tudo aquilo desaparecesse... *acordar no meu quarto. Cães, nome, identidade, PALAVRAS! Compreendo palavras, digo palavras...* que aquele pesadelo de doidos terminasse.

- «Ervoh» - disse ela, num sussurro. - «Resfalar?»

Tocou-lhe no ombro. A vergonha fez com que ele apertasse fortemente o maxilar e se virasse. O orgulho fê-lo fechar os punhos e puxar, apenas uma vez, com força pelas correntes.

O ruído metálico assustou-a. Afastou a mão e olhou-o, nervosa. Ele sentiu-se ligeiramente satisfeito perante o medo dela e ficou a olhá-la com uma insolência malévola.

Ela tentou sorrir.

- Funçãodose no - disse. - Sérieinfi nita.

Levantou uma folha de papel. À luz da vela, a tinta surgia escura e clara.

$$\text{seno } X = X - \frac{X^3}{3!} + \frac{X^5}{5!} - \frac{X^7}{7!} + \dots$$

$$\text{seno } X = X - \frac{X^3}{3!} + \frac{X^5}{5!} - \frac{X^7}{7!} + \dots$$

Sim!

Sim, sim, sim, queria começar aos gritos. Ouviu-me, compreendeu. Estou aqui!

Mas não fez nada. De repente, teve medo de fazer um movimento que a assustasse e a fizesse ir-se embora, quando apenas um momento antes era aquilo que teria tentado. Convertera-se em algo valioso, inestimável, numa jóia sem preço. Não podia, agora *não* podia arriscar-se a fazer algo de errado.

Apercebeu-se que começara a respirar demasiado depressa. Corrigiu-se e controlou-se. Com um esforço consciente, descontraiu os braços e abriu os punhos, depois de deixar sobre a cama as mãos atadas. Olhou-a nos olhos e arriscou-se a fazer um gesto de assentimento muito enfático.

- «Funçãodose no» - repetiu ela. - Sim?

Sim, pensou Christian. *Sim*. Sentiu-se capaz de dizer *sim*, mas de seguida decidiu não se arriscar. Cautelosamente, voltou a assentir.

- «Se no» - prosseguiu ela -, «função se no.»

Função se no. Função se no. As palavras davam-lhe voltas na mente, *função doseno, funçãodos eno, funçãodose no, mistura baralhada, dois dados, roda... enjoo.*

- «Função se no» - repetiu ela, e ajoelhou-se ao lado dele a mover o papel.

Ele olhou os símbolos. Sabia o que as séries indicavam, entendia o seu significado. E as palavras deixaram de girar, refrearam a sua queda, colocaram-se no seu lugar.

Função do seno.

Possivelmente.

Função do seno. Soltou uma gargalhada surpreendida, fraca. A cera da vela pingou e a luz cobriu de sombras vibrantes o rosto dela, ajoelhada ao seu lado, *touca modesta, pestanas de sereia, virtude, donzela.*

Humedeceu os lábios.

- Seno - disse com uma voz rouca. - Sim!

- *Sim.* - A palavra soou como uma explosão, como se a tivesse empurrado, como se tivesse derrubado um muro. - *Seno, sim.*

A rapariga sorriu. Foi como um amanhecer entre as sombras. O coração moveu-se-lhe. Sentiu-se apaixonado, imerso na agonia da paixão.

- Fun...ção...do...seno... - disse a amada.

Criança, criança, tonta virtuosa, não repitas as coisas como uma criança.

- Secante - grasnou ele -, co-secante.

- Não. Seno.

- Tangente. Co-tangente. Ângulo. - *Fácil. Matemáticas, trigonometria.* - Axioma paralelo. Congruência, linhas co-planares, linhas perpendiculares.

Céus, como a geometria era simples. Porque é que ainda não se tinha lembrado de como era simples? Tentou algo difícil. Segurou as correntes por cima dos pulsos e esforçou-se por o dizer.

- Ah... - Era muito doloroso. Sabia-o, mas não lhe saía. - Ah... *ela. Ela!* Prima-mad.

Amava-a. Não queria que nunca mais se fosse embora e que o deixasse sozinho naquele lugar.

Ela inclinou a cabeça com um ar interrogativo.

- Quem?

Os dedos abertos mal tocaram os dela. Moveu a mão tanto quanto a corrente o permitia e com o polegar acariciou com suavidade a palma da mão dela. Olhou-a nos olhos, a tentar dizê-lo desse modo. Cada palavra era um tormento. *Sonha, roda, afasta-se, a deslizar, peixes prateados, agarrar.* Empurrá-los através do muro.

- *Nome* - proferiu de repente. - *Nome!* Ela? - Agarrou-a pela mão e voltou a apertá-la.

Ela voltou a sorrir.

- Maddy.

Sim, era isso. Maddy, Missmaddy. Maddy.

- *Mmm* - foi o som que emitiu e, frustrado, cerrou os dentes.

- Maddy - repetiu ela.

Ele assentiu. Teve medo que o gesto não fosse suficiente, que ela não soubesse que ele a compreendia.

- Seno, sim - repetiu a única coisa que conseguia dizer. - Co-seno. Tangente. - Acariciou a mão dela com os dedos. Queria dizer-lhe «não te vás embora», mas em vez disse tudo o que ouviu foi: - Não... não.

Maddy deixou escapar um ligeiro suspiro e começou a levantar-se. Ele percebeu que se preparava para se ir embora e sacudiu a cabeça violentamente. *Não! Fica aqui, não vás ainda, agora não!*

Não, não, não, não, era o que se ouvia a dizer a si mesmo. E cortou o mal pela raiz. Inclinou a cabeça para trás e puxou pelas correntes dos pulsos.

- «Porfa vor cal a-te, silên silên cio» - disse, e aproximou o dedo dos lábios, a ponta mesmo debaixo do nariz.

Olhou-a. Aquele gesto significava qualquer coisa. Sabia que tinha algum significado, mas era incapaz de saber qual. O eco do ruído que tinha feito desvaneceu-se, um ligeiro sinal de alvoroço naquela casa cheia de criaturas que uivavam.

A mão dela pousou-lhe no ombro. Ele virou a cabeça e apertou o queixo contra a palma daquela mão. *Fica, Maddy. Não me deixes.*

Só conseguiu dizer:

- Não. *Mmd.* Não!

Com um gemido, afastou-se dela.

Ela pegou-lhe no rosto com os dedos frios. Afastou-lhe o cabelo da testa. Ele fechou os olhos, enquanto um estremecimento o percorria por dentro e reprimiu uma vaga de sentimentos. Ficou completamente imóvel.

- «Vaicorrer tudobem» - murmurou ela -, «vai corrtetu dobem.» *Vaicorrer tudobem. Vai correr tudo bem.*

Dobem.

Vai correr tudo bem.

Não conseguira chegar a compreender bem a frase. Por fim, compreendeu-a, depois de a mente filtrar os sons e deter-se instintivamente.

Mas, apesar de tudo, era alguma coisa. Era alguma coisa a que se agarrar, depois de ela se ir embora e levar com ela a vela e a folha de papel. Uma pequena bola de cristal que continuaria a pairar quando se sentisse a afogar. Ela achava que ia correr tudo bem, e quando pronunciou aquelas palavras ele quase a compreendera.

Maddy franziu os lábios e dobrou com cuidado o folheto informativo acerca de Blythedale Hall para o juntar à carta que o primo Edward lhe ditara para enviar a *lady* Scull, na qual descrevia em termos entusiastas o tratamento amável e afectuoso que a irmã poderia esperar receber em Blythedale. Nomeava discretamente o valor de seis guinéus por semana e convidava *lady* Scull a fazer-lhes uma visita quando o considerasse conveniente. No folheto, aparecia uma ilustração da mansão que transmitia serenidade e na qual se via casais a passear junto dos salgueiros e do lago dos cisnes.

Não havia nenhum indício na carta nem no folheto, do ruído metálico e insistente que ressoava pelos corredores, que os acordara a todos nessa manhã e que continuara durante o sermão seco e irado do primo Edward pela insensatez cometida por se ter livrado de Larkin com uma desculpa inventada e ter ficado sozinho com Jervaulx, que não se interrompera enquanto o primo Edward lia a correspondência e Maddy arquivava as cartas, que continuou enquanto Maddy escrevia o ditado Com dedos trémulos. O ruído e os gritos ferozes continuavam, continuavam e continuavam. Pancada: *tangente!* Pancada: *distância!* Pancada: *ao quadrado!* Pancada: *menos!* Pancada: *Mais um!* Pancada: *x dois!* Pancada: *Mad-i!* Pancada: *Mad-i!* *Mad! Mad! Mad!* Ultrajado, desesperado. Uma e outra vez até que a voz se tornou rouca e áspera. Suplicante e lastimosa, e foi-se desvanecendo até se reduzir a uma sílaba inarticulada que pontuava as pancadas contra as barras de ferro da porta.

Maddy não o considerara um louco na noite anterior, mas naquela manhã sim, já acreditava na sua demência. O conselho acertado do primo Edward era evidente - não o deveria ter perturbado, não deveria ter ido visitá-lo daquele modo. Todas as pessoas da casa eram presas da agitação, os

restantes pacientes estavam nervosos. Maddy ouviu o primo Edward dar instruções a Larkin para que explicasse ao Sr. Christian que lhe iriam pôr a camisa-de-forças, que o iam levar para a cela de isolamento e deixá-lo-iam ali se antes do meio-dia não tivesse melhorado o seu comportamento.

Maddy já estava inteirada da existência da cela de isolamento. Fazia parte essencial da terapia moral colocada em prática em Blythe-dale, o controlo do comportamento dos pacientes mediante o recurso do apelo à sua dignidade, ao equilíbrio subtil entre dar-lhes ânimo e recorrer à intimidação, conforme o caso. O primo Edward dera-lhe um exemplar do livro do Sr. Tuke *Descrição do Retreat*, o famoso manicómio *quaker* de Nova Iorque que fora o pioneiro no tratamento moral e humanista dos lunáticos. Não teve tempo para ler mais que uma parte, mas já todo o mundo ouvira falar do Retreat. No folheto acerca de Blythedale salientava-se a extensa formação e a experiência inestimável que o primo Edward adquirira nos oito anos em que trabalhara no centro de Nova Iorque, sob a supervisão do Dr. Jepson. Tinha-se sempre de falar aos lunáticos como se fossem pessoas lúcidas, na medida do possível, para se tentar avivar neles a chispa da razão. Tinham que ser tratados com delicadeza e amabilidade, mas fazê-los entender que as suas circunstâncias e a sua liberdade dependiam em grande parte do autocontrolo. Tal como com as crianças, seriam isolados se não se comportassem como deviam, depois de lhes terem sido dadas todas as oportunidades de o fazer.

As onze e meia, quando o primo Edward se retirou para se juntar à mulher, ainda ressoavam nos corredores as pancadas insistentes e a voz violenta que, agora, já não proferia palavras mas que se transformara num som gutural, entrecortado, mais próprio de um animal, e que acompanhava as pancadas nas barras de ferro. Maddy sentiu que não conseguiria ouvir aquilo nem mais um momento. A culpa era dela. Se ele merecia um castigo, ela não queria acomodar-se e esquivar-se ao que provocara. Sem outro objectivo óbvio para além de se castigar a si mesma pela insensatez da própria inércia, pediu a uma das criadas que lhe indicasse onde ficava a cela de isolamento. A rapariga conduziu-a até às escadas de acesso à cave.

- É a terceira porta à direita, *miss*. Mesmo ao lado das casas de banho novas.

Maddy desceu as escadas. A cada esquina que dobrava, os sons violentos do piso superior iam-se desvanecendo, até que chegou a um corredor silencioso. O ar estava frio, mas as paredes eram caiadas e ao fundo havia um candeeiro a gás que ardia ininterruptamente e proporcionava uma boa iluminação. A terceira porta da direita estava aberta e dava para uma sala pequena, sem janelas, com chão de madeira com um banco embutido numa das paredes.

Não era a câmara de horrores que imaginara. Nada mais era do que uma cela completamente limpa, austera, fresca sem ser fria. Em cima do banco encontrava-se uma Bíblia, como se convidasse alguém a ler e a meditar em silêncio. Na pequena sala, Maddy viu de repente a parte *quaker* do primo Edward, algo de que se parecera afastar tanto na vida quotidiana.

Parecia-se com uma sala de assembleias *quaker*. Um lugar onde guardar silêncio, e ouvir uma voz suave e inalterada. A voz da Luz Interior. De pé no centro da cela, pensou que Jervaulx estaria ali bem.

E, no entanto, o silêncio inquietava-a. Passara grande parte da vida no silêncio das reuniões e nunca se sentira incomodada. Ouvira, esperara, e também em certas ocasiões acreditara ter tido uma verdadeira experiência da Luz Interior - embora nunca se tivesse sentido impelida a falar nem a dirigir as reuniões. E, apesar de ser uma blasfémia prever essas coisas, era-lhe difícil imaginar-se impelida a fazê-lo. Não tinha nem a postura, nem a autoconfiança que o duque tinha.

A postura que Jervaulx *tivera*.

Pensou nele como era agora. Nas algemas, na raiva que o rosto dele reflectia, no som quebrado em que a sua voz se transformara.

Não dormira nada na noite anterior. Permanecera estendida na cama, acordada, como fizera na noite em que a mãe morrera, a esforçar-se por aceitar algo que parecia impossível poder alguma vez aceitar.

O silêncio. Existiam muitos tipos de silêncios: o silêncio aberto e expectante de uma Assembleia; o silêncio tranquilo da família e do lar no qual as palavras eram desnecessárias; o

silêncio cheio de pássaros e flores de um jardim vazio.

Durante meses, Christian não dissera nada. Nem uma única palavra. O relatório diário que o primo Edward escrevia com tanto cuidado repetia-o dia após dia: *mudo, intratável, não cooperante, violento*.

O diagnóstico do primo Edward afirmava que se tratava de demência, de loucura moral, que estava reduzido à natureza animal.

Maddy olhou a Bíblia, mas não lhe tocou. Fora educada para pensar que as Escrituras continham a palavra divina, útil e necessária, mas jamais superior à presença de Deus no coração. No silêncio da cela nua sentiu o formigueiro lento da verdade a abrir um caminho no seu interior, a consciência de que estava encarregada de executar uma tarefa, que o homem que se encontrava no piso superior e que batia contra as barras de ferro da sua jaula a estava a *chamar*, que para ele aquela sala não ia ser um lugar espiritual, mas sim uma prisão, uma ameaça que utilizariam contra ele. Não entendia o silêncio, não o conhecia como ela.

Endireitou-se. Não se tratava de uma criança de dois anos. Não perdera a razão.

Não está louco. Está enlouquecido.

O pensamento atingiu-a com tanta clareza que teve a sensação que alguém lho dissera em voz alta.

Teve a impressão que algo a abandonava, uma presença que só soube que existia quando desapareceu. A cela deu-lhe a impressão de ser mais lúgubre, de se assemelhar menos ao interior limpo de uma casa de reuniões e mais a um pequeno espaço de reclusão nas profundidades frias de uma cave.

Jervaulx não perdera a razão. Tinham-lhe roubado as palavras. Não podia falar e era incapaz de entender o que diziam.

As pancadas e os gritos, a raiva e o desespero, pareciam de repente absolutamente racionais. Não eram obra de um demente reduzido à loucura pelo cumular de todos os seus vícios, mas de um homem Itícido, frenético e frustrado. Aquele duque insensato que conhecia as lunções periódicas e as séries infinitas de Fourier, que era capaz de criar a sua própria geometria, que fora livre e eloquente e até - à sua maneira autoritária - generoso, e que estava agora enclausurado, algo que o conduziu ao desespero.

Maddy sentiu-se muito humilde. Deus nunca lhe falara com tanta clareza. Ela não era um dos ministros, não pertencia àquelas mulheres e àqueles homens que tinham o dom da palavra nas reuniões e na rua. Limitava-se a prosseguir com a vida que lhe parecia que devia seguir, um dia atrás do outro.

Mas aquele era um dever específico que lhe tinham depositado sobre os ombros. Que objectivo tinha Deus ao fazer recair aquele sofrimento sobre Jervaulx não era algo que ela pudesse dizer que compreendia - embora não necessitasse de um enorme conhecimento divino para tentar adivinhar. Não lhe tinha sido pedido que lhe fizesse sermões, nem que o julgasse naqueles momentos tão difíceis.

O que lhe era exigido era algo de muito mais simples. Que não o abandonasse enquanto ele fosse vítima daquele sofrimento.

Maddy sabia muito bem que o primo Edward não ia gostar daquilo. Proibira-lhe expressamente que pisasse o corredor dos violentos. Existia todo o tipo de argumentos razoáveis contra aquilo que ela tinha a intenção de fazer.

Pensou nalguns deles enquanto subia as escadas e se aproximava da cela de Jervaulx. O ruído ritmado aumentava de volume. Estava enganada. Não era a pessoa certa. Não estava preparada para uma tarefa de tal magnitude. Que conhecimentos tinha de medicina ou do tratamento da loucura? Agora já não ouvia a voz, apenas as pancadas. No resto do manicómio parecia reinar um silêncio estranho, não se ouvia os sussurros nem os murmúrios do dia anterior. Era como se todos os outros estivessem penderes do som de metal contra metal, como se ouvissem enfeitiçados.

Dobrou a esquina. Larkin estava sentado a meio do corredor, numa cadeira inclinada cujas pernas de trás estavam apoiadas à parede, e o crânio reluzia sob o cabelo rapado. Tinha um relógio

de bolso em cima do joelho, e brincava com a corrente ao ritmo das pancadas.

- Faltam três minutos - declarou em voz alta, sem se dirigir a ninguém em especial.

As pancadas continuaram a sua cadência sem qualquer tipo de pausa. Viu Maddy e a cadeira deslizou até embater no chão com um ruído que quase se perdeu no meio daquele estrépito.

- Amigo Larkin - disse Maddy, e forçou a voz para que ele a ouvisse -, vim falar com Jervaulx.

De repente, as pancadas nas barras pararam.

A surpreendente ausência de som fez com que lhe zumbissem os ouvidos. Larkin olhou para a porta do quarto de Jervaulx e depois para Maddy. Franziu a testa.

- Não deveria estar aqui, *miss*.

A voz do homem soava estranha e oca, envolta nos ecos imaginários de um som que já desaparecera.

- Mas estou.

- Ontem à noite já me causou bastantes sarilhos e não preciso de mais.

- Então, vai falar com o meu primo se quiseres. Na verdade, não te quero causar quaisquer problemas.

- Não o posso fazer, *miss*. Dentro de pouco tempo, tenho de levar o duque para a cela de isolamento. Terá que sair do corredor.

- Só terias de o levar se não se calasse antes do meio-dia, não é verdade? - Apontou para a porta e acrescentou: - Calou-se.

Como se lhe quisesse dar razão, o relógio do vestíbulo começou ai bater e o eco das badaladas lentas ressoou pelas escadas acima.

Larkin não pareceu satisfeito com o que acontecera. Maddy preparou-se para continuar a andar e ele levantou a mão para a deter.

- Não, *miss*. Faça-nos um favor e não o volte a entusiasmar. *Miss*, por favor...

Jervaulx estava de pé atrás das barras da porta, as mãos a agarrar as grades com força. Assim que a viu, os dedos e o maxilar perderam a rigidez e descontraíram-se. Abriu os lábios como se quisesse falar, e voltou a fechá-los com força. Afastou-se da porta e, na penumbra do quarto, inclinou ligeiramente a cabeça e estendeu a mão através das barras como se se tratasse de uma dama e não existisse uma porta de ferro entre ambos.

Não! - gritou Larkin e antecipou-se. - Pode matá-la, *miss*. Pode estrangulá-la em menos de um minuto, se a agarrar através das grades.

Maddy, consciente que aquilo era verdade, hesitou durante alguns segundos e viu que Jervaulx se apercebia do seu receio. Fechou a mão e afastou-se da porta, a mover-se como um fantasma, uma figura silenciosa que deslizou até à janela e permaneceu ali com o olhar perdido no exterior.

E Maddy percebeu que fracassara. A voz de Larkin fora a voz da Razão, a voz do mal, que lhe segredaria sempre ao ouvido argumentos e provas, e a faria duvidar da sua própria Verdade. Nada mais era que a primeira prova e já tinha hesitado.

Maddy observou Jervaulx durante um momento e voltou-se para Larkin.

- Por favor, vai dizer ao meu primo que venha até aqui. Podes dizer-lhe que tive uma revelação, e que preciso de falar com ele.

Uma revelação? - O auxiliar olhou-a irritado. - Não sei o que está a tentar dizer, mas não me vou afastar daqui nem deixar que faça um disparate.

- Vou ficar aqui sentada - disse Maddy e apontou para a cadeira -, prometo-te, não farei nada.

- E se ele recomeçar? Agora está calmo. Mas a menina vai fazer com que fique agitado.

- Jervaulx. - Maddy aproximou-se da porta e estendeu-lhe a mão entre as grades, apesar do olhar de protesto de Larkin. - Incomoda-te que eu fique aqui?

Ele olhou-a por cima do ombro.

- A responsabilidade é sua, *miss* - avisou-a Larkin. - Apenas sua! Depois do que ele fez

ontem...

Jervaulx lançou ao homem um olhar de profundo desprezo. Olhou para Maddy por instantes e, de seguida, deu meia volta, e com um gesto brusco e desdenhoso recusou a mão que ela lhe estendia.

Se a tivesse esbofeteado, não se teria exprimido melhor. Maddy deixou cair a mão.

- Por favor, vai buscar o meu primo - pediu a Larkin, friamente.

- Não vai tentar nada quando eu me afastar? Maddy sacudiu a cabeça.

- Prometo.

- Não me parece que vá ficar durante muito tempo neste lugar, *miss* - murmurou Larkin, a sacudir a cabeça e, depois de se virar, percorreu o corredor a grandes passadas e desapareceu na esquina.

O silêncio instalou-se.

Jervaulx continuou a olhar pela janela.

- *Besta* - disse com uma inflexão explosiva que encerrava um ódio e um desprezo absolutos.

Depois, sem se virar, olhou de lado para Maddy com uma expressão inquiridora, a franzir uma sobrelanceira com um ar ligeiramente desafiador.

- Sim - respondeu ela e salientou a palavra com um gesto de assentimento. - Uma verdadeira *besta*.

Jervaulx cruzou os braços, encostou as costas à janela de grades, e adoptou uma postura insolente. A de um cavalheiro pálido, aprisionado pelo silêncio e pela penumbra. Um sorriso lento curvou-lhe os lábios.

Se estava louco, Maddy não podia confiar nele. No dia anterior pousara a cabeça nas barras de ferro e olhara-a com a mesma expressão desconfiada e arrogante para, um instante depois, lhe encostar ao pescoço uma navalha da barba.

Tem cuidado, murmurou a voz da Razão. É forte. Intimidante. Não está lúcido.

Maddy devolveu-lhe o olhar. Deixou que, como resposta, a sombra de um sorriso se lhe reflectisse nos lábios.

- *Besta* - disse decidida.

O meio sorriso do homem era como uma luz na obscuridade da pequena cela.

- *Besta* - repetiu ele, malicioso e satisfeito. Maddy cruzou as mãos.

- Parece que estamos de acordo.

Não voltou a proferir palavra, mas olhou-a através das barras de ferro com aquele sorriso mudo e irónico.

Receio que isso seja totalmente impossível - disse o primo Edward a Maddy. - Para além da tua inexperiência e da falta de decência de seres auxiliar particular do duque, é simplesmente... absurdo. Pensa em como seria perigoso para ti, prima Maddy. Não te podes ter esquecido do incidente de ontem.

- Não esqueci. Tive uma revelação.

- Sim, muito bem, compreendo isso, mas não estamos numa reunião, minha querida. Estamos num manicómio.

Ela olhou-o com uma expressão séria.

Queres dizer que Deus não está aqui? Larkin resmungou. O primo Edward corou ligeiramente e olhou aborrecido para o enfermeiro.

- É claro que Deus está aqui.

- Tive uma revelação - repetiu Maddy, sem se alterar. - Mostrou-me o caminho que devo seguir.

O primo Edward franziu os lábios.

- Nunca pensei que o quisesses, mas se queres realmente trabalhar Com os pacientes de um modo directo, posso designar-te para ajudares a encarregada das senhoras durante a tarde.

É isso, sussurrou a voz da Razão. Dedic-te a isso. Será menos perigoso. Mais fácil. Mais decoroso.

- Noutras circunstâncias, adoraria ajudar a encarregada - respondeu -, mas é-me exigido que me encarregue de Jervaulx.

O médico começou a corar.

- Sinto-me atónito por até pensares numa situação tão pouco própria, prima Maddy. É impróprio da tua pessoa.

- Dediquei-me a trabalhos de enfermeira durante grande parte da minha vida. Tenho experiência com doentes de ambos os sexos. -Maddy continuou a falar de uma maneira tranquila. - Mas, mesmo que assim não fosse, não tinha qualquer importância. A minha tarefa é encarregar-me de Jervaulx.

- Bom, está bem. - O primo Edward sacudiu a cabeça e sorriu. - Onde é que te ocorreu algo de tão fantástico?

- Na cela de isolamento - respondeu ela com simplicidade. - Ali mostrou-se-me a Verdade e a Luz.

- Eu lembrar-lhe-ei a verdade e a luz - interrompeu-a Larkin. - Quando ele lhe partir o pescoço, eu recordar-lho-ei.

- Ele *não* me vai fazer mal nenhum.

- Sabe tão pouco, *miss*. É frequente dar murros. Já mais de uma vez que quase me partia um braço e, como se pode ver, eu sou um tipo grande. Transformaria em pedaços e num instante uma mulher minúscula como a menina.

Será melhor que lhe prestes atenção, aconselhou a voz da Razão. Ele sabe de que é que está a falar.

- E, no entanto, quando viu que ia falar com ele acalmou-se. Larkin fez uma expressão de desprezo.

- Isso não quer dizer nada, *miss*. Não conhece os da categoria dele. Só está aqui há um dia. Não se pode voltar as costas a um maníaco!

- Lamento dizer-te que isso é verdade, prima Maddy. Não te podes deixar enganar por uma aparente exibição de inteligência num doente deste tipo. Fazemos tudo o que está nas nossas mãos para incentivar o comportamento razoável e civilizado mas, verdade seja dita, o estado em que o duque se encontra não nos permite confiar nele, nem considerá-lo como a um ser humano.

Nas reuniões de Maddy havia uma mulher-sacerdote, aquela que lhe falara da voz da Razão e do quanto eram subtis e inteligentes os seus argumentos, que tinha o dom de olhar sem hesitações e com grande efeito os olhos dos desorientados. Sem pestanejar, Maddy olhou o primo Edward do mesmo modo.

- Quero dizer... - disse ele, depois de pigarrear ligeiramente - ... talvez não me tenha expressado bem. Claro que é um ser humano, uma criatura de Deus, como todos nós. Mas o teu bem-estar é da minha responsabilidade, Maddy.

- És responsável pelo bem-estar de Jervaulx.

- Minha querida, não podes tratar dele. É absurdo e não o permitirei.

Maddy não mostrou como se sentia inconformada. Não o ia convencer com motivos, nem discussões. Não preparara antecipadamente o que lhe ia dizer. Se era a vontade de Deus, surgir-lhe-iam as palavras adequadas.

Perante aquele olhar silencioso, o primo Edward encolheu os ombros e mexeu os pés, como se ela o tivesse feito sentir-se incomodado.

- É impossível. Receio que não o compreendas.

- Primo Edward - disse ela -, quem não compreende és tu.

Ele fechou os lábios e franziu a testa.

- Pensa na Luz Interior - disse Maddy com doçura. - Será que te esqueceste da sua existência?

Ele continuou de testa franzida, a olhá-la. Mas, na verdade, não era para Maddy que olhava.

- Eu não sei nada desses disparates de uma «luz» - disse Larkin, num tom beligerante -, mas nunca ouvi nada tão estúpido em toda a minha vida, doutor. Lamento tê-lo feito perder o seu tempo deste modo, mas *miss Maddy* recusou-se a tudo a não ser que o doutor viesse até aqui e falasse com ela acerca da tal «revelação».

O primo Edward olhou para o auxiliar. Quando voltou a dirigir o olhar para Maddy, ela susteve-o sem pestanejar. Larkin continuava a pairar, falava de luzes e revelações, e dizia que aquilo não passava de uma enorme exibição de ignorância, e a cada palavra que proferia ofendia cada vez mais as crenças de um amigo.

O primo Edward ficou imóvel no corredor. Maddy viu o momento em que ele deixou de ser um *quaker* não praticante, incomodado pelo desprezo não intencional que se fazia às suas origens, e começou a olhar e a ouvir noutro sentido.

As observações de Larkin transformaram-se num resmungo de irritação. No interior da cela, Jervaulx era uma sombra, branca e imóvel, que os observava através das barras de ferro. O silêncio reinava por toda a casa, um silêncio profundo e expectante.

O primo Edward virou-se para Larkin e pediu-lhe a chave.

6

O que é que estão a dizer, argumentos e asserções que vão e vêm sem parar, conversa atropelada, a Besta com o rosto avermelhado e Maddy imperturbável. Christian não percebia nada. Surpreendeu-se quando o homem que dava as ordens, aquele pálido, gorducho e de unhas bem tratadas, enfiou a chave na fechadura e abriu a porta, e ficou atônito quando ela entrou sozinha. Parecia um pouco assustada. Podia ter motivos para isso, mas ele não gostou. *Não lhe faço mal, nunca faço mal a uma mulher, maldita seja.*

Depois de um momento de hesitação, Maddy atravessou a cela. A mão dela assustou-o. Quando lha estendeu, pareceu surgir do nada. Era assim que as coisas aconteciam, surgiam de repente à frente dele vindas do nada, *sons que rebentam de repente fazem ruídos estranhos, as coisas escondem-se, aparecem ali e já lá não estão. PORQUÊ!* Enfurecia-o. Aterrorizava-o. Queria que as coisas permanecessem no mesmo sítio. Olhou-a. Ela apertou-lhe a mão, como um homem, com a mão direita, uma mão que pega noutra, mas a dele permaneceu inerte. Sentia-se impotente, confuso e cheio de vergonha enquanto abria e fechava os dedos da mão direita. Olhou-a nos olhos, *inútil não se mexe,* incapaz de lho explicar, a respirar com dificuldade, tenso perante o esforço de obrigar o corpo a obedecer aos seus desejos.

Então, ela pegou-lhe na mão com firmeza e moveu-a de cima para baixo.

Christian sentiu os dedos dela entre os seus, suaves e frios, e, como se uma neblina se desvanecesse e revelasse uma paisagem oculta, soube o que queria fazer e que o podia fazer. Um pouco mais galante, aproximou a mão dela dos lábios e depositou um pequeno beijo ao mesmo tempo que lhe apertava os dedos suavemente.

Solteirona, puritana, corça melindrada, olhos bonitos. Sorriu-lhe. Ela humedeceu os lábios. A Besta resmungou ameaçadora. Christian dirigiu um olhar para além dela e das barras de ferro, e viu a expressão daquele rosto, viu que com o seu gesto provocara no auxiliar mais do que aquilo que ele era capaz de suportar e que, chegado o momento, pagaria por isso.

O outro, *médico sangria amo osso... sangria,* não se alterou, continuou com o mesmo ar culto e paternal. Christian percebeu que o estavam a submeter a um teste. Voltou a concentrar a atenção em Maddy observou-a com um olhar intenso, decidido a não deixar perder aquela oportunidade. A Besta estava no exterior, ela no interior. Era uma melhoria que não se podia dar ao luxo de perder.

Quando ela apontou para a cadeira com um gesto, sentou-se. Quando lhe ofereceu água, bebeu. Quando lhe falou, cravou o olhar na boca dela e tentou encontrar um sentido para a torrente de sons que lhe saía dos lábios.

Enfureceu-se ao ver que não o conseguia. Tudo lhe irritava desde que saíra da escuridão e

do cansaço confuso e vazio de palavras, vazio de si mesmo. Mal se conseguia controlar. Momento após momento, apetecia-lhe pegar nalguma coisa e atirá-la ao ar. Mas não havia nada em que pudesse pegar. Tinham retirado da cela tudo aquilo em que ele pudesse pegar. Maddy olhou-o com doçura e esperança, e ele lembrou-se a tempo que agora não se podia deixar levar pela ira.

Quando chegou o tabuleiro com a mesma comida intragável do costume - sopa de cordeiro, arroz branco, pudim de pão e água de cevada -, ficou a olhá-la durante um longo momento, enquanto interiormente se rebelava cheio de fúria. Ela aproximou-se dele e, por fim, agarrou na colher.

Não.

Não, isso era uma coisa que não podia tolerar.

Esteve prestes a pegar no tabuleiro com a sopa e com o resto, e a atirá-lo para o outro lado do quarto. Esteve quase a fazê-lo. Mas, em vez de o fazer, estendeu a mão e agarrou no pulso dela. Imobilizou-a, limitou-se a agarrá-la, e depois com toda a calma que conseguiu pressionou-a para baixo até a colher repousar no tabuleiro.

Maddy soltou a colher. Ele pegou nela e comeu aqueles restos plebeus, *olhem o animal no jardim zoológico, malditos sejam!* E sentiu-se degradado até ao mais fundo de si mesmo. A sua raiva e repugnância era tanta que cada bocado se transformava numa batalha. Mas fê-lo. Fê-lo para que ela ficasse ali e para enfurecer a Besta da única maneira que descobrira até ao momento.

E aquela era a prova. Superou-a. Pela primeira vez desde que despertara daquela profunda letargia em que estava imerso quando o tinham levado para aquele lugar, sentara-se de vontade própria e comera como um ser humano.

Era assim que os outros o veriam.

Pensou na sua mesa e no cozinheiro que tinha em casa, em pratos cujos nomes lhe surgiam estranhamente na mente, *les filets... volaille à la maréchale*, no chocolate, na *la dame saumon... soufflés d'abricos...* olhou para a sopa gordurenta de cordeiro e o ódio quase lhe provocou náuseas.

Mas Maddy estava radiante, o que o tornou simultaneamente esquivo e satisfeito. Achava que a podia perdoar, *tão simples com os seus tus não conhece nada de melhor do que pão de centeio cerveja pudins.*

Quaker. Quaker, sim, mas não o podia dizer em voz alta nem tinha vontade de o tentar.

Ultrapassou a maldita prova, e deixaram que Maddy ficasse ali com ele, sentada à porta da cela. *Músculos trémulos fraqueza...* o cansaço avassalou-o, aprisionou-o. Encostou-se às barras para não a perder de vista. *Não posso... falar... dizer Missmaddy... fica. Fica.*

Pelo menos até à noite, quando a Besta voltou. Christian não confiava nele e não lhe deu qualquer motivo para que utilizasse a força. Deitou-se na cama estreita como um cão obediente. À espera que chegasse o momento... algo que tanto ele como a Besta sabiam que ia acontecer.

Ela voltou de manhã com o homem das sangrias *fala sem sentido, escreve caderno. O que é que escreve no caderno? Mentiras. Mentiras. Consulta o caderno. Sangrias? Banhos? Que Deus me guarde.*

Chegaram dois novos auxiliares e soube que tinha de ir tomar banho. Olhou para Maddy, apenas uma vez, e lançou-lhe um olhar em que concentrou toda a súplica de que foi capaz.

Ela respondeu-lhe com um sorriso de ânimo.

Não fazia ideia. Tinha que acreditar que ela não sabia de nada e, agora que pensava naquilo, não quis que soubesse o que lhe podiam fazer.

Apareceram três auxiliares para o levar, mas desta vez controlou as reacções, impôs-se a si mesmo. Deixou que lhe colocassem umas mangas de couro e que lhe atassem as mãos. Normalmente, utilizavam a camisa-de-forças, mas se se mantivesse calmo não tinham desculpa para o fazer na presença do médico que cuidava das mãos. Christian sabia-o. Transformara-se num perito em acorrentamentos, num esteta que distinguia os diferentes tipos de mortificação, do menor ao maior. Mangas de cabedal, algemas, cadeira, camisa-de-forças, açaim.

Não voltou a olhar para Maddy. Afastou-se mentalmente daquele lugar. Era essa a sua única esperança, a única maneira de aguentar. Desceu com os auxiliares até à cave, deixou que lhe colocassem o açaime de couro que lhe cobria totalmente o rosto, deixou que o despissem e o conduzissem às cegas, permitiu que o deixassem de pé durante um longo período de tempo, sem saber quando chegaria o momento até que, com um empurrão, caiu de costas no banho.

Gelo! Frio gélido agonia intensa. Gelo!

Empurraram-no para baixo, mais de uma vez, e colocaram-lhe uma barra metálica sobre os ombros para o obrigar a enfiar a cabeça debaixo de água. Da terceira vez, o peso da barra manteve-o debaixo de água até que sentiu o peito oprimido, e apertou os punhos com força e sentiu verdadeiramente medo. E quando emergiu, a Besta inclinou-se sobre ele, olhou-o através dos orifícios do açaime, através das gotas de água gelada, e sorriu.

Christian devolveu-lhe o olhar. O açaime húmido apertava-lhe o nariz e a boca. Estremeceu de frio. O corpo começou-lhe a tremer com espasmos incontrolláveis. Tiraram-no do banho e deixaram-no ali a tremer, a gotejar, a ouvi-los enquanto falavam como se ele não existisse, isolado, incapaz de ver mais do que uma fresta de luz à sua frente.

A Besta disse qualquer coisa nas costas de Christian e atirou-lhe uma toalha para os ombros. Christian inclinou-se para trás, deu meia volta e projectou o ombro e o cotovelo contra o corpo da Besta. A borda da banheira, mesmo à altura da canela, serviu de ajuda, tanto à Besta como a Christian. O auxiliar, para não cair, agarrou-se ao ombro de Christian e os dedos deslizaram pela pele húmida quando Christian se afastou, e de seguida ouviu-se um grito e um mergulho que atirou água por todos os lados. Gotas de água gelada salpicaram as pernas de Christian.

Os outros dois auxiliares acharam a cena muito divertida. As gargalhadas e o ruído do mergulho numa espécie de cascata de água ressoaram pelas paredes da cave. Christian permaneceu imóvel, sem sorrir atrás do açaime, *baleia enorme molhada sai da água*. Ficou no mesmo sítio quando ouviu a Besta a aproximar-se dele e a água que caía e salpicava o chão de pedra. A barra de metal atingiu-o nas costas, sentiu uma explosão de dor que o deixou sem fôlego e o fez cambalear para não perder o equilíbrio. Os outros auxiliares afastaram a Besta de cima dele e conseguiram evitar um verdadeiro espancamento.

Os auxiliares controlavam-se uns aos outros. Tinham o seu próprio código primitivo. Sabiam que a Besta o mantivera debaixo de água durante demasiado tempo. E afinal, Christian era um louco. Eram-lhe permitidas algumas brincadeiras.

A Besta afastou-se para se secar e Christian, de regresso à cela, coberto com uma bata azul que nem sequer era sua e que o horrorizava, viu que tinha Maddy para o ajudar a vestir-se.

Vestir-se de camponês.

Christian olhou repugnado a roupa vulgar estendida à sua frente.

- Não - disse.

Cruzou os braços, apertou os dentes com força para evitar que batessem e endureceu os músculos para evitar o estremecimento que se apoderou dele e que fez com que vagas de dor lhe percorressem as costas.

A Besta teria pedido ajuda, tê-lo-ia atado e ter-lhe-ia vestido à força a camisa dos loucos em vez da roupa. Christian esperou para ver o que Maddy fazia, e tentou esconder os arrepios que o percorriam de cada vez que respirava. Tinha o cabelo molhado. O frio chegava-lhe até aos ossos. Não era sua intenção envolver-se numa batalha de vontades e arriscar-se a que a Besta regressasse. Precisava desesperadamente de Maddy, precisava da sua figura calma e erguida, sentada na cadeira à porta da cela. *Branca engomada... touca... paz.*

- «Oque é que se passa?» - perguntou-lhe ela.

Olhou-a irritado. *O que é que se passa?* Era isso que ela queria dizer?

Roupa decente!, quis gritar. *Não estes trapos horríveis e mal cosidos!*

Pegou no casaco com a intenção de lhe mostrar as costuras malfeitas, as casas dos botões fora do lugar, mas não o conseguiu fazer. Nada mais fez senão segurar o casaco, de novo imerso na confusão, perdido entre a intenção e a acção.

Com um resmungo de frustração, atirou o casaco para o chão. Um estremecimento forte percorreu-lhe o corpo.

- «Arpios?» - perguntou ela.

Tocou-lhe na mão, pegou nela entre as suas, mas era incapaz de se manter imóvel, incapaz de controlar os arrepios ou de evitar as punhaladas de dor nas costas de cada vez que respirava. Soltou-lhe a mão, aproximou-se da janela, e agarrou-se às grades que pareciam quentes em contacto com as mãos geladas.

Maddy permaneceu calada durante um longo momento, atrás dele. Christian percebeu que os arrepios não lhe passavam despercebidos. Mas o que é que interessava? Encostou a testa às grades e deixou de lutar contra eles.

A alavanca de bronze que controlava a campainha chiou. Não tinha cordão para a fazer tocar, seria demasiado fácil para um homem enforçar-se com um cordão de veludo. Christian já pensara naquilo, mas eles tinham-se-lhe antecipado. Tinham tudo previsto, tinham anos de experiência. Um auxiliar ignorante como a Besta tinha um sexto sentido para prever qualquer tipo de resistência e vencê-la. Christian era mais novo, mais rápido e mais alto. E, que Deus o ouvisse, esperava que a sua inteligência fosse maior do que a daquele indivíduo, mas a Besta conhecia todos os truques. O que acontecera com a navalha de barbear e o incidente no banho tinham sido as primeiras vitórias verdadeiras que Christian conseguira, mas sentia punhaladas de dor nas costas, no sítio onde a barra de ferro o atingira, e cada vez que se voltava provocavam-lhe um tormento insuportável.

Ouviu a voz da Besta no corredor e ficou tenso, enquanto um novo calafrio lhe surgia do fundo dos músculos. Mas não se ouviu o ruído da porta de barras a abrir-se. Maddy falou, a Besta gaguejou, e de seguida assentiu com um grunhido. Os passos pesados do homem perderam-se na distância.

Christian virou-se. Missmaddy olhava-o com as sobrancelhas ligeiramente franzidas, enquanto mordida o lábio inferior. Quando os olhos de ambos se encontraram, sorriu ligeiramente.

- «Ten nhocarvão» - disse ela. *Nbocarvão?*

Maddy apontou para a lareira vazia, envolveu o corpo com os braços e fingiu que tremia.

Carvões. Carvões, fogo, sim. Nunca tinham feito aquilo antes. Limitavam-se a acender a lareira durante a noite.

Quis agradecer-lhe e não conseguiu. Fez um gesto rápido de assentimento.

Ela apanhou o casaco do sítio para onde ele o atirara e estendeu-lho. Enquanto ela o segurava, Christian levou a mão ao colarinho mal cosido, percorreu-o com os dedos e assinalou-lhe as casas malfeitas.

- «Nãoco mpreendo» - disse Maddy, e dirigiu-lhe um olhar de impotência.

Christian cerrou os dentes e estremeceu. *Está bem. Uma nova prova.* Tocou-lhe na manga, percorreu com os dedos a parte interna do braço dela, em que os pontos minúsculos, embora simples, eram invisíveis, perfeitos e elegantes, tal como o vestido negro de colarinho branco era um exemplo de simplicidade. Depois os dedos percorreram a mesma costura, daquela vez no casaco.

Maddy olhou para o braço e depois para a manga do casaco. Sacudiu a cabeça.

- Lamento - disse. - «Nãoco mpreendo.»

Christian desistiu, arrancou-lhe o casaco da mão e gesticulou para que ela se fosse embora, e ele se pudesse vestir. Ela manteve-se firme. Christian agarrou-a pelos ombros, obrigou-a a virar-se e empurrou-a para a entrada.

- Não - respondeu Maddy, que se deteve junto da porta e virou-se. - «Aju davestir.»

Claro que sim vestir, e ela sai, a decência das mulheres percebe. Mas, obstinada, ela não se moveu. A Besta entrou, ruidosamente, com um balde de carvões. Prudentemente, Christian afastou-se um pouco dele. Depois de acender a lareira, falaram os dois entre eles, a Besta encolheu os ombros e fez um gesto de assentimento ao que quer que ela tivesse dito, lançou um olhar estudadamente apático a Christian, e saiu fechando a porta atrás de si. Deixou de se ver o corredor.

Christian cravou os olhos nela. *Não pensava... Santo Deus... não estava à espera que se*

vestisse ali, à frente dela!

Mas ela não se mexeu. Aproximou-se dele, agarrou-o pela bata, e começou a desabotoá-lo com destreza como se o tivesse feito durante todos os dias da sua vida.

Christian agarrou-a pelo pulso e afastou-lhe o braço com um som indignado. Apontou para a porta e deu-lhe outro ligeiro empurrão.

- «Queresquechamelark?» - perguntou ela. Ele respirou fundo e tentou encontrar as palavras.

- Qu...

Maddy não mostrou compreender a profundidade da disposição dele em relação a ela, que estava disposto a tentar falar, a deixar que ela o ouvisse.

- «Lark?» - repetiu com a mão na alavanca da campainha.

De repente, percebeu que ela tinha a intenção de chamar a Besta.

- Não! - exclamou e sacudiu a cabeça. - Não!

- Ajudo - disse Maddy e colocou a mão sobre o peito. - «Avestir te.» Um profundo calafrio percorreu o corpo de Christian. Manteve-se a uma distância prudente dela.

- «Ferreira» - disse Maddy. - «Tua. Ferreira.»

Enfermeira.

Então era aquilo. Maldita enfermeira. A sua enfermeira. E acharia ela que só porque se considerava enfermeira, que ele a ia deixar despi-lo como se fosse uma criança inválida? Acreditaria mesmo nisso?

Maddy sentiu-se intimamente aliviada quando aquele sorriso irónico tão familiar surgiu no canto dos lábios de Christian. Era óbvio que estava a sondar a posição dela. No entanto, se Larkin e o primo Edward voltassem e ainda o encontrassem de bata, o que pensariam era que não tinha autoridade para controlar a situação. Enquanto o consentimento dado pelo primo Edward às suas novas responsabilidades fosse tão precário, queria evitar desesperadamente a mais ínfima impressão que Jervaulx se estava a tornar ainda mais difícil de manobrar sob a influência dela.

Era mais difícil do que imaginara ter sempre presente que ele agia movido por um raciocínio adulto que podia não lhe ser óbvio. Aquele interesse pelas costuras da manga do vestido dela e pelo casaco, enquanto tiritava de frio, deixara-a desconcertada. O que queria era cobri-lo com roupa quente, secar-lhe o cabelo à frente da lareira e, quando chegasse a noite e Larkin a substituísse, tinha a intenção de investigar a verdadeira natureza dos banhos terapêuticos.

Daquela vez, quando pegou na camisa e se aproximou, Jervaulx permaneceu imóvel e deixou que ela se aproximasse. Maddy já vestira o pai um milhar de vezes. Seguiu uma rotina própria, um sistema que exigia que ele permanecesse sentado, coisa que Jervaulx fez docilmente quando o conduziu até à cama, embora ao fazê-lo tenha exibido uma pequena expressão de desagrado.

Mais uma vez, começou a desabotoar-lhe a bata. Quando já desabotoara o primeiro botão, reparou que ele a olhava atentamente, que o rosto dele se encontrava muito próximo do seu porque estava inclinada. Quando ia no terceiro, tornara-se demasiado consciente que aquele homem *não* era o pai, que a forma compacta dos ombros e dos músculos debaixo da bata não se assemelhava em nada. Quando chegou ao sexto, a sensação que a respiração dele, suave e regular, lhe produziu sobre as mãos enquanto as movia pareceu-lhe indecorosa e inaceitável.

Ergueu os olhos. O sorriso retorcido dele tornou-se mais profundo. Levantou a mão e com o indicador percorreu-lhe o maxilar, pegou-lhe no queixo e ergueu-o um pouco. Os olhos de ambos detiveram-se à mesma altura, apenas a alguns centímetros de distância.

Os dele eram de um azul-intenso.

Maddy afastou-se de repente. Endireitou-se e ouviu o ruído que os sapatos fizeram sobre o soalho de madeira ao mudar de posição.

Christian levantou-se. Sem dizer palavra, demonstrou que era ele que controlava a situação. Franziu um pouco as sobrancelhas, como se estivesse a perguntar se ela queria continuar. Maddy olhou para a bata aberta e desviou os olhos, ao deparar-se com algo inesperado e para lá da sua competência.

Ele encolheu os ombros. A bata deslizou-lhe pelas costas e caiu-lhe aos pés. Christian estendeu a mão para pegar na camisa.

Na verdade, Maddy tinha uma enorme experiência como enfermeira. Dera banho e vestira inumeráveis doentes, e nem todos do sexo feminino. Tinham recorrido a ela com frequência sempre que um membro da Assembleia precisava de ajuda. E, como era lógico, sempre se encarregara do pai...

Mas aquele homem não era o pai. Também não era uma criança nem um velho, nem se encontrava doente. Era algo que nunca vira até aquele momento. Um homem em toda a sua... a única palavra que lhe ocorreu foi plenitude, com a estatura, a estrutura óssea e a força de um adulto, em pé perante ela completamente nu e com a mão aberta para pegar na camisa.

Cada fibra do corpo de Maddy pedia para lhe atirar a camisa e sair dali a correr.

Mas viu o sorriso irónico e a raiva que escondia. O corpo dele impunha-se na pequena cela, poderoso e de ombros largos, impunha-se sobre *ela*. E ele sabia-o. A intenção dele era intimidá-la.

E conseguiu. Pelo menos, aquela agitação angustiante que se apoderara dela era muito semelhante ao medo. Estava consciente da força dele, mas também da simetria, do comprimento e forma soberbas daqueles músculos. O alarme e o nervosismo que sentia misturavam-se com uma admiração pura e instintiva perante o facto de alguém poder ter aquela postura. Alto, direito e insolente, e como Deus o trouxera ao mundo.

E Deus trouxera-o ao mundo cheio de atractivos e esplendor. O milagre da vida surgido do barro. Apreciar aquela beleza não lhe pareceu pior do que se deleitar a contemplar o voo de um falcão sobre os campos exteriores. Aquele falcão parecera-lhe uma maravilha, a ela que sempre vivera numa cidade. E a figura nua daquele homem não era mais original ou espectacular.

Colocou-lhe a camisa nas mãos. Ele levantou-se e vestiu-a, deixou escapar um ligeiro som entre os dentes, e moveu a cabeça para que o tecido lhe deslizasse pelas orelhas. O algodão branco deslizou até chegar às coxas, e ele avançou um passo como se ela não existisse, e pegou nas meias e nas calças dobradas.

Maddy virou-se para a janela, depois de ter captado claramente a mensagem dele. Apertou as mãos com força, entrelaçou os dedos, e sentiu vontade de lhe pedir desculpa, mas demasiado desgostosa para o fazer.

Não a tinham educado para respeitar a arrogância mundana nem a malevolência mas, de certo modo, não era errado que apesar daquele lugar, da dor dele, que apesar de tudo, ele mostrasse o seu desprezo por aquelas circunstâncias. Não era apenas um ser humano. Era um duque e não tinha qualquer intenção de que alguém o esquecesse. E muito menos uma simples enfermeira *quaker*.

Esperou até deixar de ouvir o som de movimentos nas costas. No exacto momento em que se ia virar, sobressaltou-se ao sentir a mão de Jervaulx no ombro.

Estava mais ou menos vestido. O casaco, as calças e o colete pendiam por abotoar, e os punhos da camisa pareciam ter-se perdido no interior das mangas do casaco. Olhou-a com uma expressão vazia enquanto movia o maxilar. A seguir recuou um passo e estendeu as mãos.

Era um gesto estranhamente vulnerável, brusco e contrariado. Não olhava para ela, mas sim para os pulsos, tal como um monarca olharia para um súbdito rebelde. Simultaneamente ofendido e indignado.

Maddy alargou-lhe as mangas e introduziu os dedos, primeiro numa e depois na outra, puxou os punhos da camisa para baixo e abotoou-lhos. Depois olhou-o.

- Não - disse ele, com um gesto rápido de assentimento, e que Maddy interpretou como um «sim». Fizera a coisa acertada.

As calças abotoavam-se dos dois lados do cóis. Maddy, que aprendem a lição, esperou que daquela vez ele lho pedisse. Christian fez uma ligeira tentativa para abotoar um dos botões do lado esquerdo com a mão esquerda. A seguir, depois de exalar exasperado, pegou-lhe no pulso. Pressionada pelo forte aperto dele, Maddy aproximou-se, abotoou rapidamente os dois lados sob as compridas fraldas da camisa e afastou-se assim que terminou.

Por aquele serviço, recebeu outro gesto afirmativo. A altivez inata do homem afastou qualquer indício de intimidade. Christian pegou no laço que estava sobre a mesa e estendeu-lho.

Maddy fez-lhe o nó, enquanto ele mantinha o queixo levantado.

Quando acabou, Jervaulx apalpou o nó, apertado ao estilo simples que Maddy utilizava com o pai e, impaciente, começou a fazer um gesto negativo com a cabeça.

- Não o sei fazer de outra maneira - disse ela, as palmas estendidas num gesto de impotência.

Por um momento, teve medo de o irritar. Ele franziu a testa de modo inquietante, mas de seguida a boca distendeu-se. Lançou um olhar de exasperação divertida ao tecto e com um pequeno movimento da mão apontou para o colete aberto e exigiu que também lho abotoasse.

Maddy fê-lo. A peça não lhe assentava bem. Estava mal confeccionada e era demasiado apertada. Os botões repuxavam-na de um modo inestético. Surpreendeu-a que ele o tolerasse, já que sabia como ele era exigente com a confecção da roupa.

Mas parecia aceitá-lo, e voltou-lhe as costas para pegar na toalha húmida e secar o cabelo. Ao lado da bacia de metal, havia um pente. Utilizou-o sem hesitar.

Depois de ter penteado o lado esquerdo com a mão esquerda, deteve-se. Pousou o pente sobre a mesa e permaneceu imóvel durante um momento a olhá-lo. Olhou para Maddy enquanto abria e fechava os dedos desajeitadamente. De seguida, fechou os olhos, tacteou a superfície da mesa à procura do pente e agarrou-o com a mão direita para acabar de pentear do outro lado.

A única lucidez que mostrava com aquele estranho ritual era parecer sentir-se envergonhado depois de o fazer. Voltou a olhá-la, fez um gesto desafiador com o queixo e deixou cair ruidosamente o pente sobre a mesa.

Depois de ser objecto de um aviso tão óbvio, Maddy comportou-se como se não tivesse visto nada de estranho nas acções dele. Apontou para a lareira que, por fim, começava a aquecer o quarto.

- Não te queres sentar e aquecer um pouco, amigo?

Depois da ligeira hesitação que parecia caracterizar todas as suas respostas, Christian dirigiu-se para a cadeira, aproximou-a da lareira, passou a perna por cima do assento, sentou-se com o rosto virado para as costas e apoiou o cotovelo no último travessão como um moço de recados aborrecido e entediado à espera de ordens num corredor.

Maddy abriu a porta de madeira e começou a arrumar o quarto, o pouco que havia para arrumar. A roupa de cama limpa estava empilhada junto da porta, um serviço diário que constituía um dos orgulhos de Blythedale. Maddy fez a cama, envergonhada pelas correntes e algemas que teve de afastar para um lado enquanto mudava os lençóis. Estava consciente de que ele a observava.

Em vez de deixar as algemas sobre a cama, tal como vira fazer anteriormente, levantou o colchão e empurrou-as para baixo deste, não sem antes ter de se retorcer, esticar e fazer um esforço nada elegante para o conseguir.

Quando, cansada, se endireitou e afastou uma madeixa de cabelo que se soltara da touca, o sorriso de Jervaulx pareceu ridicularizar todo aquele esforço. O homem endureceu o maxilar, apertou os dentes e disse:

- *Besta!*

Depois tentou voltar a falar, mas apenas emitiu sons intercalados, começos ininteligíveis de algumas sílabas. Por fim, com um suspiro de frustração, fez o gesto de empurrar a cama com os braços, e exclamou:

- *Fora!*

Maddy sentou-se determinada no colchão e, depois de encolher os ombros, disse:

- Então que trabalhe ele.

Christian tirou um chapéu imaginário e sorriu. Quando o fazia, tinha um ar libertino e sem escrúpulos.

- Gostarias de beber um chá?

- Chá - repetiu ele.

- Gostarias?

Não a olhava.

-Chá, chá, chá. - Fechou os olhos. - Chá. Chá. As linhas do plano inverso. Um ponto é aquele que não tem partes. Uma linha é um comprimento sem largura. Os extremos da linha são pontos. Chá, chá, chá.

Abriu os olhos e humedeceu os lábios enquanto voltava a olhar para ela. - Qu... *ah!*

Exalou fortemente. Num dos quartos do corredor, um paciente começou a gritar com toda a força dos pulmões, com um entrecostar metálico, a exigir que o Dr. Timms e o Espírito Santo fossem lutar com ele.

Jervaulx segurou as bordas arredondadas das costas da cadeira e apoiou a testa no último travessão.

Esta lúcido, disse Maddy ao seu moderador mental. *Está completamente lúcido.*

Pegou na roupa da cama, na bacia e na toalha húmida, e aproximou-se da porta. Quando rodou a chave, a tranca abriu-se com um forte rangido. As barras ressoaram ao fechar a porta atrás dela. Ele não se moveu nem levantou a cabeça, mas tinha os dedos brancos de se agarrar com demasiada força à cadeira.

Na pasta de Christian, havia quinze cartas de uma tal *lady* de Marly e sessenta e uma da duquesa, a mãe. Maddy deu uma vista de olhos às últimas. A duquesa escrevia todos os dias ao filho e parecia que as palavras lhe fluíam da pena com facilidade e em abundância. Falava das suas tarefas evangélicas, dos pensamentos piedosos e das preces em que pedia a recuperação dele. Expressava a sua absoluta confiança nas terapias morais do Dr. Timms e falava do muito que a reconfortava saber que Christian se encontrava sob os seus cuidados, em Blythedale. Suplicava ao filho que meditasse nas consequências da sua libertinagem, que seguisse o caminho do bem, que se arrependesse dos pecados do orgulho, da vaidade e da ociosidade, que rejeitasse as fraquezas da carne, e outras coisas do mesmo género. Eram sentimentos em que não se encontrava qualquer defeito e conseguiram despertar uma enorme irritação em Maddy.

Achou *lady* de Marly bastante mais razoável. As cartas dela não eram dirigidas a Jervaulx mas ao médico, e nelas pedia-lhe explicações acerca dos relatórios e prognósticos por ele efectuados. Na quarta carta que leu, Maddy encontrou aquilo que procurava. Fazia referência ao baú que acompanhava a carta e juntava uma lista do vestuário de Outono que aquele continha.

Levou a lista ao primo Edward, que encontrou sentado à secretária num gabinete interior, a escrever as anotações diárias.

- Está calmo - disse o médico, sem necessidade de explicar a quem se referia. - Fui vê-lo enquanto jantavas. - Recostou-se na cadeira com um suspiro. - O que é que devo pensar? Pode ser apenas uma coincidência. Não consigo sentir-me tranquilo ao deixar-te exposta ao seu temperamento.

Maddy achou prudente ignorar o tom hesitante daquelas palavras.

- Acabei de arquivar as cartas e de fazer as contas. Precisa... precisas de me ditar alguma coisa?

- E isso é outra coisa. Que vais fazer em relação ao correio que tens de tratar por mim?

- Farei o que for preciso. Não me importo de trabalhar até à noite, enquanto o meu pai não precisar de mim.

- Não estou a gostar disto. Não consigo gostar. Maddy permaneceu em silêncio.

- Estou surpreendido... chocado... por o teu pai ter consentido nisto, tendo em consideração o indecoroso que é e os perigos aos quais estás submetida.

- O meu pai tem um enorme apreço por Jervaulx.

- Receio que o Jervaulx que conheciam já não exista. Morreu. Já lho tentei explicar, mas é tão teimoso como tu.

De novo, a resposta de Maddy foi o silêncio.

- E a boa reputação de Blythedale. Se fosses ferida por um paciente masculino, se ele te dominasse à força, compreendes o que estou a tentar dizer? - O rosto do médico corou. Tirou uma chave do bolso e examinou-a atentamente. - Uma coisa dessas, prima, podia arruinar-me.

- Lamento - disse Maddy com sinceridade. - Mas como posso virar as costas a uma missão? Nunca pensei... nunca tinha sentido antes uma chamada, mas esta é tão intensa e tão profunda que tudo o resto, comparado com ela, é-me... pouco espiritual.

O médico abriu uma gaveta, enfiou a mão no interior, e tirou um cachimbo. Encheu-o e acendeu-o. O cheiro doce espalhou-se pela sala bem arrumada.

- Está bem, nesse caso toma. Fica com este caderno de notas - disse num tom de voz brusco. - Quero que escrevas diariamente as tuas observações. Vamos dar-lhe um pouco de tempo. Mas tem cuidado, Maddy. Tem muito cuidado.

- Prometo que terei.

Ele puxou uma baforada funda no cachimbo.

- Em breve terei de ir a Londres para a audiência.

- A audiência? - perguntou Maddy timidamente.

- A audiência em que se decidirá o seu estado de incapacidade. Perante um tribunal. É uma coisa que normalmente se faz com este tipo de doentes. Possuem propriedades, são homens de negócios. Tem de ser oficialmente declarado que não se encontra na posse das suas faculdades mentais, e nomear-se-lhe um guardião. Para além disso, é um verdadeiro incómodo. A única coisa que se consegue é deixá-los completamente enlouquecidos, sem que se consiga acalmá-los. Fazê-los aparecer em público, fazer-lhes perguntas, colocá-los perante um júri, entre outras coisas. Não é algo que me satisfaça, e muito menos no caso dele, garanto-te. Soube que hoje de manhã empurrou Larkin para o banho. Deveria ser castigado por o ter feito.

- Empurrou-o? - Maddy mordeu o lábio. - Tem a certeza?

- Sim, claro que tenho. Achas que os auxiliares inventam coisas dessas?

- Jervaulx estava cheio de frio quando o voltaram a trazer. Estava a tremer.

- E isso que se espera de um banho frio.

- Acho que uma medida tão extrema não é boa para a saúde dele. O primo Edward bateu o cachimbo contra a mesa para o esvaziar.

- E desde quando é que és licenciada em Medicina, prima Maddy? Maddy decidiu que, no interesse dos seus objectivos, era melhor não responder.

- Talvez, se tudo correr bem, nos possas acompanhar a Londres. Achas que o consegues manter sob controlo?

- Sim - respondeu ela, e desejou que aquela afirmação tivesse sido pronunciada por outra pessoa, alguém com capacidade e conhecimentos maiores que os seus.

- De qualquer maneira, também levaremos Larkin. Maddy tirou a lista que encontrara na pasta de Christian.

- A família dele enviou-lhe roupa. A que veste agora não é adequada para ele.

- Não damos roupa cara aos doentes violentos. Têm demasiada tendência para a arrancar.

- Talvez porque a achem incómoda. O primo Edward sacudiu a cabeça.

- Hás-de aprender, minha querida. Receio que vás ver que as coisas são muito diferentes. Podes vestir-lhe essa roupa cara.

7

Cercada pelo silêncio reinante no pequeno e vazio salão da família, Maddy sentiu-se estranha e um tanto impertinente ao abrir o cofre de Jervaulx. Era como bisbilhotar a casa de outra pessoa quando esta tinha saído. Achava estranho, e um pouco doloroso, tocar com as mãos naquelas coisas que jamais lhe teria ocorrido tocar. A caixa continha a chave do baú dele, um relógio de ouro

do qual pendia um pesado selo oficial e uma lente de aumentar, um enorme anel de brasão, uma navalha de barba com um cabo de marfim e um par de esporas com as correias afiveladas.

Maddy examinou o anel e de seguida aproximou-o da luz para o observar através da lupa. O círculo de metal era grosso, as bordas estavam desgastadas pelo uso. Ajustava-se sem problemas ao polegar dela. Sob a flor-de-lis e a crista da fénix estava gravada uma legenda que dizia: *A bon chat, bon rat.*

A bom gato, bom rato. Até o francês escolar de Maddy conseguia compreender aquilo, e embora o significado não lhe fosse muito claro, ali estava também a tradução: *A retaliação tem de ser adequada.*

Era um sentimento enérgico e não isento de agressividade. Meteu o anel no bolso, juntamente com a chave. Também pegou nas esporas.

Na cidade, os cavalheiros andavam quase sempre de esporas e em quase todos os lugares. Parecia ser um enfeite bastante na moda.

No sótão, entre outras malas e caixas, a luz da vela fez realçar de imediato o brilho do elegante baú, lacado a negro, com o cartão do duque introduzido num caixilho de bronze preso à tampa. O baú estava cheio até transbordar com a roupa mais bem confeccionada que alguma vez vira: camisas do melhor linho, coletes quentes e macios como a pele, casacas forradas a seda e envoltas em tecidos prateados, os botões de madrepérola, os suspensórios bordados a todo o comprimento.

Não lhe pareceu tão pessoal revolver o baú como lhe parecera o cofre. Ele nunca tocara naquelas coisas. Eram todas novas, e cheiravam a tinta e às ervas aromáticas que tinham metido com elas. Tentou lembrar-se como estava vestido na noite em que ela e o pai tinham jantado na sua companhia, e escolheu uma casaca verde-escura por ser aquela que tinha uma cor mais parecida.

Maddy nunca vestira roupa de cor. Como duvidava do seu bom gosto, decidiu não se arriscar. Deixou de lado um colete bordado em belos tons castanhos e dourados, e decidiu que uma combinação de *bordeaux*, castanho e tabaco era mais discreta. Por fim, pegou no par de botas mais práticas que encontrou e levou tudo para o quarto.

Como copiara e dividira os horários dos diferentes pacientes segundo as anotações do primo Edward, sabia que ninguém ia ser submetido aos banhos terapêuticos porque havia um passeio organizado para os doentes mais disciplinados. Depois de aqueles partirem, o resto dos pacientes masculinos seriam arranjados com intervalos de um quarto de hora. Nas anotações do primo Edward surgia o nome de Larkin ao lado do do duque como a pessoa responsável por aquela função. Maddy trocara-o pelo próprio nome. Como o médico ia participar no passeio, sentiu-se a salvo ao fazê-lo, sem necessidade de provocar uma longa conversa de resultados imprevisíveis, acerca daquela questão.

No entanto, ao chegar ao quarto de Jervaulx, descobriu que Larkin já se encontrava ali com a bacia e a toalha. Também ele parecia precisar de ser bem arranjado. Maddy não prestou qualquer atenção ao seu mau humor, e limitou-se a pegar na bacia. A navalha da barba que se encontrava no interior da bacia emitiu um ruído metálico ao deslizar e embater contra um dos lados.

- Vai precisar de ajuda - disse Larkin. - Aviso-a, *miss*.

Uma gota de água molhou-lhe o dedo. Maddy olhou para baixo e viu o brilho iridescente da água ensaboada no interior da bacia.

- Esta água está suja - disse.

- Claro que não está! O doutor não o permitiria. Troquei-a por água limpa quando Harry acabou.

Ela percorreu com os olhos a toalha que Larkin trazia pendurada no umbro, visivelmente húmida, e o gume da navalha da barba. O cabo estava gasto pelo uso, a lâmina afiada mas denteada.

No interior da cela, Jervaulx já tinha a camisa-de-forças vestida, com umas correias que lhe apertavam os dois braços bem atadas a umas argolas na parede. Os olhos, quando se encontraram com os de Maddy, eram de um lobo dentro de uma gruta, relampejantes, imóveis, silenciosos.

Maddy ficou rígida. Muito rígida.

De seguida, com enorme esforço para que a voz não perdesse a calma, disse a Larkin:
- Traz água quente, se não te importas. Volto dentro de um momento.

A camisa-de-forças exasperava-o e a Besta não o sabia. Despertava nele um terror que Christian não sabia que possuía, um terror que ia para além da razão e do orgulho, e que conduzia directamente a impulsos primitivos que o levavam a revoltar-se de cada que lha vestiam, muito depois de saber que estava condenado ao fracasso, muito depois de ter compreendido que não podia vencer.

Doía-lhe a garganta porque a Besta, a exhibir o seu prazer nas pequenas torturas, utilizara daquela vez algo de novo, um colarinho de borracha, enquanto Christian ainda se encontrava atado à cama, fizera-o descer até à inconsciência, ao espanto puro, às trevas imediatas, das quais emergiu ofegante, num acto instintivo de luta, para descobrir que tinha um lado do rosto colado ao chão, um joelho no pescoço, uma dor lancinante nas costas e que havia três auxiliares inclinados por cima dele enquanto falavam entre si excitados e com um ar de normalidade. Puxaram-no até o levantarem, enquanto ainda se tentava recompor e tomar ar. Viu que tinha vestida a camisa-de-forças, sentiu-se presa daquele terror involuntário, da indefesa mais absoluta, incapaz de manter o equilíbrio ou de se salvar. Um simples empurrão nas costas e caía na direcção que eles queriam porque, com os braços atados à frente do corpo, qualquer movimento era desconcertante, alheio à sua vontade. O corpo deixou de estar ligado à mente, as extremidades não lhe respondiam, as pernas recusavam-se a dar o passo que o faria recuperar o equilíbrio. Um dos auxiliares, entre gargalhadas e depois de soltar uma curta interjeição, agarrou-o antes que caísse e empurrou-o contra a parede.

O olhar de Christian encontrou-se com o do homem e o auxiliar desviou imediatamente o seu. Deu-lhe umas palmadinhas na face e disse-lhe qualquer coisa num tom paternal enquanto os outros o atavam às argolas.

Enquanto Christian se sentia presa da humilhação, do frenesim de se ver imobilizado e ofegava como um touro enraivecido, os dois auxiliares foram-se embora e a Besta entregou-se aos seus cuidados diários. Christian sentiu-se vexado, perto da loucura. Desejava desesperadamente que Maddy chegasse, mas o medo de que voltasse naquele momento, antes de aquilo estar terminado, fê-lo sentir-se agoniado.

Mas a Besta terminou e, depois de apontar num caderno os seus odiosos comentários, foi-se embora e deixou-o sozinho. Christian encarregar-se-ia de o matar.

Chegará o dia. Chegará o dia.

Não pensou em como o faria. Concentrou-se na expressão do rosto da Besta, no prazer que obteria daquele terror, no tempo que demoraria a fazê-lo. Assistira uma vez ao enforcamento e desmembramento de dois homens. Recordou a expressão do segundo dos condenados ao ver o verdugo cortar a corda e esquartejar o primeiro. Era esse o medo, era essa a resistência, o espernear e os espasmos incontroláveis. Era aquele o espanto, o pranto, o rosto arroxeadado, a língua inchada, a agonia provocada pelas entranhas a retorcerem-se e a rebentarem. Era esse o castigo que lhe ia infligir.

Deleitou-se com a cena com um prazer doentio até que Maddy chegou.

Apesar de tudo, a presença da rapariga irritou-o. Aquela transição da noite para o dia, do pesadelo da vingança para a pureza da luz, foi quase mais do que aquilo que conseguia aguentar. Acreditara encontrar-se à beira do abismo, mas todas as manhãs ela devolvia-lhe a lucidez com a sua presença, para de seguida o deixar à mercê da escuridão e da Besta, cujo humor piorava com o decorrer da noite. Christian começou a compreender que até agora a vida lhe fora facilitada. Doía-lhe a garganta por causa do garrote. Pedia a Deus que a família não se tivesse esquecido dele, que o seu nome lhe servisse de protecção porque seria demasiado fácil mantê-lo oprimido durante um pouco mais de tempo. E sentia-se abandonado, rejeitado, repudiado. Não tinha nenhum motivo para pensar que existia algo mais no Universo para além daquela cela, daquele corredor e daquilo que vislumbrava pela janela.

E Maddy. Missmaddy. Ali no corredor, tapada com a touca branca e pontiaguda, com uma bacia de barbear nas mãos, com o olhar fixo nas correias que o imobilizavam.

A Besta odiava-a. Christian lia-lho nos olhos quando o homem se encontrava de costas para ela, via aumentar o ódio a cada um dos seus pequenos confrontos, metade dos quais aconteciam por motivos que Christian era incapaz de entender. Tinha medo por ela, desejava que se mantivesse afastada e, ao mesmo tempo, ansiava pela sua chegada, carente de palavras para a avisar, para a aconselhar a não aparecer por ali e, ao fim e ao cabo, sem a coragem suficiente para querer estar sozinho naquele lugar.

Maddy parecia horrorizada, tal como da primeira vez em que o vira. Christian sonhava já com a voz dela. Era como se um rio falasse enquanto fluía entre margens tranquilas. Quando ela falou, o som da voz fez com que Christian fechasse os olhos e imaginasse que compreendia o que ela dizia. *Água? Lenha? Voltar?*

Quando os abriu, ela desaparecera. A Besta olhou-o através das barras de ferro. Limitou-se a olhar, sem sorrir, sem franzir a testa, durante um longo momento preñado de significado. De seguida, depois de lhe piscar um olho e lhe lançar um assobio rápido como se se tratasse de um cão, desapareceu no corredor.

Quando Maddy regressou, não permitiu que a Besta entrasse. Rodou a chave na fechadura, entreabriu a porta e deixou apenas o espaço suficiente para poder entrar. De seguida, puxou-a com força para a soltar da mão da Besta que, com um balde de água fumegante, *tentava* entrar atrás dela. As barras fecharam-se estrondosamente.

Christian viu a expressão da Besta quando a água se lhe entornou pela perna até cair no chão. Missmaddy pousou a bacia de cobre sobre a mesa e virou-se para encarar o auxiliar. Tinha as mãos nas ancas e as costas rígidas.

- «Vejaoquefez!» - A ferocidade da Besta desaparecera antes que ela se virasse e lançou-lhe um olhar magoado.

- «Eutra todisso» - respondeu ela com uma voz tão firme e controlada que até Christian ficou impressionado. - «Tudobem.»

A boca da Besta fez uma expressão feia. Deixou cair o balde, que derramou metade da água, e desapareceu.

Sem hesitar por um momento, Maddy aproximou-se de Christian e começou a desatar-lhe as correias que lhe aprisionavam os braços. Sem lhe olhar para o rosto, soltou cada uma delas depois de exercer uma forte pressão e dar um puxão. Libertado da sujeição à parede, Christian equilibrou o peso com a ajuda dos pés, sem poder dar um passo por causa da camisa-de-forças.

- «Nãocon sigoabrirofe cho» - disse ela secamente e sem olhar para o rosto dele. Tinha as faces arroxeadas de indignação.

Christian fechou os olhos porque era a única coisa que podia fazer. Inclinou-se, dobrou os joelhos ao mesmo tempo, e deixou-se cair no chão a conter a respiração por causa da dor que sentia no local onde a Besta lhe batera, e esperou com os ombros para trás e o olhar fixo à frente dele.

Ela não fez nada durante alguns minutos. Christian sabia muito bem o que devia estar a pensar, o quanto o seu aspecto lhe devia ser estranho. Apertou os dentes com força. *Fora! Fora coisa odiosa vill!*

- «Is tonãoer anecessário» - disse Maddy, e ajoelhou-se atrás dele para abrir a fivela da camisa.

Christian sentiu-se liberto da pressão forte que lhe provocava ter os braços atados à frente dele. Maddy arrancou-lhe a camisa dos ombros e deixou-o de tronco nu.

Demorou alguns segundos a recuperar o controlo das mãos. Encolheu e estendeu os braços de tal modo que sentiu uma punhalada de dor nas costas. Os dedos dos pés e das mãos voltaram a parecer-lhe seus, em vez de uns objectos inúteis, de umas coisas que nada tinham a ver nem com ele nem com as suas intenções. Assim que se sentiu capaz de o fazer, levantou-se do chão com uma expressão de dor. Maddy também se levantou e sacudiu o pó da fralda da camisa-de-forças.

Christian agarrou-a pelos ombros, puxou-a para ele e beijou-a na boca.

Foi um beijo curto e intenso. Afastou-a e soltou-a de imediato para que a reação que fizera endurecer as costas da rapariga não se transformasse em medo verdadeiro. Foi uma surpresa, pensou, ao observá-la, atento à emoção, ao desconcerto, à indignação e à pena que lhe atravessavam o rosto.

- Amigo! - disse ela, aturdida.

- Amigo! - repetiu ele.

Surgira assim, de modo involuntário, sem qualquer significado. Mas olhou para ela, para Missmaddy, de faces coradas, o queixo desafiador, o nariz fino de solteirona com um alto, e apesar de se ter deitado mais vezes do que aquelas de que se conseguia lembrar com mulheres mais bonitas e mais elegantes, nunca vira nada mais belo do que Maddy, coberta pela touca engomada - *coisa-branca-cabeça-açúcar?* -, nada mais belo do que Maddy na sua cela.

- *Amor* — disse. - *Amor*.

E ficou desorientado, tal como ela. Olharam um para o outro. A tênue luz da manhã filtrou-se através das grades da janela e iluminou as faces e as pestanas sensuais da jovem.

Aquela boca, séria e pensativa, curvou-se numa expressão seca, incomodada. A rapariga remexeu no casaco com o dedo.

- «É fácil com quistar-te.»

- Amigo - repetiu ele com um sorriso hesitante. - *Maddy*. Amigo?

- Apenas amigo? - respondeu ela com uma expressão de aborrecimento fingido. - E pretendente, não?

Pretendente?

Isso não estava nas mãos de Christian. Ou preferiu não o mostrar. O rosto dela continuava coberto por um intenso rubor. A sua atitude trocista disfarçava um certo nervosismo. Christian sentiu-se ofendido ao perceber que ela estava a brincar. Com um resmungo mal-humorado, voltou-lhe as costas.

- «Viraste as costas!» - exclamou a jovem. - «O que é que fiz?» Christian sentou-se na cadeira, de rosto virado para o respaldo.

Cada movimento causava-lhe dor. Tinha quase a certeza que as suas... as suas *quês*? *Entranhas, a carne, forte, curvado, esqueleto*. Tinha uma lesão. *Osso. Craque*.

Olhou-a em silêncio, com um ar de desafio.

- Caíste? - perguntou Maddy.

Moveu-se e estendeu a mão para as costas dele. Christian ficou tenso ao pressentir o que ela ia fazer. Mas o toque foi tão leve quanto o de uma pena quando percorreu com os dedos o contorno do que Christian imaginou ser uma enorme equimose.

- Dói? - perguntou. Sacudiu a cabeça. - Não.

Os dedos moveram-se. O toque seguinte fê-lo encolher-se de dor e emitir um som agudo entre os dentes.

- Ah! - disse ela, e voltou a apalpar-lhe o osso. - Aqui? Christian assentiu. A exploração continuou e ele deixou escapar um ligeiro gemido de afirmação. Agarrou-se à cadeira e aguentou o exame até que um dos toques fez com que a dor lhe atravessasse as costas como uma lâmina. Ergueu a cabeça. O movimento involuntário foi mais doloroso que o toque.

- Fratura - disse a jovem e, graças a Deus, deixou de lhe tocar. - «Comocaíste?» Queda?

Apercebeu-se que a entendia o suficiente para compreender o significado das palavras. Esforçou-se para encontrar a palavra e conseguiu-o.

- *Queda*.

Nem lhe passou pela cabeça culpar a Besta. Via com toda a clareza o que podia acontecer se o fizesse.

Como? - perguntou ela. Ele limitou-se a olhar para ela. Ela olhou-o com os lábios ligeiramente afastados e a testa um pouco franzida.

- Onde?

Christian encolheu os ombros e fez uma expressão de dor perante o movimento involuntário.

Apercebeu-se de que a resposta não satisfazia Maddy. Ela queria fazer alguma coisa, executar alguns ajustes, retirar algum objecto perigoso. Muito bem. Desde que não acusasse a Besta.

Pegou na cadeira pelas costas e fê-la descair sob o corpo, como um mimo, a incliná-la de forma perigosa. Quando a deixou cair de repente estremeceu de dor, e viu que o rosto dela se iluminava ao compreendê-lo.

- «Ah, acadeira! Caíste dacadeira?» Ele assentiu.

- «Tensdetercuidado.» - Aproximou-se e roçou-lhe o ombro. - «Movetede vagar.» Impetuoso.

Impetuoso.

Sabia que o era. Não a devia ter beijado. Agora sentia-se envergonhado. Olhá-lo. Ver onde se encontrava, em que lugar, desajeitado como um animal, a soltar grunhidos e a gesticular com as mãos em vez de falar. Nem sequer era capaz de abotoar as próprias e malditas... *Quê? Quê? Céus!* Conseguia olhar para baixo e ver aquilo em que estava a pensar, aquelas coisas que lhe cobriam as pernas, mas a palavra era impossível, encontrava-se fora de alcance.

Maldição.

Maldição merda maldição maldição maldição. Maldita seja!

Aquelas palavras, sim, conhecia-as, e bem que as podia ter proferido, tentara fazê-lo quando estava sozinho, tinha todo um repertório de palavras inconvenientes na sua própria língua, em Italiano, em inglês e em Francês. Eram como a matemática. Estavam ali prontas, quando o resto era inacessível.

Maddy aproximou a bacia de barbear e percorreu a borda com o dedo.

- Limpa - disse.

Era uma mudança. Assentiu.

Ela dirigiu-se à porta, abriu-a e inclinou-se para pegar no balde d'água. De repente, Christian pensou como era fácil levantar-se e abri-la com um empurrão. Seria muito fácil fugir. E no mesmo momento em que o pensou, levantou-se.

Maddy virou-se e enfiou o balde no quarto. A fechadura fechou-se com um rangido.

Christian olhou-a, a respirar ansioso. Ela nem sequer reparou. Não sabia como aquilo fora simples. A Besta - *jamaís* - lhe proporcionara uma oportunidade tão óbvia. E ela voltá-lo-ia a fazer, porque não o sabia.

A emoção fez com que se sentisse enjoado. A excitação e um medo de natureza estranha fizeram com que o coração se lhe acelerasse. Se saísse por aquela porta, se abandonasse aquela cela, que faria a seguir? Para onde iria? *Corre! Corre! Sim.* O corpo estava preparado, mas a mente estava imersa num redemoinho de confusão. *Esquerda, direita.* Que direcção tomaria? Nem sequer podia ter a certeza disso, e pareceu-lhe de uma importância vital. Havia escadas. Escadas, portas, esquinas. Os jardins. Muros... *Maldição!*

Missmaddy olhava-o com uma expressão cautelosa. Christian apercebeu-se de que tinha os punhos fechados, o corpo tenso e prestes a explodir.

- «ShVoh?»

Levá-la-ia com ele. Precisava dela. A ideia de sair para o mundo parecia-lhe aterrorizadora, aterrorizadora e doce ao mesmo tempo. Desejava-o tanto que sentiu uma humidade morna que lhe fez arder os olhos.

Ela olhou-o, à espera.

Com um esforço que requereu todas as suas forças, pousou a mão na cadeira e voltou a sentar-se. Pestanejou uma ou duas vezes com força.

Maddy sorriu. Christian deixou escapar o ar que lutava para lhe sair do peito. Fez com que os braços se descontraíssem.

- Olha - disse ela. - «Trouxeatua valha.» Olhou-a, confundido.

- Toma.

Surgiu de repente, quase debaixo do nariz dele. Christian deu um passo para trás. Na mão de Maddy estava uma navalha de barbear, não o canivete rombo e de carnicheiro da Besta, mas sim uma

como a sua, com uma curva exacta, de aço e madreperla.

A sua navalha da barba.

E o seu... *dedo, ouro, família.*

- Anel - disse ela.

O anel dele.

Pegou-lhe com a mão esquerda. Levantou-o.

- «Lembras-tedoanel?»

Claro que se lembrava. Tinha o seu selo, era de ouro e pesava-lhe na mão. Não sabia o que fazer com ele.

«Não te lembras?» - Aproximou a mão para pegar na dele. Não! - exclamou Christian e fechou a mão com força. Tinha que lhe dar tempo, tinha que lhe dar tempo para pensar.

Começou a colocá-lo. Segurou-o com uma mão contra a parte superior da outra. Não era assim. Abriu os dedos o máximo possível. Parecia que perdera a mão e, de repente, voltou a encontrá-la. Via mentalmente o anel no dedo. Mas era incapaz de pensar em como chegava até ali.

Talvez fosse verdade que *estava* louco. Talvez tivesse apenas imaginado que estava lúcido. Era como olhar para uma caixa e saber que nó existia uma maneira de a abrir, e dar-lhe mil e uma voltas, incapaz de encontrar uma fenda.

Começou a enfurecer-se. Era o seu maldito anel!

Fechou os olhos, algo que resultava quando se encontrava imerso na confusão, e que o ajudava a desanuviar a mente. Apalpou o anel, fê-lo girar com a mão esquerda, e de seguida segurou-o entre a palma das mãos.

Santo Deus!

Olhou-o e ofegou fortemente. Sentiu que o ardor nos olhos recomeçava.

Maddy pegou no anel. Fez um movimento como se o fosse voltar a guardar no bolso.

Christian levantou-se, fez oscilar a cadeira e atirou-a ruidosamente contra a mesa e a parede. Um pedaço de gesso voou pelos ares, a cadeira inclinou-se para o chão, oscilou durante um instante e caiu no soalho.

- Não - disse Christian, e estendeu a palma da mão.

- «Sh'voh...»

- *Dá-me!*

Maddy parecia acalorada. Ergueu o queixo e apontou para a cadeira.

- «Não adeviaste a tirado.» Levanta-a.

Christian deixou escapar um silvo de fúria perante uma tal impertinência. Ela manteve o anel atrás das costas. Não lhe custou nada puxar-lhe o braço para a frente e, quando não conseguiu que a outra mão se aproveitasse do momento, apertou-lhe o pulso com os dedos até que ela soltou um grito e deixou cair o anel e a navalha de barbear.

Pegou no anel e colocou-o sobre a mesa, pegou na mão direita e pousou-a ao lado, com a palma virada para baixo, fez deslizar os dedos até encaixar o anel com a ponta do dedo médio e, à força de o mover com o polegar direito com o selo para baixo, conseguiu levá-lo ao sítio servindo-se dos nós dos dedos.

Não era a maneira correcta de o fazer. Existia outra forma, mas tinha o anel bem enfiado no dedo e conseguira-o sem ajuda. Olhou triunfante para Missmaddy.

Esta aproximara-se da porta e segurava o pulso enquanto o esfregava com os dedos.

Christian virou-se para ela e Maddy recuou.

O movimento fez com que ele se detivesse e ficasse imóvel. De repente, percebeu que a magoara.

O que é que se passava com ele?

Não soube que fazer. Permaneceu um longo momento a acariciar com o polegar a parte inferior do anel. O rosto da jovem mostrava o seu receio, era o pior que podia exprimir. Preferia mil vezes vê-la de queixo erguido e numa atitude de enfermeira intrometida do que assim.

Com uma expressão humilde, virou-se, levantou a cadeira do chão e colocou-a no sítio

habitual. Descobriu o pedaço de gesso e, com cuidado, colocou-o debaixo da parede rachada. Se tivesse os meios para o fazer, ele mesmo ter-se-ia encarregado de o reparar.

A navalha da barba estava caída no chão e deslizara até se encontrar junto da janela. Apanhou-a. Maddy deixou escapar um ligeiro gemido e agarrou-se à porta atrás dela. Tinha a chave na mão.

Era tão ingénua... Alguns passos e poderia dominá-la, ficar com a chave e a liberdade. A Besta jamais lhe dera oportunidades daquelas.

Christian segurou a navalha. A expressão do rosto de Maddy era de autêntico terror, mas não se moveu nem um milímetro. Não gostou daquela expressão. Não gostou que fosse tão estúpida que o confrontasse. E se estivesse na verdade louco? Não precisaria de mais de dez minutos para a matar. Não haveria nenhuma maneira humana de abrir a porta com a rapidez necessária. A Besta sabia-o. A Besta planeava cada um dos seus movimentos com essa certeza. Por esse motivo, servia-se do garrote, da camisa-de-forças e das correntes.

Com tantos loucos como os que existiam naquele lugar, porque é que ninguém a aconselhara a ter cuidado?

Olhou para a navalha e franziu a testa. De seguida, pousou-a sobre a mesa junto da bacia de cobre, deitou a água, agora morna, no recipiente, e sentou-se na cadeira a tentar que o rosto se mostrasse contrito.

Não era o seu ponto forte. Se tivesse podido utilizar palavras, se fosse dono de si mesmo e pudesse contar com flores, cartas, diamantes, valsas, sabia muito bem como desarmar qualquer jovem esquiva.

Maddy olhou-o mais demoradamente.

Depois rodou várias vezes o pulso, como se o estivesse a experimentar, e depois de lhe lançar um sorriso seco, disse:

- «Parecesumcachorro, Sh'voh.» Mas *que raio!*

- «Agoraéstú!» - disse ela e desatou a rir.

Christian apercebeu-se que uma expressão de aborrecimento substituía a sua expressão de arrependimento anterior. Mas a inquietação de Maddy desaparecera. Enfiou a chave no bolso e aproximou-se da mesa.

Enquanto o barbeava, Christian permaneceu imóvel. A qualidade da navalha e a destreza dos dedos da jovem fizeram com que o barbear fosse muito melhor que as carnificinas às mãos da Besta, apesar de a água já estar fria, coisa pela qual ele era o único responsável. Recostou-se na cadeira e ergueu o queixo para que ela chegasse até ele, sem ter que se inclinar demasiado.

Começou a sorrir interiormente. A roupa *quaker* que a jovem vestia, e que tinha como único enfeite um pano branco cruzado sobre o pescoço, não fora feita para ser vista daquele ângulo. Através das pestanas semicerradas, conseguiu ver tudo o que se encontrava na parte da frente daquele vestido simples, e desfrutou com um prazer de adolescente daquela visão, mas fora a isso que se tinham reduzido os seus prazeres, àquelas satisfações mínimas, e não era sua intenção desaproveitar a ocasião.

Maddy terminou com demasiada rapidez. Observou-a enquanto ela limpava a navalha e a bacia com movimentos destros e experientes, e pensou que era assim que se sentiam os tigres do jardim zoológico ao ver a tentação cálida à frente da jaula. A diferença é que ele não respondeu aos sinais e controlou o desejo interior, até que Maddy pegou nos utensílios de barbear, levou-os - outra grande oportunidade que deixou passar - e ouviu-se o ruído das grades ao fechar a porta.

Aquela oportunidade voltaria a apresentar-se. Maddy oferecê-la-ia mil e uma vezes. Tinha que pensar. Tinha que dominar o próprio cérebro enublado e pensar.

Maddy percebeu de imediato como o humor de Christian se alterou ao ver a roupa nova. Apesar de não ter feito mais nada senão olhá-la, tocá-la e pegar nas esporas, quando se voltou para ela a expressão do rosto dele mostrava um tal anseio que, viu-o com toda a clareza, ia muito para além da mera roupa.

Pensou que ia voltar a beijá-la. Recuou um passo, mas ele limitou-se a dar-lhe um empurrão no ombro, sinal ao qual ela respondeu rapidamente. Saiu para o corredor e fechou atrás dela a porta de madeira maciça. Passados alguns minutos, uma única pancada vinda do interior indicou-lhe que podia abrir.

Christian, impaciente, estendeu os braços enquanto ela lhe colocava os botões de punho. Fez-lhe o nó do laço, apoiou a bota na cadeira e colocou-lhe a espora no tornozelo, puxou a correia e indicou-lhe com um gesto que se aproximasse.

Maddy baixou-se e atou as correias sobre o peito do pé, apertando-as contra a pele luxuosa das botas, que eram de um negro imaculado, flexíveis, reluzentes, caras. Não fariam bolhas durante meses nem tingiriam as meias de negro, não seria necessário encher as biqueiras com papéis para se conseguir dobrar aquelas botas.

Sentiu a atenção do homem, intensa e próxima, concentrada naquela tarefa simples. Quando encontrou o buraquinho da fivela, sentiu o contacto inquiridor das mãos dele, tal como acontecia com o pai. Apalpava os objectos para os identificar.

Os movimentos de Maddy tornaram-se mais lentos e abriu as mãos para que ele pudesse ver o que fazia com os dedos, como introduzia a ponta da correia sob a fivela.

Ele mudou de perna, colocou a espora no lugar e deixou a mão imóvel no ar por cima da correia desabotoada.

- Assim. Maddy pegou nas mãos de Christian, fechou os dedos em volta da tira de cabedal e da fivela, e introduziu uma através da outra.

Não foi fácil. Durante as cinco tentativas de que precisaram, com os dois inclinados sobre a bota, Maddy tentou conduzir as mãos dele e mostrou-se indiferente ao ritmo crescente da respiração de Christian, à espiral de frustração que pressentia nos músculos tensos do homem. Inclinada junto dele, sentia a enorme força e tamanho daquele corpo, o seu potencial intimidatório no caso de rebentar.

Por fim, a correia ficou encaixada na fivela. A jovem agarrou-a antes que esta voltasse a sair, colocou a extremidade entre os dedos dele e dobrou-a para trás, algo simultaneamente simples e complexo. As mãos de Christian eram desajeitadas como as de uma criança, mas ao mesmo tempo eram as de um homem, firmes e fortes, demasiado grandes para poderem ser conduzidas com facilidade. Maddy apertou o polegar dele contra a ponta da fivela. Miraculosamente, encontrou o buraco à primeira tentativa. Um som de triunfo misturado com raiva saiu da garganta de Christian.

Maddy voltou a guiar as mãos dele para terminar a tarefa, levantar a fivela e fazer deslizar por ela o resto da correia. Nova tentativa e novo fracasso. Christian exalou, mas não soltou nem a correia nem a fivela, que mantinha separadas com uma tal força que, em vez de tornar as coisas mais fáceis, não fazia senão dificultá-las. Maddy conduziu o dedo dele até o colocar sobre a extremidade dobrada para cima da correia e puxou a fivela para baixo.

- «Põe-ano sítio.»

Christian não fez nada, limitou-se a não a soltar.

Maddy olhou-o de lado. Tinha o rosto muito próximo do seu, mais próximo do que estivera de algum homem com excepção do pai. Ele olhou-a sob as pestanas negras. Vamos. Já está.

Afastou-se e levantou-se. Ele ergueu-se com a bota ainda na cadeira. Respiravam ambos com dificuldade como se tivessem feito uma longa corrida.

- *Va... mos* - disse Christian com esforço. E sorriu-lhe.

Nesse momento, quando o viu calçado com as botas altas e as esporas, vestido com as calças de cabedal e o casaco verde com aberturas, elegante e descontraído - como qualquer um dos cavalheiros que se dedicavam a cortejar as damas sentadas nas carruagens em Rotten Row é que

Maddy se apercebeu do erro que cometera. Vestira-o para montar e ele olhava-a emocionado, ansioso e na expectativa.

- Vamos - repetiu com tanto esforço que soou como uma exalação.

Sem proferir palavra, Maddy fez uma expressão negativa.

Não sabia que dizer. Fora vítima do entusiasmo e da própria ignorância. Acreditara conhecer aquilo que ele lhe apetecia vestir, e pensara que o verde combinava bem com os tons torrados e castanhos. E em que lugar vira ela todos os dias da vida aquela combinação de roupas de estilo? De onde a tinha tirado? Dos cavalheiros que cavalgavam, montados nos seus reluzentes cavalos, pelas ruas e praças da moda.

O sorriso do homem desvaneceu-se naquele silêncio. Olhou-a com intensidade como se, através da concentração, fosse descobrir no rosto dela o que tanto ansiava.

Maddy apertou os lábios, impotente. Era demasiado tarde para reparar o erro cometido. Voltou a sacudir a cabeça.

A desilusão petrificou a expressão no rosto de Christian, que se transformou num bloco de gelo escuro. Olhou para ela durante um instante, como se a perguntar-lhe porquê, e de seguida virou-lhe as costas. A mão pairou sobre a espora afivelada, baixou o olhar para ela e com a mão direita inclinou-se para a soltar. Levantou a bota esquerda e puxou a espora até a libertar com a mão esquerda.

Ficou imóvel com as duas esporas nas mãos e o olhar fixo na cadeira.

Ao olhá-lo de perfil, conseguia ver a intensidade da emoção que lhe endurecia a boca e as faces. Não fez qualquer movimento, permaneceu imóvel, mas Maddy apercebeu-se de que os pés a impulsionavam para trás, na direcção da porta e da segurança.

Procurou a chave no bolso. Christian olhou-a, e nem sequer nos olhares que dirigia a Larkin vira ela aquele ódio e aquele desprezo tão profundos reflectidos no rosto dele.

Sentiu um golpada de terror a subir-lhe pela garganta. Olhou de lado para a chave e enfiou-a na fechadura, receosa de lhe virar completamente as costas. Abriu um pouco a grade e deslizou pela abertura. A porta de ferro nunca se fechava em silêncio. Soava sempre uma forte reverberação quando os metais entrechocavam.

Christian aproximou-se da porta. Sem pensar, e apesar de estar protegida pelas barras, Maddy recuou. Primeiro uma e depois a outra, ele levantou as esporas e deixou-as cair por entre as grades. Depois de embaterem no metal, as esporas caíram no chão com uma pancada seca.

Christian estava deitado na cama, atento aos sons do manicómio.

Odiava-a. Odiava aquela cabra piedosa e falsa. Odiava-a porque, afinal, se juntara aos outros. Odiava-a por o submeter àqueles jogos sujos tão enlouquecedores, que nada tinham da crueldade dos banhos gelados, nada que ele pudesse prever, contra o qual se defender. Claro que não, era algo muito mais subtil que isso, mas com um efeito devastador.

Dar-lhe esperança. Fazê-lo acreditar nela. Fazê-lo parecer um estúpido, uma criança. Um idiota inepto e inútil.

Acreditara que iam sair. O lugar, como e o motivo não lhe interessavam. Apenas queria sair dali. Apenas queria a liberdade. Estar fora da jaula com a certeza que podia contar com ela para se poder movimentar no exterior.

Odiava-a.

Ódio em relação a ela.

Ódio ódio ódio ferir sangue fria cabra descrente.

Misturado ao ódio encontrava-se a dor, era um rancor diferente do rancor puro e a maldade sem rodeios que a Besta despertava nele. Mas a Besta não passava de um monte de carne em movimento, um boi que se tinha de amarrar e açoitar como se fazia ao resto dos animais loucos e perigosos que povoavam aquele lugar. Christian compreendia-o, não se tratava de nada pessoal, até que Maddy chegara e derrubara o seu guardião do trono. Agora sim, era algo pessoal e ela era a

responsável por isso.

Odiava-a. Sentia-se humilhado. Doíam-lhe as costas devido às pancadas da Besta, coberto agora por uma venda *apertada branca difícil respirar*. Que a humilhação da esperança e da desilusão pudesse ser mais intensa do que qualquer coisa que a Besta lhe infligira foi uma descoberta amarga. Depositara toda a sua confiança nela, permitira-lhe ver o seu estado de confusão e ouvi-la falar, deixara que conduzisse as suas desajeitadas mãos inúteis. Ela trouxera-lhe a roupa dele, ajudara-o a calçar as esporas, transformara-o numa miragem de si mesmo.

Porquê porquê, porquê Missmaddy?

Para quê dar-lhe aquela esperança? Apenas para lha arrebatara de repente? Apenas para sacudir a cabeça? Para ficar ali com a chave, colocá-la ao alcance dele, e fugir para onde ele não a pudesse seguir?

Não podia. Não queria. Tinha medo de ir sozinho.

Cobriu os olhos com as mãos e depois passou-as pelo cabelo, numa espécie de desafio perante a dor aguda que sentia nas costas. Nunca pensara que seria tão cobarde e teria medo de algo que desejava com todas as forças. Ainda a odiou mais por lhe ter mostrado a realidade. Que preferia aquela jaula para animais a arrancar-lhe as chaves da mão e sair sozinho pela porta.

Virou-se e saltou da cama, arquejante pelo esforço que fazia. Assim que ficou em pé, deambulou pelo quarto e tocou nos poucos objectos que ali se encontravam. Reconfortou-o encontrar a mesa no sítio de sempre, a cadeira a um palmo da lareira. Qualquer mudança no quarto enfurecia-o. Teve medo de que apenas os loucos se preocupassem tanto com coisas tão mínimas e tentou não o fazer, mas não o conseguiu.

Baixou os olhos até ver os pés enfiados nas botas altas. Era um lunático. Um animal enjaulado, mudo e louco. Agarrou as barras da porta e sacudi-as contra a estrutura de aço. Inundou o quarto e o corredor com o ressoar do metal.

Estás a perceber, Missmaddy? Ouves isto? Compreendes o que é não nos sentirmos nós mesmos, sem orgulho, doente vergonha vestido ilicitamente casaca botas com esporas sem sair?

Compreendes?

Sacudi as grades com violência. Sabia que ela o estava a ouvir. Sabia que estava sentada na cadeira de respaldo direito, no local exacto onde ele não a conseguia ver.

Ela não apareceu. Christian sentou-se, levantou-se e voltou a percorrer o quarto.

Surgiu-lhe um pensamento, o pensamento de um louco, o tipo de pensamento que jamais teria tido na vida real. Mas a honra não existia. Naquele lugar nada mais havia do que força bruta e sentimentos, e ia fazer com que ela entendesse. Ia fazê-la sentir o que era ver-se empurrado para os abismos mais profundos da ignomínia, perder até o mais ínfimo pedaço de amor-próprio. Iria bajulá-la até que ela se afundasse na abjecção, faria com que fosse ela a culpada da sua própria desgraça, tal como ela o seduzira até fazer dele presa da humilhação mais absoluta.

Solteirona dos «tus» moralista hipócrita e puritana. Sabia exactamente como o fazer.

Maddy não voltou a aparecer. Christian passou o dia fechado e vestido como se fosse um ser humano, entediado e humilhado até à raiva. Já não era um simples animal, agora parecia um urso de feira, e até já tinha casaca, botões de punho de pérolas e suspensórios bordados.

Quando a escuridão se aproximou, o ruído da chegada dos outros pacientes atraiu-o até à janela. Viu três carruagens que se esvaziavam de passageiros. Viu Maddy, a Besta e os outros auxiliares que os dividiam em grupos e os conduziam para o interior. Os veículos perderam-se na distância, mas Maddy e um jovem demoraram-se no pátio. O rapaz falava entusiasmado, mas as palavras acaloradas não chegavam aos ouvidos de Christian. Apoiou o queixo nas grades e observou Maddy enquanto esta o ouvia, viu-a sorrir e fazer gestos afirmativos enquanto o jovem intercalava gargalhadas enlouquecidas entre as frases.

Outro louco. Christian sentiu desprezo perante a amabilidade condescendente da rapariga. Também lhe teria sorrido assim e dirigido os mesmos gestos de assentimento, não teria? Com a

mesma indulgência com que se tratava as crianças traquinas e os animais.

Mas com ele não a utilizaria. Não ia deixar que voltasse a acreditar nisso.

Em vez de Maddy, foi a Besta que lhe levou o jantar. O auxiliar tinha pressa e pareceu não se aperceber quando Christian não opôs resistência à rotina diária. Fez apenas uma pausa e olhou-o com estranheza, quando deixou que ele o imobilizasse sem se rebelar. Christian respondeu ao seu olhar inquiridor com um de neutralidade fria.

- A fome funciona, eh? - observou a Besta entre gargalhadinhas, e deu-lhe um empurrãozinho quase amistoso.

Christian pensou em todas as formas sangrentas e metódicas de o matar. Olhou para o guarda sem pestanejar. Larkin, que não era parvo, icsmungou e afastou a mão. Compreendiam-se perfeitamente.

Planear uma sedução no escuro, acorrentado à cama, requeria evadir-se da realidade que o cercava. Ultrapassar a raiva e o mau humor, engolir o sofrimento, enfrentar a própria realidade e, de seguida, continuar como se não passasse de mais um daqueles inconvenientes sem importância. Um marido ou um amante, uma separação malfeita entre dois quartos numa casa de campo, ou uma tia ou prima desconfiadas. Um obstáculo a ultrapassar para atingir o objectivo desejado. Um desafio.

Christian conhecia bem as mulheres. Tinha-a atemorizado. Teria que dar a volta à questão. E ele era um doente. E ela considerava-se enfermeira dele.

Quanto ao que se referia àquilo... pensou no modo como ela o olhara quando parara nu em frente dela. *Solteirona quaker puritana enfermeira boquiaberta. Sem guinchos sem corridas, ela não. Impressionada. Escandalizada.*

Curioso.

Ergueu os olhos na escuridão, enquanto um sorriso se lhe espalhava pelo rosto. Era capaz de o fazer. Por Deus, era. E, além disso, de o desfrutar.

- Amanhã vamos levá-lo a dar uma volta, para experimentar. Até à aldeia e depois voltamos para aqui na carruagem. Vestiste-lhe roupa nova?

Maddy estava no escritório do primo Edward.

- Sim.

O médico voltou a ler as notas curtas que ela escrevera no caderno.

- Não podemos descurar nenhum pormenor. Essas coisas e o modo como reage a elas têm que ser sempre apontadas. Reagiu bem?

Ela juntou as mãos, apertou-as e voltou a separá-las.

- Referes-te a quê?

- À reacção dele. Fez alguma tentativa de as tirar? De as arrancar?

- Não. Claro que não. Nada... nada desse género.

- Então, não houve a mínima reacção?

- Foi... tem dificuldade em vestir-se e acho que se aborreceu com isso. Ajudei-o a calçar as esporas.

- As esporas? - Recostou-se na cadeira. - Por que motivo lhe colocaste as esporas, querida?

- Para as botas. Pensei que todos os cavalheiros da cidade... parece que andam sempre com elas postas.

- Isso é verdade? - resmungou. - Então estão na moda? - E voltou a concentrar a atenção nas anotações. - Barbeado... vestido... mais nada? Esteve calmo durante todo o dia?

- Sim. Só que de manhã esteve um pouco... - e procurou a palavra adequada - ... um pouco inquieto. Houve uma altura em que começou a dar pancadas na porta. Mas não gritou.

O primo Edward fechou o caderno.

- Acho que talvez estejas a começar a exercer sobre ele uma influência benéfica. Na presença de uma senhora, vê-se obrigado a mostrar-se mais orgulhoso. Podemos utilizar esse facto para que aumente o controlo sobre si mesmo. De manhã, veste-o para sair. Desagrada-me ter de o

acorrentar durante toda a viagem até Londres, mas primeiro vamos ver como se porta num trajecto curto. Diz a Larkin que saímos às onze.

Na manhã seguinte, Maddy entrou no quarto de Jervaulx de cabeça inclinada, e afastou-se para um lado para deixar Larkin sair. Escolhera uma roupa ligeira, descera com ela e deixara-a empilhada e em ordem sobre a cadeira junto à porta para que Larkin a visse, e com a esperança que o auxiliar se encarregasse da tarefa de vestir Jervaulx. Depois de rezar e se entregar à meditação durante um longo momento, chegara à conclusão que ultrapassara os verdadeiros limites da sua missão, que se excedera ao seguir o caminho indicado pela sua Luz Interior. Tinha que ser isso, porque era óbvio que empurrara Jervaulx para uma frustração mais intensa e fizera diminuir a sua aceitação e paciência perante a vontade de Deus, em vez de as aumentar.

Uma parte de si desejava ficar à margem por completo, mas a outra queria continuar com a missão e oferecer àquele homem toda a amizade de que era capaz. Depois de passar metade da noite a rezar, continuava sem perceber muito bem qual delas correspondia à voz da Razão e qual a uma verdadeira missão.

Estava ali porque o primo Edward lhe ordenara que se encarregasse de que Jervaulx estivesse pronto para sair, e não porque ainda estivesse certa acerca da missão recebida.

Larkin deteve-se e virou-se ao ouvir o ruído da porta a fechar-se.

- Foi a menina que lhe colocou isto? - perguntou, e mostrou o pesado anel do selo.

Maddy anuiu.

- Se me batesse com isto posto, ficaria marcado para o resto da vida. E à menina... à menina abrir-lhe-ia o maxilar como se fosse um ovo.

Maddy manteve-se calada.

- Não lho ponha - disse Larkin.

E afastou-se com uma pilha de lençóis e roupa nos braços.

Maddy virou-se para Jervaulx. Este não se mexeu da janela, a silhueta delineada a contraluz. Dessa vez, a jovem escolhera uma casaca cinzenta, um colete bordado a ouro e púrpura, calças de um cinzento mais escuro e sapatos, em vez de botas. Larkin já lhe apertara os botões e fizera um nó vulgar, quadrado e prático, no laço, mas Jervaulx não perdia a aparência aristocrática nem sequer quando estava vestido com a roupa barata, apertada e mal confeccionada do manicómio. Apesar de o nó ser pouco requintado, nesse momento era um verdadeiro duque.

Olhou-a com uma expressão estóica. Depois fez-lhe uma ligeira inclinação, como se se tratasse de uma dama.

- Amigo - disse Maddy em forma de saudação.

Ele sorriu um pouco. Maddy avançou até ao interior do quarto. No entanto, quando ele se moveu, a jovem deteve-se a uma distância prudente.

Inesperadamente, Jervaulx ajoelhou-se, com um movimento lento e muito cuidadoso, e estendeu o braço. Enfiou-o debaixo da cama e daquele espaço escuro tirou um objecto que se parecia com uma pedra branca e tosca. Maddy preparou-se para se lançar rapidamente na direcção da porta, mas a única coisa que ele fez foi levantar-se, mostrar uma atitude nada ameaçadora e oferecer-lhe aquele objecto disforme.

Era o pedaço de gesso que caíra da parede ao bater-lhe. Quando ela hesitou, Jervaulx avançou um passo, aproximou-se dela, pegou-lhe na mão e depositou nesta aquele pedaço partido. Emitiu um som suave e tocou com o dedo na superfície plana.

A substância deixou pó de giz na mão dela. Maddy baixou os olhos e viu uns riscos na parte superior do pedaço de gesso. Quando o inclinou para a luz viu, com alguma dificuldade, algumas palavras. Apesar de a letra ser desajeitada e ter erros, ela conhecia bem a letra de Jervaulx e foi capaz de a ler.

*Bonita
Deculpe*

Voltou a observar a oferenda quebradiça.

- Está bem. Sim. Estás arrependido. - Enquanto falava, escondeu o rosto. Pressionou os lábios, com o fragmento da parede entre as mãos, e de seguida disse num murmúrio. - Mas o meu arrependimento ainda é maior.

Ele tocou-lhe no queixo e levantou-lhe o rosto com a mão.

- Lamento imenso o que aconteceu com a roupa. Compreendes? Mas não sabia se era assim. Cravou os olhos nos dele, naquela profundidade escura e azul. Teve a impressão que um ligeiro sorriso, muito ligeiro, surgia no rosto de Jervaulx. Soltou-a, depois de traçar na face dela uma leve carícia. Maddy afastou-se cambaleante.

- Hoje apetece-te ir até à aldeia? - perguntou.

A expressão do rosto de Christian alterou-se e desapareceu o indício do mais pequeno sorriso. Fixou um olhar intenso nos lábios da jovem.

- Sair - disse ela. - Na carruagem. A aldeia.

- Sair. Maddy anuiu.

Ir na carruagem até à aldeia.

- Missmaddy... vai?

Tu. Você. Jervaulx. Tu vais. Ele fez um sinal de assentimento. Tocou-lhe no braço. Missmaddy... vai?

- Claro que sim. Eu também vou. Se quiseres.

Daquela vez ele sorriu abertamente. Maddy apertou os dedos em volta do pedaço de gesso. Era uma experiência incrível ser o centro daquele sorriso. Retribuiu com outro sorriso rápido e nervoso.

Flanqueado pela Besta e pelo homem médico, Christian saiu para o exterior. Não afastou o olhar da figura casta de Missmaddy, que caminhava à frente com o seu vestido negro de colarinho branco e aquela rouca absurda com a forma de uma colher de açúcar. Sentiu o sol frio no rosto e ombros, ouviu o trotar suave dos cavalos, o rangido dos «meses, o ruído dos pés ao pisar a gravilha do pátio.

O exterior aturdiu-o, a intensidade da luz e os espaços abertos, as pradarias e o lago, as árvores. Pensara que assim que se lhe apresentasse a oportunidade, aproveitá-la-ia e desataria a correr, mas nesse momento teve que se esforçar para não se virar e regressar para a casa e para a sua cela. Maddy e o orgulho incitaram-no a prosseguir. Não se ia comportar como um louco cobarde, nem naquele momento, nem naquela situação.

A carruagem estava à espera deles. Maddy subiu para esta, auxiliada por um criado. Christian seguiu-a. Quando se preparava para subir, uma dor lancinante percorreu-lhe as costas. Abafou um gemido e apertou os dentes com força. O interior da carruagem cheirava a fumo de cachimbo e a água de lavanda rançosa. Era muito vulgar, com uma abundância de tecidos adamascados, debruados a veludo púrpura.

Sentiu que sem qualquer motivo, pelo simples facto de se encontrar no exterior, o pânico se adensava nele. Tinha medo de que alguém o visse, de se ver obrigado a compreender as conversas de desconhecidos. Que o forçassem a falar. Segurou o corrimão de um lado e a mão de Maddy do outro, e agarrou-se com força a ambos.

A jovem virou o rosto e olhou-o. Quando a Besta e o homem médico se sentaram no assento dianteiro, Christian apertou ainda mais a mão da jovem, sem a intenção de a soltar.

O homem médico sorriu-lhe com benevolência.

- «Estáumpoucoassustado?» - perguntou. - «Nãoéperigo. Garanto-lhe.

Christian observou desdenhoso aquele rosto gorducho de sorriso tonto. Tinha que escolher

algo de sólido a que se agarrar, não escolheria aquele homem vulgar que viera a mais. Naquela manhã estava ridículo de calças de montar e botas com esporas, como se alguma vez na sua miserável vida provinciana tivesse saído da caleche de duas rodas e montado um puro-sangue.

Por entre o ruído dos arneses e o trotar suave dos cascos dos cavalos, a carruagem iniciou os habituais solavancos e começou a rodar. Christian recostou-se nos almofadões do assento e sentiu uma dor lancinante nas costas. Concentrou todas as suas forças para se controlar e olhou para a paisagem, sem tentar procurar palavras nem dar um nome às coisas que não sabia nomear. O caminho era longo e sem obstáculos. De todos os ocupantes da carruagem, era ele o único que continuava agarrado ao corrimão como se a sua vida dependesse disso. Fez um esforço e ordenou à mão que se soltasse, enquanto se tentava recordar de tudo aquilo que lhe era familiar: a carruagem, o ar livre, a relva e as árvores que começavam a adquirir o brilho colorido do Outono.

A carruagem chegou à cancela da propriedade, atravessou-a e iniciou um percurso sinuoso por caminhos ladeados de cogumelos. Em contraste com a cor ouro-pálida dos campos de trigo, as pastagens reluziam ainda num verde esplendoroso. Olhou pela janela e a inquietação avassalou-o.

Colheita, trabalhos, arrendatários, jornaleiros, objectos metálicos em movimento, ritmo regular... outro lugar.

Foi vítima de um sobressalto, surgiu-lhe na mente a recordação vivida e intensa do castelo de Jervaulx, da época das colheitas em Gales, de campos agrestes que não se pareciam em nada com aqueles tão bem tratados. Como o poderia ter esquecido? *Lã de ovelha... trabalho... arrendatários-arrendatários-arrendatários...*

As colheitas em Jervaulx. Quem estaria encarregue de as fazer?

Inesperadamente, chegaram à aldeia. Umas quantas casas caiadas, de telhados vermelhos, uma igreja, uma taberna com a tabuleta de um louro negro por cima da porta. A carruagem abrandou a marcha. Deteve-se em frente da taberna, inclinou-se para um lado quando o cocheiro desceu para abrir a portinhola. Christian foi apanhado de surpresa, atordoado, quando ainda tentava encontrar um sentido para aquelas novas imagens do seu lar e das colheitas.

Voltou a agarrar-se ao corrimão e apertou-o com força, tal como fez com a mão de Maddy. O homem médico desceu da carruagem, parou nos degraus e olhou para Christian com aquele sorriso sonso e esperançado. O taberneiro saiu pela porta do estabelecimento a secar as mãos ao avental com uma expressão alegre e cumprimentou-os com familiaridade, como se estivesse à espera deles.

Christian não se moveu. Recusava-se a sair e a exhibir-se em público como mais um louco.

- Vem? - perguntou o homem médico. Christian olhou-o com uma expressão de nojo.

- Vamos - disse a Besta, e levantou-se inclinado sob o tecto baixo. Fez sinal a Christian para que saísse à frente dele.

Christian, apesar da dor que o gesto lhe causou, recostou-se no assento. Não soltou o corrimão nem a mão de Maddy e deixou escapar um resmungo abafado. Não queria sair. Também não queria iniciar uma briga da qual saísse ainda mais humilhado. Presa do desespero, olhou para Maddy.

Ela sorriu-lhe. Era o mesmo sorriso de apoio que fizera ao jovem louco das gargalhadas no dia anterior, o sorriso que uma ama paciente dedica às crianças a seu cargo. Christian percebeu de repente em que consistia tudo aquilo. Era uma charada, um pequeno jogo em que todos conheciam o papel que lhes correspondia. O taberneiro à espera da carruagem, a aldeia tranquila, a Besta a um dos lados. Era a recriação de um mundo real, de um mundo em que Christian não vivia. Continuava fechado no manicómio. Limitara-se a ampliar o espaço entre os muros.

Ali não havia público perante o qual se humilhasse. Tinham-no previsto. Mesmo que desatasse em gritos de loucura, não apagariam do rosto aqueles sorrisos suaves que lhe lançavam, limitar-se-iam a calá-lo e a colocar-lhe as correntes.

Apesar do sorriso animador que mantinha no rosto, a mão de Maddy remexeu-se inquieta na sua. Christian soube que ela tinha medo do que ele podia fazer. Não tinha muita prática em o esconder. Isso, mais que qualquer outra coisa, fez com que lhe soltasse a mão, se levantasse e saísse

da carruagem como um homem civilizado, porque não queria que ela o receasse. Queria que tivesse medo de si mesma, *solteirona com as suas fraquezas cheia de paciência condescendente*.

Assim que ele saiu da carruagem, Maddy voltou a sorrir-lhe. Christian odiou aquele sorriso. Era o aluno que se destacava, circunspecto e obediente. Estava calmo.

Era um menino muito, muito bem comportado.

Ao ver que as coisas decorriam sem problemas, Maddy foi-se descontraindo pouco a pouco. A tensão inicial de Jervaulx desaparecera. Olhava à sua volta com um interesse despreocupado, como se não se tivesse alterado em nenhum momento, mas a ela ainda lhe doía a mão devido à força com que lha apertara na carruagem.

- Vamos dar um passeio? - perguntou o primo Edward. - Sua excelência, a duquesa, pediu que o senhor Pember tenha a oportunidade de ver o senhor Christian. O vicariato fica do outro lado dos terrenos comunais.

Quando Maddy agarrou na bainha da saia e na bolsinha para começar a andar, vislumbrou nos olhos de Jervaulx um relampejo de pânico. Hesitou e lançou um olhar inquieto em volta. A seguir, depois de um daqueles processos misteriosos que ela estava a aprender a reconhecer, dominou a confusão e voltou a controlar-se. Com um olhar irónico lançado ao primo Edward, que já começara a andar, Jervaulx aproximou-se de Maddy e ofereceu-lhe o braço.

A jovem sentiu uma estranha timidez ao ser objecto de tanta cortesia. Ela pegou-lhe na mão e apoiou-a no braço como se fosse algo extremamente natural, e talvez para ele o fosse, mas Maddy nunca andara de braço dado com outro homem para além do pai, excepto por breves instantes para entrar e sair da reunião quando o médico a cortejara.

Em princípio, Jervaulx fazia-o unicamente porque era quem era, um duque e um cavalheiro, e a sua intenção era que o primo Edward não o esquecesse. Maddy compreendia os seus motivos. Quando Jervaulx cobriu com a outra mão os dedos da jovem, que ficaram assim aprisionados, fê-lo unicamente porque o primo Edward se encontrava presente.

Apesar de tudo, uma dama *quaker* também se podia sentir lisonjeada, e, por um instante, imaginar de um modo quase pecaminoso que era uma duquesa de verdade - embora pertencesse a um grupo de pessoas peculiares e o seu duque fosse uma mente perdida e transtornada.

Com Larkin atrás deles, Maddy atravessou os campos comunais de braço dado com Jervaulx. Era curioso, mas não se sentia incomodada. Não tinha que encurtar nem alargar o passo para se adaptar a ele, como tivera que fazer naqueles breves passeios com o médico. Também não teve que se preocupar onde colocava os pés. Ela caminhava por um caminho bem marcado que atravessava a relva, enquanto Jervaulx o fazia à beira do relvado, que era mais irregular. Com quantas senhoras não teria dado um passeio semelhante para que este parecesse tão prazenteiro e natural! Quando chegaram à ruela do outro lido dos prados, ele deteve-se, como se fosse uma rua londrina cheia de tráfego, e ela o par que tinha de ajudar a atravessar. Ao chegar à cancela do vicariato, cedeu-lhe a passagem para que ela se adiantasse e inclinou-se para manter a cancela aberta quando, depois de o primo Edward passar, aquela começou a fechar-se.

Quando ela passou, Jervaulx soltou a cancela e deixou cair a bola de metal suspensa da corrente para que se fechasse rapidamente. Ao ouvir a pancada seca e o resmungo de Larkin atrás de si, Maddy lançou-lhe um olhar de lado. O cavalheiro franziu as sobrancelhas e pousou nela um olhar de languidez aristocrática.

O Sr. Pember já se encontrava no vestíbulo para os receber, vestido para a ocasião devido à mensagem que o primo Edward, depois de a ditar a Maddy, lhe enviara. Era um daqueles vigários que sempre tinham ensinado a Maddy que representavam o pior da sua espécie. Servil e acomodado, com uma casa cheia de sofás confortáveis, almofadas, tabuleiros de doces e demasiadas velas e candelários a óleo.

Após alguns minutos de conversa, Maddy decidiu que era afável, educado e verdadeiramente desagradável. Não era de surpreender que a duquesa viúva o tivesse achado

merecedor de ser apresentado ao filho. Estava cheio daqueles sentimentos piedosos sobre os quais a dama fizera sermões longos e extensos nas suas cartas.

O Sr. Pember, assim que terminaram as apresentações, começou a pregar a Jervaulx acerca do preço a pagar devido ao vício e à baixeza moral, falou-lhe de um castigo merecido num tom suave e cordial, enquanto o olhava com os óculos quadrados e, entre pitadas de rapé, fazia um uso frequente do lenço. Maddy tinha a esperança que Jervaulx não percebesse nada daquilo. Que achasse que nada mais fazia senão contar-lhes coscuvilhices de aldeia, porque era essa a impressão que o vigário dava ao utilizar aquele tom para emitir as suas prelecções moralistas e falar da justiça divina.

Não acreditava que Jervaulx compreendesse as palavras do Sr. Pember. O duque limitava-se a olhar para o anfitrião com uma expressão de aborrecimento educado como se, anteriormente, já tivesse passado muitas vezes por aquilo. Aceitou uma chávena de chá da governanta, olhou por cima da chávena e dos ombros robustos da mulher para Maddy, enquanto aquela servia o primo Edward, e dirigiu-lhe um sorriso cúmplice, cheio de percepção e subtileza.

Sentada naquela sala, entre o vigário e o primo, Maddy sentiu-se mais próxima de Jervaulx do que quando estivera sozinha com ele no quarto de grades. Ali, era a estranha, separada dele por milhares de quilómetros e de vidas diferentes, incapaz de entender e que a entendessem. Aqui, a comunicação entre eles parecia perfeita. Surgira um acordo imediato no que se referia àquela sociedade tão fechada e à sua hipocrisia beata e irritante.

Jervaulx pegou no prato e na chávena, e levantou-se para olhar pela janela para o jardim. O sermão do vigário foi interrompido. Aparentemente, até ele era incapaz de continuar perante uma exibição de indiferença tão óbvia.

No meio do curto silêncio, Jervaulx disse: *Culto*.

A expressão do rosto do Sr. Pember foi quase cómica. Maddy conseguiu ver, através dos olhos do vigário, que a inteligência de Jervaulx caía rapidamente vários pontos. Fez um gesto de assentimento e soltou uma gargalhada incomodada.

- Ah, sim. É uma bonita gatinha, não é verdade?

Jervaulx olhou para Maddy. Colocou a chávena no parapeito da janela e fez um gesto à jovem para que se aproximasse.

Ah, senhor! Passa-se alguma coisa? - perguntou Pember, e a seguir, ao ver que Jervaulx se encaminhava para a porta. - Apetece-lhe sair?

O duque deteve-se junto do cadeirão de Maddy e no mesmo tom, que utilizaria se estivesse em frente de um regimento, repetiu:

- *Gato*.

Deixou cair a mão sobre o ombro de Maddy e apertou-lho com força.

- Não há problema. Saia com ele, prima Maddy. Deixe que veja o sítio, se é isso que quer, mas não saiam do jardim.

Ela levantou-se, satisfeita por obedecer. A governanta conduziu-os até à porta das traseiras, que levava a uma cozinha agradável e a um jardim onde cresciam legumes. Entre os muros altos de tijolo, as matas de espargos começavam a tornar-se amarelas, com folhas felpudas e sementes. Havia cenouras plantadas em filas curtas e ordenadas. Maddy avançou alguns passos e foi então que viu o que havia ao virar a esquina. Ali, junto do muro, encontrava-se um frondoso maciço de dalias de aspecto impressionante. As flores amontoavam-se em enormes ramalhetes cheios de cores, vermelhas, alaranjadas e brancas com tonalidades rosa. Atingiam uma grande altura e mostravam todo o seu esplendor outonal.

Era o tipo de jardim que sempre quisera ter, em grande parte prático, mas com um recanto dedicado a algo vivo e maravilhoso, algo que não tivesse qualquer utilidade para além da sua fantasia jubilosa.

O gato do vicariato, um simples bichano amarelado de cauda torcida, desapareceu entre as dalias. Maddy não acreditara que Jervaulx estivesse verdadeiramente interessado no animal. Supunha que o utilizara como desculpa para escapar da sala, mas ele afastou-se dela e perseguiu o

gato até um sombrio esconderijo atrás das flores.

Maddy deteve-se e esperou. As flores moveram-se sussurrantes quando ele passou. Os ramalhetes frondosos do topo sacudiram-se alegres, movidos por uma mão invisível.

De repente, o gato apareceu sobre o muro, preparado para saltar. Bufou na direcção do lugar onde Jervaulx estava escondido e saltou para o outro lado do muro.

O silêncio reinou no jardim. Maddy inclinou o rosto à espera que Jervaulx, depois de ter perdido o gato, voltasse a aparecer. Ouvia as gargalhadas abafadas que chegavam do grupo reunido no salão e um som estranho, fraco e chilreante sob a brisa suave.

Avançou cuidadosamente, sem muita confiança em Jervaulx. Tinha a certeza que não estava no cimo do muro para saltar e a agarrar. Levantou a saia ao atravessar o carreiro de terra, e inclinou-se para esquadrihar a parte detrás do frondoso maciço de dalias e o espaço resguardado pelo muro.

Christian estava encostado ao muro. Segurava nas mãos um gatinho com o pêlo às manchas, enquanto mais três ou quatro miavam, gati nhavam e escorregavam-lhe pelos pés. Acariciou a cabeça minúscul do animalzinho com o polegar. Daquele recanto escondido, ergueu cabeça e olhou para Maddy, a convidá-la com um sorriso.

9

Maddy hesitou.

No espaço estreito atrás das dalias, Jervaulx inclinou-se para agarrar outra cria e segurou os dois gatinhos, um ao lado do outro, na palma da mão. Eram como duas bolas, uma às manchas e a outra preta, que bufaram um ao outro para, de seguida, se juntarem e acomodarem na mão. Maddy aproximou-se cuidadosamente para não pisar os outros gatos que se encontravam aos pés do duque. Este aproximou a mão para que Maddy acariciasse a pelagem macia com o indicador. Estendeu-lhe o de pêlo às manchas, a jovem pegou nele e sentiu as picadas das unhas na mão.

Aquele recanto atrás das dalias recordou-lhe a infância, quando se enfiava de gatas sob a toalha que cobria a mesa da sala e ali, escondida pela pregas da toalha que chegava ao chão, criava um espaço escuro para si mesma. Ali, naquele momento, o espaço para sonhar era formado por plantas e tijolos, não por tecido. Aquela espécie de cortina vegetal movia-se sussurrante. Os cheiros não eram doces e vãos como aqueles fabricados pelo Homem, mas sim aromas de terra e perfumes primevos.

Ergueu o rosto e olhou para Jervaulx sob a touca. O duque continuava com o ombro encostado ao muro com o gatinho na mão e movia ritmadamente o dedo para acariciar a diminuta cabeça peluda. O rosto conservava aquele sorriso ligeiro de cumplicidade. Aproximou a mão com a sua carga leve para que o pêlo do gatinho acariciasse o rosto de Maddy, da têmpora aos lábios.

Ela sentiu que o animal se movia na palma do homem e que o seu focinho curioso lhe roçava a pele. Os grandes olhos azuis do gatinho cravaram-se nos seus, apenas a alguns centímetros de distância. Aproximou a patinha e prendeu-a na borda almofadada da touca, demasiado fraco para a soltar mas preparado para brincar com ela. As garras e os dentes minúsculos abriram-se e tentaram fincar-se na touca rija.

Dos lábios de Jervaulx saiu um som suave e divertido, e apertou a mão. O gatinho, com um miado assustado digno de um soprano, ficou suspenso um instante e puxou a touca de Maddy até lhe tapar os olhos. Os outros iniciaram um coro de miados agudos mas, antes que a vítima caísse no chão, Jervaulx apanhou-o e voltou a colocá-lo a salvo no refúgio da mão estendida.

Maddy tentou ajeitar a touca. Afastou a borda para trás e voltou a colocá-la no sítio, o que foi um pouco difícil porque o gatito que tinha na outra mão estava a tentar trepar-lhe pelo corpete.

Jervaulx aproximou a mão. Ela pensou que ia tirar o animalzinho de pêlo manchado que estava determinado em subir-lhe pelo vestido, mas em vez disso agarrou o cordão que lhe segurava a touca. Enrolou-o nos dedos e puxou-o sem muita força. O cordão apertado soltou-se, ele levantou

a touca, e ficou com ela a pender-lhe dos dedos.

Maddy apertou o gatinho às manchas contra o peito e tentou resistir à emoção repentina que se apoderou dela, à sensação de que ficara desarmada. Tentou recuperar a touca, mas Jervaulx encostou os ombros ao muro e escondeu aquele troféu atrás das costas. Ao trocarem um olhar, ele começou a sorrir e ergueu o braço para a provocar.

Quando levantou a touca, Maddy tentou agarrá-la com uma mão um pouco desequilibrada já que não se atrevia a inclinar-se para a frente com medo de pisar os gatinhos. A touca escapou-se-lhe. Jervaulx levantou-a. Maddy esticou-se. Com um movimento rápido, ele atirou-a po cima do muro. O gatinho às manchas soltou um gemido curto quando Maddy quase o largou e caiu contra Jervaulx.

Não fez qualquer tentativa para a ajudar a recuperar o equilíbrio. Maddy afastou-se, desajeitadamente, do obstáculo sólido formado pelo braço e flanco do duque, e endireitou-se. Ele desatou a rir. Por momentos, aqueles irresistíveis olhos azul-escuros troçaram dela. Um momento depois, como se se tratasse de um aluno traquinas, a expressão alterou-se-lhe e exibiu uma séria e contrita.

- A minha touca! - Aquele tom de censura firme perante a brincadeira do homem foi como lançar uma pedra contra o nevoeiro. Muito esforço e pouco efeito. - És perverso.

Jervaulx olhou-a de lado. Maddy viu que franzia ao de leve a testa para, de seguida, fazer uma expressão de neutralidade ativa. Não compreendera aquelas palavras, mas recusava-se a admiti-lo.

- Perverso - acrescentou para que ficasse claro.

Ele manteve o olhar fixo no emaranhado verde das dalias. Inclinou a cabeça, como se estivesse a pensar se devia aceitar aquele qualificativo.

- Um patife - afirmou Maddy. - Um canalha.

Aquilo agradou ao sem-vergonha, frívolo. Não tinha a menor dúvida a esse respeito. Balançou o gatinho na mão e acariciou-lhe a pelagem negra com o polegar.

Maddy inclinou-se e pousou o gato no chão, enquanto afastava os outros da saia. Quando se levantou e recuou um passo, ele agarrou-a pelo braço.

Não deveria ter deixado que aquele gesto a detivesse, não era preciso fazer mais nada senão dar a volta e começar a andar para se livrar daquele contacto, e sair do esconderijo sombrio atrás das flores. Mas hesitou, e a força que lhe apertava o braço transformou-se em algo contra o qual resistir. Não era um aperto forte nem intenso, mas era real.

Jervaulx encostou-se ao muro e virou o rosto para ela. O gatinho negro decidiu trepar-lhe pela casaca e começou a subir por ela. Maddy lixou o olhar no gato. Sentiu que não podia afastar os olhos do animalzinho, que avançava desajeitado. Jervaulx agarrou-o com a mão livre e apertou-o contra o peito.

Soltou-a e afastou-se do muro. Maddy pensou em recuar, mas não o fez. Observou-o enquanto ele se ajoelhava e pegava nos outros gatinhos. No das manchas, no preto, em dois amarelo tigrados e num espécimen curioso e minúsculo com penachos peludos e prateados nas pontas das orelhas. Cinco gatinhos a transbordar-lhe das mãos e que se agarraram à casaca com miados frenéticos quando se levantou.

Um dos amarelos soltou-se. Maddy, com um sobressalto, pegou-lhe ao colo. Quando se endireitou, Jervaulx colocou-lhe o gatinho preto no ombro. Sentiu as unhas através do tecido do vestido. Ele aproximou o às manchas do outro ombro, colocou-lhe o segundo tigrado debaixo de uma orelha e o dos penachos peludos debaixo da outra, pegou no gato que ela tinha ao colo e pousou-lho em cima da cabeça.

Maddy, entre gargalhadas desconcertadas, teve que agarrar os gatinhos que cambaleavam e caíam. Quando era demasiado lenta para agarrar um, era ele que o fazia para o voltar a colocar no sítio, e acomodava os corpinhos mornos em volta do pescoço da jovem, onde não se detinham nem por um momento. O que tinha na cabeça permaneceu ali, mas miava continuamente, cravava-lhe as

unhas e magoava-a.

Por fim, um dos tigrados e o dos penachos conseguiram agarrar-se-lhe aos ombros. O negro e o às manchas caíram, mas ele apanhou-os e colocou-os em volta do pescoço de Maddy, como se se tratasse de um cachecol, e com as mãos obrigou-os a ficarem ali.

Não deixou que fugissem. Os lamentos ritmados, cheios de energia, dos miados ensurdeceram Maddy. Os corpinhos em movimento cravavam-lhe agulhões pequenos e dolorosos através do vestido, do cabelo e da pele.

A boca de Jervaulx apertou-se sobre a dela. Embora ela tivesse querido afastar-se mais, não o teria podido fazer sem que os gatinhos caíssem por todo o lado. Sentiu-se presa, aprisionada por aquele homem.

Ele roçou com os lábios os lábios de Maddy. Foi algo tão suave e rápido que nada mais sentiu que o calor da respiração dele, um simples toque que se desvaneceu antes de abrir os lábios para protestar. Jervaulx lançava sorrisos aos gatinhos, a ela, agarrava-os junto das orelhas dela e acariciava-lhe as faces com os animaizinhos lamurientos. Maddy engoliu em seco quando o gatinho em cima da cabeça lhe cravou as unhas na testa e tentou fugir, descendo-lhe pelo nariz.

Jervaulx afastou-se para trás e apanhou o gatinho antes que este caísse ao chão, enquanto da garganta se lhe escapava o som de uma gargalhada. A bola de pêlo indomável escorregou-lhe das mãos. Os outros, perante o susto de Maddy, começaram a deslizar-lhe pelo vestido abaixo. Desesperados, cravavam-lhe as unhas numa tentativa para não se soltarem. Maddy encolheu-se e tentou impedir-lhes a queda. Uma pequena cascata de gatinhos precipitou-se sobre a terra quando tropeçou e caiu de joelhos. Jervaulx ajoelhou-se ao lado dela e soltou os rebeldes que tinha na mão. Os gatinhos levantaram-se e começaram a correr uns atrás dos outros, desajeitados e cómicos, e desapareceram entre os caules altos das dalias.

- Prima Maddy?

A voz do médico fê-la virar-se e sentir-se imediatamente culpada por se encontrar ali, ajoelhada ao lado de Jervaulx.

- Prima Maddy? - O tom de voz tornou-se mais agudo. - Onde é que está?

Ela levantou-se e sacudiu a terra da saia.

- Aqui. - Saiu rapidamente detrás das dalias. - Estamos aqui.

O primo Edward aproximou-se e passou por ela para chegar a Jervaulx.

- Atacou-a? Está a ter visões?

- Não! Espere... não foi nada... - Maddy tentou impedir que o primo pisasse as flores e as esmagasse naquele espaço tão apertado. Atrás dele, Jervaulx levantou-se, mas não lhe via o rosto.

- Irracional? - soltou o primo Edward ao lado de Jervaulx, sem se voltar para olhar para ela.

- Não, não é nada disso.

O primo Edward descontraiu-se um pouco e voltou o rosto para ela.

- Tentou fugir?

- Foram uns gatinhos. Estávamos a brincar com os gatinhos.

- Aqui? - O primo não afastou o olhar de Jervaulx. Era óbvio que não confiava no doente. - Não deviam ter-se afastado da janela. Vamos, senhor Christian. Está na hora de regressar a casa. Vem, por favor?

Maddy sentiu-se repelida pelo tom condescendente que o primo Edward utilizou. Deu a volta e dirigiu-se para casa. Pegou na bolsinha que estava na cadeira da sala e ficou à espera no vestíbulo em companhia de Larkin e do Sr. Pember.

- E a sua touca, *miss*? - perguntou a governanta.

- Voou por cima do muro.

- Ah! - A governanta parecia um pouco desorientada. - Quer que mande alguém à casa ao lado?

- Não faz mal. Se alguém a encontrar, poderiam fazer o favor de ma levar a Blythedale Hall?

- Manteve os olhos baixos, os ombros erectos. Era a imagem viva da empregada perfeita, calada e servil.

Com o primo Edward a seguiu-o de perto, Jervaulx atravessou a porta da cozinha e entrou a grandes passadas no vestíbulo. Pegou no chapéu e nas luvas que estavam sobre uma mesinha, cumprimentou o Sr. Pember com uma impecável expressão de autoridade condescendente e encaminhou-se para a porta de entrada. A governanta apressou-se a abri-la.

Jervaulx parou junto de Maddy. Ela hesitou entre continuar com o papel de auxiliar ou pegar no braço que ele lhe oferecia, entre o comportamento correcto que, como era natural, o primo Edward esperava dela, ou os gatinhos em volta do seu pescoço e o rosto de Jervaulx que sorria em silêncio tão próximo do dela. Olhou-a com a mesma segurança que, com todo o direito, exibira noutros tempos e noutras circunstâncias. A de um cavalheiro que exerce um domínio completo sobre a vida de uma dama, sobre a mão que lhe repousa no braço, sobre a sua roupa e diversões, o seu tempo, os seus sentimentos e o seu sustento.

Num momento revelador, Maddy apercebeu-se que quem a olhava através daqueles olhos azuis era o Diabo. Que a missão de tratar de Jervaulx não estava isenta de tentações reais e perigosas.

Fora incauta e vaidosa ao achar que o mal que afligia Jervaulx era um castigo divino dirigido exclusivamente ao duque, que não havia nada nele que a obrigasse a sentir-se mais humilde. Era fácil ser virtuosa, e enganar-se a si mesma ao sentir-se orgulhosa disso, quando os seus estilos de vida estavam separados por um verdadeiro abismo. O abismo que existia entre um nobre e uma dama *quaker* solteira de Chelsea. Mas Deus fizera descer o duque de Jervaulx ao nível de Archimedeia Timms. Dessa altura, o Diabo sorria-lhe a ela e aos gatinhos... e Maddy sentiu uma punhalada no coração, como se nele se fincassem umas diminutas unhas em busca de segurança.

Não fez qualquer gesto para lhe pegar no braço. Ele demorou algum tempo a aperceber-se disso. Permaneceu imóvel durante um bom bocado antes de desviar o olhar e pôr o chapéu. Pegou nas luvas. Maddy sabia que não as conseguia calçar sozinho e fez um gesto para o ajudar, mas ele deteve-a com um olhar assassino, pegou nas elegantes luvas de vitela amarela com uma mão, e atravessou a porta à frente dela.

O primo Edward encontrava-se sentado à secretária, a beber ruidosamente uma chávena de chá enquanto lia as notas que Maddy tomara sobre o passeio. Fez um gesto de assentimento, colocou a chávena sobre a mesa e fechou o caderno sobre a superfície encerada. O líquido dourado derramou-se e caiu no pires.

- Estou convencido que encontrámos alguma coisa. Não é preciso dizer que estou convencido disso! Melhorou muitíssimo. Nunca pensei que um dia teríamos tanto sucesso com a nossa primeira tentativa.

Maddy pegou no caderno.

- Está tudo bem descrito?

- Com muita correcção. Melhor que ontem. É preciso que acrescentes mais pormenores de como se comportou durante o passeio pelo jardim. É óbvio que seguiu o gato até ao maciço de flores, mas podias acrescentar uma pequena descrição do tipo de atenção que dedicou aos gatinhos. Foi agressivo ou carinhoso com eles? Tentou falar naquele momento? Deu a impressão de preferir um animal em particular? Se assim foi, descreve-o. Bem como coisas desse género.

- Está bem.

O médico bebeu outro gole de chá.

- Tenho um pressentimento em relação a isto, prima Maddy. Esta experiência de te utilizar como a tua principal auxiliar. Não tem precedentes, mas estou a começar a pensar que poderia transformar-se numa extensão natural da nossa terapia social. Se a mistura harmoniosa dos dois sexos nos for útil para fortalecer o controlo dos pacientes que não são violentos, por que motivo não deveria ter benefícios semelhantes, ou talvez até maiores, no tratamento dos doentes violentos?

A voz começara a adquirir um tom melodioso. Dirigia o olhar para o canto mais afastado e erguia o queixo como se estivesse a pensar no artigo que podia escrever acerca daquele assunto.

Voltou a pousar o olhar em Maddy.

- Recebemos algumas críticas devido à nossa política de misturar pessoas de ambos os

sexos. Acho que não passam de inveja profissional, mas um artigo acerca do caso e da utilidade do tratamento num paciente verdadeiramente intratável não deixaria lugar para dúvidas. Amanhã podes levá-lo a dar um passeio pela casa e pelo jardim, e acho que continuaremos a manter Larkin presente, embora a maior distância. De momento, deixámos que ele se mantivesse a uma curta distância, mas isso pode tornar-se demasiado óbvio quando o duque estiver fora do quarto.

Maddy não tinha tanta certeza de se conseguir arranjar sem a presença de Larkin nas proximidades. Enfiou o indicador entre as páginas do caderno e apertou-o com força.

- Talvez seja melhor que, em vez de o levar ao jardim, o leve a visitar o meu pai.

- E uma excelente ideia. Começa por aí, com uma visita ao salão da família. E tenta fazê-lo compreender que isso é um prémio que lhe foi concedido. Apenas os doentes muito respeitados é que foram alguma vez convidados para a nossa sala privada, e foram apenas aqueles mais bem comportados. Se a resposta dele for positiva, podes depois levá-lo até ao exterior. É importante que o bom comportamento seja premiado no momento com qualquer tipo de recompensa. Voltar a levá-lo para o quarto com demasiada rapidez teria efeitos negativos.

-Ah.

O médico lançou-lhe um olhar rápido. Maddy teve medo que lhe visse a dúvida reflectida no rosto, porque fez uma pausa e franziu a testa. Recordou-se da revelação e do seu dever de se encarregar de Jervaulx. Não lhe podia virar as costas apenas porque sentia medo de se encontrar sozinha com o duque.

O primo Edward abriu uma das gavetas da secretária. Tirou uma corrente de prata e entregou-lha.

- Limita-te a andar sempre com este apito.

Agora o que estava em questão era o seu orgulho. Sentia-se determinado. Christian vira os progressos que fizera, não tanto na atitude de desconcerto que Maddy mostrara com os gatinhos mas na forma tomo, de seguida, evitara olhá-lo e ter algum contacto com ele.

Era melhor assim. Ao regressar, sentira-se muito cansado e apenas se mantivera acordado por pura determinação. Tinham falado todos muito depressa, de maneira ininteligível. Sentira esfumar-se as poucas forças que lhe restavam ao tentar compreendê-los. Deu-se por vencido, *Cansado manchado transparente casaca, afasta-se. As vezes não importa, é que... não.*

Ao chegar a manhã, recuperou a energia e Missmaddy.

Sentado na cadeira, viu-a inclinar-se sobre a cama e alisar os lençóis com uma precisão inútil. Com os braços cruzados sobre as cosias da cadeira, pensou no prazer. Ao ter a satisfação ao alcance da mão, descontraíu-se e deu rédea solta à imaginação, luxo a que jamais se permitira naquele lugar.

Que fingisse ser a sua enfermeira, que lhe oferecesse a ajuda para lhe calçar as luvas em frente dos outros. Com a reacção que tivera no dia anterior perante aquele gesto, deixara-se levar pelo temperamento, sabia-o. A dela nada mais fora que uma atitude de defesa própria das mulheres, uma reacção natural de retirada perante o primeiro gesto de aproximação. Num salão de baile ter-se-ia traduzido por uma sacudidela do leque e um namoriscar aturdido com outros homens, numa tentativa lenta para obter resposta. Conhecia de cor todas as subtilidades daquele jogo.

Maddy endireitou-se e virou-se para ele. Jervaulx lançou-lhe um sorriso pesaroso, que obteve o efeito pretendido. Uma certa agitação e a transferência imediata da atenção da jovem para uma tarefa sem qualquer tipo de importância que, nesse caso, consistiu em limpar com o avental o pó de uma mesa já limpa. Naquele dia não levava aquela espécie de colher para o açúcar na cabeça. O sol reflectiu-se e formou um arco-íris com o brilho daquele cabelo avermelhado, loiro como a cerva, apanhado no totó de solteirona.

Permitiu-se a fantasia de o imaginar solto sobre uns ombros nus.

Ela alisou a saia.

- «Gostarias de visitar timms estamanhã?»

A visão desapareceu para grande frustração de Christian. Agarrou as costas da cadeira com força.

- *Devagar* - acabou por dizer com uma expressão aborrecida.

- Visitar Timms - insistiu ela.

- Timms - repetiu Christian como um eco, e ficou furioso consigo mesmo, já que aquilo que tentara fora pedir-lhe que falasse mais devagar.

- Matemática. Timms.

A compreensão abriu-se-lhe na mente. Esforçou-se por dizer a palavra.

- Mate... *Timms*. Euclides. O... o... o... o axioma paralelo é independente dos outros axiomas euclidianos. Não se pode deduzir nada deles.

O olhar dela catalogou-o de louco. Mas não estava louco. Podia falar de matemática, isso era tudo.

- Vamos? - perguntou ela. - Timms?

Ir ver o pai dela? Emitiu um som de assentimento e surpresa, e levantou-se. A Besta voltara a vesti-lo com roupa decente, com a sua própria roupa. Missmaddy abotoara-lhe os botões de punho. Sentiu simultaneamente esperança e inquietação, receio que o habituassem àquele novo capricho de o tratarem como algo muito parecido com um ser humano.

Maddy destrancou a fechadura, saiu e manteve a porta aberta. Christian seguiu-a. O homem do outro lado do corredor, aborrecido, murmurou qualquer coisa quando passaram em frente da porta dele e estendeu a mão para Maddy através das barras da cela. Christian aproximou-se de imediato, mas Maddy já se afastara sem problemas. O lunático, frustrado na sua tentativa, agarrou o braço de Christian.

Cravou-lhe os dedos mas, de repente, soltou-o e começou a dar-lhe palmadinhas e a puxá-lo pela manga. A expressão de fúria do homem transformara-se em surpresa, como se não conseguisse compreender o motivo da presença de Christian. Um auxiliar encarregara-se de o pentear, mas tinha um dos lados do cabelo espetado como se se tivesse entretido a puxar por ele.

Começou a murmurar algo que Christian foi incapaz de perceber, uma ladainha que entre os murmúrios e a respiração do homem soou um pouco a «as-sim, as-sim». Os olhos sem vida procuraram os de Christian. Era um olhar inerte e ao mesmo tempo atormentado.

Christian devolveu-lho.

Estou assim?

Assim?

Sentiu-se horrorizado.

Assim não... não!...

Olhou angustiado para Maddy e soltou o braço das garras do louco. Queria falar com ela, queria dizer-lhe que não estava louco, mas não emitiu nenhum som. Nem as torturadas sílabas que conseguira proferir ultimamente, nem a repetição mecânica própria de um simples de espírito, daquilo que acabara de ouvir. Desapareceu tudo, tudo aquilo que começara a recordar. Quando ela falou, teve a impressão que o fazia sem sentido, que aquela confusão de sons não tinha qualquer significado.

Louco não não não não não!

Deteve-se. Ela estava a falar-lhe. Não compreendeu nada, apenas sabia que tinha de controlar o frenesim que se desencadeara no seu interior. Tinha que agir como um homem lúcido. Tinha que o conseguir, devia fazê-lo. Naquele momento pareceu-lhe a coisa mais importante de toda a Criação. Continuar a avançar pelo corredor, e mos-irar-se tranquilo e racional nas suas reacções.

O quadrado da hipotenusa de um triângulo equilátero é igual à soma dos quadrados dos catetos.

O teorema ajudou-o a concentrar-se.

Estava lúcido. Era o mesmo de sempre. Ia com Maddy visitar o pai.

A soma dos quadrados das projecções de uma figura plana sobre três planos perpendiculares entre si é igual ao quadrado da dita figura.

Não lhe era difícil generalizar Pitágoras. Passar à geometria analítica representaria um

desafio maior. Podia continuar a avançar com calma. Podia ir mais longe do que as projecções e entregar-se à sua verdadeira paixão. A geometria imaginária baseada em Euclides.

Através de um ponto C que está fora de uma linha AB pode desenhar-se no plano mais de uma linha que não faça intersecção com AB.

Existia. Uma geometria lógica que descrevia as propriedades do espaço físico, desenrolada em conflito directo com o postulado paralelo. O axioma paralelo de Euclides não se aguentava, apesar do que os matemáticos diziam desde a época dos gregos ao tentar encontrar a prova. Conhecia homens muito mais loucos que ele, homens que tinham consumido toda a vida na busca de uma demonstração irrefutável e que, ao fazê-lo, tinham dado cabo deles, da família e da saúde. Os mais sábios tinham desertado, e ele e Timms tinham-se lançado no estudo do teorema. Começaram pelo fim e tinham encontrado a solução ao contrário.

Lembrou-se de algo, algo à beira de uma enorme confusão... *chuva céu escuridão som... trovões!* Lembrou-se de rostos, mãos que se juntavam, que se moviam... *ruído, o ruído das mãos ao juntarem-se...* aplausos na Sociedade Analítica.

Timms. Artigo, sim. Sim.

Timms. Por fim, Christian conseguiu mover-se. Começou a andar e deixou o louco para trás. Ninguém poderia negar que estava na posse das suas faculdades, ao vê-lo descer as escadas de uma casa de campo mobilada com todo o luxo. Timms iria perceber, e Christian dirigia-se para o ver.

- Pai, está aqui. O duque.

Maddy fechou a porta da sala atrás deles. Antes que pudesse fazer alguma coisa, Jervaulx passou por ela e aproximou-se da cadeira do pai. Olhou para as peças de madeira com letras e números que cobriam a mesa. Ficou por um instante imóvel a observar a disposição exacta de uma equação trigonométrica, e pegou na mão do pai.

- Amigo! - disse o idoso com um sorriso e um sentimento tais que fez com que algo se alterasse na expressão de Jervaulx. - Nem imaginas como tive saudades tuas.

O duque ajoelhou-se. Apertou a mão dele entre as suas e apoiou nelas a testa.

Permaneceu ajoelhado, em silêncio. O pai de Maddy voltou o rosto para ele. Aproximou a mão livre e fê-la deslizar pelos punhos fechados para, a seguir, percorrer com os dedos o rosto de Jervaulx.

- Amigo - repetiu.

Da garganta de Jervaulx saiu um som, um resmungo suave que, de algum modo, exprimiu mais carinho e prazer que qualquer palavra que Maddy tivesse ouvido anteriormente. Abriu os olhos e levantou-se, soltando a mão do pai. Tocou na fórmula de madeira. Acariciou as peças com o indicador e disse:

- Tangente divisória de meio ângulo π . X aqui, expoente negativo. Colocou o símbolo de menos. - Sim? - perguntou, e olhou para o pai de Maddy.

O idoso apalpou, de imediato, os símbolos para os corrigir.

- Sim, concordo.

- Calculado para obter 1. «X» igual π . - Calou-se durante um momento enquanto estudava a mesa. - Ângulo divisório, quarenta graus vinte e quatro décimas. - Voltou a olhar intensamente para o pai.

- Para o artigo?

- Ar... - Jervaulx apertou o maxilar. - *Ti-go*.

De repente, afastou-se da mesa e começou a percorrer a sala.

- *Sim, sim, sim. Ti-go*.

- «X» igual a 1 - disse o pai de Maddy, sem se alterar. - Farei os cálculos no artigo.

Jervaulx deteve-se em frente da janela. No exterior, nuvens em movimento cobriam de sombras a entrada e o relvado. Projectaram sombras sobre o rosto dele e continuaram o seu percurso.

Jervaulx lançou um olhar a Maddy. Depois, voltou a percorrer a sala, mas para se aproximar da mesa, como se atraído por um íman. Voltou a deter-se perante a equação trigonométrica.

- Calcular no espaço físico. Não teórico. Paralaxe. Aplicação. Espaço físico.

- Com que exemplo? As distâncias são demasiado grandes. Jervaulx esforçou-se por falar. Não o conseguiu. Dirigiu-se à janela e apontou com o dedo para cima, a olhar para Maddy.

- O céu? - aventurou ela. Anuiu bruscamente.

- Céu. *Escuro*.

- Ah - disse o pai. - Então com as estrelas?

- *Estrelas* - foi a resposta de Jervaulx.

10

A *Mécanique céleste* e Laplace em Francês, *Teoria motus* e Gauss em Latim, com referências à *Astronomia nova* de Kepler e aos *Principia* de Newton. Maddy passou toda a manhã com a cabeça enfiada num e noutro daqueles livros do pai. Jervaulx não parecia capaz de ler palavras, mas conseguia falar de números e de equações matemáticas, e até lê-las em voz alta quando queria, mas parecia agradar-lhe mais tirar um dos livros das mãos de Maddy, folheá-lo impaciente, procurar as tabelas que queria e devolver-lho para que ela as lesse enquanto ele e o pai se consultavam, formavam e refaziam equações para procurar a paralaxe das estrelas e discutiam ardentemente a conveniência de utilizarem algumas distâncias, enormes até ao exagero, numa publicação.

O pai mantinha a postura conservadora de que se exporiam ao ridículo com uns valores tão improváveis, enquanto a atitude de Jervaulx naquele debate consistia em dar murros na mesa e lançar os símbolos pelo ar. Como era de prever, foi Jervaulx quem ganhou.

Passada a primeira hora, Maddy cometera o erro de lhe sugerir que fossem dar um passeio. Perante tal sugestão, obtivera um lamento resignado do pai, e de Jervaulx, depois de se ter feito entender, um eloquente olhar de incredulidade e desprezo, e um forte murro sobre o livro de Gauss que tinha ao colo. Ela baixou a cabeça e retomou a leitura em voz alta.

Quando a criada com o almoço para o pai chegou, já ambos tinham deixado para trás as suas discussões e estavam imersos no aspecto matemático dos cálculos. Nenhum dos dois prestou a mínima atenção ao tabuleiro, mas o duque partiu o pão do pai de Maddy ao meio, sentou-se à mesa e comeu-o enquanto calculava quadrados astronómicos. Maddy olhou resignada para a criada e pediu-lhe que também trouxesse comida para ela e para Jervaulx.

Comeu a sua refeição sozinha, durante um momento particularmente difícil nos cálculos. Jervaulx não gostava dos números de madeira. Mais de uma vez pediu a Maddy uma pena, mas ela fingiu não o compreender, pois lembrara-se da regra do primo Edward de não lhe procurar meios nem para escrever nem para desenhar. Temia já ter transgredido o princípio básico dessa regra com os números de madeira porque era inegável que, a devido a eles, Jervaulx se encontrava num estado de agitação. Era como se nem sequer os quisesse olhar, já que mantinha a cabeça inclinada enquanto os movia sobre a mesa. Às vezes, com uma expressão de enorme aborrecimento, fechava os olhos e apalpávamos como fazia o pai, e dava-lhes mil e uma voltas antes de os colocar no lugar.

Mas falava melhor, conseguia pronunciar frases fluidas que nalgumas ocasiões iam para além da matemática, e todo o seu entusiasmo estava centrado nos cálculos. Maddy suspeitava que antes da sua doença não se devia ter comportado com muito mais calma. Sabia reconhecer uma obsessão pela matemática assim que a via.

Estava sentada numa poltrona, a alguns metros da mesa, e sentia-se presa de um estranho ciúme. Com a segurança dada pelo apito que lhe pendia do peito, gostaria muito de ter saído para dar um passeio no jardim em companhia de Jervaulx.

O primo Edward apareceu uma vez durante a tarde. Maddy levantou-se sem fazer ruído para se aproximar da porta e permaneceu junto desta enquanto falava com ele. O tom baixo da voz de

ambos nem sequer pareceu chegar a Jervaulx, mas sim ao pai dela, que virou o rosto naquela direcção, ouviu por um momento, e voltou à sua posição anterior. O médico ficou a observar Jervaulx, que movia as peças de um lado para o outro da mesa, as olhava e as mudava de lugar. Maddy sabia que para o primo aquilo nada mais era do que um exercício sem sentido, uma espécie de tique mental irracional. Mas viu que Jervaulx estava tranquilo, e isso agradou ao médico.

O primo Edward afastou-se. A porta fechou-se atrás dele. E, para surpresa de Maddy, Jervaulx retirou bruscamente uma das peças do seu lugar, e recostou-se para olhar para ela.

O pai continuava a trabalhar, as mãos a pairar sobre os símbolos de madeira do modo que costumava utilizar quando estava imerso num cálculo. Jervaulx olhou-o, de seguida olhou para ela e levantou-se da cadeira.

A cabeça do pai virou-se um pouco ao aperceber-se da mudança para, logo de seguida, voltar a concentrar-se na tarefa. O duque aproximou-se da janela. Estendeu os músculos do pescoço e deu sinais de se estar a descontraír. De seguida, olhou para Maddy por cima do ombro.

Ela encostou as costas à porta.

- Gostarias de ir passear?

Não lhe respondeu. A maneira como a continuou a olhar fez com que os dedos de Maddy apertassem a maçaneta da porta com força. Era aquele seu olhar de pirata, doce e cheio de malícia.

Jervaulx desviou-se até à estante, inclinou a cabeça e, por um momento, franziu a testa enquanto examinava os títulos. Depois, dirigiu-se à secretária, até à mesa de leitura. Percorria lentamente o perímetro da sala e os seus passos conduziram-no inexoravelmente até ao lugar onde Maddy se encontrava, junto à porta.

Ela podia ter saído. Nada a impedia de o fazer. Podia ter aberto a porta que conduzia ao resto da casa, como se tivesse presumido com toda a naturalidade que o que ele queria era cruzar a soleira. Mas, em vez disso, permaneceu imóvel a rodear a maçaneta com os dedos.

O pai, alheio a tudo, estava inclinado sobre as suas operações matemáticas. Maddy não tinha dúvidas de que teria localizado de imediato o lugar em que ela e Jervaulx se encontravam. O duque não fez qualquer esforço para que não o ouvissem, pelo menos até ao momento em que se deteve a um palmo de distância dela. Com toda a sala para ele, parou junto dela, tão perto como quando ela lhe apertara o laço e lhe abotoara os botões de punho. A sua respiração e calor atingiram-na como daquela vez.

Maddy não tinha a touca posta. Até ao momento não se apercebera da protecção que aquele objecto largo e rijo lhe proporcionava, de como a ajudara a manter à distância o rosto de Jervaulx.

- Um passeio? - repetiu num tom demasiado fraco.

Ele limitou-se a ficar imóvel, absurdamente próximo. Olhos azuis, pestanas negras, um meio sorriso.

Baixou os olhos e pousou-os no apito que pendia sobre o peito da jovem. O sorriso tornou-se cínico. Tocou no objecto de prata e brincou com ele. Levantou-o e fê-lo girar com a mão. Ergueu o apito e este quase roçou o lábio inferior de Maddy. De seguida, olhou-a desafiador.

A respiração agitada da jovem fez com que esta emitisse um ligeiro assobio, como o piar distante de um pintainho perdido. O pai levantou o rosto e ouviu.

- Miss Maddy? - perguntou. Ela afastou a boca do apito.

- Sim, pai?

- Acho que há uma andorinha na lareira. Não estás a ouvir? Jervaulx ergueu os braços e apoiou os pulsos na estrutura da porta, dos dois lados de Maddy. A corrente do apito resvalou e apertou-lhe a garganta quando o homem puxou por ela. Tinha-a apanhado, o sorriso cada vez mais trocista.

- Não oiço nada - disse Maddy, e encostou as costas à porta. - Vou... vou pedir a um auxiliar para dar uma vista de olhos.

A resposta pareceu satisfazer o pai, que regressou aos seus cálculos. Maddy sentiu-se presa do espanto. Parecia-lhe impossível permanecer ali imóvel enquanto um homem a mantinha presa junto da porta, incrível que não o afastasse com um empurrão para se soltar, e que não desatasse aos

gritos para chamar a atenção do pai.

Jervaulx apoiou-se a um braço, traçou com o apito a curva da orelha de Maddy, que o observava fascinada. Fez deslizar o frio objecto de prata pelo queixo dela, o metal aquecido pelos dedos dele. O apito traçou um círculo sobre os lábios de Maddy até chegar a meio, moveu-se para um lado e regressou ao ponto inicial.

Aproximou o rosto. A respiração de Maddy fez com que o instrumento prateado emitisse uma música suave e irregular. Ele não lho retirou dos lábios enquanto lhe cobria a face e o queixo com os dedos. Inclinou a cabeça e apertou os lábios sobre aquele objecto de prata num beijo que inutilizou a sua função, ao deixá-lo preso na boca da jovem,

O apito deslizou entre os dedos de Jervaulx. Maddy sentiu que lhe embatia contra o peito quando ele lhe cobriu a boca com a sua. Percorreu-lhe os lábios tal como o fizera antes com a ajuda do instrumento, com uma carícia suave mas cálida.

De repente, arrebatou-lhe todo o pudor, a virtude e a salvação. Ela rendeu-se com demasiada facilidade.

Com aquela carícia suave nos lábios, a respiração do homem confundiu-se com a sua ao afundarem-se num mar de sensações. Teve a impressão que uma luz divina lhe brilhava no interior, que a inundava de maravilhamento. Aquele homem de olhos fechados, pestanas tão frivolamente longas encostadas à pele. Até as pestanas eram profanas na sua abundância.

A língua dele brincou com a dela como se fosse um reбуçado de gengibre que tivesse de saborear com pequenas dentadas. Mordiscou, brincalhão, o lábio inferior com os dentes e fez brotar do corpo dela uma torrente de verdadeira alegria carnal.

Maddy sentiu que a vontade a abandonava para sair ao encontro da dele. Entreabriu os lábios. Ele respondeu de imediato com uma união profunda e ardente. As mãos deslizaram para se fecharem em volta dela. Apertou-a contra o corpo e apoiou os antebraços na porta.

Estava envolta por ele. Os beijos pareceram-lhe estranhos, dolorosos e carregados de electricidade. Abriu as mãos desesperada, a tentar tocar em algo que não fosse o corpo dele, mas tudo era ele. Era a única realidade sólida que tinha ao seu alcance. Acariciava-lhe os cabelos com as palmas abertas com muita doçura, uma e outra vez, como um pai que acaricia um filho, ao mesmo tempo que a beijava e se apertava com força contra ela numa união poderosa de bocas e corpos.

Foi ele que lhe colocou um fim, ao afastar-se para a olhar no rosto. A respiração de ambos era profunda, quase silenciosa, como o silêncio que reinava em volta deles, apesar da presença do pai apenas a alguns metros de distância.

A pulsação de Maddy batia-lhe acelerada nos ouvidos. Começou a ter consciência do que tinham feito. A alma dela regressou ao lugar em que desaparecera, onde a escondera por vontade própria, oculta pela vaidade e pelo prazer da carne. Jervaulx estava a observá-la. Maddy olhou-o fixamente.

Era o Diabo, sorria com suavidade, com doçura, com uma calidez que jamais teria imaginado quando nas suas preces diárias rogava a Deus que lhe salvaguardasse a alma e mantivesse o seu espírito em graça. Nem uma única vez lhe passara pela cabeça que Satanás lhe acariciaria o cabelo e que desprenderia um cheiro terrestre e ameno... que não falasse nem murmurasse entre dentes promessas demoníacas aos seus ouvidos. Em nenhum momento pensara que não lhe ia parecer nem feio nem corrupto, nem fácil de ser ridicularizado pela virtuosa Archimedeia Timms.

Jervaulx olhou-a. A serenidade do olhar dele transformou-se numa ironia lenta. Apertou entre os dedos um caracol que se soltara do cabelo de Maddy e afastou-lho do queixo para, a seguir, se separar dela. O pai suspirou e reclinou-se na cadeira.

- Isto é assustador - disse, a sacudir a cabeça sobre os cálculos astronómicos. - É inconcebível. Não teria acreditado nisto se não tivesse sido eu a fazer os cálculos.

Jervaulx aproximou-se. Ao chegar à mesa, roçou a borda com as mãos e inclinou-se ao ver os cálculos, com a cabeça de lado.

- Achas que estão correctos? - perguntou o pai quando Jervaulx passou um momento a

examinar os cálculos de testa franzida.

O duque ergueu os olhos para observar Maddy. Apontou para a fórmula que o pai concluíra, na qual o valor da distância entre a Terra e o Sol estava multiplicada em valores que eram meio milhão de vezes superiores àquele, até alcançar o âmbito da sua nova geometria.

- *Estrelas* - disse com o rosto inundado de paixão. - *In... finito*.

E sorriu-lhe como se fosse o dono. Da distância e do espaço, das estrelas e do infinito... como se também ela lhe pertencesse.

Silêncio, e Assembleia.

Paredes sem enfeites, bancos simples, modéstia, nudez, silêncio à espera de ouvir a voz serena e imutável de Deus. A mulher ajoelhada em frente de Maddy tinha um botão descolado no colarinho. Quando inclinou a cabeça, escapou-se-lhe da touca uma única madeixa fina e escura.

Era uma Assembleia pequena, não havia mais de doze amigos sentados imóveis na sala quadrada. Ninguém ocupou o lugar dos idosos de frente para os fiéis. Ninguém falou. Ouviam, com a vontade submetida, ao espírito interior que lhes servia de guia.

Maddy não deixava de olhar para a madeixa de cabelo daquela mulher. Sentiu algo que jamais sentira antes numa Assembleia. Sentiu-se rodeada de estranhos. Todas as pessoas que ali se encontravam estavam caladas, num estado de tranquilidade espiritual, sem enfeites nem desafios. Como Maddy deveria estar. Como sempre estivera no passado. Olhou aqueles cabelos soltos e pensou no duque e na sua touca. Examinou as paredes sóbrias e vazias, e viu o sorriso dele: trocista, terno e exultante ao falar das estrelas e do infinito.

O infinito. A própria ideia parecia-lhe um tanto imoral. Como podia alguém, para além do próprio Deus, ter o atrevimento de brincar com o infinito? De o reduzir a números e estendê-lo sobre um tapete de pano? Talvez esse fosse o motivo por que a Divindade tinha infligido aquela doença a Jervaulx, pelo seu atrevimento desmedido, por ter a audácia de se envolver com o Universo e fazer cálculos que não encaixavam no mundo que Deus criara para o Homem.

Sem a chegar a compreender, sentia a força da nova geometria. Sentira um temor reverente nas palavras do pai. Números, estrelas, paralaxe... o infinito.

Maddy apercebeu-se de que se levantara. Sentiu-se enjoada. Invadiam-na milhares de palavras e pensamentos, nenhum deles espiritual, nem sequer racional. Muitas vezes na sua vida estivera sentada em silêncio e ouvira alguém levantar-se e começar a falar, mas ela nunca o fizera. Nem uma única vez se levantara do banco antes que os restantes o fizessem.

Mas nenhuma das palavras que ouvia interiormente era a palavra de Deus. Referiam-se todas a um beijo, ao sorriso de um homem, e ao momento infinito quando se inclinara sobre ela, lhe cobrira a boca com a sua e ela não se afastara.

O ruído dos sapatos ao pisar o soalho de madeira ressoou pela sala. Iram apenas cinco passos desde o último banco até à porta. Abriu-a com um empurrão, a luz invadiu a penumbra e o sol obrigou-a a semicerrar os olhos. O cheiro a cera derretida da sala da Assembleia desvaneceu-se no ar frio do exterior, num cheiro a madeira caiada e quente debaixo do sol e a fumo de lenha. Uma vaca solitária, de pele às manchas pretas e brancas, olhou-a com uns olhos bonitos e solenes, antes de continuar a pastar a relva dos prados comunais.

Maddy deixou-se cair sobre o último degrau, abraçou-se com força e inclinou a cabeça sobre o colo. Escondeu o rosto por trás da borda da touca, apesar de não estar ali ninguém para a ver - ninguém que pudesse ver para além da touca e chegar-lhe ao fundo do coração.

Christian esperou por ela. Maddy não apareceu durante toda a manhã.

Só a Besta estava presente, e não de muito bom humor. Entrou com uma Bíblia na qual se encontravam assinaladas três passagens. Enquanto Christian permanecia com uma mão acorrentada,

o guardião leu em voz alta alguns versículos num tom monótono e sem qualquer entoação. Christian nem se deu ao trabalho de ouvir aquela *algaraviada surda*. Em vez disso, entreteve-se a vigiar a porta e a olhar pela janela para ver se Maddy aparecia.

Não apareceu durante todo o dia.

Era uma enorme humilhação que ela o quisesse evitar e ele não tivesse liberdade para sair à procura dela. A intenção de a humilhar virara-se contra ele.

E o que era pior, despertara-lhe o apetite. Levava-o com ele para a cela: o abraço, o corpo da jovem entre o seu e a porta fechada. Desatara algo que o enchia de anseio e que não podia satisfazer, não por vontade própria. E não havia mais nada em que pensar, não contava com nada para se distrair facilmente como no passado. Era estúpido ansiar por uma mulher que não podia tocar... aproveitara-se sempre do que estava à mão. Mas agora não contava com uma substituta complacente. A única coisa que sentia era um novo desejo, tão pungente como a dor que lhe latejava nas costas. E o modo tão doce como ela permitira que ele a beijasse e como lhe respondera. Tinha medo que não regressasse. Acorrentado à cama, manteve-se vigilante. A Besta foi-se embora. Chegou a escuridão. Apesar de tudo, continuou à espera, mas ela não chegou.

Maddy sentiu-se tão envergonhada da primeira vez que o voltou a ver que nem olhou para ele. Entrou na cela, desfez a cama e afastou-se.

Isso aconteceu de manhã. De tarde, e de acordo com o horário, devia ir passear com ele pelo jardim.

Rezou para que começasse a chover, desejo tão cobarde e egoísta que Deus não achou oportuno satisfazer. O dia estava calmo, impróprio da estação, quase quente. No céu, via-se uma mistura nebulosa e mal definida de nuvens e azul. Maddy saiu do refeitório, de um amarelo radioso, subiu ao corredor do piso de cima e hesitou antes de chegar à cela.

O coração batia-lhe com força. No entanto, ainda estava a tempo de voltar para trás, sussurrou-lhe ao ouvido a voz da Razão. Aproximara-se com tanto cuidado que era impossível que Jervaulx a tivesse ouvido. Podia deixá-lo na cela e terminar as suas tarefas de secretária.

Os restantes pacientes estavam em silêncio - encontravam-se no exterior a fazer exercício ou estavam apenas calados. Com passos suaves, aproximou-se da porta e olhou através das grades.

Jervaulx estava em frente da janela, a olhar para o exterior. Tinha uma das mãos apoiada às grades, que agarrava ligeiramente com os dedos. E, de repente, Maddy viu como era desprezível mantê-lo ali, na penumbra da cela, quando o dever dela para com Deus, o primo Edward e para com o próprio duque era levá-lo para o sol exterior.

Enfiou a chave na fechadura. Ele virou-se. Durante um instante pousou os olhos nela com um olhar incomensurável, como se estivessem separados pela eternidade.

Aquilo nada tinha a ver com o dever. Nem aqueles olhos azuis e ardentes de pestanas de azeviche, nem a linha do queixo, nem a boca severa esculpida a cinzel. Era um mistério. Era o infinito e uma queda vertiginosa e interminável, como nos sonhos.

Mas Christian conteve-se, deteve-se com aquelas pestanas negras e em um olhar que se desviou do dela para mostrar o seu aborrecimento. Quando Maddy entrou na cela, ele afastou-se como se quisesse colocar uma enorme distância entre ambos.

- Vim buscar-te para dares um passeio pelo jardim - disse, e apontou para a porta.

Os lábios de Christian curvaram-se com a sombra de um sorriso. Não disse nada.

- Passeio. Jardim. - Maddy manteve a porta aberta. - Gostarias de vir?

Christian estendeu a mão num gesto de cortesia, como se lhe cedesse a passagem para que ela saísse.

Christian respeitou as hesitações de Maddy, e não insistiu para que ela se mantivesse junto dele. Deixou que ela o conduzisse, e caminhou atrás dela pelos carreiros de gravilha que atravessavam os roseirais.

Ela movia-se inquieta. Acariciou uma flor, levantou um pouco a saia negra, baixou-se para

apanhar as folhas caídas e para arrancar uma erva daninha minúscula. As flores eram abundantes e luziam em lodo o seu esplendor, *um simples toque desprenderá chuva de pétalas*.

Jervaulx pensou que também ela poderia cair, precipitar-se de repente nas mãos dele, para lhe deixar entre os dedos um suave perfume a flores. As rosas inclinaram as corolas generosas como se assentissem, mas ela continuou a dar mostras de rigidez e circunspecção, vestida de negro e de novo coberta pela touca, para que ele não lhe pudesse ver o rosto se a olhasse directamente.

Apesar de tudo, ela facilitou-lhe as coisas. Percorreu um carreiro até chegar a um recanto no qual havia um caramanchão. Debaixo deste, um banco coberto de pétalas murchas que se tinham desprendido da trepadeira vermelha e arqueada que lhe dava sombra. Maddy não se sentou. Entreteve-se a inspecionar as flores como se fosse uma tarefa importante que precisasse de realizar. Christian não teve que fazer nada. Limitou-se a cortar-lhe a saída, flanqueada dos dois lados por arbustos espinhosos.

Maddy virou-se, e viu que ele se apercebera.

Parecia assustada e sem alento. Uma pétala vermelha pairou no ar e deu a volta à touca e pousou-lhe no ombro.

Aquele pedaço vermelho permaneceu ali imóvel, perto da curva pálida da garganta, entre o pescoço branco e sóbrio e o cabelo puxado para trás. Christian estendeu uma mão e pegou na pétala com os dedos. Ela ficou rígida, a respirar como um veado assustado. Christian deixou que o momento se prolongasse com a mão suspensa junto à face da jovem, sem a tocar, a uma exalação de distância, num gesto tão íntimo como um beijo.

A cor inundou as faces de Maddy. Estava expectante. Os olhos, aqueles olhos que mudavam de cor e passavam do avelã ao dourado sob as pestanas sinuosas, exibiam simultaneamente terror e fascínio.

Christian deu um passo atrás e soltou-a.

Ela passou apressada por ele, com o rosto inclinado sob a protecção da touca. O duque deu a volta e sorriu para si mesmo.

Estava livre... porque ele o deixara. No entanto, ainda conservava o seu poder. Podia tê-la mantido ali e beijá-la, e desprender com um simples roçar as pétalas das rosas.

Depois daquilo, Maddy não se deteve na álea e dirigiu-se rapidamente até ao portão. Christian seguiu-a com a lentidão de um caçador pesaroso e criou uma certa distância entre ambos. Atrás do portão do jardim, havia um pátio cheio de loucos e auxiliares. O mais próximo dele era o louco que murmurava do outro lado do corredor, em frente da cela de Christian, a Besta seguia-o e levava na mão a corrente que apertava o ombro do louco.

Christian não gostou daquele pátio aberto. *Animal de circo não, animais arrastados pelas correias do exercício*. Deteve-se ao lado do portão, disposto a protestar, mas Maddy desaparecera.

A confiança dele desvaneceu-se. Ficou onde estava, a tentar encontrar a jovem. A Besta e o louco aproximaram-se com passos desajeitados. O lunático sacudia a cabeça, puxava pela corrente e movia os lábios sem pronunciar palavra. A Besta inclinou-se e murmurou-lhe qualquer coisa ao ouvido. O louco olhou para Christian, a menos de meio metro de distância, *olhos cheios vazios, olhar vago, gelado*.

Timms! - gritou a Besta com uma voz aguda ao passar ao lado dele. - «Responsávelporele!»

Christian olhou para lá do auxiliar e por um instante viu Maddy mais à frente. Depois ouviu um uivo e sentiu uma pancada, vinda do nada, que o lançou ao solo e o imobilizou de dor enquanto umas mãos lhe puxavam pelo casaco e pelo pescoço, e transformavam o laço num nó vermelho que lhe apertava a garganta. Em cima dele, o louco gritava com a cabeça deitada para trás e golpeava com os punhos o rosto e a cabeça de Christian.

Defendeu-se, colocou a mão no maxilar do louco, fez força com os dedos para o afastar e deu uma volta no chão para se soltar, o que fez com que uma dor intensa o atravessasse. Lançou um murro forte ao rosto do louco, mas não o conseguiu deter. As mãos, como garras, davam unhas na garganta de Christian, à procura de um sítio onde se agarrarem. O homem gritou, apertou o pescoço de Christian com os dedos, ao mesmo tempo que o empurrava para o chão e tentava enfiar os dentes

na primeira coisa que encontrasse. Com esforço, Christian conseguiu ajoelhar-se e apertar os punhos para os lançar na direcção da mandíbula do louco.

O impacto atingiu os braços do homem e conseguiu que este afrouxasse o nó que apertava a garganta de Christian, que o voltou a atingir. Dessa vez, conseguiu deixar o louco inconsciente. Christian continuou de joelhos e continuou a esmurrá-lo. A dor que sentia nas costas era lancinante, respirava com dificuldade, mas isso não o impediu de esmurrar uma e outra vez o corpo inerte que jazia debaixo do seu. Odiava o louco, irritava-o, queria livrar-se daquele pesadelo embora para isso tivesse que transformar o homem numa massa ensanguentada.

Mas a Besta apareceu de surpresa. Uns braços surgidos do nada prenderam-no. Umas mãos poderosas que o levantaram com um simples puxão, enquanto todas as pessoas corriam para eles. Não via Maddy em lugar algum. A dor abrasava-lhe o corpo. Sentia o sabor a sangue na boca. *Abandonaste-me!* Quatro auxiliares puxaram por ele para que se afastasse do louco. *Maddy!* Quando, por fim, a jovem apareceu voltou a sentir-se impressionado. Não estava ali e, de repente, já estava. E nada mais fez senão olhá-la com um olhar acusador. *Abandonar desaparecer desertar de mim. Maddy! Deixar-me isto, deixar-me animal defender luta animais dentes punhos. Selvagem! Maldita seja maldita seja Missmaddy. ABANDONASTE-ME!*

Maddy não proferiu uma única palavra. O olhar de Christian era o de um animal selvagem. Sangrava do enorme arranhão que tinha no queixo. A camisa, rasgada em três pedaços, saía-lhe do casaco. Larkin afastou-se para um lado e deixou que os outros três auxiliares o arrastassem até à casa.

- Deixou que ele se afastasse demasiado de si, *miss* - disse Larkin entre grunhidos.

- Ah, meu Deus! - respondeu ela.

- Lançou-se como um *bulldogue* sobre o meu paciente. Sem provocações. Não viu os murros que lhe estava a dar?

Maddy não vira como é que aquilo começara. Só detivera o seu percurso decidido à volta do pátio quando os gritos do homem subiram de tal modo que lhe gelaram o sangue. Tinham estado a revolver--se na terra e, sim - Jervaulx batera-lhe, esmurrara-o, e continuara a fazê-lo até quando o pobre homem já estava inconsciente.

- O doutor não precisa de saber disto, *miss*. Maddy continuava sem conseguir articular palavra.

- Nós, os auxiliares, mantemos estas coisas entre nós. Hoje por si, amanhã por mim. Não deixe que ele se volte a afastar tanto.

- Não - disse ela num fio de voz, enquanto observava como levavam Jervaulx para dentro de casa como se fosse um fardo.

Larkin colocou-lhe uma mão no ombro.

- Está a perceber porque não vestimos os doentes violentos com roupas elegantes, *miss*? - E com um sorriso, acrescentou: - Aqui sabemos o que fazemos, *miss*. Não pode dizer que não sabemos.

O Sr. William, o homem que Jervaulx esmurrara, encontrava-se na enfermaria, acordado e atado à cama, e não parava de repetir, «Jesus é o Diabo», uma e outra vez, com um murmúrio veemente. Jervaulx estava na sua cela, acorrentado e sentado sobre a cama com o peito nu, coberto apenas pelos suspensórios e as ligaduras nas costelas.

Maddy fechou firmemente a porta ao entrar, aproximou-se dele e perguntou:

- Porquê?

Christian olhou-a. Tinha o aspecto de um homem selvagem. O cabelo coberto de pó e o rosto ainda ensanguentado.

Ele humedeceu os lábios.

Porque é que lhe bateste? Mio respondeu com um gemido e sacudiu a cabeça.

- *Matar!*

- Não, não acho. É impossível que o quisesse matar. Porque é que o atacaste?

Ele olhou-a como se se tratasse de uma aparição misteriosa e, de seguida, fez outro gesto negativo e desviou o olhar.

- Compreendes? - perguntou ela. Voltou a negar com a cabeça e inclinou-a mais. Maddy ajoelhou-se ao lado dele.

- Quero compreender - disse devagar. - Diz-me o motivo. Viu que movia o maxilar com esforço.

- *Matar...* - ergueu as pestanas e dirigiu-lhe um olhar suplicante - ... *me*.

Apertou o punho e bateu no peito como se lhe cravasse uma faca. Torceu a boca com uma expressão silenciosa e afastou o rosto.

Maddy não sabia se era uma resposta ou uma súplica. Com uma uma pressão receosa, estendeu a mão, tocou-lhe na têmpora, e afastou o cabelo do rosto inclinado. Ele sobressaltou-se, como se tivesse sido apanhado de surpresa. Mas, um momento depois, descontraíu-se com a carícia e apoiou o rosto na mão dela.

- Não vai acontecer nada - sussurrou Maddy.

Christian emitiu um som, uma espécie de gargalhada estranha, e voltou a sacudir a cabeça.

- Deixa-me limpar-te o rosto.

Não respondeu. Maddy levantou-se e despejou a água do balde na bacia. Trouxera uma toalha limpa com ela. Voltou a ajoelhar-se e começou a limpar-lhe o sangue do rosto. Ele fechou os olhos. Quando acabou, pegou-lhe nas mãos e limpou a terra das feridas abertas.

Levantou-se. As correntes tilintaram quando Christian lhe envolveu as ancas com os braços e encostou a cabeça contra ela. As correntes pressionaram-se contra a parte de trás das pernas. A pressão destas e dos dedos dele aumentou. Pousou a mão no ombro de Christian.

Permaneceram assim durante um longo momento. Poderiam ter ficado assim durante toda a noite, se não fosse a pancada forte que soou na porta de madeira.

Larkin estava do outro lado das grades.

- O doutor já sabe o que se passou - disse em poucas palavras. Tem de ficar no isolamento até de manhã.

Depois do pequeno-almoço, Maddy foi chamada ao gabinete do primo Edward. Encontrou-o sentado atrás da secretária, com um caderno grande aberto sobre ela e a pena na mão.

- Isto não devia ter acontecido - disse. - Estou desiludido.

- Lamento - respondeu a jovem abatida e com total sinceridade. - Afastei-me demasiado dele.

- Por sorte, o senhor William não parece estar gravemente ferido. A família dele é aparentada dos Huntington de Whitehaven, sabes? E quanto ao duque... bem, nos últimos tempos, parece ter a tendência para se magoar. Pergunto-me se não terá fracturado as costelas noutra alteração e não num acidente.

Lançou-lhe um olhar inquiridor, como se ela lhe escondesse alguma coisa.

- Claro que não. O próprio Jervaulx mostrou-me como caiu da cadeira.

- Talvez tivesse sido assim, talvez. Mas... Larkin demorou algum tempo a comunicar-me o incidente e tu também. Parece que vou ter de me manter atento a ambos.

Maddy manteve a cabeça baixa e recebeu a reprimenda com humildade. O médico apontou algo no caderno. Depois de uma pausa, o primo prosseguiu:

- Os teus relatórios foram positivos. O duque nunca se mostrou violento na tua presença?

Maddy não ergueu os olhos.

- Jamais houve violência.

Não te sentes incomodada com ele? Maddy levantou a cabeça.

- Nunca foi violento comigo.

- Apesar de tudo, acho que durante algum tempo será melhor que limitemos os seus movimentos. Vais continuar a ser responsável por ele, mas apenas se estiver acorrentado ou houver um auxiliar masculino presente. Veremos se isso funciona. Parecia-me estar tudo a correr tão bem... Fiquei muito surpreendido ao saber que foi o senhor Christian quem provocou a briga e não o senhor William, que há duas semanas que é vítima de enormes ataques de fúria.

Voltou a lançar um olhar interrogador a Maddy.

- Eu não vi quem começou - disse ela.

- Da próxima vez, tem mais cuidado.

- Terei, prometo. Lamento.

11

Tentara explicar a Jervaulx onde se dirigiam. Não fazia a mínima ideia se ele a compreendera. Tinha o ar rígido de um homem petrificado por fora, mas num estado de ebulição interior. Com as mãos atadas até aos cotovelos com uma espécie de luvas de couro, agarrava-se à correia interior da carruagem e olhava pela janela com a mesma intensidade que dedicava à matemática. Fixava a atenção em coisas vulgares, como palheiros e moinhos, e via-os passar como se fossem inimigos preparados para se lançarem de surpresa sobre a carruagem. Era como uma bomba em movimento, pronta a explodir. Maddy estava sentada à frente dele e do pai, e rezava continuamente para que a explosão não acontecesse.

Larkin viajava no tejadilho da carruagem, demasiado afastado para oferecer protecção ou auxílio. Depois de ter decidido ajudar Jervaulx, Maddy tinha a sensação que já não era ela que controlava a situação, apanhada entre todos os testes e experiências que o médico queria realizar. O duque, nas duas semanas que se tinham passado desde a escaramuça, mostrara-se tão subjugado que o primo Edward decidira dar-lhe maior liberdade e permitir que acompanhasse Maddy na carruagem. Sozinha na companhia dele, ela tinha de conseguir que ele se comportasse de modo mais civilizado, independentemente do facto de não ser uma dama nobre nem aristocrata, apenas a simples Maddy Timms. Apesar de o terem imobilizado com aquelas luvas de cabedal que, como qualquer pessoa conseguiria ver, estavam prestes a fazê-lo perder o controlo. Apesar de, quando chegaram ao local da primeira muda - uma estalagem muito concorrida com o pátio a abarrotar de viajantes, cavalos e palafreiros -, ele ter-se afundado no assento e exalado três ruidosas baforadas de ar entre dentes, e se ter negado a abandonar a carruagem enquanto lhe lançava um olhar que reflectia ira e terror, com o maxilar rígido de vergonha. De seguida, virou o rosto.

Maddy fechou as cortinas da carruagem. Quando o primo Edward se aproximou da portinhola, disse-lhe que o duque não desejava tomar nada naquele lugar. O primo Edward, que por vezes se comportava como um tolo e outras vezes não, desviou o olhar dela para o canto da penumbra onde Jervaulx estava sentado, com um olhar silencioso e malévolo semelhante aos olhos de um gato que brilhavam iluminados por um candeeiro a óleo na escuridão de uma cave.

- Pararemos um pouco mais à frente - disse o médico. Maddy deixou o ar sair-lhe dos pulmões.

- Nesse caso, eu ficarei aqui se lemares o meu pai a beber chá. Quando voltaram a parar, foi numa aldeia pequena e antiga, escondida nas profundezas de um bosque. Era meio-dia, a rua estava deserta. A taberna, tranquila e escura atrás da porta fechada. Maddy ajudou o pai a descer da carruagem e, quando se voltou, ficou surpreendida ao ver que Jervaulx, embora entorpecido pelas luvas, se levantara e parecia disposto a segui-los.

Recusou a ajuda para descer. Uma vez na rua, olhou para a curva da estrada. As casinhas de madeira e tijolos, com telhados de ardósia e jardins murados, pareciam arquear-se e moldar-se ao contorno da colina e, em vez de formarem uma fila recta e moderna, davam a impressão de serem gotas de melão salpicadas ao acaso. Jervaulx olhou para Maddy. Apertou o maxilar e conseguiu

dizer com esforço:

- Pa... *perdido*.

- De modo algum, de modo algum, senhor Christian - respondeu o primo Edward ao aproximar-se. - Não se preocupe. Afastámo-nos um pouco da estrada principal, mas sabemos exactamente onde nos encontramos, garanto-lhe. Estamos em Chalfont St. Giles.

Jervaulx soprou exasperado.

- *Perdido*.

- É claro que não nos perdemos. Nem um pouco.

- St. Giles... - disse o Sr. Timms em voz alta como se a tentar lembrar-se de alguma coisa.

- *Perdido* - repetiu o duque, enfático. O primo Edward tentou acalmá-lo.

- Não, não. Não estamos perdidos. Larkin, encarregue-se do duque. Tenha muito cuidado, estou preocupado com a atitude dele.

Jervaulx colocou-se atrás do primo Edward e lançou-lhe um olhar de desprezo com cara de poucos amigos.

- Maldito idiota! - disse com toda a clareza, para acrescentar logo de seguida: - *Perdido!*

- Encontraremos o caminho - respondeu o primo Edward sem se alterar e examinou Jervaulx com frieza. - Receio que possa dar-se um episódio de loucura. Os insultos e as faltas de respeito são com frequência os primeiros sinais. Vamos deixá-lo de luvas postas.

- Quer acompanhar-me, senhor Christian? - perguntou Larkin, e fez o gesto de lhe pegar no braço. Jervaulx afastou-se de modo a evitar o toque e lançou a Maddy um olhar sombrio, como se se sentisse atraído e, de seguida, encaminhou-se para a taberna com Larkin atrás dele, como um buldogue a seguir um puro-sangue.

Maddy humedeceu os lábios.

- Apetece-te uma chávena de chá, pai?

- Chá? Não, de modo algum. Queres dar um passeio para tomar ar, *miss Maddy*?

Soou-lhe estranho ouvi-lo tratá-la pelo apelido carinhoso que o pai lhe dera, pronunciado com clareza e sem dificuldades. De algum modo, a entoação tortuosa de Jervaulx era-lhe agora mais familiar ou mais carregada de significado. Era todo um exercício de vontade com o único objectivo de pronunciar aquelas sílabas, o que fazia com que cada uma delas ganhasse importância por si mesma.

Pegou no braço do pai, embora ainda se sentisse agitada. Caminharam um bocado em silêncio até que, por fim, Maddy exclamou:

- Espero que não esteja prestes a criar uma confusão.

- Uma confusão? O duque?

Nunca lhe falara da luta no pátio. Alisou o punho da manga e enrolou a ponta com os dedos.

- Parecia um tanto... perturbado. Talvez, em vez de sermos nós, o primo Edward consinta que seja Larkin a fazer-lhe companhia durante a viagem.

- Estás assustada?

A surpresa evidente nas palavras do pai fez com que Maddy se sentisse um pouco envergonhada.

- Tu não o conheces, pai. Quando fica fora de si pode ser intimidatório. Não é racional. E tem muita força.

- Eu acho que ele é o mais racional possível - replicou o pai. - Chamou idiota ao primo Edward.

- Pai!

Ele deteve-se e apertou-a com um sorriso estranho.

- Onde estamos? Subimos por uma ladeira, não é verdade? Há uma casinha à esquerda, de tijolos vermelhos, com uma chaminé que dá para a rua e um jardim coberto de videiras?

- Sim. É uma casa mais acima. Já estiveste aqui antes? - Na chaminé... há uma placa?

Maddy olhou naquela direcção.

- Diz Milton's Cottage.

O pai não disse nada. Ela hesitou e examinou a modesta casa de aldeia. De repente, compreendeu e desatou à gargalhada.

- Ah, não! Sim, é mesmo um idiota! E eu outra! Não nos perdemos, claro que não. - Começou a imitar a voz tranquilizadora do primo Edward quando se dirigira ao duque: - «Não se preocupe, senhor Christian, sabemos exactamente onde estamos, senhor Christian. Em Chalfont St. Giles.» *O Paraíso Perdido*.

A casa onde Milton o escreveu. A tua mãe e eu estivemos aqui uma vez a visitar uns amigos, quando ainda eras um bebé.

- Como o duque deve pensar que somos ignorantes! A expressão do rosto dele quando o primo Edward não parava de repetir que não nos tínhamos perdido! Ah, pai... - Mordeu o lábio enquanto as gargalhadas desapareciam e a voz lhe falhava. - Ah, pai! Como ele odeia o que lhe aconteceu!

- Precisa de ti, menina Maddy - respondeu o pai, e cobriu-lhe a mãe com a sua. - Precisa da tua fé. Mesmo que estejas assustada.

- Não pensei... não tinha a certeza... rezei muito. Antes via-o com clareza, mas agora... - Fechou a boca com força.

O pai manteve-se silencioso, a mão imóvel.

Beijou-me, pai.

Que vontade tinha de o dizer, mas não o podia fazer. Achá-lo-ia repulsivo e não se perdoaria. O duque era seu amigo, e Maddy... nem sequer o tentara evitar. Pensou que talvez tivesse sido ela a arrastar Jervaulx, que o Diabo também se apoderara da sua pessoa, que a levava a olhar para o duque e ver como a sua figura terrena era atraente. Apenas há poucas semanas, uma mulher-ministro dissera na Assembleia - quando para Maddy isso não tinha qualquer significado - algumas palavras que naquele momento recordou com enorme exactidão, como se Deus não quisesse que se esquecesse do mais pequeno pormenor: «Todas as nossas alegrias, os nossos prazeres e os nossos bens, tudo aquilo que é delectável para a carne, não passa de vaidade e só nos traz tribulações. Devemos guardar silêncio, e recusar-nos a responder e a obedecer à concupiscência e ao desejo carnal.»

Maddy não se sentia em silêncio. No seu interior, ressoava o clamor da vaidade e do prazer, da alegria e da tribulação. Sentia-se infame e fraca, era uma desconhecida para si mesma. O medo apoderava-se dela.

- Não... sei que fazer - disse exasperada. - Não sei!

O pai levantou a cabeça e, passado um longo momento, disse lentamente:

- É assim tão difícil, menina Maddy? Não lho podia contar. Não podia.

- A mim parece-me - disse, a olhar para a mão que o pai apoiava no braço dela.

- Então, preferias que regressássemos a casa?

Maddy pensou nessa possibilidade. Em regressar a Cheyne Row e à vida segura e tranquila que ali levava, na qual as únicas tentações que a assaltavam careciam de importância. A facilidade para repreender a criada e a inveja frívola das jovens que possuíam roupas bonitas. Regressar a casa, deixá-lo à mercê de Larkin, do primo Edward e do Sr. William, abandoná-lo ao silêncio, às correntes e a uma cela de prisão.

- Tenho a certeza que preferiria ir-me embora - disse e, com um gemido de desespero, acrescentou -, mas... não o poderia fazer. O pai deu-lhe umas palmaditas na mão. És uma boa rapariga, Maddy.

- Não, pai - gritou. - Não sou.

Ele limitou-se a sorrir, como se ela ainda fosse uma criança impulsiva. Mas Maddy sabia-o. Não era boa. Estava presa à terra, ao Diabo e a um homem, e não era nada boa.

Chegaram a Londres ao entardecer. Apesar de só ter passado um mês no campo, os cheiros e a população da cidade enervaram Maddy. A carruagem não abrandou a marcha, mas continuou a

rodar ao longo de Hyde Park até chegar a Oxford Street, onde as luzes já brilhavam alegres e reflectiam-se na fileira de coches lacados que esperavam no interior da rua, enquanto damas e cavalheiros entravam e saíam das lojas. Uma ourivesaria, uma loja de bebidas espirituosas, joalharias, lojas de tecidos e confeitarias. Mais de um quilómetro de mercadorias e espectáculos, tudo iluminado e polido para deleite dos que olhavam.

O duque viu tudo aquilo passar-lhe em frente dos olhos e, de vez em quando, olhava para Maddy com uma mistura de intensidade e desconfiança, como se de algum modo ela tivesse feito surgir aquilo por artes mágicas. Maddy tentou explicar-lhe tudo, tentou prepará-lo para a visita oficial, mas sabia que ele não teria a mínima noção do que aquilo significava. Adivinhava-o pela euforia controlada que via nele. Achava que ia regressar a casa para ficar.

Quando a carruagem saiu de Oxford Street e começou a dar voltas pelas ruas elegantes, Jervaulx levantou os braços acorrentados para ela e disse:

- *Fora.*

A carruagem chegou a uma praça aristocrática. Maddy ouviu os grilos dos criados e os esforços que estes faziam para afastar os peões do caminho.

- *Por favor.* - O pedido chegou-lhe com uma dureza clara, pronunciado com um som explosivo que contrastava com a súplica.

No exterior, criados de libré amontoavam-se quando, com um rangido, os veículos se detiveram em frente da casa que dominava a praça. O edifício isolado destacava-se entre os restantes pelas suas colunas coroadas por capitéis coríntios e a simetria das suas janelas. Não era muito diferente da casa do duque em Belgrave Square, mas era maior e parecia mais fria com aquela perfeição isolada e uma entrada pouco acolhedora, separada da rua por um único degrau.

A porta estava aberta e deixava ver as luzes do interior. Maddy viu Calvin, o mordomo, descer o degrau e imobilizar-se de um lado. De seguida, apareceu a duquesa viúva vestida de negro. Calvin ajudou-a a descer o degrau e ela aproximou-se apressada da carruagem do primo Edward.

Maddy inclinou-se e, com um puxão, prendeu as mãos de Jervaulx no colo. Na penumbra, debateu-se contra os fechos de couro e mal os tinha desapertado com esforço quando o primo e a duquesa se aproximaram da porta da carruagem.

As luvas caíram ao chão na obscuridade. Maddy, com um pontapé, afastou-as para um canto. Jervaulx emitiu um som de gratidão, sem chegar a proferir uma palavra inteligível. A luz de um candeeiro inundou o interior quando a portinhola se abriu, e ouviu-se a voz da duquesa que apagou os restantes sons.

- Christian!

Deteve-se como se não soubesse como prosseguir, e do passeio fixou o olhar nele. Recuou um passo, com um voltejar da saia negra. Um dos criados aproximou-se dela quando a dama fechou os olhos e levou a mão à garganta.

- Não, vai-te embora. Não vou desmaiar. - E abriu os olhos. - Vão-se todos embora! Vão chamar a atenção das pessoas e alguém pode reconhecê-lo.

Virou-se para o sítio onde o primo Edward estava e fez um gesto, a indicar um beco junto à casa.

- Vão pelas traseiras. Vamos metê-lo dentro de casa pela porta das traseiras.

- Não - disse o duque.

A mãe olhou-o como uma expressão tão surpreendida como se um dos cavalos tivesse falado. Ela e Jervaulx não tinham grandes semelhanças. O cabelo da duquesa, agora coberto de cabelos grisalhos, era loiro e não preto. A pele, tão clara que parecia pálida. A figura, esbelta era muito mais delicada. Nos olhos, mal se via o rasto do azul dos olhos do filho. Mas quando a esperança lhe iluminou o rosto, Maddy viu nele a mesma intensidade que despertava no duque a paixão pela matemática, o mesmo ardor obstinado e concentrado quando a duquesa se lançou sobre a portinhola da carruagem e se agarrou à borda.

- Christian, estás?...

Voltou a interromper-se e olhou para o primo Edward.

- Nos últimos tempos, fez alguns progressos - disse o médico. - Creio que Sua Excelência vai ficar satisfeita.

Jervaulx tirou o chapéu de cima do assento onde Maddy o deixara e fez-lhe sinal para que ela e o pai descessem. Maddy obedeceu e ajudou o pai a descer atrás dela, enquanto a duquesa os observava sem proferir palavra.

- Esta é *miss* Archimedeia Timms e o pai, o senhor Tímms, Excelência. *Miss* Timms, em particular, ajudou-nos com o duque. No caso dele, iniciámos um novo tratamento. Assim que tiver a oportunidade dar-lhe-ei todos os pormenores mas, como pode ver, o nosso sucesso fala por si mesmo.

A duquesa não prestava a mínima atenção nem a Maddy nem ao pai desta. Estava apenas pendente da saída do filho da carruagem. Jervaulx lançou um sorriso seco à mãe e inclinou-se.

Não disse nada, ficou parado junto da carruagem como se esperasse que alguém lhe indicasse a direcção que devia seguir. O corpo da duquesa, que não afastava o olhar dele, foi percorrido por um estremecimento. E, de repente, sem poder reprimir os soluços, lançou-se nos braços do filho e apertou-o contra si.

Durante um instante, ele permaneceu imóvel. Por cima do abraço trémulo da mãe, Maddy percebeu que estava prestes a explodir, ao observar as emoções tempestuosas reflectidas no rosto dele, e todas as palavras que lutavam para lhe sair dos lábios. Jervaulx apertou o punho esquerdo com força.

O olhar dele encontrou-se com o de Maddy. Era tal a fúria prestes a rebentar que a jovem não compreendeu como era possível que a mãe não o percebesse. Ele não tinha palavras com que se expressar, apenas podia utilizar a violência, e violência era o que se sentia sobre aquela praça elegante que vibrava através dela.

Maddy ficou paralisada de terror e dirigiu-lhe uma súplica silenciosa com o olhar.

Ele fechou os olhos. Inspirou profundamente, levantou a mão direita e pousou-a com cuidado na cabeça da duquesa. Ela desatou a chorar e abraçou-o com mais força.

O momento de perigo parecia ter sido superado. Continuou a tocar desajeitadamente no cabelo bem penteado da mãe, como um homem que estivesse à mercê de uma criança presa de ansiedade e não soubesse como reagir. Mas a mão esquerda continuava com o punho apertado, numa exibição palpável de hostilidade silenciosa.

A duquesa afastou-se um pouco, ergueu o rosto para o dele e aca-riciou-lhe o pescoço com dedos nervosos.

- Christian. - Pegou-lhe nas mãos e apertou-as contra o peito. - Louvado seja Deus. Rezei tanto por isto. É um milagre.

- É o progresso, excelência - interveio o primo Edward. - Os progressos conseguidos graças a um tratamento científico. Ainda não o recuperámos por completo.

- É um milagre. Deveríamos ajoelhar-nos para dar graças a Deus. - Apertou as mãos do filho. - E tu mais que ninguém, Christian, por causa dos teus pecados. Dá graças pelo perdão e por os teres expiado. - E inclinou a cabeça para rezar. - Deus todo-poderoso, que nos dás a vida e a tiras, em cuja paciência...

Jervaulx soltou-se. Virou-se e afastou-se dela enquanto Calvin, com um salto, mantinha a porta aberta para que entrasse.

A mãe acabou rapidamente a prece, a mover uns lábios silenciosos, e foi atrás dele. Desapareceu no vestíbulo iluminado com o primo Edward a pisar-lhe os calcanhares. Calvin não se moveu da porta e olhou para eles.

- *Miss* Timms? Senhor Timms?

Depois de entrar no vestíbulo, houve um momento em que se encontrou sozinho. Ouviu uns passos e virou-se à espera de ver Maddy, mas era a mãe que ia atrás dele e murmurava preces incompreensíveis. Esquecera-se. Mal se recordara da mãe até ao momento em que começara a chorar nos braços dele na rua, e nessa altura apercebeu-se que devia ter sido ela a abandoná-lo naquela cela e nas mãos da Besta.

No vestíbulo voltou a afastar-se dela e lutou por recuperar o controlo enquanto esperava por Missmaddy. Teve a impressão que o mundo perdera o equilíbrio até que a figura cinzenta da jovem dos «tus» apareceu na porta. Ao saber que estava ali, foi capaz de continuar. Subiu pela escadaria de mogno com a mão apoiada no corrimão.

Aquela casa pertencia-lhe. Pareceu-lhe simultaneamente estranho e inquietante. Não tinha ideia do tempo que decorrera desde a última vez que subira aquela escadaria e aquele vestíbulo, mas ele é que era o dono. Todos os que ali viviam dependiam da sua vontade. Até a mãe habitava naquela casa com a sua autorização.

De repente, pensou que quem não vivia ali era ele. Agora já não. O que recordava com maior clareza eram as épocas mais distantes no tempo. As temporadas de festas na cidade, os bailes em honra das irmãs, as viagens ao castelo de Jervaulx, era aí onde ele vivia. Sentiu uma punhalada de nostalgia pela escura silhueta medieval, pelas torres e chaminés curvilíneas e o interminável número de quartos.

Era aí que tinha de ir, agora que era livre. Ao seu lar no castelo de Jervaulx.

Duas das irmãs esperavam no salão. Christian ficou imóvel junto da porta e observou-as quando ainda não se tinham apercebido da sua presença. Falavam entre elas em voz baixa e pareciam nervosas. Ao ouvir o som de outros passos na escadaria, voltaram-se. Olharam-no como se não estivesse vivo. Como se fosse transparente. Um morto-vivo. Ao ver a surpresa reflectida naqueles rostos, teve outra revelação.

Soube o que tinham esperado ver. Um louco que levavam pelas escadas acima coberto de correntes. Não era de surpreender que estivessem nervosas.

A mãe passou ao lado dele e pegou-lhe no braço para que entrasse com ela no salão. Começou a falar a uma tal velocidade, que Christian se sentiu constrangido.

Clementia. Ao ouvir o nome, lembrou-se. Era *Clem*. E juntamente com ele surgiu-lhe na memória o nome de Charlotte. Abriram ambas os braços e, uma depois da outra, beijaram-no na face. Mangas em balão e renda, mãos gorduchas que pegaram na sua e a acariciaram com suavidade antes de a soltarem. Sentiu-se desconcertado. Não confiava nelas nem naqueles sorrisos repentinos. Os vestidos que usavam pareciam-lhe demasiado coloridos e pesados. Os penteados, exagerados com tantos ganchos e caracóis.

Olhou para trás, de novo à procura de Maddy, mas a única pessoa que viu foi o médico das sangrias, e voltou para o cimo das escadas. Ela estava na base da escadaria, no vestíbulo, em companhia do pai, ainda coberta pela capa e pelo chapéu.

Desceu até metade da escadaria e deteve-se. Quando Maddy olhou para cima, ele emitiu um som. Viu como a expressão do rosto da jovem se alterava, e sentiu um alívio enorme e intenso quando viu que a mão dela desfazia o laço da capa e que segredava algo a Calvin quando este pegou na capa. Conduziu o pai até à base da escadaria. Christian não se moveu do sítio onde estava e esperou que eles, lentamente, chegassem até ao local onde se encontrava.

Não queria tentar falar em frente da família nem dos criados que o conheciam. Percorreu em silêncio o perímetro do salão branco e dourado enquanto os outros falavam uns com os outros.

Aquela casa agradava-lhe. Era-lhe tudo familiar e estava no lugar certo, as mesas de mármore de pernas douradas, as cadeiras a combinar, forradas num verde-intenso. Tudo aquilo tinha mais anos que ele e ocupava os mesmos lugares que ocupara toda a sua vida.

De vez em quando, virava-se para se assegurar de que Maddy continuava ali, porque os outros não lhe dirigiam a palavra nem sequer a convidaram a sentar-se, nem a ela nem ao pai. Aquela mostra de desconsideração enfureceu-o. Cravou os olhos em Charlotte, a querer que ela mostrasse um pouco de cortesia, mas a irmã limitou-se a lançar-lhe um olhar, a empalidecer e mostrou-se desconcertada.

- «Pod... podemos deixá-lo em liberdade?» - ouviu Charlotte perguntar ansiosa ao médico das sangrias.

Liberdade! Como se fosse um animal de um jardim zoológico que tinham de fechar. É a minha casa! Pertence-me, vocês pertencem-me... vestidos, rendas, ganchos, títulos, tudo.

Conhecia aquelas duas, eram as que precisavam da assinatura do punho e letra de Christian para aceder à participação delas no capital, eram elas que tanto gostavam de receber um suplemento generoso para juntar aos rendimentos dos maridos, coisa que transformava o modo como o tratavam em algo muito difícil e à beira do desastre. Christian apercebeu-se de que *elas* não pareciam dispostos a aparecer na sua primeira noite em casa.

Suspeitava que aquele era o verdadeiro motivo para a presença de Charlotte e Clem. A sua assinatura e não sabia como a ia fazer quando, por fim, se atrevessem a pedir-lha. Tudo aquilo que antecederia a cela e a Besta encontrava-se enublado na memória dele. Era incapaz de recordar em que trimestre do ano se encontravam, nem se fizera algum tipo de arranjo.

Voltou-lhes as costas e deparou-se com a lareira, na qual ardia um bom fogo. Pediria ajuda a Maddy quando elas se fossem embora.

- «Estászangado connosco, Chris?» - ouviu Clementia a perguntar, depois de um breve silêncio.

Apercebeu-se de que era ela que falava.

- «Estászangado?» - repetiu.

Christian olhou para Missmaddy, que continuava um pouco afastada dos outros. Aproximou-se, pegou em duas cadeiras e dispôs-las para os Timms. Pousou as duas cadeiras de tal modo que não deixou lugar a equívocos. De seguida, foi ele mesmo que se encarregou de conduzir o Sr. Timms até à cadeira. Quando viu que Maddy hesitava, colocou a cadeira atrás dela e sacudiua com a testa franzida. Ela baixou os olhos e sentou-se. A família olhava-o como se fosse um enigma.

Clem começou a falar, mas de repente fechou a boca ao ouvir o bater familiar de uma bengala. A recordação daquele som estava embutida na mente de Christian, uma recordação anterior ao tempo em que aprendera a falar. Anunciava, categórico, a chegada da tia Vesta.

Um sorriso irónico cobriu-lhe o rosto, e aproximou outra cadeira. A favorita dela, uma de estilo francês, sólida e pesada, estofada com um tecido com flores e pássaros, de enormes braços dourados e pernas com a forma de garras de dragão, um trono adequado a uma mulher que nada tinha a invejar àquele animal mítico. Depois de a aproximar da lareira, ergueu os olhos e fez uma reverência quando a dama surgiu na soleira da porta com a sua palidez imponente, que contrastava com o negro-azeviche do vestuário, exibição do luto perpétuo que colocara pelo pai, pelo marido, pelo irmão - quem sabia se não pelo próprio Christian? -, e que jamais abandonara. Naquela casa travava-se uma batalha constante entre o negro e o marfim, entre a mãe e a tia. Naquele momento lembrou-se porque não vivia ali.

- Estás com bom aspecto, Jervaulx - anunciou *lady* de Marly, e dirigiu-se a ele.

Maddy reconheceu-a de imediato, e não teve necessidade de qualquer tipo de apresentação para saber que era a autora daquelas cartas mordazes e directas que estavam guardadas na pasta de Jervaulx, em Blythedale Hall. A dama que lhe enviara aquela roupa confeccionada com tanto esmero e que entrara decidida na casa de Belgrave Square na manhã em que ela permanecera no exterior como espectadora.

Depois de uma daquelas jovens vestidas à moda a ter ajudado por entre o sussurrar das sedas, *lady* de Marly sentou-se na cadeira que Jervaulx lhe oferecia. Tinha as sobancelhas, da cor de pétalas murchas, pintadas sobre a pele. Os lábios e as faces, discreta mas claramente cobertas de pó-de-arroz. Levantou um dedo e disse:

- Bebo uma taça de bordéus.

O duque inclinou o rosto para o lado e, depois de um segundo de hesitação, estendeu a mão e puxou o cordão da campainha que pendia junto à lareira.

- Vai fazer-lhe mal à digestão, tia Vesta - aconselhou uma das jovens. *Lady* de Marly não prestou atenção ao conselho. Olhou para o lado e dirigiu-se a Jervaulx, que estava atrás dela.

- Aproxima-te para eu te poder ver, rapaz - indicou com um gesto e bateu no chão junto aos pés.

Christian obedeceu-lhe e ela examinou-o de cima a baixo. A Maddy parecia-lhe impossível

imaginar um homem mais bem vestido e elegante.

- Parece que vais para um musical francês com a casaca do czar. Onde está o anel? - perguntou *lady* de Marly.

- Ah! - exclamou o primo Edward, a remexer no bolso. - Fui eu que o trouxe, *milady*, pareceu-me melhor guardá-lo sob a minha protecção até chegarmos aqui.

- Já não precisa de o fazer.

O médico aproximou-se da dama entre reverências servis e impróprias de um *quaker*, e entregou-lhe uma caixinha. *Lady* de Marly limitou-se a pegar nela e a entregá-la a Jervaulx.

Maddy não sabia se os outros presentes percebiam a subtil cautela com que o duque agia. Aceitou a caixa e, ao tê-la na mão, olhou para ela indeciso. Enquanto *lady* de Marly dava ordens ao criado que acabava de aparecer na soleira para que trouxesse o vinho, Jervaulx lançou um olhar a Maddy.

De modo sub-reptício, Maddy fechou a mão como se escondesse um objecto e deixou cair o punho ao lado da saia.

Jervaulx apertou a caixa com os dedos, remexeu o bolso do colete para a fazer deslizar para o interior e, dissimuladamente, lançou-lhe um sorriso de esguelha.

- Estás com bom aspecto, Jervaulx - repetiu *lady* de Marly. - Não tenho escrúpulos ao confessar que estou surpreendida. Quando é que se conseguiu este feito, doutor Timms? Da sua última carta apenas deduzi que se tinha feito progressos.

- Iniciámos uma terapia inovadora, *milady* - respondeu o primo Edward, entusiasmado. - E os êxitos obtidos superam as nossas expectativas.

- Inovadora? - Lançou-lhe um olhar desconfiado. - Em que consiste essa dita terapia?

- É a extensão natural do nosso tratamento moral e social. Em Blythedale Hall somos da opinião que um tratamento controlado entre os dois sexos pode ser muito eficaz porque estimula o autocontrolo. Se estiver recordada, *milady*, fiz-lhe uma descrição quando vim buscar o paciente para o levar para Blythedale Hall. Mas, como pode calcular, é necessário alcançar um padrão mínimo de comportamento civilizado antes de podermos integrar um paciente violento num grupo mais numeroso. Como na altura lhe comuniquei, sua excelência ainda não mostrara qualquer comportamento desse tipo, apenas persistia na sua atitude de ressentimento, sujeito a imprevisíveis ataques de loucura.

No entanto, surgiu-nos uma excelente oportunidade com a chegada da minha prima, *miss* Timms. Como não restavam dúvidas de que se tratava de uma jovem de temperamento doce e feminino, com uma fibra moral sem máculas, tomei a decisão de a designar como a principal auxiliar diurna do duque. Fi-lo com a esperança que a companhia dela servisse para fomentar qualquer vestígio de autocontrolo que não tivesse desaparecido. Acho que concordará comigo ao ver como esta abordagem foi tão benéfica.

O médico esforçava-se por esconder a sua vaidade e tentava manter um tom profissional, mas não conseguia ocultar por completo a satisfação que o avassalava. *Lady* de Marly nem sequer o olhou enquanto ele falava e, quando terminou, dedicou-se a observar Jervaulx durante um longo momento.

Voltou o olhar imperioso para Maddy.

- Você é que é *miss* Timms? Maddy levantou-se.

- Sou, sim. E este é o meu pai, John Timms.

- Sente-se.

Maddy sentiu aqueles olhos escuros fixos nela quando se voltou a sentar. Manteve os olhos um nível abaixo do olhar de *lady* de Marly, sem se inclinar como uma criatura mundana, mas também sem dar qualquer mostra de lhe faltar abertamente ao respeito.

- A última vez que vi o meu sobrinho - afirmou *lady* de Marly - não passava de uma criatura que uivava. Estava atado a uma cama e tinha um corte na mão que lhe chegava ao osso por ter partido um vidro antes que o pudessem impedir. Partira o braço do criado responsável por ele, quando este o tentou impedir de estrangular o cunhado. Recusava-se a ingerir alimentos. Falava

como um idiota. Gritava. Uivava. Era um animal, *miss* Timms. O duque de Jervaulx era um animal selvagem. - Olhou fixamente para Maddy. - Gostaria que me explicasse como conseguiu uma tal mudança.

Maddy ergueu os olhos e olhou-a directamente.

- Não é nem um selvagem, nem um animal - disse com firmeza. Durante um longo bocado, a dama não respondeu.

Depois, com uma pequena expressão de ironia nos olhos, declarou:

- Devo dizer, *miss*, que a mim enganou-me por completo.

Acho... - Maddy interrompeu-se e lançou um olhar rápido ao primo Edward, que não parecia muito satisfeito com ela, mas que também não a proibira de expressar a sua opinião. - Acho que tem a mente lúcida, e que de... de idiota... tem tanto quanto nós.

Lady de Marly franziu as sobrancelhas. Uma jovem *quaker* arrogante.

- Não pretendo mostrar-me arrogante. Apenas lhe queria dar uma explicação.

- No meu tempo, *miss*, essa forma de tratamento que a menina utiliza era considerada uma falta de respeito. O seu primo não utiliza essa forma de tratamento para se dirigir àqueles que lhe são superiores.

Maddy limitou-se a manter o olhar erguido e ao mesmo nível, e não deixou que a arrastassem para uma discussão em defesa da simplicidade da fala. Conhecera anteriormente damas idosas como *lady* de Marly, e nada agradaria mais à dama do que uma discussão acalorada, que acabaria por se converter numa reprimenda. Maddy sentia um certo afecto por esse tipo de senhoras. Às vezes pensava que era possível que também ela acabasse por ser assim, que agora apenas mantinha o controlo porque o pai se recusava carinhosamente a morder qualquer tipo de isco.

O primo Edward franziu os lábios como mostra de desagrado perante a sua conduta, e Maddy recordou a promessa que lhe fizera de não utilizar o modo de tratamento dos *quakers* com pessoas desconhecidas. Mas era demasiado tarde, e teve a sensação que se agora se rendesse limitar-se-ia a descer na consideração de *lady* de Marly.

- Então - disse a senhora idosa a dirigir-se ao duque -, *miss* Timms afirma que estás completamente lúcido.

Jervaulx limitou-se a olhar para ela.

- Bem, rapaz, e que opinião tens tu a teu respeito?

Ele virou um pouco o rosto com aquela expressão que utilizava quando estava concentrado nalguma coisa e, em vez de o fazer directamente, examinou-a de soslaio.

- Compreendes o que estou a dizer? Jervaulx, incomodado, olhou para Maddy.

- Não olhes para ela. É contigo que estou a falar. Estás a ouvir o que estou a dizer?

O duque apertou os lábios. Fez um gesto de assentimento rápido e, de seguida, começou a examinar com uma atenção excessiva uma mesinha de apoio. Sem dúvida que era digna de atenção, já que a superfície de mármore negro que a cobria repousava sobre dois enormes pássaros dourados com as asas estendidas que pareciam lançar chamas pelo bico. Teria sido o móvel mais luxuoso que Maddy alguma vez vira se não houvesse outra exactamente igual, do outro lado da lareira.

Lady de Marly bateu impaciente no chão com a bengala e repreendeu o sobrinho.

- Não é a altura ideal para exhibires a tua teimosia, rapaz. Já tiveste muitos anos para nos tratares segundo os teus caprichos. Foste selvagem e inconsciente como um verdadeiro índio e agora estás a pagar por isso. Ninguém me poderá convencer que um homem sensato alguma vez se teria envolvido numa troca brutal de tiros e, muito menos, que em consequência disso despertaste num manicómio.

Apenas a tensão que se vislumbrava no maxilar do duque revelava que ele sabia que aquelas palavras lhe eram dirigidas. *Lady* de Marly recostou-se na cadeira com um suspiro irritado.

- Jovem inconsciente. - Olhou para Maddy com uma expressão acusadora. - Que tipo de progresso é este?

- Talvez se falasse mais devagar - aventurou Maddy.

- A menina afirmou que não era um idiota. Maddy levantou-se.
- Não mais do que o serias se te encontrasses na China, rodeada por chineses. Compreender-te-ia se te mostrasses paciente com ele.

- Miss Timms, amanhã às dez terá de comparecer perante o lorde-chanceler. Consegui que o fizesse em privado. De momento, ainda não convocou os jurados. - Lançou um olhar fulminante às duas sobrinhas. - No entanto, os abutres estão cheios de cobiça. Aconselho-a, se não quer que o seu estimado paciente seja declarado legalmente idiota, a ser um pouco mais flexível na sua moralidade e temperamento, e a utilizar o seu bom senso para o fazer compreender o perigo que enfrenta.

As palavras desvaneceram-se no meio de um silêncio atónito e incomodado. A porta de serviço abriu-se, e um criado entrou com o bordéus de *lady* de Marly. Ela tirou o copo do tabuleiro e bebeu uma golada, sem afastar os olhos de Jervaulx. A seguir, pousou-o sobre uma mesinha de apoio e levantou-se a cadeira.

- Miss Timms irá passar aqui a noite. Os restantes podem ir. A duquesa viúva mostrou-se horrorizada.

- Mas o doutor Timms... - começou a dizer.

Lady de Marly interrompeu-a bruscamente.

- Pensei que já tinha alojamento. No Gloucester, se não estou enganada.

- Sim, *milady* - confirmou o médico, e fez duas vénias.

- Eu queria falar com o doutor - disse a duquesa num tom ligeiramente suplicante. - Gostaria que me contasse como Christian está a passar.

- Hetty, querida - disse secamente *lady* de Marly -, se no último quarto de hora ainda não descobriste como Christian está a passar, não há nada que o homem te possa contar que não possa esperar até amanhã. Quer tomar o pequeno-almoço connosco, doutor? Às oito em ponto.

- Será uma honra para mim, *milady*. Vou chamar o auxiliar masculino para que deite o paciente - acrescentou o primo Edward.

- Há necessidade disso, *miss* Timms?

Perante o olhar ditatorial de *lady* de Marly, Maddy tentou encontrar a resposta correcta.

- Acho... que podia ser uma boa ideia.

- Talvez seja. Mas é-me muito inconveniente ter mais criados dentro de casa, esta noite. Espero que a menina se possa encarregar dessa tarefa. - Olhou para o criado. - Diga a Pedoe que prepare uma cama para *miss* Timms no quarto de vestir do duque.

Maddy ficou cravada ao chão quando *lady* de Marly começou a avançar para a porta entre pancadas de bengala. De repente, deteve-se e voltou-se para a olhar.

- Corou, jovem. Pensei que era enfermeira?

- Sim - foi tudo que Maddy conseguiu dizer.

- E até que me demonstre o contrário, ele não passa de um idiota. Certifique-se de que esta noite não acontece nada de estranho.

12

Por muito luxuoso que Blythedale Hall fosse, por mais confortável que a casa do duque em Belgrave Square lhe tivesse parecido, Maddy nunca imaginara que atrás das fachadas pálidas de casas como aquela se ocultavam interiores que iam muito para além de uma imaginação vulgar. Criados vestidos como príncipes num cetim imaculado enfeitado com rendas azuis e prateadas, paredes cobertas de veludo vermelho enfeitadas por quadros enormes, molduras de gesso com desenhos intrincados pintadas de branco e dourado, tapetes que amorteciam o som dos passos, deslumbrantes candelabros por toda a parte.

Quando o criado de libré lhe abriu a porta do quarto de vestir do duque, tentou que o rosto

não atraísse o espanto que sentia mas, assim que o criado desapareceu e a deixou sozinha com a pequena mala de viagem, Maddy ergueu os olhos para o tecto e, desconcertada, abafou as gargalhadas.

Aquilo era absurdo. Um simples quarto de vestir, mas pintado de um azul-real com enormes frontões bordejados de intrincadas bandas douradas a ornamentar as portas. Não era apenas isso. Sobre os frontões havia retratos ovais de cavalheiros solenes, cercados de lânguidos querubins esculpidos sobre molduras com flores e bandeiras entrecruzadas, todos em dourados. E depois veludo azul que chegava até ao tecto abobadado onde brilhava um amontoado de dourados, fileiras majestosas de botões e folhas, *mais* dourados, que faziam sobressair cada pormenor da decoração. A sala estreita refulgia de tanto ouro. Míuldy não compreendia como se poderia esperar que alguém pudesse dormir ali, cercado de tanto esplendor.

Na parede mais afastada, a porta que conduzia ao quarto estava aberta. Maddy ouviu a voz da duquesa e, curiosa, aproximou-se para espreitar, escondida atrás da porta alta e reluzentemente apainelada.

- Vais ficar bem, Christian? - perguntou a mãe com uma expressão de dúvida, junto à porta que levava ao corredor, enquanto uma criada de quarto fazia a cama com rapidez e corria os cortinados.

Jervaulx não prestava atenção a qualquer uma delas e examinava atentamente a sala, como se a quisesse fixar na memória.

Aquele quarto também era azul, de um tom esbatido que Maddy achou bonito, apesar de a cama ser de um tamanho verdadeiramente descomunal, com uma cabeceira que chegava ao tecto e depois se curvava como uma enorme onda marinha. Os cortinados de damasco combinavam com as paredes. Os únicos objectos de cor diferente eram alguns retratos de corpo inteiro, e o tapete azul e verde que cobria o soalho de parede a parede.

Jervaulx viu a própria imagem reflectida no espelho de uma cómoda. Olhou para ela e, de seguida, virou-se para procurar alguma coisa atrás dele. Ligeiramente surpreendida, Maddy viu que a procurava a ela. Sorriu ao vê-la e descontraiu-se um pouco.

Maddy entrou no quarto. A duquesa viúva lançou-lhe um olhar de lado.

- Ah, *miss* Timms. Acha que vai precisar... - Interrompeu-se envergonhada. - Presumo que não... que não haja a possibilidade... de ele se levantar e deambular a meio da noite?

Maddy apercebeu-se de que a duquesa temia o filho e queria que o prendessem. Apesar de ela também não se sentir segura em relação a tudo quanto se referia a Jervaulx, pareceu-lhe horrível que a própria mãe sugerisse algo assim.

- Se quiser, pode fechar as portas à chave - disse.

- Talvez seja melhor. As janelas... - Não terminou a frase. - Pode locar a campainha se tiver algum problema - sugeriu. - Vou mandar um criado ficar no corredor durante toda a noite. Mas parece... estar tão bem. Não acredito... acha que ele poderá tentar utilizar as janelas?!

Maddy olhou para Jervaulx. Embora o tivesse visto acorrentado em Blythedale Hall, era incapaz de imaginar o que teria feito para despertar um medo tão grande na própria família.

- As janelas, Jervaulx - perguntou devagar. - Vais tentar parti-las?

Ele sacudiu a cabeça. Maddy não tinha muita certeza se ele compreendera as palavras dela, porque não hesitou nem lhes prestou grande atenção. Dava a impressão de responder apenas ao tom utilizado.

- Então, vou deixar-vos - disse a duquesa. - A cozinheira irá mandar-vos um tabuleiro de chá. - Olhou o filho durante um longo período de tempo. - Boa noite, Christian. Boa noite.

Ele respondeu-lhe com uma ligeira inclinação e um sorriso mordaz. A criada passou ao lado de Maddy e entrou no quarto de vestir.

- Vou rezar - disse a dama e, depois dessas palavras, fechou a porta do corredor atrás dela. A chave girou na fechadura.

Christian sentou-se na cama. Atirou a cabeça para trás, entrelaçou as mãos atrás do pescoço e deixou-se cair sobre as almofadas macias. Suspirou satisfeito.

Casa.

Sem Besta, sem correntes, sem pesadelos. Não se importava que a mulher-dragão lhe desse uma boa reprimenda. Já estava habituado e, raios, quase lhe agradava. E Missmaddy estava ali, a única pessoa que teria levado com ele para aquele lugar se o pudesse ter escolhido.

Era surpreendente como o mundo se invertera, surpreendente que a família o fechasse à chave na companhia de uma mulher jovem e bela. *Enfermeira*, chamara-lhe a tia Vesta, e Christian sorriu para o dossel azul e curvo que se encontrava por cima dele.

Estendeu a perna e apoiou o calcanhar na beira da cama enquanto se entretinha a recriar as possibilidades mais enlouquecidas que se abriam perante ele, ao se ter uma amante escolhida com tanto acerto. Suspirou. Embora aquelas fantasias fossem muito prazenteiras, agora as coisas eram diferentes. A reputação da jovem dos «tus» poderia não ocorrer à família dele - nem se teriam importado, se lhes ocorresse -, mas enquanto estivesse totalmente sob o domínio dele também era de sua responsabilidade. A sedução já não era o caminho de rosas que ele imaginara. Vista daquela perspectiva, parecia-se demasiado com o tipo de atenção insultuosa com que um homem forçaria uma criada.

Na verdade, era-lhe difícil recordar-se porque se lhe metera na cabeça a ideia de a castigar daquele modo.

Franziu a testa, a pensar naquilo, quando ouviu que a jovem pronunciava o seu nome. Virou a cabeça e olhou-a, com as sobrancelhas franzidas.

- «Temosque talar» - disse Maddy.

Fie respondeu com um som interrogativo.

- Falar - repetiu Maddy.

Christian levantou-se. Ergueu-se sobre as almofadas e, com a mão, indicou-lhe um espaço sobre a cama para que se sentasse ao lado dele.

- Falar. - Sentiu-se satisfeito por ser capaz de proferir a palavra sem dificuldade.

Em vez da cama, a jovem decidiu sentar-se numa cadeira de costas direitas à frente dele.

- «Tens medo de que vai acontecer amanhã?»

- Ama... nhã?

- Audiência - disse ela.

- Eu... oiço - disse Christian, irritado por ela estar a pôr aquilo em dúvida.

- «Audi-ção» - repetiu Maddy. - «Lorde chan ler.»

Não se lembrava de nenhum *lord* Chanler. Sabia que havia muitas coisas de que não se recordava, mas pensar nisso deixava-o inquieto.

- Chan... dos? - perguntou.

Tinha a certeza que não se referia ao filho de Buckingham. Que ele soubesse o marquês de Chandos não tinha qualquer problema de audiência, e ele conhecia-o bem. Entretinham-se juntos no jogo e na dissipação de Londres a Paris, e vice-versa. Sim, tinha problemas com o esbanjamento, mas não com os ouvidos. Pelo menos, Christian não se lembrava disso.

- Audi-ção - insistiu Maddy. - Audi-ção. Christian esforçou-se por pronunciar outra palavra.

- Jovem - disse.

Chandos não podia estar surdo. Ele e Christian eram da mesma idade.

Maddy sacudiu a cabeça e entrelaçou as mãos com um suspiro. Ele apercebeu-se de que estava a falhar quanto ao que ela queria. Sentiu vontade de dar um murro contra qualquer coisa, de bater com os punhos contra pedra. Com um murmúrio zangado, virou-se na cama para se afastar dela.

Ao ouvir um roçar e o som da fechadura, Maddy levantou-se. Entrou um criado com o carrinho do chá. Lançou um olhar cauteloso a Christian e em silêncio, começou a levantar tampas e a servir o chá.

Os pastéis de frutos secos e as finas fatias de pão, barradas com manteiga, tinham um

aspecto civilizado. Christian aproximou-se do tabuleiro. As chávenas tilintaram quando o criado deixou cair uma sobre o pires e virou-se para o olhar.

De repente, deteve-se. Nunca em toda a vida um criado o olhara com tanta desconfiança e apreensão, como se fosse um assaltante que o estivesse a perseguir por uma rua escura.

Sentiu-se como se lhe tivessem dado uma bofetada no rosto. Permaneceu imóvel, acossado e condenado em silêncio.

- «Não seriam melhoratá lo, *miss*»

Christian sentiu o rosto a incendiar-se de surpresa. Quem era aquele canalha desavergonhado? Olhou impotente para Maddy, paralisado pelo choque. Nem sequer tinha hipótese de o mandar sair da sala e despedi-lo.

- Não - respondeu ela. Pelo menos, isso. Christian pensou que o deveria ter posto imediatamente na rua.

- «Não tem medo?» - perguntou o criado a Maddy.

Medo dele? Maddy sacudiu a cabeça, e Christian sentiu-se avassalado por uma onda de afecto apaixonado em relação à jovem.

O criado voltou a pegar na chaleira, sem deixar de olhar para Christian.

- «Partiu-me o braço.»

Christian sentiu que lhe era impossível conter-se perante uma afirmação tão monstruosa, um protesto distorcido escapou-lhe dos lábios.

- *Fora!* - gritou, e deu um passo na direcção dele. - Maldito filho de uma cadela filho da mãe. *Fora!*

Ao olhar para o criado, percebeu que o dissera em alto e bom som. Olharam-se fixamente e, a seguir, olharam ambos para Maddy.

Estava sentada, coberta pela touca em forma de colher de açúcar, com as mãos entrelaçadas e a dúvida reflectida no rosto. Não mostrava sentir-se insultada na sua sensibilidade feminina, isso era mais que evidente, mas, apesar de tudo, Christian fez um gesto rápido de desculpa e depois continuou a olhar enfurecido para o criado, incapaz de dizer algo para além de obscenidades.

- «É melhorquesaia» - disse Maddy, e levantou-se.

O criado deixou a chaleira no lugar, fez uma vénia forçada e obedeceu-lhe.

Maddy aproximou-se do carrinho e acabou de servir o chá. Com movimentos calmos e meticolosos, preparou um prato e colocou-o sobre a mesa-de-cabeceira.

- Não... *braço* - disse Christian, determinado em esclarecer a situação -, nunca... o vi... nunca.

- «Tens de comer» - disse ela.

Christian fez uma expressão retorcida. Cruzou os braços e encostou-se à parede.

- Acreditar!

- Comer. Afastou-se mais.

- Acreditar! *Missmaddy!*

Uma expressão grave surgiu nos lábios da jovem.

- «Não telem bras.»

Não acreditava nele. Acreditava naquele canalha lamuriendo e não nele. Christian deu um murro na parede. Maddy franziu ainda mais os lábios.

- Tu... estavas... doente - disse devagar e salientou as palavras. - Não... te... lembras.

Ele afastou-se e começou a percorrer o quarto.

- Não. *Não, não, não!*

- *Jervaulx!*

Pronunciou o nome dele com tanta brusquidão, de modo tão enfático, que ele parou e ficou a olhá-la.

- «Amanhã. Visita ao lorde chan ler. Tens de mostrarsen socomum. Tens dese rrazoável.»

- Quem? - perguntou ele aos gritos. - Não... *surdo*.

- Nem eu - respondeu Maddy, e levantou o queixo. Christian respirou fundo, com o maxilar

tenso, e assentiu uma única vez ao perceber o que ela dissera.

- Que lorde? - perguntou num tom mais calmo.

- «Chan ler. Lorde chan ler. Vaiassis tirátua audiência.» Christian percebeu o quanto aquilo era importante no olhar intenso que ela lhe lançou. Precisava de a compreender. Ela queria que ele o fizesse.

Sacudiu a cabeça e rendeu-se. Tinha que ir ver um lorde velho e surdo que tentava ouvir, e isso era importante.

Devia ter adormecido, porque teve a sensação que acabara de acordar naquele instante. Durante um longo momento sentiu-se presa de um terror indizível ao ver uns olhos brilhantes e monstruosos que se fixavam sobre ela a curta distância mas, de seguida, lembrou-se de tudo e reconheceu a brilhante decoração do tecto. Sentou-se imediatamente na cama.

- Jervaulx?

Percebeu o movimento na escuridão. Uma silhueta negra afastou-se do vulto da porta. Um verdadeiro horror invadiu-a entre as fortes pancadas do coração.

- Maddy - disse ele, no meio do silêncio e da tormenta que se desencadeara no interior de Maddy. Mas a voz soou tão insegura que ela soltou um suspiro de alívio, acalmou-se, e sentiu os músculos a fraquejarem.

- O que é que se passa? - perguntou num tom de voz ainda não totalmente firme.

Mal o vislumbrou à ténue luz do candeeiro a óleo que deixara aceso.

- Audiência. - Vestira o roupão verde-esmeralda sem o apertar, e este pendia aberto e solto. Por baixo só tinha as calças vestidas. - «Miss-maddy. Diz... *audi-ção*. Lorde chanler... Ofa... *oficial*. *Oficial?*»

Sim - respondeu Maddy e mordeu o lábio. - Uma visita oficial. Uma audiência para deliberarem acerca das tuas capacidades.

Na luz fraca, os olhos dele eram negros, a aparência satânica e, simultaneamente, atordoada.

- As minhas... capa?...

- Sim - replicou ela.

Ele olhou-a e, de seguida, pousou os olhos no candeeiro e no brilho escuro da madeira encerada da mesa-de-cabeceira. Moveu um pouco a cabeça. Maddy dobrou os joelhos sob a saia e rodeou-os com os braços, apertou-os contra o peito, a observá-lo.

De repente, Christian cravou os olhos nela. A estranha luz fez com que o olhar dele parecesse demoníaco. O catre rangeu quando ele se sentou ao lado dela e lhe pegou no braço, com uma expressão veemente.

- *De volta?* - perguntou. - Mandar... *de volta?*

Doía-lhe o braço que ele lhe apertava. Aguentou, já que era o único consolo que lhe podia dar.

- Não sei.

Ele fechou os olhos.

- Não... não voltar... sítio loucos. - Voltou a abrir os olhos e olhou-a indignado. - Não.

Maddy queria mentir-lhe, dizer-lhe que o verdadeiro era falso. A melhor resposta que lhe podia dar é que não sabia, e até isso era quase uma mentira, afastada da luz da Verdade, e ia contra todos os ensinamentos que recebera na vida.

- Amanhã tens que mostrar senso comum - aconselhou-o. - Falar calmamente, e mostrar juízo.

Christian apertou-lhe o braço com tanta força que a dor atingiu o osso.

- Tu consegues fazê-lo.

Ele olhou para a porta do corredor. Maddy soube naquele momento em que é que ele estava a pensar. Durante um momento permaneceram imóveis, em silêncio, presos na rede da ansiedade dele.

- Fechar? - Os dedos dele apertaram-na ainda mais. Recusava-se a mentir. Em vez de o fazer, não lhe respondeu.

Ele soltou-a e dirigiu-se à porta. A maçaneta girou sem dificuldade sob a mão dele. As dobradiças moveram-se uns centímetros sem ruído

Christian segurou a porta e olhou-a.

- Embora - disse entre dentes.

Maddy permaneceu imóvel, à espera que ele o fizesse. Com a mão a segurar a maçaneta, disse:

- Embora... os dois. E fez-lhe um convite com a cabeça.

- Juntos.

- Não - murmurou a jovem. - Não podes. Não o deves fazer. Olhou-a de testa franzida, como se ela lhe tivesse colocado um obstáculo no caminho. Com cuidado, abriu ainda mais a porta e olhou para ela. Um raio de luz vindo do corredor iluminou-lhe o rosto, atravessou-lho ao meio e deu um aspecto diabólico ao seu perfil. A boca de Christian curvou-se com um sorriso de desprezo.

- Osso partido - disse na escuridão. - Braço. Os olhos de Maddy adaptaram-se à penumbra. Ele virou-se de costas para a porta e ficou imóvel a olhá-la.

- Missmaddy - disse. - Regresso... - interrompeu-se e, de seguida do mais fundo da garganta, afirmou - ... morro.

Maddy ficou sem resposta.

Aproximou-se, voltou a sentar-se ao lado dela na cama e prendeu-lhe os braços.

- Não... voltar. Não!

- A decisão não é minha. Não me cabe a mim dizê-lo.

- *Embora!* - Havia uma súplica na palavra. - Agora. Ela, sem saber que fazer, afastou-o com um empurrão.

- Então, vai-te embora! Não farei nada para o impedir. Agarrou-se a ela e sacudiu-a.

- Os dois. Embora os dois.

- Não - disse, abatida. - Isso é impossível. Christian baixou a cabeça e gemeu.

- Não... um não. Maddy! - exclamou, e cravou os dedos nos ombros dela. - Não posso. - Atraiu-a a si e apoiou o rosto na curva do pescoço da jovem. - Maddy. Missmaddy. Um não. Não posso.

Apertou com força a testa contra ela, o maxilar tenso pela súplica silenciosa. Estava a desintegrar-se. Fora assim que acabara, atrás dos ferrolhos, dos guardiões e das correntes. Embora ela lhe tivesse entregado a chave, fora incapaz de sair em liberdade.

Não tinha coragem. Não sozinho, não um, sim os dois.

Mas regressar àquele lugar... à cela... à Besta.

Agarrou-se ao corpo da jovem, gelado, paralisado, presa do pânico.

- Jervaulx - disse ela com uma voz angustiada enquanto lhe acariciava o cabelo. - «Manhã tens de estar calmo. Mostratê-lhe o eido, comotemos tras a mim.»

- Maddy - disse, o som abafado pela pele dela. Era a única coisa que conseguia dizer. Não, pensou. Era a única coisa que podia fazer. Não tinha senso comum, nem lucidez. Tinha que se ir embora, tinha de fugir, mas estava paralisado e tremia de cima a baixo.

Maddy inclinou a cabeça, encostou a face à do homem e acariciou-lhe suavemente o cabelo. Ele aproximou o rosto da garganta da jovem. Era a única coisa importante em todo o Universo, a sua única união com a realidade. Emitiu um som apaixonado para lhe dizer aquilo que, de qualquer modo, as palavras nunca poderiam exprimir. A imensidão da necessidade que sentia de a ter ao lado dele.

Sentiu que ela respirava fundo, trémula, e depois as faces que se lhe tornavam húmidas. Sussurrou:

- «Que Deus me perdoe, Jervaulx, masamote.»

Mas amo-te.

Quebrou-se o feitiço de que era vítima. Fora aquilo que ela dissera? Afastou-a e olhou-a fixamente.

A ténue luz do candeeiro a óleo reflectiu-se na curva reluzente da lace de Maddy, mas não

lhe conseguiu ver os olhos. Ela acariciou-lhe o braço com a mão, apenas um toque suave que não se prolongou.

Christian estava imerso na confusão, era demasiado estúpido para conseguir compreender. Não tinha a certeza de a ter ouvido bem.

A jovem afastou-se e enfiou o rosto entre os lençóis. Não a impediu.

Levantou-se. Ela, imersa na escuridão, não se moveu. Christian sentiu-se confuso. Queria ir para outro lado, encostar o rosto a uma parede fresca e colocar em ordem os pensamentos que se lhe amontoavam na cabeça. O pior de tudo é que Maddy começara a chorar, isso enfurecia-o. *Não quero compaixão, nem da «tus» nem piedade cristã.*

Era isso o que a movia? O motivo do seu pranto? Que ele fosse um animal receoso de abandonar a jaula, incapaz de expressar com palavras o que pensava, incapaz de pensar de outro modo senão daquele modo estúpido, louco e confuso? Deixou-a ali e voltou à escuridão mais profunda do quarto que o pai, o avô e o bisavô tinham ocupado antes dele, e onde tinham dormido rodeados de opulência. Estendeu-se de barriga para baixo sobre a cama, com os braços estendidos e a face apoiada nos lençóis de seda. Doíam-lhe as costelas. Se soubesse uma oração, teria rezado. Era um cobarde por pedir agora favores quando antes jamais se dignara fazê-lo.

Na sua opinião, Deus não tinha nenhuma dívida para com ele. Dera-lhe tudo e ele desperdiçara tudo. A imagem de lagos em chamas e de demónios a uivar nunca lhe parecera muito convincente, castigos que não assustariam nem uma criança traquinas.

Virou-se de barriga para cima e contemplou a escuridão que o cercava.

Estava condenado... e agora descobrira o que era na verdade o inferno.

13

Da janela da sala, poder-se-ia imaginar que Lincoln's Inn era uma aldeia no meio do campo, graças às folhas que caíam das antigas árvores, aos relvados verdes, ao silêncio da sala de audiências apenas interrompido pela passagem de um ou dois homens de vestes negras a flutuar atrás de si, recortados pela luz e sombras do sol de fim de tarde. Naquele local no Centro de Londres, o som mais elevado que se ouvia era o de um corvo que grasnava numa árvore próxima enquanto os seus companheiros negros percorriam, numa formação perfeita e passo vacilante, as veredas.

Maddy estava sentada com o pai no banco da janela, rodeada pelo primo Edward e Jervaulx, e com Larkin alguns passos mais atrás.

Aquela sala de espera estava quase a abarrotar. Junto à lareira encontravam-se *lady* Clementia e *lady* Charlotte, na companhia de mais duas irmãs de Jervaulx, com as cadeiras atrás das de *lady* de Marly e da condessa viúva. Os maridos das damas agrupavam-se junto da porta, a falar entre si em voz baixa e, de vez em quando, consultavam um homem de peruca que se encontrava na soleira da porta a ler uns papéis, sem entrar na sala.

Lady de Marly insistira em que Maddy e o pai se encontrassem presentes, o que era um tanto inquietante. Anteriormente, um jurista de aspecto muito sombrio e voz grave entrevistara os Timms noutra sala, e fizera-lhes perguntas acerca do duque e do seu comportamento. O jurista tomou notas e interrogou intensamente o pai no que se referia a questões matemáticas, mas quando Maddy se levantou e acompanhou o pai para fora da sala não percebeu muito bem qual o objectivo de tudo aquilo.

De seguida, o jurista afastara-se em companhia de *lady* de Marly e de Jervaulx, que regressara imerso numa enorme tensão, perceptível sob uma capa de aparente tranquilidade. Agora estava de pé ao lado de Maddy, depois de ter sido impecavelmente vestido por um camareiro que, naquela manhã e sem cerimónias, afastara Maddy do quarto de vestir. Daquela vez não vestia um colete primorosamente bordado, mas um branco e sóbrio, calças brancas até aos joelhos e uma

casaca azul-escura que *lady* de Marly considerara adequada. Tinha a aparência austera de um *quaker*, mas uma expressão que Maddy jamais vira no rosto de um amigo, excepto no de um homem expulso da Assembleia por ter casado perante um sacerdote com alguém de fora.

Era isso que a família queria fazer com Jervaulx, pensou Maddy. Renegá-lo. Prescindir dele e renegá-lo, fazê-lo desaparecer da família e retirar-lhe a sua posição. Enquanto estavam ali sentados à espera durante a longa tarde na sala da chancelaria, Maddy começou a compreendê-lo sem que ninguém lho explicasse. Eram eles, os próprios parentes, as próprias irmãs e os homens com quem tinham casado, e até a mãe, os que tinham insistido naquele exame, e *lady* de Marly era a única que estava do lado dele.

Chegou a convocação para comparecer perante o lorde-chanceler. *Lady* de Marly levantou-se e com ela as outras damas, mas apenas era pedida a presença de Jervaulx.

Lady de Marly pegou na bengala e voltou a sentar-se.

- Não me falhes - disse bruscamente ao duque.

Na porta, o advogado, de maxilar quadrado e inexpressivo sob a peruca, esperava-o. Jervaulx lançou a Maddy um olhar de verdadeiro desespero. Ela apertou as mãos com força, incapaz de lhe dizer o que desejava. Não o podia fazer à frente de todas aquelas pessoas, não o podia incitar a ser corajoso nem animá-lo para que não perdesse a fé.

- Excelência - disse o advogado. - Sua senhoria aguarda-o.

Uma vaga de ódio gelado surgiu no rosto do duque e deu-lhe um aspecto ameaçador. Olhou, um por um, os membros da família, cada uma das irmãs, os cunhados, a mãe, como se lhes quisesse deixar gravado na mente aquele momento, para que nunca o esquecessem. De seguida, avançou para junto do advogado.

Devido a uma daquelas estranhas alterações da realidade, Christian reconheceu o homem sentado atrás da mesa. Lyndhurst ocupava a posição de chanceler - *mudança de governo* - recordou-se daquilo - lembrou-se - *Canning*. Toda uma parte da sua vida surgiu de repente à frente dele.

Lyndhurst deteve o tamborilar rápido dos dedos e levantou o olhar dos papéis que tinha na mão. O alívio reflectiu-se-lhe no rosto como substituição da inquietação anterior quando viu Christian de pé e em silêncio à frente dele. Lyndhurst levantou-se, deu a volta à secretária e estendeu-lhe a mão.

Christian conhecia-o bem. Era um famoso mulherengo, um *whig* renegado, a uma enorme distância do recanto onde Christian e um pequeno grupo de radicais se sentavam na Câmara dos Lordes, mas não se encontrava entre os piores daqueles lordes mais idosos. E agora era ele o lorde-chanceler! Grandes progressos. Mas Christian recordou-se da situação com uma certa dificuldade. Crise dos conservadores, conversas e incertezas. Sentia-se um pouco à deriva, não tinha noção do tempo que decorrera nem da actual situação do governo.

Tinha a certeza que não houvera nenhuma revolução - não uma que pudesse ter nomeado para lorde-chanceler alguém como Lyndhurst.

O homem deu uma palmada no ombro de Christian e apertou-lhe a mão. Mal reparou que Christian fora incapaz de a levantar. Christian moveu-se, voltou a transformar-se num ser humano capaz de devolver a pressão do cumprimento.

- «Bom aspecto, *sir* Muitobom!» Christian anuiu.

- «Venhasentarse. Não vaidemorarmuito. Falei com *ladymarly*, sabe?» E com essas palavras apontou para uma cadeira que se encontrava junto da lareira, e aproximou a sua. Desatou o laço da toga. Ouviu-se o sussurrar da seda quando, com uma sacudidela, se desprendeceu dele e a entregou a um subalterno, que saiu pela porta e desapareceu com aquele troféu escarlate. Lyndhurst abriu os óculos e colocou-os sobre o nariz. Outros dois homens de peruca encontravam-se perto dele, a mexer em papéis.

- «Algumasperguntassimples e ficatudoesclarecido, estábem?» Lançou um olhar a Christian, uma mistura de esperança e aturdimento, e pigarreou. Um dos homens entregou-lhe alguns papéis.

Passou um momento a fazer caretas aos papéis que tinha ao colo e, sem levantar os olhos,

disse:

- «Diga-me o seu nome e filiação, *sir*.» Christian apertou os braços da cadeira. Ouviu-se um pequeno estalido na lareira. O coração batia-lhe acelerado. Lyndhurst levantou os olhos.

- Nome?

Christian Richard Nicholas Francis Langland. Era incapaz de o dizer. Sentiu ressurgir o terror. As palavras negavam-se a sair-lhe da boca.

A respiração começou a tornar-se mais profunda. Olhou para Lyndhurst fixamente enquanto tentava converter as exalações em sons.

Um dos homens de peruca disse qualquer coisa, mas para Christian não passou de uma série de sílabas sem sentido. Colocaram-lhe um caderno com folhas de pergaminho no colo e deram-lhe uma pena.

Aproximou a pena da folha. Não se lembrou de nada. Soltou-a e voltou a pegar nela com a mão esquerda. Tentou pensar nas letras, na sua forma, como as iniciar. Levantou os olhos e olhou para Lyndhurst, e descobriu que este estava inclinado sobre ele de testa franzida e com uma expressão preocupada.

- «Não consegue escrever o seu nome?»

Christian recostou a cabeça no encosto da cadeira. A Besta, aquele lugar, iam voltar a fechá-lo! O frenesim que se apoderou dele ainda o afastou mais das palavras, espalhou-as para longe do seu alcance, para lá de toda a esperança.

Os homens de peruca observavam-no com uma expressão solene. A última vez que interviera na Câmara dos Lordes fora num debate acerca da educação, das associações de estudantes e da ciência. Recordou-se que Lyndhurst estivera a tomar notas e a segredar com aqueles que se encontravam à sua volta, atitude normal entre os conservadores. Mas agora, como parentes afastados que se juntam à volta de um leito de morte, o lorde-chanceler e os seus subalternos examinavam o duque de Jervaulx. Contidos, incomodados, fascinados.

Era um deles, vestia como eles, ocupara uma cadeira na Câmara dos Lordes como Lyndhurst... e agora acontecera-lhe aquilo.

Lyndhurst, dobrado sobre a cadeira, esticava o lábio. Sacudiu a cabeça e apontou qualquer coisa num caderno.

Christian ardia de vergonha. Olhou para o caderno que tinha no colo e escreveu a expressão algébrica da distância entre dois pontos diferente a um eixo octogonal.

- «O que é isso?» - perguntou Lyndhurst a olhar para o caderno, e estendeu a mão para o virar sem o tirar do colo de Christian.

O mesmo homem de peruca e rosto quadrado inclinou-se para ele e murmurou-lhe algo ao ouvido.

- Ah - exclamou Lyndhurst, e puxou os óculos para cima. De seguida, olhou para Christian e perguntou: - «Consegues escrever a série de vinte?»

Vinte? Olhavam todos expectantes para o caderno e Christian deduziu que tinha de escrever. Daquela vez, a mão obedeceu-lhe. Escreveu o número 20 no caderno.

- Um, dois, vinte, se puder.

Com mais segurança, Christian escreveu 1220.

Lyndhurst suspirou e voltou a estender o lábio. A confiança momentânea de Christian desvaneceu-se. Era óbvio que não o fizera bem. E voltou a sentir uma vaga de terror a erguer-se-lhe no interior ao sentir que estava a falhar.

O outro homem de peruca falou e Lyndhurst anuiu, distraído. A porta abriu-se e surgiu um funcionário que acompanhava a mãe de Christian até à sala. Christian levantou-se. Ela nem sequer o olhou. Deteve-se junto da porta. Quando o homem de peruca lhe tocou no braço, a dama deu a volta e abandonou a sala. A porta fechou-se atrás dela.

Christian, confuso, permaneceu imóvel durante um momento e depois voltou a sentar-se.

- «Con heceestasen hora?» A fúria invadiu-o. Para eles, aquilo não passava de um jogo, um entretenimento cruel para o confundirem.

- «Quemé?» *O quê?*

- Nome? - insistiu Lyndhurst. Fechou os olhos e concentrou-se naquilo. Não se lembrava. Não disse nada.

- «Não sabe?» *Nada!* Christian olhou fixamente para Lyndhurst enquanto respirava com força entre dentes.

Um dos homens de peruca tirou uma vela apagada da prateleira da lareira e colocou-a sobre uma mesinha que se encontrava ao lado de Christian. Entregou-lhe um papel torcido para acender a vela.

Papel e vela. Papel e chama. Mas as mãos dele não pareciam ter nada a ver uma com a outra.

Lyndhurst inclinou-se e pegou no papel enrolado, aproximou-o das chamas até que saiu fumo. Surgiu uma chama pequena. Virou o papel e passou-o a Christian.

Ele aceitou-o com cuidado. Observou a pequena chama azul e amarela, e o fiozinho de fumo branco que saía em círculos da ponta.

Alguém pronunciou umas palavras corteses. O homem de peruca inclinou-se e apagou a chama com um sopro rápido.

Christian franziu a testa. Tinham que lhe dar tempo. Não lhe davam o tempo suficiente. A expressão do rosto daquele homem enfurecia-o. Fechou os olhos, tacteou à procura da vela e pegou nela com uma mão. Na outra segurava o rolo de papel meio queimado.

Estava determinado em demonstrar que era capaz de o fazer. Tentou. Olhou para a tocha de papel, aproximou-a da vela e voltou o rosto para a ver melhor. Com a mão direita virou a vela, e com a esquerda aproximou a tocha fumegante da cera. Pequenos pedaços de cinza desprenderam-se e caíram sobre o caderno e as calças dele, mas algo estava a correr mal. Virou a vela e voltou a aproximá-la da tocha. O rolo de papel desintegrou-se-lhe nas mãos e caiu no chão. Christian olhou-o, desesperado.

Lyndhurst, a murmurar para si mesmo, continuou a escrever. O funcionário retirou com cuidado a vela das mãos de Christian. De seguida, tirou um molho de notas e um punhado de moedas da mesa, e entregou-o ao lorde-chanceler. Lyndhurst inclinou-se e estendeu o dinheiro sobre o caderno que se encontrava no colo de Christian.

- «Oseudin heiro» - disse.

Christian pegou numa nota de uma libra e olhou para Lyndhurst. O lorde-chanceler retribuiu-lhe o olhar com uma expressão de compreensão e compaixão. E naquela piedade paciente Christian leu o seu destino.

Apertou a nota com força, levantou-se e atirou com o caderno para as chamas. As moedas caíram em cascata e ressoaram ao chocar contra a pedra da lareira.

- Não, não, não, *não!* - foi tudo o que conseguiu dizer. Apenas conseguia repetir aquela palavra tão inútil uma e outra vez. - Não, não, não não.

Sentiu-se como um animal encurralado com todos aqueles olhos assustados fixos nele.

Louco, louco, de regresso ao manicómio e às correntes. De regresso para morrer. Ou o que era ainda pior, para viver.

Louco, santo Deus. Declarado oficialmente louco. Louco!

Chamaram Maddy e o primo Edward para o acalmar. A jovem sentia o coração na garganta, à espera de se deparar com o desastre, mas a única coisa que viu foi Jervaulx junto de uma cadeira caída, cercado de juristas e do próprio lorde-chanceler, que pareciam constrangidos.

Jervaulx viu Maddy. Levantou as mãos e deixou-as cair de novo com um gemido de angústia.

O primo Edward aproximou-se da cadeira e colocou-a no sítio adequado.

- Vamos - disse num tom de voz tranquilo. - Não vai querer que tenhamos de utilizar as luvas, pois não, senhor Christian? E muito menos em frente de sua senhoria e de *miss* Timms.

Jervaulx deu-lhe um murro.

O primo Edward caiu ao chão com os braços torcidos, e chocou com a cadeira enquanto os juristas se lançavam sobre Jervaulx antes que este conseguisse fugir. Durante um momento reinou a confusão. Ouviu-se gritos e madeira a estalar. A seguir, apareceu Larkin que, com uma pancada, atirou o duque contra a mesa quando dois dos juristas ainda o prendiam pelos braços. Os papéis voaram pelos ares, enormes molhos e pilhas de papéis escritos caíram no soalho. Larkin atirou-se sobre o duque e rodeou-lhe o pescoço com as mãos fortes.

A luta terminou. Jervaulx, arquejante, deitou-se sobre a mesa. Fechou os olhos e escondeu o rosto das outras pessoas que se encontravam na sala.

Larkin afastou-se lentamente dele, e mostrou na mão um grande cassetete de borracha antes de o voltar a enfiar no bolso. Os dois juristas tinham perdido a peruca. Ficaram corados, incomodados, e descontentes quando Larkin disse:

- Levantem-no e soltem-no, senhores. Não vai voltar a lutar. Endireitaram-no. Jervaulx parecia nem perceber que o estavam a agarrar pelos braços. Assim que ficou em pé, apoiou-se à mesa e não fez qualquer gesto para se mover quando o soltaram. A casaca elegante que vestia estava descosida no ombro e deixava ver o linho branco.

O primo Edward aproximou-se com as luvas de cabedal, calçou-lhas e apertou os fechos com a rapidez de alguém com muita experiência. Sangrava do lábio, mas Jervaulx, que recebera um murro muito mais forte de Larkin, não mostrava qualquer marca.

- O que é que aconteceu? - A voz de *lady* de Marly cortou o ar como uma navalha.

O lorde-chanceler, que examinava os óculos partidos, levantou os olhos.

- *Milady*. Atrás dela amontoavam-se a duquesa viúva e os restantes familiares, que se empurravam uns aos outros para seguir *lady* de Marly. Maddy viu-se encurralada a um canto quando um dos maridos a empurrou para trás, enquanto lhe pedia desculpas com pouca convicção.

Jervaulx, de braços atados, permanecia imóvel com os olhos fixos no chão. O rasgão do ombro abria-se ainda mais devido ao ângulo estranho dos braços, forçados pelas luvas.

O lorde-chanceler olhou em volta para a família que enchia a sala.

- Bom - disse com bastante secura e um pouco irritado. - Já que estão todos aqui, permitam-me que vos comunique a minha decisão no que se refere ao pedido que me foi feito para declarar sua senhoria Christian Langland, duque de Jervaulx, como incompetente.

Lady de Marly bateu no chão com a bengala de um modo que não pressagiava nada de bom.

- Lyndhurst... - começou a dizer, num tom autoritário.

- *Milady* - na voz do lorde-chanceler podia ouvir-se uma nota de advertência -, permita-me.

Sentou-se numa enorme poltrona junto à lareira e indicou a *lady* de Marly que fizesse o mesmo, numa que fora colocada à frente dele. Estendeu a mão expectante.

O escrivão apressou-se a apanhar os papéis que se encontravam espalhados aos seus pés. O lorde-chanceler pegou neles, pô-los por ordem e aproximou os óculos partidos do nariz, sem os chegar a pôr.

- Examinei o duque com o objectivo de ver a sua capacidade para dirigir os seus assuntos. Vejo que é incapaz de dizer o próprio nome ou de o escrever. Não sabe contar de um a vinte. Não parece reconhecer a mãe. Não reagiu naturalmente quando lhe foi pedido que acendesse uma vela. Ao pedir-lhe que contasse uma certa quantia, atirou o dinheiro para a lareira. São estes... - A voz subiu de tom quando *lady* de Marly o tentou interromper. - São estes os critérios que habitualmente aplicamos para determinar se alguém se encontra na posse das suas faculdades mentais, *milady*.

Lady de Marly estivera inclinada para a frente. Quando o olhar dela se cruzou com do lorde-chanceler, endireitou-se e ergueu o queixo.

- Sua senhoria, estamos a falar do duque de Jervaulx. - Lançou um olhar ao lorde-chanceler que teria feito estremecer as pedras. - O duque de... Jervaulx.

Eram como dois velhos envolvidos numa batalha silenciosa, duas vontades de ferro a confrontarem-se. Uma calma perturbadora apoderou-se de tudo e todos, com excepção das chamadas que crepitavam sem muito ruído entre *lady* de Marly e o lorde-chanceler. Um som vulgar, e Jervaulx não se moveu nem ergueu os olhos do chão.

O lorde-chanceler remexeu os papéis. Pigarreou.

- Em representação de sua senhoria, a duquesa viúva de Jervaulx, comparecem *lord* Tilgate, *lord* Stoneham, o senhor Manning, o senhor Perceval, conjunta e solidariamente, etc, etc, e solicitam ao tribunal, etc, que instrua procedimento de incapacidade por perda de faculdades mentais, sim, bem sabia que não me tinha equivocado. - Olhou para o advogado de família. - Senhor Temple, há um erro nestes documentos. Não deveriam ter solicitado uma declaração de perda de faculdades mentais, mas sim de loucura, como verifiquei que é o caso; depois do exame ao duque. - Lançou aos presentes um olhar frio. - É-me totalmente óbvio que este é um caso de alienação mental e não de imbecilidade. Se as partes que representa, senhor Temple, desejarem corrigir a solicitação e voltarem a apresentá-la, eu, em princípio não vejo qualquer inconveniente em estudar o caso numa data futura.

Maddy não conseguia perceber o motivo por que *lady* de Marly se mostrava tão satisfeita. Parecia ver o adiamento como uma autêntica vitória e, quanto a isso não havia dúvida, as veementes queixas dos cunhados em voz baixa revelavam a sua insatisfação. Enquanto *lady* de Marly avançava lentamente e com pancadas da bengala até ao vestíbulo e às carruagens que os esperavam no exterior, Maddy ouviu um dos maridos a murmurar:

- Santo Deus, homem, mais seis meses? - A voz aumentou um pouco quando pegou no advogado pelo braço e acrescentou: - O património vai ficar um caos!

Os outros mandaram-no calar. Maddy ultrapassou-os no vestíbulo. As irmãs e os cunhados de Jervaulx viram-na passar, afastaram-se para o lado e viraram-se de costas para a parede. Maddy deteve-se ao chegar ao patamar da escadaria.

Entre Larkin e o primo Edward, Jervaulx passou em frente da fila de espectadores algemado, como um criminoso a caminho da execução. Não pareceu aperceber-se de que havia pessoas junto dele. Pareceu apenas fixar-se nas bainhas dos vestidos das irmãs quando passou por elas. Só quando chegou ao local onde Maddy se encontrava é que levantou os olhos, mas nessa altura ela viu que Christian estava muito longe dali.

Não se via nada no seu olhar. Nem pena, nem raiva, nem qualquer tipo de reconhecimento. Dissera que morreria se o mandassem voltar. Maddy pensou que já parecia morto. Esteve prestes a estender a mão e tocar-lhe, mas... não.

Não. Era melhor assim. Era melhor que não regressasse, não o fazer sentir aquele momento. Atrás dele, a família fechou fileiras no vestíbulo e começou a murmurar. Maddy levantou a saia, virou costas a Christian e foi a primeira a descer a escadaria.

Como sempre, numa poltrona perto da lareira, *lady* de Marly estava sentada no seu *boudoir* privado cercada de móveis orientais lacados a negro. Todos os espaços existentes estavam cheios de frascos de porcelana azul e branca. Havia-os de todos os tamanhos, grandes e minúsculos, simples e pintados com dragões grotescos e animais míticos. Inalou profundamente os saís de um dos frascos e, a seguir, abriu os olhos e girou o recipiente na mão.

- Miss Timms - disse, a olhá-la fixamente -, é imprescindível que Christian compreenda o que tenho a dizer. Por isso é que a menina está aqui.

- Compreendo.

- Criança mal-educada. Quando lhe falo, dirija-se-me por *milady*.

- Vai contra os nossos princípios - respondeu Maddy calmamente. *Lady* de Marly franziu as sobrancelhas.

- Quanto a isso não tenho dúvidas.

Pareceu ficar satisfeita com aquele comentário cáustico e centrou a atenção no duque. Tinha as luvas calçadas e observava-as como um criminoso sombrio e acorrentado. *Lady* de Marly voltou a aspirar outra dose de saís. De seguida moveu o frasco e ordenou:

- Tire-lhe essas... luvas - como se pronunciar a palavra lhe fosse ofensivo.

Maddy alegrou-se por o poder fazer. Jervaulx não se moveu enquanto ela desatava as luvas. Assim que se viu livre delas, olhou primeiro para uma mão e depois para a outra. De seguida, ergueu a cabeça e assentiu uma vez para Maddy, num agradecimento lacónico.

Lady de Marly deu uma pancada com a bengala para lhe chamar a atenção.

- E tu, rapaz, sabes o que aconteceu hoje?

- Devagar - aconselhou Maddy. A senhora idosa fez uma expressão de aborrecimento.

- Jervaulx! O duque olhou para ela.

- Ouve-me. Hoje fracassaste. Falhaste.

Jervaulx moveu o maxilar. Começou a respirar mais depressa, a esforçar-se por falar. Para alívio de Maddy, *lady* de Marly esperou sem o tentar interromper.

- Vesta! - explodiu furioso. - Não... *regressar*. Deus! Sim... amas-me. Sim... - Estendeu o braço, pegou no de Maddy, e empurrou-na na direcção da tia. Manteve-a à frente dele - ... *fala*.

Maddy sentiu que lhe cravava os dedos no braço. Sacudiu-a ligeiramente e da garganta saiu-lhe uma espécie de grunhido.

- Fala - insistiu.

- Não quer voltar a Blythedale, *lady* de Marly - disse. - Acho que é isso que quer que diga.

- Claro. - Nem sequer olhava para Maddy, apenas para o duque atrás dela.

Jervaulx suspirou e, com um empurrão, afastou Maddy. Com grandes passadas, chegou ao fundo da sala.

- Mato... agora. - Virou-se para elas, a agarrar os lados das costas de uma cadeira chinesa de ébano. - Não... *volto*.

Lady de Marly olhou-o e assentiu lentamente.

- No entanto, vais ter de voltar. A tua mãe quer que voltes - diss com uma crueldade calma, o que forçou Maddy a falar.

- Talvez se o pensasses...

- *Miss Timms!* - exclamou *lady* de Marly, cortante. Maddy manteve-se em silêncio.

- *Miss Timms*, a menina não referiu que ele era capaz de manter um diálogo inteligente.

Lady de Marly tinha a capacidade de fazer com que uma pessoa se sentisse culpada até por fazer algo de bom.

- Por vezes fala - replicou Maddy -, mas com pouca frequência.

- Qual a frequência? Em que circunstâncias?

- Acho que quando... quando está aborrecido. Quando deseja muito uma coisa. Quando é... - hesitou - ... quando é importante para ele.

- Estou a ver.

Lady de Marly agarrou no cabo da bengala com as duas mãos. Recostou a cabeça no encosto e semicerrou os olhos.

- Jervaulx - disse a senhora idosa. - *Terás* que voltar. Compreendes?

Ele agarrou-se à cadeira.

- *Voltar?*

Apenas uma palavra, cheia de dor.

- Sim. - *Lady* de Marly abriu os olhos e deu uma pancada com a bengala. - A menos que faças o que eu te vou dizer.

Levantou-se com o auxílio da bengala. O duque não se moveu enquanto se aproximava dele, a cada passo ouvia-se o frufu da seda. Deteve-se, e apoiou-se com força à bengala. Olharam-se fixamente apenas com a cadeira de ébano entre eles.

- Não voltarás, Jervaulx. Não... voltarás... se... - olhou prolongamente para os olhos do duque - ... se aceites.

O rosto dele parecia sombrio pela emoção e cansaço.

- Acei... tar?

- Se aceites casar-te.

Jervaulx inclinou ligeiramente o rosto. Maddy leu a dúvida que aquele continha.

- Casares-te - repetiu *lady* de Marly, simples e claramente. - Casa-res-te... assegurares o título... e não terás de voltar. Eu encarregar-me-ei disso.

A compreensão atravessou-lhe o rosto. Uma mistura de compreensão e afronta - um instante de arrogância aristocrática, um duque em estado puro, surpreendido e ofendido por aquela intromissão -, e de seguida compreendeu, compreendeu o alcance do que ela lhe oferecia. Soltou a cadeira.

- *Sim* - disse.

Qualquer coisa, dizia aquela palavra. Qualquer coisa, desde que não tivesse de regressar.

14

-Sim, quero – Leu Maddy mais uma vez. Os dedos do duque apertaram-se com força à volta do cabo de um sinete pesado. Ao esforçar-se por falar, pressionou-o contra o papel mata-borrão da escrivaninha, o que formou uma nova marca. Maddy passara todo o dia fechada com ele na biblioteca, a recitar a fórmula matrimonial do breviário. Christian nem sequer olhou para o interminável número de rabiscos que deixava no papel. Não afastou os olhos dela uma única vez.

- Sim... erro – conseguiu dizer.

- Sim ... quero – corrigiu-o Maddy.

Olhou-a do outro lado da escrivaninha. A concentração impediu que qualquer sinal de humanidade lhe aflorasse o rosto. Não passava de glo e sombras, o azul dos olhos com a profundidade do céu de Inverno. Não lhe saiu nenhum som da boca.

Maddy voltou a olhar o livro. Releu a nota de *lady* de Marly com os nomes que tinha de incluir, embora já há muito os tivesse memorizado.

- Eu, Christian Richard Nicholas Francis Langland ...

- Christina Richard – disse ele – Christian Richard ... Nn...clas. – Engoliu em seco e cerrou os dentes. – Fra...Lang.

- Tomo-te...

- Tttte - disse o duque num tom de voz que se assemelhava a um gemido.

Maddy continuou como se ele o tivesse conseguido, embora comesse a ter a sensação que isso nunca viria a acontecer. *Lady* de Marly encomendara-lhes a tarefa depois do pequeno-almoço e agora, passada a hora do chá e do jantar, Maddy começava a ficar desesperada.

Humedeceu os lábios, exalou suavemente e voltou a ler. Um tom monótono e cansado surgiu-lhe na voz.

- Tomo-te, Anne Rose...

- Tomo-te, Anne Rose.

Disse aquelas palavras com bastante clareza. A fluência repentina fez com que Maddy erguesse os olhos. A surpresa avassalou-os. O duque parecia tão surpreendido quanto ela.

Um sorriso surgiu no rosto de Maddy.

- É isso!

O duque sorriu, corado pela façanha.

- Tomo-te... Anne Rose - repetiu, a salientar cada palavra com um assentimento.

- Tomo-te, Anne Rose Bernice Trotman...

O sorriso desapareceu-lhe do rosto. Franziu o sobrolho e sacudi a cabeça.

- Tomo-te, Anne Rose...

- *Ber-nice Trot-man*.

- Tomo-te, Anne Rose Bernice Trotman.

- Sim! - exclamou Maddy, e inclinou-se para a frente. - Eu...

Ele interrompeu-a e prosseguiu com um ritmo de gestos afirmativos:

- Christian Richard Nick'las Langland. Christian Richard Nick'las Langland. Eu... Christian Richard Nicholas Langland. - Empurrou a cadeira para trás e levantou-se. - Eu, Christian Richard Nicholas Langland. Langland. Christian. Eu, Christian Richard Nicholas Francis Langland. Langland! - Soltou uma gargalhada áspera e vitoriosa. Agarrou no sinete e a cada palavra deu uma pancada sobre o papel mata-borrão. - Eu, Christian Richard Nick'las Francis Langland!

Aquela violenta exibição de entusiasmo assustou-a um pouco. Maddy fechou o breviário.

- Talvez seja uma boa altura para pararmos por hoje.

- Não! - Deu a volta à escrivaninha, tirou-lhe o livro das mãos e abriu-o com toda a força sobre a mesa. - Missmaddy! Tomo-te, *Anne Rose Bernice Trotman*...

A jovem hesitou. Ele agarrou-lhe na mão e apertou-a, acariciando-a dolorosamente.

Maddy assentiu e ele soltou-a. A jovem inclinou-se sobre o missal.

- ... como minha legítima esposa. - Tornou-se-lhe mais difícil adaptar aquelas palavras ao ritmo monótono. Viu-se forçada a dar-lhe uma tonalidade pouco natural. - Como *minha* legítima esposa.

- «Como *minha* légia esposa.» Maddy pensou que a palavra era suficientemente parecida.

- E prometo *amar-te e respeitar-te*.

- E prometo *amar-te respeitar-te*...

De agora em diante, na prosperidade e na adversidade, na riqueza e na pobreza, na saúde e na doença. Embora os votos matrimoniais da Igreja de Inglaterra deixassem muito a desejar, e a Sociedade de Amigos não encontrasse neles nada de bom, aquelas linhas tinham uma cadência simples e ritmada que Jervaulx era capaz de repetir. Estava muito longe de o fazer na perfeição e deixava escapar sílabas que não se chegavam a adaptar-se ao ritmo, mas transpirava alegria pelos seus progressos. Percorria a sala, a assentir para marcar o compasso, e insistia para que ela lesse as frases uma e outra vez enquanto ele as repetia.

Por fim, aproximou-se de onde ela estava, colocou-se atrás dela, pousou-lhe as mãos nos ombros e recitou sem ajuda toda a passagem,

- *Sim, quero. Eu Christian Richard Nicholas Francis Langland, tomo-te Anne Rose Bernice Trotman. «Como minha légia esposa.» E prometo amar-te e respeitar-te. Todos os dias da minha vida. «Na prosper-dade e na adversidade.» Na saúde e na doença. Até que a morte nos pare. - Marcava a cadência com os dedos. - Segundo a. Cumprir a vontade de Deus. «E entrego-me... a ti... como... poso.» Sim!*

Apertou-lhe os ombros com força. Era óbvio que se sentia orgulhoso por ter conseguido ultrapassar a dificuldade das últimas linhas.

Maddy virou a cabeça, incapaz de o ver por causa da touca. Na verdade, não se esforçou muito. A touca estava ali como uma verdadeira protecção, como uma barreira que a defendia da euforia de um homem, do seu maravilhoso sorriso e dos olhos escuros da cor da meia-noite.

Pertencia ao mundo e um sacerdote iria casá-lo com outra filha do mundo. Casar-se-ia e não regressaria a Blythedale Hall.

Com um movimento rápido, fechou o livro. Endireitou-se e afastou-se dele.

- Vou dizer a *lady* de Marly que já consegues dizer as tuas linhas.

Lady de Marly reclamou a presença de Maddy de imediato. A dama estava a jantar, deitada na cama com um tabuleiro em cima do colo, instalada sob pássaros exóticos e figuras orientais no quarto chinês. Maddy estava de pé com as mãos apertadas.

- Então, acha que ele já está preparado? - perguntou *lady* de Marly, enquanto mordida uma torrada e bebericava chá.

- Talvez ainda consiga melhor, se se esforçar.

- Seis meses, *miss* Timms, seis meses foi tudo quanto Lyndhurst nos deu. E até poderemos não contar com tanto tempo, embora o advogado me tivesse assegurado que seria surpreendente que a solicitação originalmente pedida fosse efectuada com maior rapidez. - Descuidada e

estrepitosamente, deixou cair a colher sobre o tabuleiro. - Não podemos esperar até que melhore. Temos é de nos livrar disto de uma vez por todas e fazer com que a jovem engravide. Não quero problemas de legitimidade. Compreende a urgência do assunto?

- Estás a referir-te ao casamento?

- Ao herdeiro, jovem. Não tem herdeiro. Deveria ter tido um há anos como qualquer homem sensato, mas que fez a cabeça-oca da mãe? Dedicou-se a não lhe dar descanso, a aconselhá-lo a mudar de atitude e a casar, o que, como é lógico, resultou no facto de por nada deste mundo se deixar arrastar para o altar. Desobedece-lhe em tudo o que pode. E não o culpo por o fazer, mas apenas um idiota egoísta que pensa ser imortal teria deixado o título sem o assegurar. E isso, como já lho disse sem qualquer pejo, é exactamente aquilo que ele é. E agora...

De repente, a voz tremeu-lhe e parou de falar. Foi como se de repente os anos lhe pesassem e revelassem toda a sua vulnerabilidade. Procurou com os dedos desajeitados a chávena de chá e, trémula, bebeu uma longa golada. A chávena tiniu ao pousá-la sobre o pires.

Durante um momento, manteve o olhar perdido. De seguida, soltou uma gargalhada amarga.

- Enfim. De qualquer maneira, agora que está... como está - prosseguiu com uma precisão áspera que se tornou mais forte à medida que falava, como se ao dizer as coisas em voz alta recuperasse o controlo sobre elas -, temos que conservar o que pudermos. O ducado reverte a favor da Coroa se não existir descendência masculina legítima. É isso que está aqui em jogo, minha excelente jovem. Não tem herdeiros. E um louco pode contrair matrimónio, não pode? Tal como o pode fazer um homem que já foi considerado perturbado mental. Se não o conseguirmos casar antes de o declararem incapaz... está tudo perdido.

Maddy permaneceu em silêncio, um pouco perturbada. Não lhe parecia que *lady* de Marly fosse gostar de um discurso acerca da vaidade das instituições mundanas como os ducados, mas forçar o sobrinho a casar para não o perder, chantageá-lo com a ameaça de Blythedale Hall para que se casasse, parecia-lhe extremamente cruel,

- Mas... e Anne Trotman? - perguntou, tímida. - Está disposta a casar com ele?

- Ele é o duque de Jervaulx, rapariga.

- Apesar de...

Lady de Marly moveu a chávena no tabuleiro com bastante barulho.

- Eu e o pai dela chegámos há um mês a um acordo bastante satisfatório. A família pertence à pequena aristocracia. Possuem um antigo vínculo com os duques de Rutland, mas sem direito a reclamarem bens hereditários. O senhor Trotman acaba de ser nomeado deputado de um pequeno condado em Huntingdonshire. O dote da jovem mal chega às dez mil libras, o que, parece-me que estará de acordo comigo, é pouco, se comparado como as cinquenta e duas mil libras anuais que receberá por ser a mulher do duque. Na minha opinião, *miss* Trotman pode considerar-se uma jovem extraordinariamente afortunada.

- Ela não sabe.

Lady de Marly mostrou um enorme interesse na torrada e cortou um pedaço com toda a exactidão.

- Sabe que tem estado doente. Nem eu nem os pais dela achámos adequado estar a perturbá-la com os pormenores. As mentes jovens têm tendência para imaginar coisas de um modo exagerado.

- *Lady* de Marly... não pode ser um matrimónio válido aos olhos Deus.

- Não seja insolente.

- Uso a simplicidade na fala.

- Mal-educada e vulgar. Matrimónio válido aos olhos de Deus! Uma cerimónia efectuada pela Igreja de Inglaterra. Que mais se pode pedir? Tolices, jovem. Com que noções de baixa classe se vai sair agora? Partilharem o leito vestidos? Cortejarem-se na cama, como os fazem os camponeses? Montarem-se numa vassoura para pronunciarem os votos? Sim, esse seria um verdadeiro matrimónio. Não sabe de que está a falar.

- Sei que a verdade não se pode basear no orgulho da posição social nem da falsidade.

Lady de Marly atirou a colher de prata para cima do tabuleiro.

- Mulherzinha insolente! Está a chamar-me mentirosa?

Maddy, obstinada, respirou fundo.

- És a única que conhece a verdade do teu coração.

- E a menina faria bem se não o esquecesse. Já ouvi o suficiente dos seus alaridos dissidentes. Ele é o duque, e ela será a sua duquesa. Não vejo quais as objecções que se pode colocar a isso. Só vejo um problema, e é o do sangue maculado. Mas há séculos que não existe um caso de loucura nem de imbecilidade na família, se colocarmos de lado a idiota da mãe dele. Acredite quando lhe digo que me assegurei disso. E o senhor Trotman, um homem de bom senso, também o deve ter feito.

Maddy continuava preocupada.

- Quando o descobrir, ela não o irá aceitar. Vai humilhá-lo.

- Não diga uma coisa dessas! - exclamou *lady* de Marly, crispada. *Miss* Timms, reconheço que é uma jovem de bom coração, mas deixe-me falar-lhe com sinceridade. *Miss* Trotman acabará por se transformar numa verdadeira aristocrata. Terá a sua própria casa, esta casa. A sua própria criadagem. Acesso aos grandes do reino e uma fortuna de tal modo grande que não terá a possibilidade de a esgotar. Com esta aliança, a carreira política do pai - mas que estou a dizer? -, o futuro de toda a família ficará assegurado. Para conseguir tudo isto, nada mais terá de fazer senão cumprir os deveres que tem para com ele. Os pais dela compreendem isto, como é óbvio. Sejam quais forem os sentimentos iniciais da jovem, assegurei-me que *miss* Trotman, depois de reflectir, ficará convencida das vantagens de um casamento como este.

- E o duque?

- O duque não é assunto que lhe diga respeito.

- Mas, se nascer um herdeiro, ela talvez queira livrar-se do duque.

- *Miss* Timms, a minha paciência chegou ao limite. Porque acha que escolhi esta jovem? Escolhi-a porque é bastante manipulável. Os cunhados não colocaram qualquer objecção, nem a mãe dele. *Miss* Trotman está muito consciente de quem fez isto por ela.

Maddy ficou calada, ainda presa de uma estranha inquietação pelo futuro de Jervaulx.

Lady de Marly observou-a.

- *Miss* Timms - disse num tom mais suave do que aquele que utilizara até ao momento -, é o último filho vivo da minha irmã. O último representante da minha família que realmente compreendo. Se a menina tivesse sobrevivido ao seu marido, aos seus filhos e a toda a sua geração, saberia o que isso significa.

- Se o amassem, não teriam de o mandar voltar. A dama franziu as sobrancelhas pintadas.

- Ah! Mas eu não disse que o amava. Disse que o compreendia. Ou casa-se ou regressa para o manicómio. Juro-o. E pode informá-lo disso. - Recostou a cabeça nos almofadões. - Assegure-se que sabe dizer bem a fórmula do casamento, rapariga, se se preocupa com aquilo que lhe pode acontecer. E agora leve o tabuleiro para que eu possa dormir.

Estavam todos reunidos. Os Trotman, *lady* de Marly e a duquesa viúva, quando Maddy entrou no salão com Jervaulx. *Lady* de Marly, sem se levantar da poltrona, disse:

- Jervaulx, o senhor e a senhora Trotman.

O pai, um cavalheiro distinto e vigoroso, de faces rubicundas, atravessou de imediato a sala e estendeu a mão.

Jervaulx olhou-a, examinou o rosto do homem e fez um ligeiro assentimento. Trotman apertou-lhe a mão.

- *Sir* - respondeu com uma profunda inclinação formal para dissimular rapidamente o incómodo. - É uma honra para mim. Permita-me que lhe apresente a minha esposa. - E virou-se ligeiramente. A dama, muito loira e baixa, fez uma ligeira vénia. - E esta... esta é a minha filha Anne. - Com um gesto paternal convidou-a a aproximar-se.

- Annie, não fiques aí. Hoje está um pouco tímida, espero que tenha isso em consideração, *sir*, dadas as circunstâncias. Vem cá, minha querida, e apresenta-te ao duque.

Anne Trotman obedeceu e afastou-se da mãe com o rosto baixo. Ao aproximar-se do pai, ergueu fugazmente os olhos e voltou a baixá-los, ao mesmo tempo que fazia uma profunda reverência. Naquele breve instante, Maddy viu como era jovem, viu como naquele momento estava tão pálida quanto *lady* de Marly, embora tivesse as mesmas laces rubicundas do pai, e que o rosto, agora enrubescido pelo receio, era demasiado redondo para poder ser considerado belo, mas apesar disso ainda era bastante bonito. Loira, vestida de verde-maçã com laços e plissados brancos, parecia um cordeirinho aterrorizado perante o aparecimento de um lobo negro e feroz, encarnado por Jervaulx.

Maddy viu que ele examinava a jovem de cima a baixo. O penteado complicado, as mangas em balão, a cintura fina. Era muito jovem, pensou Maddy, ainda nem devia ter 17 anos.

O duque permaneceu impávido. Respondeu à reverência da jovem com uma meia inclinação que mostrava uns modos sociais impecáveis, e endireitou-se sem deixar de a observar sob as pestanas longas.

- É uma jovem muito agradável, não achas, Christian? - perguntou a duquesa viúva ao aproximar-se. - Uma jovem devota e bondosa. A senhora Trotman e a filha efectuam um importante trabalho na Sociedade de Préstimos da Igreja.

Lady de Marly procurou a bengala às apalpadelas e, com a ajuda desta, levantou-se.

- Acho que o senhor Trotman exprimiu o seu interesse em visitar a biblioteca - disse. - Deixemos que os jovens se entretenham sozinhos. *Miss Timms*, a menina fica. Chame um criado para que tragam um refresco.

Maddy sentiu-se satisfeita por se poder encarregar daquela pequena tarefa, já que lhe dava alguma coisa para fazer. *Lady* de Marly fez caso omissso das objecções da duquesa viúva para abandonar a sala, e insistiu que precisava do braço da cunhada para se apoiar ao sair. Os Trotman seguiram-na com uma diligência obediente. Quando passaram junto do duque, este fez um gesto de reconhecimento a cada um, enquanto a ironia se lhe reflectia no canto dos lábios.

A porta fechou-se. Jervaulx virou-se e dirigiu-se à janela, onde se entreteve a olhar para o exterior.

A jovem também continuava de pé, com as faces coradas, a apertar as mãos e a olhar para o chão.

- Queres sentar-te? - perguntou Maddy ao ver-se no papel de anfitriã.

Anne Trotman olhou-a de lado, lançou um olhar rápido ao duque e afastou os olhos.

- Sim - respondeu num sussurro.

Maddy aproximou duas cadeiras da lareira, e colocou uma para ela um pouco mais atrás. A jovem sentou-se de imediato na que se encontrava mais afastada.

- Por favor - disse Maddy com firmeza, decidida a que Jervaulx e a sua prometida se conhecessem o melhor possível antes de embarcarem numa vida inteira juntos -, senta-te aqui, perto da lareira.

Relutante, Anne Trotman sentou-se na cadeira que Maddy lhe indicou. Sentou-se muito direita, com o rosto baixo e as mãos fechadas em dois punhos brancos. Maddy olhou para Jervaulx, que se limitou a devolver-lhe o olhar com o habitual sorriso meio sarcástico. Ela franziu um pouco a testa e, com um movimento do queixo, indicou-lhe outra cadeira. Jervaulx franziu as sobrancelhas e não se moveu de onde estava, numa atitude claramente desafiadora e de completo desprezo pelas suas obrigações.

Maddy sentou-se na terceira cadeira e viu-se obrigada a inclinar-se um pouco para distinguir as feições de Anne Trotman.

- Chamo-me Maddy Timms - disse. A jovem assentiu, lançou-lhe um olhar perturbado e voltou a fixar os olhos no colo.

Por sorte, nesse momento surgiu um criado com o tabuleiro do chá. Durante alguns minutos, serviu de distração enquanto Maddy os servia e perguntava se queriam leite e açúcar. A jovem

recusou-se a comer.

- Receio que... não conseguiria comer - disse em voz baixa. Maddy deitou o chá numa chávena e levou-a a Jervaulx, que estava encostado às cortinas da janela. Aceitou o chá, embora não demonstrasse qualquer vontade de o beber.

Voltou a sentar-se. O silêncio incómodo prolongou-se. Maddy lamentou as suas falhas na arte da conversação frívola.

- O duque é um aficionado pela matemática - acabou por dizer. A jovem olhou para ela como se tivesse falado num dialecto da África mais profunda.

- Ele e o meu pai desenvolveram uma nova forma de geometria - prosseguiu Maddy, determinada. - Obtiveram o aplauso em pé da Sociedade Analítica. Gostas de matemática, Anne?

A jovem pestanejou.

- De modo algum.

- Posso emprestar-te alguns livros acerca do assunto. Deveria ser um prazer para os casais partilharem os interesses um do outro, não concordas? Eu, pela minha parte, dedico-me à jardinagem. E tu, o que gostas de fazer?

Anne Trotman humedeceu os lábios.

- Ir a festas - disse - e dançar. Embora ainda não tenha ido a nenhuma. Ainda não fui apresentada à sociedade. A minha mãe disse que agora o serei, quando... - Lançou um olhar rápido ao duque e desviou imediatamente a cabeça. - Depois. - Ergueu um pouco a cabeça. - Apresentar-me-ão à Corte, com um vestido de seda e cauda. E levarei plumas no cabelo e diamantes.

Maddy levantou-se. Depois de percorrer metade da distância que a separava de Jervaulx, anunciou:

- Anne Trotman gosta de dançar e de festas.

Ele ergueu os olhos, imersos na profunda contemplação da chávena ile chá.

- Dançar - repetiu Maddy. - Anne Trotman gosta de dançar. E também gosta de festas.

Jervaulx franziu as sobrancelhas, a exibir uma surpresa exagerada perante aquela notícia.

Maddy voltou para junto da jovem, ao lado da lareira.

- O duque esteve... bastante doente. Se lhe falares devagar e com as palavras bem pronunciadas, conseguirás manter uma conversa com ele.

- Está louco, não é verdade? - perguntou Anne Trotman com veemência, saindo da sua letargia. - A irmã dele visitou-nos ontem e contou-me que quase assassinou um criado.

- Não está louco.

A jovem tremia. Quase sem fôlego, exclamou:

- Meteram-no num manicómio! Esteve acorrentado. Não é verdade?

Maddy franziu os lábios.

- É verdade! - Anne Trotman deixou cair a chávena no tabuleiro e levantou-se. Encarou Maddy. - Leio-lho no rosto! - Olhou para o local onde Jervaulx se encontrava e prosseguiu: - É horrível. Não quero conversar com ele. Não quero que me toque!

- Nesse caso, seria melhor que não aceitasses casar com ele - replicou Maddy sem se alterar.

Anne Trotman afastou os olhos de Jervaulx.

- Dizem todos que tenho de o fazer.

Maddy não podia apoiar a desobediência, nem manifestar-se contra os pais da jovem. Seria uma perversidade da sua parte. A única coisa que podia esperar era que aquela jovem pudesse encontrar o caminho que devia seguir, que a Luz a iluminasse.

- É o meu dever - afirmou a jovem. - Transformar-me-ei numa duquesa. Numa duquesa.

Jervaulx sorriu, com um desprezo contido. Afastou-se da janela, passou por Maddy e aproximou-se sem pressa de Anne Trotman, que se afastou enquanto as faces sem cor se tornavam vermelho-carmesim sobre a palidez do rosto.

- Não! - exclamou, e tropeçou numa mesa dourada. - Não me toque! Miss Timms!

O duque prendeu-lhe o queixo entre os dedos. Obrigou-a a olhá-lo no rosto, e reteve-a ali enquanto ela arquejava, histérica. Tocou-lhe, estendendo a mão sobre a faixa larga que lhe apertava

a cintura, os dedos fortes e escuros sobre o cetim branco. Moveu a palma para cima, com um movimento libidinoso, sem prestar atenção aos folhos e plissados, e percorreu o peito da jovem com uma depravação evidente.

Quando ela se tentou afastar para um lado, agarrou-a pelo braço, pressionou-se contra a jovem, todo o seu corpo uma barreira comprimida contra ela. A jovem debateu-se para tentar respirar.

- É um indecente! - gritou. - Largue-me! Apesar da resistência, abraçou-a com força.

- *Tocar...* quando... apetecer.

O tom brutal daquelas palavras deixou-a petrificada. A jovem conteve a respiração e olhou-o como um animalzinho incapaz de se mover. Maddy levantou-se.

- Jervaulx - limitou-se a dizer.

O duque soltou Anne Trotman, que se afastou rapidamente, a sacudir a seda e os laços como se lhos tivessem manchado. Depois de um olhar silencioso e horrorizado para Maddy, a jovem levantou a saia e saiu do salão a toda a velocidade. A porta fechou-se com uma pancada que ressoou por toda a sala.

- *Anne Rose Bernice Trotman* - disse Jervaulx a abrir e a fechar o punho para marcar o ritmo, e olhou-a sob as pestanas escuras.

- Assustaste-a de propósito.

- Idiota - disse Jervaulx com toda a clareza. Um sorriso desagradável retorcia-lhe os lábios. Aproximou-se da prateleira da lareira e pegou numa figura de porcelana que representava uma jovem. Deixou-a cair no fogo. Maddy sobressaltou-se com o ruído que fez ao partir-se em mil pedaços e, de seguida, avançou um passo para impedir que pegasse noutra das que ali se encontravam.

A segunda figura esmagou-se contra a pedra. Ele pegou numa terceira e manteve-a suspensa na mão, a desafiá-la. Maddy deteve-se.

A estatueta caiu. Partiu-se em fragmentos que ressaltaram e caíram aos pés da jovem.

- *Minhas* - disse Christian. - Parto. - Depois de lançar um olhar à sala cheia de adornos que o cercava, acrescentou: - Parto *tudo*.

Maddy afastou-se.

- Maravilhoso! És o duque! Podes partir tudo! - Olhou-o por cima do ombro. - E agora ela já não vai casar contigo e vais ter de voltar.

- *Anne Rose Bernice Trotman* - troçou, e espalhou os pedaços das estatuetas com a bota.

- Vão mandar-te regressar. - Maddy ergueu a voz emocionada. - De volta!

Aquelas palavras conseguiram atrair a atenção de Jervaulx, que semicerrou os olhos.

- Não.

- Sem casamento, vais ter de voltar. Ele franziu a testa.

- Nenhum... casa?...

Maddy apontou para a porta por onde a prometida de Jervaulx desaparecera.

- Agora não vai querer casar-se contigo!

Durante um longo momento de hesitação, Jervaulx concentrou-se no rosto de Maddy... e, de repente, desatou à gargalhada.

- Não? - Sacudiu a cabeça e sentou-se sem cerimónias numa cadeira de pernas douradas. - Louco... desagradável... *Tocar!* - Fez uma expressão de nojo, afastou a palma da mão como Anne Trotman fizera e voltou a rir-se com amargura. - Missmaddy. Achas que não... casamento?

A duquesa viúva foi falar com Maddy ao quarto de vestir de decoração exagerada, no momento em que esta acabava de jantar. A duquesa pediu-lhe que se ajoelhasse com ela para rezarem juntas. Num longo discurso, deu graças a Deus por *miss Trotman*, pelo Dr. Timms e pelos seus assistentes, Larkin e *miss Timms*, que, com a permissão da Divina Providência, sem a qual qualquer ajuda humana estava condenada ao fracasso, tinham conduzido o filho aos caminhos da

recuperação.

Maddy percebeu que a intenção da duquesa era que aceitasse aquele gesto como uma mostra de reconhecimento pessoal, o que a fez sentir-se incomodada e desanimada. Depois do último âmen, enquanto a duquesa se sentava na única cadeira do quarto, Maddy levantou-se e sentou-se na beira do catre.

A duquesa juntou as mãos no colo.

- Miss Timms, tive uma longa conversa com o seu tio, e não tenho quaisquer escrúpulos em dizer que sinto um enorme desgosto por o meu filho se ver privado dos cuidados de Blythedale. Creio que a menina sabe quem é responsável por isso, mas não vale a pena voltar a falar acerca disso. Já disse ao doutor Timms, e agora digo-lho a si, que na minha opinião toda esta situação não passa de uma experiência. - Movia os dedos com um ritmo inquieto, como se tangesse as cordas discordantes de um instrumento. - O duque deve casar. Quanto a isso não tenho dúvidas. Mas, se acontecer a mais pequena recaída e se tornar incontrollável, o doutor Timms acha, tal como eu, que o meu filho deve voltar para o manicómio. Estou a falar-lhe disto porque é nossa intenção que permaneça connosco até ao casamento, e talvez até durante mais algum tempo. Parece que miss Trotman pediu que não a deixássemos ir embora sem a consultar primeiro, o que, como poderá concordar comigo, é muito sensato da parte dela. Parece uma jovem muito equilibrada para a idade que tem, uma boa cristã. Em princípio, nunca teria pensado que a mulher do meu filho... - Mordeu o lábio e prosseguiu. - A sua posição social não é que a poderíamos ter imaginado, mas podemos considerar-nos afortunados por ela, tendo em conta a situação. Miss Timms, não lhe posso dizer quantas noites rezei para que o meu filho visse os erros do seu comportamento. Não lhe posso dizer...

Ficou sem voz. Maddy continuou em silêncio. A duquesa inclinou o rosto e lágrimas silenciosas deslizaram-lhe pelas faces. Levantou-se bruscamente e dirigiu-se para a porta que conduzia ao corredor.

- A tia dele - disse, sem se virar para olhar para Maddy -, *lady* de Marly, pensa apenas no título, mas o meu coração diz-me que é demasiado cedo. Deveria regressar. Acredito piamente que o fará. Blythedale oferece o melhor tratamento moral. Deveria estar ali ao vosso cuidado. Talvez, sob a supervisão do doutor Timms, pudesse visitar a esposa quando fosse apropriado. - Agarrou na maçaneta da porta e virou-se para Maddy. - Isso seria o melhor para todos.

- *Lady* de Marly prometeu-lhe outra coisa - disse Maddy.

- Bom - declarou a duquesa -, veremos. A menina terá de me manter informada do seu estado mental, miss Timms. *Lady* de Marly tem os seus caprichos, mas eu é que sou a mãe. Sei melhor do que ninguém o que é bom para ele. Tenho a certeza absoluta que assim que casar, conseguirei convencer miss Trotman a concordar comigo. E então, será ela a tomar a decisão. Até *lady* de Marly terá de o compreender. E miss Trotman é uma jovem muito bondosa e equilibrada.

Christian, imóvel, deixou que o vestissem para o casamento. Fato de cerimónia de veludo castanho-escuro, botões de prata, casaca larga com muitos enfeites. Calças, colete de abas recortadas cheias de bordados e, a cobrir tudo, a faixa azul da Ordem da Jarreteira com o alfinete em forma de estrela preso ao peito. De aparência feudal, verdadeiramente antiquado, até nas fivelas com diamantes dos sapatos.

Maddy enganara-se. A jovem tinha demasiada vontade de ser duquesa para fugir.

Louco, lunático, desagradável. Perturbado oficial, julgado e condenado. Agora estava nas mãos deles. Não tinha existência própria. *Nu estrangulado castrado impotente morto!*, mas não podia pensar nisso, o ultraje ainda o incendiava, levava o opróbrio marcado a ferro na pele.

Não queria que ele lhe tocasse, não era verdade? E ela era o tipo de bezerra tola, imatura e pateta que ele mais desprezava, presunção pura e vaidade no vestir, carente de inteligência, educada para dançar em festas e sofrer desmaios nos momentos adequados.

Era o seu destino e sempre o fora.

Compreendia a tia. Era um assunto de família, uma negociação a sangue-frio que ia muito para lá das inclinações pessoais de Christian. Era o *dever*, cruel e sem perdão, eram sete séculos de existência interrompida do nome de Langland.

Se não o fizesse, abandonaria o castelo de Jervaulx nas mãos de estranhos. Seria o manicômio, a perda de identidade, o catre, a camisa-de-forças e as correntes.

Estivera a pensar em tudo aquilo, pensara naquilo durante toda a noite e também na noite anterior, enquanto se encontrava deitado na cama que antes dele fora ocupada pelo pai e pelo avô. Casar-se, ter filhos, um herdeiro. O próprio sangue no castelo de Jervaulx. Não estava habituado a pensar em si mesmo daquele modo. Deixara tudo aquilo nas mãos das mulheres da família, que sempre lhe tinham parecido obcecadas pela ideia.

Acasalar com uma égua comprada. Imaginou-se deitado com *miss Trotman* e apercebeu-se do jogo de palavras que o apelido dela encerrava². Os lábios esboçaram um sorriso. Um humor perverso para esconder a fúria que sentia. Bons motivos para sentir medo, duquesa-trotar-potra. Motivos suficientes para trocar.

Deitar-se-ia com ela para ter um varão - decerto que Deus se recordaria um pouco dele e lho concederia -, depois partiria para Jervaulx com o menino. E Maddy... levaria Missmaddy. Não podia viver sem Maddy. Dar-lhe-ia jóias, gatinhos, beijos, o que tivesse de lhe dar.

A *quaker* dos «tus» não gostaria de ser uma simples amante. Isso também não lhe agradava, mas era crucial. Era necessário. E ele não se apoderaria da virtude dela sem lhe dar algo em troca, tudo o que ela desejasse.

Poderiam viver em Jervaulx com ele. Ela, o pai e o herdeiro. E, com uma certa perplexidade, Christian pensou que iria correr tudo bem. Pensou que aquela vida seria suficiente para ele. Diferente, completamente diferente daquilo que ele imaginara. Uma existência a meias porque dele apenas restava uma metade, mas era o melhor que podia imaginar naquele momento.

Tentou pensar nos votos matrimoniais e foi incapaz de se recordar do princípio. Mas isso também não era um problema. Quando os ouvisse, não teria dificuldade em os repetir.

O criado de quarto começou a escovar-lhe a casaca. Christian viu-se ao espelho. Também ali viu a metade de um homem. A parte direita do corpo era irreal. A inquietação apoderou-se dele e afastou os olhos.

Duque.

Duquesa.

Não a desejava. Não a conhecia o suficiente para a odiar, mas imaginou que esse dia não demoraria a chegar. Conhecia cem homens que eram capazes de fazer qualquer coisa para não terem de voltar para casa para as suas mulheres.

O criado escovou os ombros e pousou a escova. Christian viu que estava pronto para se converter no número cento e um.

15

|

Na igreja, quase vazia, ressoava o eco. As janelas nuas mal deixavam passar a luz, veladas pela fria neblina matinal. Christian assistira a todos os casamentos das irmãs e comparado com o delas, tão elegantes e íntimos, aquele de tão simples parecia-lhe um pouco furtivo. Numa igreja paroquial na qual jamais entrara, apenas a mãe e a tia nos bancos da frente, uma pequena representação dos Trotman, o homem das sangrias, a Besta, e Maddy - com o rosto tão sério como o seu vestido simples e cinzento e a capa negra -, que ocupava um banco perto do fundo da igreja.

No meio do silêncio, o Sr. Trotman acompanhou a filha até ao altar espartano. Da boca de

² Trocadilho com o nome Trotman. *Trot* em Inglês significa trotar. (N. do T.)

ambos saía vapor ao respirarem o ar sombrio. Com excepção do alento gelado e das manchas vermelhas nas faces, a noiva tinha a aparência desumana e polida de uma efígie de mármore.

Parou ao lado de Christian, coberta de seda clara e com a cauda do vestido a sussurrar atrás dela. Não olhou para ele. O sacerdote começou a falar. Christian respirou fundo e inclinou o rosto para o observar enquanto lia.

De repente, sentiu-se perdido, incapaz de encontrar o seu lugar no meio daquela torrente de palavras. Apertou os punhos com força.

O sacerdote interrompeu-se e olhou para lá de Christian e de miss Trotman, para a pequena congregação. Aguardou um instante, e de seguida recomeçou a ler, a olhar primeiro para Christian e depois para a noiva. Christian pensou que devia ser a parte em que falava dos impedimentos e dos horrores do Dia do Juízo Final. Naquele momento não tinha nada a dizer, mas o momento de pronunciar as primeiras palavras estava próximo. O ar à frente dele tornou-se esbranquiçado com a sua respiração, lirntou controlá-lo, engoli-lo, concentrar-se, obrigar a mão a abrir-se, para de imediato ver que o punho se voltara a fechar.

O sacerdote olhou para ele e Christian ouviu pronunciar o seu nome - mas com demasiada rapidez, falava demasiado depressa. Os sons envolveram-no como se pertencessem a um idioma desconhecido e acabaram num tom ascendente de interrogação. Na igreja, instalara-se um silêncio expectante.

Sim quero.

Sabia exactamente o que ia dizer.

Repetira-o centenas de vezes a Maddy. Imaginou o rosto dela a assentir ao ritmo das palavras. Respirou ainda mais fundo e acelerou a respiração para tentar falar.

Silêncio. Nada. O sacerdote não afastava os olhos dele. Miss Trotman mantinha o olhar fixo e em frente.

Christian abriu o punho. Conhecia as palavras, mas era incapaz de as pronunciar. Fala. *Fala!* O punho endureceu com o esforço. Começou a sentir-se atordado.

- Jervaulx. - A voz da tia reverberou nos tijolos, na madeira trabalhada, no vidro nu e inerte dos vitrais. - «Os votos, di-los ou voltas para blythall!»

O manicómio. *Nu correntes animal não. Não não não não.*

Christian não se virou para olhar para ela, não afastou os olhos do sacerdote. O eco daquela voz foi-se apagando.

Ela não o ia fazer. Não podia voltar a enviá-lo para aquele lugar. Não acreditava que o fizesse. Era um erro. Ele estava a tentar e a tia pensava que ele a estava a desafiar.

Sim quero, sim quero, não posso as palavras voltar não Deus meu. Voltou a esforçar-se. Silêncio... silêncio... silêncio sem palavras. Não podia emitir *som frase palavra gritar nada*, tão irreal como a metade do homem no espelho, impotente. Miss Trotman humedeceu os lábios com a língua, foi o seu único gesto.

- «Tendes, Jervaulx?» - O tecto alto e abobadado amplificou o tom veemente da tia. - «Tendes voltar a blythall?»

Inclinou o rosto. A dama estava de pé. De onde se encontrava, viu que ela tremia de raiva.

- «Blythall» - repetiu.

O eco daquela palavra ressoou uma e outra vez. *Voltar, louco, louco, louco, louco, louco...*

Miss Trotman era uma espécie de monumento, como os bustos de mármore e as estátuas fúnebres, uma morta-viva. O sacerdote levantou o livro, voltou a pronunciar o nome de Christian e leu. Chegou pela segunda vez à pergunta, «*respeitálaatéqueamortevossepare?*».

Christian tentou responder. Não ia regressar, mas não era capaz de formar as palavras. A intensidade do esforço causava-lhe náuseas. Como último recurso virou-se para procurar Maddy. Continuava sentada, impávida, petrificada, com a touca imaculada e a capa, e não respondeu ao olhar de súplica, ao pedido de ajuda, para que marcasse o compasso forte e ritmado que ele conseguia seguir.

- «Dilos bem» - disse bruscamente a tia, enquanto abandonava o banco com dificuldade.

A mãe levantou-se. O sacerdote pigarreou e fechou o livro. Viu que a Besta, de aspecto ridículo com um fato alugado, se levantava e percorria a nave a grandes passadas.

Christian moveu-se. Abandonou *miss Trotman* e começou a andar na direcção do auxiliar. A mãe e a tia avançavam pela nave central atrás da Besta. Christian fingiu que se dirigia a elas, ultrapassou calmamente o auxiliar e o homem das sangrias, calma muita calma sem desculpas para o deterem e impedir que a tia chegasse - já quase a alcançar aquela mulher-dragão -, mas em vez de o fazer, virou para a fila de bancos onde Maddy se encontrava.

Pegou-lhe por um braço e deu-lhe um ligeiro empurrão, incitando-a a sair. Não deu nenhum motivo à Besta, dirigiu-se para a sacristia em que estivera antes da cerimónia, sem soltar o braço de Maddy e a agarrar-lhe a mão com força.

Os outros seguiram-nos. As vozes ressoavam na igreja, um pouco elevadas mas sem pressas. Deixou que Maddy atravessasse a soleira lia sacristia à frente dele.

Fechou a porta atrás deles.

Não havia chave. Christian correu o ferrolho. Maddy gritou quando a arrastou com ele perante as fileiras de paramentos pendurados. A porta lateral estava fechada, aquela tinha uma fechadura, e a chave pendia de uma fita vermelha junto à soleira. Pegou naquele objecto volumoso de bronze, mas a mão direita pareceu-lhe demasiado desajeitada. Era difícil ver o buraco da fechadura. Soltou Maddy para utilizar a mão esquerda, mas não foi capaz de mudar a chave de mão.

A porta atrás deles ribombou quando a sacudiram. Ouviu-se uma voz masculina a gritar. Maddy virou-se na direcção do som. O ferrolho voltou a ressoar e, de seguida, ouviu-se pancadas. Christian deixou cair a chave enquanto a tentava enfiar na fechadura. Soltou um gemido de angústia, pegou nela e forçou Maddy a apanhá-la.

Tinham apenas um minuto, dois no máximo, antes que se apercebessem de quais as suas intenções e dessem a volta à igreja para o deter.

Agarrou na mão da jovem e forçou-a em direcção à fechadura.

- Não! - gritou Maddy. - Não o posso fazer!

Pegou-lhe no pulso com as duas mãos e pressionou-a contra a porta. A jovem soltou um gemido de frustração. Apesar disso, Christian não desistiu, também ele quase a chorar e incapaz de a tratar pelo nome, de lhe rogar, suplicar, implorar que fizesse um gesto tão simples. Um acto tão vulgar e insignificante como enfiar a chave na fechadura, do qual dependia toda a sua vida. Ter-se-ia ajoelhado para a convencer, mas não tinha tempo.

Atirou-se contra a porta e empurrou-a com o ombro. A madeira da soleira estilhaçou-se. Voltou a atirar-se contra ela, e embateu contra aquela barreira grossa e sólida, indiferente ao castigo que infligia ao braço e às costelas, a lutar pela liberdade. Maddy gritou e puxou-o, mas aquilo também não o deteve. A porta ressoava a cada assalto. Os gritos atrás da outra porta pararam e ele soube que agora era apenas uma questão de segundos.

Maddy não parava de pronunciar o nome dele, mas mal a ouvia com o barulho da madeira. Agarrou-lhe o braço, desesperada.

- Espera! - Por fim, aquelas palavras frenéticas repercutiram-se na mente de Christian. - «Espera, tensdesperar!» - E tentou puxá-lo para um lado para chegar à fechadura.

Christian não se afastou da porta, a observar-lhe o movimento das mãos. Numa questão de segundos, a jovem introduziu a chave e fê-la girar. Ele agarrou na maçaneta e abriu a porta com um empurrão.

Saíram para o pequeno pátio lateral. Pegou na mão de Maddy e puxou-a com tanta força que ela caiu pelas escadas abaixo e chocou contra ele. Na base da escada, encontrou uma cancela que partiu com um único pontapé.

Maddy desistira dos seus intentos de falar ou tentar fugir. Quando atravessou a cancela, seguiu-o sem erguer os olhos do chão, excepto para lhe lançar um olhar rápido. Christian empurrou a cancela para a fechar e embrenhou-se no antigo cemitério.

Maddy seguiu-o, a escorregar na relva alta. Um único grito fraco dos seus perseguidores soou ao longe no ar enublado, depois só névoa e túmulos. O duque era uma sombra escura na neblina gelada, um fantasma de outra era com o fato de casamento de veludo e as abas compridas, e só parecia recuperar o aspecto humano quando se voltava para ver se ela estava ali.

Movia-se rapidamente, como se conhecesse o caminho. Ao tentar segui-lo, Maddy tropeçou numa lápide semienterrada. Um imponente roseiral silvestre, coberto de espinhos e folhas mortas e prateadas, enrolou-se-lhe na saia. Deteve-se para a soltar e a capa também se prendeu. O duque voltou para trás e puxou pelo tecido, sem se importar que se rasgasse. De seguida, pegou-lhe no braço e manteve-a a seu lado enquanto prosseguia o percurso serpenteante entre os túmulos.

A pesada bainha da saia impedia que andasse depressa. Já tinha os pés ensopados pelo orvalho frio quando, no meio da névoa, surgiu a silhueta de um muro. O duque virou-se e continuou a avançar paralelo à muralha, a esquivar-se aos antigos túmulos, a encolher-se para dar a volta a um enorme monumento coroado de anjos de asas partidas e rachadas, que pareciam ler os epitáfios cobertos de musgo.

Maddy ouviu ruído do outro lado do muro. Provinha dos vendedores de rua e do movimento da cidade, e constituía um estranho contraste com as silhuetas frias e as lápides húmidas do cemitério. Aquele era outro costume eclesiástico avassalador, o de enfeitar túmulos e erguer monumentos. Preferia mil vezes o dos Amigos, que enterravam os seus mortos em campos limpos e abertos, que não davam a impressão de estar povoados por espíritos.

Jervaulx chegou a uma esquina. Dirigiu-se para ela sem hesitações a afastar os ramos molhados de uma árvore frondosa, o que deixou à vista um nicho no qual se encontrava um sarcófago de pedra. Subiu para ele, afastou as folhas que o cobriam, e estendeu a mão a Maddy.

Aquele era um truque infantil, compreendeu a jovem. Ele conhecia o lugar e conservava na mente uma espécie de mapa das suas brincadeiras infantis através da neblina e da vegetação densa. Assim que ela se dirigiu para a lápide, o duque subiu para o muro, encavalitou-se sobre ele, sem prestar a mínima atenção aos bordados das abas da casaca nem ao pesado medalhão que lhe pendia da faixa, e estendeu o braço para ajudar Maddy a subir.

A jovem hesitou e olhou para trás. Jervaulx, impaciente, emitiu um som e inclinou-se para ela. No cemitério, a alguma distância, ouvia-se som e estalidos de ramos a partirem-se. O primo Edward chamou-os, mas não conseguiu perceber se ele estava longe ou perto.

A mão do duque prendeu-lhe a capa, o braço, magoou-a ao puxar por ela e ao obrigá-la a subir para o muro. Com um movimento descontrolado e sem qualquer dignidade, conseguiu trepar para o muro e encavalitar-se em cima dele. Ficou ali empoleirada, os tijolos a arranharem-lhe as pernas e a rasgarem-lhe as meias. A touca estava torcida e impedia-a de ver bem a distância que os separava do beco que havia do outro lado. Tentou ajeitá-la e proteger os tornozelos debaixo da saia.

Jervaulx inclinou-se para ela e desatou-lhe o laço debaixo do queixo. Pegou na touca e atirou-a para o cemitério, onde ficou presa no alto de um ramo partido.

Christian começou a rir-se. Durante um momento de insensatez, Maddy teve a certeza que a ia beijar ali, no alto do muro, a ela, à simples e bizarra Archimedeia Timms, enquanto Larkin e o primo Edward os perseguiam, ela de saia levantada até à cintura, e à vista de todas as pessoas que passavam pela rua que havia do outro lado do beco estreito.

Mas isso não chegou a acontecer. Jervaulx passou a perna por cima do muro e deixou-se cair no passeio do outro lado. Maddy mordeu o lábio quando ele lhe estendeu os braços.

Mal se apercebeu do que estava a fazer. Acontecera tudo com tanta rapidez que não tivera tempo para pensar e agora encontrava-se ali, como se se tratasse da filha enlouquecida de um carvoeiro, com um duque que queria que ela saltasse para a levar por um beco cheio de poças e que cheirava a bacios.

- Vai! - ordenou ela num sussurro. - Parte! Não deixarei que te encontrem.

Ele agarrou-a pela saia, estendeu o braço e puxou-lhe a mão com toda a força até a fazer perder o equilíbrio. Maddy tentou resistir, mas caiu enquanto tentava conter um grito de dor que se transformou num gemido, quando os tijolos lhe arranharam as coxas e as palmas das mãos. Jervaulx

apanhou-a nos braços e com a força da queda bateu-lhe na têmpora com o queixo. Maddy tropeçou e caíram ambos no chão. Jervaulx caiu de costas contra o edifício com um grunhido forte, enquanto os ombros dele formavam uma espécie de barreira entre a testa da jovem e o muro implacável.

Maddy ajoelhou-se com as mãos apoiadas na casaca de Jervaulx. Foi então que ele a beijou, sentados ali naquele beco húmido. Um instante rápido e doloroso com os lábios dele comprimidos contra os dela, enquanto lhe segurava a cabeça com uma mão.

Maddy levantou-se e afastou-se dele. Tinha a roupa rasgada, perdera a touca, o cabelo pendia-lhe solto até meio das costas e as mãos sangravam... mas ele sorria-lhe, e isso deixou-a à beira das lágrimas.

Jervaulx levantou-se, a sacudir um dos lados da casaca e indiferente às folhas que cobriam o outro. Tentou com uma mão desprender o medalhão prateado em forma de estrela que levava preso à faixa mas, de seguida, e depois de um murmúrio aborrecido, desistiu. Tinha o aspecto descuidado de um aristocrata que a cantar regressa a casa de madrugada, enquanto as pessoas simples e honestas varrem as escadas das casas e despejam as cinzas das lareiras.

- E agora o que é que vamos fazer? - Maddy não conseguiu evitar que a voz lhe tremesse. - Para onde vamos?

Ele pousou a mão sobre o cabelo da jovem e tentou, sem êxito, penteá-lo. Maddy arquejou, agarrou a trança, procurou o gancho que se soltara e de seguida enrolou a trança à volta da cabeça, colocando-a no sítio o melhor que conseguiu. Ao fazê-lo, Jervaulx sacudi-lhe a saia e deu a volta por trás dela para também lhe sacudir as folhas da capa. As manchas causadas pela água e os rasgões não tinham remédio - era o melhor vestido dela, de cor cinzento-aço -, e iriam repreendê-la, provavelmente castigá-la, e até poderia ser expulsa do seio dos Amigos e presa por raptar o duque de Jervaulx.

Não sabia o que fazer com ele. Não o podia levar de volta. Não podia deixar que o voltassem a enviar para Blythedale Hall e era imoral forçarem-no a contrair matrimónio para conservar o título. Era óbvio que não era a vontade de Deus que se casasse com Anne Trotman. Anteriormente ele fora capaz de repetir as palavras, mas quando chegara o momento fora-lhe impossível fazê-lo. Era um sinal tão claro que não podia pensar noutro melhor. Mas o que deveria fazer agora era algo que não era capaz de imaginar.

O duque limitou-se a tomar a decisão por ela ao enlaçar o braço dela com o seu. Com autoridade e determinação, conduziu-a do beco até à rua.

Como não tinha touca, Maddy cobriu a cabeça com o capuz da capa, mas apesar disso pareceu-lhe que todos os olhares se fixavam nela ao caminhar com Jervaulx pelo passeio. Não reconheceu a rua, já que nunca se aventurara por Mayfair. Edifícios estendiam-se de ambos os lados da rua imersa em nevoeiro, edifícios não tão elegantes como a mansão Jervaulx ou as novas casas de Belgrave Square, mas apesar disso de muito maior categoria do que aquelas a que estava habituada. O cheiro a maçãs assadas pairava na neblina, a voz da vendedora era incorpórea, um grito musical. O pregão foi abafado pelo eco dos cascos de cavalos quando surgiram duas carruagens com criados de libré na boleia e na parte traseira.

As carruagens não pararam. Do nevoeiro saiu outro veículo, dessa vez uma carruagem de aluguer com um único cavalo coxo que avançou na direcção deles. Começaram a ouvir-se gritos vindos da direcção da igreja. Jervaulx virou a cabeça e apertou-lhe o braço com força.

Colocou-se no meio da rua, no caminho da tipóia. O cavalo ergueu a cabeça.

- Quietos! - gritou o cocheiro ao mesmo tempo que puxava as rédeas como se o pobre animal não se tivesse detido por vontade própria. - Cuidado com a sua dama, honorável cavalheiro! - O homem olhou por cima do ombro na direcção do tumulto que se ouvia mais atrás por entre o nevoeiro, e voltou a olhar para eles. - Desejam que vos leve, *milady* e *milord*? - perguntou sem muita esperança. - Rápido como um raio e com toda a comodidade.

Ficou bastante surpreendido ao ver que Jervaulx se aproximava da porta mas num instante desceu do assento e ajudou Maddy, seguida pelo duque, a subir e desfez-se em cortesias enquanto se ouvia cada vez mais próximos os gritos e o ruído de pessoas a correr por entre o nevoeiro.

O cocheiro lançou um olhar naquela direcção, virou-se para Jervaulx e perguntou:

- Para onde, *milord* ?

O duque apertou a mão de Maddy com tanta força que a deixou sem fôlego. Mas ela recuperou a respiração e disse:

- Para Chelsea. Não! - As pessoas dali conheciam-na. Ouviu-se uma voz na rua e não teve tempo para pensar. - Por favor, depressa! - Pronunciou o primeiro nome de um lugar distante que lhe veio à cabeça. - Para Ludgate Hill!

- John Spring levá-los-á num abrir e fechar de olhos, agora podem comprová-lo!

Fechou a portinhola rapidamente, e de seguida ouviu-se o golpe do chicote no lombo do cavalo cansado. Afastaram-se a grande velocidade dos seus perseguidores, cujo ruído ficou abafado no mesmo instante pelo ranger e estalidos da carruagem decrépita.

Maddy encostou a cabeça à almofada das costas do assento.

- Não deveríamos fazer isto! Não deveríamos! - E levou a mão à boca. - Meu Deus! Tens algum dinheiro?

Jervaulx não respondeu, agarrou-se à correia ao mesmo tempo que franzia a testa. Os olhos exibiam tensão e perplexidade, como se não a tivesse compreendido, como se as próprias acções lhe escapassem por entre as mãos.

Dinheiro! - voltou a exclamar Maddy, incapaz de conter a angústia.

Olhou-a cheio de incerteza.

Maddy não conseguiu conter um pequeno gemido.

- Nem sequer tenho um xelim no sapato!

- *Sapato* - disse ele numa daquelas repetições inconscientes. Escapou-se-lhe um som exasperado e afastou-se dela com uma expressão hostil. A tipóia virou uma esquina e o movimento fez com que chocassem um contra o outro por entre o ranger das rodas. Jervaulx apoiou o pé no assento da frente e comprimiu o ombro contra Maddy.

De repente, soltou uma gargalhada.

- Missmaddy. - Inclinou-se para a frente e arrancou com um puxão a fivela de um dos seus elegantes escarpins. - *Dinheiro*.

Em Ludgate Hill, no exterior das mercearias e das lojas de tecidos, cercados pelo barulho produzido pelas rodas de ferro das carruagens, Maddy teve que se explicar ao cocheiro quando este se inclinou sobre a portinhola.

- Temos que vender isto - disse e passou a fivela por cima de Jervaulx -, e depois pagar-te-emos a viagem. Lamento a demora.

O cocheiro pegou na fivela reluzente e virou-a entre os dedos, que as luvas deixavam a descoberto. Um bando de pombos começou a voar sobre o passeio, assustado pelo repicar repentino dos sinos de St. Paul, e desapareceu no nevoeiro fuliginoso.

- Estão a fugir de alguma coisa, não é verdade, minha senhora? Maddy humedeceu os lábios, horrorizada pela intuição do homem.

- Não sou uma dama e não me deves tratar como se o fosse!

- Ouvi como corriam atrás de vocês, ali na zona oeste. A senhora fala de um modo estranho. E um desses... Como se chamam?

- Amigos - disse Maddy sem forças. - Uma *quaker*. O cocheiro olhou para Jervaulx.

- E vai mesmo casar com ela, *milord*? Porque John Spring não é cúmplice de escapadelas.

O duque não respondeu. O ar de confusão desaparecera e voltava a mostrar-se arrogante e taciturno com o seu silêncio. Olhou para o cocheiro com uma expressão de indiferença e desdém.

- Estás enganado - afirmou Maddy. - Não nos vamos casar.

- Pois deveriam fazê-lo - prosseguiu o homem. - Deveria obrigá-lo a cumprir a palavra que lhe deu, *milady*.

- Não é... - começou Maddy a dizer, mas de seguida interrompeu-se. Não valia a pena

explicar-lhe a situação. - Conheces alguma loja onde possa vender a fivela?

- Vê aquelas três bolas que pendem sobre aquela porta? Significa que é uma casa de penhores. Faça o favor de ficar aqui, *milady*, assim asseguro-me que o cavalheiro regressa com o dinheiro.

- Não. Tenho de ir eu. O... - Esteve prestes a chamar Jervaulx pelo título, mas pensou melhor. - Ele esperará aqui. - E levantou a saia para descer da carruagem.

Jervaulx arrancou a fivela das mãos do cocheiro e, antes que Maddy o pudesse impedir, saltou da carruagem. Maddy tentou ir atrás dele, mas o homem agarrou-a pelo braço quando pisou o chão.

- Um dos dois tem de ficar aqui, *milady*.

- Não! Não pode ir sozinho. Não pode...

O duque já se encontrava no meio da multidão, sem prestar atenção aos protestos de Maddy nem aos do cocheiro, e afastou-se do caminho de um burro que carregava duas cestas de carvão sobre o lombo. Tomou a direcção contrária à da casa de penhores, e dirigiu-se para a catedral.

- Tens de me deixar ir! - suplicou Maddy, em pontas dos pés para não perder Jervaulx de vista. - Tenho de ir com ele!

Embora se evidenciasse por entre a multidão, alto mesmo sem chapéu, e apesar do cabelo negro e da faixa azul que lhe atravessava a casaca serem fáceis de distinguir entre os transeuntes, podia desaparecer a qualquer momento no meio daquela colmeia humana.

- Não vale a pena. Acha que a vai abandonar assim tão facilmente, *milady*? - E enquanto ela esticava o pescoço ansiosa, o condutor apontou para Jervaulx. - Olhe para ali. Direito ao número 32, é para onde se dirige o meu elegante senhor - disse John Spring satisfeito. - Para a Rundell and Bridge.

Christian deteve-se ao entrar na joalheria. O empregado que o ajudara a atravessar a porta pareceu reconhecê-lo e inclinou-se pela cintura numa reverência profunda, enquanto irrompia numa torrente de saudações educadas. Aquele local era-lhe familiar. Christian costumava ir ali com uma certa frequência. Lembrou-se de uma pulseira de esmeraldas, com um par de brincos a condizer. A quem é que os oferecera?

Nesse momento, apareceu um dos donos vindo de uma das salas tias traseiras. Christian cumprimentou o homem, incapaz de se lembrar do nome mas sem necessidade de o fazer. As palavras eram desnecessárias. Normalmente tê-lo-ia acompanhado até uma salinha privada para que examinasse tranquilamente os tabuleiros de veludo e o brilho iridescente das jóias, algo que gostava de fazer mas para o qual naquele momento não tinha tempo. Não se podia permitir estar mais tempo do que o necessário num lugar onde o conheciam.

Depositou as fivelas sobre o balcão. Seguiu-se uma pequena pausa. O empregado desapareceu entre as sombras. O dono, bem alimentado e cortês, com as faces completamente ocultas pelas pontas do colarinho alto, não se mostrou surpreendido. Deu a volta ao balcão, remexeu o bolso e tirou uma lupa minúscula. Christian observou-o a avaliar os brilhantes, rápida e profissionalmente. O joalheiro depositou a fivela em cima do balcão.

- «Suaexcelência contentar-se-ia com trezentas?»

Trezentas libras era uma quantia exagerada. As duas fivelas não deveriam ter custado mais de metade. Christian franziu a testa, receoso de não ter compreendido bem. Tentou conter o medo que sentia atrás de uma aparência gélida.

- «Trezentasevinteecinho» - disse o homem, e sorriu. - «Suaexcelência tem sido amável connosco. Entroca conceda-nos a oportunidade de lhe mostrarmos o nosso apreço.»

O empregado deu a volta ao balcão e colocou um tabuleiro de anéis numa gaveta. Alianças de ouro, ordenadas em fila umas atrás das outras. A exibição rápida atraiu o olhar de Christian e distraiu-o.

O dono da joalheria murmurou algo num tom inquiridor. Christian apercebeu-se que se distraíra. Disfarçou com uma rápida expressão de autoridade e aceitou o preço.

Os anéis desapareceram numa das divisões da gaveta. Eram alianças de casamento. O

empregado pegou noutra chave que lhe pendia do pescoço e abriu outro tabuleiro.

O joalheiro inclinou-se um pouco para Christian.

- «Cré ditosua excelência?» -perguntou em voz baixa. - «Ou emdi nheiro?»

O tom suave, a pergunta. Christian não compreendeu. Sentiu-se aturdido perante a atitude confidencial e expectante do homem. Seguiu-se uma pausa que pareceu não ter fim e ele aferrou-se à sua atitude fria e distante. Recusou-se a fazer qualquer tentativa de aproximação ou mostrar que compreendia a pergunta, enquanto a tentava decifrar. Já tinham examinado a mercadoria, tinham chegado a um acordo, o que é que queria agora?

Pagar-lhe-iam.

A crédito ou em dinheiro. Era isso.

O coração acelerou-se-lhe. Não sabia como responder. Aproximou-se mais da borda do balcão, colocou em cima deste a mão enluvada de branco e abriu-a com a palma virada para cima.

- Muito bem - assentiu o joalheiro. - Um momento.

Pegou nas fivelas e desapareceu diligente nas salas das traseiras.

Christian entreteve-se a observar o trabalho do empregado. Este colocou sobre o balcão, em frente de um homem e de uma jovem que usava um vestido cinzento e simples, um novo tabuleiro. E enquanto Christian se mantinha ali de pé de maxilar apertado e coração acelerado a observar o casal de camponeses que, entre murmúrios solenes, falava da sua compra barata fez-se-lhe luz na mente. Foi uma espécie de revelação, a resposta que tentava abrir passagem através do seu cérebro adormecido e rebelde há mais tempo do que ele se apercebia.

Maddy. Era com Missmaddy que tinha de se casar.

A simplicidade, a beleza daquele pensamento, abateu-se sobre ele em todo o seu esplendor. Maddy jamais permitiria que o mandassem de volta, Missmaddy compreendê-lo-ia. Não o humilhava. O pai era um geómetra talentoso e ela já lhe demonstrara a sua lealdade e devoção. Bastava ver o modo como o seguira, apesar de se ter visto um pouco forçada a fazê-lo, apenas um pouco. Quase o fizera por vontade própria, até a vira enfrentar - e como o fizera bem - a mulher-dragão.

Ela dissera-lhe que o amava. Achava que fora isso que lhe dissera. Tinha quase a certeza.

Missmaddy merecia ser duquesa. Era um enorme erro da natureza transformá-la em alguém que utilizava o «tu» como modo de tratamento e se cobria com uma touca com o formato de uma colher de açúcar.

O joalheiro regressou com uma carteira estreita e forrada a pele. Pousou-a sobre o balcão, com um ar circunspecto. Não se via nenhuma nora, mas Christian sabia bem o que era. Sentiu-se presa da ansiedade, de uma enorme urgência para fugir. Com grande esforço, controlou o impulso de pegar na carteira repentinamente e sair a correr. Em vez disso, aproximou-se do tabuleiro dos anéis, inclinou-se um pouco como se a pedir desculpas à jovem, pegou num anel que se encontrava no I undo aveludado e levou-o ao joalheiro.

O homem exibiu um sorriso conhecedor e preparou-se para pegar na carteira. Christian colocou-lhe a mão em cima.

- «Claroquese rá anota dona suaconta.» - Nem sequer pestanejou. -"Deixeme apenasguardá-lo numacaixa, exce lência.»

Pegou no anel e deixou a carteira onde estava. Christian enfiou a carteira de pele no bolso. Aquilo parecia-lhe odioso. Era como um ladrão a roubar o próprio dinheiro. Um animal fugido, furtivo, um louco confirmado pela Chancelaria sem qualquer direito a vender as li velas dos sapatos para comprar um anel para a futura mulher.

O joalheiro voltou com a caixa e Christian aceitou-a. Acompanharam-no até à saída como se fosse alguém de verdade, como se ainda fosse o duque de Jervaulx. Como se se tratasse de um homem e não de um animal.

Quando voltou a encontrar-se na rua, sentiu-se confuso, atordoado. Sentia todo o corpo preso num misto de terror e letargia. Deu uns quantos passos pelo passeio e deteve-se para se encostar a um muro. A multidão passava ao lado dele, ruidosa. Submergiu na confusão que

fervilhava com um pairar estranho, com um som horrível e incompreensível que deveria fazer sentido para ele.

A tranquilidade gelada exibida no interior da joalheria abandonou-o. Uma reacção tardia fez com que o medo lhe acelerasse o ritmo do coração. Talvez não o tivesse feito bem, talvez se tivesse esquecido de alguma coisa, não o sabia. Parecia-lhe tudo intimidatório e alheio ao que podia ter acontecido, talvez se tivesse denunciado, talvez se tivesse ridicularizado, talvez lhes tivesse dado armas para o apanharem e deterem.

Ouviu Maddy a chamá-lo. No meio daquela confusão, ouviu o próprio nome, *Jervaulx*, era a sua querida Missmaddy, responsável, simples e sem modos, que lhe pousava a mão no braço e o olhava nos olhos - uns olhos cor de xerez, da cor do ouro velho, cheios de medo e perguntas.

Christian respirou fundo para controlar o pânico. Conseguiu esboçar um sorriso. Sem desviar os olhos, tirou com esforço a carteira do bolso e colocou-lha nas mãos.

16

Maddy jamais tivera tanto dinheiro na sua posse. Enquanto caminhavam segurava a carteira com as duas mãos, receosa de a guardar no vestido. Aquelas centenas de libras faziam com que aquela fuga ridícula adquirisse credibilidade, que um regresso iminente se transformasse numa escolha e não numa necessidade.

Depois de pagar ao cocheiro, Jervaulx olhou-a como se ela soubesse o que deviam fazer. Agarrava-lhe firmemente o cotovelo com uma estranha mistura de dependência e protecção. Com o duque ao lado, nenhum dos vendedores lhe gritou por se meter à frente deles, nem nenhum transeunte beligerante a empurrou para a rua enlameada para não terem de ceder nem um centímetro de espaço à sua passagem. Jervaulx tinha os ombros largos e um porte senhorial, e os olhos eram o espírito azul da perplexidade e da inquietação que se sente ao contemplar o firmamento ao crepúsculo, ao avistar-se no céu uma estrela solitária, no momento em que se desvanece a ilusão de bem-estar e se dissolve a solidez da abóbada celestial para revelar a sua distância real e vertiginosa.

Maddy tinha a impressão que a solidez do seu mundo se evaporara do mesmo modo. Era difícil acreditar que Archimedeia Timms estivesse naquele passeio abarrotado de Ludgate Hill, a tentar decidir o que fazer com o duque de Jervauix, já que ele não parecia ter a mínima ideia do que fazer consigo mesmo.

Como não lhe ocorrera nada de melhor, decidira começar a andar. Um refúgio seguro, era isso que teriam de procurar. Qualquer que fosse o castigo que a aguardava, tinha que regressar para junto do pai antes do cair da noite. Devia estar preocupadíssimo por ela ter desaparecido com o duque. Não tinha a mais pequena ideia de quais as leis que infringira nem que código penal lhe podiam aplicar, mas tinha a certeza que *lady* de Marly estaria ao corrente de tudo aquilo. No que lhe dizia respeito, pensou com um pouco de coragem, não lhe preocupavam muito as consequências - afinal, a sua missão era Jervauix e os sofrimentos pelos quais teria de passar faziam parte disso -, mas aterrorizava-a pensar o que aconteceria ao pai se a mandassem para a prisão.

A pressão da mão de Jervauix obrigou-a a parar. Mesmo em frente deles, com um elevado toque de cornetim e sob um cartaz que anunciava a Belle Sauvage, partia uma diligência diurna e ruidosa com destino a Brighton. Enfiou-se na rua enquanto o guarda assobiava entusiasmado a exigir o direito à passagem.

Assim que a carruagem passou e desapareceu por entre a massa negra e movediça de tráfego e neveiro, Jervauix conduziu-a até à cancela que dava entrada para a pousada. Um moço de estrebaria, que varria habilmente o pavimento e retirava da entrada a sujidade e as bostas dos cavalos, afastou-se para o lado e murmurou uma saudação rápida quando passaram junto dele.

No interior do pátio, os viajantes aguardavam ao lado das arcas, malas e embrulhos nos quais guardavam os seus pertences. Outra diligência estava a carregar, desta vez a amarela e negra com destino a Newmarket, e os cavalos, recém-engachados, batiam os cascos contra as pedras e resfolegavam.

Jervaulx dirigiu-se directamente à bilheteira. Na porta, deu um ligeiro empurrão a Maddy como se a quisesse animar. As pessoas amontoadas à volta do balcão mal deixavam espaço para mais dois. Apesar da indumentária estranha de Maddy e do duque, ninguém lhes prestou muita atenção. Os empregados estavam demasiado ocupados a enfiar embrulhos de papel pardo numa série de cacifos de madeira que se encontravam atrás do balcão, os viajantes a gritar perguntas ou a tentar chamar a atenção de algum bagageiro.

Jervaulx puxou por Maddy até um recanto estreito, virou as costas para as pessoas e inclinou-se para lhe dizer ao ouvido:

- *Ir embora*. Maddy olhou-o.

- Para onde?

A pergunta pareceu irritá-lo.

- *Ir embora* - repetiu. - Dois.

- Eu não - respondeu Maddy com firmeza.

Uma senhora com duas meninas pequenas nos braços abriu caminho por trás de Jervaulx e parou no fim da fila mais curta. O duque pousou a mão no ombro de Maddy.

- Dois - insistiu.

- Eu não posso.

Os dedos dele apertaram-na com força.

- *Para casa*. *Sbere...* - o maxilar endureceu-lhe com o esforço - ... *voh*.

Não parecia uma ideia descabida, se Maddy tivesse alguma ideia onde poderia ficar a casa dele, ou se ele poderia viajar até ali sozinho, sem que o tratassem como se fosse uma criança ou outra arca, ou como um idiota, ideia essa que lhe gelou o sangue. E a casa dele não o iria proteger do poder da família para o reenviarem para Blythedale Hall.

- Para casa - repetiu ele com urgência. - Missmaddy.

- Onde fica? - perguntou Maddy. - Onde?

A pergunta pareceu confundi-lo. Franziu a testa, soltou-a e deu meia volta. Na parede onde estivera encostada pendiam cartazes com os nomes dos destinos e um mapa amarelado e envernizado de Inglaterra no qual o verniz que cobria os arredores de Londres parecia gasto e rachado pelo uso. Jervaulx pousou a mão numa zona do mapa que mal parecia ter sido tocada e indicou o oeste distante, no local onde o verde de Inglaterra se encontrava com o vermelho de Gales.

- Não! Não podes fazer essa distância sozinho.

Jervaulx voltou a agarrá-la pelos ombros. Maddy sentiu a proximidade dele atrás de si, quase como se fosse uma espécie de abraço. Pressionou o queixo contra o capuz da jovem, puxou-lho para baixo e deixou-lhe o cabelo a descoberto, ao mesmo tempo que emitia unír som insistente. Abraçou-a e apertou-a contra ele, sem se importar com o facto de estarem cercados pelos passageiros da diligência.

- *Dois* - murmurou-lhe ao ouvido. - Casa.

Maddy tentou soltar-se do abraço, mas ele não lho permitiu. Deixou que se virasse, mas manteve-a presa contra o mapa e a parede. A jovem não sabia o que fazer. Alguns viajantes observavam-nos. Imaginou o assombro e a reprovação deles, o que deviam estar a pensar a seu respeito, com a saia rasgada e sem touca, cercada pelos braços de um homem. Jervaulx aproximou a boca da orelha dela.

- Missmaddy... *casar*.

Mais viajantes entraram na sala, aproximaram-se e pararam atrás de Jervaulx. Um deles não retirou o chapéu de abas largas, peça de vestuário inconfundível que revelava tratar-se de um *quaker*. Maddy baixou a cabeça, horrorizada. Não o reconheceu, mas qualquer amigo de passagem

com assuntos a tratar na cidade poderia conhecê-la da Assembleia Anual, e em Londres havia demasiados amigos que a conheciam. Enterrou o rosto no ombro de Jervaulx para se esconder. Ele apertou-a com mais força enquanto da garganta lhe saía um murmúrio suave de aceitação.

Maddy não se atrevia a levantar a cabeça e não opôs resistência. Jervaulx servia-lhe de escudo, era suficientemente corpulento e forte para se esconder atrás dele - se apenas não tivesse enfiado a mão debaixo do capuz para lho afastar completamente da cabeça e lhe envolvesse o pescoço com os dedos, a puxá-la ainda mais para ele, a encostar o rosto ao cabelo dela.

Maddy não percebia como é que todos os presentes não se viravam, arquejavam e apontavam-nos com um gesto acusatório. Mas à sua volta ouvia apenas os ruídos normais de um lugar como aquele, o bater dos sapatos que entravam e saíam, os gritos dos bagageiros e o cornetim da diligência de Newmarket ao encaminhar-se para a rua com a parelha de cavalos já atrelada.

A mão de Jervaulx afastou-se da cintura dela e Maddy sentiu que procurava algo no bolso da casaca. Enquanto o fazia, a jovem não se atreveu a erguer os olhos com receio que a vissem. O duque procurou desajeitado a mão dela e depositou nesta uma pequena caixa.

Maddy apertou-a, sem levantar a cabeça, e olhou um pouco de lado para ver se o amigo desconhecido já partira. Jervaulx obrigou-a a abrir a mão e, com um murmúrio de impaciência, pressionou desajeitado com o polegar a caixa que a jovem mantinha na palma da mão.

A tampa abriu-se. Apesar de estar escondida e de manter a cabeça baixa, Maddy vislumbrou ouro e um brilho multicolorido. Era um anel - uma aliança larga de filigrana incrustada com pérolas em volta de uma opala de um tom vivo - para Anne Trotman?

Jervaulx mexeu no objecto com uma mão, deixou cair a caixa e conseguiu enfiá-lo até meio no indicador. Naquele pequeno recanto, com as cabeças baixas e muito próximas, criaram uma espécie de mundo diminuto e privado. Maddy observou perplexa como Jervaulx rodava o anel na palma da mão, e de seguida o tentava fazer deslizar pelo dedo dela.

- *Casar* - sussurraram-lhe os lábios dele ao ouvido. - Maddy... *casar*. Casa.

Maddy ficou a olhar para o anel enquanto ele lho enfiava à força no dedo.

- Não! - Tirou a aliança e baixou-se para apanhar a caixa, ao mesmo tempo que voltava a cobrir a cabeça com o capuz. - És... Não és... *não!* Onde foste buscar uma tal ideia?

Enfiou-lhe a caixa na mão e virou-se. Com o capuz apertado sobre o rosto, abriu passagem à força entre o grupo de viajantes e saiu apressada para o pátio. Uma vez no exterior, afastou-se uns quantos passos da porta, deteve-se com o rosto a arder e cobriu bem a boca e o nariz com o capuz.

O duque saiu pela porta da bilheteira. Apesar de Maddy se encontrar no meio do pátio, pareceu não a ver. Deteve-se, um cavaleiro estranhamente magnífico cercado por um ambiente vulgar. Um cortesão perdido, vestido de veludo, uma faixa azul e um medalhão que perdera há muito o sentido de tempo e espaço.

As pessoas viraram-se para o olhar. Maddy viu a rigidez constrangida da atitude de Jervaulx. Permanecia imóvel no local onde parara, como se ao dar um passo em qualquer direcção pudesse cair num abismo aberto a seus pés. Tinha o maxilar apertado, as sobranceiras escuras caídas. Era uma força aprisionada, solitária e estranha.

Perscrutou o pátio. Maddy estava muito próxima dele, ao alcance da mão direita, e no entanto poderia ser apenas mais uma das arcas espalhadas em pilhas pelo pátio. Nem sequer a olhou. A única coisa que se desprendia dele era uma enorme tensão, a imobilidade ameaçadora de um homem prestes a rebentar.

Maddy, com a voz abafada pela capa, pronunciou o nome dele. De imediato, a atitude de Jervaulx alterou-se. Virou-se para ela como se tivesse quebrado um feitiço, e no rosto reflectiu-se-lhe uma espécie de labareda ao sentir-se libertado. Pareceu surpreendido por vê-la tão perto dele. Avançou agressivo na direcção de Maddy e preparou-se para a agarrar pelos dois braços.

- Não... *abandonar!* - disse num tom de voz forte. - *Não posso... sozinho! Fica! Fica!*

- Não sei o que fazer contigo! - Maddy mordeu o tecido do capuz que lhe cobria a boca. - Não posso ficar contigo! Não posso levar-te de volta!

- Sher... - colocou as mãos nos ombros da jovem e deu-lhe um forte empurrão - ... *voh!* -

Voltou a empurrá-la e obrigou-a a retroceder um passo. - *Casa*. - Um novo empurrão. - *Casamento*. - Outro. - *Miss...* - mais um - ... *maddy!* - E outro. - *Sim!* - Coagida por ele, Maddy recuava com um passo irregular pelo pátio. - Não mani... *cóm io!* Casar... *Maddy!*

- Não! - respondeu ela. De seguida, a respirar assustada, puxou o capuz o máximo possível sobre o rosto até o deixar completamente tapado. Coberto pelo chapéu escuro e pela casaca simples, o *quaker* que vira junto da bilheteira aproximou-se deles.

Maddy olhou através das pregas do capuz e viu que o desconhecido pousava a mão no braço de Jervaulx.

- Reflecte um pouco, amigo. Estás a magoá-la. Jervaulx lançou-lhe um olhar como se o homem acabasse de lhe cuspir no rosto. Durante um instante, Maddy receou que se virasse e o esmurrasse, tal como fizera com o primo Edward. O *quaker* era de estatura mediana, aproximadamente da mesma idade de Maddy, de rosto barbeado e olhar límpido e não se recordava de o ter alguma vez visto. Um bom homem que dava mostras de coragem ao enfrentar Jervaulx, que não ocultava a fúria nem o ar aristocrático, e cujo temperamento e corpulência não tinham nada de insignificantes.

O duque afastou a mão que o agarrava. Olhou para Maddy acalorado, como se à espera que ela explicasse a situação.

- Agradeço-te, amigo - disse ela rapidamente, ansiosa por acalmar Jervaulx. - Mas não preciso de ajuda.

O *quaker* olhou-a surpreendido, e Maddy sentiu a alma a cair-lhe aos pés.

- És dos nossos? - perguntou.

Maddy olhou para o chão. Vieram-lhe à cabeça uma série de mentiras perversas, de enganos imorais para ocultar o erro que a deixara a descoberto perante outro amigo, com maior clareza do que se tivesse posta a touca *quaker* e o vestido simples. Mas não foi capaz de o fazer. Aquele homem não representava nenhuma ameaça para Jervaulx, e apenas pretendia salvar a própria imagem perante um companheiro da mesma fé.

- Sim - respondeu sem sequer levantar os olhos.

Jervaulx agarrou-lhe o cotovelo. Foi um gesto silencioso, sem brutalidade mas firme. Olhou para o *quaker* desconfiado.

- Não te está a causar problemas? - perguntou o homem e olhou Jervaulx nos olhos. - Não permito que levantes a mão à jovem. Queres comportar-te como deve ser e deixá-la em paz?

O tom da pergunta foi tranquilo, quase bondoso. Maddy sentiu uma vaga de gratidão e afinidade em relação a ele. O homem parecia uma ilha de senso comum num mar de incertezas. Era-lhe muito familiar, com o chapéu de abas largas e a casaca simples, alguém que lhe inspirava maior confiança que aquele estranho, furioso e imprevisível, tão diferente dela, vestido de veludo, com uma faixa azul e um medalhão.

O *quaker* pareceu perturbado ao não obter resposta de Jervaulx.

- És incapaz de responder como um homem honesto?

A pressão da mão de Jervaulx no braço de Maddy tornou-se dolorosa.

Maddy roçou os dedos pela manga larga do *quaker*.

- Amigo - disse suavemente, e esqueceu-se da pressão que sentia a aumentar-lhe no braço, a tentativa silenciosa de a afastar da atenção do desconhecido. Lembrou-se de outra coisa. - Falei sem pensar quando disse que não precisava da tua ajuda. - Ergueu os olhos até encontrar o olhar firme e inquiridor do jovem. - Preciso mesmo da tua ajuda. Poderias ajudar-me?

- Claro que sim - respondeu ele. E com aquelas palavras simples tirou de cima de Maddy um peso enorme.

Enquanto Jervaulx permanecia sentado numa atitude de desaprovação arrogante numa cadeira afastada da mesa do refeitório público, com as pernas estendidas e os braços cruzados sobre a faixa e o medalhão, Maddy inclinou-se para se aproximar do jovem *quaker* e descrever-lhe as suas dificuldades. Richard Gill deu uma golada na cerveja e olhou pensativo para o duque quando ela terminou.

Jervaulx, aborrecido e desafiador, devolveu-lhe o olhar por baixo das pestanas negras. Não quisera ir ao refeitório. Tentara evitar que Maddy o fizesse, mas Maddy resistira e tivera que a seguir para que ela não se encontrasse nem por um momento longe do seu alcance. Não proferiu palavra, e Maddy não sabia até que ponto compreendia o que contara a Richard Gill, mas a atitude que exibia era a de uma dignidade atraçoada, como se ela o tivesse ofendido ao fazer aquela nova amizade.

Richard permaneceu em silêncio. Tinha um aspecto sombrio e pensativo. Maddy aguardou, satisfeita por voltar a encontrar-se na companhia de alguém que não utilizava palavras irreflectidas nem agia sem pensar, mas que demorava o seu tempo a considerá-las. Não lhe incomodava esperar que Richard acabasse as suas reflexões. O jovem amigo era atraente, de movimentos serenos e um ar determinado que incitava à confiança. O chapéu de abas largas assentava bem no rosto de feições vincadas, tal como a casaca simples se lhe adequava melhor que a outros *quakers* mais idosos.

Maddy tinha a certeza que Richard nunca assistira à Assembleia Anual de Londres, em que os Amigos se reuniam para organizar os assuntos do ano em curso e em que deliberavam quais as questões espirituais que seriam tratadas nas reuniões trimestrais e mensais, nas quais a assistência era menor. Na Assembleia Anual reuniam-se as famílias *quakers* dispersas por toda a Inglaterra. Se Richard Gill tivesse sido um dos delegados, ela lembraria-se. Não era preciso assistir a todas as reuniões masculinas para que as mulheres estivessem ao corrente de quem se destacava e de quem não o fazia. De quem era casado e de quem permanecia solteiro.

Era tão evidente como um axioma que se uma jovem se quisesse casar, o melhor que podia fazer era assistir à Assembleia Anual de Londres, em que uma das principais funções da reunião feminina era velar para que os casais jovens e com ilusões tivessem a necessária lucidez no momento de contrair matrimónio - processo que, como era natural, passava por avaliar e organizar segundo a sua idoneidade todos os membros solteiros e disponíveis ali presentes. Maddy tinha a certeza que Richard Gill ainda não fora objecto da atenção da assembleia feminina por nenhum motivo, nupcial ou de qualquer outra natureza. Não sabia muito bem a que se dedicava. Fora à bilheteira para levantar uma caixa maciça, não demasiado volumosa que segurava com enorme cuidado. Estava agora a seu lado, sobre a mesa, marcada por uma série de círculos nos quais surgiam inscrições curiosas como «Claudiana, quarta fila, rosa», «Divisão Trafalgar, primeira fila, bibliófilos» e «Duque de Clarence, quarta fila, cíclame».

O empregado de mesa trouxe empadão de carne e repolho cozido. Jervaulx fez uma expressão de desagrado ao vê-los. Bebeu uma longa golada de cerveja enquanto Maddy se atarefava a barrar três pedaços de pão com manteiga e em servir três pratos, um para cada um.

Inclinou a cabeça para dar graças pelos alimentos. Richard tirou o chapéu. Jervaulx não fez nada, limitou-se a observá-los com um ar irónico, recostado na cadeira, de braços cruzados.

Richard voltou a pôr o chapéu e começou a comer a sua refeição. Maddy não conhecia muitos jovens que mantivessem de um modo tão estrito a regra da simplicidade na fala e no vestir, e admirava-o por isso. Pelo seu lado, desejava ter tido um aspecto mais limpo e cuidado, em vez de se encontrar sem touca e com a saia rasgada.

Olhou para Jervaulx. Não estava a comer. Entretinha-se a contemplá-la e, por mais atraente que Richard Gill pudesse ser, o duque parecia ter uma ligação mais sombria com ela -, com aquela boca requintada que beijara a sua, aquelas mãos que lhe tinham acariciado o cabelo.

Corou e sentiu-se uma mentirosa e uma farsante. Fizera-se passar como enfermeira e Jervaulx como um seu paciente. Ao recordar-se disso, sentiu-se perturbada. Que enfermeira fugiria com um doente contra os desejos da família? Que enfermeira deixaria que a beijassem? Que pensaria Richard Gill a respeito dela se soubesse? E não lho contar era uma daquelas mentiras por silêncio e omissão. Não estava de modo algum a seguir o Caminho.

- Não acreditas que esteja louco? - perguntou Richard.

A pergunta repentina sobressaltou Maddy, que ergueu os olhos. -Não.

- Não parece enlouquecido. Mas empurrou-te no pátio. Maddy partiu um pedaço de pão com um sorriso ligeiramente irónico.

- É um duque. Não é exactamente o mesmo que estar louco. Richard comeu outro pedaço.

- É isso que os duques fazem? - perguntou, a franzir as sobrancelhas. - Empurrar as pessoas?

A curta distância da mesa, Jervaulx inclinou a cabeça e deu a impressão de estar aborrecido.

O olhar dele passou de Maddy para Richard, levantou a caneca de cerveja e bebeu.

- Não compreende? - inquiriu Richard.

- Não sei. Acho que um pouco.

- Deverias voltar a levá-lo para junto da família. Maddy ergueu-se um pouco.

- Não.

Jervaulx olhou-a. O tédio desaparecera-lhe da expressão.

- Não te compete mantê-lo afastado, se eles querem que viva retirado. Pertence-lhes a eles, não a ti.

- Não. A família não o compreende. Não sabem como é aquilo.

- Mas é a casa do teu primo, não é?

- E um manicómio e ele não está louco.

- Não fala. Como vai viver sozinho no mundo? Maddy envolveu-se na capa.

- Sozinho, não. Não pode viver sozinho.

- Então que vai fazer? Para além de ti, não tem outros amigos?

- Eu... - Maddy interrompeu-se ao perceber que não o sabia. - Olhou para Jervaulx. - Amigo? - perguntou. - Tens algum amigo aqui perto?

O olhar receoso de Jervaulx passou dela para Richard, e virou-se de novo para Maddy.

- Não - disse a jovem. - Não estou a falar de *quakers*. Amizade, lua. Um companheiro.

O duque hesitou e, de seguida, estendeu-lhe a mão.

- Jervaulx! - Na voz adivinhava-se-lhe o desespero. - Não tens nem um amigo que te possa ajudar?

Ele fechou a mão. O grande anel do sinete brilhou-lhe nos dedos e, depois de lançar um olhar de soslaio a Richard, voltou a acomodar-se no assento.

- Poderias ficar com ele, Jervaulx? - E apontou para o *quaker* com um gesto. - Com Richard Gill?

- Archimedeia... - começou Richard a dizer.

- Só enquanto vou ver o meu pai para que saiba que estou bem- disse, apressada. - Se puderes ficar um pouco com ele. Algumas horas.

- O problema não é ficar comigo. Ele devia era regressar.

- Não o posso levar de volta! - gritou, e inclinou-se para ele. - Não o consegues entender!

Jervaulx observava-os, atento. Movia o punho direito a marcar o ritmo. Fechou a mão esquerda sobre a caneca de cerveja, mas não bebeu.

- Por favor - implorou Maddy a Richard.

Na testa do jovem *quaker* surgiram pequenas rugas de desagrado e receio nos lúcidos olhos cinzentos.

- Peço-te - murmurou. - Não o poderias considerar como uma missão?

Era uma súplica que nenhum amigo podia tomar como ligeira. Richard olhou para o prato com a testa franzida. Maddy esperou e pediu a Deus que falasse com ele, apesar de saber que estava a agir de modo incorrecto para que a sua própria vontade prevalecesse, mas sentiu-se incapaz de se conter. Não podia levar Jervaulx de volta. Essa era a única Verdade que tinha como certa. Era simplesmente impossível voltar a imaginá-lo na cela de Blythedale Hall.

Richard suspirou e olhou-a.

- Irei transformá-lo na minha missão. Reflectirei com maior profundidade acerca da conveniência do seu regresso.

Maddy não percebeu se aquilo significava que ia ficar ou não com o duque, mas antes de lho poder perguntar Jervaulx deixou cair a caneca sobre a mesa. Levantou-se, afastou a cadeira com um pontapé e puxou Maddy com força até a levantar.

- *Voltar* - exclamou, com um brilho enérgico nos olhos. A seguir, apertou os dentes e disse:

- *Amigo!*

Arrastou-a com ele de tal maneira que Maddy não o conseguiu impedir. Ouviu Richard a exclamar alguma coisa atrás deles e viu que o empregado se aproximava apressado para lhes bloquear a passagem ao mesmo tempo que Jervaulx a empurrava para a porta com uma força irresistível.

Maddy debateu-se contra ele e tentou voltar para trás. Jervaulx dominou-a com facilidade, com mais força do que aquela que jamais imaginara que pudesse ter. Quando tentou fincar os pés no chão, ele levantou-a. Conseguiu soltar-se, mas Jervaulx voltou a colocar-lhe o braço à volta do pescoço e obrigou-a a segui-lo sem qualquer restrição. Impôs o seu domínio enquanto Maddy se contorcia e afundou-lhe com força os dedos na pele da nuca, a puxar-lhe pelas madeixas de cabelo solto. Maddy gritou.

-Jervaulx! Richard! Não posso... *Ajuda-me!*

Vislumbrou Richard e o empregado, e de seguida perdeu-os de vista ao sair pela porta aos tropeções, arrastada pelo impulso de Jervaulx, prestes a cair pelos degraus no meio dos transeuntes.

- Amigo! - exclamou Jervaulx com fúria, enquanto abria caminho sem a soltar. - «Durm.»

Mandou parar uma tipóia tal como o fizera antes e esta deteve-se à frente dele no meio da rua. O cavalo começou a encavalitar-se com cascos a rasparem a calçada a pouca distância dos pés de Jervaulx. O condutor gritou e outra tipóia teve que se desviar do caminho. Jervaulx pegou nas rédeas do animal.

- «Alban!» - gritou, a agarrar o cavalo com uma mão e Maddy com a outra.

-Jesus Cristo! De acordo, maldito louco, Albany - disse o cocheiro aos gritos. - Solte o cavalo e entre.

Uma passagem pavimentada e coberta introduziu-os na neblina, que se materializou perante eles e que se desvaneceu ao avançarem por entre a fileira dupla de edifícios de cor creme nos arredores de Piccadilly. Os passos do duque ressoaram no silêncio. O lugar parecia deserto a meio da manhã, excepto por um engraxador apressado que passou ao lado deles com uma caixa e um par de sapatos nas mãos.

Maddy desistira de resistir. Deixara de fazer outra coisa que não fosse seguir a passada determinada de Jervaulx. Não lhe permitia afastar-se, nem ficar para trás. Cruzaram-se com outro criado, um homem baixo, de casaca vermelha e estômago proeminente, que se afastou para um lado, inclinou-se perante o duque e murmurou:

- Excelência.

Sem deter o passo, Jervaulx virou-se ao chegar a uma escadaria de pedra e subiu dois lances com Maddy.

Um cão começou a ladrar antes que chegasse à porta. Outro uniu-se ao coro. Jervaulx imobilizou-se com a mão erguida.

- *Devil.* - Os lábios contraíram-se com um sorriso feroz e baixou o punho para bater com força na porta. Os cães, do outro lado, pareceram enlouquecer e começaram a fazer um barulho ensurdecedor. -*Devil, Devil, Devil!*

- Por amor de Deus, deixem de ladrar! - gritou uma voz no interior, abafada pela distância.

Noutra casa mais abaixo, abriu-se uma porta. Maddy olhou e deparou-se com um rosto erguido que os olhava com curiosidade. Era um cavalheiro idoso que vestia um roupão e uma touca de dormir. Os cães arranhavam a porta com fúria. A escadaria ressoava com os latidos dos animais e as pancadas de Jervaulx.

A voz vinda do interior tentou acalmar os cães.

- Vamos, Cass, cão inútil. Cala-te ou de certeza que me obrigarão a dar-te um tiro.

De repente, Jervaulx parou de esmurrar a porta e apoiou o queixo nela, como um marinheiro prestes a afogar-se e que acaba de chegar a terra firme. Os cães não pararam de ladrar enquanto a maçaneta girava. A porta abriu-se e viu-se um torvelinho de pelagem negra e branca, línguas

rosadas e caudas peludas, quando os dois cães se atiraram a Jervaulx.

Maddy olhou para o homem loiro de olhos sonolentos, tronco nu, pés enfiados em meias e com restos de sabão de barbear ainda no queixo, que se encontrava atrás deles no vestíbulo. Os latidos pararam quando os cães se lançaram sobre Jervaulx. O duque ajoelhou-se, abriu os braços e deixou que lhe lambessem o rosto e lhe revolvessem o cabelo com as patas.

- Shev? - perguntou o homem na soleira da porta, como se acabasse de acordar de um sonho profundo.

Maddy lançou um olhar ao velho curioso da casa vizinha, que continuava a olhar para eles e que se inclinava um pouco para fora para os poder ver melhor.

- Podemos entrar? - perguntou. O jovem loiro não afastara os olhos de Jervaulx e dos cães. Nesse momento, olhou para Maddy e, de repente, pareceu acordar totalmente. Recuou um passo.

- Céus - murmurou. Não disse mais nada, mas deitou a toalha de barbear sobre o ombro e fez um gesto a convidar o duque a entrar. Jervaulx obedeceu enquanto os cães se lhe enrodilhavam nas pernas com adoração. Maddy entrou com passo rápido e fechou a porta atrás de si. O anfitrião, ainda atónito, seguiu-os até à sala.

- Shev - disse.

Jervaulx atravessou a sala e apoiou as mãos no parapeito da janela, o olhar perdido na neblina exterior. De seguida, virou-se, de costas para a parede, os corpos dos cães extasiados colados a ele. O rosto revelava uma profunda emoção. Fechou os olhos e deslizou até se sentar no chão. O *setter* branco e negro lambeu-lhe a orelha. O duque abraçou o cão e afundou o rosto no pêlo sedoso. O cão de pêlo negro uivou e tentou meter-se entre ambos.

- Pensei... Oh, céus, amigo... disseram-me que estavas moribundo. Que estavas quase morto e deram-me os cães. - O cavaleiro despenteado aproximou-se de Jervaulx, mas não pareceu saber o que fazer quando chegou junto dele. Caiu de joelhos. - Shev - repetiu, impotente.

Jervaulx não ergueu o rosto. Sacudiu a cabeça, os dedos enfiados no pêlo de *Devil*.

O jovem loiro virou-se para Maddy.

- O que é que se passa? Disseram-me que estava a morrer. O que é que aconteceu?

- És amigo dele?

- Claro que sou amigo dele! Nem tem outro melhor! Conte-me, mulher. Tem-lo agarrado de uma maneira ou de outra? - Voltou a olhar para Jervaulx. - De que se trata, de ópio?

- Precisa da tua ajuda.

- Que ajuda? Quem é a menina?

- Chamo-me Archimedeia Timms. O duque era doente do manicómio do meu primo, em Buckinghamshire. Estava a meu cargo. Estamos... - Soltou uma gargalhada fraca e abriu as mãos. - Parece-me que quebrámos todos os laços e fugimos.

O homem afastou da testa um caracol loiro e rebelde, e sentou-se sobre os tornozelos.

- Shev - repetiu com uma voz incrédula.

O duque ergueu o rosto. Os olhos tinham a cor da meia-noite e estavam húmidos. Com uma expressão de vergonha, levantou o braço e secou um lado do rosto com a manga.

- Amigo - disse num tom de voz rouco. - «Dnnh. Durnnrm.» - E voltou a encostar a cabeça à parede com um gemido.

- «Durm?» - perguntou Maddy. - E assim que te chamas?

- Durham - disse o jovem loiro, e acrescentou distraído -, Kit Durham, para a servir, minha senhora.

Jervaulx olhou para o amigo. *Devil* aproximou o focinho do queixo e da têmpora dele, e sacudiu a cauda, satisfeito. Jervaulx abraçou o cão.

- «Drm... obrigado» - disse. - Obrigado... cães.

Durham olhou-o. Jervaulx emitiu outro som de angústia, sacudiu a cabeça e expeliu ar entre os dentes.

- Está bem. Os cães. Não tem qualquer importância. - Durham levantou-se e foi buscar uma cadeira. - Levanta-te do chão, velho amigo. Tenho que pensar. Sou incapaz de o fazer contigo

sentado no chão, Shev.

Maddy pensou que era bom voltar à normalidade. Jervaulx estava com uma expressão muito estranha, parecia prestes a perder o controlo. Não gostaria que o amigo o visse assim.

- Talvez fosse melhor ires acabar de te vestir - sugeriu Maddy a Durham, esperando assim dar ao duque um momento de solidão para se recompor.

- Santo Deus! - exclamou Durham, ao preparar-se para se retirar. - Desculpe-me. Peço perdão, minha senhora... Esqueci-me. Ou seja, não estava à espera de uma senhora. Fica onde estás, Shev! Não te vás embora!

- Não iremos - garantiu Maddy. Durham piscou-lhe o olho, como se continuasse surpreendido por ser ela a falar em vez de Jervaulx. Dirigiu-se para outra sala e fechou a porta com brusquidão.

Depois de ter desprezado o empadão de carne e o repolho, Jervaulx parecia ansioso por partilhar o pequeno-almoço de Durham, composto de salmão e ostras frescas com pão e limão. Sem lhe perguntar o que queria, Durham enviou o criado - o mesmo homem de estômago proeminente que cumprimentara o duque na rua - de volta à cozinha para preparar chocolate em vez de café.

Jervaulx bebeu a bebida escura e fumegante, e entreteve-se a dar pedaços de comida aos cães enquanto o amigo questionava Maddy. Enquanto falavam, o duque observava-os por entre os vapores que se erguiam da chávena com uma expressão de intenso prazer. Parecia pensar que fizera tudo que estava ao seu alcance, e que se sentia satisfeito por deixar nas mãos dos outros o resto das decisões que tivesse de tomar.

Pelo menos, a Durham não lhe restava a mais pequena dúvida que tinha de proteger Jervaulx das decisões da família. «Essa megera velha e odiosa», foi a opinião resumida que expressou acerca de *lady* de Marly, e nos comentários que fez a respeito da mãe do duque utilizou termos que Maddy nunca ouvira.

O modo de falar de Durham pareceu-lhe difícil de compreender. Hesitou quando ele quis saber se tinha a certeza se ninguém lhes poderia seguir o cheiro desde a igreja.

- Cheiro? - perguntou, hesitante.

- Seguir o rasto. Ninguém conseguirá descobrir para onde se dirigiram?

- Não me parece. Fomos e voltámos de Ludgate Hill em carruagens de aluguer.

- A Ludgate Hill! - Solto uma gargalhada. - Linda menina. - E sorriu a Jervaulx. - Quem poderia pensar que te dirigirias para as lojas de tecidos, eh?

O duque virou-se um pouco e retribuiu-lhe o sorriso. Deu uma golada no chocolate. Maddy teve a impressão que o compreendia ainda menos que ela.

- Ninguém, acredita em mim - respondeu à própria pergunta. - É muito mais provável que se tenham dirigido... Meu Deus. - Saltou da cadeira e fechou as cortinas. - Virão aqui. Mark! - gritou para a sala vizinha. - Vai para a escadaria! Mantém-te alerta! Diz-lhes que hoje fui muito cedo... para a Bolsa.

O criado inclinou-se sobre o estômago proeminente.

- Senhor, não vão acreditar em mim.

- Raios, será que não posso fazer uma compra de fundos públicos? Acabo de receber a herança de um primo em quarto grau, é isso. Seiscentas libras, mas não o digas assim, não lhes des informações por menos de meia coroa.

- E o coronel, senhor? Também tenho que o manter afastado?

- Maldito seja Fane! Vai aparecer aqui a qualquer momento. - Durham mordeu o lábio. - Não faz mal. - Olhou para Maddy. - Podemos confiar em Fane. De qualquer maneira, jamais cairia nessa história. Pensaria que eu tinha perdido o juízo ao converter seiscentas libras em fundos públicos. Não vai saber o que fazer. Não é muito brilhante, mas se quer um homem bom e de confiança para a proteger, Andy Fane é esse homem.

Maddy contentava-se em poder confiar em alguém. Durham pare-cia-lhe um tanto fútil, mas era óbvio que queria ajudar Jervaulx. Estava prestes a dizer-lhes que precisava de voltar para junto do pai quando tanto Jervaulx como Durham olharam para a janela ao ouvirem um assobio

desafinado.

O duque sorriu e pousou a chávena em cima da mesa.

- *Amigo* - disse a Maddy.

- Por uma vez, chegou cedo - disse Durham, enquanto um bonito relógio sobre a prateleira da lareira começava a bater umas badaladas melodiosas. Saiu para o vestíbulo meio agachado. - Vou dizer a Mark que o vá buscar em silêncio. O velho general não perdeu pitada do que aconteceu quando entraram, pois não? Vamos deixá-lo saber aquilo das seiscentas libras. - Franziu a testa e olhou para Maddy, - A menina é minha prima em quinto grau. Veio com a notícia da herança. São os órfãos que trazem sempre as heranças. O escrivão acompanhou-a mas não pôde esperar, tinha que voltar a apanhar a mala-posta de regresso a... onde quer que seja. As pancadas na porta serviram para me acordar, não é verdade? E os latidos foram fruto da imaginação dele. São proibidos os cães. Só Deus sabe como me consegui arranjar durante todo este tempo.

Afastou-se na direcção da entrada. Todas aquelas mentiras e enganos fizeram com que Maddy se sentisse incomodada. Apesar de não lhe saírem da boca, participava delas. O olhar pensativo e tranquilo de Richard Gill remoía-lhe a consciência, mas oposto a este encontra va-se o prazer sem limites de Christian ao encontrar-se junto dos amigos, tanto de Durham como do oficial vestido com um esplêndido uniforme de galões dourados e ornamentos brilhantes, que não proferiu palavra ao ver o duque. Limitou-se a abraçá-lo e a dar-lhe palmadas nas costas, para de seguida o afastar bruscamente.

O oficial olhou para baixo e afastou *Devil* dos joelhos.

- Sabia que ele era demasiado aborrecido para o matarem - disse ao cão. - Ainda te restam alguns artigos para escrever, eh? - Olhou de lado para Maddy. - E trouxe uma jovem com ele. Que surpresa!!

- Esta é *miss*... - Durham interrompeu-se, expectante.

- Timms - replicou Maddy.

O militar fez-lhe uma vénia, ao mesmo tempo que puxava a espada para trás com uma mão enluvada de branco e lhe roçava a saia com o penacho alto do chapéu.

- Coronel Andrew Fane, ao seu serviço, minha querida.

- Deixa-te de tolices, Fane. Ela é *quaker*.

O coronel Fane pareceu surpreendido. Endireitou-se e bateu os tornozelos ao estilo militar com o rosto corado.

- Apresento-lhe as minhas desculpas, minha senhora, *miss*. Então é o seu homem aquele que está à espera na rua, não é verdade? Um que queria saber se... raios!, que perguntou por ti, Shev... foi isso. Não estava a perceber que raio é que ele queria, mas agora percebo. Queria saber onde encontrar o duque. Que duque, perguntei-lhe, há muitos duques.

Richard! - Maddy cobriu o peito com as mãos. - Deve ser Richard.

- Oh - disse o coronel Fane.

- Como é que conseguiu... - Maddy mordeu o lábio e virou-se para Durham. - Deve ter-nos seguido. Falei com ele... Pedi-lhe ajuda e disse que ma daria... mas, não tenho a certeza se aquilo que quer não é devolver o duque à família.

- Está ao corrente disso? - perguntou Durham. - E agora está ali fora? Céus, *miss*, porque não mo disse?

- Não sabia. Nunca pensei que nos pudesse seguir, ou que o quisesse fazer. Mas... considerou-o como a sua missão. Deveria ter-me apercebido de que não ia renunciar com tanta facilidade.

- De que raio está a falar? - perguntou o coronel.

- Tira essa coisa ridícula que tens na cabeça e senta-te. - Durham puxou uma cadeira para junto da mesa. - Vamos todos encobrir Shev. Essas megeras que se empenham em chamar de família querem enfiá-lo num manicómio.

- O que estás a dizer?

- Explique-lho, *miss* Timms. Shev precisa de nós. Conte-lhe o que me contou.

Não consegue falar? - O coronel Fane lançou a Jervaulx um olhar de uma incredulidade cómica. O duque retribuiu-lho com um sorriso frio. Acariciou *Cass*, o cão negro. A boca contorceu-se e endureceu com um esforço brutal. Afundou os dedos na pelagem negra.

- És... *burro*.

O oficial pareceu compreender imediatamente o comentário.

- Não sou burro! - protestou.

- Olha que sim, Fane. - Durham serviu-lhe café. - Todos sabem que és um imbecil.

- Não sou burro! Vejamos, quem se lembrou de vender Shev ao condutor da carreta fúnebre?

Eu.

- E quem teve de ir pagar a fiança? O coronel Fane sorriu.

- Mate-o - disse com um sorriso teatral. - Mate-o... - os lábios tremeram-lhe -, mate-o quando... - Desatou à gargalhada.

- Fecha o bico, fala-barato. - O rosto de Durham corou com um misto de desgosto e de divertimento contido. - Isto é sério.

- Mate-o... - O coronel não conseguia falar, vítima de um enorme ataque de gargalhada. - Mate-o...

- Mate-o se for *necessário* - disse Jervaulx com toda a exactidão. Começou a rir-se e inclinou a cadeira sobre duas pernas.

O sorriso de Durham desapareceu e deu lugar à surpresa, mas Maddy olhou-o nos olhos. Durham não fez qualquer comentário a respeito das palavras do duque. O coronel deu a impressão de não ter ouvido nada de estranho. Ria à gargalhada e esmurrava a palma da mão.

- Que Deus me abençoe! Que confusão aquela, *miss Timms*. Shev tinha uma boa desculpa, percebe?, estava imprestável. Como se o tivessem conservado em álcool, ou em salmoura...

- Comatoso, *miss Timms* - explicou Durham com uma expressão séria. - Com álcool até à ponta dos cabelos.

- Ah, sim, uma boa expressão, daquelas que se usa em Oxford. Comatoso! - A descrição pareceu animar o coronel. - Completamente sem sentidos. E nós tínhamos de o levar para casa entre os dois, percebe?, e ele pesa... que o diabo me carregue! Deve pesar uns noventa quilos. E nesse preciso momento, quem passa ao nosso lado?, pois que nem mais nem menos que aquele a que chamam o cocheiro da ressurreição...

- É um cocheiro que faz serviço nocturno. Vende cadáveres aos cirurgiões - explicou Durham -, para as aulas de Anatomia.

- Isso mesmo! E foi isso que me veio à cabeça, porque garanto-lhe, *miss*, que a ideia foi minha... e o homem apanhou-o e... - Fane sacudiu o indicador de modo expressivo. - E sabe?, a roupa dele, ficámos com ela, e o homem enrolou-o num lençol e levou-o ao velho Brooks. A Blenheim Street! Levou-o até ali, até à porta do professor! - Deitou a cabeça para trás e bateu na mesa. - E perguntou-lhe... perguntou-lhe se... o queria *comprar*!

O coronel perdeu toda a capacidade de falar coerentemente no meio da hilaridade. Maddy também se sentia incapaz de proferir palavra. Olhava para o oficial, com um misto de choque e horror.

O coronel Fane voltou a falar aos tropeções.

- E o médico examinou-o... e disse... e disse: «Você é um charlatão... este homem não... não está... *morto*!»

Maddy olhou em volta, para os outros. Tanto Jervaulx como Durham exibiam sorrisos abertos à espera do desenlace.

- E o cocheiro respondeu: «Como não está *morto*?» - E o coronel levantou-se como se o

tivessem ofendido. - «Não está *morto*? Mas então, senhor... nesse caso... ma... ma... ma...»

Os outros dois uniram-se a ele e disseram todos em uníssono, «*Mate-o se for necessário!*», num coro de vozes masculinas profundas, Jervaulx a falar com a mesma fluidez dos amigos. Estava a rir-se e voltou a baloiçar a cadeira, com as pernas esticadas para a frente.

- Maldito seja - disse-lhe o coronel. - *Roubo*.

- Ah, sim, foi isso que aconteceu, pobre Shev, o médico pensou que era uma tentativa de roubo, um truque para se enfiarem em casa dele, e começou a gritar «ladrões». O cocheiro fugiu veloz como um relâmpago, mas ataram Shev e levaram-no para Malborough Street, e passou ali toda a noite e meia manhã embrulhado no lençol, até que Durham conseguiu arranjar um advogado do Old Bailey para que o defendesse e não o condenassem. O duque de... - E, de novo, voltou a perder a compostura. - O duque de... Jervaulx... está a perceber?... por tentativa de roubo num... num... *depósito de cadáveres!*

Ao ouvi-lo, os três comportaram-se de um modo absurdo, de olhos lacrimosos e a suspirarem quando por fim terminaram os ataques de gargalhadas. *Devil* saltou e apoiou as patas da frente no colo do duque. Jervaulx esfregou vigorosamente a cabeça do cão com as duas mãos e lançou um dos sorrisos de pirata a Maddy, os olhos brincalhões da cor da meia-noite.

- Agora já sabe, *miss Timms* - disse o coronel com um grunhido de satisfação. - O assunto foi abafado, mas a menina acaba de ouvir a história em primeira mão.

- Estou a ver que sim - disse ela, incapaz de acrescentar o que quer que fosse.

- Grande confusão. Eu não sou burro, claro que não. Que o Senhor nos abençoe, o risco que corremos.

- Talvez agora possamos voltar à situação do duque - disse Maddy.

- Claro. Claro que sim. A situação do duque. Meteu-se noutro sarilho, não foi?

- Seja paciente conosco, *miss Timms* - disse Durham. - Mantemos Fane do nosso lado pelos seus músculos, não pelo seu cérebro. Acha que deveria ir falar com esse tal Richard Gill? Até que ponto está a par do que se está a passar? Poderia fazer com que vos perseguissem até aqui?

- Conte-lhe o mesmo que vos contei a vocês.

Durham voltou a encher as chávenas. Café para ele e para o coronel, e chocolate para Jervaulx e Maddy.

- Estive a pensar. Acho que temos algum tempo antes que nos façam sair do esconderijo. Já que o mais provável é ninguém ter visto para onde se dirigiam, poderá passar-se toda a manhã até que se decidam a procurar mais longe do que nas ruas circundantes à igreja. Até se pensarem em mim, aposto que não farão outra coisa senão mandar alguém investigar, e Mark pode despistá-los sem qualquer problema. Mas, a longo prazo, o que temos de fazer é tirá-los da cidade às escondidas.

- Tirar-nos da cidade? Quanto ao duque, estou de acordo. Acho que é uma excelente ideia e muito sensata. Mas eu tenho de voltar para junto do meu pai.

- Acha que isso seria inteligente?

- Não interessa se é inteligente ou não. Tenho de o fazer.

- Muito bem. Nesse caso, inventaremos uma história. Que tentou seguir o duque, mas que o perdeu de vista.

-Mas...

- Isso deverá satisfazer esse tal Gill, eh? Os cavalos interpuseram-se entre ambos e perdeu-lhe a pista. Dirigia-se a St. James, mas a menina perdeu-o entre os bosques perto de Piccadilly. Deixe o resto conosco e, na verdade, é uma grande dama, *miss Timms*, por o ter tirado deste sarilho, se é que me permite o elogio.

- Agradeço-te, mas não posso dizer tais coisas - protestou Maddy.

- Porque não?

- Porque não são verdadeiras.

- Claro que não são verdadeiras. Que seria de nós se lhes contássemos a verdade?

- Não lhes posso contar mentiras. Durham olhou-a, admirado.

- Tem que o fazer, minha querida. É apenas uma pequena falsidade, uma mentira piedosa.

- Não posso. Não posso mentir.
- Não pode mentir? - repetiu o coronel Fane.

Ele e Durham olhavam-na como se fosse um espírito perturbado, que tivesse saído da neblina e que acabara de se materializar perante eles.

- Não - disse. - Poderia ter pensado, perversamente, em enganar *lady* de Marly e talvez até o primo Edward, mas não podia imaginar mentir ao pai, nem a Richard Gill, cujo comportamento era um testemunho público do que significava ser *quaker*. - Não é um hábito nosso - disse, impotente. - Não o posso fazer.

- Mas então, que lhes vai dizer? Maddy mordeu o lábio.

- Se me perguntarem, terei de responder com a verdade.

- Não pode mentir. - Durham olhou-a com dureza. - Nem sequer num caso como este, para salvar a vida de um homem?

- A vontade de Deus deve cumprir-se. Mentir é fazer a minha própria vontade. Mas... quando me for embora, podem levá-lo daqui e eu poderei dizer com toda a sinceridade que não sei onde se encontra.

- Pois bem, muito obrigada. Assim a menina salva a pele, não é verdade? E quando lhe perguntarem onde o viu pela última vez, virão atrás de mim e levam-me perante um juiz.

Maddy baixou os olhos.

- Está bem - disse Durham -, dê-me algum tempo para pensar. Deixe-me pensar. - Cobriu a chávena de café com as mãos. - Tem de partir imediatamente. Por que motivo tem de o fazer?

- Por causa do meu pai. Não sabe o que foi feito de mim. Talvez nem saiba que segui o duque por vontade própria. Pode pensar que estou ferida ou talvez até... Pode pensar qualquer coisa!

- Bom. O seu pai está preocupado consigo. Onde se encontra?

- Ele e o meu primo Edward encontram-se hospedados no Hotel Gloucester.

- Pois aí está. Vamos enfiar uma mensagem por baixo da porta para lhe dizer que se encontra bem. Isso é verdade, não é?

- Não consegue ler uma linha. Perdeu a vista. E não sei o que pensaria se recebesse uma tal mensagem minha. Perderia a cabeça. Não te aconteceria o mesmo? E como poderia não regressar? Para que outro lugar posso ir?

Meu Deus - disse Durham com um suspiro -, nada é fácil. Olhou-a com uma expressão especulativa, a acariciar o queixo. A sala estava silenciosa, a não ser pelo ruído ocasional das unhas dos cães ao moverem-se e empurrarem-se entre eles, a lutar para atrair a atenção do duque.

- Fane - disse Durham de repente. - Faz algo de útil. Desce e convida o senhor Gill para almoçar.

O coronel levantou-se, obediente, e voltou a enfiar com força o chapéu na cabeça.

- E assegura-te que aceita - acrescentou Durham com um movimento preguiçoso das sobancelhas.

O coronel Fane, imponente com o uniforme e o penacho alto, fez uma reverência e apoiou, como se por descuido, a mão no cabo de Ouro e prata da espada.

- Quando quero, consigo ser muito persuasivo. A minha mãe dizia sempre isso.

Que o duque não queria voltar a ver Richard era algo que se tornou imediatamente óbvio. Levantou-se com uma exclamação irritada quando o coronel entrou na sala acompanhado pelo *quaker*, que ainda segurava a curiosa caixa. Jervaulx aproximou-se do sofá em que Maddy estava sentada e parou atrás dela. O *setter* negro deitou-se aos pés da jovem entre rosnadelas, enquanto *Devil* saltava para o sofá ao lado de Maddy e começou a ladrar e a rosnar ao recém-chegado.

- Shev - disse Durham bruscamente. - Faz o que quiseres, mas fá-los calar!

Jervaulx ciciou entre dentes e os cães calaram-se. *Devil* apoiou as patas no colo de Maddy e estendeu meio corpo sobre ela, enquanto *Cass* permanecia alerta colado aos joelhos da jovem.

Maddy, apertada entre os cães, cumprimentou Richard com um sorriso fraco.

- És muito amável por teres voltado para nos ajudar.

O jovem *quaker* olhou em volta para os outros, e de seguida disse com doçura:

- Segui-vos. Estava com medo por ti, Archimedeia. Não te fez mal?

- Oh, não. Não. O duque trouxe-nos até aqui. Estes são dois bons amigos seus. Durham e o coronel Fane.

Apesar da simples casaca escura e do chapéu de abas largas, por algum motivo estranho e subtil Richard não parecia muito diferente do coronel Fane. Um coberto pelo reluzente uniforme escarlate, bordejado de branco, azul e dourado; o outro, austero e sem qualquer adorno. E, no entanto, irradiavam ambos imponência, algo de estranhamente formidável subjacente às suas diferentes personalidades e fachada.

Durham não convidou o *quaker* a sentar-se. Apoiou as mãos nas costas de uma cadeira e disse:

- Deixe-me ser muito directo consigo, senhor Gill. Não temos nenhuma intenção de deixar que o duque volte para a família, não nas circunstâncias que *miss* Timms nos descreveu. Ela informou-nos que o senhor pode ter outra opinião. Tenho de lhe confessar que não vejo nenhum motivo para que este seja um assunto seu mas, tal como estão as coisas, se o senhor for contar o que se passou causar-nos-ia muitos inconvenientes, por isso pensei que seria melhor ter... digamos... uma pequena troca de opiniões acerca deste assunto.

Richard manteve-se calado. O coronel Fane encontrava-se atrás dele, encostado à soleira da porta, e agora que bloqueava a saída não parecia tão estúpido.

- *Miss* Timms pediu-lhe ajuda - prosseguiu Durham. - Está disposto a oferecer-lha?

- Archimedeia está a fazer aquilo que acha que está correcto - disse Richard, sem se arriscar a uma resposta directa.

- Está certo, cavalheiro. Se não for demasiado impertinente, acho que aquilo que preciso de saber é o que o senhor pensa que é o mais correcto. Tanto quanto sei, o senhor tomou isto ao seu cuidado como se fosse um assunto pessoal e poderá até partilhar algumas das ideias da família. Nesse caso, não faria mal que desconhecêsse a localização destes aposentos, percebe?, pois se lhes disser que o seguiu até Albany sem dúvida perceberiam quem ele procurou. - Durham flectiu as mãos sobre a cadeira para acrescentar numa voz suave: - Ele é meu amigo, senhor Gill. Quero que compreenda isso com toda a clareza. Com muita clareza. Não consentirei que o fechem porque o senhor é movido por um zelo piedoso.

Com um ligeiro entrechocar de metais, o coronel mudou de posição e endireitou-se. - Claro que não - murmurou.

- Diga-me o que posso fazer para o convencer a guardar silêncio acerca deste assunto, senhor Gill. - No tom de Durham surgiu um ligeiro vestígio de ironia.

- Não há nada que me possas dizer.

- Ah. Imagino que só uma voz com maior autoridade que a minha o poderia convencer.

Richard fez um sinal de assentimento. Durham franziu as sobrancelhas.

- Então, tem a certeza que não veio até aqui por uma qualquer vontade divina? Que não há nada que esteja destinado a aprender?

- Acho - disse Richard - que te poderias aproveitar de palavras muito belas para me convenceres de que há algo mais.

Durham sorriu.

- Palavras? Acha mesmo que é a única coisa que temos para o convencer? Meu prezado senhor, preciso de lho explicar?

A expressão do rosto de Richard não se alterou. Maddy sentiu-se inuito orgulhosa dele, por não perder a força de espírito nem a serenidade perante aquela ameaça velada.

- No que se refere ao duque de Jervaulx - limitou-se a dizer -, não me convence nenhuma posição.

- Sr. Gill, sou um tipo frívolo, como tenho a certeza que o senhor já deve ter reparado. Gosto de dar bons jantares e beber um bom vinho. Tenho uma certa fraqueza por senhoras bonitas, por

salões de jogo e pelos melhores alfaiates. Na verdade, não tenho nada de recomendável nem sequer estou à altura de Fane, aqui presente, que pelo menos pode dizer que conduziu o seu batalhão em campo aberto nas batalhas de Quatre Brás e de Waterloo. No entanto, para além disto, o melhor que existe em nós é querermos a este homem como se fosse do nosso próprio sangue. Não nos interessa nada o seu título, a sua família ou o que quiser. Deixar-nos-íamos enforcar antes de vermos que o encerram contra a própria vontade e ele faria o mesmo por nós, sabe?, tal como o senhor o faria pelos seus. E isso é tudo, senhor Gill. Estas são todas as belas palavras que lhe posso dizer acerca do assunto.

O relógio esmaltado na prateleira da lareira começou a bater. A melodia doce ressoou no silêncio. *Devil* enfiou o focinho sob a mão de Maddy e lambeu-a.

Richard olhou para ela.

- Peço-te afectuosamente que me acompanhes e os deixes fazer o que desejam. São questões mundanas que não têm nada a ver connosco.

- Está bem, vá-se embora - disse Durham rapidamente, antes que Maddy pudesse responder.

- Vá-se embora mas não se aproxime do seu pai, *miss Timms*. Dê-nos algum tempo. Umas quantas horas, meio dia, o suficiente para nos pormos a salvo. A menina não corre perigo, o seu pai irá recebê-la sem problemas. Por favor, nem sequer nos pode conceder isso? Um pouco de tempo antes de regressar para junto dele?

Maddy mordeu o lábio, a imaginar os receios do pai, a sopesar aquilo perante as mentiras que se veria obrigada a dizer, ou perante a possibilidade de que por sua culpa conseguissem apanhar Jervaulx. E tinha a horrível sensação de que se contasse mentiras, até ao próprio pai, também ela - tal como Durham e o coronel Fane - seria capaz de quase qualquer coisa.

Respirou fundo e disse:

- Até à noite?

- Isso será suficiente. Levantou-se. O cão saltou para o chão e afastou-se dela, deu a volta ao sofá e deteve-se ao lado do duque.

- Então, vou manter-me afastada do meu pai até à hora do jantar, até às sete.

Durham assentiu quase imperceptivelmente.

- É o suficiente. Partam os dois e não olhem para trás, ou juro que vos converteremos em estátuas de sal.

Com palavras ou sem elas, Christian compreendeu bem a maneira como Durham e Fane tinham conseguido convencer o astuto *quaker* dos «tus». Durham com aquele sorriso sardónico, e Fane de ar indiferente e músculos preparados. O processo contava com a total aprovação de Christian. Não gostara que Missmaddy tivesse depositado com tanta rapidez a sua confiança naquele homem e que se tivesse posto de parte sem nenhum problema, *cabeças juntas sussurros olhares avaliações* planos que não foi capaz de compreender, até que ouviu a palavra *regresso* e viu como Maddy discutia com aquele homem sombrio que parecia uma mula. Filho da mãe intrometido, como se atrevera a segui-los até ali!

Durham e Fane encarregar-se-iam de tudo. Christian observou a cena satisfeito, à espera que pusessem a Mula na rua a pontapé. Estava disposto a ajudá-los, mas não queria alterar o plano que Durham iniciara. Foi incapaz de seguir o discurso dele na totalidade. Apenas sabia que Durham fizera ameaças com doçura num tom suave e que obtivera respostas curtas e obstinadas. Christian apenas se teria ridicularizado se tivesse interferido no momento errado.

Viu que a Mula se dirigia a Maddy. «*Peçote afectuosa menteque meacompanhes eos deixesfa zer oquede sejam.*» Christian ouviu a resposta rápida de Durham e o pedido que lhe fez... «*Pede horas tempo?*» *Conceder tempo?*

Christian não via o rosto de Maddy, mas a pausa que fez alarmou-o e deu um passo em frente. Ela perguntou qualquer coisa a Durham. Aquele respondeu: *Suficiente*. Maddy levantou-se e Christian pôs-se imediatamente em movimento. Estava fora do alcance dele. Durham falava-lhe em tom de despedida, incitando-a a ir-se embora! A Mula deu a volta para sair com ela, os cães meteram-se entre os pés de Christian... De repente descobriu que não fazia a mínima ideia do que

estava a acontecer, mas ninguém a tentou deter.

- *Fica*. - A voz cheia de raiva de Christian fez com que todos se detivessem. - Missmaddy! Tu... Fica.

Aproximou-se dela. Sem qualquer cerimónia, voltou a empurrá-la para o sofá. A capa ondulou à volta de Maddy quando caiu sobre o assento.

Christian inclinou-se sobre ela.

- Tu... *eu* - disse, mas sabia que era insuficiente. Era incapaz de encontrar as palavras para lhe dizer que não podia partir sem ele e que ele não iria a parte alguma sem Durham, Fane e os cães. Mas, sobretudo, que não o devia abandonar e partir com a Mula. Quis deixar-lhe aquilo bem claro e meteu-se entre ela e o *quaker*, com os cães ao lado preparados para frustrar qualquer tentativa de a levarem.

Durham deixou-se cair numa cadeira e cruzou os braços. Lançou um olhar a Christian no qual lhe dizia que estava farto de todas aquelas negociações, mas Christian não se importou. Qualquer acordo em que Maddy o tivesse de deixar estava errado.

A Mula lançou-lhe olhares semelhantes a adagas de gelo com aqueles olhos insípidos e sem brilho. Fane era o único que exibia um sorriso indolente, como se tudo aquilo não passasse de uma refrega acerca de um insecto sem importância. A própria Maddy permanecia imóvel no sofá de cabeça baixa e as mãos sobre os joelhos. Um momento depois, levou uma das mãos à boca e Christian viu - e foi como se lhe tivesse dado uma bofetada - que estava a chorar.

Todas as certezas dele se desvaneceram. Sentiu-se de repente muito visível, convertido no centro de todos os olhares acusadores. Fizera-a chorar. Tinham todos os olhos postos nela, e não lhes podia explicar porque era tão importante que Maddy permanecesse ao lado dele. *Tinha* que ficar. Ia voltar para casa com ela, casar com ela e... não conseguiu pensar em mais nada. Porque é que estava a chorar?

- Missmaddy - disse com voz rouca.

Ela sacudiu a cabeça num gesto de recusa.

Christian olhou para a Mula com ódio. Pensou que ele era o culpado, aquele canalha intrometido, *anda devagar quase furtivamente com a tua roupa de quaker e os teus «tus»*. Tinha que estrangular o tipo. Christian estava a pensar nisso quando, de repente, algo escuro passou à frente dele e correu rapidamente até à porta.

Percebeu que se tratava de Maddy. Nem sequer a vira levantar-se. O cérebro dele voltou a deter-se, a tentar encontrar um sentido para aquela figura encapuzada que já se encontrava fora de alcance. Ainda estava a tentar obter uma resposta da sua consciência desorientada quando Fane se endireitou. Abandonara a postura indolente na soleira da porta, e agora bloqueava-a.

- «Shev querque fique, *miss*» Ela virou-se para Christian.

- Pai! - gritou. - «Tenhode irter comele! Ir... juntodele!» Compreendes?

- *Fica* - foi tudo quanto Christian conseguiu pronunciar.

- Jervaulx! - O rosto dela tinha uma expressão horrível de súplica. «O pai precisa mim. Receia mim. Tenhodeir!»

O medo e a recusa subiram-lhe à garganta. O pai dela, *idoso cego com medo*. Mas Christian precisava dela.

- Maddy... - Apertou os dentes com força. - Não podes. Odiava ter de falar em frente dos outros. Palavras de criatura idiota, as antigas piadas e a conversa fácil com Durham e Fane a desvanecerem-se perante o medo.

- «Por favor» - suplicou ela -, «tensdeme deixariem bora.» Não. Não! Olhou para além dela, para Fane, e fez um gesto negativo e enfático para que o guarda não abandonasse o seu posto, para que a impedisse de desertar.

A Mula dos «tus» tocou no ombro de Maddy.

- «Archimedeia. Euvou tercomoteu pai.» - E olhou directamente para Christian. - «Vouvero teupai semlevantarsus peitas. Assuntosde Amigos.»

Missmaddy voltou-se para ele, o rosto iluminado por tanta alegria que Christian sentiu-se

incendiar.

- «Fariasisso?»

- «Semnos atraíçoar?» - Ouviu a voz aguda de Durham, procedente de algum lugar de que Christian se esquecera.

Desconcentrou-se. Procurou Durham e tentou não se voltar a intrometer.

- Sim - disse a Mula.

- «Contocoma suapala vra?» - quis saber Durham.

- Já te disse. A verdade pertence a Deus. *Mula beata*, pensou Christian.

O *quaker* austero olhou para Maddy.

- «Ficaaqui atéeu voltar. Depoispensa remosno assunto.»

Ela assentiu, humilde ao ouvir aquela ordem. A Mula, que não tirara o chapéu, dirigiu-se à porta. Fane permaneceu imperturbável até Durham dizer:

- «Deixaoir.»

Nessa altura, o guarda fez uma reverência e afastou-se para o lado.

Missmaddy virou-se para Christian. Lançou-lhe um olhar que se assemelhava a uma punhalada, um único olhar acusador, e passou ao lado dele para se ir sentar no sofá.

Esperaram durante toda a manhã e as primeiras horas da tarde. O coronel Fane partiu para o quartel depois do almoço e prometeu regressar antes do jantar. Maddy não se levantou do sofá. Evitou deliberadamente olhar para Jervaulx, apesar de ele lhe ter levado uma chávena de chocolate com as próprias mãos. Pegou nela e nem sequer lhe agradeceu. Queria que soubesse que não ficara por vontade própria, mas apenas porque ele impossibilitara a partida dela e Richard fora muito amável ao prometer que iria visitar o pai para o informar do que se estava a passar, sem referir para onde é que o duque fora.

Surpreendentemente, Jervaulx parecia aperceber-se em parte dos sentimentos e ressentimento de Maddy. Em vez de exibir o seu desinteresse aristocrático, passou um interminável número de horas de pé junto dela, ou por vezes sentado na outra extremidade do sofá, com movimentos controlados, sem tentar falar. Levou-lhe outra chávena de chocolate. Não foi exactamente um pedido de desculpas, mas pelo menos era sinal de que reconhecia que Maddy era uma pessoa, e não algo que lhe pertencia pessoal e exclusivamente.

Quando chegou a hora do jantar continuavam sem notícias de Richard, mas à hora do chá apanharam um enorme susto quando apareceu um criado de libré branca e prateada que queria falar com Durham. Mark não se conseguia livrar dele. O homem insistia em entregar pessoalmente uma mensagem a Durham. A discussão sob a janela subiu de tom quando os dois homens começaram a discutir se o criado da duquesa deveria aguardar o regresso do senhor Durham ou deixar a mensagem a Mark. Quando se tornou óbvio que o criado da duquesa não partiria sem ver Durham, este, sempre tão cheio de recursos, subiu até ao sótão e de alguma maneira conseguiu sair de casa.

Enquanto Maddy e o duque esperavam no quarto, Durham voltou a entrar pela porta como se tivesse estado fora de casa e, com toda a falsidade do mundo, chamou o criado da duquesa ao salão. O criado partiu depois de ter ouvido uma história rebuscada acerca de um primo em quarto grau de Durham, uma história tão complicada que nem sequer Maddy, que a ouvira atrás da porta, a compreendeu por completo.

Quando se falou do duque de Jervaulx, Durham mostrou-se muito surpreendido. Queria o homem dizer que o duque recuperara? Que notícia fantástica! Durham pensara que estava a morrer. Fora a própria duquesa que lho dissera. E agora já andava de um lado para o outro? Era um milagre! Durham perguntou-lhe porque não fora visitar os amigos, sempre pensara que essa seria a primeira coisa que Jervaulx faria assim que estivesse recuperado. O homem estava mesmo a lalar a sério - é que Durham não conseguia compreender uma coisa dessas - ao dizer-lhe que o duque desaparecera? Ah, não, não desaparecera. Então, se não desaparecera nem morrera, nem visitara os amigos, que raio andava a fazer? Ninguém o via há meses. Tudo aquilo parecia a Durham muito, muito suspeito.

Talvez fosse melhor dar conhecimento às autoridades, e para o diabo com o escândalo.

Ao chegar àquele ponto, o criado recuara a toda a velocidade e partiu enquanto Durham, com uma expressão ansiosa, lhe rogava que a duquesa o informasse assim que soubesse de alguma coisa.

Maddy virou-se na penumbra do quarto cujas cortinas estavam corridas e viu o rosto sério de Jervaulx que apoiava uma mão na cabeceira da cama, arrogante e atento, como um caçador encurralado pela presa e irritado pela necessidade de ter de se esconder. Durham aproximou-se da porta, abriu-a e deixou que os cães entrassem de rompante. Lançaram-se a Jervaulx cheios de prazer, como se não o tivessem visto apenas há um quarto de hora, e o ar desdenhoso de Jervaulx desapareceu e transformou-se em gargalhadas e brincadeiras.

Eram esses os momentos que impressionavam Maddy, aquelas repentinas alterações de um enorme orgulho para um enorme afecto. Não tinha qualquer defesa perante elas. A sua revelação perdia-se no meio da confusão.

Já nem sequer lhe restava a certeza de que fosse uma verdadeira missão. Richard não ficara convencido de que o caminho que escolhera fosse o adequado. Maddy estava consciente de que toda a vida tivera que lutar para não deixar que viesse à superfície uma vontade própria forte, para evitar cair na tentação de modas e frivolidades, contra o impulso de discutir e discordar dos mais velhos. Com demasiada frequência, sentia-se interiormente rebelde e indomável. Alguém como Richard saberia distinguir com uma maior certeza a chamada de Deus das artimanhas do Diabo.

Maddy queria ir para casa ter com o pai. A porta estava mesmo à frente dela, e o oficial do rei já não se encontrava ali para a impedir. O duque estava ocupado com os cães e Durham tirava taças e uma garrafa de um xerez dourado de um aparador.

Tinha a porta à sua frente, mas não partiu.

Christian decidiu mandar Maddy para a cama. De qualquer maneira adormecera sentada, à espera do amigo *quaker* com ar de mula. Fane chegara e voltara a partir porque estava de serviço. Aceitara de bom grado os disparates e a fala desajeitada de Christian. Sentiu pena quando se foi embora. Durham não era tão fácil de levar. Começava de imediato a falar para - a meio de um dos seus longos discursos - se interromper de repente quando percebia que Christian não o estava a compreender e então tentava desesperadamente ocultá-lo.

Era embaraçoso para ambos. Christian queria recorrer a Maddy em busca de ajuda mas quando a olhava via-a rígida como uma estátua, ainda zangada com ele por a manter afastada do pai. Outra das coisas que era incapaz de comunicar. O quanto necessitava da presença dela. Lamentava-o, mas o mundo movia-se demasiado depressa para ele. Coisas novas, surpresas, confusão e ruído que lhe aumentavam a dificuldade de compreensão.

Ela tinha que ficar. O quarto era bom. Ficava próximo e do local onde estava sentado conseguia ver a porta, e saber com toda a certeza que ela estava ali dentro.

Maddy acordou assim que Jervaulx se aproximou. *Devil*, que ia atrás dele, deteve-se para tocar na mão de Maddy com o focinho. Quando abriu os olhos, Christian estendeu-lhe a mão.

- Já chegou? - Foram as primeiras palavras dela. Christian limitou-se a olhar para ela.

- Ainda não - disse Durham.

- *Cama*. - O duque não afastou a mão.

- Sim - disse Durham da mesa. - «Vádeitarse, Mi ss Timms. Acordálaei assimque voltar.»

Maddy pestanejou até ficar totalmente acordada e a seguir suspirou. Apoiou a mão na de Christian e levantou-se. Ele tê-la-ia acompanhado, mas Maddy soltou-lhe a mão no mesmo instante e afastou-se.

Um monte de carvão embateu contra a grelha da lareira quando a porta se fechou atrás dela. Durham estava sentado à mesa, a olhar para os restos do jantar.

- Raios! - murmurou. - Grande sarilho.

Christian aproximou-se do aparador, tirou a tampa de vidro da garrafa de xerez e serviu-se

de uma taça.

- «Jáagora.» - Durham levantou a taça vazia e Christian encheu-lha. « Estásàespera dequê? Quevam osfazer?»

Christian levou o indicador aos lábios. Silêncio. Durham bebeu uma golada da taça e encostou a cabeça às costas da cadeira com o olhar perdido no tecto. Concentrou-se no relógio e ouviu o tiquetaque semo olhar, porque era como quando se olhava ao espelho, o que via parecia-lhe estranho e inquietante, havia algo de irreal naqueles números que cercavam a esfera. Era uma daquelas coisas incompreensíveis que preferia ignorar sempre que podia.

O badalo bateu uma vez para dar a meia hora. Sem falarem, ele e Durham começaram a beber. Durham serviu mais duas taças de xerez e Christian sentiu uma lassidão agradável a apoderar-se dele. Estarem ali sentados, como em tantas outras ocasiões, era-lhe familiar e gratificante. Companheirismo.

O xerez tornava Durham mais lento, Christian conhecia-o bem. Depois de três copos, perdia a capacidade de decisão. Com quatro, lornava-se insolente e a língua entaramelava-se-lhe. Christian esperou até ao quarto.

Pousou a taça sobre a mesa.

- *Casar* - disse a olhar para Durham. - Missmaddy. Durham franziu a testa e sacudi a cabeça.

- Lamento, meu velho. Não compreendo.

Era muito mais fácil quando falava lentamente em vez de murmurar a toda a velocidade.

- Maddy. - Christian moveu a cabeça para indicar a porta do quarto.

- Sim. Percebo. *Miss Timms*.

- *Eu*. - Christian enfiou a mão no bolso da casaca, remexeu no interior e encontrou a caixa. Colocou-a em cima da mesa e abriu-a com o polegar. - *Casar*.

O amigo olhou para a aliança. Parecia não compreender. Christian estava prestes a tentar de novo quando, de repente, Durham pousou a taça sobre a mesa.

- «Que Deus nosguarde. Perdesteaca beça?»

- Não - negou Christian.

- «*Casareste* comarapariga?» - Durham quase se levantou. Ao ouvir o sussurro de aviso de Christian, voltou a sentar-se e baixou a voz até quase a transformar num sussurro violento. - «Nãoestáa falarasé rio, poisnão?»

Christian pegou no anel e bateu com ele na madeira.

- Não passa de uma enfermeira. - Durham inclinou-se sobre a mesa.

- Tira isso da beça! É *quaker*.

- *Casar*. - Depois de contorcer os lábios com esforço, acrescentou:

- Voltar... *casa*.

Durham sacudi a cabeça.

- «Não podes vol tar, meu querido amigo. Não é se guro. Ela diz que te vão fechar.»

- Não! - Christian estendeu a mão para agarrar o pulso do amigo.

- *Casado*... não. Filho... mulher dragão quer... *filho*. Suficiente.

Só compreendeu o significado passado um momento. As sobrelhas de Durham ergueram-se. Esfregou a boca com a mão.

- Ter um herdeiro?

- Isso.

- É tudo o que ela quer?

- *Acordo* - disse Christian. - Não... *de volta*... lugar. *Casado*.

- «Então por que não casas com outra jovem?» Christian soltou um som de repulsa.

Durham rodeou o pé da taça com as mãos e fê-la girar, enquanto observava como a luz da vela iluminava o vidro facetado e fazia saltar chispas de cor, sombras e obscuridade do licor.

- «Gostas mais desta?» - perguntou, e lançou a Christian um olhar de lado.

Christian deu uma longa golada no xerez. Apoiou a ponta do polegar nos lábios, beijou-a e

levantou o dedo com suavidade. Sorriu ao amigo.

- *Trança...* - Abriu as mãos como se as pousasse no cabelo de Maddy. - *Solta.*

Durham riu-se. Fechou a mão com o polegar virado para cima e aproximou-o do rosto de Christian.

- «Então, queassim seja. Sea desejas, meu amigo, tê-la-ás. Poralgum motivoou ordenado.»

18

Miss Timms. - A voz parecia sair dos sonhos dela. - Hora de acordar, *miss Timms.* Maddy sentou-se de repente.

- O meu pai?

Estava enrolada na capa. Durante um momento de confusão, pensou que estava a ser vítima de um roubo. Havia um desconhecido que se afastava da cama com uma vela na mão e a única coisa que viu foi um perfil entre as sombras. Mas não estava em casa, não se lembrava onde se encontrava até que no círculo de luz surgiu de repente um cão que, com um salto, pousou as patas sobre a borda da cama. O animal esticou-se entusiasmado e lambeu-lhe o nariz.

Maddy respirou fundo e deitou-se para trás, a pestanejar para tentar acordar.

- Chegou isto para si. - Durham tinha na mão uma carta com um selo de lacre colocado de modo desajeitado. - É do senhor Gill.

Maddy, depois de se esforçar para manter os olhos abertos, recuperou a memória e a consciência. Aceitou a carta enquanto Durham colocava a vela junto da cama e a deixava sozinha.

Partiu o lacre e aproximou a folha, a esquadrinhar aquela letra de traços largos.

Miss Timms,

Falei longamente com o teu pai. Está de acordo contigo quanto à necessidade de proteger o duque nesta farsa e desja que te encarregues de o fazer. Incita-te a depositares a tua confiança nos amigos do duque e que o afastes de imediato do perigo, porque lhe estão a pisar os calcanhares. Deves acompanhar o duque para onde quer que ele vá. O teu pai ordena-te com a maior seriedade que não voltes para junto dele, já que estarias em perigo. Eu também não me posso aproximar de ti em pessoa, pois corro o risco de ser seguido. Levantei algumas suspeitas ao ter ido visitar o teu pai. Se tens alguma mesnagem para ele, envia-a à Belle Sauvage e eu farei com que ele a receba.

Que Desu te abençe, Amiga.

Richard Gill

- Ah - murmurou Maddy.

Aproximou mais a carta da luz, pestanejou com força e voltou a lê-la. Mas dizia o mesmo de antes, da mesma maneira estranha.

Tinha que partir com Jervaulx. Tinha que ficar ao lado dele.

Era esse o desejo do pai.

Era desconcertante. E triste. Não podia voltar para junto do pai! Durante quanto tempo? Que perigos enfrentava?

Maddy sentou-se na cama. Iriam acusá-la de rapto, não tinha dúvidas quanto a isso. *Lady* de Marly não hesitaria em fazê-lo, nem por um instante.

Fechou os olhos e rezou uma prece rápida e silenciosa, na qual pedia forças para enfrentar o seu destino. De seguida, apressou-se a procurar os sapatos. Enquanto se inclinava para os abotoar, teve de afastar *Devil* quatro vezes, já que o animal tentava saltar para cima dela. Pegou na vela e embrenhou-se na escuridão até chegar à sala.

Jervaulx estava ali, incongruente com aquela roupa tão extravagante e formal, de cabelo despenteado e o rosto a precisar de ser barbeado. Olhou-a durante um instante, desconfiado, como se esperasse que se zangasse com ele por algum motivo. O relógio bateu. Maddy aproximou a vela e viu as horas. Não passava das três e meia.

Do vestíbulo chegou-lhe o som da porta a abrir-se, e a voz de Durham a conversar com o criado. A porta fechou-se e surgiu Durham de pantufas calçadas, e com um tabuleiro no qual se encontrava uma cafeteira.

- Mark foi procurar uma carruagem, se é que consegue encontrar uma a esta hora. Por isso é melhor beberem isto depressa. Há uma mala-posta que sai do The Swan às cinco. Deverá querer arranjar-se no quarto, *miss Timms*, mas primeiro deixe-me arranjar qualquer coisa para Shev vestir.

O aspecto dele não era melhor do que o do duque e ambos pareciam ter passado a noite acordados. Durham pousou o tabuleiro e bocejou. De seguida pegou na vela e a arrastar os pés dirigiu-se ao quarto. Deixou apenas a ténue chama da lamparina de azeite como toda a iluminação da sala.

- Shev - chamou com suavidade. - Vem aqui, meu amigo, e vejamos se isto te serve.

O duque lançou-lhe um olhar rápido e de seguida dirigiu-se ao quarto.

Havia um espelho pendurado por cima da prateleira da lareira. Maddy viu que a sua aparência não era melhor do que a dos dois homens e tentou fazer alguma coisa com o cabelo mas, como lhe faltava uma escova e um pente, foi uma tarefa inútil. Teria que se cobrir com o capuz.

Serviu-se de café com a esperança que a bebida pudesse desanuviar a confusão em que a sua mente se encontrava imersa. Durham parecia ter um plano. Falara de uma mala-posta, o que significava que tinha a intenção que viajassem velozmente. Nada viajava mais depressa que a mala-posta e nenhuma saía antes do entardecer. Apanhar a mala-posta seria tão rápido e anónimo como comprar um bilhete, mas para onde iriam? Esperava que não fosse para demasiado longe. Mas, se a iam enforcar como raptora, talvez o melhor que tinha a desejar fosse a Escócia. Ou a América. Ou a Lua.

Acabou por descobrir que se tratava de Bath - ou da Estrada Real naquela direcção, numa bela mala-posta vermelha e negra, decorada com a insígnia do Cisne Bicéfalo, que reluzia sob a luz dos candeeiros a óleo de uma manhã gelada. Durham não informou Maddy de qual o destino final. De facto, tornara-se um tanto reservado ao falar com ela. Quando ela protestara pela distância, a única coisa que lhe disse foi que não se dirigiam exactamente a Bath.

Jervaulx e o amigo dormiram durante todo o trajecto. Formavam um par de aspecto bastante duvidoso. Durham estendido sobre o assento dianteiro e o duque desconfortavelmente encostado à janela em frente de Maddy, envolto numa enorme capa emprestada, com a barba por fazer e sem chapéu - o que, segundo o estranho modo de ver as coisas de Durham, era a aparência de um cavaleiro que partia para o campo por motivos de saúde. Maddy não teve outro remédio senão aceitar aquela descrição do duque porque no fundo estava próxima da verdade, mas recusara-se a chamar-lhe «Sr. Higgins» e a apresentar-se como irmã dele. Embora não tivesse a intenção de oferecer voluntariamente qualquer informação, se alguém lhe perguntasse era a enfermeira dele e chamava-se Archimedeia Timms.

Como resolvera adoptar essa posição, não a deixavam sair da carruagem excepto nas estalagens mais abarrotadas, nas quais ninguém prestava a mínima atenção a qualquer viajante em particular entre o estrépito dos cavalos recém-engajados, os gritos dos postilhões ao chegar e a pressa dos passageiros das diligências para entrar e sair depois de uma refeição rápida. Até nessa altura, quando descia sozinha ou na companhia de Durham, este insistia em que não os vissem aos três juntos para assim despistarem qualquer eventual perseguidor. Pagara um bilhete completo para

reservar o quarto assento da elegante e ligeira mala-posta e não ter de viajar na companhia de um desconhecido e, depois da primeira mudança de cavalos e postilhões, ninguém olhou para o interior do veículo enquanto ele se inclinava pela janela para lhes pagar. Até tinham deixado os cães para trás para grande desgosto destes, ao cuidado de Mark, por serem demasiado vistosos para serem vistos na companhia do duque.

Era uma maravilha viajar àquela velocidade, num veículo com boa suspensão, por uma estrada excelente, à frente de todas as diligências e até, às vezes, ultrapassar uma carruagem de aluguer. Maddy não tinha a certeza se aprovava a mala-posta. Parecia-lhe um enorme esbanjamento de esforços ao serviço de assuntos terrenos. Era um pouco presunçoso atravessar-se a toda a velocidade a obscuridade das primeiras horas da manhã. Os cavalos percorriam a galope cada uma das etapas e detinham-se esgotados, de meia em meia hora, para em dois minutos serem substituídos por uma nova parelha. Como os dois cavaleiros permaneciam adormecidos entre mudas, Maddy tinha muito tempo para ver passar a toda a velocidade e perante os seus olhos os marcos brancos, e para reflectir sobre a rapidez com que desapareciam no esquecimento.

Ao amanhecer, as longas sombras azuladas das árvores acariciaram os campos brilhantes de orvalho. Vislumbrou à distância a sombra de um castelo, o perímetro fortificado por torres e muralhas altas. Os pendões das torres reflectiam os primeiros raios de sol. Maddy espreitou para ver como os raios davam à pedra um tom dourado com matizes rosados.

- *Windsor*.

A voz do duque sobressaltou-a. Virou-se e encontrou-o a observá-la sonolento. Tinha os ombros encostados ao lado da carruagem numa posição incómoda.

O veículo deu um salto ao passar por um troço de estrada difícil, mas não abrandou a velocidade. Maddy agarrou-se à correia. A cabeça de Jervaulx bateu com força contra o lado da carruagem, enquanto Durham quase caía ao chão. Durham evitou a queda, soltou uma imprecação e voltou a ajeitar-se. Apoiou um pé no chão e cobriu os olhos com o chapéu.

Jervaulx endireitou-se. Esfregou o rosto com as mãos e manteve-o tapado alguns instantes, com os cotovelos apoiados no sobretudo que lhe cobria os joelhos. A carruagem balançou-se pela estrada. Maddy pensou que talvez agora ele acordasse por completo, mas o duque virou-se e voltou a estender-se, dessa vez em sentido contrário. Como era demasiado alto para se encaixar no assento, naquela posição precisava de apoiar a cabeça no colo de Maddy, e foi o que fez com a maior à-vontade, sem qualquer aviso para além de um suspiro profundo enquanto se instalava.

- Jervaulx - disse Maddy, aborrecida.

A resposta foi um sorriso indolente, que nada tinha de civilizado quando visto de perfil sobre o fundo escuro da barba. Parecia um cigano preguiçoso, satisfeito por dormir debaixo de uma sebe.

Como lhe era impossível prosseguir o resto da viagem com a mão erguida, Maddy viu-se obrigada a apoiá-la no ombro de Jervaulx. Pousou-a com tanta leveza que a cada sobressalto a mão se levantava até que Jervaulx a agarrou, entrelaçou os dedos com os dela, e obrigou-a a apoiar a mão com firmeza no ombro dele. Nenhum dos dois tinha luvas calçadas. Maddy deixara-as para trás na capela, e o elegante par branco de Jervaulx ficara esquecido com a pressa.

Maddy viu como o campo começava a iluminar-se e o castelo de Windsor, um enorme ponto de referência, aparecia e desaparecia ao subirem colinas ou descerem encostas. Jervaulx moveu a cabeça inquieto e aninhou-se contra ela. Com a mão livre, pegou na de Maddy e colocou-a sobre a têmpora e o queixo, de modo que cada vez que a carruagem se movia tocava-lhe no rosto. Maddy fingiu não se aperceber e começou a pensar que se o duque tivesse sido um paciente normal, uma criança convalescente ou um vizinho doente, decerto que se teria alegrado por lhe poder proporcionar todos os cuidados ao seu alcance numa viagem tão cansativa. Disse a si mesma que Jervaulx se cansava com facilidade, e que os acontecimentos das últimas vinte e quatro horas tinham sido suficientes para deixar exausta até uma pessoa a transbordar de saúde. Até ela sentia vagas de fraqueza causadas pela falta de sono e o excesso de medo.

O que se passava era que a mão de Jervaulx na sua, a apertar-lhe os dedos com firmeza,

irradiava calor e vida. E sentia a proximidade do ombro dele apertado contra ela. O corpo de Jervaulx não se mantinha tão imóvel contra a dureza da carruagem como ela gostaria.

O duque murmurou algo entre sonhos e mexeu-se. Levantou o queixo como se não conseguisse encontrar a posição mais cómoda. A pele do rosto dele estava áspera devido à barba por fazer e arranhou-lhe a palma da mão. Maddy não acreditava que estivesse a dormir e teve a certeza disso na mudança de cavalos que se seguiu.

Quando a carruagem se deteve entre sacudidelas, por entre o som de assobios e dos gritos dos postilhões, Durham virou-se e sentou-se.

Jervaulx não se mexeu. Depois de lançar um olhar rápido aos outros dois, Durham procurou a carteira nos bolsos com gestos exagerados.

Por fim, encontrou-a e quando desceu, Jervaulx beijou-lhe os dedos, Maddy afastou a mão de repente. O duque, com um suspiro, afundou-se ainda mais no colo da jovem, sem chegar a abrir os olhos.

Durham apoiou a mão na estrutura da janela e sorriu fracamente à jovem.

- Parece-me que vou ter de lhe trazer aqui o pequeno-almoço, *miss Timms*.

Às vezes, quando sonhava acordada, Maddy imaginava-se num jardim, mas nunca numa casa que tivesse um. Era apenas um jardim com espaço para tudo aquilo que quisesse plantar. Com lavanda a rodear cada um dos canteiros e um muro baixo atrás do qual se estendia o campo. Na Primavera havia ervilhas e espargos, tulipas e jacintos. No Verão, legumes e malvas, esporas e cravos-dos-poetas. No Outono, as árvores dos cantos, carregadas de fruta, inclinavam-se sobre crisântemos e arbustos de rosas silvestres. O jardim de Maddy não tinha a aparência formal dos carreiros rectos e dos relvados majestosos de Blythedale Hall, cujo único objectivo era que as pessoas passeassem por ele e falassem de coisas banais. Era um jardim para se trabalhar, com flores plantadas entre outras coisas de maior utilidade.

Na primeira manhã em que ao acordar olhou pela janela da reitoria de St. Matthews-upon-Glade, viu-o. Era o seu jardim ou, melhor, os restos descuidados dele, iluminado pelo primeiro sol da manhã, cheio de sombras e com milhares de caules que reflectiam a luz e se arqueavam sob o orvalho.

Era um autêntico caos após um longo abandono, uma confusão de ervas daninhas e antigas plantas com carreiros de pedra mal visíveis sob os desordenados matagais de erva e folhas outonais mortas. Mas era o seu jardim. Os muros de pedra cercavam um hectare de terreno, com árvores de fruto plantadas em cada esquina e no centro uma fonte simples. Para lá do muro, pastagens de um verde-vivo desciam ingrememente até à aldeia. As casas que salpicavam o vale eram todas de mesma pedra, de um cinzento-prateado, que reflectia a luz através tia longa capa de nevoeiro que desaparecia entre as árvores.

O estado de abandono da reitoria era um autêntico pecado. Durham era pior do que ela o imaginara. Não era apenas um daqueles falsos sacerdotes - e jamais vira um homem mais inadequado para estar ao serviço de Deus, a menos que se tratasse do próprio Jervaulx, ou possivelmente do coronel Fane -, mas sim alguém que descuidara o jardim e a casa até os converter numa ruína. Na noite anterior tinham chegado às dez e um quarto, exaustos, o duque tão esgotado que não parava de chocar com objectos perfeitamente visíveis. Durham virara a chave na fechadura da antiga reitoria, abrira a porta como se se tratasse de um palácio acolhedor, e Maddy vira-se obrigada a passar meia hora de um lado para o outro à procura de lençóis onde dormir.

Tinham jantado o conteúdo de um saco de papel. Empadas de carne e bolos de passas comprados a meio da tarde em Hungerford, altura em que tinham abandonado a estrada de Bath e alugado uma carruagem privada na qual viajaram apertados, já que o veículo destinava-se apenas a dois passageiros. Pela segunda noite consecutiva, Maddy dormira vestida e não muito profundamente, já que tanto a casa como a roupa da cama estavam geladas. E agora, de manhã, ao ver o abandono do jardim à luz do dia, pensou que também não deveria haver nada de adequado

para o pequeno-almoço.

Arranjou-se como pôde, sem água nem espelho. Todos os móveis estavam cobertos e os panais que tapavam a cama sujos de pó. O colchão parecia velho, coberto por dois pares de lençóis e sem cobertores. Receou que a bola de algodão debaixo do estrado da cama tivesse as inconfundíveis marcas dos ratos.

Apesar do abandono, a casa era confortável. Desceu as escadas e aguçou em vão o ouvido para captar o som do despertar de um dos dois homens que se encontravam nos quartos da outra ala. A única coisa que ouvia era o eco dos próprios passos ao atravessar uma porta de madeira lavrada e entrar num espaçoso vestíbulo de lajes de pedra no qual, como único mobiliário, existia uma mesa nua, bastante antiga, enorme, comprida e escura, com pés que terminavam em pesadas bolas de madeira.

No meio desta, encontrava-se o saco de papel que contivera o jantar, dobrado debaixo de uma chave. O nome dela aparecia escrito na parte superior. Respirou fundo e abriu o papel manchado, alisando-o.

Minha querida Miss Timms,

Para minha desgraça, vejo-me obrigado a partir sem a voltar a ver, já que devo regressar à cidade tão depressa quanto possível. Espero chegar esta noite de modo a desorientar quem quer que tente descobrir a distância que percorremos, se as suspeitas recaírem sobre mim. De caminho, informarei a Sr.a Digby que deixei a reitoria nas mãos de um amigo convalescente e pedir-lhe que se encarregue de procurar uma criada de cujos gastos me encarregarei. Para o restante, terão de depender do dinheiro das fivelas até que receba o meu salário eclesiástico do próximo mês já que, infelizmente, neste momento encontro-me sem fundos. Espero que se sintam como em casa. Se tudo correr bem, creio que terão de permanecer aí durante algum tempo. Garanto-lhe que está a fazer o mais correcto, Miss Timms e, por favor, siga da melhor maneira possível a sua consciência – e talvez também da pior – e faça tudo o que estiver ao seu alcance para o proteger.

Seu verdadeiro seguidor,

Kit Durham

P.S.:Peço-lhe que lhe diga que pensarei num modo de lhe enviar os cães, se não lhes der um tiro antes.

O próximo mês! Estava à espera que ficassem ali durante tanto tempo? Maddy dobrou a carta. Olhou em volta do vestíbulo vazio. Guardava no corpete a carteira com a maior parte das trezentas libras do duque ainda intactas, já que fora Durham que pagara todos os bilhetes. Ela e o pai poderiam ter vivido dois anos com aquela quantia.

Ouviu passadas fortes na escada. Maddy levantou os olhos no momento em que o duque surgiu na soleira da porta, despenteado e sonolento. Vestido, mas sem nada apertado ou abotoado. Ao vê-la, surgiu-lhe no rosto uma expressão de alívio. Agarrou-se à maçaneta da porta, para depois apoiar todo o peso sobre ela enquanto exalava uma enorme golfada de ar.

- So... zinho. - Fechou os olhos e sacudiu a cabeça.

- Estou aqui - disse Maddy. Fez um gesto com a cabeça em direcção à ala da casa onde ele e Durham tinham dormido.

- Não.

- Durham regressou à cidade. - Mostrou-lhe a mensagem salpicada de gordura.

Jervaulx começou a andar, aproximou-se dela e pegou no papel. Olhou para as palavras de testa franzida, o rosto ligeiramente de lado. A sombra da barba transformara-se numa mancha escura. Maddy perguntou -se se haveria utensílios para o barbear dentro de casa ou se teria de ir à aldeia comprá-los. Até que ponto era seguro mostrarem-se em público? Durham assegurara que naquele lugar ninguém reconheceria o duque, mas ela odiava ter de correr qualquer tipo de risco.

Jervaulx ergueu os olhos com um sorriso retorcido.

- *Cães.*

Maddy fez uma careta.

- Sim, vai mandar vir os teus cães irrequietenos.

Ele sorriu, um bárbaro desalinhado.

Maddy agarrou-o pelo pulso e puxou-lhe a manga da camisa para baixo para lha tirar do interior da casaca.

- Botões de punho? Fez um som de assentimento e voltou a apontar para os quartos com um gesto.

Maddy arranjou-lhe o outro punho e aproximou-se para lhe fazer o nó no laço que levava à volta dos ombros. Jervaulx manteve-se muito quieto, a observá-la sob as pestanas caídas enquanto ela o fazia. Quando Maddy ergueu os olhos, sorriu-lhe.

Apesar de não estar barbeado, pareceu-lhe estranhamente um sorriso infantil. Maddy teve que morder o lábio para não lho retribuir. Em vez de lhe sorrir, adoptou o tom de uma professora numa sala de aulas.

- Vai buscar os botões de punho. - Tocou-lhe no pulso e apontou para a porta.

Sem hesitar, o duque virou-se para sair. Maddy reparou que ainda tinha a carta na mão.

- Jervaulx - disse.

Ele virou-se para a olhar.

- Consegues ler?

Aproximou-se, estendeu o papel sobre a mesa e inclinou-se sobre ele, apoiado nos dois braços.

- «Mi... Timm. Para minha des... graça vejo... me o...bri...ga...do a partir vê...la já que devo regressar à... cid... cidade... depressa... ossí-vel.» - Olhou-a com uma expressão de triunfo. - *Ler.*

- Antes de hoje. Conseguias ler antes?

- Matemática - respondeu. Maddy lembrou-se dele a trabalhar com o pai.

- Apenas matemática - disse. - Apenas números. Ele encolheu os ombros.

- Podes fazer-me o favor de trazer os botões de punho? Depois de um gesto de assentimento rápido, afastou-se da mesa e saiu do vestíbulo. Maddy seguiu-o com o olhar. Apertou os lábios. Há uma semana, apenas há um dia, ele não teria compreendido uma frase tão longa e complicada. Sobretudo porque, deliberadamente, ela falara a uma velocidade normal.

Regressou com os botões de punho. Maddy pegou neles e, enquanto lhos colocava, perguntou:

- O que achas que devíamos fazer para o pequeno-almoço? Jervaulx prendeu o papel engordurado com o indicador e o polegar e, com uma ligeira resmungadela, deixou-o cair.

- *Empadas.*

- Jervaulx - disse Maddy -, estás a melhorar. Ele lançou-lhe um sorriso de pirata.

Missmaddy fora à aldeia. Christian deambulou pela casa, só e livre, pouco à vontade com aquela liberdade recentemente adquirida. Para fazer alguma coisa, entreteve-se a arrancar os lençóis aos móveis e deixou-os cair em montões brancos, espalhados pelo chão. Ao tirar o pano que cobria um objecto sobre a lareira da sala, deparou-se com um espelho.

Céus. Parecia o próprio Diabo, como se tivesse passado três dias entregue à bebida. A manga da casaca de Durham era demasiado curta e deixou ver de modo vulgar um pedaço do punho da camisa quando Christian levou a mão ao rosto para sentir a barba.

Que tipo tão monstruoso parecia o duque de Jervaulx. Exactamente o que agradaria a uma imaculada jovem dos «tus».

Ver-se ao espelho deixou-o um pouco atordado. Era um esforço doloroso tentar concentrar-se numa aparência inexistente, como tentar pôr fim a um sonho sem acordar. Estava ali, mas de certo modo era como se não estivesse.

Uma forte pancada na porta sobressaltou-o. Missmaddy, pensou, ao chegar ao corredor, mas no último momento hesitou. Deteve-se com a mão estendida. A aldraba emudecera, mas depois de uma pausa as pancadas recomeçaram.

Queria saber se era ela mas faltaram-lhe as palavras, como pareciam faltar sempre que eram mais necessárias. Tentou acalmar-se, controlar aquele pânico irracional. Não podia ficar ali e adiar eternamente o momento. Por fim, agarrou na velha maçaneta e fê-la girar até abrir a porta.

Um vento sufocante, impróprio para o mês de Outubro, mais quente que o ar interior, penetrou na casa. Tempo de trovoadas. Sob o alpendre de pedra, uma jovem de avental e touca fez uma reverência sob a capa.

- «Éum pra zer, nilda digy, cria dapa ratodo oservi ço.»

Olharam um para o outro. A rapariga tinha olhos grandes e escuros, e um ar de ingenuidade aldeã, demasiado inocente para não o olhar directamente e fingir que ele não tinha o aspecto horrível que sabia ter. Não parecia constituir nenhuma ameaça. Abriu a porta de par em par e afastou-se para a deixar entrar.

Maddy regressou. Trazia pão e carneiro assado com batatas num tabuleiro de forno. Enfiou tudo pela porta da frente e, ao dirigir-se rapidamente para a cozinha com o seu fardo quente, ouviu o som de uma voz feminina e deteve-se de repente. Observou, escondida atrás da porta, o interior da cozinha.

Jervaulx e uma criada estavam sentados à mesa, um em frente do outro, e seguravam ambos fumegantes canecas de barro. A jovem, cujo rosto estava virado, pairava alegremente acerca do seu «moço» e como este iria no fim-de-semana à cidade para assistir a uma conferência acerca de «assuntos químicos». Frase que repetiu duas vezes, acrescentando num tom inquiridor «está a perceber?», como se fosse perfeitamente normal que ao falar nos asseguremos que o interlocutor compreende o que estamos a dizer - decerto um costume local da região ao falar-se com desconhecidos.

Jervaulx pousou a caneca com um gesto enfático de aprovação. Com o olhar fixo na criada não deu sinal de se ter apercebido da presença de Maddy, apesar de esta se encontrar dentro do seu campo de visão.

- Oh! Sim. O meu moço é muito inteligente - disse a rapariga. Acabou de beber o conteúdo da caneca e afastou a cadeira. - Garanto-lhe que já não sei que pensar dele, desde que estive no Instituto de Mecânica e em todos esses cursos, e coisas. Vai fabricar motores. Motores, está a perceber? - Virou-se para o lava-loiças vazio e viu Maddy. - Ah! Minha senhora. - Fez uma reverência profunda e apressou-se a tirar o tabuleiro das mãos de Maddy. - O senhor Langland pediu que me sentasse ao pé dele, senhora. Chamo-me Brunilda Digby. Viu a minha mãe na aldeia? Disse-lhe que ia estar comigo? Mmm, que bem que isto cheira! Quer que o aqueça, minha senhora?

Sem esperar resposta, colocou o tabuleiro sobre a mesa e começou a trabalhar no forno. Jervaulx levantou-se, e o rosto descontraiu-se naquele sorriso fácil que fazia sempre com que Maddy pensasse em coisas mundanas e profanas. Depositou o pão e outro embrulho sobre a mesa.

- Pareces um verdadeiro malfeitor - disse gravemente. - Comprei uma navalha de barba e um pente.

Jervaulx inclinou a cabeça.

- A água está quente, minha senhora - anunciou Brunilda. Depois de ter sido apanhada sem fazer nada, parecia particularmente ansiosa por agradar. - Quer que traga a bacia?

A cozinha começava a aquecer. Maddy pensou nos quartos húmidos e frios do piso de cima, e assentiu.

- Sim. Vem comigo e diz-me onde posso encontrar mais roupa de cama.

- Sim, minha senhora. - A jovem obedeceu rapidamente, saiu da cozinha e atravessou o vestíbulo à frente de Maddy. Deteve-se no primeiro degrau e, a sorrir, disse: - Está um pouco tocado, não está? - O sorriso tornou-se-lhe mais aberto. - Mas é encantador, e muito bem-posto e

cavalleiresco. Garanto-lhe que compreendo como casou com um homem assim, minha senhora, embora não bata bem da cabeça.

Uma tempestade desencadeou-se assim que escureceu, granizo e fúria a abaterem-se com tal força que Maddy se sentiu assustada. Na cidade, as tempestades tinham-lhe proporcionado um prazer secreto quando se aninhava na cama para ouvir a chuva forte, mas agora era uma verdadeira devastação com um rugido próprio. A casa quase vazia parecia acolher os trovões em todos os recantos e voltar a lançá-los das sombras uma e outra vez.

Já há algum tempo que Brunilda fora para casa. Enquanto o fogo se avivava ou diminuía com os golpes de ar, Maddy desabotoou os botões de punho e a casaca do duque na cozinha. Quando acabou, Jervaulx recuou um passo com um olhar que ela não foi capaz de interpretar, mas sabia por experiência própria que não tinha que insistir em lhe dar mais ajuda do que a que ele queria. Com Maddy à frente dele e uma única vela, subiram as escadas juntos. Ela deteve-se ao chegarem ao patamar que separava as duas alas.

- Vais ficar confortável? - perguntou.

Seguiu-se uma breve interrupção. Jervaulx permaneceu imóvel sob a luz dourada da vela e olhou-a.

Lançou-lhe um sorriso preguiçoso, com os olhos azul-índigo meio escondidos pelas pestanas exageradamente longas. Maddy sentiu uma repentina vaga de emoção. Apoderou-se dela sem aviso prévio, e sentiu que a garganta lhe rebentava de dor, como se estivesse prestes a desatar a chorar mas não se tratasse de pranto e sim de outra coisa.

Os relâmpagos iluminaram as sombras por um momento. O rugido do trovão explodiu directamente sobre as cabeças deles. Maddy, assustada, deixou cair a vela e a obscuridade cobriu-os ao mesmo tempo que o estrondo reverberava pelo corredor. O ruído sacudiu a casa como uma força viva.

- Oh, céus! - exclamou Maddy assustada quando o ruído começou a diminuir.

Outro relâmpago brilhou e o ruído desencadeado cortou o ar. Todos os músculos do corpo de Maddy saltaram num estremecimento convulsivo. Sentiu o toque da mão do duque e lançou-se nos braços dele por entre as reverberações. Um movimento tão carente de intenção e motivos como o tremor da mão ao deixar cair a vela. Mas os braços dele rodearam-na, algo tão doce e perigoso que superava em muito o susto causado pelo estalejar dos relâmpagos.

Jervaulx apoiou-se na parede, a mão no cabelo dela, e apertou o queixo de Maddy contra o ombro. Ela sentia o peito dele a levantar e a baixar, e respirou o cálido cheiro do homem, ainda misturado com o ligeiro aroma floral com que se perfumara para o casamento. O trovão convertera-se numa vibração surda que ainda ressoava, num rumor semelhante ao produzido por uma carruagem que atravessa uma ponte de madeira durante muito tempo.

Jervaulx desenhou o contorno da têmpora dela ao de leve num contraste gritante com o modo firme com que a abraçara. Os dedos desceram e percorreram-lhe o queixo com a suavidade de uma pena para lhe acariciar os lábios com delicadeza. Apertou-a contra si com mais força e sussurrou, aproximando os lábios do cabelo dela:

- *Medo*, Missmaddy?

- Não - respondeu ela, ao afastar-se. - Não, já estou bem. Agora estou mais calma.

Aquelas palavras eram dirigidas tanto a ele quanto a ela, porque o duque não a abraçava contra vontade. Nesse momento, ao soltar-se dos braços de Jervaulx, sentiu-se nervosa e envergonhada.

- A vela - disse, e sentiu-se estúpida e corada. Inclinou-se a tentar procurá-la no escuro, satisfeita por ter alguma coisa para fazer, por mais banal que fosse. Encontrou a vela mesmo junto aos pés, mas não tinha nada com que a acender. - Lamento.

O duque parecia divertido. Pousou-lhe a mão debaixo do cotovelo e conduziu-a até ao quarto. Os relâmpagos, já distantes, proporcionavam uma iluminação hipnotizante embora inútil,

mas parecia sentir-se mais à vontade do que ela na obscuridade. A tactear a parede enquanto continuavam a andar, Maddy divisou, por fim, o ténue brilho de chamas a iluminar o chão em frente da porta aberta do quarto dela.

Soltou-se rapidamente de Jervaulx e entrou no quarto. A chuva golpeava a janela atrás das cortinas e borbulhava nas goteiras. À luz trémula das chamas, atravessou o quarto, ajoelhou-se e aproximou a vela das brasas para a acender.

- Aqui tens - disse ao levantar-se. Estendeu a vela a Jervaulx. - Agora, conseguirás ver o caminho de regresso.

Ele não lhe pegou. Olhou-a por cima da chama. Os relâmpagos distantes, misturados com as chamas da lareira e a luz da vela, iluminaram-lhe o rosto. Cavalheiresco e bem-posto, dissera Brunilda. Maddy pensou que era tudo menos cavalheiresco. A luz da vela iluminou-lhe as sobrancelhas e conferiu-lhe um aspecto de vilão, um aspecto que lhe roubava a perplexidade que lhe suavizava os olhos.

Uma gota de cera deslizou pela vela. Moveram-se ambos ao mesmo tempo. Maddy inclinou a vela para se proteger. Ao mesmo tempo, a mão esquerda de Jervaulx agarrou a dela. A cera quente caiu sem obstáculos, mas não muito longe e deteve-se no interior do pulso do duque.

Ele praguejou era voz alta. Maddy exclamou:

- A tua mão! Não o devias ter feito! Jervaulx apagou a vela com um sopro.

- Cuidado! - disse ele asperamente.

- Queimaste-te?

A mão de Maddy continuava presa na dele. Soltou uma gargalhada irónica.

- *Queima*.

E percorreu os dedos de Maddy com o polegar, numa carícia lenta. Abraçou-a com força e, de repente, soltou-a, o rosto desenhado pelas chamas e pela obscuridade.

Olhou-a como se quisesse ter a certeza que ela o compreendia. Ali, naquela casa, isolados pela chuva e pelos trovões, e pela intensidade do olhar dele, Maddy teve receio de o fazer.

Jervaulx levou o pulso ao peito.

- *Queima*, Missmaddy - afirmou.

E, de seguida, virou-se e deixou-a rodeada pelas chamas vacilantes e pelos trovões.

19

Ter de se vestir de manhã enchia Christian de fúria. Estava farto de usar a roupa de Durham. Depois de um longo dia de viagem até a sua roupa tinha melhor aspecto, sobretudo depois de ter sido lavada há pouco por Brunilda. Calçar as meias, enrolá-las com cuidado foi fácil, mas quando chegou o momento de abotoar as calças de veludo sentiu-se furioso consigo mesmo, com a sua mente desorientada e com as mãos que não respondiam como deviam, e que transformavam gestos tão simples numa tarefa tão árdua.

Depois de um longo momento de frustração, acabara de abotoar o último botão apenas com uma mão, quando ouviu a porta da rua a bater com estrondo. Olhou pela janela e viu Missmaddy, com a capa a adejar à sua volta, a dirigir-se para o alto da colina por um caminho de cabras. Avançava em direcção contrária à da aldeia com passos rápidos e decididos, com o aspecto de alguém de partida.

Christian soltou uma imprecação. Deixou a casaca pender-lhe da mão e, sem colete e com a camisa aberta, saiu do quarto.

Maddy não sabia muito bem para onde se dirigia. A tempestade trouxera consigo o Inverno em toda a sua dureza. O vento do norte cortou-lhe as faces. A chuva torrencial da noite anterior convertera o jardim num lamaçal sujo e vergonhoso, mas a erva sob os seus pés voltava a erguer-se

à sua passagem, resistente, prestes a começar a gelar, e cada passo que dava fazia-a estalar. Tinha a saia levantada, embora naquele momento pouco lhe importasse. O seu melhor vestido cinzento estava tão remendado e manchado, que o adjetivo «melhor» já não era a definição adequada.

Ao chegar ao alto da colina, deteve-se e virou o rosto para norte, satisfeita pela brisa gelada que lhe embateu no rosto. Passara toda a noite a ouvir a tempestade caprichosa. Naquela manhã, a única coisa que queria era impor uma disciplina fria e férrea ao seu coração.

Era uma prova, disso não havia dúvida. Estava a ser submetida a um teste, e descobriu que era feita de uma matéria mais vulgar do que leria imaginado.

Até o submeter-se a uma censura própria significava entrar em areias movediças. Repetir a si mesma que não se deveria deleitar com carícias humanas era recordar o modo como a mão dele tocara na sua. Menosprezar a carnalidade do seu ser era pensar no rosto dele, iluminado pelo resplendor do fogo, em toda uma tempestade silenciosa, composta de chamas e do azul da meia-noite.

Ouviu passos atrás dela, o som do ar depois de uma exalação repentina. Virou-se e ali estava ele. Parara a poucos passos, atingido pelo vento e em mangas de camisa, o tipo de homem que as mulheres maduras e razoáveis que seguiam o caminho adequado recomendavam às jovens que, se algum deles se dirigisse a elas, não respondessem.

- O que é que aconteceu? - perguntou num tom deliberadamente cortante.

A boca de Jervaulx franziu-se um pouco, como se estivesse a tentar falar e não conseguisse. Afastou o olhar do dela e olhou para baixo, para a distância. O vento soprou-lhe o cabelo escuro.

- Volta. Vais morrer de frio.

Jervaulx levantou os olhos. Eram da cor das nuvens no centro do furacão, de um azul mais profundo do que o céu atrás dele.

- Volta para casa - repetiu Maddy, e recomeçou a andar. Ele começou a andar ao lado dela.

Durante alguns metros, ela fingiu indiferença. De seguida, parou.

- Quero andar sozinha - afirmou com o rosto virado para o vento, sem o olhar.

- Onde?

Pela violência da pergunta, compreendeu a dor que o atingia, sentiu que a arrogância que aparentava não era verdadeira - mas algo nela era-o e agarrou-se a isso.

- Porque é que o queres saber?

Jervaulx ficou um pouco tenso, como um cavalo sensível que reage perante uma palavra brusca. Agarrou-a pelo cotovelo, mas Maddy virou-se e soltou-se.

- O que queres de mim? O que é?

O maxilar dele endureceu. Fez um movimento como se a fosse deter e, de seguida, com uma dificuldade visível controlou-se, deixou cair a mão e, com um enorme esforço, disse:

- *Amiga.*

- Sou tua enfermeira, nada mais que isso. Um vestígio de troça surgiu-lhe no rosto.

- Enfermeira... *fica* - disse com maior clareza que anteriormente. Maddy respirou fundo. Ficara sem argumentos. Decerto que nenhuma enfermeira honesta desataria a correr pelo campo fora, a insistir que o paciente se arranjassem sem os seus cuidados. Incomodada, apertou a capa contra si.

- Volta... para... *mim.*

- Não, por favor. Agora não. Não... Quero dar um passeio. Sozinha.

O sorriso de Jervaulx converteu-se numa expressão de desagrado.

- Passeia - disse com o queixo a tremer. - Vol... ta.

Maddy não o percebeu, não encontrou qualquer sentido naquela contradição, até ele se afastar e dirigir-se ao muro que se curvava sobre a colina. Encostou-se à estrutura grosseira.

- *Passeia* - disse enquanto fazia um gesto rápido e expansivo com a mão.

Agora já não fazia sentido procurar a paz nos campos desertos mas, obstinadamente, Maddy apertou a capa ondulante contra o corpo, virou-se e recomeçou a andar. Desceu por um declive e voltou a subir a encosta seguinte. Atravessou outra colina e outro vale, e assustou um pequeno

rebanho de ovelhas que pastava do outro lado. Quando chegou ao ponto mais alto, o vento era cortante. As orelhas doíam-lhe, até sob o capuz da capa.

Aquela fútil tentativa de fuga fora uma perda de tempo. Ele tinha-a vencido. Aquilo de que queria fugir encontrava-se no seu interior. Nem por um instante durante o passeio pensou noutra coisa senão em Jervaulx.

Descobriu que não podia continuar. Com a renovada determinação de agir como uma enfermeira eficiente e de afastar o seu paciente daquele ar doentio, recuou pelo caminho percorrido e levantava a saia com cuidado sempre que tinha de saltar os pequenos riachos no fundo das covas.

Quando avistou a reitoria e a igreja, não se encontrava ali ninguém de camisa branca e aparência sombria para lhe dar as boas-vindas. O lugar onde Jervaulx a esperara não passava de uma solitária extensão de pedras em cima de pedras. Maddy deteve-se, e de seguida divisou-o no cimo da colina sentado num afloramento de rocha. Levantou-se quando ela se aproximou, uma silhueta forte e elegante delineada contra o Sol da manhã.

- Vem - disse ela. Deteve-se a uma distância que lhe pareceu adequada a qualquer tipo de emoção alheia à natural preocupação de uma enfermeira. - É melhor entrarmos.

Ele estendeu-lhe a mão. Atrás dele, a luz apanhou uma cor inesperada - os longos caules de crisântemos silvestres sacudidos pela brisa.

Jervaulx ofereceu-lhe as flores sem qualquer expressão, sem um sorriso ou contrição. Era algo tão inesperado que se sentiu subjugada, o estranho brilho dos crisântemos fora de estação em finais de Outono no meio da paisagem nua, a frescura radiante apesar da tempestade intensa. Sentiu-se desorientada, incapaz de lhe dirigir uma resposta adequada, de expressar uma gratidão ligeira e impessoal. Teve a sensação que as faces, incendiadas pela frustração, ainda lhe ardiam mais.

- O que é que queres de mim? - gritou. - Não sou uma complacente mulher da vida. - Arrancou-lhe as flores da mão e atirou-as ao ar. A brisa envolveu-as, dobrou os caules e fê-los desajeitadamente rodar até ao chão. - É uma indelicadeza da tua parte assediáres-me com as tuas atenções frívolas!

Ele hesitou, virou a cabeça e olhou-a de rosto franzido. Naquele momento, ao sentir-se o centro das atenções, a cor espalhou-se-lhe pelo rosto.

- Peço... *perdão* - disse com uma expressão dura e acalorada. - Timms! Imperti... *nente*. - As últimas sílabas ficaram presas num som misto de gargalhadas e fúria.

Desviou o olhar ainda a tentar falar e sem o conseguir, como se as palavras de que necessitava se precipitassem pelo campo que se encontrava atrás dela. Torceu o lábio e exclamou:

- *Estúpido*.

- Não! Não és estúpido. És um homem do mundo, perverso. Soube-o desde o primeiro momento em que te vi. E estás a piorar. Beijas-me e abraças-me! - A indignação dela aumentava a cada segundo. - És abominável.

Jervaulx olhou para o campo, os olhos semicerrados contra o vento que lhe fazia ondular a camisa e o cabelo.

- Isso não pode existir entre nós, compreendes? - E acrescentou com abandono, dizendo em voz alta algo que a teria sobressaltado apenas ao pensá-lo: - Nasci *quaker*, Jervaulx. Tu nasceste nobre.

Obteve um silêncio sombrio como resposta.

- Já te ocorreu pensar o que seria de mim? Não, tenho a certeza que não. - Exalou bruscamente. - Os Amigos renegar-me-iam. É a nossa lei.

Continuou sem obter resposta. Parecia imerso naquele seu estado de orgulho vazio. O olhar desfocado, perdido, tal como na audiência da Chancelaria.

- Não pertenceria aos Amigos! - exclamou, frustrada, ao não obter resposta. - Ficaria sozinha!

- Não - disse ele, inesperadamente. Virou-se e estendeu-lhe a mão com a palma para cima, vazia, com uma expressão simples e masculina. - Missmaddy. Co... *migo*.

Maddy olhou para a mão estendida. Brotou-lhe do interior uma dor aguda e crescente, que se lhe deteve na garganta com o resto das palavras, recusas e explicações. Afastou-se bruscamente dele e desatou a correr prado abaixo a toda a velocidade, a resvalar sobre a relva húmida e verde, a deslizar sobre os calcanhares, à beira da queda mas sem chegar a cair, excepto no seu coração.

O pior era que ele a fizera pensar. Encherá-lhe a cabeça de falsidades e fantasias. Sonhara não apenas com um jardim que não lhe pertencia, mas também em viver ali com ele. Os dois sozinhos com o pai, tranquilos, em paz, laboriosos, com Maddy a trabalhar no jardim e na casa, e Jervaulx e o pai de cabeças juntas debruçados sobre números e equações. Imaginou, por momentos, que era o Jervaulx que vira naquela curta noite antes de sucumbir à doença, trocista, articulado, confiante em si mesmo. Mas com maior frequência, era o Jervaulx actual que lhe aparecia, só que quando ele lutava contra as palavras e a frustração, ela pegava-lhe na mão ou acariciava-o. E essa imagem levava-a a imaginar outras coisas imprecisas, ou talvez não tanto, que despertavam algo nela e que a faziam sentir-se libertina e envergonhada.

Durante todo o dia, Maddy evitou-o deliberadamente. Manteve-se ocupada a arejar as salas e a limpar os painéis de carvalho da sala, sempre na companhia de Brunilda. Apenas falou uma vez com Jervaulx. Quando o encontrou no frio e empoeirado estúdio da reitoria, a utilizar uma pena velha e folhas arrancadas aos livros de sermões para fazer cálculos matemáticos. A lareira não estava acesa, e a única luz filtrava-se por uma janela coberta por uma trepadeira. Sentiu-se de tal modo irritada ao descobri-lo numa posição tão incómoda que, em tom brusco, mandou-o ir para a cozinha para que ela e Brunilda se pudessem encarregar de tornar a sala habitável.

Quando ele se afastou não o olhou e começou de imediato a limpar as teias de aranha. Brunilda permaneceu junto da porta mas, de repente, deu a volta e desapareceu. Regressou um quarto de hora depois e pegou na vassoura. Varreu por baixo da mesa e à volta das estantes, sem se deter.

- Posso dar-lhe uma opinião, minha senhora, se me quiser ouvir?

- Sim? - respondeu Maddy, à espera de algum conselho acerca das lides domésticas.

- Não deveria falar ao seu moço com tanta desconsideração. Alguns não se importam, mas há outros que apenas querem carinho.

Maddy mordeu o lábio com força e continuou a limpar o pó. Brunilda continuou a varrer.

- Mas é mais velha que eu, minha senhora - prosseguiu, após uma longa pausa -, e sabe melhor que eu o que faz. Talvez não tenha reparado no modo como ele a olha.

Maddy ordenou um monte de folhas de papel de escrever que encontrou numa das gavetas. Colocou-as no centro da escrivaninha, ao lado de uma pena recém-afiada.

Brunilda dobrou-se pela cintura.

- Ele quer-lhe muito - disse a olhar para a pá. - Não deveria ser tão brusca com ele quando não existe nenhum motivo, minha senhora.

- Precisamos de velas aqui - replicou Maddy, sem qualquer inflexão na voz. - Há alguma tesoura de podar? Quero aparar a hera da janela.

- Sim, minha senhora - respondeu Brunilda.

Ao fim da tarde, a mãe de Brunilda apareceu com trutas frescas, um empadão e nata para o chocolate de Jervaulx.

- Porque a minha filha disse-me que o senhor Langland adora chocolate. - A camponesa sentou-se com um ondular de carnes rosadas e começou a limpar o peixe. - Onde vai passar a ir, minha senhora, à igreja ou à capela?

- Brunilda não te disse que pertences aos *quakers*?

- Sim, disse. Então vai à capela.

- Não há uma casa de Assembleias aqui perto?

- Há uma capela unitária importante em Stroud, mas isso fica a mais de dez quilómetros.

- Talvez fique por aqui. Não estou habituada a coisas importantes - disse Maddy com um

sorriso.

- Isso é uma pena. Então não vai querer visitar a nossa nova igreja na aldeia onde se fazem os mercados. É muito imponente, garanto-lhe, e tem um órgão que chega até aos beirais. Foi o duque que o doou. Teve que o fazer, sabe?, para que os sacerdotes o deixassem instalar a biblioteca da Sociedade Mecânica. Tenho que dizer que há homens sábios e homens sábios, e aqueles que pertencem à nossa igreja são excepcionais, ninguém o pode negar. Aquele órgão é um verdadeiro espectáculo.

Maddy começou a cortar uma abóbora com cuidado.

- Estamos a falar de que duque?

- Do duque de Jervaulx. Não gosto de repetir estas coisas, mas dizem que é um cavalheiro de má índole e inteligente como um raio, mas não posso dizer nada quanto ao seu senso comum. Toda esta terra que vê, incluindo as ovelhas, é dele. Ah, mas isso irrita os grandes agricultores que pensam que a poderiam utilizar de uma maneira melhor. Pela minha parte, não sei grande coisa. Mas não gostaria que as coisas mudassem, não com a minha idade. No entanto, não me importo de dizer que me sinto satisfeita por ver esta casa limpa. O reverendo Durham é seu parente, senhora Langland?

- É amigo de Francis Langland - respondeu Maddy.

- Que maneira tão estranha vocês têm de falar. Tratar o marido pelo nome completo.

Maddy inclinou-se sobre a abóbora que estava a cortar.

- É um testemunho público. Não utilizar títulos mundanos, nem mentir nem tratar um homem como nosso senhor quando não o é.

A mais velha das duas mulheres desatou a rir à gargalhada.

- Não trata o seu marido por senhor? Maddy continuou com a cabeça baixa.

- Não - disse num tom de voz abafado.

- Mas que coisa. A minha filha disse que é um rapaz forte e atraente, que parece um cavalheiro.

- Sim - disse Maddy.

- Mas que tem uma mente débil. Maddy pousou a faca de cortar legumes.

- Não tem a mente débil. Esteve doente.

- Claro, claro, não duvido - disse a mãe de Brunilda, num tom reconfortante. - Essa idiota da minha filha é que precisa de uma cabeça mais forte. Mas tem bom coração e já gosta muito dele, sabe? Não deixou de insistir que eu passasse por aqui e trouxesse a nata assim que acabasse de tirar o leite.

- Foi muito amável da tua parte.

- Não precisa de agradecer, senhora Langland. Fico satisfeita por o poder fazer. O reverendo só vem cá uma vez por ano, dá o seu sermão às galinhas da viúva Small que se metem na igreja, e não incomoda ninguém. Se puder fazer algo por ele, fá-lo-ei.

Maddy olhou-a desconcertada, sem saber se a mulher dissera aquilo com sarcasmo, mas esta continuava a trabalhar com um sorriso bem-disposto no rosto redondo.

- O meu William trabalha na sacristia - prosseguiu -, e disse-me que um reverendo intrometido seria o pior que poderia acontecer a esta paróquia. Sobretudo porque não sabemos o que o duque, que é um homem impetuoso, inteligente e aquele que se encarrega da nomeação, poderia fazer. Andámos todos muito preocupados, digo-lho com toda a sinceridade, mas gostamos muito do reverendo Durham.

O som dos latidos de um cão atormentou os sonhos de Maddy. Parecia tornar-se cada vez mais alto, até se transformar em alguém a bater a uma porta distante. Virou-se na cama e viu que a luz cinzenta da alvorada se filtrava pelo vidro.

As pancadas na porta eram reais. E o cão também. Ouvia-o claramente. Pegou na capa para se cobrir e atravessou o corredor e um dos quartos vazios para olhar para a entrada através da luz

fraca.

De olhos ainda sonolentos, perscrutou o exterior e distinguiu a silhueta de uma carruagem e o vapor dos cavalos a respirar, mas a borda do beiral de pedra não lhe permitia ver os ocupantes. Os latidos de outro cão juntaram-se aos do primeiro. As pancadas pararam de repente. Decerto que graças a Brunilda, e ouviu-se a voz de um homem. Durham? Mas mal tivera tempo para dar a volta e regressar. Maddy saiu a correr e chegou ao patamar no momento exacto em que um cão preto e branco corria pelas escadas acima e se enrolava nas pernas dela.

- Miss Timms! Não temos um minuto a perder! - Era Durham no fundo das escadas quem gritava, ao mesmo tempo que uma lufada de ar frio lhe chegava da rua. - Estão mesmo atrás de mim! Temos que partir imediatamente!

Jervaulx já se encontrava no piso inferior, vestido com desalinho, coberto por um abrigo de camponês que Brunilda lhe conseguira arranjar numa loja de roupa já feita que havia na cidade. A criada vestia capa e um avental como se tivesse acabado de chegar, e parecia tão desorientada quanto a própria Maddy. Durham subiu os degraus de dois em dois, pegou-lhe na mão e puxou-a para baixo. Maddy teve que se concentrar nos degraus para não perder o equilíbrio. Quando chegaram ao fundo da escada, viu o coronel Fane - enfiado numa capa azul que lhe cobria o uniforme escarlate - junto da entrada enquanto pela porta aberta entravam flocos de neve.

Durham empurrou-a para fora em camisa de noite e sapatos sem meias. O vento, de um frio cortante, bateu-lhe de frente mas não teve tempo de pensar nisso, já que o coronel Fane lhe rodeou os ombros e obrigou-a a correr ao lado dele, quase a levando ao colo para que não ficasse para trás.

- O que é que se passa? - gritou, a tentar virar-se e a olhar para trás - Vêm atrás do duque?

- Pisam-nos os calcanhares - replicou ele, também aos gritos e a puxar por ela, para logo de seguida e sem aviso prévio lhe pegar ao colo como se fosse tão leve como um saco de penas. - Temos que chegar à igreja.

A silhueta do campanário surgiu escura no meio da madrugada fria, decorada com pequenos flocos de neve pegados às pedras e beirais. O coronel Fane chegou à entrada e pousou-a no chão no momento exacto em que Jervaulx chegava acompanhado por Durham, com Brunilda atrás. Formou-se uma confusão de pessoas e cães na entrada até que Durham abriu a pesada porta em arco e precipitaram-se todos para o interior, juntamente com uma vaga de vento e neve.

Durham enfiou o enorme trinco de madeira no lugar e despertou ecos que ressoaram pela abóbada. A luz difusa do alvorecer encheu de cor e sombras o recinto, transformou os vitrais - que cercavam uma roseta de cor rosa, dourada e azul, suspensa por cima da cruz e de um altar vazio - em aberturas brilhantes e deixou o resto nas sombras. De algum lado chegou-lhes o sonolento cacarejar de galinhas e uma delas, branca, bateu asas até se encarrapitar num varandim na parte dianteira da igreja, de onde se entreteve a observá-los com um olhar malicioso. *Devil* ficou a olhá-la, o corpo a tremer de interesse.

- Miss Timms - disse Durham, a arquejar -, estão a menos de um quarto de hora daqui. Encontrei Fane no caminho. Não há tempo para explicações, mas resta-nos uma última esperança. Apenas uma, *miss*. Que a menina case com ele. Agora, neste momento. Eu posso celebrar o matrimónio.

Maddy, em camisa de dormir e capa, emudeceu.

- Já sei que é muito precipitado. Esperava poder evitá-lo, encontrar outra saída, mas descobriram-nos muito antes daquilo que eu esperava. Miss Timms, podem levá-lo. Eu não o posso evitar e Fane também não. Perante a lei, não lhe somos nada. Podem levá-lo e voltar a fechá-lo.

- Mas, não o podes esconder? Levá-lo para um local mais distante?

- Não há tempo! Não há tempo, *miss* Timms! Está a ouvir? Fane, fecha as portas, corre todas as trancas! São eles a cavalo!

E assim era. Sobre o rugido do vento, Maddy ouviu o som do que poderiam ser cascos a pisar a pequena ponte mais abaixo, mas um momento depois o som desvaneceu-se. Brunilda era toda ouvidos.

- Estou a ouvi-los! - sussurrou.

- Por favor! - suplicou Durham. - Pelo amor de Deus, *miss Timms*, é a única pessoa com a qual podemos contar. Apenas cinco minutos e converter-se-á na sua parente mais próxima perante a lei. Não lhe poderão tocar se a menina o recusar.

- Mas... é impossível. Sou *quaker*!

- Mesmo que fosse uma maldita hindu. É a nossa única esperança. O manicómio, *miss*. Foi a menina que o tirou de lá. Conhece-o melhor do que ninguém.

- Não compreendes! Não me posso casar pelas mãos de um sacerdote numa igreja! Apenas para satisfazer a lei! *Não posso!* Temos que o tentar esconder!

Durham afastou-se bruscamente. Maddy enfiou as mãos geladas debaixo dos braços. Olhou para o duque. Ele observava os amigos que verificavam as entradas. Quando a olhou de lado, os olhos de ambos cruzaram-se e seguiu-se um instante de emotividade. Não sabia se ele compreendera tudo o que Durham lhe dissera, mas naquele momento soube que sim. Estava rígido e arrogante. Não disse nada, não pediu nem suplicou a ajuda dela, tão distante quanto estivera desde o momento em que o deixara na colina.

O som que um momento antes lhe parecera distante e irreal aumentou de repente. Ouviu-se o bater de ferraduras de ferro na pedra do átrio e homens a gritar. *Devil* começou a ladrar e Brunilda gemeu:

- Quem são?

Ao mesmo tempo começaram a sacudir a enorme fechadura da porta, mas o ruído da madeira amorteceu as vozes exteriores e a única coisa que lhes chegou foi a violência e a fúria que transmitiam.

Durham regressou a grandes passadas.

- Demasiado tarde! Maldição!

Os perseguidores abandonaram a porta principal. Uma das entradas laterais estremeceu perante o assalto e as vozes confusas do exterior tornaram-se mais belicosas. *Cass* corria de um lado para o outro a uivar. Pareciam ser muitos. A outra porta lateral começou a ser sacudida ao mesmo tempo. As galinhas, presas de pânico, começaram a correr de um lado para o outro e a esvoaçar por entre as barras do varandim, em busca de um esconderijo. *Devil* perdeu a compostura e começou a persegui-las entre ladridos frenéticos.

Brunilda soltou um grito abafado. Maddy virou-se e viu o coronel Fane a avançar pela nave a desembainhar o sabre. Durham puxou por uma espada introduzida na bengala e, a seguir, tirou uma pistola do interior da casaca e entregou-a a Jervaulx.

- *Não!* - gritou Maddy e, presa de horror, foi incapaz de pronunciar outra palavra. Tentou agarrar Durham e Jervaulx ao mesmo tempo. O duque já se encontrava fora do alcance dela, mas conseguiu agarrar a manga de Durham. - Não o deves fazer! Não!

Ele soltou-se.

- E em vez disto que sugere que façamos, *miss* ?

Com o ruído do assalto às portas e o ladrar dos cães, mal se ouvia o que dizia. Colocou-se em posição à frente, no ponto em que a porta de madeira se movia como se estivesse viva. Maddy olhou para o outro lado, viu o coronel Fane a defender a entrada esquerda e Jervaulx, de joelhos atrás de um dos bancos, com o braço encostado às costas deste, a apontar para a outra porta. Os ladridos e uivos de *Devil* ressoaram misturados com o cacarejar das aves.

- *Não!* - gritou com toda a força de que foi capaz. - Não utilizareis a violência! Nenhum dos três!

Viraram-se todos para a olhar. Até *Devil* saiu a arrastar-se de baixo de um banco em silêncio, com uma pena de galinha no focinho.

- Deixem essas... armas... onde estão. E venham cá!

Durham foi o primeiro a obedecer e atirou a espada ao chão. O coronel Fane embainhou a sua e seguiu Durham até à parte mais elevada atrás do varandim em que Maddy parara. A jovem olhou furiosa para Jervaulx que, por fim, a exhibir um orgulho displicente, se levantou e depositou a pistola no banco que se encontrava à sua frente.

As pancadas nas portas tinham parado. Até as vozes perderam intensidade, como se se tivessem agrupado para se consultarem.

-Jervaulx - disparou Maddy -, recebi de Deus a missão de te amar. Tu és o meu marido e eu a tua mulher, somos esposos sem outra obrigação se não a de nos amarmos.

Os três homens olharam-na como se tivesse endoidecido. Brunilda encontrava-se atrás deles, a tremer, a cobrir a boca com o avental, os enormes olhos a descoberto.

- Isto é tudo o que me é possível dizer no momento presente.

De repente, Durham pareceu recuperar a consciência. Remexeu na casaca e tirou um livrinho. Subiu para junto de Maddy, virou as páginas até chegar a uma que tinha marcada e começou a ler as preces do matrimónio eclesiástico. No exterior, alguém recomeçara a dar pancadas na porta principal, desta vez com muito mais força, com um instrumento mais sólido que a mão humana. *Devil* agachou-se com os olhos cravados na porta e começou a rosnar. Quando Durham chegou à parte dos votos que o homem devia repetir, Jervaulx olhou para Maddy com uma arrogância enorme e amarga e, por um instante, ela pensou que nem sequer o ia tentar.

- *Sim!* - pronunciou irónico. - Eu... *Christian Richard N'cholas Francis Langland...* tomo-te... *Missmaddy...* Maddy... ah... *Archi... me Missmaddy Timm...* de agora... em diante no bom... e no mau... na riqueza... e na pobreza... na saúde... e na doença... e amar-te... e res-peitar-te até que a morte... nos separe, em cum... primeto da ordem divina. E por isso... declaro-te... *mi... lher!*

Durham olhou para o livro.

- Ah... sim, está correcto, Shev, velho amigo. - Ergueu a voz para se fazer ouvir por cima das pancadas ritmadas contra a porta. - E exactamente assim. Esqueceste-te de lhe pegares na mão, mas não interessa. E agora, *miss Timms*, prefere repeti-lo depois de mim?

- Já disse tudo aquilo que me é permitido dizer.

Durham franziu um pouco a testa e, de seguida, encolheu os ombros.

- Está bem, isso é suficiente. Agora vem a parte do anel. Fane?

O coronel Fane permanecera imóvel com um ar tranquilo e a mão no punho do sabre. Quando Durham se lhe dirigiu, uma expressão absurda de horror apoderou-se do seu rosto.

- Santo Deus, Fane! Esqueceste-te!

- Não! Mesmo agora... eu *dar*. - Jervaulx lançou-lhe um olhar feroz. - Tu... *pensar!*

O coronel pareceu perplexo, e de seguida o rosto iluminou-se-lhe.

- Tenho os papéis - disse. Tirou-os e estendeu-os a Durham. O amigo arrancou-lhos da mão.

- És um verdadeiro imbecil. Temos que utilizar o anel de sinete de Jervaulx. - Durham consultou o livro, depois olhou esperançado para o duque. - Deves entregá-lo a ela, que por sua vez mo passará para que eu o possa abençoar.

Jervaulx olhou para a mão, na qual o sinete de ouro contrastava com uma opulência sem brilho com a roupa escura. Houve uma pausa no assalto à porta, e ao mesmo tempo uma pancada repentina que ecoou pela pequena igreja. *Devil* ladrou uma única vez e começou a correr na direcção da pancada. As galinhas cacarejaram assustadas e esconderam-se debaixo dos bancos.

Jervaulx aproximou o anel da mão de Maddy com a palma para cima.

O frio entorpecia-lhe os dedos. Enquanto lhe tentava tirar o anel da palma, sentiu a pele quente dele junto da sua, a mão grande e firme. O anel caiu-lhe sobre a mão. Maddy ia entregá-lo a Durham, mas Jervaulx tirou-lho da mão e enfiou-lho no dedo. Ficava-lhe tão grande que ele teve de o segurar.

- *Anel...* eu te... *desposo*. - E olhou-a nos olhos como se a desafiá-la a contradizê-lo.

Ouviu-se um único uivo na parte de trás da igreja, e uma das galinhas esvoaçou até chegar ao alto do candelabro, deixando para trás um *Devil* frustrado com as patas da frente levantadas.

- Usá-lo-ei, como o Senhor mo ordena - disse Maddy.

- Era suposto eu abençoá-lo primeiro - protestou Durham.

- Ninguém senão Nosso Senhor o pode fazer - foi a resposta de Maddy.

- Muito bem. Mas está no livro. Vamos manter aqui uma certa ordem.

As pancadas recomeçaram. Desta vez, nas portas laterais. Durham ergueu a voz.

- Aceita que dirija eu a oração, miss Timms? Se lhe serve de ajuda, fui ordenado.

A madeira da porta lateral começou a ceder com um rangido alarmante. Os dois cães correram para ela, a bufar, de pêlo eriçado.

- Depressa! - exclamou Maddy.

- Oh, despache-se! - repetiu Brunilda.

- Deus eterno... vida eterna. Deixemos a oração. - Durham percorreu a página com o dedo. -

Mmm... mmm... ah. - Inclinou-se e, desajeitado, uniu a mão de Maddy à do duque, com uma certa dificuldade para segurar o livro ao mesmo tempo. - O que Deus uniu que nenhum homem separe. - E teve que voltar a procurar. A porta foi de novo empurrada e abriu-se uma brecha. - No que se refere a mim, Chris-tian... Raios, Shev! Como é o resto do teu maldito nome? Christian Richard, etc, etc, duque de Jervaulx e Archimedeia Timms deram o seu consentimento mútuo no sagrado matrimônio e testemunharam o mesmo perante Deus e aqueles aqui presentes. - Nesse momento, a porta voltou a ceder e ele começou a falar mais depressa. - E, deste modo, juraram e entregaram o seu amor. - Abriu-se outra fenda na porta. - Um-ao-outro-e-declararam-o-mesmo-ao-fazer-entrega-e-receber-um-anel-e-ao-unirem-as-mãos. - A porta estremeceu e transformou-se em pedaços. - Eudeclaro-vosmaridoemulheremnomedoPai-doFi-lho-edoEspíritoSanto. Ámen!

Como se se tratasse de uma obra de teatro, a porta abriu-se. Brunilda gritou. E os perseguidores irromperam pela igreja.

20

Ai, minha senhora! - Brunilda abriu passagem entre os homens que abarrotavam o vestíbulo da reitoria até chegar junto de Maddy, a fazer uma reverência a cada passo. - Ah, *milady*! Devo tratá-la assim? Ah, senhora! Eu não o sabia! Juro-lhe que não!

Maddy apertou a capa contra o peito, aterrorizada por poderem descobrir que estava de camisa de dormir. Sentia-se estranha e irreal, o impacto do que acabara de acontecer a abater-se lentamente sobre ela. Aquela imagem de Jervaulx com a pistola apontada para a porta, o rosto frio e rígido - Maddy sabia que ele preferia morrer a regressar a Blythedale Hall. E num momento carregado de tensão viu o que aconteceria quando os homens derrubassem a porta - e decerto... decerto... que fizera a única coisa que estava em seu poder para o evitar.

E agora tinha que continuar com aquilo. Não se podia levantar e declarar que fora tudo uma farsa levada a cabo num momento de terror. Tinha que ser a duquesa de Jervaulx, manter a calma ao lado dele, lalar em nome dele, e mostrar que não ia permitir que a família dele a verdadeira família dele - passasse por cima dos desejos de ambos. - Não te dissemos - confessou à criada. - Lamento o que aconteceu. Foi um erro enorme.

- Já passou! Não interessa, minha senhora. E também ele estava-lhe prometido. Talvez, como é *quaker*, a família nobre não se tenha sentido satisfeita. Não a culpo, minha senhora, por casar em segredo. A minha tia e o meu tio fizeram o mesmo. Viveram sob o mesmo tecto até se poderem dar ao luxo de passarem pelo altar. E vocês ocupavam quartos separados durante a noite. Eu mesma posso testemunhar isso. - Sorriu com timidez. - Agora já não precisa de o continuar a fazer, com um moço tão bem-posto para a beijar e aquecer. O duque! Mal posso acreditar que seja verdade. O senhor Langland, bem, pois não é o que se pensa, não é? Correu o rumor que o duque de Jervaulx é um homem muito inteligente. Tem a certeza?... - E gaguejou. - Tem a certeza que se trata do verdadeiro duque?

- Sim - disse Maddy, que pelo menos podia responder com a verdade àquela pergunta. - E não me deves tratar por *milady*.

- Como é que a devo tratar, minha senhora?

- Por excelência - aconselhou Durham, ao mesmo tempo que colocava dois jarros de cerveja espumosa nas mãos de Brunilda. - Os nossos convidados estão sedentos.

- Sim, senhor. Vou buscar um tabuleiro. - Pegou nos jarros e dirigiu-se para a cave.

Durham, quando punha de lado o aspecto indolente e entrava em acção, não dava a ninguém tempo para pensar. Para além de anunciar a meia dezena de esbirros enviados pela duquesa viúva que Maddy era a nova duquesa de Jervaulx, também conseguira conduzi-los, juntamente com os cães e os cavalos, pelo átrio até ao vestíbulo da reitoria, preparados para participar num pequeno-almoço nupcial. Apesar dos gritos e das pancadas, os homens não pareciam estar muito preocupados com o fracasso da sua missão. E a promessa de bebidas fortes na celebração fez com que a esquecessem por completo.

Na reitoria, Durham abordara Maddy e Brunilda de imediato, e explicara-lhes onde encontrar a fonte para saciar os hóspedes, e regressavam os três da adega no momento em que a mãe de Brunilda surgiu no meio da confusão, com as faces avermelhadas pelo vento e surpreendida pela companhia. Não se via Jervaulx em lado algum, mas o coronel Fane dava explicações aos gritos a informar a espantada matrona qual a natureza daquela celebração. As núpcias do duque de Jervaulx.

- Ah, esse - disse ela e pareceu um pouco menos perplexa. - Pois desejo-lhe muita felicidade. Vocês todos conhecem-no pessoalmente, senhor?

- Claro que sim, minha querida. Muito bem. Ah! E ali está ela. A recém-casada! - O coronel abriu os braços e fez uma saudação galante a Maddy, como se fossem espectadores de um desfile e ele estivesse a apontar para o rei.

A camponesa virou-se e riu-se para ele.

- Grande brincadeira! Aquela não passa da senhora Langland. O coronel Fane inclinou-se e sussurrou-lhe ao ouvido.

Ela ouviu-o. Levou uma unha à boca e, depois de olhar fixamente para Maddy, empalideceu para de seguida começar a corar. Maddy apertou a capa contra o corpo, consciente de estar sem touca e do cabelo solto que lhe caía até às costas numa única trança frouxa, que era a maneira como o penteava para dormir. A mulher respirou fundo e pareceu hesitar entre o susto e a desaprovação.

- Por todos os deuses! - exclamou por fim, a sacudir a cabeça. - As surpresas que a vida nos dá! Então, será melhor que eu me encarregue da refeição, porque essa idiota da minha filha nem deve saber por onde começar. Toda a aldeia se vai apresentar aqui, antes de o dia acabar. Longa vida e felicidades para si, *milady*, e para ele. - Fez uma reverência e dirigiu-se para a cozinha.

- E onde raio é que ele se meteu? - perguntou Durham, a olhar para Maddy.

Ela já sabia que Jervaulx não se encontrava na sala.

- Vou procurar lá em cima - disse, satisfeita por ter uma oportunidade para se afastar.

No piso superior reinava a tranquilidade, em contraste com o som alegre das vozes masculinas do piso inferior. Encontrou-o no quarto, com os cães aos pés, a tentar barbear-se. Estava em mangas de camisa, vestido com as calças de veludo e o colarinho aberto, de pé em frente do espelho que se encontrava sobre a prateleira da lareira, com uma expressão carrancuda. Ensaboara um dos lados do rosto, e no outro tinha apenas uns salpicos de espuma, como se só de vez em quando se tivesse recordado que também tinha que a ensaboar.

Maddy tirou um dedo de baixo da capa e verificou a temperatura da água da bacia.

- Deverias fazê-lo com água quente - disse.

Ele sobressaltou-se, olhou para o lado errado do espelho e teve que se virar para a ver. Maddy não foi capaz de o olhar de frente. Permaneceram ambos incomodados por um momento e, de seguida, Jervaulx aproximou-se da cadeira e sentou-se de costas para ela, como fazia sempre que Maddy o barbeava.

Começou a barbeá-lo como se estivesse apenas a lavar a roupa ou a limpar o pó, rápida e eficiente. Não queria pensar naquilo que fizera. Recusava-se a prestar atenção à imobilidade dele ao observá-la e como a sua pele estava quente e perfumada. Evitava, sobretudo, olhá-lo nos olhos porque eram muito azuis e escuros, e olhavam-na com uma enorme intensidade enquanto ela se

esforçava por manter a capa apertada contra o corpo e barbeá-lo ao mesmo tempo.

Acabou de o barbear. Ele tirou-lhe a toalha das mãos, limpou o rosto e levantou-se da cadeira. Maddy virou-se para lhe endireitar a casaca. Vestira a de veludo castanho. O colete bordado, a faixa azul e o medalhão estavam sobre a cama. Apercebeu-se de repente que ele pensava que aquela roupa era a que a ocasião requeria. E, por algum motivo, aquilo fez com que o casamento de ambos parecesse muito, mas muito verdadeiro. Não se casara com aquela roupa esplêndida mas agora, como se soubesse o que a mãe de Brunilda previra, que toda a aldeia iria até ali, vestia-se como um duque.

E ela tinha que ser a sua duquesa.

Olhou para outro lado, e examinou-se de cima a baixo. Ainda vestia a camisa de dormir emprestada debaixo da capa, e a trança chegava-lhe aos joelhos. Rir-se-iam dela, que se casara de camisa e sem touca. Casada com um duque. Casada por um sacerdote. Casada numa igreja. Casada, casada, casada... com ele.

Sentiu-se um pouco aturdida. Quando se virou, Jervaulx estava a observá-la. Respirou fundo, apertou mais a capa e estendeu-lhe o colete.

Ele segurou-lhe a mão através do tecido.

- *Esposa* - disse.

- Não sou duquesa. - Não sabia se estava a pedir perdão ou a protestar.

Ele sentiu o enorme anel de sinete sob a seda do colete e ajeitou-lho no dedo.

- *Minha*.

Maddy afastou a mão.

- Tal como os cães são teus? Eu não te pertença, Jervaulx, apesarde trazer o teu anel.

Com um movimento rápido, o duque tirou-lhe o colete da mão e vestiu-o, a encolher os ombros. Começou a abotoar os botões com uma mão, sem avançar muito mas apesar disso sem ajuda. Por fim, Maddy fechou-lhe o colete e começou a abotoá-lo. Como a capa a preocupava, leve quase tantos problemas como ele tivera.

Depois de tentar durante um bom bocado sem sucesso, ele teve um gesto de desespero. Pegou-lhe nas mãos e afastou-lhe a capa. Maddy tentou puxá-la para si, mas ele tinha mais força. Com uma sacudidela, abriu o botão. A capa protectora de Maddy deslizou para o soalho. Ele passou os olhos pela camisa e, de seguida, encostou as costas à cabeceira da cama, descuidadamente imponente por entre a seda e as icndas do colete, e entreteve-se a fazer uma inspecção lenta à pessoa dela.

Um sorriso muito ligeiro surgiu-lhe nos cantos dos lábios.

- Vem - ordenou, ao mesmo tempo que se levantava. Como ela não lhe obedeceu de imediato, estendeu a mão, puxou-a e conduziu-a pelo corredor, para além das escadas até ao quarto dela, com os cães a correrem alegres à frente e atrás deles.

Foi o próprio Jervaulx a abrir o roupeiro. Olhou para o interior e depois para a camisa de dormir.

- *Tudo?* - perguntou com as sobrancelhas franzidas, como se Maddy escondesse um roupeiro cheio de vestidos de noite noutro lugar.

- Sim - respondeu ela.

- Vestir... mulher. - E fez uma pequena reverência. - Prazer.

Maddy escancarou os olhos. Reparou que o rosto dele se iluminava.

- Eu visto-me sozinha, obrigado. Faz o favor de saíres.

Ele inclinou a cabeça e, após um momento de confusão, sorriu.

- *Comprar* vestidos... digo. Uma dezena. Uma centena.

- Oh. - Maddy sentiu-se cheia de vergonha. - Não percebi bem. Jervaulx afastou-se na direcção da porta. Maddy esperou que ele saísse. Em vez disso, deixou sair os cães e fechou a porta, virou-se e encostou as costas contra a madeira. Não se percebia qualquer expressão nos seus lábios, mas a sombra do sorriso de pirata surgiu-lhe nos olhos.

- Tens de sair - disse ela, rapidamente. - É indecoroso. O duque fez uma expressão de

surpresa.

- Não? Decoro... enfermeira... *eu*. Mas... marido... *mulher*?

- Não o somos de verdade... não estamos... - Mas foi incapaz de o dizer.

Algo imutável surgiu no rosto de Jervaulx, algo novo a que se agarrar.

- Perante Deus... Missmaddy. Eu te... *desposo*. Ela afastou-se.

- Não vejo como poderia ser verdadeiro. Tenho a certeza que não o é. É apenas uma maneira de enganar os homens que estão lá em baixo.

O duque calou-se. Maddy olhou para os cortinados da cama, o venerável tecido roxo desbotado na parte exterior das pregas, a barra manchada, o emaranhado de lençóis amontoados sobre a cama que abandonara com tanta pressa. Para seu horror, sentiu-se muito consciente de si mesma, do corpo sob o linho fino, da trança que lhe caía pelas costas até às ancas.

O soalho rangeu. Reparou que ele se aproximava dela por trás e se imobilizava muito próximo.

Manteve-se quieta, sem se mover.

Ele pegou-lhe na trança e fez com que, sob a sua pressão, se virasse um pouco de lado. Não a magoou. Brincava com ela. Poderia ter-se afastado enquanto ele brincava com o cabelo, a puxá-la a pouco e pouco na sua direcção. Sabia-o. Manteve-se no mesmo sítio com o rosto desviado, corado, consciente daquilo que o estava a deixar fazer. Jervaulx retorceu a trança e um estremecimento percorreu-a do pescoço à nuca.

- Missmaddy - disse com doçura, e conseguiu perceber no tom de voz aquele sorriso trocista.

Maddy sacudiu a cabeça, como se fosse uma pergunta e ela lhe desse um «não» como resposta.

Ele aproximou-se mais. Maddy sentiu nas costas o calor que desprendia. Levantou-lhe a trança por cima do ombro e enrolou-lha à volta do pescoço.

Muito lentamente, começou a apertar-lhe a trança. Maddy levou a mão ao pescoço para lhe tirar das mãos e impedir que ele a apertasse mais. As costas, as ancas tocaram-no. Ficou rígida e o pânico imobilizou-a.

Jervaulx segurou-a pelos ombros e puxou-a para si, dominador. A forte respiração dele roçava-lhe a orelha. E, inesperadamente, a força do seu abraço transformou-se numa carícia. Percorreu-lhe as mangas com as mãos, entrelaçou os dedos nos dele e cobriu-lhe as mãos com as palmas das suas.

Um murmúrio suave, uma música profunda como as gargalhadas dele. O som que ele emitia ao percorrer com os lábios o pescoço nu pareceu despertar uma nota no seu interior, uma nota que transformou os seus arrepios em ressonância. Jervaulx levantou os braços, as mãos de ambos ainda entrelaçadas, e cruzou-os contra o peito de Maddy.

A trança cobria-lhe o ombro e as mãos dos dois. Ele brincava com a ponta do cabelo. Segurou-o numa mão e acariciou-o com o polegar. A madeixa de cabelo com que Maddy rodeara a trança para a apertar partiu-se e o cabelo soltou-se.

Ele emitiu um som rouco e profundo. E soltou-a, antes que ela se reencontrasse no abraço dele, antes que pudesse perceber como se sentia. Apenas sabia que ele era sólido, alto, quente e catastrófico. E sen-liu-se nua e vazia quando ele a soltou.

Jervaulx passou ao lado dela e encostou-se à cama, a segurar a trança despenteada. Quando a esfregou com os dedos, o entrançado desfez-se e o cabelo caiu-lhe sobre a mão. Sentou-se à beira da cama desfeita e sorriu a olhar para o cabelo que tinha na mão.

- Torre - disse. - Donzela... *torre*.

- Não percebo. Tenho que me vestir.

Ele abriu os dedos e começou a desfazer o resto da trança a partir de baixo, a subir cada vez mais.

- Soltaste o cabelo. Cabelo... brilhante. - Sacudiu a cabeça. - Donzela. Não consigo lembrar... *donzela*.

- Tens de ir - disse Maddy, em voz baixa e trémula.

A cada pedaço de trança que subia e desfazia, ia-a aproximando cada vez mais dele.

- Missmaddy. - Avançava sem se deter. - Princesa... torre. Fechada. Sozinha. Príncipe... fora... sem escada. - Tocou-lhe no joelho. Já chegara a metade, e o cabelo já estava solto abaixo da cintura. - Chama... solitária... bela princesa... soltaste o cabelo. Cabelo belo. *Longo*, Sobe... vem para junto de mim.

Aproximou-a dele. Maddy encontrava-se agora entre as pernas dele, com a trança quase desfeita. Inclinou-se para a frente e soprou para afastar o cabelo do peito de Maddy. Introduziu os dedos nesse local e percorreu com eles todo o comprimento do cabelo.

- Vem para junto de mim.

Voltou a soprar e aproximou os lábios do cabelo. Maddy sentiu uma ligeira pressão na ponta de um seio, um instante de contacto roubado, tão rápido e estranho que começou a tremer e, com um arrepio, tentou afastar-se quando ele lhe beijou o outro seio com a mesma suavidade, mas o braço dele mantinha-se ali, à volta da cintura dela, para a prender.

- Missmaddy - sussurrou, com um gemido profundo que lhe saía da garganta enquanto afundava o rosto entre o peito dela e aproximava as mãos para os acariciar. - Brilha... princesa. - E cobriu-lhe os seios com as palmas das mãos, o cabelo negro sobre o branco da camisa de dormir.

Maddy afastou-se, a recusar-se.

- Não. Não posso. Os dedos dele apertaram-na, prenderam-lhe a cintura. Percorreu-lhe os seios com os lábios, a garganta.

- *Minha*. Estava muito próximo. Despedaçava-a, convertia-a numa estranha perante si mesma. O corpo latejava-lhe e doía-lhe, nu e entregue ao dele. Debateu-se para se conseguir afastar.

- Não sou tua. Não foi um verdadeiro casamento.

A linha da boca dele alterou-se. Apertou-a com mais força.

- Sim. *Verdadeiro*.

- Para mim, não.

- *Verdadeiro*.

-Não.

Olhou-a, os olhos a lançarem chamas azuis e escuras, completamente imóvel.

- Já te disse - disse Maddy, a abraçar-se, a pressionar-se para trás. - Já to disse antes. É impossível. - A voz tremia-lhe, sentia que calafrios lhe percorriam os membros e apertou os braços com mais força.

- *Igreja*. - E soltou-a tão de repente que Maddy teve de recuar um passo para não perder o equilíbrio. - Igreja... digo... desposo... *esposa*. Eu... digo... desposo-te. Amar, honrar, proteger, morte. Digo. - Levan-lou-se da cama. - *Mentira?*

Ela humedeceu os lábios.

- *Esquecido?* - A boca esboçou uma expressão de desprezo. Afastou-se dela. - *Jervaulx*... receber... Deus... missão. *Amar*. Marido eu... tu mulher. - Junto da janela, apoiou o antebraço sobre o lado do peitoril sem cortinas. Pelos postigos entreabertos, filtrou-se uma luz cinzenta que lhe iluminou o perfil. - Eu... lembro-me.

- Terias utilizado a violência. Começarias a disparar contra aqueles homens. Tive medo... - *Por ti*, pensou mas não o disse. - Tive medo da violência.

Jervaulx sorriu com amargura.

- Palavras falsas, Missmaddy? Tudo... *mentiras?*

Se virasse a cabeça, veria toda a trança desfeita, a cobrir-lhe os ombros como uma espécie de leque, uma obra das mãos dele.

- Não sei - respondeu. - Não sei! Como pode ser vontade de Deus que me case contigo?

Jervaulx manteve-se junto da janela, atraente, coberto de rendas e dourados. A luz que lhe caía sobre o cabelo escuro e sobre as pestanas era tão sensual como os seus beijos, como as mãos dele sobre a sua pele.

- *Feito* - disse. - Por... que... não... *aceitar?*

Era uma pergunta simples. E ele não tinha nada de simples. E ela também não, já não.

- *Feito.* - Apoiou a mão na cabeceira da cama. - Casar. *Mulher.* Afastou-se e dirigiu-se à porta. Antes de a abrir, olhou-a. Aquele olhar encerrava uma ordem, um desafio. Desafiava-a a negá-lo.

- Jervaulx - disse devagar -, responde-me a uma pergunta. Na igreja, se me tivesse colocado entre ti e os outros homens... terias disparado?

- Entre - repetiu e inclinou a cabeça atento.

- O meu corpo... a minha pessoa... entre tu e os outros. A expressão do rosto dele alterou-se, alerta.

- Se me tivesse interposto - voltou a perguntar -, teria conseguido impedir que os matasses?

Permaneceu em silêncio durante um longo período de tempo. E de seguida, disse de modo cortante:

- Sim.

O coração de Maddy saltou. Existira outra solução. Depois de tudo o que acontecera, agira mal.

- Mesmo que... que isso significasse o teu regresso a Blythedale Hall?

- Sim.

Tinha-se enganado. Deveria ter-se mostrado submissa e não opor resistência, em vez de assumir um papel de autoridade. A única coisa que conseguira fora trocar um mal por outro.

Atravessou a sala para se aproximar dela e levantou-lhe o queixo com os dedos.

- Missmaddy - disse. - Nunca... pôr-se no meio. *Nunca.* A jovem afastou o rosto.

- Não o posso prometer.

- Responde... *me* - disse. - Posto entre... não matar... Deixar... *levar*, Missmaddy? - Voltou a agarrá-la com tanta força que a magoou. - Esse lugar? Vontade... de Deus?

Não.

Aquela resposta era clara, muito clara. A voz interior que lhe falava cheia de certezas.

O turbilhão de dúvidas dentro de si acalmou-se. Fizera o correcto. Houvera duas escolhas, dois resultados inevitáveis. Casar e desse modo garantir a liberdade dele, ou impedir a luta e deixar que o capturassem e encarcerassem.

Cumprira assim o desejo de Deus. Casara-se com ele e, por isso, o matrimónio tinha de ser autêntico.

- Não deixaria que te prendessem, Jervaulx, se estivesse nas minhas mãos fazê-lo. E é essa a Verdade.

As mãos dele afrouxaram. Maddy poderia ter-lhe dito muitas mais coisas. Poderia ter-lhe dito que agora estava mais segura de que as palavras na igreja tinham sido fruto da Iluminação, e por isso ela viveria para tornar realidade o compromisso de ambos.

Não o fez. Mas recordava as palavras que pronunciara na igreja melhor que ele. *Sem outra obrigação senão a de nos amarmos*, fora a sua promessa. E Jervaulx mesmo depois de Blythedale Hall, pensou, apenas se regia pelas suas próprias normas.

Talvez houvesse uma razão para que Deus lhe pedisse aquilo. Era um compromisso demasiado grande para ser assumido num instante. Mas esperaria pelo momento de o explicar, porque Jervaulx era um duque e uma criatura mundana, e ainda não estava preparada para o compreender.

No fim do dia, à medida que a carruagem percorria com dificuldade um troço íngreme das colinas de Gales e iniciava a descida para o outro lado, apercebeu-se da primeira consequência da decisão que tomara.

- *Ali* - anunciou Jervaulx.

Maddy já o vira pela janela da carruagem. Surgiu de repente no seu campo de visão, como se flutuasse sobre a cumeeira do outro lado do vale. Um círculo branco de torreões, uma espécie de

cintilante gargan-lilha de pedras, meio tangível, enorme e no entanto leve, coroada por nuvens, sombras e torres que pareciam surgir das profundidades de um sonho. Uma visão medieval, desvanecida e resplandecente.

Era imponente e translúcido como o eco de um sonho que, em vez de desaparecer, se ia materializando à medida que se aproximavam. Os muros brancos brilhavam, centenas de janelas nas torres altas a reflectirem o último sol da tarde enquanto a carruagem descia até ao vale mais abaixo.

Durham sorriu a Maddy do assento da frente. O coronel Fane esticou as pernas tanto quanto os bons modos o permitiam e perguntou:

- A que horas é o jantar?

Jervaulx exclamou - *Casa* -, num tom de voz no qual ressoava o carinho e a satisfação.

Maddy observou o castelo. Era magnífico. Com o céu e as nuvens atrás dele, assemelhava-se a uma proclamação. Exibia poder, anunciava riqueza, luxo e fausto, não como se fosse um grito, mas sim como uma melodia.

Havia um motivo para que Deus lhe tivesse pedido aquilo, repetiu interiormente.

Fizera o que estava certo.

Estava aterrorizada.

21

Christian apoiou a cabeça no encosto trabalhado de uma cadeira que a rainha Isabel I oferecera a um distante tetravô. Era uma espécie de trono, embora tivesse sido concebido para um homem mais baixo, e por infortúnio uma das garras da fénix que a coroava projectava-se para a frente e cravava-se sempre na orelha esquerda de Christian, se este não tivesse cuidado.

O criado retirou-lhe o prato. Observou o brilho do candeeiro a óleo através da taça de vinho enquanto Fane falava incessantemente de cavalos, tema muito pouco adequado na presença de uma dama, pensou Christian, o que o fez recordar-se que era o anfitrião e que era responsabilidade sua dar-lhe um fim. Durante três séculos e meio, os senhores e os duques de Jervaulx tinham presidido à mesa no Salão Grande. Situava-se quatro pisos acima da torre de entrada, a uns cem metros da base da rocha que caía em precipício e tinha uma bateria de janelas para vigiar as fronteiras, com um raio de visão de cerca de trinta quilómetros em ambas as direcções.

Retinha tudo aquilo na memória, mas não podia confiar na própria língua para dizer algo de civilizado. Missmaddy, sentada na extremidade da mesa comprida, mantinha a cabeça baixa. Era estranho, mas parecia-lhe muito pequena e dócil. Decidiu que tinha que fazer alguma coisa para interromper aquela conversa tão masculina.

- *Dia...* esgotante, Missmaddy? - perguntou e interrompeu Fane no meio de uma frase, já que não podia atrasar as palavras, tinha que as dizer assim que lhe surgiam na mente.

Ela levantou o rosto.

- Um pouco - disse com uma voz que mal se ouviu na enorme sala.

- Claro que sim - disse outra voz. Christian lembrou-se que Durham se encontrava à sua direita e olhou nessa direcção. Sabia da presença de Durham. Apenas, às vezes, esquecia-o se deixasse de o olhar. - Uma viagem longa e fatigante, para além do casamento - acrescentou Durham. - Far-nos-ia bem um porto.

- Um porto - disse Christian -, *salão*.

- Excelente ideia - concedeu Fane, a assentir. - Um porto no salão das damas. Deitarmo-nos cedo.

Olharam os três para Maddy, à espera que esta se levantasse. Ela retribuiu-lhes o olhar. Parecia absurdamente pequena numa cadeira semelhante à de Christian, com as asas da fénix abertas sobre a cabeça.

Durham percebeu-o antes de Christian.

- Duquesa, os homens não se podem levantar até que a senhora os autorize - disse com amabilidade.

Maddy levantou-se e eles imitaram-na. No entanto, ainda se sentia hesitante. Christian dirigiu-se à extremidade da mesa e pegou-lhe por um braço. Conduziu-a até ao salão adjacente, no qual tinham fechado as janelas e baixado os cortinados para manter o calor da enorme lareira de pedra. Os cães levantaram-se de um salto da almofada colocada em frente da lareira e sacudiram a cauda em sinal de boas-vindas. Com uma palavra brusca, Christian fê-los sentar. Maddy parecia mais interessada na ponta dos pés do que nas ricas tapeçarias de guerras e orgias que decoravam as paredes. Sentou-se onde ele lhe indicou sem os elogios habituais à beleza da sala.

De facto, dava a impressão de não sentir qualquer interesse pelo seu novo lar. Christian estava habituado a contar a história do lugar aos hóspedes. Tinha três discursos preparados acerca do assunto. Um curto, um intermédio e o último muito longo. Estes variavam entre uma conversa frívola depois de um jantar ou de um percurso completo pela casa. Naquele momento, parecia que teria de evitá-los a todos, o que o deixou um pouco irritado, embora soubesse que não seria capaz de os dizer.

- Amanhã, eu e Fane vamos à cidade - disse Durham de costas viradas para a lareira.

Maddy mostrou os primeiros sinais de vida desde que chegara, ao virar-se para Durham.

- Levas-me uma carta?

- Claro que sim. Se o deseja.

- Peço-te. É para o meu pai.

- Pai? - Durham hesitou e procurou o olhar de Christian.

- Terás de lha ler - disse Maddy num tom de desculpa. - Se não te importares.

Durham fez uma expressão de impotência.

- Claro, mas deve ter em consideração que a viagem pode ser curta...

- Escreve - interrompeu Christian. Aproximou-se da mesa e pegou em papel e numa pena. Colocou-os em cima da escrivaninha e foi buscar uma vela. - Missmaddy escreve, Durham visita... Timms. - Lançou um olhar a Durham cheio de significado. - Pede... Timms para vir aqui.

O prazer e o alívio que inundaram o rosto de Maddy foram a melhor recompensa.

- Oh, pode vir aqui?

- Teu... *lar*. Queres... que... venha... viver? Um tom rosado estendeu-se pelas faces dela.

- O meu pai... viver aqui?

- Sim.

Maddy baixou os olhos.

- *Queres?* - voltou Christian a perguntar. Voltou a olhá-lo.

- Sim! Quero-o a meu lado. Mas... é tão estranho... Aqui? Não me consigo habituar à ideia.

Christian pegou na pena.

- Escreve - disse.

Maddy levantou a saia e sentou-se no local que ele lhe preparara. Jervaulx permaneceu por um momento ao lado dela e depois afastou-se.

Queria ser ele mesmo a escrever ao pai dela, mas receou não ser capaz de o fazer. Naquele momento, não. Já lhe fora muito difícil ter de assinar o livro de registos na igreja, e ainda não tinha a certeza se escrevera todo o seu nome sem erros. Com a pressa, parte do nome resistia-lhe. Quando tivesse tempo começaria a escrever em privado e obrigaria as malditas letras a surgirem sem erros.

A porta do Salão Grande abriu-se e apareceu o mordomo com o café e o porto. Christian indicou-lhe por sinais que servisse Maddy na escrivaninha. Só falava com os empregados se se visse obrigado a fazê-lo. Até ao momento fora surpreendentemente fácil. O castelo de Jervaulx funcionava com a perfeição de um relógio. Desde que a carruagem atravessara o portão que o mecanismo entrara em funcionamento. Os viajantes tinham sido recebidos no vestíbulo pelo mordomo e pela governanta, e Christian apenas tivera de apresentar Maddy com as quatro palavras que estivera a praticar em voz baixa desde Gloucester. *A duquesa de Jervaulx*.

Tinha a sensação que se esquecera das palavras pequenas, mas que pronunciava as

importantes do modo exacto. Os criados de maior categoria tinham respondido de imediato com as reverências adequadas e apresentaram-se. Naquele momento, Calvin pai compreendeu o gesto silencioso de Christian e agiu em conformidade. Serviu um café a Maddy e pousou-o junto dela na escrivaninha. Christian teve a certeza que poderia confiar no facto de que, na manhã seguinte, haveria um pequeno-almoço substancial colocado sobre a mesa à hora habitual, e que os quartos de Durham e Fane já estariam preparados.

De repente, um pensamento assaltou-o. Quando Calvin pai se retirava pela porta, depois de deixar o porto, Christian seguiu-o até ao Salão Grande e fechou a porta atrás de si.

- Esta noite... o quarto - disse. - O *quarto* da minha duquesa. - Não, não era assim. Christian sentiu-se corar. Não era a sua duquesa. Quisera dizer o próprio quarto. Ela dormiria ali. Depois de um momento longo e doloroso, disse: - A cama. - Céus! Que grosseria! - O quarto... duquesa. Ela é... - Outra pausa interminável. - *Minha*. - Ia de mal a pior e olhou o mordomo, furioso.

- Como quiser, excelência - disse Calvin pai com as mãos atrás das costas e uma ligeira inclinação.

Cheio de fúria e vergonha, Christian retirou-se para a sala. Fane estava a servir-se de porto, enquanto Durham continuava a baloiçar-se sobre os calcanhares junto da lareira.

- Precisas de alguma coisa da cidade, Shev? - perguntou Durham lo mesmo tempo que aceitava um cálice das mãos de Fane.

Christian respirou fundo. Era um autêntico teste e esgotava-o lutar contra o muro da sua fraqueza, mas tinha que aguentar.

- *Conta*. - Esforçou-se para descobrir uma maneira de o dizer. -Tia Vest. Maddy... eu te desposo.

- Combinado - respondeu Durham de imediato. - Que os filisteus estejam preparados para cair sobre ti, eh?

É claro que cairiam sobre ele. Toda a família, com a mulher-dragão à cabeça, assim que soubessem. Santo Deus, a mãe e as irmãs iam ficar histéricas. Com o maxilar apertado, esboçou um sorriso sardónico.

Fez-se silêncio. Maddy, ocupada a escrever a carta, não percebeu. Fane acariciava as orelhas de *Devil* sem parar, e afastava-o de cima de três em três carícias. Durham baloiçava-se suavemente em frente da lareira.

- Desafio-te a uma partida de bilhar, coronel - disse Durham de repente.

- Vamos! - Fane animou-se com a proposta. - Jogamos a guinéus?

- Achas que sou um marajá? - Durham já estava em frente da porta com o porto numa mão e a outra sobre a maçaneta. Fez uma ligeira vénia na direcção de Maddy. - Dá-nos autorização, excelência?

Maddy olhou para ele.

- Não me deves chamar excelência.

- Duquesa - disse para a acalmar. - Quero dizer, duquesa.

- Archimedeia - disse Maddy, teimosa.

- Missmaddy - sugeriu Christian com um ligeiro sorriso.

- Boa noite - disse Durham. - Antes nos alongarmos mais. Desejo-lhe felicidades, duquesa-Archimedeia-Missmaddy. E a ti, Shev.

Fane repetiu os votos de felicidades e contentou-se com um «minha senhora» dirigido a Maddy.

- Cães - ordenou Christian. - Fora.

Fane assobiou, como um flautista de Hamelin do mundo canino, e os cães levantaram-se e seguiram-no através da porta aberta.

- Durham - chamou Christian quando a porta já se fechava atrás deles. - Obrigado... - Queria acrescentar mais alguma coisa, mas não se lembrava das palavras.

Colado à sombra da porta, Durham virou o polegar para cima e sorriu-lhe. A maçaneta girou até se fechar.

Christian serviu-se de um cálice de porto, sentou-se e fechou os olhos.

Um alívio estar sozinho na sua própria casa. Descontraiu-se. Sentiu um formigueiro na mão direita, o preço a pagar pela exaustão. Ouvia o arranhar interminável da pena de Maddy, e meio abstraído viu que não lhe era fácil escrever aquela carta.

A familiaridade do ambiente que o envolvia parecia-lhe estranha. O modo como a casa funcionava apesar de ele entarmelar e confundir as ordens. Sentia-se em casa mas ao mesmo tempo um impostor -como se quem vivesse ali fosse um ser irreal, e o verdadeiro ele, ele mesmo, fosse um ser desorientado, assustado e feito em pedaços, que pertencia a uma cela nua na companhia de outras criaturas despedaçadas. E, no entanto, o manicómio retrocedera até se converter num pesadelo. Ele *era* mesmo ele, normal. Apenas uma parte da mente estava imersa numa neblina escura, fora de alcance.

Mas começava a regressar. Fora capaz de chegar até ali, até Jervaulx, portanto devia estar a recuperar. Recordava-se de ter estado num estado muito pior do que o actual, mas o presente era tão frustrante, e o futuro...

Até àquele momento limitara-se a pensar no futuro como um modo de chegar até ali são e salvo, cada momento a passar perante ele como um vislumbre rápido durante uma corrida de obstáculos, como quando um cavalo galopa a toda a velocidade por um terreno desconhecido ao cair da tarde e a única coisa a fazer é deixá-lo avançar e começar a rezar. Sorriu para si mesmo de olhos fechados, mas era isso que sentia. Fora tudo uma espécie de remoinho de obstáculos, decisões e palavras que o assaltavam para de seguida desaparecerem, e agora superara tudo e chegara ao outro lado.

Dera o grande salto. Estava casado.

Céus.

Até ao momento correria tudo bem. Correria tudo como ele imaginara. Em casa, a salvo, em paz. A fiel Missmaddy escrevia sentada à escrivaninha.

Abriu os olhos e observou-a. Detivera a pena, segurava-a no ar e acariciava os lábios com a ponta de pêlo enquanto reflectia. Parecia limito cuidadosa. Do lugar onde se encontrava, não a vira riscar nada apesar de ter papel suficiente para escrever todos os rascunhos que lhe apetecesse. Christian sempre utilizara montes e montes de papel para organizar os pensamentos antes de se contentar com a versão final.

Pousou o cálice sobre a mesa e observou a competência cuidadosa que se desprendia dela. Imaginou que a educação *quaker* a obrigava a não desperdiçar. Ou talvez fosse porque aprendera a economizar em circunstâncias difíceis. Ou talvez tivesse a ver com a própria Maddy, que era poupada por natureza.

De repente, percebeu que não o sabia. Casara-se com aquela jovem simples, excepto no que se referia ao cabelo e às pestanas hedonistas, mas não sabia quase nada a seu respeito.

Imaculada e decente, casta, cuidadosa, leal, moderadamente corajosa nalgumas coisas, e uma verdadeira leoa noutras. Quando lhe locava, sentia-a presa de agitação, de uma agitação feminina e agradável. Enquanto a olhava, ela tocou na ponta da pena com a língua, lambeu-a pensativa, com naturalidade e sem se aperceber, e um calor liquido começou-lhe a brotar nas virilhas.

Não conseguia dissolver completamente todo aquele cansaço de chumbo que o imobilizava. Tinha tempo. Era a sua mulher. Em qualquer momento, onde lhe apetecesse. Ali mesmo se o quisesse.

Sorriu. Recostou-se no assento e imaginou que se levantava, que se aproximava dela, lhe soltava o cabelo maravilhoso que lhe caíria em cascata até ao chão, lhe arrancava aquele colarinho de solteirona que lhe escondia a garganta, abria-lhe todos os botões. O vestido severo caía em desordem até à cintura, e o ventre, os seios e os ombros eram macios e níveos, e aquele cabelo...

Respirou fundo e exalou, quase um suspiro que não chegou a soltar.

Tomá-la-ia ali, pensou, ali mesmo no salão, à sua duquesa. Despi-la-ia até à cintura, beijá-la-ia, acariciá-la-ia. Ela agitar-se-ia como uma ave de plumagem macia, estremeceria, suspiraria e

estenderia as pernas e encostar-se-ia à escrivaninha. O cabelo reflectiria o brilho das chamas e cobri-la-ia com a cor dourada da cerveja do pescoço até ao requintado tapete Axminster, os pés nus e dedos a flectirem-se enquanto ele lhe sentiria o sabor - tão doce - entre caracóis quentes e secretos, brilhantes e lascivos.

E dentro dela, céus, dentro dela... imaginou-a a abrir-se perante ele como uma flor. Na sua imaginação, o vestido desaparecera e ela estava nua em toda a sua perfeição, em toda a sua glória. Uma ninfa bela e esguia no salão, cheia de desejo, a arquear-se sobre a cadeira e a empurrá-lo para dentro, os lábios abertos... a desejar tê-lo cada vez mais perto, a querer que ele se afundasse nela com maior profundidade e força...

O duque emitiu um ligeiro ruído. Maddy, derrotada, baixou por fim a pena. Não o conseguia explicar ao pai, não o conseguia fazer em palavras que Durham iria ler em voz alta. Quando olhou para Jervaulx, viu que ele adormecera, com a cabeça um pouco virada para ela, o rosto tranquilo, como se estivesse a ter sonhos muito agradáveis.

Maddy não o conseguiu evitar. Fê-la sorrir.

Tinha as mãos apoiadas na madeira lavrada dos braços da poltrona. Olhou para a própria mão e viu o pesado anel de sinete suspenso do dedo, demasiado grande, mas não demasiado grande para ele. Os dedos dele eram fortes e firmes. Moviam-se com ligeiros tremores enquanto dormia, um gesto insignificante e privado, um sinal de intimidade. A respiração era profunda, silenciosa, embora não completamente regular. Ainda não adormecera totalmente, mas enquanto o observava, o ritmo converteu-se na cadência própria de um sono profundo. A cabeça descaiu-lhe um pouco mais para o lado.

Maddy sentiu uma vaga de confusão e ternura. Não podia ser verdade. Simplesmente não o era. Não era a mulher dele... Que ideia mais absurda, a magnificência daquele lugar, a comida, os criados, o número interminável de velas e quadros, as jarras de cristal com flores e os cestos de frutos, a enorme harpa num canto da sala, os corredores infindáveis - até existia uma casa de banho decorada com mármore ricos e mais dezassete espalhadas por todo o castelo, todas de estilo moderno, segundo a informara a governanta sem se alterar.

Não podia ser a senhora daquele lugar. Iria acontecer algo que mostraria que era tudo um erro. O casamento, tão absurdo e precipitado, não podia ser legal, por muito que Durham insistisse que fora Fane a conseguir a licença - que previra a perseguição -, e esta estava perfeitamente em ordem. Mas mesmo que o estivesse, os Amigos não a aceitariam. Quando soubessem, iriam rejeitá-la. Casara numa igreja, perante um sacerdote, sem autorização do pai e, o que era ainda pior, com um homem mundano.

Mas, agora adormecido, não tinha um aspecto tão diabólico. Mundano, sim. A linha sensual da boca, o nariz direito e firme, a testa elegante, o cabelo meio caído para a testa, e aquelas pestanas longas, tão longas como as de uma criança, mas cuja inocência infantil era um autêntico desperdício num homem adulto.

As palavras que pronunciara na igreja provinham dos casamentos *quakers* aos quais assistira. Como poderia saber se eram as palavras de Deus ou as suas? Podia explicá-las de ambas as maneiras. Tal como raciocinara naquela manhã. Recusar-se a casar com ele era condená-lo a Blythedale Hall ou, tal como agora se tornara evidente, não ter qualquer possibilidade de o proteger, nem nenhum direito legal de se encontrar naquele lugar.

Nunca se sentira tão desorientada, apanhada entre aquilo que os Amigos diriam e o que o coração lhe ditava. Durante um longo momento, observou-o enquanto dormia.

Se não fosse aquele castelo. Se fosse um homem comum e vulgar. Um homem normal para a normal Archimedeia Timms. Um homem que recebesse a aprovação da Assembleia, com um jardim prático e uma campainha que funcionasse. O duque de Jervaulx vestido com simplicidade. Quando as galinhas tivessem dentes.

Levantou-se em silêncio e puxou o cordão da campainha que ornamentava a sala do duque,

um cordão grosso de seda negra, entrelaçado com fios dourados e enfeitado com borlas a condizer. Funcionava. Numa questão de segundos, a porta abriu-se sobre dobradiças bem oleadas e apareceu o mordomo. Vestido com uma libré de cetim branco e abas longas, nariz aquilino e queixo protuberante, as meias tão brancas quanto a peruca e a libré, tinha uma enorme semelhança com o mordomo que trabalhava na casa do duque na cidade. Maddy pensou que a semelhança entre Calvin pai e o Calvin londrino não era uma mera coincidência. Lançou-lhe um sorriso suave e tímido.

- Deseja retirar-se, excelência? - perguntou o homem em voz baixa.

Era tarde, e, dadas as circunstâncias, não valia a pena começar a discutir acerca do título. Olhou insegura para Jervaulx e anuiu.

Calvin pai virou-se e manteve a porta aberta para ela passar. Maddy seguiu-o, abandonou a calidez e a luz da sala das tapeçarias e internou-se por um corredor gelado iluminado por tochas cuja luz fumegante refulgia sobre as armaduras brilhantes que flanqueavam as paredes como um exército silencioso. No final do corredor, uma escadaria de pedra ampla curvava-se até às profundezas e à escuridão. Calvin pai deteve-se perante uma mesinha, acendeu uma vela que estava ali colocada e começou a descer.

Enquanto desciam, os raios de luz em movimento iluminaram a abóbada que se arqueava por cima da cabeça de ambos. No fundo da escadaria, o tecto deu de repente lugar a uma profunda escuridão. Um vestíbulo, frio e ressoante, que à luz fraca da vela parecia maior que a maior casa de assembleias em que estivera, maior que uma igreja. O espaço vasto erguia-se até alturas invisíveis nas quais elevadas janelas de seteira se perdiam na obscuridade.

Calvin pai atravessou-o com passadas suaves, mas os sapatos grossos de Maddy batiam ao pisar o chão, algo que era incapaz de evitar. O ruído ecoava no espaço amplo. Era quase como se alguém os estivesse a seguir enquanto cruzavam o enorme soalho, um pensamento que fez com que se lhe erguessem os cabelos da nuca.

Na extremidade oposta, o mordomo conduziu-a dois pisos para cima por uma escada estreita e curva de degraus de pedra desgastados pela passagem de incontáveis pés. Antes que conseguisse recuperar o fôlego que perdera durante a subida, atravessaram outra porta e a obscuridade voltou a envolvê-los. O soalho rangia sob o tapete e Maddy sobressaltou-se ao ver surgir repentinamente um rosto branco de olhar fixo. Calvin limitou-se a avançar, e a vela iluminou uma figura arrogante com muito brilho, o retrato de um homem de capa e armadura.

Ao lado dele, surgiu outro que mostrava uma profusão de tecidos bordados com pedras preciosas e um toucado de pérolas, sob o qual se via o rosto de uma mulher, pálido e sem qualquer expressão. Maddy apercebeu-se de que estava numa galeria longa, gelada e flanqueada em toda a sua extensão por aqueles quadros de olhar inexpressivo. Os olhos dos retratos seguiram-nos durante o percurso. Surgiam das sombras, iluminavam-se por um instante à luz da vela e voltavam a desaparecer no silêncio fantasmagórico.

Maddy ficou com os cabelos em pé. Sentiu o antagonismo daquelas pessoas como se estivessem vivas.

Por fim, depois de atravessarem outra porta, outro corredor, Calvin pai abriu a entrada que conduzia a um quarto e lançou-lhe um olhar grave enquanto anunciava:

- O *boudoir* da duquesa.

Maddy achava que Calvin também não a aprovava. Escondiam-no bem, ele e Ellen Rhodes, a governanta, mas os criados deviam estar muito surpreendidos, talvez até duvidassem da sanidade do duque. Maddy pensou que, dadas as circunstâncias, até ela teria duvidado.

Entrou timidamente no quarto. Este não a deveria ter surpreendido depois do resto do esplendor feudal, mas apesar disso sentiu-se surpreendida. A luz de uma única vela oscilava entre sombras enormes e iluminava por instantes as paredes cobertas de damasco cor-de-rosa, o estuque, os dourados do tecto e um interminável número de cadeiras e poltronas luxuosas. Um fogo vivo fumegava na lareira acesa, mas sem a força suficiente para proporcionar ao enorme quarto mais calor iló que o existente na galeria e nos corredores. Calvin atravessou o quarto e abriu outra porta.

- O quarto, excelência.

Maddy seguiu-o. Outra erupção de luxo. Desta vez, havia uma cama com cortinados dourados forrados a rosa-pálido, paredes decoradas com tapeçarias e apliques de prata. Tudo aquilo começava a deixar Maddy nervosa.

Sobre o banco acolchoado ao pés da cama encontrava-se a camisa de dormir, impecavelmente engomada, branca e simples em contraste com tudo o resto.

- Este é o cordão da campinha, excelência - disse Calvin e aproximou-se para o puxar. - Virá uma mulher tratar de si.

- Oh, não. Não preciso de ninguém. Arranjo-me... sozinha. O homem inclinou-se perante ela.

- O duque... - Maddy fez um gesto vago, um pouco insegura quanto à direcção depois de tantos corredores, reviravoltas e escadarias. - Há alguém para o ajudar?

- Quando não é acompanhado pelo seu criado de quarto, sua excelência prefere normalmente arranjar-se sozinho nas noites em que se retira mais tarde. Os criados têm ordens para não o incomodar. O quarto dele está preparado do modo que ele o quer.

Maddy esforçou-se conscientemente para não morder o lábio. Era impossível imaginar o que teriam dito aos criados acerca da doença de Jervaulx, se é que lhes tinham dito alguma coisa. Não seria possível ocultar-lhes aquilo durante muito tempo.

Calvin pai olhou-a, solene e inquiridor.

- Irá necessitar de um criado, excelência?

Pela sua expressão percebia-se que seria algo de invulgar, inoportuno e contra as expectativas mundanas, e uma tal invulgaridade e anomalia seriam objecto de escrutínio nas actuais circunstâncias.

- Não - respondeu Maddy.

Calvin fez uma reverência e retirou-se.

Assim que desapareceu, Maddy desejou que ainda estivesse ali com ela. A vela que lhe deixara acesa proporcionava muito pouca luz e apenas servia para que a cama parecesse ter o dobro do tamanho ao projectar a sua sombra no tecto. Despiu-se rapidamente, vestiu a camisa de dormir, e levou o vestido e a vela até ao quarto de vestir de menor tamanho e adjacente ao quarto principal.

Ao pendurar o vestido, ouviu um som no quarto e saiu a toda a pressa, satisfeita por ter companhia e à espera de encontrar o duque.

Mas não se encontrava ali ninguém. Algo rangeu atrás dela. Virou-se. A porta do roupeiro estava aberta e via agora como era escuro e vazio. Não queria voltar-se para ele. Não queria que se mantivesse assim, como uma boca aberta. Fechou-o de repente, e recusou-se a olhar para o interior.

Pousou a vela sobre a mesa-de-cabeceira, ajoelhou-se e rezou com devoção para conservar o senso comum. Tentou encontrar a Luz Interior, mas ruídos estranhos, passos suaves e exalações, sons que não se pareciam em nada com aqueles que ouvira noutras casas, fizeram-na distrair-se e perder a calma e a concentração.

Desejava a presença de Jervaulx. A de Durham e Fane. A de quem quer que fosse.

Utilizou a banqueta de bambu dourado para subir para a cama fria. O colchão afundou-se debaixo do corpo, a envolvê-la. A luz da vela iluminou a cor profunda da parte interior do dossel.

Ouviu passos. Estavam sobre a sua cabeça, eram passadas apressadas que atravessavam o quarto e se detinham, para de seguida se afastarem. Não regressaram.

Os olhos de Maddy humedeceram-se e enfiou-se na cama até ao fundo.

Não acreditava em fantasmas. Claro que não.

Se ao menos Jervaulx aparecesse.

Christian acordou gelado. A sala enchera-se de sombras, as velas a gotejar, e o fogo não passava de um resplendor de carvões vermelhos. Custou-lhe a levantar-se. Uma e outra vez, voltou a sucumbir a sonhos estranhos e intimidatórios, mas a força do hábito acabou por se impor, e ele levantou-se. Espalhou os carvões com o atiçador, apagou todas as velas, atravessou a porta da sala e

dirigiu-se ao seu quarto às apalpadelas.

Estava meio adormecido. Apercebeu-se disso quando tentava desabotoar o colete. Era um esforço demasiado grande. A cama esperava-o na escuridão, aberta e quente. Tirou a casaca e os sapatos, e estendeu-se ao comprido. Virou-se e aproximou uma almofada, enfiou os pés debaixo dos lençóis e voltou a cair nas profundezas do sono.

22

De manhã, Maddy encontrou sem ajuda o caminho até o imenso vestibulo medieval, com as suas vigas escuras e paredes de pedra. Era quase tão impressionante como na noite anterior. Uma altura incrível, o soalho ressoante, os raios de luz silenciosa através das janelas estreitas. Por sorte, assim que entrou encontrou-se com o coronel Fane acompanhado pelos cães, que lhe serviram de guias amáveis até à sala de pequeno-almoço. Durham já se encontrava ali, ocupado com os seus flocos de aveia, que comia de pé enquanto contemplava pela janela a magnífica vista do campo.

- Bom dia, minha senhora - foi a sua alegre saudação. - Quer um pouco de *kedgerie*? Chá indiano ou chinês? Café?

Sem que ela se apercebesse, conduziu-a até à cabeceira da mesa coberta com uma toalha de linho e serviu-a pessoalmente dos recipientes de prata que se encontravam sobre o aparador, persuasivo como sempre que entrava em acção. Sentou-se ao lado dela e indicou ao coronel Fane que se sentasse.

- Aqui podemos falar em privado. Os criados não aparecerão a menos que os chamemos. - Passou-lhe a nata. - Como acha que tem corrido tudo até agora?

- Não sei - respondeu Maddy. - Sinto-me tão... estranha.

Fane aproximou-se e deu-lhe uma palmadinha na mão.

- São os nervos. O casamento. A primeira noite é sempre a pior. Durham pigarreou.

- Fane, por favor. Sê um pouco delicado.

- As minhas desculpas! - O coronel corou e apressou-se a dar uma salsicha a *Devil*. - Esqueci-me das minhas boas maneiras.

- De qualquer maneira, que sabes tu do casamento? O coronel manteve os olhos baixos.

- As minhas irmãs. Era o que a minha mãe lhes dizia. Lamento, minha senhora.

- Não te preocupes - disse Maddy. - Quem me dera ter a minha mãe para me aconselhar. Mas há muitos anos que não está ao meu lado.

- Lamento sabê-lo, minha senhora. - A vergonha passageira dele desapareceu. - É uma pena que a minha não esteja aqui, porque lhe deixaria as coisas claras num instante.

- Bom, mas graças a Deus que não está - disse Durham. Olhou para Maddy e perguntou: - Acha que Shev vai aparecer em breve?

- Não sei - respondeu ela, a olhar para os flocos que começavam a engrossar no prato.

- Quando se retiraram, adormeceu na poltrona. O mordomo disse-me que normalmente não tem ninguém para o ajudar quando se deita tarde, assim pensei que... E que não queria que se interrogassem mais do que já o devem estar a fazer, por isso pensei... - Afastou o prato. - Por isso, deixei-o aqui - disse de rompante. - E não o deveria ter feito. O mordomo meteu-me medo e não lhe quis perguntar onde o duque ia dormir. Fui para onde me levaram, ele não apareceu e eu não sabia como voltar.

Aquela informação foi acolhida com um silêncio incómodo. Maddy levantou-se e aproximou-se da janela. Através do antigo painel de vidro ondulado contemplou o vale a seus pés, as árvores e os campos sob o sol da manhã e os meandros brilhantes do rio de um cinzento-acastanhado.

- Olhem para isto - disse, desesperada. - Olhem para este lugar. Ninguém nunca irá

acreditar que eu pertenço a este lugar. Ah! Quero ir para casa!

Encostou a cabeça à janela. *Devil* aproximou-se e brincou com a mão dela. Maddy afastou-o e abraçou-se.

- Archimedeia - disse Durham -, Shev está melhor, não é verdade?

- Sim.

- Foi o que me pareceu. Bastaram apenas alguns dias. Maddy não afastou os olhos da janela.

- Cada dia que passa, melhora. Quando o vi pela primeira vez em Blythedale Hall era incapaz de pronunciar uma palavra.

- Então... pode ser que em breve esteja bom. Superará a maldita audiência e isto acabará.

Maddy não disse nada.

- Enfrentamos uns quantos obstáculos - reconheceu Durham. - A família apresentar-se-á aqui assim que eu lhes contar o que se passou. *Lady* de Marly... mas já a conhece. Shev pensa que não se importará com o casamento. Eu não sei, mas o melhor seria que estivesse preparada para qualquer coisa. Quanto aos restantes, mentiria se dissesse que não vão armar uma enorme confusão... mas se se mantiver firme, tenho a certeza que nada poderão fazer. Absolutamente nada. E se o tentarem levar, que Deus seja nossa testemunha, mas nesse caso chamaríamos o comendador real.

- Shev é o comendador real - observou Fane.

- Maldito seja! Claro, tinha de ser. É dono e senhor de todo o maldito condado. Também é o juiz de paz? Bem, não interessa, hei-de descobrir. Mantenha-se firme e chegaremos à outra margem.

Maddy virou-se.

- Que outra margem? Para mim, não existe outra margem. Não posso continuar casada com ele. Não posso ser duquesa!

Durham observou-a com atenção.

- Não quer ser duquesa... ou não quer ser casada com Shev?

- Não compreendes! Não posso! Não posso fazer nenhuma das duas coisas. Quando os Amigos souberem, irão repudiar-me.

Durham assentiu lentamente.

- Compreendo. - Respirou fundo. - Não sabia disso. Apenas sabia que, devido às suas crenças, não estava de acordo.

- De acordo! - repetiu Maddy.

Virou-se para a janela e soltou uma gargalhada curta. *Devil* saltou para o banco debaixo da janela e apertou-se contra ela. Não lhe restou outro remédio senão acariciar-lhe a cabeça. Era a única maneira de evitar que lhe colocasse as patas sobre os ombros e lhe lambesse o rosto.

- O casamento... - Durham hesitou. - Não é... uma compensação suficiente pela sua perda?

Perguntou-lho com amabilidade, mas Maddy foi capaz de perceber o que as palavras escondiam. Pensava que toda aquela riqueza, o castelo e o título de duquesa deveriam ser suficientes para compensar qualquer coisa.

- Não compreendes. Recusas-te a compreendê-lo. - Acariciou as orelhas macias do cão. - Nunca pertencerei a este lugar.

- Tem que se dar um pouco de tempo. Não está habituada. É um lugar antigo e fantasmagórico, eu sei. E, além disso, frio como o gelo. Já todos nos perdemos nele uma vez ou outra.

- Oh - disse Maddy com uma voz trémula -, neste exacto momento estou completamente perdida.

- Ele precisa de si.

- Precisa de mim? Achas mesmo que eu poderia evitar que alguém fizesse alguma coisa? Olha para mim. Olha para este castelo. Ninguém faria caso!

Mordeu o lábio com força. Não se iria permitir derramar lágrimas de fraqueza por aquilo que já estava feito. Mas se não fosse assim, se tia realidade não...

Falou sem se virar:

- Vou fazer-te uma pergunta. Há alguma maneira de desfazer este casamento? É demasiado tarde?

Houve uma pausa.

- Deseja anulá-lo?

- Sim.

- Oiça - disse Durham -, será apenas durante algum tempo. Esqueça-se de tudo menos de Shev. A família dele não tardará a saber que se encontra aqui, seja eu a dizer-lhes ou não. Quando chegarem, Fane e eu faremos tudo o que estiver ao nosso alcance, mas se ele não consegue falar, se ainda é incapaz de se defender por si mesmo, podem pôr-nos imediatamente na rua. Mas a menina, a duquesa de Jervaulx, conseguirá afastá-los. Pode protegê-lo com toda a legitimidade, até que ele esteja completamente recuperado.

- Tens a certeza disso? - perguntou Maddy sem afastar os olhos do rio reluzente até que estes lhe começaram a doer. *Devil* abandonou-a de repente, afastou-se e desceu do banquinho da janela.

- Faz sentido, não faz? - replicou Durham. - Deixe as coisas como estão. Pelo menos, até que ele se possa defender sozinho.

- Então existe uma maneira de o anular.

- É possível.

- Tens de me dizer como.

- Santo Deus, Maddy! Vai abandoná-lo?

- Diz-me!

Tinha as mãos apertadas. O rio, tão prateado e brilhante no meio da paisagem invernosa, irritava-lhe os olhos, mas não conseguia afastar o olhar.

Durham disse em voz baixa e sem inflexão:

- Não dormiu com ele.

Não passava de uma meia pergunta. Maddy sentiu as faces a arder e sacudiu a cabeça.

- Nesse caso, não o faça. Não consume o casamento. E quando decidir que não quer continuar a ser duquesa e mulher dele, venha ter comigo, excelência. - O tom da voz dele tornara-se amargo. - E eu explicar-lhe-ei o que precisa de saber para anular o matrimónio.

Maddy ouviu o ruído da cadeira dele a arranhar o chão. De seguida, lançou uma imprecação baixa.

Ao virar-se, deparou-se com Jervaulx, com *Devil* e *Cass* junto dos pés. Estava em frente da porta fechada e olhava-a.

Christian saía para as ameias quando queria estar sozinho. Conhecia-as todas, mantinha-as sempre bem conservadas e reservava-as para uso próprio, guardando todas as chaves das portas que conduziam até elas. Quanto mais altas, melhor. E a torre mais alta de todas as torres do castelo de Jervaulx colocava-o acima de tudo aquilo que conseguia abarcar.

Envolto num sobretudo, inclinou-se sobre as pedras caiadas de uma ameia. A partir dali, a vista alcançava a torre *Whitelady*, a mais antiga, sólida e atarracada, e que partilhava a função de vigilante com a torre *Knight* e, um pouco mais longe, a chamada *Phoenix*, que rodeava a torre nordeste e os aposentos isabelinos, reconstruídos e redesenhados por Christopher Wren. Fora aí que Maddy estivera alojada na noite anterior nos aposentos da mãe. Para além destas, *Beauvisage* e *Mirabile*, que não se podiam ver devido à curva de *Belletoile*, onde se encontrava.

Conhecia-as. Amava-as. Quando acordara naquela manhã, não se recordara de que nada estivesse alterado, que não fosse outro senão o duque de Jervaulx, senhor do seu castelo e do seu destino. Depois tentara falar com o criado que lhe levava o pequeno-almoço.

Alegrava-se por não ter sido capaz de pronunciar palavra. Decerto que passara por antipático e não por louco. Mas era algo de temporário. Não poderia permanecer mudo com os criados para sempre.

E Maddy. Apoiou os braços no muro, e encostou a cabeça neles.

Para ser honesto, demorara muito tempo a recordar-se dela. Só se apercebeu disso quando saltou da cama e se viu completamente vestido. E até nessa altura não se sentira muito preocupado, apenas um pouco envergonhado por ter adormecido na noite de núpcias. Tomara banho, com o auxílio de um criado, passável, que mantivera um rosto agradável e sereno, apesar do silêncio sombrio de Christian. Era óbvio que o tinham escolhido para aquele cargo imprevisto por ambicionar converter-se em criado de quarto.

Enquanto descia as escadas, pensara no que poderia fazer para a compensar. Apesar de correr o risco de ser considerado um imbecil, estava decidido a deixar-lhes bem claro onde a mulher dormiria. Estava a pensar como o fazer quando entrou e se deparou com Durham que a aconselhava a nunca dormir com ele.

Christian fingiu não ter percebido. Não fora difícil. Permanecera imóvel e tinham-no tomado por tolo. Mudo. Surdo. Néscio.

Maddy olhara-o com uma expressão de culpa. Mas ele lançara-lhe um sorriso, dirigira-se ao aparador e servira-se de chocolate.

Compreendo, Missmaddy.

Entre a pedra branca e um céu azul e cinzento de aguarela, o vento revolteava por Belletoile e erguia o colarinho de Christian até lhe cobrir o rosto. Era uma novidade que alguém desprezasse o castelo de Jervaulx. Que, além de o desprezarem, o recusassem por completo. E a ele.

Conseguia compreender essa parte, dado o seu estado actual, mas nem por isso lhe fazia diminuir a dor. Pensara, presumira, que as suas carências ver-se-iam amplamente recompensadas por tudo o que tinha para oferecer. O próprio castelo, e tudo quanto este continha, não era algo que se desdenhasse. Fora isso o que pensara. Que quando ela se encontrasse ali, quando o olhasse, veria aquele lugar com os mesmos olhos com que ele os via.

Bom, se não fosse assim, não havia nada a fazer.

Missmaddy. Vais então deixar-me?

Olhou para o céu. Sentiu-se impotente, magoado, furioso e desamparado.

Soltou uma imprecação e enfiou os punhos com raiva nos bolsos do sobretudo. Se queria anular o que fizera, não a impediria. Durham suplicara-lhe que ficasse até que a sua presença não fosse necessária, mas Christian nem sequer lhe iria exigir isso. Convertê-la em sua mulher fora uma decisão tomada num momento de fraqueza e aturdimento. Era uma *quaker*. Não era ninguém. Como ela mesma declarara com tanta honestidade, não pertencia àquele lugar.

Deixá-la ir.

Ele já estava melhor. Ia ser perfeito. Deixá-la ir. Não precisava dela, já nem dela nem da fraca protecção que lhe podia oferecer. Não lhe faria falta. Mal notaria a sua ausência quando tivesse partido, *pequena presumida teimosa de beijos doces*.

Contemplou o aspecto invernal dos montes. Tudo na vida lhe fora dado como garantido. O castelo, o seu património. Tentara não o fazer, mas fizera-o. Jogara jogos frívolos, participara em paródias de lutas, sempre a salvo na sua torre inexpugnável. Sem saber a sorte que tinha.

Poderia voltar a perdê-lo. Sentiu uma sensação nova a gelar-lhe as entranhas. Naquele momento era seu? O instinto impelira-o a refugiar-se em Jervaulx. Com o hábito adquirido durante tantos anos, o lugar funcionava sob as suas ordens. Mas na Chancelaria tinham-no deixado reduzido a nada. E se fossem até ali, e se o tentassem levar...

Apanhado, acorrentado, vencido. Esmagado.

Não permitiria que tal coisa acontecesse.

Sabia tudo o que havia a saber quanto ao castelo Jervaulx. Sabia que existia uma distância de setenta metros das ameias de Belletoile até ao chão. E ele era o único que tinha a chave da torre.

Encontrou Maddy na saleta da duquesa, a contemplar um quadro de Herodes com a cabeça de São João Baptista. Debaixo deste, pendia um crucifixo daqueles que exibem uma enorme quantidade de sangue.

- *Alegre* - disse, a tentar mostrar-se sarcástico. A jovem virou-se para o olhar.

- É um quarto sumptuoso.

- Obrigado. - Desafiou-a a dizer-lhe que aquilo não era um elogio. Dirigiu-se a outro quadro. Duas crianças encostadas a um mastim mais alto que elas.

- Este é bonito.

Ele fez uma ligeira vénia.

- Irmão.

- Teus irmãos?

Jervaulx observou o quadro. James era real. Era a parte em que Christian aparecia que lhe parecia mais nebulosa, até que se obrigou a concentrar, ergueu a mão e apontou para a criança de cabelo encaracolado e casaco curto.

- Eu... eu e... irmão. Dez anos... James... seis. Morreu... há muito. Febre... escarla... escarlatina. - Recordou os momentos em que tinham pousado para o quadro. Que tormento permanecer imóvel quando havia jogos, campos e rãs. - O cão era... *Killbuck*. - Sorriu. - Nunca matou ninguém... esse cão... nem sequer uma borboleta.

Maddy olhou para o quadro em silêncio. Nessa manhã estava com um ar severo, o cabelo apertado, como se se quisesse mostrar o mais diferente possível do ambiente que a cercava.

- Queres... anular. - Não conseguia abordar o assunto com maior delicadeza. - Casamento?

Olhou-o incisiva e colocou as mãos atrás das costas.

- Compreendo - disse ele. - Pequeno-almoço... Durham anular... casamento.

- Acho que seria uma medida sensata. - Não afastou os olhos dele. - Mas ficarei aqui até que te encontres suficientemente recuperado.

- Agora. Bastante bem! Vai-te... agora.

- Queres que me vá embora agora?

Apertou o maxilar com força ao ver que lançava sobre ele aquela responsabilidade.

- Eu... não digo. Tu. Pequeno-almoço a... Durham... anular casamento. - Afastou-se dela. - Não dormir juntos. *Ouvi*. - Virou-se. À noite... cama... *não*. Por isso. Anular. Chamar Durham... *agora* para anulação. - Estendeu o braço para puxar o cordão da campainha.

- Foram-se embora - anunciou Maddy. - Esperaram por ti, mas não te encontraram em lado nenhum.

- Embora. - Ao ouvir aquilo, interrompeu-se, sem poder descarregar a hostilidade que guardava no interior. Deixou cair a mão. Embora. Demasiado tarde! Eles... *visitar*. Contar casamento. Família. Para o diabo com eles!

- Pensei... - Maddy sentou-se numa cadeira e pousou as mãos no colo. - Acho que deveria ficar, pelo menos, até à audiência. Se estiveres de acordo. - Entrelaçou os dedos com força e Christian viu o anel de sinete no dedo dela. - Peço-te... se estiveres de acordo, que não consumemos o casamento... e assim poderá ser anulado quando estiveres bom. - Humedeceu os lábios. - Nessa altura já não precisarás de mim. Seria um fardo para ti e far-te-ia sofrer. Não pertences ao teu mundo. Quando estiveres completamente recuperado, vais perceber isso.

Quis rebater o que ela dissera, mas faltavam-lhe argumentos. Sentia-se completamente derrotado e presa de uma angústia que não sabia expressar.

- Se não... bom? - quis saber. - Se nunca... de todo? Ires embora?

- Não sei. A única coisa que posso afirmar é que ficarei até à próxima audiência.

- Até... *próxima*?

- A audiência. Outra vez perante o lorde-chanceler. O corpo endureceu-lhe.

- Outra vez?

- Sim. Terás de voltar a comparecer.

- *Quando*?

- Não tenho a certeza. Ainda faltam alguns meses. *Lady* de Marly deve sabê-lo.

Deu dois passos na direcção dela e deteve-se.

- Outra! Porquê?

A agressividade do tom de voz pareceu sobressaltá-la e fez com que ir recostasse no assento.

- Os teus cunhados. Insistem que te devem declarar incapacitado.

Christian olhou-a fixamente. Pensara...

Pensara que já estava tudo resolvido.

Começou a respirar depressa, incapaz de formular uma pergunta com o tropel de palavras que lhe inundava a cabeça. Virou-se e começou a percorrer a sala num ir e vir insistente.

- Significa em forma... *agora*?

Parecia não o estar a compreender.

- *Agora!* - gritou. - Compar... *agora*? Livre... *agora*? - Pegou-lhe pelos ombros e inclinou-se sobre ela. - *Diz!*

- Até que se realize a audiência - respondeu Maddy, sentada em cima das mãos - tens os mesmos direitos aos olhos da lei que qualquer outra pessoa.

Picou imóvel a olhá-la, incapaz de a soltar, de se mover.

- Se não fosse assim, como terias podido pensar em te casares? -perguntou.

Claro. Era óbvio. Estivera demasiado desorientado. Nem sequer pensara naquilo. Achava que o tinham despojado da sua existência legal, que o tinham declarado como incapaz. Escondera-se atrás de Durham e Fane, atrás de Maddy e do castelo de Jervaulx, como se eles o pudessem proteger quando o viessem buscar outra vez.

Outra audiência. Meses.

- Maddy. - Apertou-a com mais força. - Ajuda... me. Bom. Recuperado. Quero... concordo... sem cama. Fica e ajuda. Acordo. Depois vai... quando eu... *recuperado*. Audiência.

Olhou-a directamente nos olhos.

- Não haverá consumação?

Procurou a mão dele, encontrou-a e apertou-a.

- Não. Audiência. Recuperado. Não... con... consu... *cama*. Anular casamento.

Ela baixou as pestanas, aquelas pestanas eróticas. Olhou-a e arrependeu-se da promessa, mesmo antes de ela ter feito um ligeiro gesto de assentimento e a aceitar.

O acordo fez com que as coisas se tornassem mais fáceis entre eles. Maddy já não se sentia tão incomodada com aquilo que a rodeava, sabia que era apenas um interrupção e não um compromisso formal. Quando o duque lhe sugeriu mostrar o castelo, sentiu-se suficientemente disposta a acompanhá-lo. Até deixou que lhe arranjassem um dos vestidos mais simples da duquesa viúva, já que não podia continuar vestida com o seu fiel vestido cinzento.

Escolheu um vestido de cetim azul-escuro. Dentro do roupeiro, ao lado dos outros, não parecia demasiado luxuoso, sobretudo quando insistiu para que a criada lhe tirasse os enfeites, mas quando o vestiu e se viu à plena luz do dia, em frente de um espelho, a cor pareceu-lhe de uma enorme opulência.

A jovem observou-a.

- Muito belo, excelência - disse com a caixa de costura na mão. Era belíssimo. Maddy nunca vestira algo parecido.

Alisou o tecido colorido.

- Sim - disse e olhou-se maravilhada. - É... muito bonito. Depois de terem descido a bainha e retirado pregas e enfeites, e com um xaile branco de seda indiana sobre as mangas em balão e o decote, sentiu-se preparada para se juntar a Jervaulx. Ao vê-lo, teve um momento de dúvida, convencida que a ele lhe ia parecer um disparate ter escolhido um vestido tão luxuoso, mas Christian limitou-se a contemplá-la durante mais tempo do que o devido. De seguida sorriu com um dos cantos da boca enquanto lhe pegava pelo braço. A cor do vestido combinava com os olhos dele.

- Maddy - disse. - Lamento ter... acedido... não consu...

Ela pensou compreender o que ele lhe queria dizer, mas ignorou-o sem mais perguntas.

Os quadros da galeria continuavam a exhibir a sua desaprovação, o que lhe fez recordar o

estranho momento por que passara durante a noite. Jervaulx deteve-se perante um dos mais imponentes. Um quadro enorme com uma figura séria e condescendente, vestuário vermelho e uma enorme gola de tufos branca, de aparência entediada e majestosa, que segurava na mão um bastão de alto cargo.

- *Lord Jervaulx* - disse. - O primeiro. Exerceu poder... grande conde.

Muito distinto - replicou Maddy em voz baixa.

- Casar aos dezassete. Uma jovem... conseguiu casar com herdeira rica. Ela escreveu antes... a ele... *carta*. Tenho-a. Ela diz meu doce amor... digo que penso... penso rendimento. Peço imploro-te... meu Amor... quero duas mil e seiscentas libras por trimestre.

- Céus - disse Maddy, num tom duvidoso. - Não era uma quantia demasiado elevada para a época?

- Muito... *elevada*. - Jervaulx sorriu. - Além disso... para deixar as coisas claras... escreve... quero três cavalos próprios... duas damas de honor... um cavalo para cada uma, seis ou oito cavaleiros... duas carruagens... *veludo*... quatro cavalos cada uma... *lacaio*... criado... seiscentas libras para caridade todos os trimestres... tudo... custeado por ele.

- Muito razoável - disse Maddy e começou a rir.

- Além disso... todos os anos... vinte vestidos... oito para o campo... seis bons... seis excelentes. Para além de seis mil comprar jóias... quatro mil para colares de pérolas. Além... todas as casas... móveis... quartos... com camas... tamboretas... cadeiras... almofadas... tapetes... dosséis. Além... ele pagar-lhe as dívidas. Além... comprará terras. Além... não emprestará dinheiro... lorde-chanceler. Além... suplica... quando chegar... *nobreza*... mais duas mil... dobrar número de acompanhantes.

- Dizia tudo isso na carta? - Maddy continha o riso e já não se sentia tão impressionada pela majestade daquele pobre indivíduo.

- Sim. Ele deu - disse Jervaulx. - Tudo. E nunca emprestou... chanceler. Conselhos sensatos. Morreu conde... conselheiro... tesoureiro do rei. Rico. Poderoso. Construiu... torre nordeste. Boa esposa.

Maddy fez uma careta.

- É essa a tua ideia de uma boa esposa?

- Sim! Rica. Astuta. Caprichosa. Elegante. Ambiciosa. *Boa* esposa.

- Pois casaste com a mulher errada.

Olhou-a pensativo. Maddy sentiu que o calor a invadia, e arrependeu-se de o ter dito. Quando baixou os olhos, ele levantou-lhe o queixo, inclinou-se e beijou-a suavemente nos lábios.

Maddy afastou-se e respirou fundo.

Quando ia protestar, ele sacudiu a cabeça com um sorriso trocista.

- *Cama não*... única promessa.

Voltou a pegar-lhe no braço e recomeçou a andar como se nada tivesse acontecido.

23

Lady de Marly apresentou-se sem aviso prévio cinco dias depois da partida de Durham e do coronel Fane. Maddy e Jervaulx encontravam-se no vestíbulo. Maddy estava deitada ao lado dele no chão a contemplar os pormenores fantásticos talhados na madeira do tecto, enquanto ele lhe ia assinalando as criaturas heráldicas dos brasões, os trifólios, as flores-de-lis e o intrincado conjunto de flores e folhagem que surgiam nas vigas tão acima das suas cabeças.

Na companhia de Jervaulx, o castelo parecia um lugar diferente. Conhecia-o como se fizesse parte da sua pessoa. Falava dele do mesmo modo que as mulheres falam dos filhos, com um infinito interesse até aos pormenores mais ínfimos, com o carinho e humor suficientes para tornar interessantes até as histórias sem importância. Maddy gostava do castelo durante o dia. Só de noite,

quando se retirava sozinha para os aposentos da duquesa e, deitada na cama, aguçava o ouvido para ouvir os passos no piso superior, é que se sentia presa de pânico e arrependia-se de ter pedido para dormir sozinha.

- Sobe... *quinta*... vigia - estava Jervaulx a dizer, para lhe indicar um ponto de interesse, já que há um bocado tinham decidido que a capacidade dele para apontar não era muito exacta. - O focinho... do cão... Vês?

- Mmmm... sim, estou a ver.

- Cão. Dragão. As bestas de Henrique Tudor.

- De qual dos Henriques?

- Henrique... VII. O de Lily.

-Ah.

Nessa altura, já estava familiarizada com Elizabeth, a animada mulher de Francis Langland, o primeiro *lord* Jervaulx que, a troco da dócil aquiescência do marido no que se referia ao seu rendimento pessoal, não hesitara em fomentar os interesses da família ao transformar-se na amante secreta daquele rei misterioso e inteligente. Entre a fortuna de Lily, a sua discrição e beleza, e a lealdade astuciosa do marido a um monarca que procedia das mesmas enubladas terras do País de Gales do jovem cavaleiro, a dinastia iniciada por Francis Langland desfrutou de um início cheio de bons auspícios.

- Cão... gal. Galgo... dragão... olha para o lado. - E virou o rosto para ela. - Lírio. Vês?

Sob a condução firme da mão dele, Maddy moveu-se.

- Ah, sim! - Ali estava o lírio, escondido entre os escudos heráldicos até se adoptar a postura correcta para o ver do ângulo certo.

- Henrique enviou um... para cortar. Um homem para esculpir a madeira.

- Um entalhador.

- *Entalhador*.

- Era um sinal secreto entre eles?

Jervaulx moveu a cabeça para junto da de Maddy.

- Secreto - disse.

Fez deslizar a mão até à cintura da jovem. Maddy guinchou ao sentir o toque e a voz ressoou pelo amplo vestíbulo. Virou-se para se afastar, mas ele apanhou-a e deitou-se quase em cima dela, a fazer-lhe cócegas na cintura com uma mão e a pegar-lhe no queixo com a outra. Maddy defendeu-se, mas sem se esforçar muito. Estava prestes a beijá-la e isso agradava-lhe.

Os lábios de Jervaulx roçaram os dela, quentes na atmosfera fria do vestíbulo, tão aveludados quanto o chão debaixo do seu corpo era duro. As cócegas pararam. O corpo da jovem descontraíu-se. Fechou os olhos e sentiu-o sobre ela, respirou o calor dele no ar gelado, ouviu o suave murmúrio de prazer que emitiu enquanto a explorava. Não lhe retribuía o beijo, embora em breve o fosse fazer.

Era algo singular, aquilo de ser esposa e ao mesmo tempo não o ser, com a liberdade para se beijarem e reboarem no chão como dois cachorrinhos. Não era casto. Ela bem o sabia. Mas ele fazia-o com tanta doçura, era tão brincalhão, que ela nunca tinha oportunidade para exigir que parasse. «Cama não», prometia-lhe de cada vez que ela se afastava. E isso tranquilizava-a. Era uma frivolidade, algo de agradável, e, embora se tratasse de um prazer mundano e carnal, pelo menos sê-lo-ia apenas durante algum tempo, e depois voltaria a ser a vulgar e escrupulosa Maddy Timms. A exemplar Maddy Timms com uma memória secreta para guardar, um lírio escondido entre os dragões da virtude.

Levantou o queixo e retribuiu-lhe o beijo.

Ele fora o seu mestre. Sabia como lhe saborear a boca, explorar-lhe o interior enquanto ele permanecia imóvel de lábios ligeiramente entreabertos. O corpo dele começou a responder, a tornar-se mais tenso. As mãos de Jervaulx pressionaram-lhe a pele. No entanto, não se moveu, manteve-se em suspenso, a boca à espera da dela, como se toda a sua concentração se centrasse no que sentia. A cada novo contacto, a boca abria-se-lhe, convidativa, e permitia-lhe chegar mais

fundo.

Maddy tocou-lhe com a língua. Era simultaneamente desconhecido e familiar, tão próximo e tão distante dela. Um nobre com uma história de fadas, galeses e reis atrás de si, senhor do vestíbulo e do castelo, mas o mais estranho e poderoso de tudo: um homem. Cheirava a madeira de sândalo, a força, e a uma agressividade que, ela percebia, conseguia manter controlada. A respiração dele misturou-se com a dela, cheia de expectativa.

Maddy saboreou-o profundamente. A língua de Jervaulx encontrou-se com a dela, com uma nota longa e uma retribuição penetrante. Agora era ele quem controlava o abraço. Apertou o corpo contra o de Maddy. No chão do vestíbulo, com todo o peso apoiado sobre ela, beijou-a descontrolado, e as brincadeiras e a suavidade desapareceram.

E ela respondeu e abriu a boca para a dele. Uma espécie de melodia soava-lhe no peito, um som primitivo que saía da garganta do homem. Ele retribuiu-lhe o beijo e apoderou-se de tudo quanto ela lhe oferecia com a mesma facilidade como se lhe lesse o pensamento, como se soubesse o momento exacto em que o corpo e o coração de Maddy despertaram para os sentidos.

Entrelaçou as mãos com as dela e apoiou-as no chão frio. O anel de sinete cravou-se no dedo de Maddy, preso entre a mão dela e a dele com uma pressão dolorosa que lhe chegava ao osso, mas que ela desejava. Desejava aquela dor, tal como o desejava a ele. Todo o corpo se lhe arqueou para cima para receber o beijo. Parecia que estivera acorrentada, presa por fios que ele quebrara com um simples toque.

Ouviu-se, como uma criança chorosa, a gemer com o terrível prazer que sentia. Moveu-se. Não o conseguiu evitar, e começou a seguir o ritmo que ele marcava com a língua, a arquear-se para obter mais.

- Muito edificante. - A voz de *lady* de Marly foi como um balde de água gelada.

Maddy sobressaltou-se. Jervaulx permaneceu imóvel por um momento e, em vez de saltar como se movido por uma mola, abraçou Maddy com mais força, enquanto esta se esforçava convulsivamente para se soltar. Sem erguer os olhos, beijou-a na orelha.

- Calma - disse, escondido nela. - Calma, Missmaddy. Depois voltou a beijá-la ao de leve, e afastou-se para se levantar. Maddy levantou-se apressadamente. Jervaulx já estava de pé.

Lady de Marly, com uma criada atrás de si e a bengala pousada à frente, era uma espécie de rosto sombrio e pálido, pintado sobre uma estátua negra.

- Tia Vesta - disse Jervaulx com uma ligeira vénia. Pegou no braço de Maddy. Ela parecia incapaz de se mover por vontade própria. Puxou-a para ele e empurrou-a para a frente. - Bem-vinda - disse, deixando Maddy admirada com a sua compostura. Toda a segurança que ela sentia desaparecera. - *Viagem* agradável?

Maddy percebeu que a maneira como falava captara a atenção de *Lady* de Marly, o que por sorte a libertou do seu escrutínio.

A anciã olhou-o fixamente, a examiná-lo com uma atenção fria durante um bom bocado.

- Já recuperaste - disse por fim.

- *Melhor* - concordou Jervaulx. A pressão da mão dele forçou Maddy a avançar um passo. - A duquesa... Archi... *media*. Tenho... honra de... *esposa*.

O seu discurso piorara. Sozinho com Maddy, já se expressara com maior facilidade do que naquele momento.

- Não muito melhor - replicou *lady* de Marly com secura, e olhou para Maddy. - E a menina, *miss*, não há dúvida de que nos enganou a todos. Não a tinha tomado por uma aventureira.

- *Duquesa* - repetiu Jervaulx com tal ênfase que a palavra pareceu mais uma advertência do que fruto do esforço.

- Onde estão os documentos?

Jervaulx sorriu, misterioso. Não respondeu.

- Rapaz insolente - exclamou ela.

- Legal - disse ele. - Idade. Residente. Papel... especial. Igreja. Testemunhas. Registo... pôr selo. Nenhum... impedimento legal.

- Excepto talvez a tua sanidade - respondeu a dama, mas soou mais a uma queixa do que a uma ameaça. - Louco. Podias ter ficado com a jovem que te ofereceram e ter-nos-ias poupado mais problemas.

- Miss... Trothorse.

- Miss Trotman. Cujo pai ameaça processar-te por teres quebrado a promessa.

- A mim! - Desatou a rir à gargalhada. - Tu prometes. Tu... *pagas*. O modo como *lady* de Marly contraiu o maxilar deixou claro que ele acertara. Deu uma pancada no chão com a bengala e o som forte reverberou por todo o vestíbulo. Maddy viu que era agora o centro daquele olhar frio.

- Agora vou-me retirar para descansar. A menina, *miss*... duquesa, Juntar-se-á a mim dentro de uma hora nos meus aposentos.

Não havia saída. Maddy anuiu.

Lady de Marly atravessou o vestíbulo entre rangidos e o bater da bengala. A criada, quase tão velha como a sua senhora, lançou um olhar rápido a Maddy e apressou-se a segui-la. Estranhamente, pareceu que sorrisse.

- Chamar-te... *duquesa*. - Jervaulx olhou Maddy de lado. - Acabará... aceitar.

Os aposentos de *lady* de Marly, que ocupavam uma das alas mais antigas do castelo, ainda estavam frios pela falta de uso. Envolvida numa manta e coberta até ao pescoço, a dama instalara-se numa poltrana junto da enorme lareira. O fogo ardia fortemente, mas na maior parte do quarto ainda se via um vapor frio quando se respirava.

Lady de Marly podia ter aceitado a ideia de que Maddy era agora a duquesa, mas não lhe fez qualquer deferência por isso. Sob o abrangente título de «jovem», mandou-a sentar-se numa cadeira de costas altas que não cabia completamente sob a reentrância da lareira e na qual, a pouco e pouco, quase queimou a testa enquanto as costas permaneciam geladas. Sem mais preâmbulos, *lady* de Marly anunciou:

- Dei-me ao incómodo de parar naquele sítio, St. Matthews. O casamento está registado no livro paroquial.

- Sim - respondeu Maddy. Fora ela a assiná-lo, o que temia que fosse a pior e mais concreta das suas ofensas.

- Também pesquisei o livro do Registo de Licenças. A concessão de uma licença especial para o casamento do duque de Jervaulx e de Archimedeia Timms foi devidamente registada. Tanto quanto parece e, tal como ele disse, está tudo em ordem.

- Está mesmo? - Maddy não estava ao corrente dos formalismos do processo para além daqueles utilizados pelos Amigos. Sentiu um alívio estranho ao comprovar que, afinal, Durham se mantivera fiel à sua palavra.

- Vejo que isso a deixa mais tranquila. Pensava que não estava? Maddy olhou para a saia e, de seguida, voltou a levantar os olhos.

- Para ser franca, não me teria surpreendido que faltasse algum requisito legal. Foi tudo feito muito à pressa por indicação de Durham.

- Foi mesmo assim? - Sob a cobertura do xaile, o olhar de *lady* de Marly era penetrante.

- Sim. - Maddy respirou fundo. - Sabias que Jervaulx estava disposto a tudo para evitar ser confinado. Fez isto para que eu o pudesse proteger de o ser. Não teria dado o meu consentimento, teria procurado outra saída, mas com meia dúzia dos teus homens a assaltar a porta da igreja...

- Os meus homens? Um assalto? Está equivocada, jovem. Ninguém ao meu serviço teve nada a ver com semelhante história.

- Foram até ali homens decididos a levá-lo.

- Levá-lo! - *Lady* de Marly encolheu-se debaixo da manta. - A mãe dele é uma idiota - declarou com uma expressão de desprezo nos lábios. - Como se ele fosse um delinquente comum. Eu não sabia de nada disso.

- Durham contou-nos que, ao regressar a Londres, descobriu que uns esbirros tinham estado

a fazer perguntas acerca dele e do duque. Teve medo que o seguissem ao sair da cidade, e não lhe ocorreu outra solução senão pedir uma licença especial para o caso de ser isso que estava a acontecer, de modo a que alguém os pudesse enfrentar e dizer-lhes que não.

- Cabeça de vento! Deveria ter ido ter comigo! Eu poderia ter-lhes dito que não, e sem perder um segundo. - Inesperadamente, a dama começou a rir. - Mas Jervaulx prefere esconder-se atrás de um belo rosto, não é assim? Os seus apetites superam o seu juízo. Esses chacais com que as irmãs casaram não se darão por vencidos e ele não parece ser muito mais inteligente. Lembre-se das minhas palavras. Se recorreram a homens contratados, podemos calcular quem é que enfiou semelhante ideia na cabeça da mãe dele. Que vulgares que esses desgraçados são. Mercenários, que ideia ousada! A seguir poderão oferecer uma recompensa nos jornais. Procura-se duque louco! É uma bênção que o pai, que Deus o tenha em paz, não tenha vivido para assistir a isto. - Inalou os saís com força e, a seguir, a mão voltou a desaparecer entre as pregas do xaile e da manta. - Já voltaram a apresentar a nova petição para a audiência. Conseguiu-o antes ou depois do casamento?

- Conseguiu o quê?

Lady de Marly resmungou.

- Ter relações consigo, duquesa - disse, num tom irónico. Como se o corpo o compreendesse antes da cabeça, Maddy corou dos pés à cabeça. Quando compreendeu todo o significado da pergunta, teve que fazer um esforço consciente para permanecer imóvel na cadeira, embora as patas desta arranhassem um pouco o chão em resposta à sua reacção. Estava consciente da presença da criada um pouco atrás, mais afastada da lareira, e da maneira ácida como *lady de Marly* a examinava.

- Antes não - murmurou.

- Diga-me a verdade e fale alto, rapariga. Não estou interessada na sua moral. O meu interesse é num herdeiro.

Maddy ergueu o queixo.

- Antes não - repetiu mais enfática.

- Quando foi a sua última menstruação?

- Isso é uma indiscrição!

- Quando uma mulher se transforma em duquesa, minha filha, descobre que essas coisas deixam de ser privadas. Quando?

Maddy, teimosa, manteve-se calada.

- Surpreende-me tanta reserva, tendo em consideração a exibição pública que tive que aguentar esta tarde. - *Lady de Marly* afastou o xaile da cabeça e deixou a descoberto uma touca preta com laços também pretos. - Embora suponha que é um bom sinal de que o casamento irá produzir frutos. Fale-me de Jervaulx. Parece muito recuperado.

Maddy sentiu-se aliviada por mudar de assunto.

- Sim. Está até melhor do que ouviste, quando se sente à vontade. *Lady de Marly* assentiu.

- Pensei na possibilidade de trazer outro médico, mas serviria para quê? Já recorremos a uma centena. Acho que se sente bem consigo.

Ergueu um dedo branco que se assemelhava a um galho de árvore.

Não se engane, jovem. Este casamento, rapariga, é uma vergonha. Eu teria escolhido alguém melhor para ele, mas, desde que seja tudo legal e dadas as circunstâncias, qualquer procriadora serve. - Encolheu os ombros. - Pelo menos, ele parece gostar bastante de si.

- A tua mãe enviou-te uma carta - anunciou *lady de Marly* na saleta, depois do jantar. Tirou um papel de baixo do xaile e estendeu-o a Jervaulx. Quando este estava prestes a pegar nele, reteve-o durante algum tempo. - Queres que te leia?

Ele arrancou-lho da mão.

- Eu... *leio*.

Levou-o com ele até à cadeira e sentou-se. Manteve a carta selada entre as mãos e, de

seguida, pousou-a sobre os joelhos. *Lady* de Marly observou-o fixamente, como se quisesse avaliar se ele a estava mesmo a ler ou se a fingir.

Jervaulx virou-se com a carta. Empurrou-a para o outro joelho. Por fim, levantou-se, levou-a a Maddy e ordenou-lhe:

- *Abre.*

Depois de ela ter partido o lacre, regressou para a cadeira e começou a ler. Demorou um longo momento a fazê-lo e virou um pouco a cabeça para a direita, como se não conseguisse ver bem o que estava escrito. Por fim, suspirou, rolou os olhos e atirou-a para cima de uma mesa que se encontrava ao seu lado. A seguir, dirigiu um sorriso trocista a Maddy.

- Não... vem.

- Só diz isso? - perguntou *lady* de Marly. Jervaulx voltou a pegar na carta, abriu-a e alisou-a com os dedos

- Reza. Reza. Muitas... orações. Não... porá o pé... na mesma cas que a mi... ama. Amante. - Olhou para Maddy. - Tu - voltou a con sultar a carta. - Irmãs não... deixam. Filho natural. - Amarrotou-com uma mão e atirou-a para a lareira através da sala.

- Não lhe agrada a tua escolha - observou *lady* de Marly.

- Legal - replicou Jervaulx. - Não... amante. *Esposa.*

- Claro que sim - disse a tia. - Mas deixaste uma porta aberta, sabes? Resta a questão de saber se estás no teu perfeito juízo. Quais são as condições? O património está protegido? Que vai acontecer se *miss* Timms for uma caça-fortunas que apanhou um palerma na rede?

- Ele não está... *Lady* de Marly interrompeu-a.

- Estou apenas a colocar perguntas, duquesa. A sua posição é fraca. Este casamento pode virar-se contra ele na audiência. Nenhum homem com a sua posição, nas suas plenas faculdades mentais, o teria contraído.

O duque levantou-se de repente. Aproximou-se da escrivaninha, pegou numa pena e estendeu-a a Maddy.

- Acordo... agora. Escreve... o que quiseres.

- O que quiser? - perguntou Maddy. *Lady* de Marly riu-se, trocista.

De repente, Jervaulx sorriu.

- Meu doce amor - disse. - Três cavalos... duas damas de honor... vinte vestidos... todos os quartos mobilados... camas... almofadas... tapetes... seis ou oito cavaleiros. - Colocou-lhe a pena na mão. - *Miss maddy*, que queres?

- Não quero nada.

Lady de Marly desatou à gargalhada sem o esconder, como se lhe tivessem contado uma anedota. Jervaulx olhou para Maddy por um momento e, de seguida, ajoelhou-se junto da cadeira dela.

- Nada?

Sacudiu a cabeça, desesperada.

- Claro que não.

Olhou-a nos olhos, com a cabeça um pouco de lado. Nos lábios, surgiu-lhe a sombra de um sorriso doce.

- Pai? - perguntou. - Não queres então... manter pai?

- Ah... - Maddy mordeu o lábio inferior ao sentir uma enorme tentação. - Não. Não estaria bem.

Lady de Marly falou bruscamente.

- Seria melhor que não levasse esta farsa demasiado longe, jovem. Se ele morresse esta noite, não haveria nenhum legado para si em parte alguma. Não conseguiria nem um xelim, pode crer. Estabeleça uma quantia razoável e alguns rendimentos, e o tribunal terá uma melhor opinião a seu respeito pelo seu senso comum. Calvin e eu seremos testemunhas da sua assinatura e da do duque.

- Mas... - Maddy olhou para Jervaulx. - Eu não quero nenhuma soma. Tu e eu... não vamos...

Cobriu a mão da jovem com a sua e beliscou-a com força. Entendeu aquilo com toda a clareza. Durante um momento, a sala manteve-se em silêncio.

- Missmaddy - disse. - Agora devo-te... tudo. - Lançou-lhe um sorriso, um sorriso tal que o coração lhe doeu. - Devolver-te... um pouco.

- Não me debes nada - murmurou ela. Soltou-a e levantou-se.

- Quanto... Trotman? - perguntou a olhar para a tia.

- Ela trouxe dez mil - disse *lady* de Marly. Jervaulx fez um gesto impaciente com a mão.

- Quanto?

- Uma soma unitária de cinquenta e dois mil. O mesmo de rendimento e juro vitalícios de uma quarta parte das rendas de Monmouth no caso da tua morte. Mas, tem em consideração que *miss* Trotman tinha um dote de dez mil libras. Cinquenta mil para distribuir entre a descendência feminina, no caso de contraírem matrimónio com consentimento prévio. Setenta e cinco mil entre o segundo, o terceiro e o quarto descendentes varões, cinquenta entre outros descendentes masculinos nas mesmas condições. O restante para o herdeiro. Jervaulx desatou a rir.

- Esposa... produtiva. *Lady* de Marly franziu as sobrancelhas e examinou Maddy.

- Parece ter uma excelente saúde para cumprir a sua tarefa.

- Amanhã - disse ele -, envio-a por... Bailey. Tu contas-lhe acordo. Escrever o mesmo... que tu dissesse. Acrescenta... duas mil... anual... *vitalícia*... senhor John Timms. Cuidado... equívoco. Eu posso... ler.

- Mas... - disse Maddy.

- Quero - interrompeu Jervaulx. - Eu... quero. Maddy recostou-se na cadeira. Tudo aquilo era uma farsa. Tinham chegado tão longe naquele embuste que este terminara na redacção de documentos absurdos que asseguravam o futuro dos filhos de um matrimónio inexistente. Com um entusiasmo repentino, levantou-se e anunciou:

- Vou retirar-me. Jervaulx fez uma reverência. *Lady* de Marly sorriu e estendeu a mão.

- Tenha uma boa noite, duquesa.

Maddy pegou naquela mão de dedos delgados. *Lady* de Marly apertou-a e virou a face. Maddy hesitou para, de seguida, se baixar e depositar-lhe um beijo rápido. *Lady* de Marly começou a afastar o rosto, mas agarrou no anel de sinete e tirou-o do dedo de Maddy.

- Isto foi o melhor que conseguiste arranjar, Jervaulx? Santo Deus, rapaz, compra-lhe uma aliança de casamento a sério.

- *Fá-lo-ei* - disse ele, a assentir.

Maddy afastou a mão quando *lady* de Marly lha soltou. Aproximou-se da porta, já horrorizada pelo longo percurso pelos corredores na penumbra e através do vestíbulo escuro.

- É a outra porta, jovem - disse *lady* de Marly, irritada. - Não abra essa, que entrará frio!

Maddy ficou hesitante. Tinha a certeza absoluta de que aquela era a porta correcta.

- Maddy - disse o duque.

Ela olhou-o e viu que inclinava a cabeça, a assinalar uma entrada que nunca utilizara.

Obediente, atravessou a sala e abriu a porta indicada. Conduzia a uma sala tão esplendorosa quanto as restantes. Era um quarto decorado a branco e azul. Sobre o imponente leito alto, uma coroa dourada encimava o dossel.

Só então se apercebeu do que aquilo significava. Deteve-se na soleira da porta. Era o quarto de Jervaulx.

Virou-se e voltou a sair.

- Prefiro...

Lady de Marly interrompeu-a.

- Tolices - disse como se soubesse exactamente o que Maddy ia dizer. - Por que motivo teria ele de a perseguir e atravessar meio condado? Durma aí, jovem. Tem muitos anos pela frente para ter o seu próprio quarto.

Jervaulx manteve-se calado. Estava de pé no meio da saleta com as mãos atrás das costas, alto e elegante. Limitou-se a olhá-la com aqueles olhos de um azul-profundo, cheios de mistério.

- Mesmo muitos anos, jovem - repetiu *lady* de Marly numa voz que agora soava envelhecida e desgastada pelo tempo. - Não esqueça as minhas palavras.

Maddy sentou-se numa cadeira dourada com costas de travessões ornamentados, calculados à perfeição para evitar que alguém adormecesse nela. O quarto do duque tinha o aspecto de ter sido mais utilizado que qualquer um dos outros que já vira. Além daquela cama tão intimidatória, continha uma estante na qual os livros estavam inclinados e amontoados uns sobre os outros, como se os utilizasse com Irequência. Montões de papéis e jornais estavam empilhados numa escrivaninha em frente de uma janela, e davam a aparência que ali se trabalhava a sério e que não era um mero espectáculo que se monta para um visitante.

Havia um candeeiro a óleo aceso sobre a escrivaninha. A ordem e que os papéis estavam empilhados fez Maddy pensar no auxílio de um criado e não na mão de Jervaulx. Recordou com que rapidez desarrumara o estúdio de St. Matthews e sentiu pena da criada responsável que deveria ter tido um cuidado infinito para não tirar nada da ordem apanhada sem dúvida entre as palavras confusas do duque - que teimaria que estava perfeitamente organizado segundo o seu sistema tão pessoal e abstruso - e as ordens da governanta. Maddy estava familiarizada com aquela organização. Consistia em afastar para um lado aquilo em que não se estava a trabalhar, em amontoar cada vez mais e mais papéis, em criar uma nova pilha para um novo projecto, empurrando o restante para trás ou para a frente conforme a necessidade, pegar no que se encontrava no cimo de um montão e colocá-lo sobre outro quando se precisava de um jornal que se encontrava no fundo do monte, e de seguida culpar os criados pela arrumação quando não se conseguia encontrar um papel.

Deteve-se mais tempo a olhar para a escrivaninha, porque se envergonhava de olhar para os quadros. Eram exactamente aquilo que os Amigos consideravam o pior estilo para simbolizar a aparência vã das coisas mundanas. Até os claramente religiosos eram lascivos. Uma parede inteira estava coberta pela figura de Eva em tamanho natural, com a maçã aos pés e apenas coberta por uma mão tímida. Havia um de um grupo de mulheres a banharem-se num riacho enquanto alguns sátiros as espiavam escondidos entre as árvores, e outro de *lady* Godiva no qual o cabelo solto cobria mais o cavalo do que o corpo dela.

O único quadro que Maddy conseguiu contemplar sem corar de imediato era uma pequena pintura de uma jovem holandesa, coberta por uma touca, virada para o observador, como se este a tivesse surpreendido no momento em que se olhava a um espelho. O olhar era uma mistura de timidez, troça e convite. Era tão real e mostrava tanto prazer e vergonha que era impossível não sorrir ao vê-lo. Maddy contemplou-o durante um longo momento, cativada pela magia de como uma simples pintura a tinta conseguia transmitir uma presença tão real.

Na mesa ao lado da cadeira havia uma licoreira e uma taça, e diversas miniaturas, todas elas de damas. Presumiu que se deviam tratar das irmãs dele, embora não se parecessem muito com as damas que Maddy vira. Ao lado de uma das miniaturas encontrava-se algo semelhante a um relógio de bolso, mas em vez do mecanismo do relógio, tinha uma madeixa de cabelo loiro encaracolado no interior. Nenhuma das irmãs tinha o cabelo loiro.

Levantou-se e aproximou-se do quadro da jovem com o espelho, a tentar descobrir as pinceladas que criavam o efeito. Estava pendurado do lado do lambril, e por isso teve de se inclinar para o ver. Ao baixar-se, a porta abriu-se sem ruído. Maddy virou-se.

Jervaulx fechava a porta atrás dos cães, que correram para ela, lhe Inçaram uma saudação rápida e com um salto saltaram para cima da cama. Acomodaram-se no fundo desta com uma familiaridade que deixava ver claramente que aquele lugar lhes pertencia já há muito tempo. Jervaulx permaneceu imóvel por um momento, a olhá-la.

- Gostas da jovem... quadro? - perguntou.
- É uma imagem muito credível - respondeu ela.
- Atribuem... Rembrandt.
- Ah, sim. É muito famoso, não é?

- Um pouco. - Parecia divertido.
- Não sei muito acerca de pintura - disse timidamente. - Não nos é permitido ter quadros.
- Não? - Aproximou-se e deteve-se junto dela a olhar para o quadro. - Porquê?

Maddy franziu um pouco a testa.

- A Bíblia proíbe a representação de imagens. E além disso são... mundanas. - Lançou um olhar cheio de significado aos quadros pendurados nas paredes. Era quase impossível conceber um grupo de imagens que pudesse ser mais mundano do que aquelas que se encontravam ali.

- Eu... gosto - replicou ele, sorriu, acariciou-lhe a face e beijou-a. Maddy afastou-se, a humedecer os lábios.

- A tua tia já se foi deitar? Tenho de ir.

- Não. - Sacudiu a cabeça. - Está... ali. Fica.

- Esta situação é um tanto estranha - disse Maddy com uma expressão de impotência, a apontar para a saleta contígua.

-Velha... *tradição*. Salão Grande... saleta... retiro... quarto. - Desenhou três linhas no ar, uma atrás da outra. - Velhos senhores... comer e festas no Salão Grande... depois comer... ah... terminada comida, *então*, convidar... amigos a... retirar em privado para... saleta. Era...um sinal de favor. Apenas convidar... bons amigos. Igual... sempre igual, nunca mudou aqui. Salão Grande... a saleta... o quarto. Antigo hábito de Jervaulx.

- Apesar de tudo, agora é incómodo. Talvez estejas cansado e queiras deitar-te.

Despiu a casaca com um movimento dos ombros.

- Dias bons passados, os melhores amigos... convidados... até ao fim... a entrar aqui. - Pegou na casaca e fez-lhe uma reverência. Grande honra... para ti.

- Tenho de ir. Há outra maneira de sair daqui? Ele pousou a casaca em cima de uma cadeira e começou a desabotoar o colete, depois deixou cair a mão e olhou-a.

- Não consigo... desabotoar. Um dos botões já estava aberto. Maddy franziu os lábios.

- Sei que consegues. Deverias começar a tentar.

- Não consigo - disse calmamente. - Tu.

Aproximou-se e deteve-se em frente dela, as mangas brancas e largas, o colete bordado com requintadas florezinhas prateadas, que contrastavam com a linha recta e masculina do corpo dele.

Comportava-se com tanta naturalidade que era difícil sentir-se incomodada. Maddy pôs-se em bicos dos pés, desabotoou os botões e depois desfez o nó do laço. As calças beges também tinham botões, mas não lhes prestou atenção. Quando acabou, ele afastou-se depressa, e deixou-a com o colete e o laço nas mãos.

Sentiu-se um pouco mais descontraída, pegou também na casaca e dirigiu-se com as roupas para o quarto de vestir. Quando regressou, ele estava sentado na *chaise longue* e inclinava-se para tirar os sapatos.

De camisa solta, colarinho aberto, meio vestido e displicente, estendeu as pernas e recostou a cabeça no sofá.

- Cansado - disse com um suspiro longo. - Maldita... mulher-dragão.

O último rasto da incomodidade de Maddy evaporou-se.

- Tem uma enorme força de carácter - disse com um ligeiro sorriso. Jervaulx estendeu o braço e aproximou a cadeira da escrivaninha.

- Senta-te com... igo.

Maddy sentou-se. Talvez fosse melhor ficar mais um pouco, para ter a certeza que a tia se fora deitar. Pousou as mãos no regaço.

Ele olhou-a de lado.

- Imac... Missmaddy. - E antes que ela o pudesse evitar, inclinou-se para ela e puxou-lhe a saia para um lado. Deixou a descoberto os sapatos grossos e as meias de lã, ocultas sob a elegante seda azul.

-Fora - disse, e endireitou-se. Inclinou-se para os desabotoar.

- Afinal sempre consegues - respondeu ela num tom acusador. Em resposta, obteve apenas

um resmungo evasivo. Segurou-lhe o tornozelo quando ela o tentou afastar.

- Deixa - disse com firmeza. A mão dele era forte e quente ao tocar-lhe, implacável. Maddy mordeu o lábio e deixou de resistir. Tirou-lhe os sapatos e, um a um, atirou-os para longe.

- Esgota, Missmaddy? - Pegou-lhe nos pés e levou-os até ao colo. De seguida, começou a esfregar o peito dos pés com os polegares.

Uma maravilhosa sensação de leveza invadiu-a no mesmo instante e calou o protesto prestes a sair-lhe dos lábios. Tentou continuar sentada e direita, mas a combinação da massagem deliciosa nos músculos cansados e o ângulo da sua postura impediram-lhe.

- Ah... isso é muito relaxante. Ele não respondeu, tinha o olhar fixo nos pés dela enquanto lhos esfregava. A saia de Maddy deslizou até ao chão com um resplendor azul-safira, um pouco amarrotada quando ele lhe apertou os calcanhares para de seguida fazer deslizar as mãos até à parte de trás dos tornozelos.

- Ah - murmurou Maddy, e voltou a suspirar.

Fechou os olhos. Ele esfregou-lhe as plantas dos pés e depois fez deslizar uma mão de novo para baixo, separou-lhe os dedos, um a um, com uma manobra tão deliciosa quanto singular. Maddy, sem fôlego e com os olhos ainda fechados, soltou uma ligeira gargalhada.

- Não sabia que algo assim poderia ser tão agradável.

- Mmm - disse ele, e mudou de posição.

Maddy abriu os olhos. Ele estava a acomodar-se no sofá e voltara a estender as pernas. Fez uma tentativa para afastar os pés, mas ele não lhos soltou e recostou-se. Fechou os olhos e continuou com a massagem suave.

- Não preferirias que fosse eu a esfregar-te os pés?

-Não.

Ao olhá-lo, poderia ter pensado que estava a dormir, só que ele continuava a desenhar círculos fortes e regulares com os polegares nas plantas dos pés dela, depois dos lados e à volta dos calcanhares. De seguida, outra vez os dedos, um a um, até a fazer sentir um formigueiro de prazer nos pés.

Fechou os olhos mais uma vez e permaneceu imóvel para se submergir naquela sensação. A lareira daquele quarto era de estilo moderno, o lar encontrava-se mais elevado de modo que irradiava calor até aos cantos. Maddy deixou que o xaile de seda que usara durante o dia lhe deslizasse pelos ombros.

- Apenas Rembrandt te conseguiria... pintar - disse o duque. Descobriu que a estava a olhar. Percorreu com a palma da mão todo o comprimento da perna, uma carícia suave do tornozelo ao joelho.

- Pintar assim... para que eu... possa recordar.

O movimento das mãos dele parou. O silêncio reinava no quarto, com excepção do suave sussurrar do carvão a arder na lareira. À luz do candeeiro a óleo, surgiam na saia reflexos curvos de cor azul-índigo e cobalto, uma intensidade de tons que contrastava com o branco sem matizes das meias.

Ele contemplava-a, o rosto escuro e afilado à luz do candeeiro.

- Amiga?

Ela não respondeu, demasiados sentimentos para os expressar por palavras.

- Tu, Maddy, sempre... amiga. Não esquecer.

- Não - sussurrou ela. - Não te esquecerei. Jervaulx fez um movimento brusco e afastou-lhe os pés para o lado.

Maddy enfiou-os debaixo da saia quando ele se levantou.

- Dorme aqui - disse. - Eu... cama quarto de vestir.

Havia um catre no quarto de vestir. Maddy vira-o quando fora guardar a roupa.

- Não, isso não seria justo. Irei quando a tua tia se tiver retirado.

- Ires? É um caminho longo, Missmaddy. Escuro. Ninguém vivo. Fantasma. Fica aqui.

- Fantasma? - perguntou Maddy.

- *Fantasma...* mau. - Olhou-a com a sua inocência de pirata. - Não te contei?

- Não há nenhum fantasma.

Ele emitiu um som, um gemido baixo que gelava o sangue. *Devil* levantou a cabeça e ficou em posição de alerta, um novelo confortável sobre a cama.

- Não há nenhum fantasma!

- Um passo... outro passo... - Os olhos de Jervaulx reluziam na penumbra. - Vestíbulo... subir... depressa... escadas acima.

Maddy respirou fundo, encontrou os sapatos e calçou-os. Dirigiu-se com passo firme para a porta.

- Irei em companhia de *lady* de Marly.

- Não vai gostar. Quer-te aqui. Dormir - disse, a rir-se. - Escolhe. Dragão... fantasma... eu.

- O fantasma não existe!

Ele não negou nem confirmou a sua existência. Maddy perscrutou a saleta e viu que *lady* de Marly já se retirara. A sala estava fria e escura, apenas os rescaldos do carvão lançavam uma luz débil e alaranjada sobre o tapete. Pensou em chamar Calvin pai e apercebeu-se de como ficara tarde. Além disso, era ridículo e impróprio de cristãos acreditar em fantasmas. *Devil* saltou da cama e aproximou-se dela.

- Acompanhas-me? - perguntou ao cão.

Devil abanou a cauda, levantou-se e apoiou as patas na saia dela. Olhou para Jervaulx com ar de superioridade.

- Levaremos uma vela.

Ele inclinou-se e estendeu a mão.

- Está... bem.

- Vem - ordenou Maddy ao cão, que saiu obediente pela porta à frente dela.

Um ar gelado entrou na saleta quando abriu a porta do corredor. *Devil* saiu e desapareceu imediatamente para lá da luz trémula da vela.

- Volta aqui! - ordenou-lhe num sussurro. O eco repetiu as palavras com um som sinistro.

O cão, com as unhas a arranhar a pedra, voltou e saltou-lhe para cima. Ela acariciou-o e continuou a andar. *Devil* ficou para trás e afastou-se até voltar a desaparecer. Maddy acelerou o passo, a perscrutar as sombras trémulas que a vela projectava.

Os sapatos, por abotoar, faziam ruído ao arrastarem-se pelo chão. Deteve-se uma vez. O corredor estava cheio de reverberações que se perdiam na distância e deixavam atrás de si um silêncio gélido. Se havia mais alguém naquela gigantesca construção de pedra para além dela, não existia o menor sinal disso. O fôlego gelou-se-lhe e virou-se sobre os calcanhares.

Estava ali um homem de pé.

Sobressaltou-se e saltou para trás, e quando o fez apercebeu-se de que não passava de uma daquelas armaduras imóveis que, iluminada pela vela, recobrava uma vida ilusória e estranha.

- *Devil!* - chamou em voz baixa e urgente, e com esforço virou as costas à silhueta.

Nesse momento, ouviu o som tranquilizador das patas do cão e a silhueta familiar de *Devil*, coberto de manchas brancas, surgiu da penumbra. Dessa vez inclinou-se um pouco e agarrou na coleira do animal para o obrigar a ficar junto dela.

Continuaram a avançar até ao cimo da escadaria. Nada mais ouviu para além do ruído da língua de *Devil* que aproveitou o momento para se deitar no chão e lamber as patas.

A escadaria curvava-se para baixo num semicírculo amplo e desaprecia na escuridão. Recordou-se do gemido de gelar o sangue do duque, pareceu-lhe tão real que se virou para se certificar se a tinha seguido e estaria a brincar com ela.

O corredor amplo estava vazio. Quando Maddy se voltou para a escadaria, *Devil* ergueu as orelhas. Levantou-se e examinou a escuridão à sua frente.

Maddy sentiu uma enorme inquietação a apoderar-se dela. Os olhos começaram a

humedecer-lhe.

O cão inclinou-se na direcção das escadas. O pêlo eriçou-se-lhe. Um uivo baixo e ameaçador começou a sair-lhe da garganta. Maddy sentiu que, de repente, não conseguia respirar.

O cão saltou, ao mesmo tempo que ladrava furioso. Maddy não aguentou mais e desatou a correr. Agarrava a saia com uma mão, a vela na outra. Os sapatos batiam no chão desajeitados, e o eco fazia com que parecesse que alguém corria atrás dela a toda a velocidade.

Devil surgiu ao seu lado e correu à frente dela até desaparecer na escuridão. Maddy correu mais depressa enquanto da garganta lhe saíam pequenos gemidos. Sentia que os passos a alcançavam quando, de repente, viu o cão a arranhar uma porta. Abriu-a com um empurrão, atirou a vela para o chão de pedra e fechou a porta com toda a força. Encontrava-se no quarto do duque. Este virara-se de camisa na mão. Maddy lançou-se sobre o peito nu, e virou-o para que ele ficasse entre ela e a porta.

- Há alguma coisa ali fora! - gritou. - O cão. *Devil*... Há alguma coisa no vestíbulo!

24

Missmaddy, Missmaddy - repetia Jervaulx a apertá-la entre os braços e a rir-se divertido. - Não se passa nada. Não há nada. Não há nada... ali fora.

Os arrepios convulsivos de Maddy começaram a diminuir, e começou a sentir-se um tanto ridícula enquanto continuava agarrada a ele. Não havia ali nada. Mas é claro que não havia nada.

- O cão começou a rosnar - disse a modo de desculpa, com uma voz ainda aguda e entrecortada. - Estava a olhar pelas escadas abaixo.

Outro arrepio apoderou-se dela. Respirou fundo para tentar recuperar a compostura. *Devil* saltara para cima da cama e, sentado sobre ela, olhava-a com uma expressão absurda de total falta de interesse.

As faces de Maddy estavam banhadas em lágrimas. Jervaulx secou-as com um dedo.

- Lamento! - exclamou ela. - Eu sei que... não há nada. Sou tão... estúpida. Mas à noite... no meu quarto... oiço passos.

Jervaulx apertou-a com mais força contra ele.

- Missmaddy. Desculpa. A culpa é minha. Vem. Vamos ver o que era.

- Não, não, é melhor não.

Jervaulx passou-lhe um braço pelos ombros e levou-a até à porta. Mesmo em frente desta, a vela que Maddy atirara para o chão ainda ardia no corredor de pedra. Jervaulx pegou nela sem a soltar. A luz tremeluziu quando a levantou para acender uma das tochas da parede. Avançaram pelo corredor, Maddy não se separou de Jervaulx em nenhum momento à medida que este acendia as tochas que se seguiam. Os cães acompanhavam-nos à frente e atrás.

No alto da escadaria, Jervaulx apagou a vela contra a parede e tirou a última tocha do suporte. Com Maddy colada a ele e toda a escada iluminada por aquela chama intensa, iniciaram a descida.

Apesar do resplendor, a escuridão do vestíbulo engoliu a luz daquela única tocha. Jervaulx soltou Maddy no fundo das escadas, estendeu-lhe a tocha e dirigiu-se a um enorme nicho que havia numa parede. Puxou uma alavanca e, com um ruído metálico, uma corda começou a soltar-se da roda.

A tocha apanhou a sombra de uma enorme massa que descia e iluminou os dois imensos candelabros de ferro que baixavam lentamente lesde as alturas. Quando estavam ao seu alcance, Jervaulx voltou a puxar a alavanca, pegou na tocha, e acendeu todas as velas dos dois candelabros. Pouco a pouco, o enorme vestíbulo começou a resplandecer e iluminou-o também a ele. A pele nua refulgia com um brilho dourado e o cabelo era tão negro como os recantos mais profundos.

Por fim, recuou um passo e ergueu a tocha. Um deus pagão no meio do vestíbulo nu.

- Melhor? - perguntou.

Já há alguns instantes que Maddy se sentia muito, mas muito tola.

- Sim, sim - disse num fio de voz fraco. - Obrigada.

Devil começou imediatamente a ladrar e precipitou-se atrás de uma sombra que saltou da galeria dos trovadores para uma mesa do vestíbulo. Correram ambos pelo chão até que o gato tigrado deu um enorme salto e desapareceu por um nicho da lareira no exacto momento em que *Devil* estava prestes a alcançá-lo.

- O fantasma - disse Jervaulx.

Um criado jovem e assustado em mangas de camisa surgiu num dos umbrais arqueados que havia sob a galeria. O duque olhou para ele.

- Afugentamos... espectros - disse. Quando o criado se aproximou dele, estendeu-lhe a tocha. - Apaga-as. Sobe-os... de manhã.

O criado pegou na tocha e fez uma vénia. Jervaulx reuniu-se Maddy.

- Obrigado - disse ela. - Fui uma parva. Acho que o melhor que tenho a fazer é ir para o meu quarto.

Jervaulx agarrou-a pelos ombros e afastaram-se na direcção da escadaria que conduzia ao quarto dele. Os cães precederam-nos a correr. Maddy pensou na escura galeria e em todos os recantos e escadaria que havia entre ela e os aposentos da duquesa viúva. Pensou nos passos. Não acreditava em fantasmas mas, num lugar como aquele, não lhe era desagradável poder contar com dois cães e um homem enorme e vigoroso que percorreriam aquelas passagens reverberantes ao lado dela.

Fantasmas. Christian entrelaçou as mãos atrás da cabeça enquanto sorria na obscuridade do quarto de vestir. Missmaddy, a imaculada, recta e prática Maddy, tinha medo de fantasmas.

É claro que o castelo de Jervaulx os tinha. Em número ilimitado. Tivera que mentir muito para a acalmar. O favorito de Christian era o mastim que aparecia a dormir em frente da enorme lareira do vestíbulo no dia de Natal. Ele mesmo o vira quando James ainda era vivo, numa noite fria depois da missa. Pensaram que era um cão vagabundo que entrara pela torre de entrada do castelo mas, quando o chamaram, levantou-se, espreguiçou-se, correu um pouco e desvaneceu-se através dos painéis de madeira talhada do espaço sob a chaminé.

Segundo a lenda, o cão obtivera aquele lugar de honra junto à lareira por salvar o filho do dono do castelo de se afogar, e o fantasma aparecia como guardião, um sinal de que a senhora do castelo em breve teria e criaria em segurança outro filho. Christian pensava que a história era demasiado rebuscada e indigna de qualquer aparição séria. No entanto, a sua irmã Katherine nascera no ano a seguir e, aos 25 anos, continuava viva e num perfeito estado de saúde, ao contrário de três dos irmãos e duas irmãs que não tinham sido tão afortunados. Christian suspirou ao pensar em James. E em Clair, e em Anne, e no doce William Francis. A mãe tinha suficientes motivos para se tornar numa fanática religiosa. Talvez tivessem de pendurar uma perna de cabrito para incitar o fantasma do cão a aparecer com maior frequência.

Não falara a Maddy do mastim. Apenas revelara uma pequena verdade. Que por cima do quarto da duquesa passeava o Guardião Negro. Nem sequer tivera de lhe contar a história. O nome foi mais que suficiente.

Christian sorriu. A partir daquele momento, Maddy ficaria com ele.

Maddy aconchegou-se na cama do duque. Vestia apenas a camisa de algodão, já que não tinha nenhuma camisa de dormir mas, apesar disso, sentia-se protegida e segura. *Devil* e *Cass* estavam deitados aos pés da cama e, de vez em quando, ressonavam.

Por mais confortável que se sentisse, não conseguiu adormecer de imediato. Havia várias almofadas e experimentou-as todas até encontrar aquela que tinha a certeza que Jervaulx usava. Deitou-se sobre ela para aspirar o cheiro dele.

Algures entre a severa Archimedeia Timms e a entrega total e licenciosa aos prazeres carnavais, existia alguém que lhe era desconhecido. Alguém que gostava de vestidos bonitos e cheios

de cor, a quem esfregavam os pés e que era beijada. Alguém que procurava uma almofada que retinha a presença do homem que dormia no quarto ao lado, bastante próximo para lhe acudir no caso de se ver ameaçada pelo Guardião Negro.

Enquanto se encontrava ali encolhida, o medo transformou-se gradualmente num tremor delicioso, numa desculpa para recordar a força com que ele a segurara quando entrara a correr no quarto. Não havia fantasmas. Jervaulx dissera-lho. *Devil* rosnara a um gato, e o duque iluminara todo o salão e desfizera-se dos espectros com a sua sólida e resplandecente realidade, o corpo recortado contra a luz das chamas, a luz incandescente de duzentas velas.

Maddy tentou ouvir a respiração no quarto contíguo. Mas é claro que a porta estava fechada, ou quase, pois Jervaulx deixara uma fresta aberta. Apesar disso, Maddy apenas conseguia ouvir os cães a respirar.

Olhou para cima, para a escuridão e, de repente, fez algo de inaudito.

Afastou as mantas, levantou-se e desceu daquela alta cama. O rescaldo dos carvões na lareira desprendia uma cor que não iluminava nada, mas Maddy conhecia o caminho até à porta do quarto de vestir. Avançou com cuidado, a tactear o chão de pés nus.

Sentiu que chegara junto da parede e tocou na soleira da porta. Deteve-se e sussurrou pela fresta entreaberta:

- Jervaulx?

Disse-o numa voz tão baixa que, se ele estivesse a dormir, não ia acordar. Mas Jervaulx respondeu de imediato:

- Missmaddy?

Ela respirou fundo.

- Estou... - Não podia mentir e dizer que ainda tinha medo. - Estou inquieta.

Estava suficientemente perto da verdade. Tremia de frio e nervosismo, ali parada.

Ouviu ranger a cama de Jervaulx. De repente, a porta escorregou-lhe dos dedos e ele apareceu, como uma sombra. Jervaulx tocou-lhe, procurou-lhe o braço e apertou-a com muita força contra si.

- Tens medo?

Maddy não respondeu, mas abraçou-se a ele com maior intensidade. Jervaulx continuava nu da cintura para cima, o que fez com que Maddy se sentisse culpada por não se ter ocupado devidamente dele.

Queria era ser beijada e ele beijou-a. Um beijo rápido e suave, durante o qual a língua dele provou os lábios dela.

- Fico... contigo? - perguntou Jervaulx enquanto a continuava abraçar e a conduzia para o quarto.

Maddy afastou-se, pois não tinha a certeza do que queria para além daquele fraco pretexto, daquela desculpa para se entregar a beijos carnavais. Ele manteve-se perto dela sem lhe tocar.

- Tens medo? - perguntou, a oferecer-lhe uma justificação fácil. - Queres... que fique... contigo?

Maddy voltou a estremecer, o que fez com que ele se risse.

- Minha pobre Maddy. Vem.

Sentiu todo o seu calor, nudez e suavidade quando ele a abraçou - o ombro dele, a pele dele contra a face de Maddy. Quando Jervaulx a encaminhou para a cama, acompanhou-o. Naquela penumbra, ele conhecia melhor o caminho. Quando chegaram à cama, Jervaulx virou-se e sentou-se em cima dela. Os cães moveram-se, a cheirar Maddy, enquanto Jervaulx lhe dava a mão e a puxava para junto dele.

- Fora - ordenou-lhes o duque cortante, o que fez com que os animais se retirassem para os pés da cama.

Maddy viu apenas a silhueta indefinida de Jervaulx a mover-se contra os lençóis enquanto se instalava na cama. Soltou um suspiro de prazer.

- Quente aqui... tu... Miss Maddy.

Ela continuava sentada entre os lençóis, nervosa e hesitante, perante a volta que tudo aquilo dera. Jervaulx fê-la estender-se junto dele. Pareceu envolvê-la completamente. As costas dela comprimidas contra ele, a perna dele erguida no nicho formado pelo joelho dela. Ele inclinou-se sobre ela e beijou-lhe o ombro e o pescoço.

Baixou-lhe a manga da camisa e os dedos deslizaram-lhe sobre a pele na direcção do peito. Acariciou-lhe a orelha com a língua, muito perto do cabelo. As carícias mostravam uma intencionalidade clara e uma decisão firme.

- Disseste... - Maddy quase não tinha voz. - Aceitaste...

Todos os movimentos detiveram-se subitamente. Pousou uma mão lobre o braço dela e soltou uma resmungadela suave. Enterrou o rosto no ombro de Maddy durante um instante e, de seguida, caiu de costas sobre a cama.

Maddy ficou a olhar para a escuridão. Sentia-se aliviada mas, ao mesmo tempo, frustrada, assustada por outras coisa que não os fantasmas.

De repente, ele voltou a envolvê-la nos braços e apertou-a com muita força enquanto esfregava a face contra o cabelo dela. Maddy mantinha-se de costas viradas para ele. Chocada, apercebeu-se de que Jervaulx estava nu e num estado de excitação animal.

Ele abrandou o abraço impetuoso. A suspirar profundamente, limitou-se a embalá-la, um braço por baixo da cabeça dela, um calor intenso contra a face de Maddy.

Mantiveram-se assim durante muito tempo.

- Jervaulx... - disse ela, por fim.

- Trata-me... pelo meu nome. - A respiração dele aqueceu-lhe o pescoço quando falou. - Christian. - Inclinou-se mais para ela. - Minha mulher.

Maddy sentiu-se culpada e envergonhada. Não fora ele a exigir que o casamento não se consumasse. Não fora ele quem se levantara no meio da noite e a procurar.

Jervaulx não fez mais nenhum movimento, nem lhe pediu nada. Limitou-se a ficar ali, cheio de paixão, a abraçá-la.

Maddy sabia o que tinha feito. Cederà à debilidade da carne. Mas passara a decisão final a Jervaulx e ele, como homem de palavra que era, mantivera-se mais fiel à sua promessa do que ela à sua verdade.

Se houvera algum momento, pensou Christian, em que os seus iguais procurassem uma oportunidade para colocar em causa a sua sanidade, nenhuma melhor do que aquela, se o pudessem ver a abraçar a mulher que tomara por esposa, a desejá-la ardentemente depois de dias de contactos brincalhões, e ele sem o chegar a fazer.

Decidira não o fazer. Sentira o cheiro doce do cabelo dela, sentira-lhe as curvas do corpo, toda a suavidade juvenil e delicada debaixo do linho - todo o sangue de Christian corria erótico, enquanto as pancadas do coração repetiam «minha, minha, minha» uma e outra vez.

Desejava-a, mas queria mais do que apenas penetrar nela. Queria possuí-la por completo.

E ela também o queria. Christian reparara nisso. Maddy não ficara tensa, nem se afastara hostil. Sabia muito bem distinguir quando uma mulher lhe era hostil e quando se fingia indignada, e aquele não era nenhum dos casos. Aquele era um verdadeiro inferno. Pensar que ele lhe podia dar todo o prazer para o qual a conduzira naqueles últimos dias. Que ela tivesse conseguido chegar ao ponto de o ir buscar e deixá-lo deitar-se a seu lado - algo que Jervaulx considerava ter todo o direito a fazer.

Todo o direito do mundo.

Para o inferno com a sua religião e os Amigos. Ter-se-iam comprometido perante um Deus diferente? Casara-se ela com um infiel, um xequê de duzentas mulheres?

Era apenas um homem com uma ideia bastante clara de quais os seus pecados. E querer ter uma verdadeira união com a própria mulher era um deles. Ela era a sua mulher. Era sua.

Abraçou-a com maior força e encostou o rosto ao dela. Diz-me... quando quiseres que pare -

disse com uma voz abafada. - Diz-me... se não quiseses.

A chama de Maddy era lenta e profunda, mas ele avivava-a com o fogo que possuía. Ia provocar um incêndio que arrasaria cidades, catedrais, castelos e simples casas de Assembleias, e deixaria um mundo em que apenas restariam ele e ela, aquela cama e uma única carne.

Maddy reparou na mudança mesmo antes de Jervaulx ter falado. Sentiu o corpo dele a ficar mais tenso e agitado, os músculos do braço a moverem-se debaixo do seu queixo. E então, ele pediu-lhe que o dissesse.

Diz-me... quando quiseses que pare.

Ergueu-se por cima dela e inclinou o rosto sobre o seu.

Diz: Deixa de me beijar, trava esta catarata de sensações, o toque da tua boca no meu pescoço. Diz: Deixa de mover o corpo e fazer deslizar as mãos para cima e para baixo, essas mãos que me acariciam os braços.

Mas Maddy não o podia dizer. Não conseguia.

Diz-me que pare, porque conheço o teu rosto tão bem até na obscuridade, os teus olhos que me olham com surpresa e arrogância. São azuis e escuros como nuvens que se cruzam perante as estrelas, e se riem sem palavras.

Não aguento mais. Pára já.

Mais não, mais não, enquanto ele continuava erguido por cima dela a percorrer-lhe com um deleite ardente o queixo, os lábios, os olhos e as pestanas.

Excitava-a e isso era perigoso. Faz com que as minhas mãos deixem de segurar o teu rosto entre elas, evita que te puxe para mim para que te aproximes mais e me beijes, a tua boca na minha, profunda e apaixonada.

Pára, não pode ser. É impossível, somos um acidente no tempo e no espaço, dois mundos que colidiram. Pára, és tão pesado mas ao mesmo tempo tão doce... Perverso e seguro de ti mesmo, beijas-me o queixo, o pescoço e mais abaixo.

Diz-me que pare...

Tinha de ser já antes que lhe levantasse a camisa - pele nua contra pele nua, a mão dele na sua coxa, a deslizar-lhe pela anca, pela cintura. E dura contra ela, a erecção - dedução e teoria a transformarem-se em realidade. Vira crianças nascer. Tratara de doentes do sexo masculino. Ouvira, calada e tranquila nas Assembleias, as mulheres casadas a falarem livremente das suas intimidades. E aquilo apenas fez com que estranhasse o que não tinham dito.

Mas nunca o teriam dito, nunca em voz alta. Aquilo não, a língua de Jervaulx no mamilo, a desenhar círculos que o endureciam. Aquilo não, a mão dele na anca dela, a puxá-la contra ele ao mesmo tempo que lhe mordiscava o mamilo. Maddy abriu as mãos nos ombros dele e gemeu ao mesmo tempo que se arqueava contra ele.

Jervaulx respondeu com outro gemido ao apertar o corpo contra o dela. A seguir, afastou-se um pouco para trás e, com o indicador, percorreu-lhe o torso, a barriga, os recantos mais íntimos de Maddy.

Pára, pára - não percorras o mesmo caminho com a boca, nem me beijes nem sintas o meu sabor. Porque tens que dominar tão bem estes prazeres carnavais, e porque me mexo e contorço incendiada sob o teu corpo?

Maddy arquejou, submetida àquela tortura indecente. Cravou-lhe os dedos na pele e percorreu-a frenética enquanto, em silêncio, lhe suplicava que parasse. *Deixa de me beijar, pára já, mas quero, quero, quero...*

Jervaulx não parou. Respondeu ao corpo dela porque todo o corpo de Maddy gritava que sim. Os dedos deslizaram até ao interior dela, estranhos e lascivos, uma pressão ardente. Voltou a pousar a boca sobre o peito de Maddy.

Uma sensação irracional estendeu-se por Maddy. Um som promíscuo saiu-lhe da garganta, um verdadeiro som animal. Aquela exploração profunda a que a estava a submeter era,

simultaneamente, dor e luxúria e, ele, o seu marido, abria passagem para descobrir mais dela, para lhe arrancar o grito suave da rendição.

Pára... por favor... pára.

Jervaulx ergueu-se sobre ela. Maddy estava aberta. Devia dizê-lo agora, dizer mais não, dizer não te quero, não quero ficar contigo, vai e deixa-me.

Penetrou-a, uma dor deliciosa e ardente. Era o seu marido, todo calor e fogo escuro. O marido perverso, que tão bem conhecia as perversões do mundo, que a apertava com força e a cobria de beijos enquanto a continuava a queimar, que estendia o corpo belo sobre o dela e a penetrava com mais força, a provocar-lhe uma dor que abrandava e voltava a aumentar, mais dor e ainda mais, até que ela gritou angustiada.

- Não, não... - murmurou ele enquanto lhe beijava a boca. - Não, não, minha doce Maddy, não...

A voz de Jervaulx também lhe parecia quebrada pela dor. Respirava suave e rapidamente, e deixava carícias de borboleta sobre os olhos e faces de Maddy. Manteve-se em cima dela, completamente dentro dela, à espera com um tremor débil nos braços.

Maddy respirou fundo. Os músculos tensos demoraram a aperceber-se que aquela dor lancinante desaparecera.

Soltou um suspiro longo. Como se se tratasse de um sinal, Jervaulx beijou-a com a mesma força e carnalidade com que se apoderara do corpo dela.

Voltou a mover-se no interior de Maddy, fez com que a dor se reiniciasse. Os dedos de Maddy cercaram os braços de Jervaulx alarmados. Ele sussurrou algo, mas não o conseguiu perceber. Falava para si mesmo, a tocar-lhe com a língua, enquanto lhe sugava a pele como se assim a pudesse atrair para a boca dele enquanto se impelia no interior do corpo de Maddy.

Doía, mas era uma dor que se perdia entre aquele movimento sensual. A penetração ardia-lhe tão profundamente que lhe provocava um enorme prazer. Maddy envolveu-o nos braços para receber mais. Ele gemeu ao mesmo tempo que sacudia a cabeça, e erguia Maddy a cada investida. Jervaulx parecia cada vez mais atormentado, como se ela não estivesse suficientemente perto dele, queria-a ainda mais perto, queria que se fundissem num único corpo. Endureceu dentro dela e emitiu um som que lhe saiu muito do interior do peito. Foi um embate longo e vibrante, um tremor intenso no mais profundo do interior de Maddy, e ela sentiu-o a inundá-la de vida.

Maddy abraçou-o e manteve-o firmemente unido a ela, enquanto ele estremecia uma e outra vez. Mal conseguia abarcar-lhe os ombros, já que ele era muito maior do que ela, mas apesar disso Jervaulx caiu esgotado e pousou a cabeça contra o pescoço dela como se fosse uma criança.

- Maddy - disse a arquejar -, vou-te fazer... feliz. Juro.

Ela acariciou-lhe os ombros e as costas. Sentia as pancadas do coração dele. Jervaulx voltou a tremer e apertou-a mais contra ele.

- Vou fazer-te muito feliz - repetiu.

Maddy mordeu o lábio e juntou a cabeça à dele. Jervaulx virou-se e olhou-a intensamente.

- O Guardião Negro nunca te poderá fazer nada - disse, sufocado.

Pára. Pára, diz-lhe que pare, mas já é demasiado tarde.

Já é demasiado tarde. Porque, que Deus me perdoe, amo-te mais que à própria vida.

Maddy abriu os olhos à luz da manhã e ao abraço quente de Jervaulx. Ainda tinha o cabelo recolhido nas duas tranças que fizera no dia anterior.

Permaneceu imóvel, a sentir o peito dele a subir e a descer suavemente.

Era o seu marido. Já não podia voltar atrás.

Quando Maddy se virou, viu que ele já acordara e estava deitado de lado com o olhar perdido nalgum ponto muito para além dela. A luz fraca que atravessava as cortinas, o cabelo de Jervaulx espalhava-se num negro-intenso sobre a almofada. A expressão do rosto era séria e o maxilar estava ligeiramente contraído.

Deixou de contemplar algo na distância, olhou-a. Nenhum dos dois falou. A mudança radical, o profundo abismo existente entre o dia anterior e aquele dia estava ali, presente entre ambos.

Jervaulx afastou-se dela e suspirou, enquanto cruzava as mãos atrás da cabeça. De seguida, olhou-a de lado.

- Arrependada?

Aquela única palavra era um desafio. Maddy procurou interiormente sinais de arrependimento, ou de ira, ou de culpa. Não encontrou nenhum. Encontrou apenas uma certa consternação por ter cedido a semelhante fraqueza. Apenas a certeza da enormidade daquilo que fizera.

- Quebrei... o pacto - disse ele.

- Não te pedi que parasses - replicou Maddy, o que era verdade.

Ele voltou a deitar-se de lado e contemplou-a com os seus belos olhos azuis.

- *Minha mulher.*

Uma presença muito real, até o contorno na cama, que a afundava fazia com que Maddy deslizesse para junto dele. O joelho dele tocava-lhe a parte superior da coxa, onde ninguém a tocara a não ser ela mesma.

- Sim - respondeu Maddy num sussurro. - Agora sou a tua mulher.

Jervaulx sentou-se na cama, puxou a roupa para trás, e expulsou os cães do lugar onde se encontravam. Maddy observou-o enquanto atravessava aquele quarto sumptuoso, tão gracioso e bárbaro como as tapeçarias e os quadros. Tinha a pele manchada pelo sangue dela. As cortinas emitiram um som metálico quando as abriu de par em par. Uma luz intensa inundou o quarto e a claridade delineou a silhueta dele. Embora o quarto fosse elevado, a única coisa que Maddy conseguia ver do outro lado do vidro era luz e céu.

Jervaulx apoiou um braço no peitoril da janela. De seguida, olhou para ela e sorriu.

- A minha mulher - repetiu. - *Bom.*

Permaneceu ali, descontraído, uma silhueta meio obscurecida perante a claridade intensa.

A sua mulher.

Maddy pestanejou e desviou os olhos, porque estes doíam-lhe só de o olhar.

25

Sempre sozinha com ele, sem compromissos, Maddy não fizera qualquer abordagem para conhecer os serviçais. Vivia em casa de Jervaulx como uma hóspede, mas nem este nem *lady* de Marly iriam consentir naquela negligência das suas obrigações durante mais tempo.

- É o duque e a menina a duquesa dele, por isso comece a fazer o que deve - afirmou a tia de Jervaulx.

Seguindo as instruções desta, Maddy pediu para ver as contas trimestrais, e sentou-se com Rhodes e Calvin pai para as rever. As folhas com meio ano surgiram à frente dela. Maddy inteirou-se assim e pela primeira vez que, embora a ausência do duque fosse justificada perante os criados como motivada por uma doença prolongada, Rhodes e Calvin pai conheciam perfeitamente a natureza da mesma. Apesar de nenhum deles ter proferido a palavra «manicómio», Maddy teve a impressão de que estavam muito preocupados com o futuro e com quem se encarregaria dele. Mantinham-se ambos tensos na presença de Maddy, mas sempre cooperantes. Antes de se retirar, Rhodes perguntou com extrema cautela se tinha intenção de fechar o castelo.

- Não sei - respondeu Maddy com sinceridade. - Perguntá-lo-ei ao duque, embora ele pareça sentir-se muito bem aqui.

- Peço-lhe, excelência, não lho pergunte. Não o faça. Foi uma pergunta tola - disse Calvin

pai, enquanto olhava severamente para Rhodes. - Senhora Rhodes, a senhora diz coisas tão absurdas. Porque haveria sua excelência de fechar o castelo?

Rhodes aceitou a recriminação em silêncio.

Maddy pensou que o melhor seria abordar directamente o assunto.

- Talvez tenham ouvido dizer que se coloca em questão a capacidade do duque para se encarregar dos próprios assuntos.

- Não ouvimos nada, excelência, excepto que sua excelência esteve doente - respondeu Calvin pai, uma verdadeira mentira.

- É verdade que esteve doente como também o é que, dentro de alguns meses, haverá uma audiência para avaliar se é incapaz.

Olharam-na ambos com uma expressão estóica.

- Achas que parece incapaz? - perguntou Maddy a Calvin pai.

- Claro que não, excelência.

- Mas não consegue falar muito bem - replicou Maddy.

- Claro, já me apercebi disso. Mas a mim parece-me perfeitamente capacitado para tudo.

Maddy pensou que aquela afirmação era mais um resultado da cortesia que da sinceridade mas, pelo menos, demonstrava onde se encontrava a lealdade do mordomo.

- Sim - disse. - Se forem pacientes, lhe derem tempo e lhe prestarem atenção quando fala, vão perceber que está bem.

- Muito bem, excelência.

- Fico com os livros para os continuar a rever - disse Maddy e aproximou-os de si. - E peço-vos que informem todos os criados de menor categoria que ninguém se deve dirigir a mim como «excelência», apenas como «minha senhora». Sou... fui criada segundo os princípios da Sociedade de Amigos, e esse tratamento incomoda-me.

- Minha senhora, excelência?

- Minha senhora - afirmou Maddy, cortante. - Apenas isso.

- Posso pedir-lhe que se lhe dirijam como «sua senhoria» - perguntou Calvin pai -, já que está mais em consonância com a reputação da casa?

Maddy olhou-o fixamente nos olhos.

- Acho que a reputação da casa estaria mais bem salvaguardada pelo comportamento daqueles que a habitam, do que pelo modo como se dirigem a mim.

Nesse momento, Maddy apercebeu-se do tom de superioridade moral que se poderia atribuir às suas palavras, pelo que mordeu a língua e acrescentou:

- Não pretendo fingir que sei dirigir uma casa como esta. É claro que preciso da vossa ajuda e conselho. Mas... vou ser-vos totalmente sincera, e espero que o sejam comigo. O duque corre um grave risco de ser declarado incapaz. Se isso acontecer, não sei o que acontecerá depois. Assim talvez não vos possa culpar se decidirem não me obedecer agora. Mas como sou... como sou mulher dele, devo fazer o que me corresponde a esse respeito, e do modo que considere mais adequado.

- Sim, senhora - disse Rhodes. - Ouvimos muitas coisas acerca de sua excelência, e a verdade é que é preocupante. Pela minha parte, agradeço-lhe a sua sinceridade. É melhor saber o pior que pode acontecer em vez de continuarmos na ignorância e a colocar-nos todo o tipo de perguntas.

- Assim é. Obrigado... minha senhora. - Calvin pai proferiu aquela forma de tratamento inferior como se fosse uma palavra estrangeira difícil de pronunciar, mas que acabou por conseguir proferir.

Maddy tivera aquela reunião sozinha com os criados no toucador da duquesa, mas de seguida *lady* de Marly sentou-se na sala de estar com ela para avaliar a exactidão e necessidade dos gastos. O último trimestre que fora revisto tinha anotações do duque por toda a parte, a maior parte das quais instruções a Calvin pai acerca das reparações nas canalizações. Os gastos daquele lugar eram exorbitantes. Havia um lenhador e cinco guardas florestais. Remadores, faroleiros, dezasseis criadas de quarto, três carpinteiros, um estofador e alguém chamado «o homem do gongo». Só o

dispêndio em velas deixou Maddy atordoada. Sentiu-se culpada por Jervaulx ter acendido tantas para espantar os fantasmas do vestíbulo.

Maddy e *lady* de Marly concordaram de imediato que a quantidade de cerveja consumida nos alojamentos de serviço era excessiva para uma casa sem visitas regulares, com Maddy a opor-se obstinadamente

Contra o enorme número de serviçais. Mas quando Maddy se opôs às treze libras para o pó das perucas dos lacaios, viu-se de imediato confrontada com as ideias de *lady* de Marly acerca da rectidão moral e da virtude.

- Trata-se da reputação da casa - afirmou esta para fechar o assunto.

- Apesar disso - alegou Maddy -, não me parece que seja necessário manter esse costume excepto em ocasiões especiais, e quando não houver convidados.

- Não sabe nada dessas coisas, criança insignificante. Pareceriam desarranjados sem o pó.

- Vou incluir uma nota a dizer que têm todos de andar de cabelo lavado e curto.

Maddy escreveu uma nota, do mesmo modo que o duque o fizera, e incluiu-a no livro.

- Tolices! Têm que colocar pó no cabelo!

- «Em ocasiões especiais, e quando houver convidados presentes» - disse Maddy enquanto acrescentava aquelas palavras à nota.

- Ah, é dessas...

Maddy olhou para *lady* de Marly com uma expressão interrogativa.

- Uma dessas raparigas calmas e de voz doce que teimam e continuam obstinadas, por muito que se lhes diga.

Maddy sorriu ligeiramente.

- Não. Acho que sou mal-humorada e dominadora por natureza, tal como tu. Mas aprendi com o meu pai que uma teimosia silenciosa é o necessário para contrariar esse tipo de personalidade.

- Eu, mal-humorada? Como te atreves? Grande impertinência!

- Tu... vanglorias-te de o seres... - disse Jervaulx ao entrar vindo do quarto - ... tia.

- Diz a esta tonta teimosa que o cabelo dos homens tem de levar pó. Jervaulx ficou a olhá-la.

- Que temos de... quê?

- Pó para o cabelo dos criados - disse Maddy. - No último trimestre gastaste treze libras nisso.

- Uma miséria - afirmou *lady* de Marly. - Têm de pôr pó. Pensa no teu prestígio, Jervaulx.

- Poderiam pô-lo apenas em ocasiões especiais - disse Maddy -, e quando houver convidados.

- Os convidados podem apresentar-se a qualquer momento. E vêm pessoas visitar o castelo sem aviso prévio. Não compreende o que acontece numa casa desta envergadura. Jervaulx, sugiro que metas imediatamente a tua mulher na ordem.

Ele olhou as duas com uma expressão astuta, como se se tratasse de uma controvérsia profunda.

- Salomão - disse, por fim, e fez um corte vertical com a mão. - Metade pó... a outra metade não.

Maddy fez a contagem.

- São sete. Não se podem dividir em duas partes iguais. O marido olhou-a sem pestanejar.

- Que ponham pó... em metade da cabeça.

Maddy hesitou por instantes e desatou à gargalhada. Christian observou-a, encantado. Ria-se sempre como se fosse a primeira vez, como se o próprio facto de se rir a surpreendesse e gostasse disso.

Ia mandar pintar o retrato dela. Pensou que Lawrence seria o mais indicado, embora interiormente lamentasse que Rembrandt já não estivesse disponível. Não que Maddy fosse bela. Era como aquele pequeno quadro - um instante, uma expressão fugaz -, que ele gostaria de captar naqueles momentos em que a convencia, quando ela erguia as pestanas sedutoras e a compostura

recta dava lugar a outra coisa, quando a promessa se transformava em realidade.

Christian aprendera que comportar-se com naturalidade a descontraía e, a partir daí, o mais eficaz eram as brincadeiras simples. Uma piada tonta conseguia desarmá-la com maior facilidade do que qualquer comportamento galante ou amoroso. Maddy tinha um sentido de humor muito pouco sofisticado. Quanto mais absurda fosse uma piada, maiores as possibilidades de ela a entender. Christian perguntou-se se os *quakers* de Maddy se ririam alguma vez.

Tinha outra coisa que a ia fazer feliz. Deu-lhe uma carta enviada por Durham.

- Teu pai... vai chegar. Talvez hoje.

O rosto de Maddy iluminou-se de alegria nesse instante. Pegou no papel, leu-o rapidamente e fechou os lábios com uma expressão preocupada.

- E que vai pensar? - perguntou.

- Pois deveria pensar que se encontra estupendamente bem – disse a tia Vesta, mal-humorada.

- Não deveria ter-me casado sem a autorização dele. Não o deveria ter feito por conta própria - disse com uma voz que mostrava evidentes sinais de pânico.

Christian observou que o rosto dela reflectia aquelas emoções recém-encontradas.

- Estará... aborrecido?

- Não, não. Nunca se aborrece. Vai ficar apenas muito calado. E talvez me faça chorar, porque me deveria ter portado melhor.

- Melhor? - exclamou *lady* de Marly. - Mas se conseguiu o melhor partido do país, rapariga! Eu mesma encarregar-me-ei de lho dizer, se é que ainda não o sabe.

Maddy limitou-se a amarrotar a carta entre as mãos. Christian virou-se para se retirar para o quarto mas, ao chegar à porta, deteve-se.

- Missmaddy - disse -, casei contigo. Não... te esqueças. Olhou-a nos olhos. Não lhe ia suplicar lealdade. Fizera-a sua, tanto pela lei como pela posse física. Era sua.

Christian apenas esperava que Durham tivesse tido uma conversa convincente com Timms.

Maddy desejara com todas as forças ver o pai e, quase com as mesmas forças, desejava agora dispor de mais tempo antes de o ver. Deveria ter-lhe escrito, ter-lhe dado alguma explicação. Temia o encontro que se avizinhava.

E, no entanto, quando Calvin pai anunciou que uma carruagem se aproximava do castelo, correu até à casa do guarda e daí viu o veículo a entrar no primeiro pátio.

- Pai! - gritou da janela ainda antes de o cocheiro ter detido completamente os cavalos. - Pai!

O pai estava acompanhado por Durham, que saiu primeiro da carruagem e o ajudou a descer. O Sr. Timms pisou cuidadosamente os degraus e parou em frente dela, embrulhado num casaco de pele que o diminuía e lhe dava uma aparência frágil e delicada.

- Minha querida Maddy - disse com grande afecto.

Nesse momento, Maddy soube que pelo menos se sentia satisfeito por se reunir a ela. Lançou-se nos braços dele e abraçou-o com muita força.

- Tive tantas saudades tuas, pai!

Ele beijou-a na face enquanto lhe pegava nas mãos.

- Minha querida Maddy - repetiu, como se fosse a única coisa capaz de dizer. Recuou um passo e acariciou-lhe o rosto enquanto esboçava um ligeiro sorriso. - Que fizeste?

Maddy sacudiu a cabeça.

- Pai, eu... - disse, mas não conseguiu continuar. Apertou-lhe as mãos com muita força. - Não vai alterar nada! Vais viver connosco. Durham não to disse? É... quem me dera que o pudesses ver. É um castelo, com torres elevadas e um salão tão grande como uma igreja. Não sei... não sei o que fiz. Apenas sei que me mandaste ficar com ele e eu obedeci-te, e é este o resultado.

O pai deu-lhe umas palmadinhas.

- A verdade, Maddy, é que não te mandei fazer nada. Nunca o faria. Perguntei-te em

Chalfont Giles se te era muito difícil ficar, e respondeste que não o podias abandonar.

- Sim, mas a tua mensagem...

- É melhor não nos determos - interrompeu Durham. - Está demasiado frio cá fora, não acha, duquesa? Vamos... ah, aí vem Shev.

Jervaulx aproximou-se deles depois de atravessar o pátio de gravilha. Durham pegou-lhe no braço pelo cotovelo a modo de saudação.

- Como estás, meu amigo? Santo Deus, já és um homem casado. Jervaulx pegou na mão do pai de Maddy e rodeou-a com as suas.

- Timms, bem-vindo. Entre... está frio.

Quando Maddy se apercebeu de que seguia os dois homens enquanto estes conduziam o pai, adiantou-se-lhes a correr.

- Há alguns degraus, pai. Dois lances largos. Pronto, estás junto deles.

Por entre o eco dos passos sobre a pedra, Jervaulx e Durham ajudaram o pai de Maddy a subir os degraus.

- É tudo grandioso - prosseguiu Maddy enquanto subia ao lado dele. - Esta escadaria deve ter uns cinco metros de largura, está coberta por arcos e tem colunas junto à entrada. Por cima de tudo, há uma enorme porta antiga e um criado que a mantém aberta para nós.

- Com... pó - acrescentou Jervaulx com firmeza.

- De momento não há problemas com Timms - disse Durham depois do jantar, enquanto Christian e ele bebiam um porto, sozinhos na biblioteca. - Disse-lhe que foi um casamento-surpresa por amor, que se deixaram levar por isso. Achas que ela lhe vai dizer alguma coisa para contradizer as minhas palavras?

Christian reflectiu durante alguns instantes. Pensou em Maddy na nua cama, em fantasmas e numa repentina gargalhada tímida. Pousou o punho sobre a mesa e levantou o polegar.

- Parece que está tudo a correr bem - disse Durham. - Bem, também não fui muito concreto nos pormenores, e não acredito que ele vá comparar versões. Tudo o que o preocupa é que ela esteja bem.

- Não está aborrecido... com o casamento?

Durham levou um pedaço de queijo à boca e limpou os dedos.

- Acho que está um pouco desorientado com tudo isto. Também não fala muito, nem faz demasiadas perguntas. É um bom homem. E não é nenhum tonto, apesar do chapéu que usa. Só queria saber se as tuas intenções com a filha eram honradas. Não me parece que se importe muito com o resto. Não falou de dinheiro, nem de dotes. O que se passa é que gosta de ti. Pensa que és um grande génio.

Christian soltou uma resmungadela irónica.

- Um maldito... imbecil.

- Logo à partida, é mais que óbvio que estás melhor do que da última vez em que te vi. Quase como novo. - Durham levantou o cálice de porto. - Tudo isto acabará mais cedo ou mais tarde. Tem de terminar. A única coisa que espero é que depois não te decidas a olhar para trás e a lamentar-te por não ter feito as coisas de outro modo.

- Como novo? Achas isso... a sério?

- Bom, basta ouvir-te. Dentro de pouco tempo, estarás a dominá-los a todos na Câmara dos Lordes.

Christian tentou imaginar-se a falar de novo na Câmara. O pulso acelerou-se-lhe. «O ministro... ele... não consegue». Bloqueou-se-lhe tudo de repente. A simples ideia de falar em público fazia com que perdesse a capacidade de articular palavra.

- Raios! - exclamou, e afastou-se da janela. Deteve-se em frente das estantes e, agarrando-se a duas colunas, olhou para os volumes encadernados a pele e ouro, os títulos em Latim alinhados entre elas. De seguida, apoiou a testa contra a borda de uma estante. O cheio a mofo dos livros

antigos chegou-lhe ao nariz e a madeira cravou-se-lhe na cabeça. - *Não consigo!*

Durham manteve-se calado. Christian continuou durante um bocado de costas para ele até que, depois de respirar profundamente, afastou-se e virou-se.

- Tenho... medo - disse, enquanto sacudia a cabeça de um lado para o outro e se afundava numa poltrona. - Medo... nunca conseguirei... Durham.

- Não acredito. Maldito sejas, Shev, recuso-me a acreditar. Depois de tudo o que progrediste!

- Progrediste - repetiu Christian irónico. - Tens apenas... de me ouvir.

- Tens de continuar a tentar. Se calhar era melhor que arranjasses uma espécie de professor...

- A minha cabeça. Vá! Tento... tento... e não. Tento... e pior. Percebes?

- E então, o quê? Vais-te enterrar neste lugar durante o resto da vida? Não servirá de nada, Shev. Vão intrometer-se e obrigar-te a sair à luz. Há demasiado em jogo. Manning passa o dia com a tua mãe, sabias disso?

Christian apertou os braços da poltrona com força. Manning, o marido da irmã Charlotte, estivera acompanhado por advogados e homens com peruca naquela sala. Estava a vigiá-lo, à espera do momento de o ver acorrentado e sem nada.

Um violento acesso de fúria, misturado com vergonha e medo, apoderou-se de Christian e emudeceu-o. Moveu a mão pelo braço da poltrona a apertar a madeira até lhe doer.

- Uma nova... audiência - conseguiu dizer, por fim, com toda a calma que conseguiu reunir.

- É disso que estão à espera. Fui vê-lo para fazer uma ideia de como estavam as coisas e posso-te garantir, Shev, que o sangue gelou-se-me. Encheram a cabeça desse homem com coisas, como sempre foste inconstante e promíscuo, que se te deixassem ao teu livre-arbítrio levarias as tuas propriedades à ruína, e que o futuro dos teus sobrinhos está em jogo. O pior de tudo é que ele acabou por acreditar. Não vão desistir. E, tenho de te avisar, que quando souberam do casamento, foi tun sarilho. Era mesmo disso que estavam à espera. Não penses que lá porque ainda não tiveste notícias deles não as vais ter.

Christian fechou os olhos. Mesmo que quisesse, não teria conseguido falar.

- Se Maddy conseguir receber um *penny* que seja, será o mesmo que esfolá-los vivos - prosseguiu Durham. - Farão tudo o que estiver na mão deles para o impedir.

Christian assentiu.

- Por isso, é melhor não dizeres que não vais ficar bom. Tens responsabilidades, já para não falar da tua mulher.

Christian pensou em tudo aquilo. Pensou no que aconteceria a Maddy se o declarassem incapaz e o devolvessem àquele lugar. Anulariam o casamento, isso era óbvio. A família dele nunca consentiria que continuassem casados.

Até ao dia anterior, isso não teria sido um desastre muito grande para ela. Mas as coisas tinham-se alterado...

Viver numa cela de prisioneiro sem saber onde ela estava nem o que lhe tinham feito, sem sequer saber se estava viva. Christian tentou imaginá-lo, e o pesadelo daquele lugar fê-lo cair num abismo ao qual nunca pensara chegar.

Maddy ocupou-se do pai até este se instalar no quarto e, depois do jantar, retiraram-se ambos à mesma hora. Demorou muito tempo a assegurar-se de que o quarto não se enchia de fumo e a cama estava quente.

- Não deves ficar tanto tempo comigo, Maddy - riu-se o pai com doçura. - O teu marido espera-te.

- Não, não, garanto-te que o duque não se importa - respondeu ela, ao mesmo tempo que percebia que corara. - *Lady* de Marly e Durham estão com ele.

- Apesar disso, parece-me que te prefere ver a ti. Só estás casada há uma semana.

- Mas podemos aproveitar para falar...

- Vai, minha querida Maddy - disse o pai a sorrir. - Estou cansado e preciso de dormir.

- Mas, pai... - protestou ela fracamente. O pai tapou-se com os lençóis e fechou os olhos. Maddy continuou sentada sem se mexer. Passado um momento, ele virou-se na cama voltou-lhe as costas.

Maddy chamou um criado para que a conduzisse pelas passagens escuras e o vestíbulo até à saleta. Quando chegou, Durham e o duque já se encontravam ali depois de terem tomado o porto. Durham não ficou durante muito tempo. Quando *lady* de Marly anunciou que se ia retirar, levantou-se solícito e ofereceu-se para a acompanhar.

Maddy ficou sozinha com Jervaulx. No mesmo instante, uma vergonha desesperada apoderou-se dela, uma poderosa consciência da presença dele e de si mesma. Observou-o a apagar as velas, a deixar unicamente o cheiro intenso a mechas extintas e a luz alaranjada da chaminé.

Jervaulx entrou no quarto. A porta estava aberta e o quarto bem iluminado com candeeiros a óleo, mas Maddy deixou-se ficar sentada na poltrona. O pai recusara-se a dar-lhe a sua opinião acerca do casamento. Maddy não acreditava que o condenasse por completo - pelo menos, não parecia decepcionado nem aborrecido com ela -, mas era óbvio que estava preocupado.

Deixou-se ficar na poltrona com as pernas juntas e as mãos entrelaçadas sobre o colo, a agarrar as pontas do xaile.

Jervaulx apareceu na porta em mangas de camisa, e a silhueta dele recortou-se contra a luz que emanava do quarto. A iluminação fraca dos restos da lareira mal lhe deixava vislumbrar o rosto e a palidez da renda da parte da frente da camisa. Encostou-se à porta.

Maddy baixou a cabeça e apertou o xaile com mais força. Não ouviu nada. Apenas a sombra de Jervaulx a atravessar a luz que se derramava sobre o tapete é que lhe indicou que ele entrara na sala.

Parou atrás dela. Começou a soltar-lhe o cabelo, a procurar os ganchos e a deixá-los cair no chão. As tranças libertaram-se. Maddy manteve a cabeça baixa enquanto estas lhe caíam sobre os ombros.

Jervaulx começou a destrançar-las enquanto ela permanecia imóvel. Desenredou as extremidades com os dedos e abriu-as, depois utilizou-as para a acariciar como se fossem uma pena, a passá-las pelas faces e ao longo do maxilar até chegar atrás das orelhas. De seguida, percorreu-lhe com elas o pescoço e afastou o xaile com que Maddy se cobria.

O xaile escorregou-lhe dos dedos. Com suavidade, as madeixas de cabelo acariciaram-lhe os ombros nus, a desenhar círculos e arcos até chegarem à nuca.

Maddy sentiu-o a desabotoar-lhe os botões. Foi capaz de o fazer, mas lentamente, a descer um a um ao mesmo tempo que lhe desapertava o corpete. Maddy baixou ainda mais a cabeça à medida que a roupa se abria. Respirou profundamente.

Jervaulx colocou-se em frente dela e estendeu-lhe a mão. Maddy levantou-se à espera que a conduzisse ao quarto mas, em vez disso, ele enfiou os dedos entre o que restava das tranças, a soltar as madeixas ainda entrelaçadas, a espalhá-las, a penteá-las.

O rosto dele adquirira uma expressão estranha e intensa de seriedade. Não a olhou directamente. A luz da lareira percorreu-lhe as faces e o maxilar, e reflectiu-se-lhe nas pestanas. Acabou de lhe desmanchar as tranças e estendeu-as sobre ela, como se a cobrisse com um manto.

Pousou-lhe as mãos nos ombros e baixou-lhe o vestido e a roupa interior pelos braços. Maddy murmurou um ligeiro protesto. Ali não, naquela sala em que poderia aparecer qualquer pessoa.

Christian ouviu-a, mas não se deteve. Já nem se recordava da primeira vez em que imaginara aquela cena. Maddy com o cabelo solto em ondas lascivas, e a pele pálida na qual se vislumbrava o desejo. Aquela visão fizera parte do pesadelo mas, agora que a tinha, agora que tinha toda aquela liberdade, sensibilidade e beleza perante ele, agora que lhe podia tocar, ia fazê-lo à luz para que fosse real.

Maddy permaneceu imóvel, enquanto Christian lhe puxava o cabelo para a frente como se fosse um véu a cobrir-lhe o peito. Era a única protecção que lhe permitiria, aquela capa de um

dourado-intenso que era o cabelo dela, enquanto por baixo deste lhe baixava a roupa até à cintura, a fazer deslizar as mangas do vestido e a camisa branca e simples até aos pulsos.

Maddy emitiu outro som como se se quisesse queixar, mas as mãos não colocaram qualquer resistência quando ele as libertou do vestido.

- Isto não está... - começou ela a dizer, mas interrompeu-se ao ficar sem alento quando Christian lhe colocou as mãos sobre o peito nu. - Jervaulx...

- Christian - disse ele enquanto apoiava a testa no ombro de Maddy e lhe aspirava o cheiro. - Para os outros... Jervaulx. Para ti... Christian. - Continuou a explorar debaixo da cascata de cabelo até que encontrou um botão ainda preso. Soltou-o e as roupas caíram num monte de seda e linho aos pés de Maddy.

- Ah! - exclamou ela a sentir-se assustada mas, ao mesmo tempo, muito excitada.

Sob a extensa cabeleira, as meias de Maddy exibiam toda a sua brancura até chegarem aos sapatos grossos e incongruentes. Christian sorriu. A firme Maddy. A lasciva Maddy. Capas e mais capas da puritana e provocadora Missmaddy.

Ajoelhou-se aos pés dela e desabotoou-lhe os sapatos, plenamente consciente do sussurrar do cabelo dela sobre as têmporas. Virou a cabeça e beijou-lhe a coxa e o joelho através daquela cascata densa. Rodeou-lhe a perna com as duas mãos e fê-las deslizar para cima e para baixo ao longo das meias de lã, a pressionar a parte traseira do joelho para a convidar a unir-se a ele.

Maddy desequilibrou-se e apoiou-se sobre os ombros dele. Christian pegou num dos pés delicados e arqueados, ainda enfiado na meia mas já livre do sapato grosso. Maddy libertou-se rapidamente e colocou o pé sobre o monte de seda espalhado pelo chão, ao mesmo tempo que afastava as mãos dos ombros de Christian.

Ele preparou-se para lhe pegar na outra perna mas, nesse momento, ela descalçou-se e tirou a meia sozinha. Durante um instante, Christian viu a ponta branca dos dedos do pé de Maddy mas, a seguir, ela recuou rapidamente enquanto o cabelo se movia em vagas à sua volta.

Christian sentou-se no tapete que se encontrava em frente da lareira, levantou a cabeça e contemplou-a. A cabeleira solta dava-lhe um aspecto virginal e os ombros brilhavam como marfim no local onde o cabelo se abria. Era simultaneamente casta e sedutora, uma imagem viva em ouro e bronze.

- Não me olhes! - disse Maddy num fio de voz.

- Porquê? - perguntou ele sem afastar os olhos.

- És... como uma criatura animal.

Christian reclinou-se, e apoiou os cotovelos sobre o escabelo almofadado.

- Tu és... uma bela criatura.

- Não - sussurrou ela.

- Sim.

- És muito perverso.

- Por te chamar... bela? Se não o disser... minto. Não posso mentir, Missmaddy. Tu... ensinaste-me isso.

Maddy cobriu o peito com os braços. Os olhos irradiavam um brilho suave.

E então, de repente, ela caiu de joelhos aos pés dele. A agitar a cabeça, lançou o cabelo para trás, e deixou entrever a sua nudez. O movimento ascendente e descendente que fazia ao respirar permitiu a Christian vislumbrar-lhe o peito. Sentiu-se profundamente excitado. A imagem virginal caiu como uma máscara. Maddy era uma ninfa de fogo e sombra que se lhe oferecia.

- Não - disse ela. - Não posso fingir. - Avançou uma mão para ele, mas voltou a deixá-la cair. - É que... não sei que fazer.

Christian poderia tê-la tomado naquele momento, fazê-la cair sobre o tapete junto dele e possuí-la, sem cerimónias, sem prestar importância a nada a não ser à luxúria que o percorria. Poderia tê-la mantido debaixo dele, afundar-se naquela cabeleira e penetrá-la com toda a força, presa do próprio desejo.

Mas ele era o único dos dois com experiência. Ela não o iria admirar pelo modo como a

possuía, mas não era a falta de desejo que o fazia conter-se. Era a força de uma requintada educação na arte de amar.

- Faz... o que quiseres - disse ele, por fim.

Maddy hesitou uns instantes enquanto ele se mantinha imóvel, descontraído, a observá-la. Então, ela inclinou um pouco a cabeça para um lado e o cabelo caiu-lhe sobre o rosto. Pegou numa das botas de Christian. Este sorriu enquanto a contemplava. De imediato, a ninfa sensual desapareceu e deu lugar à prática e simples Maddy de sempre. Soltou as correias das fivelas, pegou-lhe no pé com as duas mãos e, com um movimento hábil para o lado e para cima, descalçou a bota com tanta habilidade como se fosse uma experiente criada de quarto.

Christian moveu os dedos do pé à frente dela. Com cuidado, Maddy afastou a bota para o lado. Passado um momento, retirou a outra e colocou-a junto do par. Avançou um pouco, ajeitou o cabelo, sentou-se sobre os calcanhares e pousou os pés de Christian no colo.

Ele deitou a cabeça para trás e olhou para o tecto, satisfeito. Não queria desperdiçar aquele momento, não enquanto pudesse olhar para Maddy, uma Maddy envolta num cabelo extraordinário, uma Maddy que lhe esfregava os pés como se se tratasse de uma tarefa da maior solenidade. Massajou-lhe os arcos e os calcanhares, a deter-se de vez em quando para lhe torcer um pouco um pé e a baixar-se ligeiramente para o inspeccionar. Christian percebeu que estava a verificar o trabalho meticuloso que acabara de executar.

Numa dessas interrupções, Christian estendeu o pé e tocou-lhe com um dedo, a afastar-lhe um pouco o cabelo. Abaixo da garganta de Maddy, um feixe de luz fraco percorreu-lhe a pele como se se tratasse da nave de uma catedral ressoante de sensualidade. Na noite anterior, fora apenas o tacto. Naquela noite, via-a na sua totalidade, num momento íntimo e secreto.

Christian afastou o pé e o cabelo de Maddy voltou a cair na posição original, enquanto ela voltava a dedicar-se à massagem. Voltou a mexer os dedos para lhe atrair a atenção, já que parecia demasiado concentrada no que estava a fazer.

Maddy ergueu a cabeça. Christian afastou os pés do colo dela e, depois de os pousar no chão, olhou-a por entre o intervalo dos joelhos. Era um desafio. Tinha de o procurar ou afastar-se por completo.

- Isto não é justo - disse Maddy num tom queixoso.

- Porquê?

- Tu estás... vestido.

Christian sorriu com prazer.

- És perverso e animal - afirmou Maddy. Christian inclinou a cabeça e ergueu as sobrancelhas.

- Estás a rir-te de mim!

Não - disse Christian ao mesmo tempo que esticava as pernas, uma de cada lado dela. - Estou... à espera.

- Tenho de te despir? - perguntou Maddy. - É isso que devo fazer? Christian aproximou os pés das ancas dela e acariciou-a.

- Queres?

Maddy desviou os olhos e olhou para o tapete que tinha à frente dela. Christian percorreu-lhe a pele nua e o cabelo com os dedos dos pés.

- A sério... Missmaddy. Queres? - repetiu com extrema doçura. Maddy respirou fundo, exalou e inclinou-se sobre ele.

Fora a única coisa que Christian se lembrara de fazer para se dominar. A posição de Maddy, agachada, revelava-a nitidamente, os seios pesados sob a cascata dourada que reflectia a luz das chamas, e cuja transparência requintada não ocultava nada. Apoiada sobre uma mão, Maddy desabotoou-lhe as calças.

O cabelo dela deslizou para a frente, descobriu-lhe as costas e a curva das nádegas. Levantou-se depressa para o lançar para trás, e permitiu-lhe a visão fugaz de boa parte do seu corpo. O torso suave, o peito, a linha do ventre, e a coroa escura e encaracolada abaixo dele.

A contenção abandonou Christian. Endireitou-se na poltrona e apoiou-se nas mãos. Maddy pareceu assustar-se. Olhou-o como se fosse uma tímida criatura do bosque ao mesmo tempo que se tentava alistar, mas ele agarrou-a com as pernas. Puxou-a para baixo até a sentar ao colo. Deitou-se no tapete, e beijou-lhe o pescoço, o peito, enquanto a sua longa cabeleira se espalhava à volta deles.

Mas Christian não se queria precipitar, queria gozar aquele fogo lento e luxuriante. Com um esforço, descontraiu as mãos e percorreu o corpo de Maddy, ainda deitada sobre ele. Ela não se afastara depois daquele primeiro momento. Parecia aguardar, sem o olhar nos olhos, de lábios entreabertos.

- Gosto... sem pressas - disse Christian, enquanto colocava as mãos atrás da cabeça. - No entanto... espero.

- Não sei que fazer - sussurrou Maddy, de novo, num tom queixoso.

- Pensa. A luz da lareira brilhou-lhe sobre os lábios húmidos.

- Não. Não posso.

- Para cima - disse Christian. - Põe-te... de joelhos. Quando Maddy não se moveu, ele agarrou-lhe nos pulsos. Puxou-a para cima, juntou as palmas das mãos às dela, até ela se ajoelhar. Maddy tentou soltar-se, mas Christian sabia o que ela faria se o permitisse.

- Não te escondas - disse enquanto continuava a segurar-lhe as mãos. - Lembro... a primeira noite que te vi... minha mesa... tudo limpo e organizado... a *miss* Timms... e os seus «tus». - Sorriu. - Vi-te... como agora... *miss* Timms.

Maddy corou.

- Porque eras perverso.

- Perverso? Sou... tão mau... Missmaddy?

Maddy olhou-o, sem parecer consciente do seu aspecto e do efeito que exercia sobre ele - em nenhum momento afastara os olhos do rosto de Christian.

- Diz-me... que pensaste... da primeira vez... que me viste. Maddy soltou um pequeno murmúrio de espanto.

- Pensei que eras um homem perverso.

- Desprezo - disse ele, enquanto levantava os joelhos e os apertava contra as ancas de Maddy. - Desprezo. Foste para casa... rezar.

- Gostei um pouco mais quando ofereceste a cátedra de Matemática ao meu pai.

- Ambição - apontou ele. - Boa esposa.

Isso fez com que Maddy sorrisse. Christian baloiçou ligeiramente as pernas.

- Astuta. Ambiciosa. - Soltou uma das mãos de Maddy e afastou-lhe o cabelo de cima do ombro. - Bela.

Ela começou a respirar com maior rapidez. Christian tocou-lhe, percorreu-lhe a cintura com os dedos até chegar ao peito, que delineou com o indicador.

- Gosto disso - disse Maddy suavemente e sem hesitações.

- Eu também - replicou ele com solenidade.

O peito de Maddy elevava-se e caía sob as carícias de Christian. Ele percorria-lho muito devagar, a observar como cada toque se reflectia no rosto dela. Quando lhe tocou o mamilo, Maddy inspirou profundamente e mordeu o lábio inferior.

Christian soltou um gemido profundo. Endireitou-se mais e aproximou-se dela. Com a língua percorreu o caminho que os dedos tinham previamente traçado. Pousou as mãos na cintura de Maddy e, depois de abrir a boca sobre o mamilo dela, sugou-o.

Maddy estremeceu e arqueou-se contra Christian. Este baixou as mãos e com os polegares acariciou os caracóis curtos e provocadores. Maddy ainda desprendia o cheiro da noite anterior, denso de calor e paixão. Sentiu os dedos dela a enfiarem-se fracos por entre o cabelo dele, a atraí-lo para si.

Christian colocou-lhe a mão entre as pernas, a incitá-la a abri-las, A sentar-se em cima dele. A imaculada Maddy, a encantadora, sensível e amorosa Missmaddy, com o cabelo a cair-lhe em cascata sobre um dos ombros, a cabeça inclinada para trás, a boca aberta e a tremer de paixão.

Christian prolongou aquele momento durante um longo período de tempo, a acariciá-la, a provocá-la, até que as coxas de Maddy estremeceram e começou a arquejar de cada vez que lhe tocava. E, quando ele se moveu debaixo dela, Maddy lançou um queixume rápido e abriu os olhos, para o ver a entrar dentro dela, a puxá-la para cima dele.

Christian levantou a cabeça do tapete para lhe sugar o peito. Maddy moveu-se e contorceu-se com uns espasmos estranhos mas simultaneamente requintados, até que ele lhe agarrou as nádegas e lhe ensinou o ritmo adequado, o cabelo de Maddy a deslizar entre as palmas das mãos dele e a pele dela. De repente, com uma brusquidão encantadora, Maddy atingiu o orgasmo. Lançou uma série de gritos fracos, como alguém que tivesse tido um sonho inquietante. Christian envolveu-a entre os braços e abraçou-a com força durante um instante. A seguir, com uma investida profunda enquanto a segurava pelas ancas, soltou todo o desejo que acumulara dentro dele.

Quando terminou, apertou-a contra o peito e não fechou os olhos em nenhum momento, para se certificar que era real e deixar que os pesadelos se desvanecessem à luz das chamas.

26

No dia seguinte, Maddy quase não se atrevia a olhar para Jervaulx, embora ele não mostrasse qualquer indício de se recordar do abandono dela na noite anterior, como se nem sequer tivesse reparado nisso. Maddy pensou que até parecia um pouco mais frio do que o habitual, composto e sereno, e a tratava na presença dos outros sem qualquer tipo de intimidade especial para além de uma vulgar cortesia. O comportamento de Jervaulx era o de uma mera indiferença despreocupada - excepto quando nas costas da tia lhe lançara um olhar cúmplice, aquele sorriso retorcido de pirata, rápido e secreto, olhos azuis sob pestanas negras, enquanto os outros se encontravam à volta da lareira do salão a fazer planos para a ceia de Natal a dar aos arrendatários.

Maddy sentiu-se corar de cima a baixo e foi incapaz de afastar o olhar. O sorriso de Jervaulx transformou-se num esgar. Depois desapareceu e ele desviou os olhos.

Durham sugeriu um baile com valsas, enquanto *lady* de Marly afirmava que um par de bois assados, um bom jantar de três pratos - para não menos de duzentos comensais -, seguido por um concerto de música religiosa, sempre fora mais do que o suficiente, e continuaria a sê-lo no futuro. O pai de Maddy sorriu ao ouvir as duas propostas, e o mais velho dos Calvin exibiu a expressão de alguém que as estava a considerar com muito cuidado, como se tivesse participado em tais controvérsias uma infinidade de vezes mas tivesse a obrigação, pelo posto que ocupava, de voltar a considerá-las.

O reverendo senhor Durham não desperdiçou mais tempo em propostas racionais que contrariassem as de *lady* de Marly. Limitou-se a fazer-lhe uma pequena vénia, virou uma perna graciosa, e começou a trautear ao mesmo tempo que lhe pegava na mão e a fazia rodar. A bengala da dama caiu no chão. *Lady* de Marly emitiu uma exclamação irritada, mas os pés moveram-se com uma agilidade surpreendente.

- Solte-me, seu descarado - disse enquanto se tentava afastar dele. - Vai partir-me os ossos.

Durham segurou-a pela mão para que não perdesse o equilíbrio, e continuou a cantarolar e a dançar à volta dela.

- É uma valsa, minha senhora. La la la la la, la la, la la...

Maddy encontrou-se, tão repentinamente como acontecera a *lady* de Marly, a rodopiar com o braço do marido em volta da cintura, o trautear de Jervaulx a misturar-se com o de Durham, e as vozes a ganharem mais força. Maddy não sabia dançar. Teve que se esforçar para manter o equilíbrio e não parava de tropeçar, enquanto o duque a fazia rodar e rodar.

O cantarolar transformou-se numa improvisação a plenos pulmões, la la la la, la la, interpretada por fortes vozes masculinas que ressoavam pelas paredes enquanto a sala girava frenética em volta de Maddy. Jervaulx agarrara-a com suavidade e firmeza. As abas do casaco

davam voltas e a saia de Maddy brilhava a cada passagem. Maddy tinha que se mover a cada passo para não sair disparada mas, cada vez que parecia que isso ia acontecer, ele fazia-a rodar de um modo que a salvava. Quando, numa ocasião, ela o pisou, a única reacção de Jervaulx foi colocar uma maior ênfase num dos «la» ao mesmo tempo que lhe sorria e a agarrava com mais força pela cintura.

Por fim, Durham e ele deixaram de interpretar a peça. Jervaulx levantou o braço de Maddy e inclinou-se perante ela com um floreado.

- Obrigado... duquesa. - Maddy estava corada e tentava recuperar o fôlego. Jervaulx olhou para os outros. - Não sabe... dançar.

- Não, não sei - assentiu Maddy. - Os Amigos não dançam. Olharam-na os três. Sentiu-se ridícula com aqueles sapatos grosso, mais desajeitada que *lady* de Marly sob o peso da idade.

- É apenas uma diversão frívola - acrescentou. *Lady* de Marly suspirou.

- Arranja-lhe um professor de dança, Jervaulx. Calvin pai aproximou-se de um criado que esperava junto da soleira da porta de serviço e voltou com uma bandeja de prata na qual encontravam duas cartas.

- O correio chegou antes da hora, excelência. Coloco-o no seu estúdio? - Fez uma reverência rápida na direcção da tia do duque. - Também tenho uma carta para *lady* de Marly.

- Deixa-a na minha salinha - disse esta. - Achas que aquele italiano que ensinou as meninas continua no país, Jervaulx?

O duque pegou na carta. Abriu-a sem ajuda, uma pequena façanha que ninguém, nem sequer ele, pareceu perceber. Apenas Maddy.

- Ficarei encantado por me encarregar eu mesmo disso - disse Durham -, até que encontrem um professor de dança. Mas é necessário que alguém toque a música.

- Não quero aprender a dançar - disse Maddy. - Não vou ter a oportunidade de o fazer.

- O melhor seria usar um violoncelo, mas de certeza que a única coisa que encontraremos na aldeia será alguma viúva que saiba tocar piano - disse *lady* de Marly.

- A sério que não quero...

- Tolices! - exclamou *lady* de Marly. - Não comece com as suas opiniões inconformistas, menina. Se se quer livrar de dançar a valsa, pode fazê-lo apelando ao decoro, mas os bailes respeitáveis são imprescindíveis. Não é inválida e por isso todas as pessoas esperarão que dance com o duque ou, de outro modo, cairá no ridículo.

Maddy continuou a argumentar mas, quando se preparava para falar, olhou para Jervaulx. Este segurava a carta aberta na mão e tinha o olhar perdido, o rosto pálido e descomposto.

- O que é que aconteceu? - perguntou Maddy.

Quando falou, desejou não o ter feito. Os outros olharam para Jervaulx, cujo rosto se enublou, exasperado. Não disse nada.

- Deixa-me lê-la - disse *lady* de Marly, e estendeu o braço. Jervaulx olhou-a como se não se recordasse que estava ali. Sacudiu a cabeça.

- Deixa-me vê-la - insistiu ela.

- Não. Não é... nada - disse ele e franziu a testa. - Nada.

- Não sejas tolo, rapaz - disse-lhe a tia. - O que é? Deixa-me vê-la.

Jervaulx amarrotou a carta e, sem dizer palavra, lançou-a para as chamas e saiu do salão.

- Criança tola - murmurou *lady* de Marly.

Maddy virou-se para ela.

- Não lhe consegues falar como a um homem em vez de como a uma criança desobediente?

- Falo-lhe como sempre o fiz, rapariga. Não vejo por que motivo devo mudar agora.

- Ele mudou.

- Mas o mundo continua o mesmo. Não se esqueça disso - disse *Lady* de Marly, enquanto batia no chão com a bengala. - O mundo está sempre connosco... Não se esqueça disso, duquesa.

Christian estava de costas para o parapeito, os ombros encostados à pedra fria. O vento entrava por uma fresta fina e agitava-lhe o cabelo. Um falcão sobrevoou Belletoile e elevou-se sobre a torre, a desenhar uma curva rápida para de seguida se inclinar para um lado e descer. Para além dele, o céu mantinha-se vazio e cinzento.

Christian não olhava para nada em concreto. Fora uma decisão estúpida, quanto a isso não lhe restava a mínima dúvida. Aqueles momentos de duas noites atrás tinham-no seduzido, aqueles momentos passageiros nos quais tivera a fala quase intacta. Chegara a pensar que se se concentrasse...

Limitara-se a escrever sozinho e, enquanto o fazia, percebeu que não o estava a fazer bem. Via os erros mas, quando tentava localizá-los com exactidão, pareciam desaparecer para de seguida reaparecerem pelo canto do olho quando olhava noutra direcção. Quando viu a folha virada ao contrário, ao dobrá-la, percebeu como parecia estranha - toda inclinada para um lado. Mas, apesar disso, entregara-a a Calvin pai para que a enviasse.

Estúpido. Estúpido, estúpido, estúpido.

Ouviu passos na escada. Devia ser Maddy. Todos os outros sabiam que não o deviam seguir até ali. Presumira e quase desejara que ela lhe acudisse, e até deixara as portas abertas para que ela pudesse saber qual o caminho.

Maddy surgiu na ameia. Não levava capa. O vento soprou-lhe a saía e enrolou-lha à volta das pernas, deixando os sapatos grossos e as meias brancas a descoberto.

A Maddy leal, simples e incapaz de dançar, que não o queria deixar cair no ridículo. Que não lhe queria dizer o que ele, com uma enorme dor, já percebera. Que saberia, se ele lhe dissesse que tinha medo, o que é que ele devia reear.

Christian estendeu-lhe um braço. Maddy hesitou por instantes e, a seguir, pegou na mão que ele lhe oferecia, e uniu a pele quente e nu à dele. Christian rodeou-a com os braços e refugiaram-se contra o muro.

Maddy estava em silêncio. Christian apoiou a testa no ombro dela. Durante um longo período de tempo, permaneceu assim, escondido até que por fim disse:

- Estava... escrevi... a Bailey. A Monmouth. Para que venha... e redigi uns documentos - explicou a tremer, o frio a gelá-lo até ao osso. Apertou Maddy com mais força.

- Bailey... há quinze anos, advogado... encarrega-se dos... meus assuntos. As quintas... compra de terras... eleições... o condado... tudo. - Christian viu por cima do ombro de Maddy o espinhaço longo, uma das alas do castelo de Jervaulx e as montanhas distantes.

- Não vem. Escreveu. Não pensa... fazer nada. - Christian lançou uma gargalhada curta e sardónica. - Não pensa fazer nada.

Virou a cabeça e pousou os lábios sobre a orelha fria de Maddy. Apertava-a com muita força porque receava começar a chorar de um momento para o outro.

Maddy permaneceu firme e imóvel. Levantou uma mão e entrelaçou-a com a dele.

- A minha escrita... a carta... mal. Acho... que mal. Erros. Estúpido!

- Da próxima vez, posso lê-la antes, se quiseres - disse ela.

Era a resposta típica, prática e bondosa de Missmaddy. Olhava sempre para a frente, não para trás. Da próxima vez. Da próxima vez sairá melhor.

Christian era responsável por ela. Tinha que o fazer melhor. Muito melhor. Tinha que ser perfeito, para que ninguém pudesse duvidar dele. Para que ninguém lhe pudesse arrebatá-la a vida, ninguém lhe pudesse levar Maddy, ninguém lhe pudesse pôr as mãos em cima e fechá-lo naquele lugar.

- Maddy. A audiência... eu...

Calou-se, presa da frustração. O modo como se desintegrava ao piar sob escrutínio e um enorme esforço aterrorizava-o mais que tudo. Sabia que, quando o voltassem a julgar, iria tentá-lo tão arduamente que acabaria por emudecer. - Falho. Demasiada... tensão. Idiota!

- Às vezes... - Maddy fez uma pausa e, a seguir, acrescentou: - Às vezes sei que consegues.

Christian resmungou e apoiou a cabeça contra o muro. - Porque... agora não? Na audiência...

- voltou a resmungar. - Nunca.

Maddy levantou os braços e pousou-os sobre os dele.

- Deverias praticar mais, para te tranquilizares e ires melhorando. Podia tentá-lo. Mas nada o iria habituar à pressão de exigências inesperadas, nem à dura prova de olhos críticos pendentes dele. Nada.

Christian contemplou o vale e as montanhas. Amara sempre aquele lugar, aquele castelo que conhecera durante toda a vida, mas nada mais era que um refúgio precário. Ali era vulnerável, mas não sabia que outra coisa fazer, um lugar para onde ir que fosse seguro.

Maddy pegou-lhe na mão e fechou-a entre os dedos gelados. Christian inclinou-se sobre o pescoço dela e beijou-o, a aquecê-la com o seu calor, a queimar todos os medos com a chama que ardeu naquele instante entre os dois.

Lady de Marly esperava-os na sala de estar quando desceram da loire. Levantou-se apoiada à bengala.

- Recebi isto do teu querido cunhado - disse, a brandir o papel. - É de Stoneham. Parece que alguns deles se tornaram escrupulosos. - Levantou os óculos e leu a missiva. - «Ele compreende que uma audiência pública vos seria ofensiva, e degradante para a família.» Sim, degradante! Demorou bastante a lembrar-se disso. Oferece-te um fideicomisso em troca de uma declaração de incapacidade. Viverás na propriedade de Cumberland, com uma renda de quatro mil libras, e o resto do teu património ficará nas mãos de fiduciários. Comprometes-te a não tocar em nada que lhes pertença.

Jervaulx emitiu um som. Avançou um passo e arrancou a carta das mãos da tia. Rasgou-a ao meio e atirou-a à lareira.

- Não me deixaste acabar - disse *lady* de Marly, sem se alterar. - Stoneham informa-nos que o senhor Manning não está muito convencido dos benefícios de um fideicomisso privado, e prefere que tudo se faça à luz pública. Quer que te declarem incapaz e te fechem, por «muito doloroso que seja a curto prazo», acho que era isso que dizia. Mas Stoneham está convencido de que, se aceites renunciar ao teu matrimónio com a *quaker* perante o tribunal eclesiástico, os outros concordarão.

O duque limitou-se a olhá-la fixamente com uma expressão de fúria cortante e assassina no rosto. A tia manteve-se imperturbável.

- O teu orgulho não te fará nenhum bem em relação a isto - disse. - Pensa, Jervaulx. Se fores a tribunal e perderes, perdes tudo. É uma oferta. A possibilidade de iniciares uma negociação.

- Oferta! - gritou ele. - Para o inferno... com a... maldita oferta. Malditos filhos da mãe! Não!

- Faz tu uma contra-oferta - disse *lady* de Marly. - Ficas a viver aqui, com um fideicomisso, sim, mas de trinta mil libras anuais. O casamento é válido e exige um documento assinado por todos os teus parentes, no qual seja indicado que o primeiro varão da tua descendência herdará o título.

Jervaulx agarrou num atiçador da lareira. Atirou-o para cima de um aparador e esmagou os candelabros e jarrões chineses que se encontravam em cima deste.

A tia contemplou a destruição.

- Acho que sim, que estás louco - disse com extrema frieza. - Ou pior, que és um idiota.

- Não há... oferta - disse Jervaulx. Pegou num bastão pontiagudo que se encontrava em frente da lareira, partiu-o ao meio e atirou as duas metades para o fogo. - Não há... fideicomisso.

- Não penso continuar aqui enquanto partes tudo - afirmou *lady* de Marly, e dirigiu-se para a porta. - Continuaremos a falar quando fores capaz de te controlar.

Jervaulx parecia ter-se esquecido que Maddy estava ali. Murmurou «não, não, não», furioso, e puxou pelo cordão da campainha quando a porta se fechou atrás da tia. Apareceu um criado.

- Calvin! - gritou o duque. - O livro de contas... no estúdio. Virou-se e olhou para Maddy.

- Tu... vem.

Todas as paredes estavam cobertas, do chão ao tecto, de estantes cheias de livros, excepto a que se encontrava atrás da escrivaninha. Aí estava colocada em cima de um cavalete uma ardósia cheia de equações escritas a giz. Mas aquilo que mais se destacava no estúdio do duque - apontado para uma pequena janela de dobradiças como uma elegante lança de latão dirigida às estrelas - era um telescópio reluzente com cerca de dois metros de comprimento, com uma rédea de cavalo sobre a roda que fazia girar o tripé.

Jervaulx deixou-se cair na cadeira giratória do estúdio como se soubesse com toda a precisão até onde se moveria antes de a virar, e começou a vasculhar a confusão que tinha à frente. Com um resmungo de impaciência afastou papéis, cadernos de apontamentos, um par de botas gastas e três globos, dois da Terra e um da face visível da Lua, para arranjar espaço em cima da escrivaninha. De seguida, olhou para Maddy.

- Senta-te... e ouve.

Maddy teve que afastar uma pilha de jornais, uma peça de um qualquer mecanismo e vários modelos de carambolas muito brilhantes, e pintadas de vermelho e preto, para arranjar espaço. Apertou o xaile para se proteger do frio que fazia naquela sala gelada. Calvin pai entrou com um grosso livro de contas e um embrulho de pele, atado com uma fita castanha.

- Um rapaz acabou de trazer isto de Monmouth, excelência. Não quiseram confiar no correio.

- Bailey?

- Sim, é do senhor Bailey, excelência.

Jervaulx lançou um olhar cáustico ao embrulho e apontou para um canto da escrivaninha. Calvin pai deixou o embrulho sobre uma caixa de arquivo. Pousou o livro de contas no espaço que o duque deixara livre. Grosso e com os cantos gastos, aquele livro tinha um aspecto de muito maior autoridade do que os cadernos finos que Maddy examinara. Jervaulx abriu-o com o indicador.

Aquelas quatro simples palavras, «não pensa fazer nada», não pareceram muito graves a Maddy. Tinham ferido o orgulho do duque, tinham-no feito ver a realidade crua e nua, mas ela não vira mais nada nelas para além disso. Observou Jervaulx enquanto este examinava a página do livro que Calvin lhe assinalara.

O mordomo pigarreou.

- Para mim, foi uma enorme satisfação voltar a ver sua excelência em Jervaulx - disse.

O duque não respondeu. Estava a olhar fixamente para o livro sem passar nenhuma página.

Calvin pai permaneceu de pé com as nodosas mãos juntas, a mover um polegar para a frente e para trás sobre o pulso.

- Pedi ao senhor Bailey mais dinheiro, e ele pediu-o a Londres, e fomos apenas informados de que o administrador-geral não podia fazer nada.

Jervaulx nem sequer parecia estar a ler o livro. Parecia apenas hipnotizado naquela página.

- Por outro lado, a falta de instruções manteve o castelo a funcionar do modo habitual - continuou Calvin pai, com uma voz que começava a mostrar sinais de idade avançada. - Os salários foram pagos com os fundos para a manutenção da casa até se esgotarem. Tomei a liberdade de atrasar o pagamento do meu salário no último trimestre, excelência, para que os valores não aumentassem. Os abastecimentos foram conseguidos a crédito. - Não olhava para o duque, mas sim por cima da cabeça deste para o quadro que se encontrava atrás dele. - Apenas gostaria de acrescentar que me alegro muito por sua excelência ter achado por bem examinar a situação, já que cada vez é mais difícil... isto... lamento dizer que circulam rumores... - Voltou a pigarrear. - É muito desagradável e ridículo, mas alguns comerciantes começam a inquietar-se.

De repente, Jervaulx empurrou o livro para Maddy, que se inclinou pura a frente para olhar para ele.

O livro de contas tinha três colunas de entradas. Segundo o abstruso sistema que parecia reger os assuntos do duque, todas as rendas procedentes do castelo de Jervaulx - arrendamentos de quintas e terras, entradas procedentes do carvão, juros de empréstimos concedidos - passavam pelas

mãos de Calvin pai e do advogado de Monmouth, e depois iam parar a um administrador-geral em Londres. Um administrador-geral que já não desembolsava mais dinheiro.

Enquanto o castelo esbanjava dinheiro em velas, librés, criados e pó para o cabelo, não havia nada que o contrabalançasse. A propriedade acumulava dívidas enquanto somas inimagináveis ficavam retidas nalgum lugar em Londres.

Maddy não conseguia compreender como é que Calvin pai esperara tanto tempo - já que a situação era tão desesperada - até conseguir que Jervaulx se interessasse pelos assuntos financeiros. Era óbvio que o mordomo era demasiado velho para desempenhar aquela tarefa. Mas o alívio dele era tão evidente, a sua deferência tão profunda e a aceitação do duque tão automática e carente de acusações que era evidente que, para ambos, a contabilidade real pertencia a Jervaulx.

Mas o duque mal parecia preocupar-se com os gastos domésticos. As somas que tinham deixado Maddy perplexa apenas lhe produziam uma ligeira irritação. Passou muito pouco tempo a revê-las com Calvin pai, enquanto assentia à informação adicional que o mordomo lhe ilava.

Não, não era a assombrosa dívida de três mil libras em gastos no castelo de Jervaulx que fazia com que o rosto do duque estivesse tão pálido. Era o embrulho de Bailey. Enquanto Maddy segurava o livro de contas e Calvin pai assinalava os valores por pagar, Jervaulx não deixava de olhar para o embrulho como se uma víbora estivesse em cima da escrivaninha.

Quando o criado fez uma pausa, o duque olhou-o e limitou-se a dizer:

- Mais?

- Isto foi tudo que aconteceu na ausência de sua excelência.

- Suficiente - disse Jervaulx, a suspirar e a sacudir a cabeça. - Podes... retirar-te.

Calvin pai inclinou-se e saiu com o mesmo olhar de pesar que *Devil* fazia quando o expulsavam de uma sala.

- Abre-o - disse Jervaulx a Maddy, a apontar para o embrulho de pele. Ela desatou-o e tirou um punhado de cartas atadas com uma fita vermelha. Desfez o nó e colocou-as à frente dele. Jervaulx leu uma lentamente e estendeu-a a Maddy.

O Banco Hoare, numa carta datada de há vários meses, lamentava comunicar que se viam obrigados pelas circunstâncias a dirigir-se a ele em relação a uma questão de fundos e pediam, com toda a cortesia, que entrasse em contacto com eles o mais depressa possível.

Maddy levantou a cabeça depois de a ler. O duque tinha nas mãos um papel encabeçado pelo colorido emblema da companhia de seguros Sun Fire. Sem qualquer expressão no rosto, também lhe estendeu a carta.

Era muito mais recente. Escrita num tom oficial, e entre numerosos cumprimentos, desculpas efusivas e referências mais oblíquas em relação às «circunstâncias», os directores da Sun Fire lamentavam comunicar que se viam obrigados a afastar-se dos seus procedimentos habituais e exigir o pagamento imediato da soma de quarenta e cinco mil libras que tinham emprestado ao duque.

- Quarenta e cinco mil libras! - exclamou Maddy quase sem fôlego. Jervaulx estava imóvel com a mão na testa, e não levantou a cabeça.

- Maddy - disse por fim. - Vou escrever. Tu vês... para que não haja erros.

A carta para o Banco Hoare - de cuja redacção Christian teve finalmente que renunciar e deixar que fosse Maddy a escrevê-la para ele depois a assinar - consistia em instruções muito precisas e directas para que enviassem de imediato cinco mil libras da sua conta pessoal. A Sun Fire Insurance e a outros credores escreveu uma curta carta de desculpas a assegurar-lhes que se encarregaria do assunto de imediato.

A Bailey mandou uma mensagem cortante a prescindir dos seus serviços.

Mas era demasiado tarde. Algum tempo depois, Christian sentou-se à escrivaninha a ler a resposta de Hoare. Era lamentável, dizia a carta, mas certas regras e regulamentos novos, juntamente com determinadas complicações, tinham tornado impossível cumprir as recentes

instruções de sua excelência. Sombras suspeitas da presença da mãe de Christian surgiam na carta, já que os piedosos senhores Hoare incluíam nela orações pela sua saúde e alma.

Não havia dinheiro.

Nem um xelim vindo de um banco onde Christian sabia perfeitamente bem que tinha um saldo quatro vezes superior ao da quantidade pedida. Ficou parado a olhar para a carta até que as palavras pareceram misturar-se e transformar-se numa estranha loucura hieroglífica.

Por norma, Christian suportava um agravamento de seiscentas mil libras, que chegavam às setecentas mil quando precisava de empréstimos a curto prazo. A delicada trama de inversões, rendas, dívidas, arrendamentos, especulações e movimentos de capital representava uma complexa interacção da sua parte - requeria uma intensa concentração... e a confiança total por parte daqueles que lhe adiantavam dinheiro. Como se se tratasse de arcos entrelaçados, como se fosse um belo aqueduto de vários pisos que podia permanecer de pé durante séculos ou cair de repente, tudo dependia de uma questão crucial.

Essa questão crucial era a confiança, e esta tinha desaparecido.

Christian deveria tê-lo sabido. Deveria tê-lo previsto, mas vivera numa neblina que apenas se desanuviava segundo os seus caprichos inconstantes.

Toda aquela estrutura não podia resistir durante muito tempo sem a atenção dele, mas a paralisia dos agentes, a carta de Stoneham, o embrulho de Bailey cheio de exigências como a da Sun Fire, a resposta evasiva do banco Hoare, tudo demonstrava que a sua destruição estava a acelerar-se cada vez mais. Estava a cair. Nem sequer iam esperar que se realizasse a audiência, iam matá-lo enquanto se mantinha escondido no castelo de Jervaulx.

Christian passou o dia presa de um pânico silencioso sem largar a carta de Hoare, que lia uma e outra vez como num sonho, como se da próxima vez que a olhasse fosse diferente.

Era tudo uma ilusão. O que o cercava apenas uma ilusão de segurança: o castelo, os quadros, as tapeçarias de Aubusson, os criados. Sabia-o já há algum tempo, o que não sabia era o que fazer para se defender.

Ainda o podiam enviar de novo para aquele lugar. Podiam conseguir vencê-lo e enviá-lo de volta. Os protestos de Maddy desapareceriam passado algum tempo, as promessas da tia seriam esquecidas, tudo voltaria a ser uma neblina. Sim, era necessária uma audiência pública para lhe arrebataram a existência legal, mas bastava apenas um pouco de coacção física para voltar a submergi-lo naquele pesadelo.

E o que os ia impedir de o fazer? Existira alguma vez um impedimento para lançar parentes incómodos para uma masmorra?

Olhou em volta para os muros do castelo. Podia subir as pontes, entrincheirar-se nele, guarnecer as ameias, preparar-se para um cerco...

Encontrou-se perante uma armadura num corredor vazio. Nem sequer sabia onde estava. A sua mente labiríntica voltava uma e outra vez à mesma ideia. Um cerco. Tinha de se defender. Acossá-lo-iam. Quem os iria impedir? O castelo de Jervaulx nunca fora tomado depois de um cerco ou de uma batalha, nem pela facção de Lancaster nem pelas tropas a favor do Parlamento. Durante a Guerra Civil, o Parlamento nem sequer tentara atacar uma fortaleza que se sabia ser demasiado forte para ser conquistada. Christian olhou para a armadura.

E então encontrou a resposta.

Tinha que ser muito mais forte. Tinha que voltar a ser o duque, o verdadeiro duque, não aquele cobarde desorientado e escondido.

O poder era a sua única e verdadeira protecção, o poder para enfrentar a força com a força, o seu nome, influência, fortuna e controlo. Perdera tudo isso. Não tinha dinheiro nem autoridade, e podiam aparecer a qualquer momento para o levar daquele lugar.

Névoa. Há muito tempo que vivia numa névoa, enquanto o mani-cómio o esperava.

Durham exclamou:

- Santo Deus, Fane disse que na cidade corre o boato que não estiveste doente, mas sim que estás aqui porque estás falido.

Com um enorme pesar, Calvin pai disse:

- O comerciante de vinhos lamenta não poder fornecer as bebidas para o jantar dos arrendatários este ano, excelência.

A tia Vesta olhava, horrorizada, o jornal londrino.

- Bendito seja Deus! «Arruinado ou louco. Que aconteceu a sua excelência?» - leu enquanto pegava depressa nos saís e os aspirava profundamente. - Nos jornais. Que Deus nos guarde, pensar que vivi para ver isto!

Maddy limitou-se a ficar sentada com ele no estúdio para escrever a resposta aos credores. Já não ficava atónita perante as quantias que surgiam sobre a escrivadinha, mas toda ela irradiava uma nova severidade, uma firmeza casta que irritava Christian.

«Não penso fazer nada», escrevera Bailey como um insulto e um desafio.

Pois eu, sim, pensou Christian.

Londres. Tenta salvar-te, idiota louco e arruinado.

- Amanhã regresso a casa - disse Durham num tom alegre, sentado à mesa perante as sobremesas compostas por pastéis de frutos secos, pudim de passas, gelatina e tarte de queijo. - Já quase sei o caminho de cor. Quer partilhar um pastel comigo, duquesa?

Maddy sacudi a cabeça. Custava-lhe comer por saber que tudo aquilo ainda estava por pagar, até o salário da cozinheira. Desde que se inteirara da extensão das dívidas de Jervaulx que se sentia muito mal. As suas rendas eram enormes, mas os empréstimos que contraía excediam o imaginável. O valor total no fim da lista era exorbitante. Tremendo. Monstruoso. Fazia com que ela, uma *quaker* criada na poupança e na prudência, quase tivesse medo dele e de uma arrogância desmedida que conseguia acumular semelhante dívida sem pensar nas consequências. Amava-o, dormia com ele, despiu-se para receber o seu contacto carnal e, no entanto, descobrira de repente que não o conhecia em absoluto.

Dadas as circunstâncias, não podia jantar aqueles luxos, nem sequer uma única vez. Em vez do pastel, e antes do queijo, pegou numa maçã que sabia vir do pomar do castelo.

O duque, da outra extremidade da mesa reluzente, anunciou:

- Amanhã... vamos... eu e Maddy... para Belgrave Square. Maddy parou de cortar a fruta.

- Para Londres? - perguntou, surpreendida, *lady* de Marly. - E o que significa essa loucura?

A taça de vinho do duque brilhou enquanto ele a girava entre os dedos.

- Porque... quero.

A tia cravou o garfo no pastel de frutos secos e desfê-lo em fragmentos minúsculos, como se fosse um inimigo.

- Lavo as minhas mãos de ti, rapaz. Não quero saber de nada. Lança-te nas mãos deles. Melhor seria que aceitasses o fideicomisso de Stoneham e acabasses com isto de uma vez por todas.

Jervaulx não respondeu. Não afastava os olhos de Maddy.

- Amanhã - disse. - Prepara-te... vamos... de manhã.

Maddy pousou o garfo e a faca.

- Acho que isso não me é possível. Jervaulx arqueou as sobrancelhas.

- Exijo-o.

Maddy pensou que a mesa não era o lugar ideal para discutir aquele assunto. Colocou vários pedaços de fruta no prato do pai, sentado à sua esquerda.

- Toma, pai, esta maçã é muito boa. Também queres queijo?

Nos aposentos do duque, Maddy descobriu que alguém já tratara da bagagem. Havia um baú aberto no quarto de vestir com camisas e casacos, e o seu vestido de seda cinzento engomado o

melhor possível. Pegou no vestido e voltou a pendurá-lo no roupeiro.

Enquanto fechava a porta do roupeiro, Jervaulx aproximou-se dela. Desabotoou-lhe a casaca como sempre o fazia e recuou alguns passos. Ele olhou-a com os seus olhos penetrantes.

- Tens... fome? - perguntou irónico.

- Não - respondeu ela, o que não era bem uma mentira.

- Pão, água, maçã - enumerou ele com amargura e num tom acusatório.

- Como aquilo que acho mais conveniente - replicou Maddy, e desviou os olhos.

Jervaulx não parecia ter a menor intenção de reduzir gastos, nem sequer de o tentar. Maddy aventurara-se a mencionar certas poupanças que poderiam fazer no castelo, sugestões que apenas se tinham deparado com uma recusa impaciente da parte dele. Decerto que uma redução no número de empregados e a venda de determinados objectos não contribuiria muito para reduzir a sua enorme dívida, mas ele nem sequer queria tentar algo.

Aquela maneira de continuar a viver no luxo e na abundância alarmava-a e ofendia-a, pois uma pessoa no seu perfeito juízo devia saber que todos os esforços tinham de ser dirigidos para evitar semelhante loucura.

Jervaulx despiu a casaca e, quando a ia deixar cair sobre o baú aberto, deteve-se e olhou para Maddy.

- Vestido?

- Não posso ir amanhã - respondeu ela. - O meu pai ainda não está em condições de fazer outra viagem.

- Tu vens... comigo. O teu pai... depois.

- Mas o meu pai não pode...

- Para o inferno... teu pai! - Atirou a casaca e entrou no quarto. -Tu... comigo!

Maddy fechou os olhos numa tentativa de encontrar paz interior e rejeitar a enorme mágoa que sentia. Quando conseguiu recuperar um pouco de compostura, seguiu-o até ao quarto. Jervaulx estava sentado à escrivaninha, em mangas de camisa, a olhar para uma carta fechada. O candeeiro iluminava-lhe o rosto com um forte contraste de claridade e sombra, e fazia com que o cabelo e as sobrelhas ficassem tão escuras como as do próprio Satanás.

- Vamos. Somos... o duque e a duquesa... de Jervaulx. Vamos... ao teatro. A bailes. Terás... vestidos. Acho que... até daremos... um baile. Gastaremos dinheiro. Nada... vai mal.

Maddy ouvia-o enquanto o coração se lhe encolhia.

- Não. Não deves. Não podes.

- Tenho... de fazê-lo.

- Vai a Londres. Assegura-te de que o teu agente paga os atrasos. É o que é justo, pagar aquilo que se deve e arranjar o que se puder arranjar, e depois viver com moderação até que consigas refazer a tua fortuna.

Jervaulx virou-se de imediato na cadeira e olhou-a.

- Não há... nada que arranjar! Nem fortuna... refazer! Refazer reputação... compreendes? Viver... à grande. Mostrar-lhes... segurança e confiança.

- E que sentido tem isso? - exclamou ela. - De que é que isso serve quando as tuas finanças estão tão mal? Uma redução de gastos, um esforço sincero para reduzir as tuas dívidas, é isso que lhes inspirará confiança e até pode ser que obtenhas o seu respeito.

- Não! - gritou ele. Deitou a cabeça para trás e resmungou. - Não, não, não! É pior... saldar dívidas. Então parece... que se tem... problemas a sério... *quaker* tonta. Não compreendes.

Maddy deu meia volta e voltou para o quarto de vestir.

- O que compreendo é que és um homem cheio de artimanhas - exclamou a partir do quarto a tentar desabotoar o vestido. - O que compreendo é que confias nas falsas aparências, e que não aprendeste nada com os teus problemas. E que pensas fazer com essa falsa segurança em ti mesmo? Endividar-te ainda mais?

- Sim - replicou ele. Maddy apareceu na porta. Tinha tanto a dizer que naquele momento não sabia por onde começar, e apenas foi capaz de proferir as palavras que mais o magoariam.

- Deverias fazer aquilo que *lady* de Marly disse, assinar um fideicomisso e deixar que outros mais capacitados que tu tratassem de remediar as tuas loucuras.

Jervaulx semicerrou os olhos. Com uma expressão ameaçadora levantou-se da cadeira e parou em frente dela.

- Nada de... mais capacitados. Sou... Jervaulx.

Percorreu o corpo de Maddy com o olhar e esta apercebeu-se, horrorizada, que nem sequer se vestira. Cobriu-se rapidamente com os braços. Jervaulx emitiu um som irónico e sorriu. Pegou no roupão de cetim que o aguardava sobre a cama e enfiou-se nele. De seguida, pegou na licoreira e numa taça. Com uma vénia lenta e fria, saiu do quarto.

27

- Eu não deveria estar aqui - disse Maddy. Começara a inquietar-se mal acabara de chegar enquanto vagueava pelo salão da casa de Belgrave Square, a casa londrina de Christian. Do outro lado das cortinas, ouvia-se o som distante dos estalidos e rebentamentos do fogo-de-artifício procedente das celebrações do 5 de Novembro, aniversário da Conspiração da Pólvora, conhecida como Noite de Guy Fawkes.

- Não deveria ter deixado outra vez o meu pai.

Christian não respondeu e continuou a classificar com todo o cuidado a pilha de correio por abrir, que se acumulara durante a sua ausência. Por um lado, havia pedidos de dinheiro, a maior parte novos, mas outros meros duplicados dos que recebera no castelo de Jervaulx. Por outro, uma série de missivas que se interessavam pela sua saúde e convites com seis meses de antiguidade.

- Não acredito que eu te faça mesmo falta - acrescentou Maddy. - Talvez agora que já estás aqui instalado, pudesse regressar...

- Não - disse ele.

A conversa de Maddy fazia com que Christian se desconcentrasse. A cada momento tinha que se deter para recordar que carta tinha na mão, e em que monte daqueles que se encontravam sobre a mesa junto do sofá a devia colocar.

- Tenho a certeza que Durham pode ajudar-te com tudo isso melhor do que eu.

De testa franzida, Christian olhou para a carta que nesse momento segurava na mão. Era de Stafford. Sim, de Stafford. Manifestava-lhe os seus desejos para uma rápida recuperação, e não fazia qualquer referência às quinze mil libras que lhe emprestara e em que a propriedade de Gloucester ficara como garantia. Era um verdadeiro cavaleiro mas, de qualquer maneira, a carta foi parar ao último monte, àquelas que podiam ser ignoradas em segurança.

- Não te sou de qualquer utilidade aqui. Não sei dançar, nem manter conversas frívolas.

- Falas frívolo... agora - disse Christian sem olhar para ela.

- Durham pode escrever-te as cartas. Christian pegou na carta que tirara. Maddy estava a tornar-lhe as coisas muito difíceis, ao falar tanto e querer partir, quando as coisas já eram suficientemente complicadas.

- Vais ficar.

- Não deveria ter deixado o meu pai. Christian bateu no peito com a mão.

- Sou... teu marido.

- Não estás a ser razoável.

- Basta... já! - exclamou, enfurecido. Maddy estava a conseguir irritá-lo. Que podia haver de mais razoável que esperar que ela se mantivesse ao seu lado quando mais precisava dela? Aquelas palavras e cartas, todas ao mesmo tempo, estavam a provocar-lhe dores de cabeça.

Maddy sentou-se em frente dele com o rosto obscurecido pela touca que voltara a usar.

- Devias ouvir-me.

Christian olhou para o monte de cartas. Sabia que Maddy era infeliz com ele. Sabia que poderia ter voltado para Londres com Durham e deixá-la no castelo até que o pai pudesse viajar. Mas insistira em que o acompanhasse porque tinha o pressentimento - que se estava a converter numa suspeita bem fundada - que, de algum modo, se não insistisse, a chegada de Maddy a Londres se iria atrasar e acabaria por nunca acontecer devido a complicações vagas que Christian não conseguia especificar. Reparara na resistência de Maddy desde o preciso momento em que falara de Londres pela primeira vez, resistência que fora aumentando à medida que se aproximavam da cidade.

- Ouve! Tenho que... comportar-me como um duque. Mostrar-lhes... a todos... que estou bom. Se não... desastre... Maddy. Isto... - disse a apontar para as cartas - ... é... a beira... do precipício. Tudo... prestes a... ruir.

- Compreendo - replicou Maddy. - Compreendo perfeitamente bem que te tenhas endividado para além do razoável.

Maddy estava sentada muito direita e a voz dela não demonstrava qualquer emoção. Apesar disso, Christian percebeu perfeitamente o tom de desaprovação naquelas palavras e enfureceu-se.

- Não compreendes... *nada!*

Sempre acreditara que ela o entenderia, ela que estivera ao lado dele e que sabia o que enfrentava se cedesse, mas a única coisa que fazia era dar-lhe sermões sobre gastos e a necessidade de despedir criados, até que Christian se apercebeu de que ela não compreendia absolutamente nada. Maddy parecia incapaz de entender as regras do poder temporal.

Não sabia como se explicar. Não sabia como fazê-la ver a enormidade do que estava em jogo, a quantidade de pessoas cujas próprias ífortunas corriam perigo juntamente com a sua, e que iriam voltar-se contra ele se não se comportasse como o duque que era. Se os deixasse ver sinais de fraqueza lançar-se-iam sobre Christian como lobos sobre um veado que tropeça ao fugir. De facto, já se estavam a lançar sobre ele, com todas aquelas cartas educadas e as exigências cada vez maiores de que pagasse o que devia.

Maddy dizia que tinha de as pagar. Com quê? Vende os quadros, dissera-lhe ela. Não era suficiente. Vende esta casa. Não era suficiente e, além disso, a única coisa que Maddy conseguia fazer era frustrá-lo ao exibir aquela moral obtusa. Até que se decidisse a vender, era óbvio que a notícia repentina de que as suas posses estavam no mercado provocaria uma crise e o valor das propriedades cairia a pique.

Vende o castelo de Jervaulx, dissera ela. Isso sim, seria mais que suficiente, mas a simples ideia de o vender era-lhe tão estranha que não fazia qualquer sentido para ele. Limitou-se a informar Maddy de que o castelo tinha que passar ao seu herdeiro, o que fez com que Maddy dissesse que era um homem egoísta e malvado por fazer com que o filho se endividasse ainda antes de existir.

Christian era incapaz de articular em palavras conceitos como património e influência, dívidas flutuantes e activos bloqueados. Percebeu que, sobretudo, não lhe poderia dizer a verdade, uma verdade a que ela afortunadamente parecia de todo alheia. Que se fracassasse a arrastaria com ele na queda.

Maddy achava que o protegia. Era a mulher dele, a sua familiar mais próxima. Durham metera-lhe aquela ideia na cabeça, e a simples e honrada Maddy acreditara nisso porque confiava em noções tão frágeis como a lei e a ordem.

- Não percebes nada - repetiu Christian, a respirar fundo para se acalmar. - Quando cheguei... à maioridade... o meu pai... dívidas de duzentas mil libras... até ao último *penny*... gravado. Hoje... as propriedades valem... dois milhões... com uma renda limpa... de cem mil.

- E dívidas que devem fazer com que o teu pobre pai ande às voltas no túmulo.

- Empréstimos, sim! - gritou furioso. - Riscos! Sou... o duque de Jervaulx... não uma maldita viúva. Todos o sabem.

Olhou para as cartas e sentiu-se desesperado. Mal conseguia ler o que diziam. Precisava de ajuda, mas naquele momento preferia cortar a garganta antes de lha pedir.

- Tu... aqui - foi a única coisa em que insistiu para acabar com o assunto. - Timms... virá.

- Pelo menos, gostaria de regressar para o acompanhar até aqui.
- Não. - Se a deixasse partir ela não voltaria. Sabia-o de antemão.
- Será por muito pouco tempo, apenas até que possa trazer o meu pai.
- Não.
- Lamento que não o aproves, mas tenho de o fazer.
- Não! - exclamou ele e deu um passo na direcção dela.
- Partirei amanhã. Christian avançou até se deter praticamente em cima dela.
- Obedece... minhas ordens!

As faces de Maddy incendiaram-se. Não levantou a cabeça, mas continuou a olhar em frente, meio oculta pela touca.

- Não estou às tuas ordens.
- Sim! Votos maritais. Tu... obedeces-me.

- Não fiz semelhante voto. - A voz de Maddy era calma e desafiadora. - Não sou obrigada a acatar todos os teus caprichos. Não te lembras do que disse. - Continuava sem o olhar no rosto. - Até duvido que tenhas ouvido o que disse.

De repente, Christian teve a sensação de ter penetrado em terreno perigoso.

- Recordo. - Cerrou o maxilar. - Deus... encarregou... amar-nos. Marido... e mulher.
- Esposos - disse ela -, sem mais nenhuma obrigação se não a de nos amarmos.

Então ajuda-me, Maddy! Tenho medo. Mas Christian não lho pediu. Decidira que fora uma ordem e não a ia transformar numa súplica.

Os montes de cartas continuavam a esperá-lo, palavras e mais palavras que dançavam e se lhe desvaneciam na mente, uma frustração mesquinha - a agonia lenta de algo tão quotidiano que, de repente, se lhe tornara tão difícil.

- Não deveria ter dito nada - prosseguiu Maddy. - Nunca me deveria ter apresentado perante aquele falso clérigo para me casar contigo. - A voz soava distante e alquebrada. - Não posso participar nessa conduta errónea. O teu comportamento é absurdo, inútil, vaidoso e estéril.

Christian sentiu que uma fúria repentina e incontrolável o invadia. Não estava disposto a suportar aquilo. Não podia continuar ali enquanto a menina puritana olhava com desprezo para o seu saldo bancário. Há uma semana que não lhe tocava, desde que se tornara tão arrogante. Ansiava poder beijá-la até que ela perdesse o fôlego e o desejasse com paixão. Até que se esquecesse da sua maldita e imaculada rectidão, e se convertesse naquilo que ambos sabiam que era quando estava com ele. Mas bastava que Christian a olhasse, bastava-lhe olhá-la, para que ela erguesse a cabeça e ficasse mais rígida do que nunca.

Christian varreu com a mão todo o correio para dentro da cesta de prata - apesar de todo o tempo que o tinha passado a classificar - e estendeu-lha. Deu alguns passos e, quando estava mesmo atrás da mulher, deteve-se, arrancou-lhe a fita da touca e tirou-lha da cabeça.

- Então vai! - exclamou ele, trocista. - Vai!

- É isso que penso fazer! - replicou ela, tentando recuperar a touca, Mas Christian atirou-a para a lareira e saiu da sala, batendo ruidosamente a porta atrás de si. Se havia algo que odiava no mundo, era uma mulher beata.

Maddy saltou da cadeira para salvar a touca das chamas. Começou a batê-la contra o mármore para evitar que se queimasse.

- És... - murmurou entre dentes. Jervaulx era um libertino, arrogante, impossível. Não queria estar ali, não podia fazer o que ele lhe exigia. Bailes, teatros. Explicara-lhe tudo que planeava fazer, e ela tentara fazê-lo ver que seria incapaz de estar à altura das circunstâncias, mas ele não a ouvia.

Devia tanto dinheiro - Maddy não sabia como Jervaulx conseguia dormir de noite. Não o conhecia. Eram demasiado diferentes. Porque a olhava daquela maneira, com um olhar cheio de promessas e ameaças, para depois passar a noite sentado numa poltrona na saleta? Porque não podia ser um homem sóbrio, prudente e recto que se comportasse com humildade e aceitasse o que Deus lhe dera? Mas não, preferia reinar no Inferno, como o Satanás do poema, e ordenar-lhe que se mantivesse junto dele como sua mulher e duquesa, a desafiar o mundo sem se importar com o que

este pudesse pensar.

Uma parte de Maddy dizia-lhe que devia ficar. Sabia muito bem que ele precisava de alguém a seu lado. Não conseguia estar muito tempo sozinho. Maddy apercebeu-se de que os ensinamentos que lhe tinham inculcado, aquele interesse pelo bem-estar dos outros, continuavam acesos nela. Mas tinha de partir. Sentia o perigo que corria. O amor e a ânsia - aquela aliança ruinosa com um homem mundano e carnal - que sentia por ele distorciam a Verdade. Encontrava-se num verdadeiro dilema, dividida entre fugir e ficar, incapaz de ver a Luz no meio de todas aquelas paixões obstinadas e irracionais.

Se pudesse encontrar a paz, acalmar-se e ouvir a própria alma... mas não conseguia. Os ecos estridentes perturbavam-na, tal como a presença assertiva e frenética de Jervaulx, cuja ausência deixara a sala mais vazia que o próprio silêncio.

Maddy queria ir à Assembleia. Há semanas que não ia. Ansiava estar ali sentada, calada, a ouvir, mas até esse desejo albergava uma nova inquietude. Receava ir na sua condição de duquesa, de esposa de um filho do mundo. Tinha medo que os Amigos a olhassem com desdém por se ter afastado tanto da Luz.

A touca ficara inutilizada. Maddy lançou um queixume enquanto olhava para a aba chamuscada. Homem diabólico! Voltaria para o pai. Que Durham fosse para a casa e ficasse com o duque.

O fogo-de-artifício rebentou no exterior e Maddy sobressaltou-se. Com um gemido de desespero, lançou a touca para a lareira. As chamas engoliram-na rapidamente, e devoraram o branco imaculado numa conflagração amarela, vermelha e negra.

Fazia frio e estava húmido em Vauxhall. Fora da temporada, os carreiros secundários daqueles jardins não estavam iluminados. Apenas o pavilhão principal estava aberto para a ocasião, já que se ia celebrar um concerto e um festival de pirotecnia por ser a Noite de Guy Fawkes. Christian permanecia oculto entre as sombras, sem se misturar com a multidão que ocupava o carreiro central. Não se sentia em condições de ser visto por ninguém que conhecesse, embora - numa noite húmida de Outono como aquela - não houvesse muitos membros da alta sociedade dispostos a pagar a entrada de três xelins para ver «Duas Mil Lâmpadas em Cores Patrióticas, Festival de Pirotecnia, Descarga de Canhão e Grandiosa Fogueira».

Melhor assim. Se era considerado um louco, preferia sê-lo entre estranhos. Juntou-se ao torvelinho de pessoas e deixou-se levar pela massa humana. Ao chegar a uma banca de comida afastou-se, escondeu-se entre as sombras, encostou-se a uma árvore e sopesou a possibilidade de comprar alguns caramelos. Enquanto procurava moedas no bolso, uma mão feminina puxou-lhe pela casaca.

- *Preux chevalier* - disse a dama, de véu e quase invisível toda de negro -, terá a amabilidade de me convidar para uma sidra quente, e assim poderemos manter uma agradável conversação?

A voz dela era uma voz educada, baixa e rouca e a familiaridade com que o abordara indicava, sem sombra de dúvidas, que se tratava de uma mulher de má vida. Christian olhou-a por cima do ombro sem se afastar da árvore. A mão branca, que tirara de um regalo de zibelina, permanecia pousada no braço dele. A mulher inclinou a cabeça, da qual apenas se via o queixo pálido sob o elegante chapéu e o véu pesado. Christian teve a sensação que estava a sorrir. Retribuiu-lhe o sorriso com uma expressão irónica e sacudiu a cabeça.

- Oh! Então não está à procura da companhia de uma dama? - De imediato, utilizou um sotaque francês bastante bom. - O senhor, um cavalheiro *du meilleur rang*? Deve ser, no mínimo, duque e vai dizer-me que não pode convidar uma pobre rapariga para um copo de sidra?

Christian contraiu os músculos, alarmado. Olhou-a com maior atenção.

Ela recuou um passo, levantou um pouco a saia e fez uma pirueta lenta como a convidá-lo a observá-la. A seguir, inclinou-se e fez uma vénia profunda.

- Ainda não me reconheces, Christian? - perguntou, ao mesmo tempo que lhe mostrava um

tornozelo fino.

Ele deu meia volta e começou a andar. Não a reconhecia nem lhe importava, e também não sabia o que fazer. Ela desatou a correr ao lado dele.

- Christian! - exclamou. Segurou-lhe o braço e afastou o véu. - Pelo amor de Deus, sou eu! Christian deteve-se.

- Eydie. - O nome saiu-lhe sem dificuldade. Era uma daquelas palavras que lhe flutuavam na mente. Christian desejou não ter parado.

Eydie enfiou um braço no dele, encostou-se a Christian e roçou o rosto contra a manga da capa dele. Jervaulx estava paralisado.

- Ah, Christian, Christian... Como estou feliz por te ver! - A voz de Eydie soava emocionada. Apertou-se com mais força contra ele.

- Que... estás... - balbuciou ele, incapaz de dizer mais alguma coisa.

- Não gozes! - respondeu ela. - Tinha de sair. Não estava a aguentar mais. Vim com a minha aia. Está atrás de nós, ali, estás a vê-la? Já sei que não deveria sair, mas mais oito meses de luto... Não tens pena de mim, Christian? Estou tão contente por te ver! - Começaram a andar enquanto ela continuava agarrada ao braço dele. - Não podes imaginar aquilo por que passei. Lesley mandou-me para o exílio. Descobriu nessa mesma manhã, e não tive oportunidade de entrar em contacto contigo. Comportou-se da maneira mais odiosa e até me conseguiu assustar. E a Escócia! Todo o Verão e o Outono naquele horrível e lúgubre casarão da família dele. Nem sequer te pude escrever e sentia tantas saudades tuas... Disseram que tinha de descansar depois de uma comoção tão terrível, porque pensavam que estava assim devido à morte de Lesley com a sua estúpida gripe, mas era de ti que sentia saudades. Foi por ti que chorei durante todos aqueles horríveis meses. Ninguém me queria dizer nada a teu respeito, nem no funeral, nem depois. Absolutamente nada. Todas aquelas velhas repugnantes queriam que pensasse que me tinhas esquecido. Acabo de chegar à cidade, por isso não me pudeste encontrar. Tinham-me fechada como se fosse uma prisioneira até que...

Deteve-se de repente e ficou a olhar fixamente para o braço de Christian, enquanto tocava no forro escarlate da capa deste.

- Christian... tens uma filha. Ele permaneceu imóvel.

- Contei-lhes a verdade - prosseguiu ela com uma expressão desafiadora. - Tinha que o fazer ou nunca me teriam deixado sair daquele lugar. Disse-lhes que não era de Lesley e devias ter visto a cara deles. E, deixaram-me partir.

Christian olhou-a fixamente.

- Idiota! - exclamou. - És...

- Tem os teus olhos, e o cabelo negro como carvão. Não se parece nada com Lesley. Nem sequer comigo.

Christian agarrou-a pelos ombros e sacudiu-a.

- Cabra... egoísta! *Contaste?* E... a criança?

- Trouxe-a comigo - disse, a tentar afastar-se. - Christian, estás a magoar-me!

Ele soltou-a com um empurrão.

- Estúpida! És... dele... pela lei... do matrimónio.

Afastou-se dela com um resmungo. Lesley Sutherland morrera? E ele tinha uma filha bastarda, marcada e condenada a viver com a família de outro homem. Sentiu-se aturdido, incapaz de controlar o corpo, como se estivesse submerso em águas muito frias.

- Não te zangues comigo, por favor! - suplicou-lhe Eydie ao mesmo tempo que lhe acariciava o braço, conciliadora. - Christian, é tua e minha. Pensei que... - Calou-se de repente. Continuou a tocar-lhe na manga da capa sem dizer nada.

Subitamente, Christian percebeu o que ela pensara. O coração começou a bater-lhe muito depressa. Santo Deus. Mas era óbvio.

- Eydie - disse. - Eydie...

Ela apoiou-se contra ele como uma criança, a face encostada ao peito dele.

- Christian, amo-te tanto...

- Sou... - teve que fazer um enorme esforço para acabar a frase -... *casado*.

Eydie ergueu a cabeça. O rosto era agora mais redondo, e os olhos escancarados olhavam-no com uma expressão interrogativa e enlouquecida.

Ele assentiu em resposta.

Eydie separou-se bruscamente dele enquanto empalidecia cada vez mais.

- Não é verdade!

- Sim. - Até aquela palavra lhe causou uma autêntica agonia.

- Não! Não. Estás a mentir. Há meses que não leio jornais, mas teria sabido. Teria sabido disso.

Ele olhou-a muito sério.

- Quando? Diz-me quando!

Christian nem o tentou fazer. Era incapaz de o fazer.

- Não é verdade! - repetiu ela e empurrou-o. - Quando soubeste que Lesley morreu, inventaste-o. Nessa altura, poderias ter ido à minha procura mas, em vez disso, inventaste essa mentira para te veres livre de mim. És um canalha!

Christian sacudiu a cabeça.

- É mentira! Basta olhar para ti. E quem é ela?

Ele respirou mais depressa a tentar formar palavras.

- Vês? Nem sequer consegues inventar um nome. É mentira! Christian voltou a sacudir a cabeça. Ela pegou-lhe nos dois lados da capa.

- Christian, não sejas tão cruel comigo. Tu amas-me e eu amo-te.

- *Casado* - repetiu ele.

- Dei-te tudo! Nunca te neguei nada! Christian, repudiaste-me, a mim e à criança. É como se o tivesses feito. Pagam-me uma pensão ridícula. Tenho apenas uma miséria para viver! Amo-te, Christian!

- Pensar - disse ele, a desembaraçar-se dela. - Deixa-me... pensar. Sim, sim, claro - respondeu Eydie como se ela mesma se apercebesse do tom desesperado da voz. Recompôs-se um pouco e olhou-o.

- Lamento... É que senti tantas saudades tuas... - Voltou a acariciar-lhe a manga. - E não te esqueças de que a tua família sempre foi a favor. A tua irmã Clementia, e até a tua horrível tia. - Soltou uma gargalhada chorosa e apoiou-se nele.

- Ah! Porque é que casei com Lesley?

Christian sabia perfeitamente porquê. Porque ele nunca lho pedira e, sem exceder os limites da conversa galante, deixara bem claro que nunca o faria - por mais que todos tivessem tentado lançar-lha nos braços, como sempre o faziam com todas as beldades de boas famílias que se destacavam a cada temporada.

- Vai... para casa - disse Christian. Pegou-lhe pelo cotovelo e virou-a na direcção da aia. - Tenho de... pensar.

Ela agarrou-se a ele. De repente, pôs-se nas pontas dos pés e deu-lhe um beijo apaixonado nos lábios.

- Não - disse Christian enquanto a afastava sabendo muito bem onde ria queria chegar. Levou-a pessoalmente até onde se encontrava a criada, em cuja mão deixou cair meia coroa. - Leva-a... para casa... *já*.

- Sim, senhor. - A donzela, conhecedora da generosidade de Christian, apressou-se a pegar no braço da ama.

- Quando irás a minha casa visitar-me? - perguntou Eydie.

Ele olhou-a durante um momento. De seguida, deu meia volta e desapareceu na parte mais escura dos jardins.

Christian sentou-se num banco ao qual não chegava a luz. Caía uma chuva fraca que lhe

fazia pesar a capa sobre os ombros.

Tenho que pensar, dissera, mas continuava verdadeiramente atônito.

Tinha uma filha.

Toda a sua vida parecia virada ao contrário e ameaçada. Tinha dinheiro, mas não podia dispor dele. Tinha uma duquesa que pensava que não deveria ter casado com ele, e uma antiga amante que pensava que ela é que o deveria ter feito. Tinha uma filha que usava o nome de outro homem.

Não lhe restava a menor dúvida que a criança era sua. Naquela altura, Sutherland estava fora do país. Deixara-se levar pela sensualidade e despreocupação, e deitara-se com aquela mulher pronta a isso devido ao seu próprio capricho e conveniência. Céus, ele fora um homem assim tão temerário? Que irresponsabilidade. Não, as consequências não lhe tinham sido totalmente indiferentes, apenas pensara de um modo galante que poderia lidar com todas elas.

E ali estava, no meio da pior das consequências, totalmente indefeso. Se as coisas tivessem corrido como ele as imaginara quando soube do estado de Eydie, ela ter-se-ia deitado com o marido e teria mentido. Christian ter-se-ia mantido à margem e a paternidade da criança nunca teria sido posta em causa. Mesmo que Sutherland tivesse desconfiado, também não teria sido algo de muito terrível. As pessoas poderiam fazer conjecturas ou até poderiam afirmar terem certezas, mas seria uma extrema falta de tacto manifestar em público essas dúvidas acerca da legitimidade de uma filha nascida no seio de uma união legal.

Maldita Eydie. Não o deveria ter confessado à família de Sutherland. Se tivesse estado calada, teriam aceitado a criança como filha do marido e era até possível que a tivessem recebido como uma bênção do céu, dadas as circunstâncias. Mas, à partida, não era um bom augúrio que tivessem afastado tanto a mãe como a filha do lar de família. Eydie não era nenhum anjo maternal. Tinha mais dois filhos que nunca saíam da Escócia, e nem sequer referira que os vira enquanto ali estivera. O mais provável era que, quando percebesse que Christian não pensava casar com ela, mandaria a criança para a Escócia para a criarem como uma pária.

E não havia absolutamente nada que pudesse fazer quanto a isso. Não podia reconhecer a criança como sua, já que isso seria uma enorme crueldade. Então sim, converter-se-ia numa autêntica pária, tanto perante a sociedade como em privado. Nem sequer podia dar dinheiro em segredo para contribuir para o bem-estar da filha. Pelo menos, não de momento, quando nem sequer era capaz de convencer o banco para que assinasse um cheque em seu nome. E se o condenassem e o mandassem de volta para aquele lugar... Estaria totalmente indefeso no manicómio.

Apoiou o rosto nas mãos. Os fogos-de-artifício começaram, e ouviu-se à distância estalidos e gritos. Uma fria gota de água caiu-lhe da aba do chapéu sobre a nuca, mas Christian não se moveu. Em vez disso, rezou. Foi uma oração curta e directa.

Ajuda-me. Não posso fazer tudo isto sozinho. Ámen.

Maddy estava sentada numa cadeira no vestíbulo de mármore. Fora sua intenção esperar que ele voltasse e de seguida partir de imediato. Mas continuava ali, vestida para partir de viagem, a esfregar as mãos, a ouvir a algazarra e o barulho que se ouvia no exterior e que tinham imperado durante toda a noite. Já passava das três da manhã.

Por favor, rezou. Por favor, Senhor, protege-o. Por favor, Senhor, faz com que encontre o caminho. Por favor, Senhor, se for de Tua vontade, faz com que regresse a casa.

Durham saíra para procurar Jervaulx em todos os lugares onde pensava que ele poderia estar. Os únicos criados que tinham eram dois lacaios que os tinham acompanhado desde o castelo de Jervaulx, e Maddy também os mandara procurá-lo. Teria saído ela mesma, mas Durham insistira para que se mantivesse afastada das ruas. De qualquer maneira, não tinha a menor ideia onde procurar por entre toda aquela multidão de pessoas e petardos, fogueiras e efígies em chamas do conspirador Guy Fawkes que iluminavam a noite.

O ruído e os fogos-de-artifício foram-se calando lentamente, e o estrondo converteu-se em

meros estalidos e gritos distantes. As ruas esvaziaram-se, mas Jervaulx continuava sem aparecer. Maddy sobressaltava-se de cada vez que ouvia uma carruagem no exterior, mas nenhuma parou.

Inclinou-se sobre o colo e continuou a rezar. Quando a fechadura da porta se abriu com um ranger forte, levantou rapidamente a cabeça.

Jervaulx entrou sem fazer ruído. Pela expressão que fez ao erguer os olhos e a ver, Maddy percebeu que não estava à espera de encontrar ninguém ali.

- Estás bem? - perguntou ela, com um tom de voz agudo que preferiu ter evitado.

- Missmaddy - disse ele em resposta. A capa e o chapéu brilhavam devido à humidade. Era belo, alto e moreno, e nos olhos azuis vislumbrava-se uma ligeira perplexidade, como se não conseguisse entender o que ela fazia ali.

Maddy levantou-se.

- Deves estar com fome. Tenho lá em baixo um prato quente. Posso trazer-to ou, se não te importares, podes comê-lo na cozinha.

Jervaulx hesitou por instantes e, de seguida, colocou o chapéu sobre a mesa de entrada. Também pousou a capa de cima dela, mas esta caiu ao chão. Maddy apanhou-a e sacudi as pregas húmidas. Jervaulx tocou-lhe quando ela se levantou e apertou-lhe o braço.

- Missmaddy - repetiu em voz baixa.

Ela mordeu o lábio. Passara tanto tempo preocupada que não conseguiu conter as lágrimas, por muito absurdas que fossem. Escapou-lhe um pequeno soluço. Jervaulx abraçou-a e apertou-a com força contra ele.

- Lamento! - balbuciou ela. - Não te posso deixar. Não posso. Ele abraçou-a ainda com mais força.

- Tinha tanto medo... - acrescentou Maddy com o rosto encostado à lapela da casaca de Christian.

Jervaulx encostou a face ao cabelo dela.

- Não... te mereço, Maddy. Pergunta... a Deus... mas... não te mereço.

28

Christian deixou que Maddy fosse ter com o pai. Insistiu em que ela o fizesse. Não lhe explicou como lhe era difícil tudo aquilo, o medo que tinha de vencer para ficar ali sozinho e se transformar em presa fácil dos seus inimigos. Beijou-a com veemência e depois permaneceu apoiado nos ombros dela durante muito tempo. Maddy olhou-o com uma profunda preocupação mas Christian armou-se de coragem e, fazendo um enorme esforço, sorriu-lhe com uma expressão irónica para evitar que Maddy acabasse por se decidir a ficar.

Mandou-a de regresso ao castelo com os dois criados na mesma carruagem que os trouxera até Londres. Christian permaneceu em Belgrave Square, naquela casa fechada e vazia à excepção dele mesmo. Era uma sensação estranha, embora não totalmente desagradável. Tinha comida na cozinha - que Maddy se encarregara de deixar preparada -, composta sobretudo de carnes frias e pão e bebia chávenas de chocolate em frente de uma lareira que ele mesmo acendia. Durham oferecera-se para ficar, mas Christian estava determinado em colocar à prova a sua resistência. Se não conseguia cuidar de si mesmo durante uma semana na própria casa, então não podia albergar muitas esperanças de ser capaz de se encarregar de assuntos verdadeiramente importantes.

Na manhã em que Maddy se foi embora, Christian sentou-se perante a lareira na sala das traseiras enquanto bebia chocolate e ouvia a actividade matinal que se iniciava nos prados, atrás do muro do jardim. Ninguém bateu à porta. Não informara a família que estava ali - ainda não, não até ter pensado no assunto com atenção. E, ainda por cima, existia o problema acrescido de Eydie. Surpreendentemente, esta não fizera qualquer referência à doença de Christian - excepto para o acusar de que estava a mentir -, nem sequer parecera ter-se apercebido de alguma peculiaridade no

modo como ele falava.

Falava de mais para se aperceber de alguma coisa, pensou Christian, irónico.

Então era assim que Eydie o amava? Não gostava quando as mulheres lhe diziam isso. Também não acreditava nisso, uma lição que aprendera do modo mais difícil aos 17 anos.

Pensou em Maddy, de rosto pálido e sobriamente sentada no frio vestíbulo de mármore, a esperá-lo durante aquelas longas horas que precediam o alvorecer.

Não lhe queria falhar. Não queria cometer erros. Quanto a isso, era bastante lento e metódico mas, no entanto, idealizara um plano.

Vestiu-se para sair, o que conseguiu fazer com uma certa facilidade excepto o laço, já que foi incapaz de dar o nó ao tecido. Por fim, teve de colocar uma meia negra em volta do pescoço e esconder as extremidades nas costas.

No espelho via-se quase completo. Se se concentrasse, via-se inteiro, não ao mesmo tempo, mas por partes: a mão direita, o braço direito, embora um pouco estranhos e não exactamente com o aspecto que ele esperava. Abriu e fechou uma das mãos já enfiada numa luva branca, e a luva no espelho abriu-se e fechou-se em concordância.

Atrás dele via a escrivanhinha reflectida no espelho. De um lado, sob uns quantos papéis, encontrava-se uma caixa de madeira fechada. Continha uma máquina de escrever que o engenheiro Marc Brunei lhe dera para fazer cópias simultâneas, enquanto transcrevia cartas e desenhos. Christian não a utilizara muito. Era uma proeza mecânica, e por isso Christian admirava-a e conservava-a, mas a sua letra era tão ilegível que não fazia muito sentido reproduzi-la quando tinha um secretário que podia escrever muito melhor que ele.

Mas já não tinha secretário. E embora a sua letra ainda tivesse piorado, tinha de o tentar. Pelo menos, a máquina poupar-lhe-ia boa parte do esforço de concentração.

Sentou-se e abriu o aparelho. Necessitava de certos preparativos iniciais, mas Christian recordava-se perfeitamente deles. Aquele invento era, sem sombra de dúvida, um prodígio mecânico de grande precisão.

Brunei e o filho eram formidáveis. Christian utilizara as suas docas Mutuantes e o perfurador de túneis, e estava muito interessado no túnel de Rotherhithe sob o Tamisa. Era um projecto infernal de altos voos no qual Christian já perdera milhares de libras antes de ter começado a funcionar, se é que alguma vez começaria. Era o tipo de projectos que Christian tentara explicar a Maddy, mas não conseguira. O tipo de invenções que os cunhados odiavam, que desequilibravam o saldo bancário, que não podiam ir abaixo por falta de capital - embora este fosse emprestado - e que não se podia financiar pelo simples despedimento de uns quantos criados.

Com uma determinação recém-adquirida, Christian meteu várias folhas de papel sob as penas duplas. Fez alguns círculos e rabiscos para iestar a máquina e, de seguida, escreveu «Que Deus abençoe o rei».

Leu-o. Que Deus abençoe o rei. Tudo ali escrito e correcto.

Olhou para a cópia sob a segunda pena. Em letras amontoadas de um dos lados da folha, podia ler-se «Que Deus abençoe rei».

Ao princípio pensou que era uma falha da máquina mas, quando voltou a olhar para aquilo que escrevera, praguejou em voz baixa. O original era exactamente igual. Ao examiná-lo com cuidado, via-se que as letras tinham a mesma forma e o mesmo tamanho apertado, embora ainda parecesse correcto se se limitasse a lançar-lhe um olhar.

Inclinou-se sobre o instrumento e voltou a escrever, desta vez com o olhar posto na outra pena e não naquela que tinha na mão. «Guy Fa», apanhou-se a escrever um «u» em vez de um «w», e corrigiu-se. Prosseguiu com minuciosidade e muito esforço, a deter-se de vez em quando para corrigir falhas de ortografia e até palavras completas que não tencionara escrever - «Tempo de Guy Fawkes» em vez de «Noite».

Era bastante aterrorizador, como se um fantasma lhe guiasse a mão, enquanto ele apenas podia comparar o resultado com a sua intenção original ao observar o que saía da segunda pena.

Mas parecia funcionar, se é que podia confiar no que lia na cópia, e corrigia erros antes que

estes ocorressem ou, pelo menos, apercebia-se daqueles que cometia. Passou cinco horas a escrever. Quando terminou, tinha duas folhas idênticas que, ao compará-las ao contrário, exibiam ambas margens bem centradas. A carta dizia:

Cavalheiros, pela presente informo que lwegos todos os bens e propriedades de que disponho à minha esposa. Archimedeia Timms Langland, duquesa de Jervaulx, com efectividade imediata, e que ela os transmitirá a título vitalício aos seus, sem que possam existir reclamações ou queixas de qualquer tipo por parte de qualquer pessoa. Este legado manter-se-á válido a menos que receba provas conclusivas de que, nem agora nem no futuro, se colocará em dúvida a minha competência ou capacidade para conduzir os meus assuntos segundo o meu próprio critério.

Se receber tais provas e as mesmas me forem aceitáveis, estarei à disposição de rever o presente legado.

CHRISTIAN, duque de Jervaulx

Pelo menos, era isso que a carta parecia dizer.

Christian desejou que desse resultado. Tinha que dar. Que se preocupassem, que parassem de se perguntar se na verdade estava tão indefeso quanto parecia.

O empregado dos escritórios de Torbyn nunca vira Christian. Embora geralmente não precisasse de se dirigir à City - já que por norma eram os seus negócios que iam ter com ele -, entrou no local depois de diversos empurrões e faltas de consideração. O empregado limitou-se a erguer os olhos daquilo que estava a copiar e disse:

- Bom dia. Tem alguma reunião, senhor?

Christian tirou o chapéu e a capa, e atirou-os para cima da escrivaninha. Aterraram mesmo em cima dos papéis daquele pobre diabo. Um gota de humidade condensada soltaram-se da roupa sobre a tinta fresca. Enquanto o jovem praguejava indignado, Christian deixou cair o cartão-de-visita sobre o monte e começou a andar, a subir as escadas. Um momento depois, o empregado lançou uma imprecisão e correu atrás dele.

Apanhou Christian no patamar. Inclinou-se perante ele e murmurou todo o tipo de desculpas. De seguida, subiu o segundo lancil de costas enquanto continuava a tentar fazer reverências. Pisou mal o terceiro degrau, escorregou, mas conseguiu recuperar rapidamente o equilíbrio e voltou a inclinar-se perante Christian. Este sentiu uma verdadeira pena dele.

No entanto, antecipara um momento de verdadeira satisfação ao pensar na expressão que o pobre Torbyn iria fazer e não ficou decepcionado. O duque de Jervaulx - anunciou o empregado ao abrir a porta.

- Sua excelência! - acrescentou a sorrir e com algum atraso.

Christian deteve-se junto da porta, a jogar a sua cartada até ao fim. Apanhara o agente que exercia as funções de administrador-geral a ditar qualquer coisa. Tinha a cadeira reclinada para trás sobre as duas pernas traseiras e as mãos cruzadas sobre a casaca. Era um agressivo buldogue de cabelo branco, que ladrava instruções ao administrador de uma qualquer propriedade distante.

Ficou a olhar para Christian de boca aberta. Durante um longo momento, este, Torbyn e os empregados formaram um retrato vivo e imóvel.

Christian foi o primeiro a agir, para continuar a manter a vantagem. Durante o trajecto até Blackfriars, não deixara de praticar uma frase de três palavras, a repeti-la uma e outra vez.

- Desembolse... *dinheiro* - ordenou.

Não conseguiu dizer a frase por inteiro mas, de qualquer modo, a expressão de Torbyn passou da surpresa inicial a uma expressão de compreensão. Levantou-se da cadeira.

- Peço-vos que se sente, excelência. Christian não se moveu.

- Agora. Os cheques.

- Traga a caixa do duque. Aqui está o número. - Torbyn pegou num pedaço de papel e

rapidamente escreveu qualquer coisa nele. Estendeu-o a um dos empregados. O rapaz deslizou para fora da sala por trás de Christian. - Compreenderá, excelência, que tenho as mãos atadas por falta de uma procuração.

Christian nunca permitira que naquela agência se fizessem pagamentos sem a sua assinatura. Era uma antiga medida de precaução que aprendera com os erros do pai. Legalmente Torbyn não podia desembolsar fundos, embora a Christian não restasse a menor dúvida de que o agente era uma raposa velha e que saberia encontrar uma maneira de o fazer se estivesse interessado nisso.

- Alegro-me muito por o ver recuperado - disse Torbyn quando Christian se calou. - O senhor Manning deu-me motivos para me sentir muito preocupado.

No exterior, um porteiro assobiou fortemente. Christian dirigiu-se à janela e olhou para a rua.

- Não... há motivos para isso - disse.

Mesmo abaixo dele, o rapaz que devia ter respondido ao assobio atravessou a rua a correr ao mesmo tempo que enfiava um papel no bolso. Um instante depois, ouviu-se os passos do empregado nas escadas.

O jovem entrou no escritório e pousou uma grande caixa azul sobre a secretária de Torbyn. Era a mesma que costumava chegar a Belgrave Square uma vez por mês para que Christian executasse o pequeno ritual de assinar cheques. O agente abriu-a e começou a tirar livros do interior.

- Receio que nos tenha apanhado de improviso e que os cheques estejam por redigir. Demorará algum tempo. Sua excelência terá a bondade de me acompanhar à saleta para uma chávena de café enquanto esperamos?

- Não. - Christian não queria passar mais tempo a falar do que o estritamente necessário. Maldição! Não contara com aquilo, já que sempre recebera os cheques e talões preparados, a precisarem apenas da sua assinatura.

- Muito bem - disse Torbyn e pegou numa cadeira. - Se quiser sentar-se aqui...

- Não - respondeu Christian. - Tenho... de ir. - Reparou como lhe custava mais controlar a fala. - Outros... assuntos.

- Se sua excelência nos honrar com alguns minutos do seu tempo...

- Mais... tarde - disse Christian, e começou a dirigir-se para a porta.

- Não demora! Não vai demorar nada. Vou pôr os dois rapazes a passá-los. Um quarto de hora, no máximo.

Havia algo naquela insistência de Torbyn que deixou Christian alerta. Recordou-se do assobio e do mensageiro a correr. Deteve-se.

- *Maldito seja!* - rosnou e virou-se para Torbyn. - Mandou... chamá-los!

- Bem... só um momento... excelência, na verdade... acho que devia ter em consideração...

Christian começou a meter os livros na caixa. O agente tentou impedi-lo e, ao colocar-lhe a mão no pulso, Christian deteve-se de repente e olhou-o fixamente nos olhos.

- Como se atreve? - perguntou num tom pausado, mas ameaçador. Torbyn soltou-o. Christian acabou de guardar os livros.

Não fora sua intenção agir tão depressa antes de estar preparado, mas tirou o documento que escrevera do bolso da casaca e deixou-o sobre a secretária do agente.

- Entregue... ao senhor Manning.

Tapou a caixa azul, pegou nela e saiu do lugar, numa passada rápida, a conter-se para não desatar a correr.

Já não podia voltar atrás, nem podia fraquejar. Entrou na residência Jervaulx sem bater, supondo que o mensageiro de Torbyn teria ido para casa de um dos cunhados e não ali. Era o dia em que a mãe recebia visitas. Melhor assim, pois desse modo ela teria de se controlar na presença dos convidados. O mordomo desceu as escadas e veio ao seu encontro.

- Calvin - exigiu Christian.

O homem empalideceu. Christian pegou-lhe pelo braço antes que ele se pudesse retirar.

- Diz-me... *onde!*

- Está com sua excelência, mas...

Christian não lhe prestou mais atenção e subiu a escadaria de dois em dois. Deu a volta ao corrimão do piso superior e entrou na sala de estar.

Havia várias damas sentadas a conversar, rígidas como se tivessem tábuas pregadas às costas, com as cabeças enfeitadas por chapéus cheios de plumas e flores. Dirigiu-se directamente à mãe.

Estava a falar. Foi o silêncio que o acompanhou ao atravessar a sala que fez com que ela se apercebesse da sua presença. Quando a dama com a qual conversava também se calou, a mãe de Christian levantou a cabeça, viu-o e desmaiou.

Era um desmaio real. As damas soltaram pequenos guinchos. Christian apanhou a mãe quando esta se inclinou para a frente e evitou que caísse no chão. Atrás dela, viu Calvin a recolher chávenas num tabuleiro no fundo da sala.

O desmaio apenas durou alguns instantes. Quando recuperou o conhecimento, a mãe começou a mover-se muito devagar. Entre Christian e Calvin ajudaram-na a endireitar-se. Agarrou o braço de Christian e pestanejou várias vezes enquanto o olhava.

- Estou... em Belgrave Square - disse ele. Soltou-se e, enquanto a mãe emitia vários sussurros incoerentes de súplica, olhou fixamente para Calvin. - Vens?

- É claro, excelência - respondeu o mordomo enquanto continuava a segurar a duquesa viúva. - Imediatamente.

- Preciso... pessoal - disse Christian.

- Eu encarrego-me disso, excelência.

Christian fez uma profunda reverência à mãe, cumprimentou educadamente com a cabeça o atônito círculo de mulheres e saiu da sala.

Não demoraram a aparecer em Belgrave Square. Manning, Stoneham, Tilgate e Perceval, acompanhados por um advogado e por Torbyn, como precaução. A presença dos seis homens fez com que Christian se alarmasse, mas tinha um remédio para isso, carregado e preparado no bolso, para compensar aquele desequilíbrio numérico.

Calvin ainda não chegara. Christian viu o grupo aproximar-se da casa a partir da janela do salão azul. Esperou na sala, sozinho, a ouvi-los bater estrondosamente na porta. Os lábios esboçaram uma expressão de desprezo quando a forçaram e começaram a procurá-lo por toda a casa.

A falsa hospitalidade não fazia parte das suas capacidades nem do seu ânimo. Manning foi o primeiro a entrar no salão, seguido por Stoneham. Christian limitou-se a olhá-los, a levantar as sobrancelhas com uma indiferença divertida ao ver a expressão que faziam ao encontrá-lo ali.

Stoneham soltou um grito agudo. Christian não fez nada quando entraram e Manning fechou a porta. Deixou que fossem eles a esboçar o primeiro movimento.

Foi um tanto decepcionante. Stoneham, nervoso e tão afectado como sempre, não deixava de tocar nas patilhas demasiado longas.

- Pregaste um enorme susto à tua pobre mãe - disse. Christian encostou-se à prateleira da lareira.

- Pobre mãe - disse com uma expressão cínica. Fez-se silêncio.

- Estás sozinho? - perguntou Manning. - Onde está essa mulher?

- Queres dizer... a duquesa?

Manning, um homem corpulento e rubicundo com a aparência de um senhor rural aficionado à caça, aproximou-se de uma cadeira.

- Importas-te que nos sentemos? Christian torceu um pouco a boca, irónico.

- Por acaso... o posso evitar?

Manning fez sinal aos outros para que se sentassem. O advogado, um tal Sr. Bacon, pousou

um rolo de papéis sobre a mesinha junto do sofá.

- O senhor Torbyn diz que levaste os cheques e os livros - disse Manning. - Não me parece uma atitude muito sensata, Jervaulx.

Christian permaneceu de pé, de braços cruzados.

- Queremos que os devolvas - acrescentou o cunhado. O sorriso amargo de Christian aumentou.

- Filho da mãe - disse.

Manning respirou fundo e inclinou-se para a frente na cadeira.

- Estamos a tentar fazer o que é melhor para ti. Christian deixou que aquelas palavras pendessem no ar.

- Maldito seja, estamos a tentar salvar o que ainda pode ser salvo - acrescentou Manning. - Mas tu e a tua tia estão a torná-lo muito difícil. - Reclinou-se na cadeira. - Esse «legado» que afirmas ter feito... não estás a pensar que algum tribunal deste país o aceite.

Christian inclinou a cabeça.

- Averigua-o.

- Tens que enfrentar a verdade, Jervaulx. Qualquer coisa que faças agora, desde que... desde que perdeste a razão, será posta em causa. Até essa farsa do teu matrimónio. Compreendes? Pareces... sim, a tua tia falou de lucidez, mas os intervalos de lucidez não bastam para administrar um património como é devido. Quando se realizar a audiência, como já deveria ter acontecido há um mês, os testemunhos cobrirão o período completo.

- Se... - Christian sorriu. - Se realizar. Manning ergueu o tom de voz.

- Nada de «ses»! A audiência vai-se realizar.

- Mas, Manning... - disse Stoneham, e estendeu um braço.

- Se permitirem que fale... - disse o advogado num tom conciliador. - Trouxe a proposta do senhor Perceval e de *lord* Stoneham para criar um fideicomisso privado, excelência. Para mim, será uma honra revê-lo consigo.

Christian estendeu a mão. O advogado saltou da cadeira e desatou o rolo de papéis, que de seguida lhe entregou.

- A primeira página não passa de questões preliminares e outras - disse o Sr. Bacon. - Assim que se...

Christian pegou na primeira página e lançou-a para a lareira.

- Bom... - Bacon parecia desconcertado. - Se se concentrar na segunda, verá que...

Christian lançou a segunda página para a lareira. De seguida, pegou na terceira e olhou para o advogado a sorrir.

- Por todos os santos, é idiota! - exclamou Manning, e levantou-se.

- Não se pode esperar que compreenda racionalmente as coisas - acrescentou, enquanto dava alguns passos como se tivesse a intenção de tirar as folhas restantes das mãos de Christian.

Este atirou o rolo inteiro para a lareira. As folhas dobraram-se e enegreceram até estalarem em chamas.

- Não há... fideicomisso - disse Christian.

- Isso não serve de nada - disse Manning, e dirigiu-se a Christian.

- Stoneham! Agarra-o!

Era aquilo que Christian receava e em grande parte esperava mas, apesar disso, quando aconteceu pareceu-lhe irreal. Manning fez um esforço errático para o agarrar, mas Christian afastou-se e tirou a pistola. Stoneham, que apenas fizera um tímido avanço, deteve-se de imediato. Torbyn foi mais agressivo; deteve-se paralisado a poucos milímetros de Christian, enquanto o advogado se escondia atrás dele.

Christian queria mandá-los embora, mas ressoavam-lhe aos ouvidos as pancadas do coração e era incapaz de articular palavra. Queriam apanhá-lo e, se tivessem oportunidade, levá-lo-iam. Apercebeu-se de como estava perto de regressar àquele horror, de como estava próximo de acordar com a camisa-de-forças vestida e voltar a enfrentar a Besta, o garrote e a loucura.

- Cuidado - disse Torbyn. - Cuidado, senhor Manning. Este baixou lentamente a mão.
 - Enlouqueceu - sussurrou Stoneham.
- Christian lançou uma gargalhada furiosa.
- Bando... de amadores.

A Besta tê-lo-ia conseguido reduzir facilmente. Sentiu que as náuseas e a fúria se lhe acumulavam na garganta.

- Larga-a - disse Manning, a apontar com a cabeça. - Pousa-a sobre a lareira, Jervaulx. Não piores as coisas.

- Fora - disse Christian.

- Estamos aqui para te ajudar - replicou Manning, a alegar um motivo supostamente convincente que, sem o saber, o estava a colo-car num perigo mortal ainda maior.

- Fora - repetiu Christian com um grunhido.

- Baixa a arma - disse Manning.

Christian apercebeu-se de que o cunhado pretendia forçar a situação. Ou Manning não estava consciente de até onde um verdadeiro louco era capaz de chegar, ou achava que Christian tinha a lucidez suficiente para ver o óbvio. Que não podia cometer um assassinio no próprio salão e sair indemne daquilo como se fosse um homem no seu perfeito juízo.

- Larga-a - repetiu Manning. - Não vais disparar contra ninguém. Christian sabia que deveria ter esperado até ter Durham a seu lado.

Não deveria ter permitido que o encurralassem sozinho. O cunhado tinha a razão do seu lado ao achar que não passava de um *bluff*. Quanto a ele, Christian tinha o manicómio, a perda de Maddy, da fortuna e da razão.

Antes preferia que o enforcassem.

Apontou a pistola a Manning. Era uma arma de cano curto sem estrias, que não precisava de uma enorme exactidão para abater quem estivesse mais próximo e até mais longe. Pela expressão de Manning parecia que este por fim compreendia a situação. Ficou totalmente lívido.

- Não o faças! Mas não era a voz de Manning. Era a voz de Maddy, alta e clara, um estrondo como o de uma trombeta a soar no silêncio petrificado. Encontrava-se na soleira da porta, vestida com simplicidade, serenidade e sensatez, enquanto Calvin e três criados permaneciam imóveis atrás dela.

Christian soltou um suspiro longo e mudo de alívio. Lentamente, esboçou um sorriso enquanto olhava para os criados.

Maddy afastou-se da porta e apontou para a saída.

- Saiam todos daqui. O duque deseja que abandonem esta casa o mais depressa possível.

29

Christian estava sentado numa poltrona a descarregar a pistola. Fazia-o com lentidão e minuciosidade, com a cabeça dobrada para ver melhor a arma, a manipular a pólvora de percussão com muito cuidado. Quando acabou, afastou-a para um lado e olhou para Maddy.

- Deverias estar... com o teu pai.

- Quanto mais nos afastávamos, mais me apercebia do quanto precisavas de mim - respondeu Maddy e baixou os olhos. - Sou a tua protecção. Não te devia ter deixado.

Christian permitiu que continuasse a acreditar naquilo. Não lhe disse que preferiria Calvin, a pistola e três criados fortes como sua protecção. Até desejava que ela não tivesse aparecido naquele momento tão imprevisível. Afinal, tudo se reduzia àquilo que ele imaginara. A força bruta contra a força bruta.

- Queriam levar-te?

- Manning... saltou. Stoneham e Perceval... não tão seguros. Calvin... e tu... fizeram-nos mudar de ideias. - Sorriu por lhe ter concedido esse mérito. - Alegro-me... que tivesses aparecido.

- Sim, não tenciono voltar a deixar-te. - Maddy parecia enervada depois do que se passara.

- Mas não vão esquecer o que se aconteceu. A história da arma não foi muito sensata da tua parte, Jervaulx.

Ele encolheu os ombros.

- Defesa.

- Uma conduta pacífica será sempre a tua melhor defesa. - A voz dela exibia agora, numa reacção tardia, os nervos que sentira.

- É fácil... dizê-lo - respondeu ele. Levantou-se e ergueu os braços de Maddy. - Uma besta enorme... como tu. Assustas... as crianças. Os cães fogem... à tua passagem. A terra treme. Para ti... muito fácil... ser pacífica.

Maddy engoliu em seco e fechou os lábios, o humor a vencer a batalha sobre os nervos.

- És um tonto - disse.

Christian sentia-se muito satisfeito por a ver. Muitíssimo.

- Sim. Tenho uma cabeça... tonta. - Juntou as mãos dela e beijou-lhe os dedos. - Depois de descansar... ficarei melhor.

Maddy fechou as mãos, mas Christian agarrou-as. A boca dela exibia um sorriso tímido e ligeiro. As pestanas longas formavam um véu dourado sobre os olhos verdes.

Christian atraíu-a um pouco para si, exultante de alívio e por ter chegado ao fim aquele momento de tensão, mas também pela presença inesperada de Maddy. Continuava vivo e em liberdade. Beijou-a e sugou-lhe os lábios como se lhe quisesse roubar o alento enquanto a apertava firmemente contra si. Sem dizer nada, ergueu-a no ar. Portas e vestíbulo, a boca dela, o corpo dela nos braços dele - a cama dele.

Não perdeu tempo com preliminares galantes. Possuiu-a com um vigor grosseiro, a reclamar o que lhe pertencia, enquanto ela o envolvia com as mãos e o puxava para baixo com a mesma urgência.

Na manhã seguinte, Christian pôs Maddy a trabalhar depois do pequeno-almoço e pediu-lhe que escrevesse uma mensagem concisa e educada para um sócio do Banco Hoare, em que lhe pedia que se apresentasse com a maior brevidade em casa do duque. Maddy ficou encantada por o fazer pois, de momento, estavam a viver das duzentas e oitenta e sete libras que restavam das fivelas de Jervaulx, uma quantia que já não lhe parecia muito grande, mas sim terrivelmente limitada se se considerasse os gastos de Jervaulx.

Quando terminou a mensagem e esta obteve a aprovação de Christian, teve que escrever um anúncio para os jornais, anúncio esse que afirmava que o duque de Jervaulx já não honrava o Sr. Torbyn, agente de propriedades, com a sua confiança. A partir desse momento, todas as questões relacionadas com os seus assuntos deviam ser enviadas para Belgrave Square, e nenhum gasto ou comissão devia ser efectuado a não ser que contasse com a autorização pessoal do duque. De seguida, Maddy descansou um pouco enquanto Jervaulx subia ao piso superior para que o barbeassem e vestissem.

Permitiu-se o prazer de uma segunda chávena de chá sentada na sala das traseiras, uma sala agradável decorada num amarelo-margarida, sobranceira a um árido jardim traseiro e a um muro que separava a casa dos prados. Começou a escrever uma carta ao pai, pois sabia que quando Jervaulx voltasse não teria tempo para o fazer.

Estava a meio da segunda folha quando Calvin entrou na sala a equilibrar um tabuleiro de prata numa mão e a fechar a porta atrás de si com a outra. Maddy levantou a cabeça relutante.

O mordomo inclinou-se perante ela.

- O duque não está convosco, sua excelência?

Maddy tinha a sensação que nem ela nem o Calvin londrino sabiam muito bem o que fazer um com o outro. Eram como velhos rivais que, na noite anterior, se tinham encontrado unidos perante uma adversidade, e pareciam estar no meio de uma estranha trégua de hostilidades que

poderia transformar-se em guerra ou em paz à mais pequena alteração. Maddy preferia sinceramente a paz, por isso quando ele se lhe dirigiu como «sua excelência» com toda a solenidade, quase lhe soou bem. Apesar disso, aquele título mundano estava a converter-se num verdadeiro fardo, o que fez com que Maddy se obstinasse na sua convicção de enfrentar as consequências de se opor a ele.

- Quero que me tratem por «minha senhora», Calvin - disse no tom mais amável de que foi capaz. - Lembra-te que não posso dar nem receber esse tipo de tratamento.

Maddy esperou que o homem teimasse e a olhasse ofendido do alto do longo nariz, tal como Calvin pai o fizera. Sabia que era uma provocação contrariá-lo daquela maneira. No entanto, o maxilar digno e rígido de Calvin pareceu descontrair-se um pouco.

- Lembro-me sim, minha senhora - replicou. Maddy surpreendeu-se perante aquela rendição tão fácil.

- E não te sentes ofendido com isso?

- Seria uma impertinência da minha parte ofender-me com algo coisa que a senhora diga.

Maddy baixou a cabeça, cheia de dúvidas. Calvin fez uma vénia.

- Depois de negar o tratamento correcto a sua excelência, o duque, se agora a senhora exigisse um tratamento superior ao dele, nesse caso sentir-me-ia ofendido. No entanto, e como o seu comportamento é sempre coerente com aquilo que afirma, não posso senão apreciá-lo.

Maddy mordeu a extremidade da pena.

- Gostas de andar com pó no cabelo?

Percebeu que a pergunta desconcertara Calvin. Este pousou o tabuleiro sobre a mesa.

- Nunca pensei se gosto ou não. Acho... que deixa o cabelo desagradavelmente rijo depois de se aplicar a pasta. E tem de ser lavado todas as noites, o que às vezes provoca constipações.

- Bem, então se não gostas de o usar não precisas de o fazer. Jervaulx não se importa com isso, e a mim parece-me um absurdo esbanjar de dinheiro.

Calvin inclinou-se.

Maddy escondeu um sorriso.

- Também não te deverias inclinar perante mim - disse. Calvin iniciou outra vénia, mas conteve-se a meio.

- Como quiser, minha senhora - disse ao endireitar-se. - O duque encontra-se lá em cima?

- Sim. Alguma coisa que eu possa fazer?

- Não precisa de se incomodar, minha senhora. E só que sua excelência recebeu uma visita.

- Oh. - O coração de Maddy encolheu. - É a duquesa viúva?

- Não, não. Nunca lhe pediria que esperasse na entrada - disse ao mesmo tempo que voltava a pegar no tabuleiro. - E além disso - acrescentou num tom confidencial -, o duque nunca encoraja a mãe a visitá-lo em casa. É sempre ele que a visita.

- Compreendo. - Aquela falta de hospitalidade filial não lhe parecia muito correcta, mas talvez não fosse totalmente injustificada. Mordeu o lábio enquanto pensava.

- Talvez Jervaulx queira que eu fale com quem quer que seja - disse, e levantou-se. - Talvez seja melhor ser eu a receber a visita, se tiveres a amabilidade de a fazer entrar para aqui, até que o duque desça.

Calvin pigarreou.

- Creio que, neste caso, seria melhor que o perguntasse primeiro a sua excelência, minha senhora. Quer que lho vá perguntar?

- Neste caso?

- Sim, neste caso. - Calvin fechou a boca com a expressão de alguém que acabara de dizer tudo quando podia.

- Bom, mas... não achas que é má educação deixar a visita à espera?

- Vou informar o duque, minha senhora.

Calvin fez outra reverência, mas voltou a deter-se a meio. Saiu da sala e fechou a porta atrás de si.

Maddy sentiu-se perplexa. Não sabia se Calvin tinha alguma objecção contra aquela visita em particular, ou se temia que Maddy se ridicularizasse, bem como toda a casa, ao enfrentar aquela primeira prova social. Surpreendeu-se por Calvin não ter convidado o cavalheiro em questão a entrar para a saleta do pequeno-almoço, onde ela mesma esperara tantas vezes. Parecia uma ofensa deliberada deixá-lo à espera de pé no vestíbulo. Isso, e a estranha atitude de Calvin fizeram com que Maddy chegasse à conclusão que o problema se encontrava mais no visitante que nela mesma.

No momento em que estava a dar voltas a essa ideia, a porta abriu-se um pouco.

- Christian - disse uma voz feminina num tom brincalhão. - É Eydie. - A porta abriu-se mais.

- Vamos, sei que estás aqui...

A mulher deteve-se na soleira da porta. Estava de luto, e o véu afastado para trás exibia um rosto delicado e um cabelo de um ruivo apelativo e intenso, que lhe caía em caracóis sobre as faces. Durante alguns instantes, Eydie pareceu desorientada ao mesmo tempo que examinava Maddy de alto a baixo. De seguida, a expressão alterou-se-lhe para uma de total desinteresse.

- Ah... - disse. - Quero ver o teu senhor.

- O duque encontra-se no piso superior - explicou Maddy com voz firme, decidida a não arruinar aquele primeiro encontro com alguém pertencente à mesma classe social que Jervaulx. - Sou Archimedeia Timms... bom, sou a mulher dele - acrescentou ao mesmo tempo que estendia a mão para a cumprimentar.

Enquanto Maddy dizia isto, a mulher estava ocupada a procurar algo no seu saquinho de renda. No momento em que Maddy lhe estendeu a mão, Eydie levantou a sua.

- Dá-lhe isto... - Eydie interrompeu-se a meio da frase e levantou a cabeça para a olhar, com um papel na mão e meia coroa visivelmente escondida neste. - Que disseste?

- Chamo-me Archimedeia - repetiu Maddy, a tentar sorrir sem muito êxito. - A mulher do duque. Sei que é um tanto surpreendente.

Eydie pareceu achá-lo mais que surpreendente. Pareceu-lhe hilariante, porque deitou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada nervosa e aguda.

- É uma brincadeira - disse por fim.

- Não - respondeu Maddy. O papel e a moeda caíram no chão.

- Pagou-te. Pagou-te para estares aqui à espera que eu aparecesse e para me dizeres isso. É uma brincadeira.

- Não, receio que não seja nenhuma brincadeira. Eydie sacudiu a cabeça.

- Sim. Sim, sim, sim. É uma brincadeira.

Calvin apareceu na porta. Estava rígido como uma pedra e o rosto não exibia qualquer expressão.

- Sua excelência não está em casa, minha senhora - disse a Eydie. Esta olhou para ele.

- Não está em casa - repetiu Calvin, cortante.

Eydie começou a soltar gargalhadinhas nervosas de um modo horrível, e deixou-se cair numa cadeira como se fosse um fantoche.

- É uma brincadeira! - exclamou, e recostou-se na cadeira. Começou a rir-se da maneira mais estranha e cada vez mais agitada. - É uma piada muito cruel.

- Senhora Sutherland, tenho de lhe pedir que saia de imediato - disse Calvin.

- É cruel! - gritou Eydie, e lançou a cabeça para trás. De um salto levantou-se da cadeira e saiu a correr da sala em direcção ao vestíbulo.

- Christian! - A voz e os passos ressoaram nas escadas de mármore.

- Christian, *é cruel!* Estás a ouvir-me? *É muito cruel!*

Maddy apressou-se a sair atrás de Calvin, e chegou ao vestíbulo a tempo de ver Eydie a subir enlouquecida a escada curva.

- Estás a ouvir-me? - guinchava ao mesmo tempo que levantava a saia e subia. - *É mentira!* Não casaste!

No meio daqueles guinchos ressoantes, Jervaulx surgiu no cimo das escadas. Estava em mangas de camisa e de botas calçadas. Agarrou-se a balaustrada dourada de ferro forjado e

permaneceu imóvel, os dedos brancos devido à força exercida sobre o corrimão.

- Christian! - disse Eydie. Deteve-se alguns degraus abaixo dele. - Não é verdade.

Jervaulx não se mexeu. Limitou-se a olhá-la sem mover um músculo.

Eydie apoiou-se ao corrimão, as mãos a envolvê-lo e a cabeça sobre os braços estendidos enquanto olhava para cima para Jervaulx, como se fosse um cachorro a suplicar carinho.

- Por favor, não brinques assim comigo. Diz-me que não é verdade.

- É verdade - respondeu ele com uma voz baixa, mas que encheu o vestíbulo com um ruído abafado.

Eydie caiu sobre os degraus e voltou a soltar as mesmas gargalhadas histéricas.

- Mas dei-te tudo, Christian.

Os soluços misturados de gargalhadas embatiam contra o mármore. Maddy apercebeu-se de que o criado de quarto de Jervaulx se encontrava atrás dele. Os outros três criados encontravam-se no vestíbulo inferior, e a criada e a cozinheira espreitavam pela porta de acesso à cave. Estavam todos imóveis a observar a cena.

Maddy levantou a saia e subiu as escadas. Ouviu Jervaulx a emitir um som inarticulado, mas continuou a subir até se ajoelhar junto da lacrimosa Eydie.

- Vamos - disse. Pegou na mão enluvada de negro e ajudou-a a levantar-se da pedra fria. - Vamos, vais ficar doente se continuas assim.

- Eydie parecia ter perdido as energias e arquejou ao levantar-se.

Maddy sentou-se num degrau e passou um braço por trás dela. Puxou Eydie contra o ombro e embalou-a. - Lamento. Não deverias ter passado por tudo isto. Lamento.

Eydie chorava, desconsolada, a derramar lágrimas sem parar e a expulsar ar de um modo espasmódico, como uma criança birrenta. Maddy olhou para Calvin e fez-lhe sinal com a cabeça para que ele mandasse sair os criados do vestíbulo. O mordomo tinha a expressão de alguém que acaba de testemunhar um acidente terrível, e moveu-se para obedecer às instruções de Maddy de um modo rígido e desorientado.

- Odeio-o - murmurou Eydie. - Odeio-o. Odeio-te!

Maddy deixou-a falar, ainda a agarrá-la, a olhar para os próprios joelhos e para a renda cara do vestido negro de Eydie. A aba do chapéu cravava-se-lhe no pescoço.

Eydie lançou um gemido longo e patético de desolação.

- Deveria ter sido eu. Deveria ter sido eu.

- Eu sei - disse Maddy sem se alterar. Olhou para os brilhantes caracóis ruivos de Eydie e recordou-se da madeixa de cabelo que vira junto da cama de Jervaulx. - Tenho a certeza que deverias ter sido tu.

- O quê? - Eydie contorceu-se com um soluço cheio de desprezo. - Ainda por cima... não o queres? - Voltou a gemer. Afastou-se de Maddy, inclinou-se para a frente e abraçou-se. - Não... o queres? - repetiu entre lágrimas e uma gargalhada de amargura.

- Refiro-me ao facto de sermos muito diferentes - explicou Maddy.

- Diferentes! - exclamou Eydie e voltou a estremecer. Escondeu o rosto no regaço e chorou.

Maddy acariciou-lhe o ombro. Sentia os movimentos provocados pelos soluços sob o tecido requintado.

Eydie tirou um lenço do saquinho de renda e levou-o à boca.

- És uma dessas *quakers* - disse através do lenço.

- Sim, sou uma amiga. Eydie começou a baloiçar-se.

- Não acredito. Não acredito. Odeio-te, Christian. - Ergueu o tom de voz até se transformar num grito. - Odeio-te! Estás a ouvir-me?

Não houve resposta. Maddy não olhou para cima para ver se ele continuava ali. Eydie recomeçou a chorar de um modo menos agitado e com o lenço encostado ao rosto. Com um encolher de ombros afas-lou a mão de Maddy.

- E como é que conseguiste? - perguntou de repente. Maddy abraçou os joelhos e entrelaçou as mãos.

- O quê?

- Como conseguiste apanhá-lo? E não me venhas com mentiras tontas - exclamou Eydie. - A irmã dele é minha amiga, e contar-me-á toda a verdade.

Subitamente, Eydie levantou-se, agarrou na saia e começou a descer as escadas, como se esse pensamento a tivesse impelido a passar da angústia à acção. Quando chegou ao fim das escadas, parou e olhou rapidamente para cima, para lá do local onde Maddy se encontrava. De seguida, cobriu o rosto com o véu e desapareceu no vestíbulo. A porta de entrada bateu estrondosamente e ressoou pelo vestíbulo.

Maddy permaneceu sentada nos degraus. Tentava controlar a respiração para refrear o tremor que lhe começara no estômago e que se estendia por todo o corpo. Quando achou que já o tinha dominado, levantou-se. Deu meia volta para olhar para cima, embora soubesse que ele já não se encontrava ali. Vira-o no rosto de Eydie.

No piso térreo, Calvin aproximou-se dela muito depressa.

- A culpa é minha, minha senhora - disse. - Não a deveria ter deixado entrar.

- Calvin - disse Maddy, numa voz trémula que não conseguia controlar. - Preciso da minha capa.

- Mas, minha senhora...

- Tenho de sair. Preciso de sair.

- O jardim está...

- Não - disse Maddy, enquanto se dirigia para a entrada principal. - Tenho de sair daqui.

- Espere um momento, minha senhora. Sua excelência vai querer sabê-lo.

Abriu a porta. Recebeu com agrado o ar frio e húmido que lhe embateu nas faces ardentes. Não esperou que Calvin voltasse com a capa. Fechou a porta sem fazer ruído, desceu os degraus de um branco imaculado e começou a encaminhar-se para a própria casa.

Do quarto de vestir, Christian ouviu a porta bater. Não se moveu nem olhou pela janela para ver Eydie afastar-se. Estava sozinho no meio do quarto, o som dos guinchos de Eydie ainda a ressoarem-lhe aos ouvidos. Permaneceu assim durante muito tempo.

Fora estranho e irreal ver a mulher a consolar a amante. E, como uma conclusão do papel vil que representara, Christian pensou: «Não se apercebeu do que se está a passar.»

Quer o tivesse percebido quer não, a simples mostra de compaixão de Maddy para com outro ser humano fora uma verdadeira revelação para ele - fizera-o ver como ele era na realidade. Enfurecera-se perante a desfaçatez de Eydie ao aparecer em sua casa, irritado até ao paroxismo pela cena que fizera, e preparara-se para a pôr na rua sem quaisquer contemplações - e Maddy, sempre Maddy, fizera com que ele o sentisse, fizera com que ele percebesse a dor que provocara.

Não quis chegar a este ponto. Nem ter de me lamentar como um diabo inconsciente que se arrepende dos seus actos quando já é demasiado tarde. Não era minha intenção, não o teria feito se tivesse sabido, se o tivesse previsto, se tivesse pensado, se, se, se...

Calvin bateu ao de leve na porta, o que fez com que Christian se virasse e a abrisse. O mordomo parecia um condenado prestes a ser executado.

- Excelência... - começou a dizer.

Christian impediu que Calvin se desculpasse. Seria absurdo e repugnante humilhar um criado por algo provocado pela sua falta de senso comum.

- Onde está? - perguntou num tom firme.

- A senhora Sutherland? - replicou Calvin.

- Para o inferno... Sutherland! A duquesa.

- Saiu, excelência. Há alguns minutos. - Ao ver que Christian soltava uma exclamação de surpresa e se dirigia a toda a pressa para a porta, o mordomo acrescentou rapidamente: - Excelência, tentei fazer com que esperasse, mas parecia determinada em sair. Mandei um criado atrás dela com a capa, e com ordens para que a siga à distância e que mande recado se não voltar de imediato.

Christian interrompeu-se. Sim, o melhor era deixar que Maddy se acalmasse. Tinha que a

deixar sozinha e dar-lhe tempo.

- Bem. Fizeste... bem.

O mordomo pigarreou e disse num tom de dúvida:

- O senhor Hoare veio visitar vossa excelência. Mandeí-o entrar para a biblioteca.

Raios, tão depressa! Christian não estava preparado. Tencionara ter Maddy junto dele para que o ajudasse se necessário. Hoare era a peça-chave de tudo. Se Christian fracassasse, estava tudo terminado.

Respirou entre dentes e pegou na casaca. Não tinha outra escolha. A roda começara a girar. Já a colocara em movimento e não tinha outro remédio senão jogar.

Christian entrou na biblioteca de dois pisos a partir da galeria dos livros. Daí podia ver a sala em baixo. Parou entre o familiar cheiro das encadernações em pele e praguejou em voz baixa ao ver os dois homens sentados (como um par de cangalheiros fora de lugar) num sofá ainda tapado por um lençol. A sua carta fora respondida pelo sócio com quem Christian tinha menos vontade de lidar. Dos dois prometedores descendentes da família Hoare que o aguardavam, o mais velho era bastante agradável, mas o primo mais novo era muito religioso - algo que não fazia com que fosse bem-visto aos olhos de Christian, sentimento esse que era recíproco.

Há um século que os Hoare eram banqueiros dos duques de Jervaulx. Christian não alterara essa situação, embora tivesse pensado frequentemente em prescindir dos seus serviços, sobretudo quando os sócios arremetiam com um vigor educado contra os planos dele, que apelidavam de temerários ou de visionários, dependendo do que se tratava. Mas o Banco Hoare mantivera-se ao lado da família durante as longas décadas das enormes dívidas contraídas pelo pai. Por esse motivo, Christian mantivera as contas com eles, apesar do muito que lhe irritavam em certas ocasiões. Nesse momento, Christian desejou não lhes ter sido tão fiel.

Lembrou-se da carta que lhe tinham enviado em resposta à sua última mensagem. Rezavam pela sua saúde. Os cretinos. Já lhes daria motivos para rezar.

Com passos fortes e ruidosos desceu a escada e olhou-os do fundo desta.

- Cavalheiros - disse sem mais cumprimentos -, expliquem-se. Levantaram-se os dois a murmurar os bons-dias. O Hoare religioso adiantou-se, como se pretendesse apertar-lhe a mão.

Christian não se mexeu, e o homem deteve-se de imediato.

- Espero - disse Christian. - Expliquem-se.

- Se se refere ao atraso de...

- Atraso! - exclamou Christian, e interrompeu as palavras circunspectas do banqueiro. Não podia deixar que o diálogo se tornasse muito fluido. - Estou... tão contrariado - disse, e afastou-se das escadas. - Mal... consigo falar, senhor.

Não queria exhibir uma fúria inarticulada para não fomentar dúvidas acerca da sua sanidade. Aproximou-se da secretária e sentou-se. Pelo menos dispusera de tempo suficiente para preparar a próxima jogada. Tinha outra carta já escrita sob uma folha em branco, oculta do olhar dos banqueiros por uma pilha de livros convenientemente colocados à frente deles. Pegou na pena e escreveu na folha em branco. Não sabia como lhe saiu, mas também não se preocupou em o comprovar. De seguida, pegou na folha que se encontrava por baixo e que Maddy revira previamente em busca de erros. Levantou-se e estendeu-a aos homens.

- Voltem a tentar.

Desde o início que os dois Hoare pareciam pouco à vontade. O mais velho adiantou-se para pegar no papel, mas o sócio disse:

- Receio que ainda possam surgir alguns atrasos.

- Porquê?

- Estabelecemos algumas regras novas. Christian encostou-se à secretária.

- O meu dinheiro - disse num tom ameaçador. - Perderam-no?

- Claro que não! - apressou-se a dizer o mais velho.

- Para lhe sermos totalmente sinceros - disse o mais novo com extrema frieza -, a sua família

deu-nos motivos para que, neste momento, nos sintamos preocupados com os fundos da conta de vossa excelência.

- Sim - disse Christian com um sorriso irónico. - Não há... regras. É um... simples roubo.

- Compreenda-nos! Só estamos a ser cautelosos, como qualquer pessoa razoável esperaria que o fôssemos perante uma situação tão incerta quanto esta.

Christian recostou-se na cadeira e pegou num exemplar do *Times*. Ergueu-o com uma mão enquanto fingia lê-lo com interesse.

- Roubo num banco. Hoare rouba... depósito. - Inclinou a cabeça em sinal de aceitação. - Um bom título.

Os dois Hoare olharam-no como se tivessem à frente um salteador de estradas armado. Christian baixou o jornal e sorriu, como se a des-culpar-se.

O mais velho dos Hoare dobrou o papel e guardou-o no bolso.

- Isso não será necessário - disse num tom mais calmo do que aquele que o primo utilizara. - Tínhamos percebido, excelência, que não se encontrava bem e que qualquer comunicação que supostamente recebêssemos da sua parte poderia não ser de todo legítima. Apenas nos queríamos certificar. Pela minha parte, espero que tudo isto não tenha ofendido sua excelência. Se isso aconteceu, manifestamos-lhe as nossas mais sinceras desculpas. Não é verdade, primo Hoare?

O primo assentiu de má vontade, mas o seu tom de voz continuava n m pouco desafiador.

- Claro que registaremos todos os movimentos pormenorizadamente, para o caso de existir alguma petição por parte do gabinete do lorde-chanceler.

- Como é óbvio - replicou Christian. - Quando... o dinheiro?

- Mandarei um mensageiro antes do meio-dia - respondeu o mais velho.

Christian tocou a campainha para chamar Calvin. Deixou que continuassem de pé até o mordomo chegar, a olhá-los em silêncio e a odiá-los interiormente. Por fim, partiram com desejos rígidos de continuação de boa saúde, ao que Jervaulx respondeu com um movimento simples e rápido da cabeça.

Assim que saíram da biblioteca, Christian deixou-se cair pesadamente na cadeira. As mãos tremiam-lhe.

Vitória.

Triunfara, apesar de estar sozinho.

Sentiu vontade de chorar e rir ao mesmo tempo. Queria partilhar aquele profundo alívio. Precisava de Maddy a seu lado.

Os gritos dos barqueiros eram a única coisa tangível no rio - os gritos, e a corrente lenta junto da margem que fazia oscilar as algas e formava uma superfície prateada que se desvanecia entre a neblina a poucos metros de distância. O nevoeiro abatera-se sobre Chelsea durante todo o dia, engolira as fileiras de casas atrás de Maddy e sufocara o ruído do tráfego. Maddy estava apoiada a um varandim junto do rio, embrulhada na capa. O criado de Belgrave Square continuava com ela, uma silhueta paciente de pé debaixo de um toldo do outro lado da rua, mesmo na linha limítrofe do nevoeiro.

O Sol começara a pôr-se. Maddy sabia que tinha que fazer algo muito depressa. Não podia continuar ali eternamente.

Um barqueiro aproximou a barca da margem, amarrou-a e tirou dela uma cesta. Maddy observou-o a arregaçar as calças e a saltar para uns degraus de madeira pelos quais subiu.

- Enguias vivas, minha senhora? - perguntou alegremente. Maddy sacudiu a cabeça.

O homem continuou a andar e levantou a cesta para a mostrar a uma carruagem que Maddy ouviu a aproximar-se nas suas costas.

- Enguias vivas! Vivas e a mexerem-se!

O ritmo regular dos cascos dos cavalos aproximava-se lentamente. Maddy virou-se a tempo de ver o cocheiro a refrear o trio de animais com um esticão dos arneses. O barqueiro, esperançado, ergueu as enguias para a reluzente carruagem negra.

Tinha um brasão familiar na portinhola. O criado de Maddy saiu do nevoeiro e aproximou-se do veículo.

A portinhola abriu-se. Jervaulx desceu, e a capa abriu-se-lhe, mostrando um relampejo vermelho. Assim que saiu, parou e olhou para Maddy.

- A cinco e meio, senhor - disse o barqueiro, o que era um preço exorbitante. - Estão vivas. Olhe - acrescentou, enquanto começava a abrir a cesta.

Jervaulx olhou-o e, de seguida, fez um sinal ao criado. Este evitou que o barqueiro entusiasta exhibisse a sua pescaria ao duque, e afastou o homem até à parte traseira da carruagem. Jervaulx avançou uns passos na direcção de Maddy e parou em frente dela.

- Já... chega - disse sem se alterar. - Vem... para casa. Para casa, pensou ela. Mas aquela era a sua casa, aquele povo e aquele rio, aquelas árvores e aqueles barcos. Conhecia-os a todos, e até os poderia encontrar no meio do nevoeiro de olhos fechados. Vivera ali durante toda a vida.

Jervaulx desviou os olhos dela e olhou para o rio. De seguida, despediu a carruagem com um movimento do braço.

- Passeio? - perguntou, e ofereceu o braço a Maddy.

Maddy apoiou suavemente a mão na manga de Jervaulx. Sentiu o calor dele sob as mãos frias. Ele tapou-lhe os dedos com a luva para os proteger do ar húmido.

Era sempre agradável passear com ele. Demonstrava um verdadeiro à-vontade, dava-lhe a sensação que se adaptava ao passo dela com toda a naturalidade. Continuaram a andar até que Maddy deixou de ouvir os relinchos e as patadas intermitentes dos cavalos que os esperavam.

- Estavas comprometido para te casares com ela? - perguntou então Maddy.

Reparou que os músculos do braço de Jervaulx endureciam um pouco sob as suas mãos, o único sinal de perturbação que manifestou.

- Não.

- Disse que deveria ter sido ela. Jervaulx não respondeu.

- Ao lado da tua cama tinhas uma madeixa do seu cabelo.

Ele olhava para o passeio, a boca com uma expressão pesada, silenciosa. Não o negou, nem pareceu arrependido.

- Então, ama-la? - perguntou Maddy por fim. Jervaulx deteve-se e pegou-lhe nas mãos.

- Não, Maddy. Não.

Ela afastou-se dele e abraçou-se, a olhar o rio.

- Se isso é verdade, e aceitaste a madeixa como prova do seu amor, então és um homem muito perverso.

- Sim - respondeu ele com uma nota de emoção ríspida que Maddy foi incapaz de identificar.

Observou a silhueta quase invisível de um gato branco a mover-se entre os barcos amarrados. A água batia suavemente na margem mais abaixo e desaparecia na penumbra.

- Vem - disse ele. - Está escuro.

Maddy não se moveu. O gato pousou uma pata sobre a proa de um barco, saltou rapidamente para o interior e desapareceu debaixo do assento.

- És um estranho para mim - disse Maddy, num tom de voz embargado. - Não te conheço, nem sei quem és na realidade.

Jervaulx falou entre sussurros.

- Estou... envergonhado, Maddy. Até ao... mais profundo... da minha alma. Não posso... dizer mais nada. Não posso... voltar atrás. Não posso... mudar o que fiz.

O gato branco voltou a aparecer na popa do bote. Subiu para uma corda enrolada e enrolou-se em cima dela. Maddy sentia Jervaulx imóvel atrás de si.

- Vem para casa, Maddy - disse.

Pobre Eydie, dar uma madeixa de cabelo a um libertino. Enamorar-se dele e acabar a chorar desesperada nas suas escadas. Era como um conto cheio de moral retirado de um livro de sermões. Maddy podia extrair dali ensinamentos muito apropriados.

- Tenho medo - sussurrou ela. - Tenho medo do que possas fazer à minha alma e ao meu coração.
- O teu coração... é aquilo que tenho... de mais valioso - disse ele em voz baixa.
Maddy baixou a cabeça. Virou-se para ele sem o olhar e pegou-lhe no braço.

30

Gostas... de ópera? - perguntou Jervaulx ao ajudá-la a descer da carruagem em Belgrave Square.

- Nunca fui a nenhuma.

- Esta noite - disse ele. - Veste-te... de azul.

Calvin recebeu-os à porta. Pegou na capa de Maddy e, quando ia fazer uma vénia, deteve-se.

- Encarreguei-me de acender um bom fogo para si, minha senhora. Vou pedir que tragam um tabuleiro com chá. Gosta de composta de morangos e de natas? Se preferir, posso mandar subir doce de laranja amarga da despensa, ou encarregar-me de... - Calou-se de repente, como se se tivesse apercebido do tom de ansiedade da sua voz, e inclinou rapidamente a cabeça perante Maddy.

- Queria voltar a desculpar-me pela minha negligência, minha senhora.

- Não me fizeste nada de mal - disse Maddy.

O mordomo exibiu a expressão de alguém que continuava a sentir-se desconsolado, mas não respondeu. Quando Maddy se dirigiu ao piso de cima, todos os criados se apressaram a retomar as suas tarefas e a criada de quarto, que Maddy quase não conhecia, informou-a timidamente que colocara um tijolo quente na cama, para o caso de a senhora querer descansar um pouco antes do jantar.

Com uma sensação de gratidão, Maddy deixou-se cair na cama, já que a humidade ainda lhe gelava os ossos. Era o quarto do duque, mal ele ficara no piso de baixo. Maddy dispunha daquele luxo pecaminoso só para ela, se não pensasse no vago cheiro dele que a envolvia por completo.

Quando abriu os olhos, já estava escuro. Jervaulx estava sentado junto da cama a olhá-la, à luz de uma vela. Estava elegantemente vestido de azul e branco, muito bem barbeado pelo criado de quarto e de um modo que Maddy nunca teria conseguido.

- A ópera. - Levantou-se de repente, com uma certa apreensão, O teatro, os bailes, a roupa elegante, todas aquelas coisas mundanas. Chegara o momento de enfrentar o mundo de Jervaulx.

- Jantar... - disse ele e apontou para um enorme tabuleiro pousado sobre uma mesa junto da lareira e com uma cadeira à frente. - Depois... vestes-te. - Deixou um estojo na mesa-de-cabeceira do lado de Maddy. Levantou-se e dirigiu-se à porta. Quando chegou junto desta deteve-se e, com a mão na maçaneta, apontou para o estojo com a cabeça. - Para o cabelo - disse antes de sair do quarto.

Maddy sentou-se e abriu o estojo. Continha um colar de pérolas, tal como o da mãe, mas maior e ainda mais luminoso à luz das velas, com um diamante enfiado entre cada pérola.

Maddy fechou os lábios. Era algo de presunçoso, frívolo e caro, embora resplandecente e muito bonito. Tentava manter-se alerta, entrincheirar-se contra ele, mas Jervaulx conseguia sempre atacar sem falhas todas as suas fraquezas. Não se tratava da oferta, não, nem tão-pouco da sua sumptuosidade ou da inesperada beleza da jóia.

Para o cabelo, dissera. Recordava-se disso, e conseguira vencer as defesas dela com toda a facilidade.

Chegaram tarde. Christian fizera-o de propósito. O exterior do teatro de Haymarket

resplandecia, mas encontrava-se vazio durante a representação, candeeiros a gás a brilhar sobre as fileiras de carruagens que esperavam os espectadores.

Depois da chegada do dinheiro de Hoare, Christian demorara menos de meia hora a preparar os homens, cavalos e librés necessários para a sua carruagem de cidade. O mundo voltava a abrir-se-lhe. Recomeçou a gastar dinheiro como um magnate, com a intenção de impressionar até o credor mais implacável. Também não pagara muitas das suas dívidas, mas comprara coisas e pagara-as em dinheiro para lhes dar que pensar.

Enviara Calvin à joalharia de Rundell e Bridge para comprar as pérolas. Mandara um criado gastar duzentas libras num ourives, a cozinheira adquirir abastecimentos dispendiosos no Harrod's e num estabelecimento de vinhos e, através de Calvin, fizera um acordo especial com o dono de um viveiro. Pagara tudo adiantado.

Maddy usava as pérolas. Christian não tinha a certeza se ela o faria. Não sabia como a tratar, como atravessar aquela barreira de reserva que ainda a cercava. Apenas lhe ocorria tentá-lo com palavras carinhosas e prendas caras, embora estivesse consciente de que, provavelmente, ela diria que tudo aquilo era falso e imoral. Ter-lhe-ia feito bem dispor de mais tempo, mas não o tinha. Nessa noite precisava de Maddy a seu lado.

A luz do pórtico coríntio do teatro caiu sobre Maddy quando esta saiu da carruagem, o que fez com que o vestido simples - o vestido azul e o cabelo dourado, o brilho subtil das pérolas contra o brilho dos diamantes - se enriquecesse de cor. Como é atraente, pensou Christian, embora ninguém a pudesse descrever como convencionalmente bela. Tinha uma aparência casta e espartana e não o encanto rosado de uma dama. Não era Afrodite, mas sim a prudente Atena, a do mocho sábio e da rédea dourada que amansou *Pégaso*.

O vestíbulo quase deserto, os corredores escuros, até o som cada vez mais elevado da música, não tinham preparado Maddy para a erupção de luz e cor que a deslumbrou ao entrar no camarote do duque. Com os ouvidos cheios de música, contemplou as filas de camarotes decorados a vermelho e dourado que se erguiam até ao tecto, cheios de pessoas que ou se inclinavam para um lado para falar com os seus acompanhantes ou se inclinavam sobre o varandim para olhar para baixo, para o palco e para a massa de público que inundava a plateia do teatro.

Maddy lançou um olhar ao cenário e desviou-o rapidamente. As pessoas que dançavam estavam nuas! De repente, ouviu o murmúrio cada vez mais elevado dos espectadores, uma ligeira perturbação a acrescentar à música e ao zumbido da assistência. As pessoas que se encontravam na plateia, duas filas de camarotes mais abaixo, estavam a virar-se e a olhar para cima, e os ocupantes dos camarotes da frente também olhavam fixamente através dos binóculos - olhavam todos para o local onde ela e Jervaulx estavam sentados.

Maddy baixou imediatamente os olhos, incapaz de olhar para qualquer lado. Nem para o indecente espectáculo no palco nem para o público.

- Queixo... para cima - disse Jervaulx sem se virar para ela. Maddy obedeceu.

- Obrigado - disse ele. - Presta atenção... representação. O palco.

- Mas é que... estão... céus! - exclamou, embora lhe tivesse obedecido. Sentiu-se de novo horrorizada com aquelas raparigas de meias cor-de-rosa, tornozelos e coxas a descoberto, cujas pernas se viam perfeitamente através das saias quase transparentes. - Isto é horrível.

- Atenção - insistiu ele.

Não deixava de sentir um certo fascínio sórdido. As figuras despidas brincavam e saltavam pelo palco para de seguida se deterem, adoptarem a postura adequada e começarem a cantar a plenos pulmões. Os conhecimentos musicais de Maddy limitavam-se a uns quantos cânticos natalícios e às músicas que ouvia na rua, mas sabia pelos jornais que a ópera era uma manifestação artística de alto nível. Decerto era alta, e a maior parte dos espectadores não se importava de falar por cima da música.

Na verdade, Maddy ouviu vozes atrás das cortinas que fechavam o camarote. Jervaulx

deixara à entrada deste um criado que se mantinha inflexível perante a controvérsia não muito discreta sobre se devia deixar entrar alguém que se encontrava no exterior. Jervaulx permaneceu imperturbável, embora também o devesse estar a ouvir.

Chegou um momento em que Maddy não conseguiu resistir mais. Parou de olhar para o comportamento imoral do palco e concentrou-se no público da plateia. Ficou então ainda mais surpreendida, ao aperceber-se a pouco e pouco que muitos homens sozinhos se passeavam entre as filas de assentos e sentavam-se junto de mulheres que pareciam não conhecer. Pegavam-lhes na mão e até as abraçavam. A casaca escarlate de um oficial chamou a atenção de Maddy quando aquele se levantou.

- Ali está o coronel Fane - disse.

Ao dizê-lo, o coronel virou-se e olhou directamente para o camarote. Sorriu e saudou-os com a cabeça, o que chamou a atenção de todas as pessoas que o rodeavam.

Jervaulx devolveu-lhe o cumprimento, o único que dirigira a alguém durante toda a noite. O oficial levantou-se e começou a andar pelo corredor central. Uns instantes depois, o duque ergueu-se e foi ele mesmo quem afastou o cortinado do camarote, e deixou que o coronel Fane entrasse.

- Minha senhora. - Sorriu e inclinou-se perante Maddy ao mesmo tempo que lhe pegava na mão. - É um prazer voltar a vê-la, e além disso tão formosa. E tu, Shev, maldito sejas, porque não me disseste que estavas na cidade?

- Há... pouco tempo - respondeu Jervaulx.

- Poderei visitá-la, minha senhora? - perguntou Fane, enquanto se sentava junto de Maddy e se inclinava ligeiramente sobre ela.

- Serás sempre bem-vindo. Fane sorriu e sacudiu a cabeça.

- Juro que adoro a sua maneira de falar. - Olhou para Jervaulx por cima da cabeça de Maddy. - Aviso-te que tenciono converter-me no seu favorito.

O duque limitou-se a erguer as sobrancelhas em resposta.

- No meu quê? - perguntou Maddy.

O coronel Fane levantou-se, voltou a pegar na mão de Maddy e beijou-a.

- Em seu amante, minha senhora. E agora vou ter de ir, antes que acabe de me partir o coração ou que o seu marido me atire lá para baixo. Adeus, minha grave Helena. Morro por si.

Antes que Maddy conseguisse acabar de assimilar aquelas surpreendentes palavras, o coronel já tinha saído do camarote. Baixou a cabeça, sabendo que havia pessoas a observá-los de todos os lados do teatro. Olhou de lado para Jervaulx.

Ele olhou-a sombriamente. De seguida, sorriu com uma expressão de cumplicidade que atingiu o coração de Maddy sem qualquer misericórdia.

- Queres que... o mate? - perguntou Jervaulx. Maddy respirou fundo e levantou a cabeça.

- Não te preocupes - respondeu ela em voz baixa. - Não brinco com o amor, Jervaulx.

O rosto de Jervaulx ficou imóvel. Maddy desviou os olhos dele e dirigiu-o para as actrizes que corriam pelo palco, a cantarolarem como rouxinóis delirantes.

Jervaulx levantou-se e estendeu-lhe a mão.

- Já chega. Vamos.

Quando era solteiro, Christian nunca se preocupava muito em receber visitas. Era mais habitual era ser ele a fazê-las, quer para tratar dos seus interesses, negócios ou qualquer outra coisa, quer para namoriscar ou para apresentar condolências quando era devido. Mas, naquela manhã, os cartões-de-visita amontoavam-se na bandeja de prata da entrada. Uma atrás da outra, uma fileira de carruagens detinha-se durante alguns momentos em frente da porta da casa de Belgrave Square. De seguida, prosseguiam caminho depois de ter sido negada a entrada aos seus ocupantes. De hora a hora, Calvin levava um novo monte de cartões para a biblioteca.

Maddy, sentada em frente de Christian do lado oposto da secretária, lia em voz alta o nome que surgia em cada cartão. Então, dependendo do movimento de cabeça que Christian fizesse,

deixava-o cair num ou noutro dos dois jarrões de jade que ele retirara de uma consola com esse propósito. Entre cada nova chegada de cartões, Christian ditava-lhe cheques e cartas ao mesmo tempo que revia os livros de contas. E, de meia em meia hora, Calvin voltava a entrar com um novo ramo de flores para ela.

Começara antes do pequeno-almoço, aquela entrega constante de tulipas, narcisos, jacintos de cheiro doce, cravos de vários tipos e prímulas enviadas por Christian. Alguns estavam cortados, outros em vasos holandeses, outros em cestos. Cada um deles um pouco maior que o anterior, até que a biblioteca se converteu num jardim e as flores transbordaram para o salão contíguo.

Para consternação de Christian, Maddy não parecia estar minimamente impressionada. Durante todo o dia recebera aqueles presentes Morais sem proferir palavra e dera instruções a Calvin para que os pusesse de lado. Mas, quando dois criados auxiliados pelos rapazes do viveiro entraram com um par de enormes vasos com duas laranjeiras em flor, Maddy acabou por levar a mão à boca e fechou os olhos.

- O que é isto? - exclamou através dos dedos.

- Trazem uma mensagem, minha senhora - disse Calvin, e pegou nela. - «O dono do viveiro virá visitar-te quando te for conveniente, para saber que plantas queres colocar no jardim das traseiras bem como no laranjal que irá ser aí construído para ti.»

Maddy soltou um pequeno gemido de alegria e olhou para Christian.

Este não tinha a certeza se aquilo significava êxito ou desastre. Quando os criados saíram da sala, dirigiu-se a uma das árvores e arrancou uma flor. Maddy observava-o por cima das mãos entrelaçadas, com uma expressão indefinida.

Profunda e sensualmente, Christian aspirou o cheiro da flor, fê-la girar várias vezes entre os dedos e aproximou-se do lugar onde Maddy se encontrava. Deteve-se como se estivesse a decidir que fazer com ela e, de seguida, prendeu-a atrás da orelha.

- Fica-me... bem? - perguntou. Levou a mão à cabeça e virou-a para que se visse melhor a orelha.

Maddy soltou uma risadinha estranha, como se o riso se tivesse libertado espasmodicamente de dentro dela e não o conseguisse evitar. A pobre e simples Missmaddy, a rir-se de uma coisa assim. O pobre e teimoso Christian, a chegar àquele extremo. Era muito experiente, mas percebera que não tinha a experiência suficiente para aplacar a sensibilidade ferida de uma dama puritana.

- Sei o que estás a fazer - disse ela.

- A pôr-me... bonito.

- Estás a tentar atrair-me com jóias e flores.

Christian sacudiu a cabeça e a flor caiu-lhe na mão.

- E está a resultar? As faces dela enrubesceram. Baixou os olhos.

- A resultar como?

- A ficar... mais doce.

- Com que finalidade? Christian encolheu os ombros.

- Para que não tenha... de dormir... no quarto de vestir. Maddy olhou para todas as flores que a rodeavam, e ocupavam todas as mesas e aparadores.

- Todos estes gastos... apenas para isso?

Com a flor entre os dedos, Christian acariciou a palma da mão de Maddy.

- Apenas?

Ela corou intensamente.

- É a tua casa. Nunca te disse onde devias dormir. Não me cabe a mim dizê-lo.

- Cabe-te... dizer... que me queres... contigo - disse Christian ao mesmo tempo que, com as pétalas, desenhava círculos sobre a pele de Maddy.

- Oh. - A respiração dela tornou-se mais agitada. - Então é isso?

- Di-lo. Diz... que me queres... contigo. Maddy olhou para a flor.

- Não sei - respondeu num tom de voz triste.

- Não o sabes... Missmaddy? - perguntou ele com suavidade.

- Porque tens de ser tão... tão carnal! - exclamou ela e afastou a mão. - Não devo!

Christian animou-se de imediato. Aquilo sim, era algo que conhecia muito bem. Uma dama que não devia, mas que com toda a probabilidade o faria. Ao ouvir aquilo, decidiu efectuar uma retirada estratégica. Sabia ser paciente.

- Muito bem - disse com toda a dignidade. Afastou-se dela e voltou a sentar-se à secretária para continuar a rever os livros de contas.

Passados alguns instantes, ergueu a cabeça.

- Outra coisa. Dentro de um mês... daremos um baile... para quinhentos convidados. - Empurrou o jarrão que continua o maior número de cartões-de-visita para Maddy. - Convites... para todos estes.

Jervaulx não foi ter com ela naquela noite, tal como não o fizera na noite anterior. Maddy ficou sozinha no quarto dele a pensar no baile para quinhentas pessoas e naquilo que, segundo ele, lhe correspondia a ela dizer.

Tinha vontade de se zangar com Jervaulx por todas aquelas novas extravagâncias. As flores, as jóias, não passavam de meras artimanhas mundanas e matreiras. Ele mesmo o admitira abertamente com uma Mor de laranjeira atrás da orelha - *E está a resultar?* -, e privara-a assim da imunidade de se sentir indignada na sua virtude.

Maddy sentia que estava a resvalar e a cair na rede estendida por ele.

Na manhã seguinte, voltaram a reunir-se na biblioteca cheia de flores para continuarem a ocupar-se dos assuntos de Christian. Jervaulx trabalhava com uma concentração que o esgotava. Perto do meio-dia, a sua capacidade para falar deteriorara-se e fechava repentinamente os livros, impaciente.

- Deverias descansar - disse Maddy, quando ele tentara dizer o total de um pagamento e depois tivera de o calcular três vezes. - É um esforço demasiado grande.

- Não... custa! - exclamou ele e reclinou-se na cadeira. - É fácil... mas... escapa. Como quando... tento trabalhar... e alguém fala. Não posso... as duas coisas. - Deitou a cabeça para trás e levou as mãos aos olhos. - Não sou... idiota.

- Não disse que o eras - murmurou Maddy.

Jervaulx suspirou profundamente e deixou cair as mãos, ainda a olhar para o tecto.

- Sinto-me... idiota - resmungou. - Um maldito... idiota. Maddy tinha o olhar fixo na secretária. Brincava com a ponta de um papel, a enrolá-lo e a desenrolá-lo.

- Christian - disse de repente, sem deixar de olhar para as mãos -, far-me-ás o favor de vir esta noite?

Durante alguns instantes, ele não fez nada. De seguida apoiou os cotovelos sobre a mesa, levantou a cabeça do encosto da cadeira e descansou o queixo sobre as mãos entrelaçadas a olhar fixamente para Maddy.

- Porquê... esperar? - disse a sorrir. - Estou aqui... agora. Maddy escancarou os olhos. Voltou a concentrar-se nas folhas, mas de vez em quando erguia os olhos, desconcertada.

- Estás desorientado - disse por fim.

Jervaulx riu-se em voz baixa. Maddy considerou que o mais prudente seria recolher os papéis que tinha à sua frente. Levantou-se e começou a empilhá-los em montes bem ordenados. Mas, quando Jervaulx também se levantou, Maddy quase entornou um tinteiro. Ele tirou-lho da mão e pousou-o sobre a mesa.

- Desorientada? - perguntou divertido.

- Acho que Calvin já tem a refeição preparada.

- Mais tarde.

- São horas de comer, Jervaulx. E é de dia. Não te disse que... -Maddy esqueceu-se do que ia dizer quando ele se colocou atrás dela e lhe tocou o pescoço com os lábios.

- Desejas-me, Missmaddy? - murmurou. Maddy estremeceu com aquele toque delicioso.

- É de *dia*! - exclamou. Jervaulx voltou a rir-se, a sua respiração a acariciar a pele de Maddy.
- Não te perguntei... as horas. Com um dedo, percorreu-lhe a garganta até chegar aos botões que tinha nas costas. Maddy sentiu-o a desabotoar o primeiro botão.

- Calvin pode entrar a qualquer momento! - disse, desesperada. Ele desabotoou outro botão e beijou-lhe a nuca.

- Estás cansado! - Maddy parecia cravada no lugar ao sentir as carícias dele a provocarem-lhe uma descarga eléctrica que lhe percorria todo o corpo até se derreter nos seus pontos mais sensuais, nos mamilos e mais abaixo. - Não deverias... Tens de descansar.

- Continuas... sem responder - disse ele enquanto acabava de desabotoar todos os botões e os colchetes do corpete, e procurava a abertura da camisola. - Desejas-me, Maddy?

-És...

Uma pancada ligeira na porta fez com que soltasse um grito de pânico.

- Sim? - perguntou Jervaulx na direcção da porta. Pousou as mãos sobre os ombros de Maddy para a manter imóvel, e segurou-lhe o vestido desabotoado com os polegares.

Calvin apareceu na soleira da porta.

- O almoço está pronto, excelência.

- Serve-o aqui - disse Jervaulx com indiferença. Baixou uma das mãos e percorreu com um dedo as costas nuas de Maddy, o que lhe provocou uma sensação intensa e carregada de sensualidade.

Maddy corou, incapaz de se mover ou de falar, enquanto olhava para Calvin. O mordomo limitou-se a inclinar a cabeça.

- É para já, excelência - disse antes de se retirar.

- Chega - disse Maddy, a tentar subir o vestido que Jervaulx lhe continuava a tentar baixar dos ombros. - Agora mostra algum bom senso. Calvin vai voltar dentro... de alguns momentos... Não, não deves... Aqui não!

O corpete de Maddy soltou-se. Jervaulx apertou-a contra ele e beijou-lhe a curva do ombro através da fina camisola de algodão. Enfiou a mão por baixo do corpete aberto e percorreu o peito de Maddy. A palma da mão acariciou-lhe o mamilo através do tecido. Uma erupção doce de prazer. Ela respirou fundo.

- Desejas-me? - murmurou-lhe ao ouvido.

- Vão entrar - gemeu ela. - Vão entrar a qualquer momento. Abraçou-a ainda com mais força.

- Desejas-me?

Um ruído no exterior da porta fechada fez com que Maddy entrasse em pânico. Tentou afastar-se dele sem o conseguir. Jervaulx conduziu-a até ao espaço vazio e estreito formado por uma estante e um aparador. Assim que Maddy se encontrou ali enfiada, meio nua, soltou-a e quando a porta se abriu colocou-se à frente dela e tirou um livro da estante.

Começou a procurar qualquer coisa no livro, de costas para os criados para impedir que estes vissem Maddy. Ela ouviu o ruído de tabuleiros e pratos, e viu de repente as meias brancas de um criado que passava por trás de Jervaulx. Maddy receou que, apesar de escondida, fosse visível, embora não conseguisse ver nada para lá dos ombros largos de Jervaulx.

Este passou uma página do livro.

- Aqui está - disse como se acabasse de encontrar a passagem que procurava. Olhou-a com olhos iluminados pelo riso. - Hamlet.

«Senhora, posso fazer no vosso regaço?» - Maddy apertou-se mais contra a parede com a boca firmemente fechada, a franzir a testa numa expressão mista de severidade e medo. A expressão dele alterou-se para uma de inocência. - «Quero dizer, a colocar a minha cabeça no vosso regaço.»

- Não! - sussurrou Maddy, furiosa. Jervaulx sorriu.

- Está aqui... na peça. Estava apenas... a ler.

Maddy ouviu a porta abrir-se e fechar-se. Durante um longo momento, Jervaulx olhou-a e manteve-a presa naquele espaço, quer pela modéstia quer por ele mesmo, uma barreira

intransponível. Maddy aguçou o ouvido para tentar escutar e, a seguir, perguntou em voz muito baixa:

- Já saíram?

Jervaulx olhou por cima do ombro para um lado e para o outro numa atitude teatral. Depois voltou a olhar para ela.

- Não sei. Melhor... continuar aí.

Maddy deu-lhe um empurrão. O livro deslizou. Jervaulx segurou-o atrás das costas e deixou-o cair ruidosamente ao mesmo tempo que se inclinava para a frente e a beijava na boca. Agarrou-lhe o corpo com as mãos, os polegares a percorrer-lhe os seios, a acariciar-lhe incansavelmente os mamilos. O corpo de Maddy arqueou-se, a respirar pesadamente, os músculos a flectirem-se contra ele.

- Desejas-me? - sussurrou Jervaulx com lascívia. Era o diabo a falar-lhe ao ouvido em plena luz do dia. As mãos firmes e elegantes de um homem sobre o seu corpo, olhos azul-intensos e pestanas longas e formosas.

Maddy virou-se de costas para ele e pressionou a face ardente contra a superfície macia e fria da parede. Ele acariciou-lhe as costas nuas e afastou-lhe a roupa interior. Passou os braços por baixo dos dela e percorreu-lhe o peito com as mãos, o que a fez submergir numa mistura de êxtase e agonia carregadas de vergonha por não ser capaz de deter aqueles estremecimentos de prazer.

- É de dia - gemeu Maddy, e ocultou o rosto contra a parede forrada a pele. - Não o faças.

Jervaulx deixou de lhe acariciar o tronco nu, mas não se afastou. Pelo contrário, aproximou-se ainda mais e apertou-a contra a parede. Maddy sentia o colarinho da camisa dele contra a pele. O cheiro de Jervaulx misturou-se com o do cabedal. Começou a levantar-lhe a saia.

- Não! - gritou ela. - Não, não... é uma indecência! Christian, por favor!

Ele mordeu-lhe o ombro e apertou-se mais contra ela, o seu corpo a prendê-la contra a parede. Maddy tentou afastar-se, mas a única coisa que conseguiu foi aproximar-se ainda mais dele. Jervaulx cobriu-lhe a garganta e o ombro de beijos e, frenético, lambeu-lhe a pele enquanto lhe baixava os braços e os afastava da parede, até estes caírem indefesos. A saia de Maddy estava presa entre ambos. Sentiu-se vergonhosamente exposta, as pernas e meias visíveis até às ligas.

Mas Jervaulx não se deteve ali. Levantou-lhe o vestido ainda mais e pousou as mãos sobre as ancas e o traseiro de Maddy. Lançou um som brusco e apaixonado junto do ouvido dela. Mordeu-a, magoou-a, a apertar-lhe dolorosamente o corpo, mas era uma dor suave de puro êxtase pecaminoso. Sentiu-o a desabotoar as calças. O membro viril libertou-se e pressionou-se contra ela, e Maddy começou a arquejar numa excitação desesperada e culpada.

Como se fosse uma pedra a derreter, o corpo de Maddy descontraíu-se e deixou que ele lhe entrasse entre as pernas. A respiração de Jervaulx era como a de um animal febril que lançava ondas de calor contra a sua pele nua. Apertou-lhe as ancas, um amplexo violento com os dedos que fez com que Maddy fechasse as pernas sobre o membro dele.

Jervaulx passou os braços entre o corpo de Maddy e a parede, e prendeu a saia entre ambos. Pegou-lhe nos pulsos.

- Toca-me. - Conduziu os dedos dela até ao espaço formado pelas pernas, onde a aguardava o pénis húmido e quente. - Sim - gemeu, e começou a mover-se de um modo repentino e exigente contra ela. - Sim, sim... Maddy.

De mãos entrelaçadas e comprimidos contra a parede, Jervaulx fez deslizar os dedos contra a parte mais íntima dela, a acariciá-la e a esfregá-la em consonância com o ritmo do seu corpo. O membro viril movia-se entre as pernas dela, o que provocava um prazer inimaginável em Maddy, uma sensação que lhe aflorou aos seios, que lhe deixou os mamilos duros e sensíveis, como uma chama contra pele fria. Um líquido húmido e quente espalhou-se pelos dedos de ambos. Maddy envolveu a cabeça do membro dele, e sentiu uma satisfação profunda e lasciva ao ouvir os gemidos que ele soltava.

- Desejas-me? - A voz dele era incisiva, insistente e extrema. Maddy... dentro de ti.

Maddy mordeu o lábio, uma das faces encostada à parede.

- Sim, desejo - disse com um soluço. - Desejo-te. E foi então que ele lhe ensinou como o fazer. Como se inclinar para à frente e oferecer-se a ele, cativa dele, a perder-se nele, à luz do dia. Ajoelharam-se os dois no chão, com ele a penetrá-la profundamente, por cima dela, à volta dela, as mãos a agarrar-lhe os seios, a boca contra a nuca dela. Ela gritou com uma alegria violenta ao atingir o clímax, a voz a misturar-se ao grunhido masculino de Jervaulx. Os dois nem mais nem menos do que todas as outras criaturas selvagens que Deus criara da argila para que povoassem a Terra.

Jervaulx comprou-lhe não uma, mas duas carruagens. Uma puxada por quatro alazões de patas brancas e a outra por uma parelha de pôneis de cor creme. Para o parque, disse, como se ela tivesse a menor intenção de passear pelo parque de carruagem.

Maddy disse-lhe que não as queria, e insistiu em que pusesse fim àqueles presentes caprichosos. Jervaulx comprou-lhe um aparador antigo que escolheu entre uma série de móveis que o antiquário levou a Belgrave Square. Começou uma nova decoração da saleta das traseiras - uma sala já de si muito elegante e confortável, apenas com um ano de serventia - e transformou-a num salão caro e extravagante cheio de dourados e cetim vermelho.

Maddy repreendeu-o por tanto esbanjamento. Jervaulx também lhe comprou uma magnífica pintura de Rembrandt, que adquiriu a um particular - o par do quadro que tinha no quarto do castelo de Jervaulx, um estudo de um jovem numa atitude muito séria e que parecia ser o irmão da jovem maliciosa. Mais tarde, Maddy ficou a saber pelos jornais que a oferta do duque fora tão generosa que o leilão que se ia realizar na Christie's fora cancelado, para desespero e inveja de muitos especialistas e aficionados.

Maddy vivia uma mistura de tristeza e felicidade no pequeno mundo da casa do duque. Nunca estavam em casa para visitas e também não saíam, excepto ao anoitecer, quando percorriam de carruagem algum caminho estreito e campestre onde Jervaulx passeava e quase obrigava Maddy a correr atrás dele. Atrás de uma árvore ou junto de algum arbusto espinhoso, quando a ténue luz outonal desenhava sombras entre os montes de folhas caídas e geladas, Jervaulx parava e beijava-a - às vezes até mais que isso. Tocava-lhe com muita frequência. Erguia os olhos do lado oposto da secretária da biblioteca e olhava-a com um sorriso profundamente conhecedor. Maddy sentia que lhe pertencia por inteiro. Os presentes não significavam nada. Era a sua própria ânsia que a mantinha escravizada. *Queria* que ele lhe tocasse, que a possuísse, de qualquer maneira, em qualquer momento e lugar, sem se preocupar com a decência e o pudor.

Muitas vezes queria simplesmente poder olhá-lo. As discussões acerca dos gastos dele tomaram-se-lhe mais dolorosas porque agora ele nem sequer lhe respondia. Limitava-se a sair sozinho de carruagem e deixava-a abandonada no meio daquele luxo, ou seduzia-a. Tal como Eydie, estava perdida nele, mas era pior, a sua necessidade era maior, a profundidade com que se lhe entregara mais avassaladora. Fazia qualquer coisa que ele lhe pedisse e sentia um enorme prazer nisso. Receava-o por todo aquele poder que exercia sobre ela mas, apesar disso, continuava a dar-lhe tudo, simultaneamente feliz e desditosa.

Maddy sentia-se indefesa. Recordou-se de Eydie nas escadas. As carícias hábeis de Jervaulx, a sua sofisticação mundana. Pensava que houvera outras mulheres antes e que haveria muitas outras depois, e mais madeixas de cabelo, mais miniaturas pintadas e mais dor.

Tinha de partir. Sair daquele lugar. Qualquer pessoa - um escrivão, um secretário - podia fazer o trabalho que ela estava a fazer por ele. Tinha de fugir, voltar para junto do pai e salvar-se enquanto ainda lhe restava a vergonha suficiente para compreender aquilo em que se estava a transformar. Mas ainda se sentia responsável. Nessa mesma manhã recebera uma carta de *lady* de Marly. Lera-a e queimara-a, para que Jervaulx não pudesse ver o que a tia escrevera.

A mãe queria que o voltassem a fechar de imediato. O poder que aquela mulherzinha indigna - que afirmava ser esposa dele - exercia sobre Jervaulx tinha de ser quebrado. De momento, o advogado de *lady* de Marly convencera a duquesa viúva a atrasar a detenção de Jervaulx e evitar

assim um incidente lamentável que, provavelmente, se iria transformar num escândalo público de enormes dimensões - por tentarem prender um homem que ainda não fora oficialmente declarado incapaz. Mas, em resultado disso, as pressões para que se realizasse a audiência pública aumentaram muito. O advogado estava a ter sérias dificuldades para evitar que se fixasse a data da audiência. A família de Jervaulx estava indignada pelo montante dos gastos e pelo despedimento do administrador-geral que há tantos anos se encarregava dos seus assuntos. *Lady* de Marly não teve qualquer pejo em explicar a Maddy que a família considerava que a única responsável por aquela sangria económica era ela, já que não havia ninguém no gabinete do lorde-chanceler que não soubesse que não passava de uma harpia avarenta e oportunista, com o controlo absoluto sobre a mente doente do duque de Jervaulx.

Aquela descrição estava tão afastada da realidade que Maddy não conseguiu evitar uma gargalhada horrorizada ao lê-la. Mas também não se sentiu muito surpreendida. Nem sequer ela tinha a certeza de que Jervaulx fosse capaz de controlar os seus assuntos como era devido; não havia maneira de dizer como é que a situação dele poderia parecer quando vista do exterior.

Era natural que pensassem que ela era a responsável por tudo. Maddy pensou que aquele era mais um motivo para se afastar dele, mas *lady* de Marly ordenava-lhe na carta - suplicava-lhe, na verdade suplicava-lhe - que fizesse tudo que estivesse ao seu alcance para que Jervaulx reduzisse os gastos até um nível razoável, e até especificava uma quantia que um mês antes teria parecido monstruosa a Maddy, mas que agora lhe parecia bastante modesta.

Maddy duvidava que fosse capaz de o fazer. Jervaulx nem sequer estava a pagar os atrasos dos empréstimos. Embora lhe ditasse cartas muito educadas em resposta a todos os pedidos de pagamento, apenas satisfazia aqueles que eram mais ameaçadores. Apesar de todo o trabalho que ele estava a ter a rever mais e mais contas, Maddy não via quaisquer progressos - já há algum tempo que desconfiava que aquilo que ele estava realmente a fazer era a acumular dinheiro, a negligenciar muitos pagamentos para desse modo dispor de um rendimento ainda maior.

Nessa mesma manhã tinham discutido acerca disso ou, pelo menos, Maddy discutira com ele. Jervaulx limitara-se a repreendê-la até que perdera a paciência e, levantando-se da cadeira, beijara-a com paixão.

Afortunadamente, Durham chegara nesse momento, o que pôs um ponto final àquilo de um modo mais eficaz do que ela o poderia ter feito. Jervaulx não pediu a Maddy que os acompanhasse ao fazerem a primeira ronda das visitas que tinham seleccionado com todo o cuidado, costume social que a intimidava terrivelmente. Durham, que parecia totalmente alheio àquilo que ela pensava a esse respeito, des-culpou-se por a deixar em casa.

- Antes que o perceba, estará a fazer visitas sem parar - previu, cheio de optimismo. - Quanto ao baile, vai servir-lhe como apresentação oficial.

- Oh - disse Maddy. Olhou para Jervaulx. - É para isso que serve? Ele inclinou-se perante ela.

- Para apresentar... a minha duquesa.

- Vai deixá-los sem fala - explicou Durham. - É a única maneira. Atacar com tudo aquilo que se tem. Não é o melhor momento da temporada mas, como também não há nada de mais interessante, decerto virão todos. A caça tem sido tão fraca que até os convidados para a caçada de Melton a atrasaram um dia ou dois para virem ao baile.

- Grande... sacrifício - disse Jervaulx num tom irónico.

- Shev não gosta da caça à raposa - confidenciou Durham a Maddy. - Não é suficientemente moderna. Prefere caçar com escopeta porque é mais científica.

Aquela observação pareceu entristecer o duque.

- Já não - disse. - Não conseguiria... acertar... nem num celeiro.

- Isso acabará por passar - disse Durham, insistente. - Pensa no muito que já melhoraste.

Jervaulx não respondeu. Limitou-se a permanecer junto da porta como uma estátua de expressão séria à espera que o amigo se despedisse de Maddy. Quando saíram, disse a Durham:

- Apenas ficamos... cinco minutos. Apenas isso, compreendes? Assim... não falo.

Calvin apareceu poucos instantes depois de os dois terem partido.

- Minha senhora, sua excelência pediu-me que a ajudasse com os convites, para que sejam enviados amanhã. O dono da papelaria mandou tudo o que era necessário.

Calvin pousou um embrulho em cima da secretária e pegou numa pequena tesoura para cortar o nó.

Maddy suspirou. Era óbvio que a paciência não era uma das virtudes do duque.

Horas depois, quando Maddy sentia a mão e as costas doridas de tanto escrever as cartas da manhã e os convites da tarde, apareceu um criado à porta.

- O senhor Butterfield, dono dos viveiros, e o seu jardineiro, o senhor Hill - anunciou.

Apesar de todas as flores que enchiam a biblioteca, e que continuavam a chegar todos os dias, Maddy esquecera-se por completo do encontro que Jervaulx combinara com o dono do viveiro. Mas Calvin já se levantara e o criado mandara entrar os dois homens para a sala. O segundo usava um chapéu *quaker* e uma casaca simples.

- Disseste mal o meu nome - disse ao criado com os olhos postos em Maddy. - Chamo-me Richard Gill.

31

Maddy sentiu-se profundamente humilhada. Ficou pregada à cadeira, quase a tapar-se com ela, sem conseguir respirar como se estivesse a ser exposta sobre um estrado enquanto os seus delitos eram anunciados aos quatro ventos.

O Sr. Butterfield fez uma profunda reverência. De seguida, sorriu jovialmente ao mesmo tempo que endireitava a sua figura corpulenta.

- É uma honra servir sua excelência. Espero que as flores e as plantas sejam do seu agrado.

Maddy assentiu. Levantou-se como se fosse uma marioneta partida e estendeu a mão a Richard.

- Amigo - disse.

- Archimedeia - respondeu ele. Tocou-lhe ao de leve na mão e afastou a sua no mesmo instante. O dono do viveiro olhou-os, surpreendido.

- Já nos conhecíamos - explicou Maddy. - Sou... - Mas não lhe disse que era uma amiga. Não o conseguia fazer naquele momento. Não tinha esse direito. - Conheci Richard Gill há algum tempo.

O Sr. Butterfield voltou a desfazer-se em sorrisos.

- Que coincidência. Gill está há pouco tempo comigo, mas talvez sua excelência saiba que antes esteve com o senhor Loudon.

- Não - replicou Maddy de um modo mecânico. - Não o sabia.

- Mas conhece o trabalho do senhor Loudon, não?

- O senhor Loudon? - De repente, Maddy lembrou-se de um pedaço de informação a que se agarrar. - O do Jardineiro Suburbano?

- Exacto, excelência. O principal botânico dos nossos tempos. *Guia do Jardineiro Suburbano, Enciclopédia de Jardinagem, A Revista do Jardineiro...* Posso assegurar-lhe que é o digno sucessor de Brown e Repton. E aqui o Gill é muito recomendado pelo senhor Loudon como projectista e florista. E especialista em botânica, e pode ajudar-nos a desenhar um arboreto e um jardim num estilo mais à moda. Que seja belo para o olhar, educativo para a mente e, o mais importante, que eleve o espírito. Espero que lhe pareça a pessoa adequada...

Richard Jimitou-se a contemplá-la com um olhar cristalino e fixo, insuportável, sem qualquer indício de acusação. Maddy mal o conseguia olhar.

- Sim. Muito adequado. Tenho a certeza que Richard é o mais adequado.

Quando o disse pensou em Jervaulx, que provavelmente não o consideraria nada adequado.

Mas não podia dizer isso, nem encontrar palavras para despedir o sorridente Butterfield e todo aquele projecto opulento. Era evidente que o dono do viveiro estava entusiasmado por aquele trabalho.

- Bom, pois então... - Butterfield virou-se para Richard e tirou das mãos deste um caderno e um bloco de desenho. - Deitemos uma vista de olhos ao terreno?

O espaço - pavimentado, árido e novo - que separava a casa dos estábulos não era maior que o do jardim da casa de Maddy, em Chelsea. Entre aqueles muros, sem qualquer cobertura para as trepadeiras ou árvores que o suavizassem, não existia qualquer ornamento, excepto um banco de ferro forjado. Butterfield fez um ligeiro esgar de desgosto com os lábios.

- Há alguma cave de serviço debaixo do pavimento?

- Sim. - Maddy estava familiarizada com a cozinha e as adegas desde o primeiro dia em que chegara com Jervaulx e, cobardemente, alcrou-se por ter algo de impessoal de que falar. - Mesmo por baixo das cavalariças.

- Tenho de dar uma vista de olhos às fundações antes de começar. Não demoro nada. Gill, trate da duquesa. Se sua excelência tiver a bondade, informe-o acerca das plantas pelas quais sinto uma especial predilecção. Não, não, deixe-se estar. Encontrarei alguém que me leve até lá abaixo.

Butterfield já se dirigia a toda a pressa para a casa quando Maddy se apercebeu que os ia deixar sozinhos. Levantou a mão para o deter, mas ele já desaparecera.

Ficou a olhar para as elegantes portas de vidro pelas quais Butterfield entrara. Alguém assobiava no beco atrás dos estábulos. Maddy permaneceu imóvel no meio do poderoso silêncio que dominava o pátio árido.

- Porquê? - perguntou Richard.

Maddy teve que se virar para ele. Manteve os olhos baixos, a olhar lixamente o pavimento duro.

- Obrigou-te? Archimedeia... - Na sua voz pausada conseguia perceber-se uma intensa carga de emoção. - Podias ter recorrido a mim. Sabia-lo bem.

Maddy sacudiu a cabeça rapidamente, incapaz de falar. Richard deu uns passos em direcção ao muro.

- O Senhor pediu-me que tomasse conta de ti e, para grande angústia da minha alma, falhei.

- Não, Richard, não falhaste.

A silhueta dele, de ombros largos e rosto virado para o muro, recortava-se contra a pedra branca, uma presença escura e grave a contrastar com a luz brilhante. Quando ele se virou, Maddy voltou a desviar os olhos, incapaz de o olhar directamente. Richard aproximou-se dela.

- Não interessa que se tenha aproveitado de ti - disse em voz baixa e num tom intenso e ardente. - Teria pedido autorização à Assembleia para te tornar minha mulher.

- Tua mulher! - Maddy ergueu a cabeça e olhou-o fixamente.

- E ainda o posso fazer, Archimedeia, se repudiares o teu erro terrível. - Sob a sombra do chapéu, o rosto de Richard parecia apresentar uma pureza férrea de intenções, uma expressão de quase inocência se comparada com a confusão que a atormentava naquele momento,

- A culpa é minha.

- És demasiado bom - disse ela, e sentiu-se miserável.

- Regressa comigo. Sai daqui. Parte deste lugar corrupto e volta comigo agora.

Maddy afastou-se dele e sentiu o coração a acelerar-se. Já há algum tempo que sabia estar prestes a cair num abismo de vaidade e desejo carnal, mas só se apercebeu do ponto a que chegara quando ele lhe estendeu a mão para a libertar de tudo aquilo.

- Casei com ele - disse, insegura.

- Com um descrente. Com um homem ímpio. Chamam-te «duquesa». «Excelência»! - exclamou com uma expressão de repugnância.

- «Casada». Como lhe podes chamar isso, Archimedeia? Casada? Não perante a Verdade, nem perante a Luz, com o consentimento da tua Assembleia e do teu pai. Não é um casamento. Não passas de uma rameira.

Maddy soltou um pequeno gemido, ao mesmo tempo que apertava mais o xaile e desviava o rosto.

- Não, o que acabei de dizer não é justo. - Pousou uma mão no braço de Maddy. - Não és tu que tens de te envergonhar, mas sim eu. Quando voltei já te tinham levado. E não houve dia nem noite, nem por uma hora ou por um minuto - acrescentou num tom intenso -, em que não me tenha amaldiçoado por te deixado sozinha. Sabia que não era seguro.

- Mas... o meu pai quis que acontecesse deste modo.

- O teu pai! Que Deus lhe perdoe se alguma vez quis tal coisa. Maddy virou-se para ele.

- Tu escreveste-me a dizer que o meu pai queria que eu partisse com Jervaulx!

- Nunca escrevi semelhante disparate! - replicou ele veemente. - E nunca o teria feito, mesmo que tivesse visto o teu pai e ele mo tivesse ordenado!

- O quê? - Maddy agarrou com força as pontas do xaile. - Mas se o viste...

- Não. Não estava na pensão quando lá fui. Deveria ter voltado para junto de ti nesse mesmo instante, mas esperei até ser demasiado tarde para ver se aparecia.

- Richard! - Cobriu o rosto com o xaile, e depois afastou-se dele alguns passos. - Diz-me que isso não aconteceu. - Falou a olhar para outro lado, com uma intensidade cheia de desespero. - Foste ver o meu pai nesse dia, e mandaste-me uma mensagem no fim da noite a dar-me instruções para que acompanhasse o duque até ao local onde os amigos o iam esconder.

O silêncio de Richard parecia aumentar cada vez mais e transformar-se para Maddy num som ensurdecedor. Esta olhou-o de frente.

- Diz-me, escreveste essa mensagem? Richard sacudiu lentamente a cabeça.

Maddy sentiu que a invadia uma enorme fraqueza. A sua mente não parecia capaz de assumir aquela revelação, mas o corpo já começara a tremer. Richard pegou-lhe nas mãos.

- Esse homem é o demónio! - exclamou. - Tens de partir... Ouvia-se vozes vindas do interior da casa. Eram as de Butterfield e de Durham. As portas abriram-se e por elas saiu Jervaulx, que deixara os outros atrás dele.

O eco suave das vozes cordiais apagou-se, com excepção do animado monólogo de Butterfield:

- ... o suporte mais adequado para os canteiros, e já me ocorreu instalar canos e utilizar vapor para aquecer a estufa. Se sua excelência...

A voz também se lhe apagou quando pareceu aperceber-se que ninguém lhe estava a prestar atenção.

Richard não lhe soltou as mãos, mas apertou-lhas com mais força.

- Vem agora comigo, Archimedeia - disse numa voz calma e firme. - Vem.

Jervaulx avançava furioso na direcção deles. Maddy sentiu um profundo terror. Tentou com todas as forças falar, soltar as mãos, mas era demasiado tarde. Jervaulx agarrou Richard e empurrou-o. O punho do duque, enfiado numa luva de pele, moveu-se com rapidez no espaço aberto entre ambos. Maddy lançou-se para a frente para o evitar. Com a força do ataque, Jervaulx bateu-lhe contra o ombro com um tal impacto que a fez desequilibrar. Soltou-se bruscamente das mãos de Richard e, ao cair sobre a pedra dura, ouviu a tosse atormentada dele. Sentiu uma intensa punhalada de dor na cabeça e no braço.

A vista enublou-se-lhe. Jazia no solo, atónita, a encolher-se para fazer frente à dor. Jervaulx caiu de joelhos ao lado dela a murmurar «Maddy... Maddy...». A expressão do rosto de Christian ao permanecer inclinado sobre ela era tal que Maddy conseguiu encontrar forças para falar.

- Deixa-me. Estou bem - disse enquanto tentava levantar-se.

- Calvin! - gritou Jervaulx, a segurar-lhe a cabeça entre as mãos e ainda mais inclinado sobre ela. - Calma, calma... Maddy... ferida.

Durham e o dono do viveiro apareceram. Por cima do ombro de Jervaulx, Maddy viu Richard a levantar-se com dificuldade. Durham ajudou-o e, de seguida, também se inclinou sobre ela.

- Maldito sejas. Estás muito ferida?

- Não. - Maddy tentou voltar a levantar-se, mas o braço não lhe respondia. - Não. Apenas fiquei sem respiração.

Calvin apareceu a correr.

- Médico! - gritou-lhe Jervaulx. Colocou-lhe um braço em volta dos ombros e apertou-a contra ele.

- Não preciso de um médico - disse ao mesmo tempo que se tentava afastar dele, mas não tinha forças. Também não conseguia recuperar o fôlego. Quando moveu o braço, um espasmo de dor insuportável percorreu-lhe o osso desde o punho até ao ombro. Uma vaga de náuseas fê-la estremecer. Não teve outro remédio senão permanecer encostada a Jervaulx.

Este acariciou-lhe a testa e juntou o rosto ao dela. Não disse nada, mas cada vez que respirava parecia ouvir-se uma palavra meio formada. O nome dela e perdão, perdão, perdão.

- Richard? - perguntou Maddy com uma voz trémula. Tentou levantar-se um pouco e apoiou todo o peso sobre a outra mão. - Está ferido?

Richard surgiu à frente dela.

- Estou bem - disse com serenidade, mas tinha o rosto muito pálido e um braço apoiado sobre o peito.

Jervaulx ergueu a cabeça e olhou para ele.

- *Fora* - disse. - Volto a ver-te... chicote. Richard permaneceu imóvel.

- Não penso deixá-la sozinha contigo.

Maddy sentiu o corpo de Jervaulx a endurecer.

- Excelência! - disse Butterfield, e avançou um passo. - Suplico-lhe que aceite as minhas mais sinceras desculpas pela terrível insolência deste homem. Não fazia a menor ideia da natureza revoltante do seu carácter, nem a mais pequena. A partir deste momento, Richard Gill já não é meu empregado, nem receberá qualquer carta de recomendação... nem de mim nem de qualquer outra pessoa, se eu o puder impedir.

- Não - gemeu Maddy -, suplico-lhe.

Remexeu-se e conseguiu separar-se de Jervaulx. Apertou o braço ferido contra o corpo. Doía-lhe a anca. Estendeu a mão ilesa para Durham, que imediatamente se baixou para a ajudar.

- Sente-se aqui, minha senhora - disse.

Enquanto Maddy cambaleava até ao banco que se encontrava entre Jervaulx e Durham, a criada trouxe um frasco de amoníaco.

- Obrigada - disse Maddy verdadeiramente agradecida. O odor acre pareceu desanuviar-lhe um pouco a cabeça. Permaneceu sentada a agarrar o braço ferido. - Butterfield - acrescentou e levantou o queixo com toda a firmeza de que foi capaz. - Quero uma estufa. O duque prometeu-ma, e não vou consentir que ninguém a desenhe ou construa a não ser Richard Gill.

- Não penso entrar nesta casa enquanto continuares a viver nela, Archimedeia - disse Richard.

Maddy olhou-o e mordeu o lábio para que parasse de tremer.

- Vem comigo - acrescentou ele.

- Não! - exclamou Jervaulx. Richard ignorou-o.

- Se conseguiste caminhar até ao banco, também consegues andar para sair daqui.

- Não! - repetiu Jervaulx, e avançou um passo. O quaker virou-se para ele.

- E que vais fazer para evitar que parta? Vais usar um chicote? Falou no seu habitual tom calmo, sem que se vislumbrasse o menor indício de malícia e, no entanto, o efeito que produziu em Jervaulx foi o de uma estalada. Imobilizou-se. De seguida, encostou um ombro ao muro. Durante alguns instantes pareceu a imagem de um aristocrata despreocupado, até virar o rosto para o muro e apoiar a testa sobre a pedra.

Maddy fechou os olhos. Não queria chorar. Não, não queria.

- Vamos, Gill. - A voz de Butterfield produziu um ligeiro eco no pátio, mas Maddy não abriu os olhos.

Ninguém se movia. Maddy permaneceu com os olhos muito fechados.

- Gill! - insistiu Butterfield.

Richard disse o nome dela, num tom firme e tranquilo. Maddy sabia que era a última vez que o diria.

Jervaulx era um mentiroso, um vilão, um homem mundano, ativo, temerário e violento. Piorava em vez de melhorar. Richard estava a pedir-lhe que o abandonasse, e oferecia-lhe a sua vontade férrea para substituir a dela.

Mas não se conseguia mexer. Nem o movimento mais ínfimo e incerto conseguiria mover o seu corpo petrificado.

Ouviu então os passos de Richard quando este se virou e começou a afastar.

Só abriu os olhos ao ouvir a porta fechar-se. Quando ergueu o olhar, viu que o pátio estava vazio, com exceção de Jervaulx e de Durham, de pé junto da porta.

- Acho que devia entrar e deitar-se, minha senhora - disse Durham.

- Enganaste-me - respondeu Maddy. - Não houve nenhuma mensagem de Richard. O meu pai nunca disse para eu ficar contigo.

Jervaulx afastou-se do muro, com um meio sorriso amargo.

- *Filho da mãe...* Gill.

- A ideia foi minha - apressou-se Durham a dizer. - A culpa é toda minha e peço-lhe do fundo do coração que me perdoe, minha senhora. Estava muito mal, mesmo muito mal. Mas... - Corara da cabeça aos pés. - Deixe que a ajudemos a entrar. Dentro de casa estará mais confortável.

Maddy levantou-se. Ainda sentia uma estranha sensação de fraqueza no estômago. Parecia-lhe que o braço era feito de borracha. Ao movê-lo num certo ângulo, ficou sem fôlego quando uma dor lancinante lhe percorreu todo o corpo.

- Maddy - disse Jervaulx com uma voz áspera, como se estivesse aborrecido com ela. Envolveu-lhe a cintura com o braço com uma gentileza que contradisse essa impressão, com muito cuidado para não lhe tocar no membro ferido. Perante o perigo da ameaça de desmaio, Maddy entrou rapidamente na saleta das traseiras. Durham colocou apressado uma almofada no sofá. Uma criada e um criado já se encontravam ali, e Calvin entrou vindo do vestíbulo.

- Mandei chamar um médico - disse. Trazia um roupão e outra almofada. Com uma expressão de dor, Maddy deixou que os ajeitasse A volta e atrás dela. - Não, minha senhora, não se mexa. Tente manter o braço imóvel.

- Vai-te embora - disse Maddy com uma voz fraca. - Estou bem. Calvin não se ofendeu.

- Aqui tem os saís, ao seu lado.

- Vão-se embora - repetiu ela. - Todos.

- Sim, minha senhora. Chame quando precisar de alguma coisa. O mordomo retirou-se juntamente com os outros criados. Depois de fazer uma reverência, Durham seguiu-os com grande pressa.

- Vai - repetiu Maddy.

Jervaulx não se moveu do lugar onde estava. Permaneceu de pé, com as mãos atrás das costas, a olhar para o jardim nu.

- Por favor - disse ela.

Jervaulx virou a cabeça como se a ouvisse, mas não saiu.

Fora apenas um entorse muito forte, disse o médico, e imobilizou-lhe o braço numa tala. Mandou que a deitassem na cama e deu-lhe láudano para que adormecesse.

Enquanto a examinava no sofá da saleta das traseiras, Maddy não emitiu nenhum som, apesar de todos os exames, até que o médico quis saber o que acontecera.

- Caiu das escadas? - perguntou num tom jovial.

- Foi lá fora - respondeu ela numa voz apagada.

- Então tropeçou? O que é que aconteceu?

Maddy não respondeu. *Fui eu*, pensou Christian, e sentiu-se a ruir interiormente.

- Um pequeno enjoo, talvez? - Christian nunca vira aquele médico antes. Parecia ser do tipo bondoso, como um mestre-escola, e bastante insistente. - Tem-se sentido fraca nos últimos tempos?

- Apenas... cá - disse Maddy.

- Tem de ter mais cuidado consigo - disse o médico. - Presumo que não está casada há muito tempo, pois não? Este tipo de acidentes, aparentemente menores, podem por vezes ter consequências mais sérias. Agora vou ser um pouco indelicado, e perguntar-lhe se existe a possibilidade de estar grávida.

Santo Deus. Christian fechou os olhos.

Maddy não respondeu. O médico olhou para Christian por cima dos óculos, sobrancelhas erguidas numa pergunta silenciosa, de homem para homem. Christian sacudiu a cabeça bruscamente.

O médico deu algumas palmadinhas na mão ilesa de Maddy.

- Acho que a vamos mudar para a cama, jovem, e ficaremos muito atentos se for esse o caso.

- Sorriu. - Vamos, vamos, querida, agora não comece a chorar, depois de ter aguentado todos os meus exames e apertões com tanta coragem. Até ao momento, não vi motivos para preocupações. Absolutamente nada. Pobrezinha, portou-se como uma heroína, não é verdade? Vamos levá-la para cima para que possa dormir à vontade.

Indicou a Calvin e a um criado que a levassem. Quando o médico voltou a entrar na sala, Christian estava a servir-se do terceiro *brandy*. Virou-se ao ouvir a porta abrir-se.

O médico entrou e sentou-se sem cerimónias. A seguir, tirou um livrinho da maleta.

- Sofreu uma luxação dos ligamentos do braço, mas sem grandes complicações. Não me parece que o osso esteja partido. Será muito doloroso, mas com tempo e repouso curar-se-á. - Fez alguns cálculos e franziu a testa. De seguida, olhou para Christian. - Sente-se, senhor. Sente-se. Quero falar consigo. Diria que a sua esposa tem um temperamento nervoso?

Christian sentou-se. Pensou em Maddy, na forte Maddy. Nervosa, não. Não. Sacudiu a cabeça.

- Neste momento está com os nervos bastante alterados. O mais provável é que seja devido à lesão, embora tenha aguentado o exame com uma enorme coragem. Vai-me desculpar por ser tão directo, mas é que a instabilidade emocional também pode ser sinal de gravidez, e depois desta queda é isso que me preocupa. A senhora não me adiantou muito acerca da queda nem acerca do período. O senhor estava presente quando o acidente ocorreu?

Christian olhou para o tapete oriental debaixo dos pés e assentiu.

- Estava pálida ou parecia fraca?

Christian levantou-se e começou a andar. Não se dirigia a nenhum sítio, andava apenas pela sala.

- Senhor, sou médico - disse o homem num tom calmo. - Compreendo que estas coisas são...

- Fui... eu. - Christian deteve-se em frente da janela e olhou por ela. Fez-se um breve momento de silêncio.

- O senhor é que provocou a queda? Jervaulx virou-se para o homem.

- Sim.

O médico assentiu lentamente com a cabeça sem deixar de olhar para Christian.

- Compreendo. - A expressão tornou-se-lhe mais sombria. - Então não acredita que a queda tivesse algo a ver com um desequilíbrio nervoso da parte dela.

- Não.

- A senhora disse-me que só estão casados há poucas semanas.

- Um mês.

- Com a pouca informação que lhe consegui tirar, imagino que está um pouco atrasada. Teria sido bom que a queda não tivesse acontecido exactamente agora. Se começar a sangrar, não saberemos se perdeu alguma coisa ou se não havia nada a perder mas dir-lhe-ei, senhor, que o meu instinto de médico diz-me que vai ser pai.

Christian bebeu uma grande golada do *brandy*. O médico levantou-se.

- Passarei por cá esta noite. A propósito, chamo-me Beckett. Acabei de me mudar para esta

vizinhança na semana passada. Receio que o seu criado me tenha trazido com tanta pressa que nem sei como se chama.

- Jervaulx.

O homem estendeu-lhe a mão.

- Bom, senhor Chervo - apertou a mão de Christian com muita força -, vou ser muito directo. Recomendo-lhe que seja mais carinhoso com a sua esposa e não lhe provoque mais quedas.

Maddy nunca estivera doente em toda a vida. Estava aborrecida com aquele médico, que fazia um enorme drama com o que acontecera. Foi ainda pior quando voltou à noite. Nessa altura já lhe começara a chamar «excelência», a cacarejar à volta dela como uma galinha comos seus pintainhos, a zangar-se por ela não ter tomado o láudano que lhe deixara, por se levantar da cama para se sentar, ou por todos os movimentos que fazia - tudo aquilo não para proteger o braço, mas para evitar a tragédia iminente que estava convencido que ia acontecer.

E, para enorme exaspero de Maddy, começou a sangrar durante a noite. Dormiu muito pouco, recostada sobre um monte de almofadas para manter o braço erguido. Não pôde esconder ao médico a hemorragia que tivera quando ele a foi visitar na manhã seguinte. O médico sacudiu a cabeça com uma expressão lamentosa e prescreveu-lhe repouso absoluto na cama durante três semanas. Nem sequer lhe perguntou pelo braço antes de partir.

Maddy tirou os pés de baixo dos lençóis. Colocou o braço na tala e sentou-se à beira da cama com os pés apoiados sobre os degraus da estrutura.

Médico ignorante! Estava a fazer todo aquele drama apenas para aumentar os honorários, quando não passava de uma simples lesão muscular.

A porta do quarto abriu-se. Viu o rosto pálido e descomposto de Jervaulx.

- Não é verdade! - exclamou ela, a segurar o braço ferido. - Passa-se o mesmo todos os meses. Tu não me fizeste nada, percebeste?

Levantara a voz. Sem motivo algum, começou a chorar e a visão do rosto tenso dele turvou-se até já não o conseguir ver. Sacudiu violentamente a cabeça e estendeu a mão ilesa.

- Christian, não me fizeste nada.

Ele aproximou-se. Pegou-lhe na mão, segurou-a entre as suas e ficou a olhá-la. Maddy soltou-se.

- Ouves? - Engoliu as lágrimas e voltou a sacudir a cabeça, uma e outra vez. - E demasiado cedo para que o médico saiba alguma coisa. Eu sentir-me-ia de outro modo. Tu não provocaste nada.

Christian não olhou para ela. Ficou imóvel junto da cama. Indignada, Maddy respirou fundo.

- Não passam de palavras e disparates. Só lhe deverias pagar por me ter posto a tala.

Jervaulx ergueu as pálpebras. Durante um longo período de tempo, estudou-lhe o rosto e, a seguir, afastou-se para se encostar a uma das colunas brancas que formavam os pés da cama. Olhou pela janela, que se encontrava a uma certa distância.

- Eu...

Apertou o maxilar. Levantou a cabeça para o tecto, a respirar entre dentes, e sacudiu a cabeça.

Maddy não o conseguia olhar. Fungou e limpou os olhos, mas era incapaz de deter aquelas lágrimas absurdas.

- *Vai-te embora* - disse ele de repente. - Queres? Olhava-a com uma intensa expressão interrogativa.

- Não posso ir-me embora - respondeu ela, resignada. - Somos casados. Não podes ficar sozinho. Tenho de ficar contigo.

- *Queres* ir embora?

- Dói-me o braço. Quero dormir.

- Gill? - perguntou ele entre dentes. - *Gill?*

As lágrimas não paravam de cair. Maddy soltou um soluço ressentido.

- Pelo menos, é um homem honrado! Não é mentiroso, nem esbanjador, nem um animal.

Jervaulx rodeou a coluna com o braço para se apoiar. Soltou uma gargalhada rápida e perversa.

- Animal... idiota.

Maddy sentiu-se satisfeita por o braço lhe doer tanto, já que assim não se podia aproximar dele em resposta à penitência amarga que lhe lia no rosto. Estava horrorizada consigo mesma. Deveria ter partido com Richard, mas limitara-se a ficar sentada, petrificada, como se qualquer outra pessoa pudesse tomar aquela decisão por ela.

- Ele não anda por aí a bater nas pessoas - replicou Maddy. - Nem dá bailes ridículos para quinhentos convidados.

- É uma mula... piedosa. Nunca... irias com ele.

- Deixa-me em paz, por favor.

- Nunca irias... com ele - repetiu Jervaulx com mais força.

- Sai!

- Um *quaker*... mula... cansativo... pio.

- E o que é que tu sabes? - gritou-lhe ela. - É melhor pessoa que tu. O que é que conheces da diferença entre bem e mal?

- Conheço-te... a ti - respondeu ele.

Maddy caiu sobre a almofada e enroscou-se em volta do braço ferido, a ocultar o rosto para impedir que ele o visse.

- Deixa-me em paz - gemeu. - Vai-te embora e deixa-me em paz.

32

Com grande discrição, mas sem se esconder nem fechar a porta à chave, Christian levou a máquina de escrever de Brunei para a sala de jogos e começou a tentar aperfeiçoar o seu jogo de bilhar sempre que tinha a oportunidade para isso. Passada uma semana, Maddy levantou-se da cama e andava pela casa contra as ordens do médico, mas Christian tinha a sensação que até mulheres com tendência para reprovar o vício da ociosidade não encontrariam muito a dizer em relação às partidas de bilhar.

Da primeira vez chegou a jogar uma bola ou duas e tentou dar umas quantas tacadas antes de desistir, deprimido. Outro prazer proibido para a sua mente labiríntica. A elegante mesa e o taco favorito de cabo de marfim não evitavam que perdesse a jogada sempre que se concentrava na bola. Tinha a sensação que algo estava ali e depois já não estava, algo estranho que lhe causava medo, e que à partida não era muito benéfico para o ânimo de uma pessoa. Suspirou e espalhou as bolas pela mesa, depois pousou o taco em cima do pano verde. Tirou as licoreiras do aparador para deixar espaço para a máquina de escrever. Assim não se via se alguém abrisse a porta.

Aparentemente, Eydie estava decidida a criar-lhe o maior número de dificuldades sem que representassem qualquer inconveniente para ela. Não, não pensava aceitar nenhum tipo de fundo para a criança. Ela sabia muito bem em que é que aquilo iria resultar, e não suportava a ideia de ter sempre a casa cheia de advogados com cara de pau a imiscuírem-se nos seus assuntos pessoais. Sim, presumivelmente, enviaria a criança para a Escócia se fosse do interesse dela. Não, não gostava daquele arranjo discreto com os Sutherland para salvaguardar o bem-estar da criança. Porque é que, escrevia Eydie num tom queixoso, não se limitava a mandar-lhe directamente o dinheiro? Parecia que não confiava nela.

E não confiava. A compaixão que sentia por Eydie desaparecera depois da cena na escadaria. Talvez a tivesse prejudicado, mas Eydie conhecia as regras do jogo tão bem quanto ele. Ninguém a obrigara a jogar. Não estava metido naquele sarilho tão desagradável pelo bem dela.

Algo estranho e doloroso acontecera a Christian. «Vai ser pai», dissera-lhe o médico. Maddy estendera a mão e chorara e, sem que existisse uma ordem lógica de pensamentos que ele pudesse

identificar, Christian tomara a sombria decisão de fazer o que estava correcto com aquela filha que não conhecia nem queria ter.

Era um assunto muito delicado. Na verdade, a única coisa que lhe podia oferecer era ajuda económica e, nesta altura, nem sequer numa quantia muito grande. Os seus rendimentos estavam esticados ao máximo para fazer frente a problemas mais imediatos, e já lhe enviava um montante semanal para os gastos da casa e para o pagamento de uma ama que Eydie se queixara que não podia pagar. Presumia-se que as damas da sua posição não podiam deter-se com coisas de ordem económica, pensou Christian com cinismo. Mas não era o sustento da criança enquanto fosse pequena o que o preocupava. O tipo de obrigações a longo prazo que previa - amas, preceptoras, escola, vida social e um dote substancial - requeriam uma série de preparativos à margem de todos os pagamentos previstos que sobrecarregavam os seus bens, uma fonte segura e oculta de rendimentos que não pudesse ser eliminada pela família dele no caso de Christian desaparecer antes de tempo.

Era esse o problema. Nada do que possuía naquele momento podia servir para um tal objectivo e ainda tinha que encontrar uma maneira de financiar novos empreendimentos - enquanto rumores sobre uma provável audiência pública para estabelecer as suas capacidades mentais se propagavam como ondas num lago. E se se atrevesse a esperar até depois... e se perdesse...

Seria o fim de tudo, se perdesse.

Olhou para a máquina de escrever. Enquanto pudesse controlar a conta bancária, estava a salvo. Ouvira na voz de Maddy o pânico cada vez maior que se escondia atrás das suas críticas, e compreendia melhor que ela que estava a brincar com o fogo. Cada *penny* que gastava serviria como prova contra ele perante o Supremo Tribunal se chegassem a esses extremos - e também contra ela.

Tentara viver o momento, sentir que continuava ali, livre, vivo. Mas já não era o mesmo de antes. Às vezes, as perdas surpreendiam-no como uma inesperada bofetada no rosto - coisas pequenas que o magoavam tanto quanto as grandes. A atitude desafiadora dos seus banqueiros irritava-o. O oscilar confuso de uma bolha de bilhar dava-lhe vontade de chorar.

Durham dissera que estava a melhorar. Christian agarrava-se a essas palavras como se disso dependesse a própria vida mas, ao mesmo tempo, não confiava no que Durham lhe dizia. Melhor, sim. Bastante bem, não tinha a certeza. A audiência, aquela prova, saber que tudo, absolutamente tudo, dependia da sua mente errática... Céus...

De qualquer maneira, o preço do fracasso era demasiado elevado. Não tencionava depender da própria mente enlouquecida. Não pensava submeter-se a nenhum tribunal.

Tudo o que fazia - as visitas, a ópera, as compras, a importante quantidade de dinheiro que conseguira reunir graças a uma cuidadosa reorganização do pagamento das dívidas -, tinha tudo o seu culminar no baile. O baile que serviria para apresentar a sua duquesa à sociedade. E, ainda mais, para o livrar do manicómio de uma vez por todas.

Mas os preparativos do baile eram demasiados para ele sozinho. Ler e escrever, a lista de convidados, as facturas dos fornecedores, as caixas de champanhe, o saldo da sua conta numa flutuação contínua, o dinheiro que possuía esticado ao máximo, o tentar guardar tudo na cabeça porque não confiava nos papéis, a cabeça tão pouco fiável que se desanuviava de imediato para de seguida se enublar, ao mesmo tempo que se esforçava por encontrar palavras e ideias que se lhe escapavam e o deixavam sem saber que fazer.

Depois de clamar a sua teimosa ignorância acerca de semelhantes depravações mundanas como os bailes, Maddy negou-se a ajudá-lo no que quer que fosse excepto no pagamento das dívidas, das quais Chris-tian pagou a parte que se podia permitir. Não podia desprender-se de mais dinheiro, o que se converteu noutra motivação de discussão entre ambos.

A lesão de Maddy obrigou-o a atrasar o acontecimento quinze dias para lá da data prevista. Tanto quanto lhe parecia, aquilo não representava nenhum inconveniente grave. Limitava-se a dar ao assunto um maior toque natalício e tornava a espera das semanas mais tensa. Utilizou Durham para que fizesse correr a notícia do acidente de Maddy, de modo a ter uma desculpa para justificar

as suas poucas aparições em público. Voltou duas vezes à ópera, uma sozinho e outra com Durham e Fane, e fez mais umas quantas visitas na companhia dos dois homens, sabendo que as circunstâncias não requeriam muita conversa da sua parte. Controlava os aparecimentos públicos com muito cuidado, e até ao momento parecia que fora bem sucedido.

Durham mal conseguia acreditar. Sentou-se a tomar o pequeno-almoço com Christian e Maddy para os pôr a par das últimas novidades.

- É incrível - disse, enquanto servia Maddy de mais chá da chaleira colocada sobre o aparador. - É como se se tratasse de *lord* Byron, admirado por todos apenas por estar ali de pé de olhar intenso e boca fechada. - Levou a Maddy outra chávena de chá. - Leite, minha querida?

- Sim, obrigada. Não me devias chamar isso.

Durham e Fane tinham iniciado uma campanha para se conciliarem com Maddy, depois de sobreviverem às delicadas censuras da carta falsificada. Era Christian quem carregava o peso das acusações, o que, pensou ele, ressentido, era uma injustiça, pois Maddy desconhecia o pouco que ele recordava de todo aquele estratagema. A noite da fuga não passava para ele de um acontecimento incoerente. Durham planeava todos os pormenores, mas o único a quem ela chamava directamente mentiroso era a ele.

Claro que nessa altura tudo parecia ser culpa dele, segundo a Miss Archimedeia Timms do Tu.

- Terá de vigiar muito bem as damas quando estiverem com ele - aconselhou-a Durham ao mesmo tempo que se acomodava numa cadeira.

- Terei? - perguntou Maddy sem deixar de olhar para a chávena. Os dedos percorriam incansavelmente a asa de porcelana. Christian observava-os, a tentar gravá-los na mente. Se perdesse, se o voltassem a enviar para aquele lugar, ela já não estaria ali.

- As damas parecem adorá-lo. - Durham sacudiu a cabeça. - O olhar de mistério tórrido, os rumores de uma perigosa predisposição para se tornar violento quando está Lua cheia, esses simples «sins» e «nãos» em resposta a tudo... Céus, até eu acho que o vou tentar. Cairiam rendidas aos meus pés, pois caem rendidas aos dele. O que acha?

Fane entrou e imobilizou-se.

- O que é que estás a fazer? Durham abandonou a pose de sedutor.

- Estou a praticar um ar de paixão contida.

- Bem, então é melhor não o fazeres. - O coronel inclinou-se sobre Maddy e pegou-lhe na mão. - Como se encontra esta manhã, meu anjo?

- Não me deverias chamar isso - disse ela, como dizia sempre. - Estou muito melhor. Posso mover os dedos sem que me doam, e ontem à noite dormi sem a tala.

Fane ouviu a informação com interesse.

- Então, está ótima. Quer acompanhar-me num passeio de carruagem pelo parque?

- Depois... do baile - disse Christian.

- Desmancha-prazeres - resmungou Fane.

- Um verdadeiro carcereiro - disse Durham. - Maldito seja, não há nada pior do que um marido ciumento.

Christian esboçou o sorriso irónico da praxe mas a verdade é que se sentia ciumento, por mais que preferisse afogar-se antes de o reconhecer perante os amigos. Sentia-se ciumento da familiaridade que tinham para com ela, da facilidade com que lhe podiam beijar os dedos e tocá-lhe, algo que não voltara a fazer desde que Maddy se sentara na beira da cama, encolhida e magoadá por causa dele.

E sentia-se terrivelmente ciumento de Richard Gill, uma presença invisível que se interpunha entre ambos. Christian engolira toda a sua raiva e orgulho, mandara chamar Butterfield, o dono do viveiro, para se assegurar que não despedia aquela mula piedosa, e responsabilizava-se pelo sucedido daquele caso universal e óbvio chamado «erro lamentável». Christian fizera isso por Maddy e encarregara-se de que ela o soubesse, à espera de receber uma recompensa que tinha a certeza poder merecer por passar pela amarga experiência de deixar a mula sem castigo, depois de

esta tentar convencer a mulher a abandonado perante todos e no seu próprio jardim das traseiras.

Foi a sua primeira tentativa consciente para ser melhor pessoa, mas tudo o que conseguiu foi um modesto «Fizeste bem».

Christian cerrou os dentes. Não tinha a certeza se gostava muito de ser melhor pessoa. Pensou que, se não conseguisse de imediato desfazer-se do espectro santificado de Richard Gill, mudaria rapidamente para pior.

Jervaulx escolhera o tecido e o padrão do vestido de Maddy para o baile. Ela sabia perfeitamente que teria de vestir um, mas - como uma reacção perversa à satisfação interior que lhe causava a ideia de usar um vestido de noite, e em total concordância com a inquietação que sentia em relação ao próprio baile - recebeu a costureira de má vontade e recusou-se a dar a sua opinião acerca dos tecidos e dos diferentes estampados.

Isso não pareceu preocupar Jervaulx. Também estava presente na sessão na saleta das traseiras, a examinar figurinos e manequins como se fosse um grande conhecedor. Interiormente, Maddy sentiu-se inclinada para as cores vivas e exibicionistas de um vestido de seda verde bordejado a púrpura, tão bonito como uma flor exótica e tão opulento quanto uma, e que na a ilustração surgia com três filas de folhos junto da bainha, mangas em balão e uma longa boá de um púrpura-transpa-rente - mas é claro que nunca o diria. Afinal, por nada do mundo se via a si mesma a usá-lo - mas, apesar disso, pensou que era muito bonito.

A costureira astuta deixou várias vezes essa ilustração à vista enquanto lhes mostrava outros tecidos, mas Jervaulx nem sequer se incomodou a olhá-los. Pegou num bocado de tecido sem cor e passou rapidamente todas as ilustrações até chegar ao fundo do monte. De seguida, recostou-se no assento.

A costureira francesa voltou ao conjunto púrpura e verde e ergueu--o em frente do rosto de Maddy. Franziu ligeiramente a testa e sacudiu a cabeça.

- Não - sentenciou -, não serve. Fá-la-ia desaparecer.

Maddy continuava imóvel e distante. Não se sentia decepcionada. Durante os dias que passara sozinha na cama - protegida pela lesão dos encantos e tentações que ele lhe oferecia - tivera tempo para reflectir acerca da própria fraqueza. Conseguira eliminar essa parte dela, a parte que se sentia atraída pela cor, pela alegria superficial e por ele.

Jervaulx pegou num dos manequins e observou-o de todos os lados. De repente, pegou numa tesoura e começou a cortar todos os adornos do vestido. Ignorou a débil exclamação de surpresa da costureira. Os folhos caíram todos até que o vestido resultante pareceu tão simples quanto o de Maddy, excepto pelo decote grande e em bico. O desenho original tinha um pesponto largo de renda a rodeá-lo. Jervaulx cortou-o ao meio, e deixou apenas uma espécie de xaile de renda que lhe caía sobre as mangas. Pousou o pedaço de tecido sobre o pulso e estendeu-o à costureira.

Esta examinou-o durante alguns instantes, a olhar de vez em quando para Maddy com os olhos semicerrados. A seguir, apertou os lábios e ergueu as sobrancelhas.

- Se é isso que sua excelência deseja...

Jervaulx assentiu e afastou-se para que tirassem as medidas a Maddy.

Aquilo acontecera enquanto ainda tinha o braço completamente imobilizado, pelo que foi um processo lento e doloroso. Agora que a lesão já lhe permitia uma maior liberdade de movimentos, Jervaulx informara-a durante o pequeno-almoço que a costureira tinha que fazer outra prova.

Maddy apresentou-se de má vontade à hora marcada. O tecido pouco interessante que Jervaulx escolhera acabara com a satisfação oculta que lhe causava fazer um vestido novo. Não passava de uma recordação constante do temperamento incontrolável dele e da dura prova do baile que se avizinhava.

A ajudante da costureira ajudou-a a despir a roupa habitual, já que ainda tinha o braço em demasiado mau estado para o conseguir fazer sozinha. Com um murmúrio de desaprovação, a

costureira desabotoou o corpete e a camisa de Maddy:

- É demasiado alto. Ver-se-á por baixo. - E, antes que Maddy se apercebesse do que pretendia fazer, a costureira baixou-lhe toda a roupa interior até à cintura.

Assustada, Maddy conteve a respiração e cobriu o peito com os braços. E, de todos os momentos possíveis, Jervaulx escolheu exactamente aquele para entrar na sala.

Maddy olhou-o, horrorizada, mas ele retribuiu-lhe o olhar sem demonstrar qualquer reacção. Enquanto lhe apertavam o corpete, Christian sentou-se numa poltrona, perfeitamente descontraído, como se fosse um consumado e desinteressado conhecedor do modo como as mulheres se vestiam.

O vestido entrou pela cabeça de Maddy. Esta não o esperava. Ainda não recuperara da mortificação provocada pela entrada de Jervaulx, nem da dor causada pelo movimento rápido do braço ao tapar-se. Maddy soltou um pequeno gemido quando a ajudante lhe apertou a mão ao tentar subir-lhe as mangas.

- Cuidado! - exclamou Jervaulx, irritado, e a costureira e a ajudante desfizeram-se em desculpas.

Recomeçaram os ajustes com uma maior delicadeza, e deixaram que Maddy movesse o braço pouco a pouco até o conseguir enfiar na manga. Para isso foi necessário expor-se perante Jervaulx, o qual nem sequer teve a decência de desviar os olhos por um instante. Quando por fim vestiu o vestido, Maddy sentia-se completamente corada pelo embaraço.

A ajudante segurou as costas do vestido e apertou-o com muita força, já que estava sem corpete.

- Tente baixar o braço se conseguir, *madame* - pediu a costureira. A pouco e pouco, a morder o lábio inferior de dor, Maddy afastou

o cotovelo do corpo. Jervaulx inclinou ligeiramente a cabeça, apoiou a boca nas costas da mão e baixou os olhos pela primeira vez.

- Ah. - A costureira recuou alguns passos e torceu a boca em sinal de assentimento. - Já estou a perceber as intenções de sua excelência.

Jervaulx ergueu os olhos. Contemplou Maddy da cabeça aos pés, e esse exame lento fez com que ela voltasse a corar. Por fim, assentiu.

A ajudante apressou-se a colocar o espelho de pé em frente de Maddy, de modo que esta se viu pela primeira vez.

Ficou atónita. Aquele tecido insípido e rijo que lhe arranhava a pele nua brilhava perante o espelho como se fosse um prisma fraco, os fios dourados misturados com a seda para produzir um tecido prateado que captava a luz e a mantinha como se se tratasse de uma chama transparente.

O corte simples do vestido, sem frisados, apenas o meio xaile de renda veneziana, fazia com que o olhar se dirigisse de imediato para o decote - sóbrio mas simultaneamente voluptuoso - que caía dos ombros e se apertava por baixo do peito. As mangas, que terminavam mesmo acima dos cotovelos, eram semelhantes à de um simples vestido *quaker*, mas refulgiam com uma luz intensa.

Era uma blasfémia, uma transformação deliberada do simples vestuário *quaker* num luxo provocador e deslumbrante.

- Não posso vestir isto! - exclamou Maddy.

- *Madame* - disse a costureira sem se alterar -, é magnífico. Maddy olhou para Jervaulx.

- Não posso. E tu sabe-lo.

Ele sorriu sem proferir palavra, com aquele sorriso perspicaz que tanto a irritava porque parecia dizer que a conhecia melhor que ela a si mesma.

- Não posso!

A costureira baixou-se para alisar uma prega da saia.

- Se não é do agrado de *madame*, levá-lo-ei. Sei de meia dúzia de clientes que...

- Fica - disse Jervaulx. - Vai vesti-lo. - Levou a mão ao interior da casaca e tirou desta um estojo que começava a ser muito familiar para Maddy.

- Não - disse, ao olhar para o estojo do joalheiro. - Não o quero. Não quero esses adornos. Será que não percebes?

Jervaulx levantou-se. Abriu o estojo e Maddy emitiu um suspiro de desespero. A costureira e a ajudante não pareceram tão ultrajadas. Contiveram a respiração, presas de maravilhamento, ao ver uma refulgente tiara com três pedras do tamanho de ovos de codorniz, da cor que Maddy desejara interiormente. Um clarão verde de esmeraldas engastadas em cornucópias de ametistas, pérolas e diamantes.

Maddy já aprendera algo sobre o dinheiro e aquilo que ele podia comprar, e soube de imediato que aquele não era nenhum presente informal, como um colar de pérolas ou até um laranjal. Era algo pelo qual os reis pagariam um resgate para enfeitar as suas rainhas, pois só o tamanho das pedras equivalia a uma afirmação de soberania.

Maddy recuou quando Jervaulx levantou a tiara para lhe colocar.

- Onde é que a arranjaste?

Albergava a esperança que fosse uma jóia de família, uma relíquia ducal que queria que a sua duquesa levasse no dia da apresentação à sociedade, mas Jervaulx limitou-se a dizer como explicação:

- Comprei. Achas que... roubei?

- Jervaulx! - exclamou Maddy. - Ainda mais? Quando é que...

Interrompeu-se ao perceber uma advertência no olhar de soslaio que ele lhe lançou. Voltou a gemer quando ele fez deslizar o fecho de prata entre as tranças apanhadas.

- Mas, porquê, porquê? - gemeu. - Sabes que desprezo estas coisas. Será que enlouqueceste?

- Uma pequena aquisição - replicou ele.

- Pequena? Que infâmia! Quando devias estar a pagar... Jervaulx levou um dedo aos lábios dela e acariciou-lhos com um toque sensual. Maddy afastou bruscamente o rosto. Não podia deixar que ele lhe tocasse, não podia ceder ao ardor do amor e anseio que ele lhe provocava com tanta facilidade. Jervaulx baixou os olhos e recuou.

- Se calhar não gostas. - A voz dele tinha um tom de autoridade grave. - Mas... mostrarás graciosidade... a sua majestade.

Maddy ficou petrificada.

- A quem?

Jervaulx recuou alguns passos e sentou-se na poltrona, de pernas esticadas. Observou-a com um olhar crítico e, de seguida, dirigiu-se à costureira:

- A sua opinião?

A mulher observou Maddy com um olhar profissional.

- Extraordinário, excelência - disse, a assentir lentamente com a cabeça. - Memorável.

- O rei? - perguntou Maddy com a boca contraída. - Estás a falar do rei?

Jervaulx estendeu a mão, e a costureira apressou-se a tirar a tiara do cabelo de Maddy e a devolvê-la ao duque com toda a solenidade. A jóia voltou a desaparecer dentro do estojo. O duque dirigiu-se para a porta.

- Jervaulx - disse Maddy a tremer. - Estás a dizer que o rei virá ao baile?

Ele olhou-a e encolheu os ombros.

- Talvez - respondeu enquanto fechava a porta atrás de si.

- *Quelle chance!* - A costureira bateu palmas. - *Madame*, é o *coup de main*. Sua majestade irá estar presente na sua apresentação!

As línguas desataram-se depois daquela simples insinuação deixada cair por Christian. Não se arriscou a voltar a aparecer em público. Deixou que Durham e Fane agissem como seus emissários e lhe levassem informações de quem dissera o quê.

Não havia maneira de saber se acabara consigo ao arriscar-se a fazer aquela última aposta. Utilizara todo o dinheiro que conseguira reunir, esgotara a sua fonte de rendimento líquido, pulverizara a conta no Banco Hoare, o que provocara outra visita do Sr. Manning e amigos, que tinham sido travados à entrada por Calvin e um grupo de criados cuidadosamente escolhidos pelos

seus tamanhos formidáveis e constituições robustas.

Há anos que o bom rei Jorge tentava vender discretamente a tiara - uma bagatela que Napoleão Bonaparte oferecera à imperatriz Maria Luísa - pelo preço exorbitante de cinquenta mil libras. Não tinham aparecido compradores. Aquele capricho real de sua majestade não tinha peso político suficiente para que valesse a pena efectuar semelhante desembolso. Mas Christian comprara-lha. Sabia que a conclusão do pavilhão de Brighton daria lugar ao gosto do monarca para recrear glórias góticas em Windsor, e uma forte injeção de dinheiro em vez de outro credor cansativo seria muito bem recebida pelo rei.

Uma grande quantidade de convidados já confirmara a sua presença no baile, mas a perspectiva - a grande questão - da presença de sua majestade estava a provocar um enorme burburinho. O rei podia parecer muito ridículo - gordo e atacado pela gota, cada vez mais retirado e vítima de anedotas fáceis -, mas bastava que o monarca condescendesse a assistir a um acto social, pensou Christian com ironia, para que o velho e sedutor perfume da realeza demonstrasse ser mais que um mero aroma passageiro.

Era uma questão de poder. Se conseguisse ungir-se com aquela influente distinção, então os cunhados descobririam de repente que pertenciam ao clube errado. Insistir publicamente perante os tribunais que sua majestade decidira honrar com a sua amizade idiotas e loucos seria ultrapassar as marcas. Ir contra a indulgência do rei e forçar uma audiência para decidir o estado mental de Christian seria cometer uma *gaffe* de dimensões colossais. Jorge poderia mandá-los prender com uma única palavra, bastava dar-se ao trabalho de a pronunciar.

O livro de apostas estava aberto no White's, e Durham afirmou que assistira no Brooks's a um debate com três horas de duração. As ideias políticas firmemente progressistas de Jervaulx - um anátema para o rei - contra o facto, ainda incrível, de em 1820 Christian ter enfrentado todo o seu partido e a opinião pública para apoiar a tentativa de Jorge de se livrar da sua sórdida rainha, quando até os pares *tories* se tinham mantido à margem. De facto, Christian adoptara essa postura por causa de uma aposta, para demonstrar que o podia fazer e continuar a entrar em Whitehall sem que lhe atirassem ovos podres. Perdera a aposta, mas isso apenas o sabiam Fane, Durham e ele.

E, quase a seu pesar, Christian sempre gostara do rei Jorge. Era necessário conhecê-lo pessoalmente para se perceber a sinceridade, bom coração e humor inteligente que se escondiam atrás do homem caprichoso e isolado na sua tristeza em que o rei se transformara. Tinha um temperamento infantil e uma paixão por extravagâncias, carecia de compostura e de juízo, mas transformara o aspecto de Londres graças ao seu gosto elegante e concedera pensões vitalícias a pessoas tão diferentes como o poeta Coleridge ou Phoebe Hessel, a mulher-soldado. Fazia com que os seus ministros revissem constantemente as listas de criminosos para encontrar prisioneiros já condenados que não tivessem quem intercedesse por eles e assim poder ser ele mesmo a fazê-lo; e doara a sua biblioteca ao país, depois de o czar russo lhe oferecer cem mil libras por ela.

Jorge tinha os seus momentos. Christian apenas esperava com ansiedade ser um deles.

Mesmo com a ajuda de Calvin e do novo secretário, que se encarregava das cartas, ficava esgotado no fim de cada dia pelo esforço dos preparativos. Cansado, aborrecido e a sentir-se muito sozinho quando via o quarto de vestir e a cama vazia. Maddy e ele não se falavam. Não subia exactamente quando aquilo começara. Parecia que uma lenta barreira de silêncio crescera entre ambos à medida que o braço dela se curvava e o dia do baile se aproximava. Durham e Fane conversavam com ele ao pequeno-almoço e, ao meio-dia, Christian comia na biblioteca enquanto continuava a trabalhar.

O momento de agonia era o jantar, quando se sentava sozinho à mesa com ela. Habitou-se a resolver mentalmente equações matemáticas para ter algo que fazer para além de a observar a bicar a comida como se fosse um pássaro engaiolado e infeliz.

Estava a perdê-la. Maddy estava a afastar-se deliberadamente dele. O corpo dela continuava ali mas a sua Maddy, aquela que se ria de piadas tolas e que o admirava através de pestanas sensuais, desaparecia pouco a pouco perante ele e transformava-se numa criatura fantasmagórica de aspecto grave e sombrio.

Nunca lhe tocava. Nem o tentava. A princípio porque não quisera voltar a magoá-la, mas depois à medida que melhorava Maddy tornara-se cada vez mais rígida. Afastava-se sempre que ele se aproximava.

Conseguia paralisá-lo numa cortesia fria. Christian não queria ser nenhum animal. Assim, em vez disso, trabalhava e tentava desfrutar de breves momentos de autonomia, ao mesmo tempo que ansiava com fervor poder dispor apenas de uma hora com ela, sem palavras, sem futuro, sem nada excepto os corpos unidos numa união pura e primitiva.

Na manhã do baile, Durham informou-o que o rumor de que o rei estava hidrópico fizera subir as apostas do Brooks's para 70 contra 1. Christian tentou não pensar no assunto. Não tinha a certeza se Maddy conseguiria resistir. Parecia quase doente ao pequeno-almoço e comera frugalmente, enquanto Christian e o secretário reviam alguns pormenores.

- Vestido? - perguntou-lhe Christian. - Aqui e serve?

- Sim - respondeu ela, a olhar para os ovos fritos como se tivessem escrito «perdição» em letras enormes.

- Luvas?

- Sim, tenho as luvas. Christian inclinou a cabeça.

- O braço... dói? Maddy remexeu os ovos com uma faca.

- Não, está bom.

Maddy, quis Christian suplicar-lhe, *não me faças isto. Preciso de ti.*

Mas era impossível. O abismo entre ambos atingira proporções descomunais. Christian não sabia que fazer. Não lhe podia tocar, não podia depender dela. Apenas se tinha a si mesmo.

Ela levantou a cabeça de repente.

- Jervaulx - disse com a expressão de alguém que tomara uma decisão irrevocável.

Ele apertou as mãos com força e olhou-a.

- Tens de compreender que não me posso inclinar perante o rei, nem dirigir-me a ele com títulos lisonjeiros para o adular - afirmou. Lançou-lhe um olhar de lado como se esperasse que ele comesse uma discussão mas, de repente, desviou os olhos, puxou a cadeira para trás e saiu a correr da sala.

Oh, excelente, pensou Christian e apoiou a cabeça no encosto da cadeira. Estou ansioso por esse momento.

A ceia seria servida à meia-noite na sala de jantar. Christian tencionava colocar um quarteto de músicos na galeria da biblioteca para os jogadores de cartas. Despejara o salão azul para o baile e a orquestra real. Alguns dos melhores móveis do salão tinham sido levados para a saleta das traseiras do piso térreo. Depois das mudanças, a saleta ficara irreconhecível, e transformara-se da mais completa informalidade na sala mais esplêndida de toda a casa com uma ornamentação em branco-puro e ouro, ampliada por espelhos, acentuada por um lapete em tons vivos azuis e vermelhos, e dragões de porcelana que se retorciam sob dois candelabros altos situados de cada lado do novo sofá carmesim.

Quando Christian efectuou a sua inspecção, o sofá pareceu-lhe ngoirentamente vazio. Toda a sala tinha o aspecto exacto daquilo que era. O ostensivo refúgio de um rei que não podia subir escadas, por isso o baile teria de ser levado até ele. Havia uma poltrona para lady Conyngham, a amante, bem como uma para o Dr. Knighton, o favorito real. Existia ainda espaço suficiente para quem sua majestade quisesse honrar e que descesse do piso superior, e outro grupo de músicos que esperariam na sala vizinha até o rei aparecer - se é que apareceria -, momento esse em que interpretariam árias italianas.

Christian encostou-se à soleira da porta. Atrás dele, um criado emitiu uma tosse cortês. Christian virou-se e pegou na carta que o homem lhe estendia ao mesmo tempo que tentava dissimular como o seu ânimo se abatera ao reconhecer o selo. A suspirar, atravessou o vestíbulo até à sala de bilhar, serviu-se de um conhaque, embora ainda fosse cedo, e partiu o selo. Com uma

verdadeira entoação sarcástica, pensou Christian, Eydie escrevera:

Excelência, recebi pelo correio uma honorável proposta de matrimônio por parte do Sr. Newdigate de Bombaim. Tendo em consideração a verdadeira devoção que sente pela minha pessoa e que remonta a antes do meu casamento, a sua enorme prosperidade e a generosidade da proposta, e dado que finalmente me convenci de que não poderei esperar melhor tratamento por parte daqueles de quem mereço receber (“melhor” estava sublinhado três vezes), decidi aceitar a proposta.

Desse modo, parto para Calais de imediato. O Sr. Newdigate teve a amabilidade de enviar os fundos suficientes para pagar a minha viagem. No entanto, desconhece que existe um certo fardo que me vejo obrigada a deixar para trás, já que careço dos meios para o enviar para a Escócia. Como me comunicou o seu enorme interesse no dito fardo, deixo nas suas mãos a melhor maneira de dispor dele. Espero que a pequena enfermeira quaker não lhe faça passar uma terrível vergonha na sua festa, meu querido duque. A sua irmã disse-me que não se encontra bem, pelo que me surpreende muito que se tenha decidido a realizá-la. Acha que é sensato?

O tom descarado da carta fez com que Christian cerrasse os dentes. Parecia-lhe bem que Eydie tivesse conseguido caçar um ricoço, mas naquele momento não tinha tempo para essas coisas. Teria de ser ele a fazer preparativos para levar a criança para a Escócia, já que era óbvio que Eydie não pensava mover um dedo. Pelo menos, não parecia ter qualquer intenção de levar a menina para a Índia, pois era evidente que o ricoço não deixaria que lhe impusessem pormenores entediantes como o luto rigoroso ou bebês.

Pegou na máquina de escrever, mas apenas foi capaz de rabiscar uma resposta curta sem deixar de observar o copiador para ver se cometia erros. Era tão curta que não a poderia ter escrito mal nem da primeira vez. Tirou a folha da máquina e enviou-lha.

33

Maddy estava de pé, vestida com um roupão, a olhar lânguida por uma janela do quarto de hóspedes em que se ia vestir para a festa, quando viu deter-se em frente da porta da casa uma tipóia. Quando a portinhola do veículo se abriu, susteve horrorizada a respiração ao ver o chapéu e casaco escuros de um amigo.

A criada estava a colocar o vestido prateado sobre a cama. Maddy afastou-se rapidamente da janela e fechou os postigos com violência.

- Depressa, preciso de vestir qualquer coisa. - O vestido que usava diariamente encontrava-se no piso inferior. - Ajuda-me a vesti-lo.

Pegou no vestido de baile e atirou-o à espantada criada. Um momento depois, quase sem se apertar nem abotoar, Maddy correu escadas abaixo.

Chegou ao vestíbulo no exacto momento em que um criado apressado pousava um tabuleiro cheio de copos para abrir a porta.

- Deve ser para mim - disse Maddy, enquanto, desesperada, tentava pensar nalgum lugar onde o esconder. Porque é que Richard tinha de aparecer exactamente naquele momento? Era impossível ir para a saleta das traseiras, a sala de pequeno-almoço estava cheia de músicos italianos, a despensa de Calvin repleta de caixas de champanhe empilhadas até ao tecto. Abriu a porta da sala de bilhar.

- Fá-lo entrar para aqui - disse ao criado. De seguida, entrou e fechou a porta.

Ouviu-se vozes no vestíbulo e, de seguida, o criado abriu a porta,

- O senhor e a senhora Little, o senhor Bond, o senhor Os borne. Maddy ficou atónita durante alguns instantes. Não era Richard. Olhou para os anciãos da sua Assembleia e sentiu o

coração a apertar-se-lhe.

O criado fechou a porta. Maddy abriu a boca, mas não proferiu palavra.

- Archimedeia Tímms - disse Elias Little -, estamos preocupados por te encontrarmos aqui na casa de um descrente.

Os outros três tinham um aspecto sombrio enquanto a observavam com o vestido prateado do baile, uma afronta ao vestuário simples dos *quakers*.

Elias falou com calma:

- A nossa pergunta é, casaste com esse homem?

Maddy sabia que aquilo teria de acontecer, que lho iriam perguntar, mas não sabia como reagiria quando chegasse o momento. Não sabia o que sentiria ao encontrar-se com eles, com essas pessoas a quem amara e que tinham sido como uma família para ela. Constance Little já estava a chorar, em silêncio, ao mesmo tempo que retorcia o avental entre as mãos.

Maddy pestanejou e virou a cabeça. Sem proferir palavra, assentiu.

- Ah, Maddy - sussurrou Constance.

Era como se lhes fosse impossível acreditar naquilo. Elias observou a decoração sumptuosa, em cabedal e ouro, da sala. Olhou para a mesa de bilhar com o rosto gentil franzido pela preocupação.

- É uma enorme pena para os Amigos - disse com a voz suave mas retumbante com que Maddy o ouvira tantas vezes falar no Primeiro Dia. - A Assembleia indicou-nos que te viéssemos visitar para te fazer compreender o teu erro. De acordo com os bons ensinamentos da Verdade, um amigo não se deve unir a alguém do mundo que não seja seu igual, nem contrair matrimónio sem o consentimento e aprovação da Assembleia. - Elias estendeu a mão para lhe tocar no pulso e começou a falar com maior doçura. - Archimedeia, não são regras sem sentido, são regras pensadas com a intenção de te proteger, para evitar que caias na armadilha do inimigo. Uma pessoa jovem pode precipitar-se e enganar-se no Caminho, e nesse caso deve apresentar-se perante a Assembleia e explicar-se aos Amigos, os quais, graças à sabedoria e ao poder de Deus, conseguem discernir se está a ser protegida ou não pela Luz. Compreendes que é essa a Verdade? Maddy engoliu em seco.

- Sim.

Claro que sim. Claro que o compreendia.

- E, no entanto, não te guiaste por ela. Não pediste ao Senhor que te aconselhasse, nem aos Amigos, e fizeste tudo segundo a tua própria vontade.

Maddy abriu a boca mas, de seguida, fechou os lábios sem dizer uma única palavra.

- Se compreendes isso, saberás porque viemos.

Maddy emitiu um pequeno gemido triste e virou-lhes as costas. Ouviu um ligeiro movimento de papéis. Elias pigarreou.

- Archimedeia Timms, dado que desde pequena acorreste às Assembleias acompanhada pelo teu pai e adoptaste os modos próprios da nossa fé e o nome de *quaker*, e já que te afastaste da Verdade e casaste com um homem do mundo, vemo-nos obrigados a apresentar este testemunho contra ti e afirmar que não és... - a voz suave e profunda de Elias quebrou-se -... que já não és reconhecida por nós como um membro da nossa irmandade.

Maddy sentiu lágrimas a brotarem-lhe dos olhos, a caírem com uma angústia ardente e salgada até ao queixo. Elias respirou fundo.

- Além disso, e já que é do conhecimento de muitos que assumiste o nome e aspecto de uma amiga, e és considerada uma *quaker* pelas pessoas do mundo, para perseverares a segurança e honra da nossa sociedade, instamos-te a que declares publicamente a verdade e que escrevas uma carta em que faças saber que o teu indigno matrimónio não te foi aconselhado nem apoiado pelos Amigos, e que a copies três vezes, para que as ditas cópias sejam entregues uma à Assembleia, onde possa ser lida perante todos, outra que será enviada ao dito sacerdote que celebrou o matrimónio, e a terceira para os jornais, para que não possas enganar o mundo e fazeres-te passar por *quaker*.

Maddy fechou os olhos. Os jornais! Era por causa de Jervaulx, porque era duque e, por isso, todas as pessoas tinham de o ficar a saber. Enxugou as lágrimas e virou-se rapidamente.

- Então, nesse caso, façamo-lo já.

Se esperasse, se se detivesse a pensar, tinha medo de não ter coragem para o fazer. Olhou desesperada para toda a sala e virou-se para não ver as lágrimas de Constance. Ali estava, a máquina de escrever do duque. Puxou pela pequena gaveta da caixa fechada e encontrou uma pena e tinta. Não havia papel, por isso abriu a caixa com força e apanhou os pedaços que saíram dela.

O de cima já fora usado, e conseguia ler-se o que estava escrito, garatujado com a letra imperfeita de Jervaulx: «Envia-me o fardo». Maddy escreveu com tanta força que a ponta da pena se partiu.

- Archimedeia - disse Elias -, não deverias escrever se estás tão agitada. As tuas palavras têm de ser aceitáveis para a Assembleia.

Maddy deixou cair a pena e sentou-se num banco.

- Não o deveria ter feito. - Franziu o rosto. Não conseguia controlar as lágrimas, nem o tom de profunda consternação que lhe saía da garganta. - Quero voltar. - Começou a tremer, a chorar, e ergueu a cabeça. - Constance, quero voltar para casa. Será que já não posso voltar para casa?

Constance correu até junto dela e, pegando-lhe nas mãos, ajoelhou-se.

- Maddy, queres voltar? Podes voltar comigo. Descobre a Verdade e vem viver na Luz.

Maddy olhou por cima do ombro de Constance para Elias, e sentiu irromper-lhe no interior uma repentina e selvática fonte de esperança.

- Sabes que não proibimos a ninguém a entrada na Assembleia, Archimedeia - disse ele. - Mas não podes adoptar o aspecto de uma amiga e permanecer casada com esse homem do mundo. Não seria uma situação cómoda para nós.

- Mas poderia regressar?

- Não posso falar em nome da Assembleia - respondeu Elias. - A única coisa que te podemos dizer é que deves escrever essa carta.

Maddy inclinou a cabeça.

- Sim, sim, fá-lo-ei.

A porta da sala de bilhar abriu-se de repente. Maddy levantou-se de um salto e agarrou as mãos de Constance.

Jervaulx deteve-se com uma expressão de enorme assombro. Parecia custar-lhe a compreender o que via à sua frente, pois durante um longo momento limitou-se apenas a olhar para Elias Little.

De seguida, encontrou Maddy. Viu as mãos entrelaçadas às de Constance e os papéis espalhados sobre o aparador. Uma expressão de receio surgiu-lhe no rosto.

Maddy suspirou, aliviada, quando se apercebeu de que Jervaulx não ia explodir. Soltou as mãos de Constance.

- Jervaulx - disse e levantou o queixo -, são amigos que vieram falar comigo.

Ele não disse nada, e limitou-se a permanecer imóvel com uma expressão cautelosa.

- É o meu marido - disse Maddy em voz baixa.

Estava vestido com uma casaca formal e calças pretas. O peito da camisa era de renda, e entre as pregas brilhava um alfinete de esmeraldas. Alto e imóvel, não exibia o mínimo indício de um encanto satânico. Era, sim, a imagem viva de um homem em busca de prazer carnal.

- Falar quê? - perguntou com um certo ar de desafio.

- Viemos informar que Archimedeia já não pertence à nossa irmandade - disse Elias num tom sombrio -, porque se afastou da Verdade e casou-se contigo.

Jervaulx olhou para o rosto devastado pelas lágrimas de Maddy e voltou a dirigir-se a Elias:

- Fizeram-na... chorar.

- Foi uma causa muito triste que nos trouxe aqui.

O duque surpreendeu Maddy. Em vez de explodir numa ataque de ira, apenas lhe disse:

- Acabaram?

O ancião assentiu.

- Já dissemos o que nos foi indicado que disséssemos. Jervaulx recuou e abriu a porta.

Constance virou-se e deu um abraço rápido a Maddy.

- Vem connosco - murmurou, antes de passar apressada junto do duque para sair da sala. Os outros seguiram-na mais devagar. Ninguém olhou para trás nem disse nada.

Maddy ficou parada à frente dele.

Jervaulx dirigiu-se ao aparador e pegou na pena partida e nas folhas de papel. Enfiou tudo na caixa, fechou-a e guardou-a. Fez uma bola com a folha em que Maddy escrevera e olhou para ela de lado.

- Não o lamento... Maddy - disse num tom de desafio gélido. - Tu choras... mas eu não o lamento.

Ao anoitecer, Christian olhou pela janela da biblioteca e viu-a no pátio vazio, ajoelhada junto do muro, a cabeça baixa como se estivesse a rezar. Dirigiu um murmúrio sem palavras ao secretário e saiu da sala. Encontrou-a ajoelhada no pátio, à mercê do frio cortante, vestida com a roupa velha de *quaker*, a arrancar com as unhas as minúsculas ervas daninhas que cresciam na base do muro.

- Maddy - disse à medida que a irritação dava passagem à confusão ao vê-la entregue àquela estranha tarefa. - Que estás a fazer?

Ela sentou-se sobre os calcanhares e ergueu a cabeça para o olhar por instantes antes de prosseguir com a meticulosa tarefa de limpeza.

- Quero fazer algo de útil. Christian olhou-a intensamente.

- Agora não. Veste-te. Não tens... que ser útil.

Maddy inclinou-se ainda mais sobre o chão, a escavar a argamassa com os dedos.

- Não - disse ele aborrecido. Não gostava de a ver dedicar-se a semelhantes coisas.

- Não me deixas?

- Não. Maddy...

Ela levantou-se e sentou-se no banco de ferro. Ficou imóvel a olhar para o colo.

O que é que estava a acontecer? O que é que se passava? Mas Christian tinha medo de o saber.

- Quero ter alguma coisa para fazer - disse ela, a respiração a gelar-se-lhe ao falar. - Não estou habituada a estar sem fazer nada.

- O baile...

- Ah, claro - respondeu ela com uma alegria fingida. - Acrescentaste uma entrada no teu registo? «Uma duquesa, com vestido de cerimónia, será colocada no alto da escadaria para receber.» - Maddy sacudiu a cabeça. - Não sou duquesa. Não pertenço a este lugar.

- Maddy - disse ele, e estendeu o braço para lhe tocar. Ela levantou-se de repente e afastou-se.

- Não pertenço a *este* lugar - repetiu e olhou para outro lado.

- Preciso de ti... Maddy. Se queres fazer alguma coisa... o baile...

- Não sei nada de bailes! - exclamou ela com uma voz aborrecida mas submissa, que pareceu desvanecer-se ao manter o olhar baixo. - Tens o teu secretário. Não precisas de mim. - Pegou na extremidade da tala e ergueu a voz: - Não precisas de mim.

Ele olhou-a e tentou manter a compostura.

- Então... que queres?

Maddy baixou um pouco a cabeça e não respondeu.

- O *quaker*? - perguntou ele em voz baixa. - Gill?

- Não quero esquecer quem sou - respondeu Maddy com uma intensidade estranha. - Não o quero esquecer.

O corpo de Christian endureceu. Abriu e fechou o punho.

- Minha mulher. Preciso agora... esta noite... junto de mim.

- Esta noite! - exclamou ela, irónica. - Há outras coisas no mundo além do teu baile frívolo.

Há outras coisas para além de voltares a ser o grande duque!

A compostura dele estava a ceder. Respirou profundamente entre dentes.

- Onde está o vestido?

- Não penso aparecer - replicou ela. Ergueu um dedo reprovador. - É uma diversão infantil.

- Diversão? - gritou ele, irritado. - Achas que o faço... por diversão? - Pegou-lhe no braço e obrigou-a a olhá-lo. - O que acontece... se não for duque? - Apertou-lhe o braço com força. - O que te acontece... se voltar para ali? - Sacudiu-a e começou a gritar. - Louco! Louco, Maddy. Achas que o consegues evitar? Não consegues. Não consegues. O rei. O rei conseguirá evitá-lo, se quiser. - Depois de emitir um som violento, soltou-a. - Não vou voltar... Não vou perder-te... perder tudo... Sou o duque.

Levantou-se, virou-se e deixou-a naquele pátio vazio. Ao chegar à porta, deteve-se e olhou-a.

- Salva-nos. Por isso... tiara... rei... baile frívolo. Salva-nos. - Apontou com a cabeça para a casa. - Queres... ser útil. Bom. Útil. Sê duquesa. Recebe. Vestido prateado. Compreendes?

Maddy olhava-o, imóvel, como se fosse alguém que nunca vira. Ele retribuiu-lhe o olhar. Maddy humedeceu os lábios.

- É para te salvar?

- Aos dois. Tu e eu. Vai... vestir-te - respondeu ele, e fechou a port com estrondo.

No cimo das escadas, num vestíbulo que cheirava a flores e a perfume de senhora, tão cheio de ruído que o som parecia tangível, Christian apertava a mão aos convidados. Não era necessário falar, pois ninguém conseguiria ouvir o que diria. Aos pés da escada, um criado vociferava os nomes dos convidados à medida que estes começavam a subir, mas também ninguém o ouvia.

Maddy encontrava-se ao lado dele, a tiara a emanar um fogo verde cada vez que movia a cabeça. Regressara à vida, voltara a ser a sua Maddy. Continuava séria mas, de vez em quando, olhava-o de lado como se a perguntar-lhe ansiosa se estavam ser bem sucedidos.

Christian sabia que o braço lhe doía. Segurava-o contra o corpo e tentava apertá-lo sem que ninguém reparasse, sem dúvida tão consciente quanto ele que a cada momento estava a ser examinada por uma infinidade de olhos. Christian esperou até surgir uma pequena pausa, uma distração provocada por uma dama que parou para levantar a saia e subir a escada. Pegou no cotovelo de Maddy, afastou-a do lugar onde estavam parados há uma hora e conduziu-a até ao salão azul.

A massa de convidados abriu-se à sua passagem como por artes mágicas, as pessoas a afastarem-se do centro do salão - de onde se tinha retirado os tapetes - à espera que ele e Maddy abrissem o baile. Mas não o podia fazer, não até que o rei chegasse. Christian passou em frente da expectante orquestra e começou a percorrer todas as salas.

Apercebera-se de que os lugares-comuns próprios da vida social eram fáceis e estavam tão enraizados nele que podia segui-los sem vacilar, como se fosse a letra de uma velha canção tão familiar que já perdera todo o seu significado. O bulício também ajudava. Na biblioteca, o quarteto mal se ouvia por cima das conversas. Christian apenas se detinha o tempo suficiente para receber mecanicamente as felicitações dos convidados, a aguentar a curiosidade e a troca de olhares que deixava à sua passagem.

Era apenas mais uma aposta, a espera pelo início do baile. Cada minuto que passava da meia-noite tornava-o mais óbvio. Christian pensou que podia esperar até à meia-noite e meia. Se sua majestade não tivesse chegado entretanto, teria jogado a carta errada.

Pelo menos, os cunhados não estavam ali para o ver com os próprios olhos. Convidara a família mas, como era de prever, não tinham ido nem tinham reagido ao convite. Não com Maddy na casa, nem com os advogados a tentarem tirar-lhe tudo.

Maddy caminhava ao lado dele como uma galateia prateada, a vida convertida em estátua e não o contrário. Conseguia um efeito estranho com a sua reserva fria. Envergonhava-os. Christian

reparou nisso. Tinham ido para trocar dela - aquela noite na ópera e os mexericos tinham surtido efeito -, a *quaker* caçadora de fortunas, a mulherzinha que ascendera na posição social. Mas não sabiam a que se agarrar e ela não lhes dava nenhuma pista.

Christian encontrou-se com Fane depois de ter percorrido quase toda a casa e, afastando-o do círculo de militares com os quais se encontrava, levou-o até ao quarto de vestir aberto a todos. Umas quantas flores e algumas cadeiras tinham transformado o quarto num recanto público e tranquilo no meio do lento desfilar de convidados.

- Descansa - disse e conduziu Maddy até uma poltrona.

Ela agarrou-se a ele por um momento, o único sinal de fraqueza durante toda a noite, mas Christian afastou-se.

- Uma taça - prometeu-lhe. - Fane fica.

- Para mim, será uma enorme honra - disse este de imediato. Christian afastou-se para lhes enviar um criado e para verificar se se sabia alguma coisa do rei.

- Minha querida, esta noite está muitíssimo atraente - disse o coronel Fane ao mesmo tempo que se inclinava à frente de Maddy.

Um casal deteve-se ao lado dele.

- Decerto. É uma *avis rara* - assentiu o cavalheiro, que também se inclinou numa reverência.

- O seu vestido é... tão invulgar, duquesa - disse a dama que o acompanhava num tom que tanto poderia ser um elogio como um insulto.

- É de Devey?

- De Devey? - repetiu Maddy.

A mulher lançou-lhe um sorriso condescendente.

- *Madame* Devey, de Grosvenor Square - explicou a sacudir-se com o leque de plumas que levava. - Esta ideia de atrasar o baile é muito original e interessante. Não é tardíssimo? Passa muito da meia-noite?

O coronel procurou no bolso da reluzente casaca escarlata. Vasculhou ainda mais o interior, enquanto franzia ligeiramente a testa.

- É meia-noite e vinte e cinco - disse o outro homem a consultar o relógio.

- Vai começar dentro em breve, duquesa? - perguntou a mulher com doçura.

- Não sei - replicou Maddy.

- Ah! Bom, não devemos retê-la apenas para nós, minha senhora.

- Depois de emitir uma ligeira gargalhada, a mulher inclinou-se perante Maddy. - A decoração é magnífica.

Quando o casal se retirou, o coronel Fane esboçou um esgar.

- Não perdem uma - disse. Tinha o relógio numa mão, mas continuava a procurar no bolso. - Olhe, veja o que encontrei. - Tirou a mão e abriu-a. - Prendeuse no forro, maldito seja.

Maddy olhou para a mão aberta de Fane, e viu um anel de filigrana de opalas e diamantes com um desenho muito invulgar.

- É a sua aliança de casamento, minha senhora - anunciou Fane, orgulhoso.

Maddy fez uma expressão de desagrado.

- Sou um idiota. Por isso, não o encontrei para a cerimónia. Esta casaca ficou em Londres. - Pegou-lhe na mão e fechou-lhe os dedos à volta do anel. - Pronto. É melhor que o ponha antes que o perca.

Há muito tempo que Maddy deixara de usar o anel de sinete de Jervaulx. Mordeu o lábio e fez deslizar a aliança no dedo, a qual se ajustou na perfeição.

A tiara causava-lhe uma enorme dor de cabeça. Maddy não conseguia compreender o que é que todos viam naquela diversão tão desagradável. Uma massa quente e amontoadas de pessoas demasiado arranjadas que nada tinham para fazer para além de falarem entre si aos gritos e beberem. As gargalhadas tinham-se tornado enlouquecidas e os convidados começavam a queixar-se. Tinham-lhe perguntado cinco vezes se sua majestade apareceria, e Maddy respondera com sinceridade que não o sabia. Desconfiava que lhe queriam perguntar muitas outras coisas, mas tinha

sempre o coronel Fane ou Durham a seu lado - por vezes ambos - para a protegerem dos questionários mais mordazes com a sua singular mistura de disparates e engenho.

Aprendera com os comentários de Durham e procurava manter conversas muito breves. Mas com ela não parecia funcionar tão bem, por melhor que Durham dissesse que funcionara com Jervaulx. As pessoas olhavam-na de um modo estranho, mas Maddy não parava de se repetir que lhe era indiferente. Não queria que gostassem dela nem que se tornassem seus amigos, o que era bom, porque ninguém parecia estar a tentar fazê-lo.

Uma mulher um tanto ébria que vestia um vestido púrpura surgiu atrás de Maddy e tropeçou contra ela. As mãos enluvadas da dama agarraram-se dolorosamente ao braço ferido de Maddy, a boca pintada a abrir-se e a sorrir com excessiva intimidade.

- Desculpe-me! - exclamou a dama. - Estou muito trôpega - explicou ao mesmo tempo que pegava na mão de Maddy. - É uma festa encantadora, querida. Quando começa o baile?

- Não sei - respondeu Maddy, mas a interlocutora já se afastara depois de lhe deixar um papel na mão. Maddy abriu-o.

«Em cima» era tudo o que dizia, escrito de um modo muito irregular.

Maddy não conseguia compreender porque é que não fora o próprio Jervaulx a procurá-la em vez de enviar uma dama ébria mas, de qualquer modo, disse ao coronel Fane que a esperavam no piso de cima. Fane assentiu, afável, embora o champanhe também já lhe começasse a fazer estragos, e escoltou-a através da multidão até à escadaria das traseiras.

A uma menos um quarto chegaram os abutres. Calvin comunicou a Christian que o Sr. Manning e *lord* Stoneham tinham entrado sem serem anunciados. Vinham vangloriar-se, pensou Christian. Apercebera-se de que durante os últimos minutos parte dos convidados tinham começado a ir-se embora. Não os podia culpar. Já tinham o que queriam, vê-los a Maddy e a ele, e o baile ainda não começara. A ceia da meia-noite continuava à espera, e já há um bocado que muitos o olhavam e falavam entre eles em voz baixa.

Durham apareceu entre a multidão. Sorriu, a segurar uma taça de champanhe por cima do toucado de penas de uma condessa que não parava de falar a Christian de uma filha de que ele não se lembrava. Durham não proferiu palavra. Com a maior subtileza possível, limitou-se a sacudir a cabeça.

Christian rendeu-se. Fez uma reverência à condessa e foi procurar a mulher.

Maddy subiu as escadas das traseiras. No piso de cima, a música procedente da galeria ouvia-se ainda melhor enquanto o som dos convidados se desvanecia até se converter num murmúrio monocórdico. Deteve-se no corredor e, de seguida, dirigiu-se à porta entreaberta do quarto de hóspedes em que se vestira.

- Jervaulx? - perguntou ao empurrar a porta. Quando viu um dos cunhados do duque, procurou Jervaulx rapidamente mas não o encontrou.

- Entre, minha senhora. Queremos falar consigo. Maddy abriu completamente a porta.

- Onde é que ele está?

O homem de rosto rosado aproximou-se e pegou-lhe no pulso para a fazer entrar.

- Quem, Jervaulx? Presumo que lá em baixo com os convidados. Acho que nunca fomos apresentados - disse ao fechar a porta. - Chamo-me Manning, e este é *lord* Stoneham.

Maddy olhou para o outro homem, que não parava de mexer nas enormes patilhas. Este fez-lhe uma reverência rápida.

- Permita-me que vá directo ao assunto - disse Manning. - Estamos aqui para fazer um acordo consigo.

Maddy permaneceu em silêncio.

- Vamos, *miss Timms* - acrescentou Manning, a colocar uma ênfase forte e sarcástica no nome. - Por esta altura já se deve ter apercebido de que esta tentativa louca à custa do rei não vai dar resultado.

Maddy continuou calada.

- Ele não vai comparecer, minha senhora. Jervaulx comprou essa vulgar tiara que traz na cabeça para nada, se é que com ela estava a pensar comprar também a protecção de sua majestade. Todos sabem que ele é imprevisível, minha querida. Foi uma jogada hábil e que também a poderia ter salvo, mas receio que afinal isso não vá acontecer.

Maddy deixou-se cair lentamente numa cadeira enquanto contemplava, fascinada, o homem.

- Ter-me salvo?

- Se achava que estaria a salvo ao impedir que houvesse uma audiência, então sim. Se o rei se tivesse dado ao trabalho de se apresentar aqui esta noite, você estaria salva, não é verdade? Mas ele não o fez.

Maddy juntou as mãos sobre o colo e ficou a olhá-las, a sentir o peso da tiara na cabeça.

- Talvez... ainda pode ser que venha.

- É muito pouco provável. Têm a orquestra em silêncio para nada. Mas agora não vale a pena falarmos disso. Falemos de negócios. A senhora tem a tiara posta e sabe quanto vale. Pode ficar com ela.

Maddy permaneceu de cabeça baixa.

- O quê?

- *Miss Timms*, vou ser muito claro. Investigámos o vosso suposto casamento e descobrimos o seu estratagema. Melhor dizendo, a sua farsa, pois apenas um homem com as faculdades mentais alteradas poderia assustar-se com um punhado de camponeses contratados que arrombavam uma porta.

Maddy levantou rapidamente a cabeça. Manning sorriu.

- Sim, descobrimo-lo, como pode ver.

- Contratados para arrombar a porta? - repetiu Maddy sem sair do seu assombro.

- Poupe-nos o seu talento dramático, *miss Timms*. Esses fulanos estão dispostos a declará-lo perante o tribunal. Presumo que esse maldito Kit Durham planeou tudo consigo, mas agora o que interessa é que perceba que não existe um tal matrimónio. A lei requer que a cerimónia seja celebrada com a aprovação da Igreja anglicana e que não exista qualquer tipo de coacção. Para além da manifesta incapacidade de Jervaulx e da perseguição falsa, temos uma testemunha que pode explicar as irregularidades da própria cerimónia. Tudo isto tem um aspecto muito feio, *miss Timms*, mesmo muito feio. Existem penas muito severas para o tipo de brincadeira que tentou fazer.

- Não contratei ninguém - disse Maddy. - Eu...

- Não pense que vai conseguir alguma coisa se fizer do senhor Durham o seu bode expiatório. Pode ter sido ele a fazer o trabalho sujo mas encarregar-me-ei, e com todas as minhas forças, *miss Timms*, de que seja a senhora a receber o castigo que merece, se a isso me obrigar.

- Manning - disse o segundo homem num tom de voz conciliador -, deixa-me ser eu a falar com ela. Tente compreender, *miss...* bom, minha senhora. Estamos muito contrariados. Não gostamos nada de arrastar todo este assunto pela lama, mas a senhora deveria parar para pensar durante um momento. Por isso, estamos aqui, percebe? Não queremos ir até ao fim, mas a senhora está a colocar-nos numa posição muito desagradável, com tantos gastos, bailes e outras coisas. Suplico-lhe que pense no assunto.

- Em que é que devo pensar?

- Em cortar os gastos, minha senhora - disse Manning abruptamente.

- Que também são nossos - acrescentou Stoneham. - Não faça com que tenhamos que chegar a uma audiência pública. Pense no nome de família, minha senhora. Tenha piedade. Devolva-nos apenas Jervaulx, e não teremos que ir a tribunal.

- Onde a senhora perderia tudo, *miss Timms*, tudo, ao mesmo tempo que o declarariam incapaz. E não tenho problemas em dizer que é precisamente a senhora a principal prova contra a incapacidade mental de Jervaulx. O casamento dele com alguém como a senhora e as acções perturbadas que executou sob a sua influência. Despedir *Tor-byn*, a arma, a tiara, o monte de dívidas, este baile, numa altura destas. Admito que Jervaulx pode enganar qualquer um à primeira

vista, mas tudo isto que lhe digo virá a lume perante o tribunal e então a senhora terá de desaparecer... sem nada. Excepto, talvez, um lugar num transporte de prisioneiros.

- Mas não queremos chegar a esse ponto - acrescentou Stoneham rapidamente. - Estamos dispostos a ser generosos. Muito generosos. Faremos o que for preciso para evitar a audiência pública.

Maddy sacudiu a cabeça ao mesmo tempo que tentava compreender o que ouvia.

- Mas... que estão a dizer? Não querem que aconteça?

- Claro que não queremos! E pagar-lhe-emos. Com a tiara, como disse Manning. Fique com ela.

- Mas porquê? - perguntou Maddy, estupefacta.

- Miss Timms, suplico-lhe que não nos faça perder tempo ao fazer-se passar por inocente - disse Manning. - Se estiver de acordo e não se opuser à anulação do matrimónio, estamos dispostos a consentir que fique com a tiara.

Maddy ficou imóvel na cadeira e olhou-o fixamente.

- Pode ser anulado?

- Claro que sim. E anular-se-á, quer queira quer não. A única decisão que tem de tomar é se será razoável e ficará com o que lhe oferecemos, ou se nos obrigará a tirar-lhe tudo à força.

- Não me tinha ocorrido... - disse Maddy num tom de voz mais baixo e de olhar perdido. - Mas pode ser anulado? - Interrompeu-se e humedeceu os lábios. - Depois de?...

- Ah! Mas a senhora cora! - exclamou Manning num tom muito desagradável. - Isso apenas demonstra a sua falta de astúcia. Por acaso achou que a consumação do matrimónio a protegeria? Foi um casamento ilegal e fraudulento. O duque não estava na plena posse das suas faculdades. Pode ser anulado.

- Mas a senhora pode evitar que cheguemos a esses extremos se colaborar connosco - disse Stoneham. - Se aceitar que seja anulado, e alegar que não chegou a consumir-se, seria tudo muito mais simples. Não teríamos que pedir uma audiência pública.

- E se está grávida, o que na verdade espero, para seu próprio bem, que não esteja - acrescentou Manning -, podemos combinar entre nós um valor para a criança. É muito mais do que conseguiria de outro modo.

Maddy levantou-se de repente e afastou-se deles, das suas falsidades, condições e manipulações. Parou em frente do espelho e contemplou a figura prateada e desconhecida que se reflectia nele.

- Então não querem a audiência pública - disse, e a estranha do espelho pareceu-lhe muito mais segura de si mesma e sofisticada que a ingénua Maddy Timms.

- Está a tentar livrar-se da lei, minha senhora? Maddy voltou a olhar para a figura prateada e virou-se.

- Se aceitar a anulação, quero a garantia que nunca haverá uma audiência. Nunca.

- Tem a nossa palavra - apressou-se Stoneham a dizer.

Maddy olhou para eles, primeiro para Stoneham e de seguida para o tenaz e beligerante Manning. Não eram amigos. Não podia confiar neles.

- Ainda não decidi. Vou ter de pensar - disse. Virou-se para sair do quarto, o vestido a emitir um forte som sussurrante.

Manning pegou-lhe no braço.

- Não dispõe de muito tempo, minha senhora - disse. - Resta-me muito pouca paciência.

Maddy soltou-se e dirigiu-se para a porta.

- E não tente convencê-lo a voltar a fugir - acrescentou Manning. - Estou a avisá-la, porque desta vez sair-se-á muito mal.

Christian não conseguia encontrar Maddy. Para se esquivar a um casal que conversava animadamente enfiou-se no espaço vazio de uma janela de canto e, de repente, deteve-se ao ver em

baixo na rua um homem parado debaixo de um candeeiro.

Agarrou-se convulsivamente às cortinas. De seguida recuou e chocou com um convidado que se encontrava atrás dele. O homem começou a desculpar-se, mas Christian não lhe prestou qualquer atenção e abriu passagem entre a multidão.

A Besta estava lá em baixo.

Christian mal conseguia respirar. Continuou a avançar entre a massa de convidados, sem ter em consideração o tumulto que causava. No alto da escadaria, agarrou um criado pelo braço.

- Fora... o homem... barbeado. O criado olhou-o, perplexo.

- Excelência?

- Livra-te dele! - exclamou Christian enquanto o empurrava pela escadaria abaixo. Com um olhar de incerteza, o criado fez uma vénia e começou a descer as escadas. Christian observou-o a descer e voltou para junto da janela para ver o que acontecia no exterior.

O criado de libré falava com o cocheiro de um dos convidados, e o homem encolhia os ombros. Não havia ali mais ninguém.

Uma mão pousou no ombro de Christian. Este deu um salto e virou-se para se lançar furioso sobre o seu assaltante, mas viu que se tratava apenas de um deputado e conseguiu controlar-se a tempo. O político sorriu e agitou a taça de champanhe antes de se lançar num extenso discurso sobre a emancipação dos católicos. Christian ficou a olhá-lo, incapaz de pronunciar uma única palavra. Olhou por cima do ombro do interlocutor e viu atrás dele o homem das sangrias, com a habitual casaca dos *quakers*. Este deteve-se por um momento na porta mais afastada de Christian e, de seguida, entrou e perdeu-se entre a multidão.

O político interrompeu-se e olhou para Christian com um olhar interrogador.

- Isto... Está com muito mau aspecto, meu amigo. Quer que abra a janela?

34

Na penumbra fria dos estábulos do duque, uma fileira de oito silhuetas perfeitamente alinhadas mostrava as patas traseiras da nova parelha de cavalos. Os animais moveram-se e relincharam ao sentirem a presença de um intruso. Maddy parou a habituar os olhos, depois do bulício da festa e das sombras do pátio traseiro, àquela escuridão profunda.

O tecido do vestido captava e emitia a pouca luz existente. Levantou a saia e dirigiu-se para a carruagem que se encontrava no fim do beco mas, ao chegar junto dela, virou-se e voltou para trás ao mesmo tempo que tentava aclarar ideias, a tentar encontrar a Luz e certas respostas.

Outro sinal do quanto se afastara do caminho da Verdade. Aquela dificuldade em alcançar um estado de serenidade interior e ouvir a própria consciência. Perdera o rumo. Há muito tempo que perdera o rumo. Há muito tempo que não ia a nenhuma Assembleia nem rezava, e sabia que nem sequer o tentara. Todas aquelas noites de preocupações tinham sido apenas isso: preocupações, tristeza e o desejo de que as coisas fossem de outro modo. Tinha sido apenas uma firme e obstinada resistência à Verdade.

Não pertencia ali e, no entanto, ficara. Porquê? Richard suplicara-lhe que partisse. Os próprios anciãos tinham-lhe dado a entender que podia regressar com eles quando quisesse e, apesar disso, continuava ali.

Porque Jervaulx precisava dela.

Porque tinham transformado o seu casamento em algo de irrevogável.

Mas Jervaulx não precisava dela e o casamento não era irrevogável.

Pouco a pouco, as janelas arqueadas que davam para o beco começaram a delinear-se. As garupas de cor bege vislumbravam-se tenuemente e, mais ao fundo, havia duas baías negras e

vazias. Quando aguçou a vista, Maddy conseguiu ver o brilho fraco da carruagem que utilizavam para as deslocções à cidade, bem como o outro veículo um pouco mais afastado. Algo esfregou-se-lhe contra a saia e Maddy saltou assustada, mas tratava-se apenas de um gato que começou a ronronar muito alto.

Um matrimónio que não era um matrimónio. Um casamento que fora uma farsa, um embuste. Maddy sentiu a raiva a crescer-lhe rapidamente no interior e tirou a aliança de opala do dedo. Nunca saía de Londres, admitira Fane, mas Maddy recordava perfeitamente Jervaulx a dizer que o coronel lha dera mesmo antes da cerimónia. Mentiras e falsidades. Camponeses contratados para arrombar a porta! Para que ela acreditasse que Christian estava em perigo, para a usarem, para lhe arruinares a vida porque Jervaulx só conseguia pensar em si mesmo.

Então sim, precisara dela, e muito.

Deteve-se em frente de uma janela e olhou para as cavalariças. Os outros estábulos estavam às escuras. A única luz que caía em ténues quadrados sobre o empedrado do beco procedia dos alojamentos dos moços de estrebaria nos pisos superiores.

O casamento podia ser anulado. Assim ela poderia voltar para casa. Até lhe estaria a fazer um favor ao remover aquela terrível mancha da sua sanidade, por se ter casado com uma *quaker*. Tinham prometido que não haveria nenhuma audiência pública se o deixasse. Sentira todo o ódio contido de Manning. Talvez o conseguisse levar com ela, do mesmo modo que a raposa afasta os cães para longe das crias.

Voltou a avançar pelo corredor, e passou junto das imperturbáveis garupas dos cavalos. Não podia confiar naqueles homens. Não podia confiar na palavra deles. Aprendera isso com o mundo de Jervaulx, e ele ensinara-a bem.

Recordou-se da noite em que o deixara ali, e como a sua inquietação aumentara a cada quilómetro que se distanciava, até que virara as costas ao pai e regressara para encontrar Jervaulx encurralado por eles. Sem dúvida que essa inquietação fora causada pela voz de Deus, que lhe falara ao coração e lhe dissera o que fazer.

Se ela, a sua esposa legítima, não estivesse ali, o que é que os impediria de voltarem a tentá-lo? Mas, se não era a sua mulher legítima, então o que é que os deteria?

Como o poderia abandonar, sabendo o que lhe poderiam fazer pela força, lei ou maldade?

Mas como poderia permanecer ali?

Apertou a aliança entre as mãos frias e levou-as à boca. Como chegara àquele ponto? Como podia amá-lo para além de toda a lógica?

Elias Little tinha a resposta. Porque se afastara da Verdade, e caíra no egoísmo e na tentação carnal. Não pedira auxílio aos Amigos, nem ouvira os conselhos de Richard quando o conheceu. Colocara-se sempre ao lado daquele homem perverso e mundano.

Mas ele precisava dela.

Não, não precisava.

No exterior, brilhou a luz de outro candeeiro a gás, e o ruído de um portão a abrir-se devolveu o estábulo da frente à vida. Vozes espalharam-se pelo beco, e a grande porta do estábulo vazio abriu-se.

Uma figura que até àquele momento permanecera invisível surgiu à luz e voltou a desaparecer entre as sombras. Era uma mulher com a cabeça tapada por um xaile. Maddy ficou a olhar pela janela.

- Que quer? - perguntou um dos moços de estrebaria à sombra, mas apenas recebeu uma negativa fraca como resposta. - Então, saia daí - acrescentou. - A nossa carruagem vai entrar.

Havia sempre pessoas famintas e mendigos na praça. Era uma das ironias dolorosas daquele lugar, e algo que Maddy nunca enfrentara directamente. Sentiu nesse momento a enormidade da sua falha, uma cegueira conveniente contra o alívio do baile, as mesas cheias de comida e as gargalhadas provocadas pelo álcool.

Ouviu-se o eco dos cascos dos cavalos na rua. O bater da carruagem sobre o empedrado fez com que se iniciasse uma certa azáfama no lugar. Os candeeiros do veículo reflectiram-se contra os

vidros das janelas do piso superior, ao mesmo tempo que o cocheiro fazia com que os cavalos recuassem com uma habilidade nascida da experiência. Quando a carruagem parou em frente do portão, um criado desceu da parte traseira. Tirou um dos candeeiros do suporte para que os moços de estrebaria tivessem mais luz, e estes, com toda a eficácia, começaram a desenganchar a parrelha de animais.

O bafo da respiração gelada dos moços de estrebaria misturou-se com o vapor dos cavalos. Um a um, conduziram os animais para o interior. De seguida, os rapazes voltaram, agarraram o eixo e, com um assobio baixo e um forte puxão, empurraram a carruagem para o interior do estábulo.

O criado fez uma verificação rápida do empedrado com o candeeiro e iluminou por instantes a figura silenciosa da mendiga. Não pareceu aperceber-se da presença dela. A respiração do homem brilhou por instantes enquanto regressava ao interior do recinto e pegava na aldraba da porta. Aquela enorme barreira fechou-se com estrondo.

O beco regressou ao silêncio e à penumbra, com excepção dos murmúrios da festa que ressoavam sobre o empedrado nu.

Maddy permaneceu imóvel junto da janela. Todo o calor que sentira ao caminhar agitada desaparecera. Estava a tiritar apesar do abrigo que o estábulo lhe oferecia. Embora não conseguisse ver a mendiga, sentia com uma enorme intensidade aquela presença invisível nas sombras.

Respirou fundo e esfregou os braços frios. De seguida, abriu a porta do estábulo e saiu para o beco.

A mulher levantou-se e dirigiu-se de imediato para ela, como se estivesse à espera.

- Que devo fazer? - perguntou.

Maddy deteve-se, surpreendida pelo modo directo com que a mulher se lhe dirigira.

- Tens fome? - perguntou-lhe.

A figura encapuzada aproximou-se dela e também se deteve com a mesma expressão de surpresa. Era uma rapariga muito mais jovem do que aquilo que Maddy pensara, de faces gorduchas e olhos vermelhos.

- Desculpe, minha senhora - disse a jovem e fez uma reverência rápida. - Não queria... Pensei que a senhora... Disseram-me para esperar aqui. Desculpe. - E voltou a esconder-se entre as sombras enquanto apertava com força um embrulho que levava.

- Tens fome? - voltou a perguntar Maddy. - Queres passar pela cozinha?

- Não, não, minha senhora. Disseram-me que não entrasse. Maddy avançou alguns passos, desorientada.

- Não tenhas medo. Sou... sou a senhora desta casa. Se digo que podes entrar, é porque podes.

De repente, a rapariga deixou de recuar.

- Então, a senhora é a governanta? - exclamou, aliviada. Voltou a fazer uma vénia e aproximou-se de Maddy. Estendeu-lhe uma carta e continuou a apertar o embrulho contra o corpo. - Se tiver a bondade, minha senhora, disseram-me que viesse até aqui e dissesse a sua excelência que chegou o embrulho da senhora Sutherland.

Maddy pegou na carta. Não estava selada. A rapariga abriu o papel para que visse o que continha. «Envia-me o fardo», dizia, escrito na letra facilmente reconhecível de Jervaulx.

- Ah - disse Maddy. - Bom, então entra. Não há motivo para esperares aqui fora.

De repente, ouviu-se um ligeiro gemido vindo do embrulho que a rapariga segurava entre os braços. Levou-o ao ombro e embalou-o suavemente, ao mesmo tempo que olhava para Maddy e sorria como se a desculpar-se.

Maddy permaneceu imóvel durante alguns instantes. Sentia-se à beira de um enorme precipício, e não conseguia respirar nem pensar.

Fez um esforço e sussurrou:

- E é da senhora Sutherland? A rapariga voltou a inclinar-se.

- Sim, minha senhora.

Maddy começou a tremer. O frio apoderara-se dela. Cobriu-se com os braços.

- Um embrulho? É esse? - perguntou numa voz trémula. - O fardo... é esse?

- Sim, minha senhora - respondeu a jovem e voltou a sorrir com uma certa expressão de tristeza. - Esses aristocratas não são horríveis por lhe darem esse nome? E uma menina encantadora. Sou a ama-de-leite. Perdi o meu filho há dois meses.

Aquela confissão simples quebrou o atordoamento em que Maddy se encontrava. Começou a cair pelo precipício, uma descida real, a pique, que fazia com que compreendesse o que acontecera.

Eydie. A senhora Sutherland.

Tinham sido amantes.

E tinham tido um filho.

- Sente-se bem, minha senhora? - perguntou a rapariga. Maddy pestanejou. Não conseguia parar de tremer. Os olhos

tinham-se-lhe enchido de lágrimas e via a jovem desfocada, entre luzes e sombras.

- Estou bem - disse numa voz apagada. Pigarreou. - Estou bem. Tinham um filho. Tinha-o feito com ela... com *Eydie*.

Todos os beijos dele. Sabia tanto, sabia tudo. E Maddy, perdidamente apaixonada, cativada, pensara que fora perverso por guardar uma madeixa de cabelo e uma miniatura.

Estivera cega. Cega, deslumbrada e perdida. Ouviu o choro fraco da criança e, em vez de sentir uma repugnância justificada, sentiu apenas uma vaga de amor, dor e pena que a afogou, porque a menina era dele, porque lhe pertencia, e Maddy amava até a desonra e a ignomínia se lhe pertencessem a ele.

- A senhora deve ter mais frio que nós pela maneira como está a tremer. Entramos, então?

- Eu...

A campainha dos estábulos começou a soar desabridamente, como se fosse um alarme de incêndios. Tanto Maddy como a rapariga recuaram quando começaram a acender-se tochas e surgiram moços de estrebria a correr por todos os lados. A criança começou a chorar. Atrás da jovem, viu-se um intenso clarão de luz vindo do fim da rua. Uma parelha de cavalos passou a trote sob o arco, ginetes vestidos de vermelho e ouro, de tochas erguidas e a preceder uma carruagem que dobrou a esquina com uma enorme elegância. O cocheiro estava sentado sobre um sumptuoso assento azul e púrpura e levava peruca e jarreteiras, como correspondia à realeza. O rei acabara de chegar.

Na entrada principal, Christian encontrava-se numa enorme agitação silenciosa, eufórico e alterado, enquanto ajudava sua majestade a efectuar o penoso trajecto desde a borda do passeio até às escadas. Christian encontrava-se de um lado e Wellington do outro.

Wellington, pelo amor de Deus. Christian viu-se de repente imerso num jogo político. Podia utilizar o rei, e assim o rei podia utilizá-lo a ele. Não gastara muita da sua preciosa concentração a ler jornais, mas lera o suficiente para saber que existiam fortes pressões e que era provável que o actual governo desaparecesse dentro em breve. E a única explicação possível para aquela exibição pública das diferenças existentes entre o rei Jorge e o *duque-de-ferro* era que, desse modo, preparavam o caminho para que Wellington assumisse as rédeas do governo.

Tinham escolhido o baile para encenar aquela reconciliação, o que era um golpe de grande sorte, mas Christian não tinha tempo para se regozijar. Não tinha a menor ideia do paradeiro de Maddy, quando esta deveria ter estado ao seu lado para receber o rei ao descer da carruagem e, nesse momento, deveria estar ali junto da porta. Raios, onde é que se teria metido?

O rei Jorge pousou uma das pernas inchadas sobre o segundo degrau enquanto se agarrava com força ao braço esquerdo de Christian. Wellington, do outro lado de sua majestade, abraçou a figura pouco majestosa. Um forte cheiro a óleo para o cabelo ergueu-se dos caracóis lustrosos da peruca castanha de Jorge IV, e misturou-se com o perfume forte que emanava do seu lenço de bolso. Christian afastou o rosto para respirar dissimuladamente uma lufada de ar fresco e, de seguida, voltou a olhar para a frente. Nesse momento, uma enorme sensação de alívio apoderou-se dele.

Ela estava ali, de pé no umbral, com Calvin e dois criados altos atrás dela. A tiara reluzia. As faces eram dois pontos vermelhos no meio de um branco-intenso. Os lábios também estavam pálidos. Christian desejou com todas as forças que Maddy não desmaiasse naquele momento.

Sorriu para a animar e voltou a ocupar-se do rei sem esperar pela reacção dela. Os ajudantes reais avançavam à volta deles, e Christian perdeu Maddy de vista quando chegaram à porta e o rei entrou. Este deu umas palmadinhas no braço de Christian.

- Obrigado, obrigado, meu amigo. Acho que já consigo ir sozinho. Onde está a minha bengala?

O rei apoiou-se na bengala. O vestíbulo estava cheio de convidados - aqueles que sabiam gozar do favor real tinham-se apressado a descer do piso superior. Jorge estendeu a mão a todas as pessoas com uma expressão de satisfação enquanto, discretamente, Calvin e os criados o conduziam para a sala que tinham preparado para ele.

Christian ouviu a reacção das pessoas ao verem Wellington. Ergueu-se pelas escadas como um maremoto, um ligeiro murmúrio que se foi convertendo num rugido. Para o inferno com todos. Para o inferno com a Besta, com o homem das sangrias, com Manning e com toda a sua família.

Wellington permaneceu atrás do rei enquanto este se mantinha ocupado. Christian, que não era muito apreciado por aquele herói de guerra *tory*, sentiu-se atravessado por aqueles célebres olhos azuis que tinham avaliado com um único olhar campos de batalha inteiros. O *duque-de-ferro* inclinou a cabeça para o cumprimentar.

- Sua majestade ordenou-me que o acompanhasse esta noite. Espero que não vos seja um incómodo.

Christian deu-lhe a mão.

- É... uma honra - disse e pensava-o de verdade. Viu que o *duque--de-ferro* se apercebera rapidamente do seu modo de falar. - Mudei - acrescentou de imediato, depois de considerar que Wellington, com todos os seus contactos nas mais altas instâncias governamentais, estaria ao corrente do que acontecera no gabinete do lorde-chanceler. Esboçou um ligeiro sorriso. - O duque... melhor que ninguém... sabe que as grandes provas... nos mudam.

Wellington olhou-o com uma expressão intensa e trocista enquanto apertavam a mão. Christian continuou a olhá-lo directamente no rosto. Se fora capaz de sobreviver ao seu inferno particular, não tinha motivos para desviar os olhos devido às suas ideias políticas.

Wellington franziu as sobrancelhas.

- Alguma possibilidade de alteração quanto às suas opiniões liberais?

Christian encolheu os ombros.

- Não me parece.

O militar resmungou.

- Bem, pelo menos, é consistente consigo. Concedo-lhe isso - disse com um sorriso fraco. - Um *visage de fer*. É a única escolha possível na vida, não acha?

Christian abriu as mãos, a indicar o baile que o cercava - o seu próprio rosto de ferro. Wellington, que não era nenhum tolo, inclinou a cabeça em sinal de reconhecimento. Pousou uma mão sobre o ombro de Christian e apertou-o com força antes de se virar para o rei.

Jorge chegara por fim ao sofá da sala, no qual se sentou entre o sussurrar dos colchetes do corpete. Chamou Christian ao mesmo tempo que sorria como se fosse um querubim obeso de faces rosadas.

- Não nos vai apresentar à sua duquesa?

Christian virou-se. Maddy permanecera junto da porta, meio escondida entre os convidados e os cortesãos, enquanto *lady* Conyngham e Knighton se sentavam.

Christian estendeu o braço. Maddy não o olhou, mas avançou e deteve-se em frente do rei. O murmúrio das conversas apagou-se.

- Archimedeia - disse Christian. - Duquesa de Jervaulx.

Maddy estendeu a mão sem inclinar a cabeça, nem fazer qualquer reverência.

- Dou-te as boas-vindas - disse num tom solene. O rei Jorge desatou a rir.

- Valha-me Deus! Sei que é *quaker!* Disseram-mo, mas não quis acreditar - disse ao mesmo tempo que pegava na mão de Maddy. Bei-jou-a e apertou-a entre as suas. - Sinto um enorme apreço pela sua gente, um enorme apreço. São bons, amáveis e honrados. Escolas, bíblias, bancos. A senhora honra-os, minha querida.

Em voz baixa e firme, Maddy respondeu:

- Devo dizer que já não me consideram amiga. O rei deu-lhe umas palmaditas na mão.

- Por causa do seu casamento, não é verdade? Acho que, por vezes, os princípios religiosos são um fardo para todos nós. Mas tem o seu marido, que é um verdadeiro cavalheiro, para a consolar. - De seguida, olhou para Christian. - Não se esqueça que o consideramos um bom amigo. Estaremos ao seu serviço sempre que precisar.

Christian fez uma reverência. Foi com enorme esforço que não desatou a rir à gargalhada. O rei... e Wellington.

Para o inferno com todos! Que tentassem pôr-lhe um dedo em cima!

Christian abriu o baile, limitando-se a levar Maddy até ao centro da sala. Inclinou-se perante os convidados e perante ela, e fez um sinal ao maestro para que comesse a tocar. Para o inferno com as desculpas e as explicações. Que pensassem o que quisessem de uma duquesa que não dançava.

Quando saíram da sala, enquanto se formavam pares e todas as pessoas tinham a atenção concentrada no baile, Christian apercebeu-se de que ele e a mulher estavam sozinhos e que ninguém os observava.

Estava tão eufórico com o seu triunfo que pegou na mão gelada de Maddy, puxou-a para si e beijou-a, enquanto a música os envolvia.

Inalou uma brisa nocturna procedente dela, uma ilha de limpeza fresca no meio daquela atmosfera carregada de perfume. Maddy não o olhara no rosto nem uma única vez, mas não lhe importava. Naquele momento sentia-se invulnerável. Nenhum mal lhe podia acontecer.

Durante alguns instantes, pareceu-lhe estar enganado. Maddy mantinha-se rígida e afastou-o com um forte empurrão. Christian soltou-a. Ela recuou alguns passos e olhou-o, a sua Maddy, a sua Atena refulgente e sábia, prateada e bela até quando exibia uma expressão tão séria. Olhou-o com aquelas pestanas que lhe convertiam os olhos verdes em dourados, simultaneamente tão casta e sensual, o que fazia com que o sangue lhe ardesse no interior.

- Amo-te - disse ele entre dentes, a música a sufocar-lhe as palavras. Sabia que ela não o conseguia ouvir. Não queria que o ouvisse. Não queria que naquela noite, na sua noite, ela tivesse a oportunidade de lhe responder, quando tudo - até o seu ser maculado - gritava vitória.

- Agora estás a salvo? - perguntou ela ainda afastada dele. Christian não tentou aproximar-se.

- A Besta... aqui - disse-lhe.

Maddy fechou as mãos. Deu um passo trémulo na direcção dele e deteve-se.

- A Besta - repetiu. - O médico... do manicómio. Calvin encon-rou-os... malditos filhos da mãe... a tentarem passar despercebidos... entre os convidados.

O corpo de Maddy estava tenso e as mãos eram punhos brancos contra o vestido prateado. Christian sorriu com malícia.

- Agora estão presos. Intrusos. Ladrões.

- Presos? - perguntou Maddy ao mesmo tempo que escancarava os olhos, estupefacta. - Mandaste prender o primo Edward como se fosse um ladrão?

- Acorrentados... detidos. - Os lábios de Christian torceram-se deliciados perante a ideia. - Que aproveitem. - Christian viu que Maddy não estava muito satisfeita. Olhava-o com uma expressão que foi incapaz de interpretar. Encolheu os ombros e acrescentou: - Talvez amanhã... ou dentro de uma semana... retirarei a queixa. Sou uma pessoa melhor. Por ti. Deixá-los-ei livres.

De repente, a expressão de Maddy alterou-se. Todos os vestígios de severidade desapareceram-lhe do rosto. Lançou-se sobre Christian e abraçou-o. Levantou os braços e puxou-o para si, ao mesmo tempo que erguia a boca para ele.

Christian soltou um gemido de entusiasmo e prazer como resposta. Maddy lançara os braços à volta dele com uma intensidade que o surpreendera, e então abriu os lábios e beijou-o frenética, como se nunca o tivesse feito antes e nunca mais o pudesse voltar a fazer, como se não existisse ninguém por perto que os pudesse ver. Christian esqueceu-se do baile e da música e perdeu-se nela. Sentiu o corpo de Maddy a aper-tar-se contra o seu cheio de desejo, cheio de uma promessa que a Christian era difícil adiar.

- Maddy, minha Maddy... - Por fim, com um grande esforço, separou-se dela. Christian sabia que tinha um sorriso tolo no rosto, mas não o conseguia evitar. Era tão feliz... mais do que alguma vez o fora em toda a sua vida.

Maddy olhou-o intensamente, a morder o lábio inferior. Parecia quase doente, com aquela palidez que contrastava com as faces rosadas.

- Em breve - murmurou a acariciar-lhe o rosto ardente. - Primeiro... temos de nos livrar do rei. - Com a ponta do dedo, percorreu o nariz de Maddy e beijou-a na ponta. - Então sozinhos... tu e eu.

Maddy baixou os olhos. Sem proferir palavra, afastou-se dele, virou-se e desceu as escadas.

Raios, sua majestade só se retirara por volta das seis. Nessa altura, Christian só o via através de uma vertiginosa neblina, fruto de esgotamento. Estava exultante, quase eufórico. Já não se achava capaz de poder fazer nada bem feito mas, de algum modo e a cada momento, conseguia-o.

Maddy não deixava de o surpreender. Das centenas de vezes em que olhara para ela, pensou em como era formosa. Cativara-o com a sua simplicidade prateada, com a sua delicadeza sóbria. Sentia-se orgulhoso dela. Não se inclinara perante o rei, não deixara de ser ela mesma, nem de ser constante consigo por um instante. Até passara meia hora a conversar com Wellington, sem dúvida a debater a marginalização política dos grupos religiosos dissidentes. Os dois constituíam um quadro, tão dignos e sérios. Christian sorriu.

Sempre que olhava em volta, via uma enorme quantidade de mulheres que poderia ter tomado como esposas, mas não imaginava nenhuma delas a ajudá-lo a sobreviver a tudo aquilo. Para o inferno se Maddy não sabia dançar. Isso ainda a tornava mais especial.

Procurava constantemente Manning e Stoneham, mas não os viu. Era-lhe indiferente. Queria apenas ver com que cara tinham ficado.

Ao amanhecer, quando a última carruagem partiu sob a luz fria deixando atrás de si uma casa que cheirava a vinho e a perfume rançoso, Christian queria apenas deitar-se e deixar que uma bendita inconsciência se apoderasse dele.

Viu Calvin a fechar a porta e a baixar-se para apanhar do chão uma pena partida. Já há algum tempo que Maddy desaparecera. Não a podia culpar por isso. Ele quase nem conseguia ver as mãos de tão cansado que estava.

Subiu as escadas e passou em frente do salão que os criados - contratados para a ocasião - já estavam a varrer. Subir outro piso parecia-lhe quase impossível, mas o quarto de vestir no qual dormira durante o último mês estava cheio de cadeiras e flores.

O seu criado de quarto apareceu vindo das escadas das traseiras. Christian sacudiu a cabeça e o homem retirou-se. Encostou-se ao corrimão e olhou para cima. Mais um lance de escadas e Maddy estaria ali, no quarto de hóspedes. Queria deitar-se junto dela e dormir. Já chegava daquela estranha distância existente entre ambos.

Aquele beijo. A pulsação acelerou-se-lhe. Naquela noite...

Bom, já era de manhã. Christian sorriu, afrouxou o laço e subiu as escadas.

No átrio superior, um feixe de luz matinal procedente da porta aberta do quarto de hóspedes estendia-se sobre o tapete. Christian hesitou durante alguns instantes e tentou desanuviar a cabeça esgotada. De repente, sentiu vergonha, depois de tanto tempo, em aparecer no quarto como se nada se tivesse passado. Podia fingir que se esquecera de mandar preparar dois quartos. Ou podia simplesmente voltar a beijá-la - ideia que, de novo, o voltou a excitar -, lançá-la sobre a cama e beijá-la. Não lhe faltava vontade.

Ouviu um suave murmúrio feminino procedente do interior do quarto. Fez um esforço,

voltou a mover-se e afastou-se da parede.

- Missmaddy? - perguntou a olhar para a porta com uma expressão calma, totalmente incapaz de encontrar alguma desculpa ou explicação, e sem se parecer com um grande cavalheiro.

O quarto de hóspedes estava decorado com um elegante gosto feminino, numa radiante chita rosa ainda não obscurecida pelo tempo. No pequeno tamborete para os pés de uma poltrona estofada, estava sentada uma rapariga que Christian nunca vira.

Tinha uma criança nos braços - a fonte dos murmúrios - que movia os bracinhos para tentar apanhar o laço da touca da jovem.

Durante alguns instantes, Christian teve a estranha sensação de se ter enganado na casa. Não conhecia aquele quarto, a rapariga era uma estranha, e a criança...

Imobilizou-se a olhá-las.

- *Raios!* - exclamou de repente, e entrou no quarto. Em cima da cama encontrava-se um tecido de um brilho metálico, o vestido de Maddy, com a tiara e uma carta selada por cima. Christian virou-se e olhou para a jovem. - O que é... que isto *significa*?

A criança calou-se ao ouvir a voz dele. A rapariga, que não se movera, humedeceu os lábios e disse:

- A senhora indicou-me que deveria esperar aqui por sua excelência.

Depois de dizer isto, levantou-se, ajeitou a criança sobre o ombro, fez uma reverência, e de seguida acrescentou:

- Esta é a menina, senhor. A senhora Sutherland partiu ontem, e disse-me que lha trouxesse.

Christian pegou na carta e abriu-a. A mão direita tremia-lhe e rasgou o papel ao meio. Não parecia capaz de juntar as duas metades, nem de decifrar o seu conteúdo. Ouviu-se a si mesmo a emitir sons de angústia. Tentou acalmar-se, encostou-se ao toucador e alisou o papel, mas as palavras não deixavam de lhe saltar perante os olhos de cada vez que as olhava. «Christian». Leu o seu nome. Viu palavras que diziam coisas, coisas que não queria ouvir. «Agora tenho de te deixar. Foi errado. O teu mundo, o casamento, ilegal, anulação. A tua filha.»

Fechou os olhos e inclinou a cabeça sobre a carta. Ficara sem fôlego, como se lhe tivessem batido no peito.

- Sai - disse. - Quarto... ao lado. Vai.

- Sim, senhor. - A jovem passou rapidamente por ele. Ouviu a porta a abrir-se e a fechar-se.

Maddy, pensou. Maddy, Maddy...

Christian puxou o cordão da campainha. Iria atrás dela. Trá-la-ia de volta. Explicar-se-ia. Saiu do quarto a correr e fechou a porta com uma pancada.

No quarto ao lado, a menina começou a chorar. Aquele som paralisou Christian. De repente, ocorreu-lhe que tudo aquilo era um erro, que Maddy o ouviria se dissesse que era um erro. A criança era de Eydie e ela deveria ficar com ela, mas ocorrera aquele mal-entendido... aquele lamentável mal-entendido.

Abriu a porta do quarto com um empurrão. A jovem olhou-o, assustada, e a criança recomeçou a chorar.

- Desculpe - disse ao mudar a menina de sítio no colo. - Não voltará a acontecer. É muito boazinha, excelência.

O olhar de terror que lhe lançou fez com que Christian se detivesse na soleira da porta. O choro interrompeu-se com a mesma rapidez. A rapariga tinha a menina sentada no colo de costas para ela, e Christian viu-lhe o rosto.

A criança voltou a choramingar. Os olhinhos cheios de lágrimas detiveram-se a olhar para ele com uma expressão de angústia, e a testa enrugou-se-lhe como se fosse fazer uma pergunta, como se fosse a passageira de uma carruagem de aluguer que acaba de descer e descobre que saiu na paragem errada.

E, como se se tratasse de uma estranha revelação, Christian reco-nheceu-se de repente nela. Não no rosto redondo e ainda sem traços característicos coroados por um monte de cabelos, nem na menina em si, que poderia ter sido qualquer criança escolhida ao acaso. O que viu foi o desconcerto

e a preocupação, o repentino cair na realidade de que o mundo era um lugar estranho e caprichoso, e a sensação um tanto absurda de impotência depois de se cair em areias movediças.

Ele conhecia muito bem aquela sensação.

Christian abriu a mão. Solto a porta e avançou alguns passos. Aqueles olhos tão abertos que não pestanejavam seguiram-lhe os movimentos com uma perplexidade ardente. A criança olhou-lhe para a camisa e para a casaca negra, como se todo ele fosse alguém de grande mas incompreensível importância.

De seguida, olhou-lhe para o rosto. E então, de repente, sorriu, como o faria uma apaixonada que o tivesse vislumbrado entre uma multidão. «Estás aqui!» Aquela mensagem silenciosa iluminou a criança como uma vela e também o encandeou a ele. «Por fim, estás aqui!»

A menina agitou os braços e começou a arrulhar, animada. Christian recuou um passo, chocado por aquela sensação que o sobrecarregava.

- Vai para o inferno - disse em voz baixa e a menina riu-se.

- Desculpe, senhor? - A voz do criado de quarto atrás dele fez com que se sobressaltasse.

Com enorme esforço, Christian concentrou-se no criado.

- A duquesa... - De repente, Christian apercebeu-se de que toda a casa o ficaria a saber. Sentiu-se avassalado pela fúria. - Quando se foi embora. Informa-te.

- Excelência, a cozinheira diz que a senhora saiu pela cozinha há duas horas, sem deixar que ninguém a seguisse.

Christian sabia para onde tinha ido. Ter com os seus *quakers*, com aqueles seres sombrios que tinham estado ali no dia anterior.

Ou com Richard Gill.

Um impulso de violência muda explodiu-lhe no interior. Pois que vá! Que vá, que fique com ele. Christian bateu na porta com o antebraço, e fez com esta embatesse estrondosamente contra a parede. A criança recomeçou a chorar.

- Cala-te, cala-te - acalmou-a a jovem, mas a menina começou a chorar ainda mais. Levantou-se e encostou-a ao ombro, mas o pranto não parava. - Acalmar-se-á se a deitar - explicou a ama-de-leite. - Se a pudesse deitar nalgum sítio... Tenho estado toda a noite com ela nos braços.

- Então deita-a - disse Christian e apontou para a cama. - Ali.

Aproximou-se da campainha ao mesmo tempo que a jovem obedecia às suas indicações. Aquela criança, aquela maldita criança, Richard Gill, Maddy... Maddy... Decerto não queria aguentar os coices daquela mula, pois não? Aquele imbecil piedoso não saberia nem...

Christian inflamou-se de raiva, pensamentos e imagens que o petrificavam.

Era sua. Era a sua mulher. Não ia deixar que Gill lhe tocasse. Puxou o cordão da campainha.

- O meu casaco - disse ao criado de quarto quando este reapareceu. - Que preparem a carruagem.

Sob uma das longas e abobadadas salas de exposição do viveiro de Butterfield em Lambeth, rodeado por fileiras de plantas envasadas, Christian esperava com um pé pousado sobre a extremidade de um banco. Inclina-se sobre um joelho a bater ligeiramente na perna com o chicote de montar quando o *quaker* surgiu ao fundo da estufa.

Gill deteve-se. Christian não lhe dirigiu palavra e limitou-se a olhá-lo de lado.

O último eco dos passos do jardineiro apagou-se no final da caverna abobadada. Gill devolveu o olhar a Christian com uma expressão contida e ligeiramente inquiridora, carente de qualquer triunfo ou desafio. Foi então que Christian soube que ela não estava ali.

Baixou os olhos e solto um pouco o chicote. Com a ponta do mesmo, tocou os botões dos cravos cor-de-rosa e brancos e contemplou as pétalas em silêncio. Sentiu de imediato uma enorme necessidade de varrê-las com o chicote, de arrancar os botões de todas as flores que se encontravam ao seu alcance.

Mas não o fez. Em vez disso, baixou a cabeça e esfregou os olhos com a mão.

- Deixou-te - disse Gill.

Ao olhar por entre os dedos da mão, Christian apenas viu a seda negra da própria roupa contra o fundo alegre das pétalas verdes. Moveu o chicote para sacudir a folhagem. Pensou que o cheiro a terra húmida e a cravos o faria sentir vergonha e dor para o resto da vida.

- Não me veio ver - disse o *quaker*. - Sabes a que Assembleia costumava ir?

Christian sacudiu a cabeça.

- Posso sabê-lo - prosseguiu Gill. - Se quiseres, enviar-te-ei notícias dela.

Christian sentiu-se no exterior de um enorme muro, os portões a fecharem-se, empurrados por sombrias figuras vestidas de negro.

Missmaddy, pensou, impotente. Maddy.

Ela partira de sua própria vontade e abandonara-o. Nunca poderia ser como ela, nem chegar a ser o homem que ela amara. Bastava lembrar-se da criança que chorava a plenos pulmões no quarto de hóspedes. Maddy repudiava a vida que ele levava. Era aquele jardineiro sério e temente a Deus, aquele simples perseguidor da virtude, que ela queria.

Olhou para Gill e pensou: *Mas nunca a farás rir, pois não? Serás amável, constante e sensato, muito mais sensato que eu, e ela respeitar--te-á. Maldito sejas. Maldito sejas. Melhor pessoa.*

Christian afastou a capa para trás e endireitou-se. Começou a andar, mas deteve-se ao empurrar a porta, e mudou o chicote e o chapéu de mão.

- Tem medo das trovoadas - disse. Era algo que talvez Gill nunca tivesse a oportunidade de descobrir por si mesmo.

E de fantasmas, pensou Christian ao sair para a neblina matinal. Mas não disse isso a Richard Gill.

O sol da manhã entrava por uma abertura entre as cortinas do quarto de hóspedes, e lançava um feixe de luz brilhante sobre a cama e as almofadas nas quais a criança estava deitada. Christian apoiou uma mão numa das colunas do dossel.

Olhou para a jovem, sentada a um canto, e apercebeu-se pela primeira vez de que parecia muito cansada.

- Comeu? - perguntou em voz baixa.

- Dei-lhe de mamar e limpei-a há cerca de meia hora, senhor. Christian nem tinha pensado nisso.

- Digo... tu.

- Ontem à noite. A senhora obrigou-me a comer quando entrámos - respondeu ela.

- Vai comer agora.

- Mas, senhor, não a posso deixar sozinha.

- Eu estou aqui.

- O senhor? - Até naquele quarto quase às escuras, o rosto reflectiu claramente as dúvidas que a assaltaram.

- Dez minutos - disse Christian. - Vai comer! A jovem inclinou-se e saiu a correr pela porta.

Christian fechou-a. Dirigiu-se aos pés da cama e deteve-se a olhar a criança, deitada de barriga para cima. Tinha-a acordado. Moveu os pequenos braços e soltou um ligeiro gemido que parecia prestes a transformar-se em pranto.

Preparativos. Escócia. Teria que escrever aos Sutherland. A simples ideia de tentar escrever deixava-o esgotado. O simples facto de se levantar esgotava-o.

A rapariga parecia responsável. Talvez lhe pudesse pagar para ser ela a levar a criança. Os gemidos da menina tornaram-se mais intensos, como uma porta a chiar, e começou a chorar com todas as suas forças.

Christian afastou-se da cama e fechou completamente as cortinas para que o feixe de luz brilhante desaparecesse. A obscuridade tornou-se mais densa, mas a menina continuou a chorar.

Não eram gritos, mais uma espécie de vagido desconsolado, como o de uma ovelha numa colina.

A criança só estava tapada com o xaile da ama. Christian pensou que o quarto estava frio, já que a lareira não estava acesa, e tirou a casaca. Quando lha colocou em cima, os olhos da criança voltaram a fixar-se nele. O choro acabou e transformou-se em pequenos soluços de incerteza. Christian recuou alguns passos e a criança recomeçou a chorar.

Comer, sentir-se limpa e quente. Christian não sabia que mais poderia necessitar uma criança pequena. Talvez se lhe pegasse, mas não estava disposto a chegar a esse extremo. Deveria ter chamado a rapariga, pois queria deitar-se antes que o corpo e a mente sucumbissem ao esgotamento puro.

Pensou que a podia deixar sozinha, já que não parecia correr qualquer perigo. Assim podia deitar-se na cama do quarto contíguo. A rapariga voltaria dentro de poucos minutos.

A menina continuou a chorar com soluços longos, débeis, como se tivesse a alma angustiada. Voltou a inclinar-se sobre ela para ver se na verdade tinha alguma coisa, ou se não passava de uma qualquer artimanha feminina que todas as mulheres aprendiam desde o berço.

A criança olhou para ele a chorar como se todo o mundo fosse demasiado triste para o poder suportar. A cama cedeu sob o peso de Christian e ele afundou-se sobre o ombro.

A menina parou de chorar e olhou-o com uma expressão de esperança, ao mesmo tempo que soltava pequenos suspiros.

- Céus - disse Christian. Deitou-se na cama, ajeitou a almofada debaixo da cabeça, e pegou no embrulho formado pela casaca, o xaile e a criança. Apertou-a contra o peito. Uma das mãozinhas agarrou-se a um dos botões da camisa. Soltou um soluço que, a meio, se transformou num suspiro suave.

Mulheres, pensou Christian com ironia ao mesmo tempo que se ajeitava melhor na cama e o sono se apoderava dele. Moveu um dedo e acariciou uma face suave.

Como te chamas?

Não te esqueças de o perguntar à rapariga...

Maddy...

«Agora tenho de te deixar. Foi errado.»

Não chores, não chores, pequenina... Estou tão cansado... Nunca te mereci, não é verdade?...

Maddy... Mas amo-te.

Sempre te amei.

35

Elias Little fora buscar o pai. Acharam que não seria aconselhável que Maddy também fosse, nem que corresse o risco de voltar a entrar em contacto com o mundo que abandonara. Ela aceitou as palavras sábias da Assembleia. Viveria retirada com os Little em Kensington até que terminasse o contrato de subarrendamento da casa de Chelsea, e ela e o pai pudessem voltar para o seu lar. Era-lhes óbvio que não iriam ser bem recebidos pelo primo Edward depois de este ter sido finalmente posto em liberdade depois do seu ignóbil encarceramento.

O pai estava muito apagado. Algum tempo antes, Maddy teria pensado que não se encontrava bem ao vê-lo tão calado, mas sabia que aquilo que o oprimia era o caos que ela trouxera à vida dele e também à sua. Nem sequer falava muito com Elias, quase como se estivessem de algum modo zangados depois de toda uma vida de fraternidade. Quando o solicitador apareceu para falar da anulação do casamento, foi Elias e Constance que a acompanharam durante todo aquele calvário de explicações. O pai nem entrou na sala.

O que lhe era mais difícil era não poder fazer o que os cunhados de Jervaulx lhe tinham pedido e afirmar que o matrimónio não se consumara. O caso teria de ter como base as próprias irregularidades do casamento e o facto de nenhuma das Dartes se onor à anulação.

Maddy sabia que cartas estavam a ser enviadas e juristas consultados, mas ela não tinha qualquer relação directa com aquilo. Elias e os anciãos encarregavam-se de todo o contacto com o mundo. A única tarefa que lhe fora reservada era a redacção de uma carta em que condenasse os próprios actos.

Era a coisa mais difícil que tivera de fazer em toda a vida. Não chorara nem uma única vez desde que partira de Belgrave Square mas, cada vez que se sentava com uma pena e um papel, a vista turvava-se de tal modo que era incapaz de escrever. Tentara-o várias vezes. Esperara até se sentir mais calma, fechara-se ao final da tarde, levantara-se muito cedo e até começara a fazê-lo depois de regressar das orações silenciosas de meio da semana, mas ensopava o papel com lágrimas abundantes.

Nessa noite, ao jantar, Elias trinchou o assado.

- Hoje o solicitador veio visitar-me - disse, e colocou um pedaço de carne no prato de Maddy antes de lho voltar a estender. - Garantiu-me que o duque de Jervaulx não quer levantar qualquer obstáculo que impeça o cancelamento do erro.

Era assim que lhe chamavam, «o erro». Maddy olhou para a comida que tinha no prato. Ninguém falou. Pegou nos velhos talhares de ferro com cabo de marfim branco e cortou um pedaço de carne com a faca, mas foi incapaz de a comer.

Voltara a integrar-se com toda a facilidade naquela vida simples, naquela tranquila espera silenciosa por Deus. Ajudava Constance com as lavagens, assistia às orações, acompanhava a amiga nas visitas aos doentes e aflitos. Era tudo muito simples. O correcto era levantar-se cedo, trabalhar muito e falar pouco. O incorrecto era ser-se preguiçoso, desonesto e caprichoso. Era incorrecto continuar a pensar nele.

Sentia-se como em casa mas, por vezes, muito longe dela. Não sentia a falta dos criados, nem das carruagens, nem do mobiliário rico. Nem sequer sentia a falta dos vestidos bonitos, sobretudo quando pensava no mal que lhe assentavam em comparação com as damas que, com todas aquelas plumas brilhantes, tinham dançado nos salões de Belgrave Square.

Só sentia saudades de uma coisa, e era a parte da sua alma que ficara lá.

Nalguns momentos estranhos e irracionais, descobria-se a si mesma a pensar que deveria estar a ajudá-lo a abotoar o colete, ou que ele queria que ela lhe escrevesse algumas cartas, coisas que nem sequer lhe pedira que fizesse desde que o braço ficara bom. Quando ouvia passos na escada, levantava rapidamente a cabeça, mas nunca eram passos rápidos e impacientes como os dele. Apertava então o anel de filigrana entre os dedos, o seu pequeno tesouro roubado, o seu único furto. Passeava entre os arbustos, detinha-se e apertava os braços contra o corpo ao levantar a cabeça para o Sol de Inverno que já se punha e para ele - como se ele estivesse ali, como se o pudesse sentir junto dela mais uma vez, apenas mais uma vez.

Mas ele não queria colocar-lhe nenhum obstáculo. Maddy levou o pedaço de carne à boca e obrigou-se a engoli-lo.

Antes precisara dela, mas agora já não. Durante um breve período de tempo, as vidas de ambos tinham-se cruzado para se voltarem a separar. Ele era o duque de Jervaulx. Ela, o escândalo da sua Assembleia. Assistia rodeada por uma nuvem de censuras, sendo mais uma deles mas ao mesmo tempo sem o ser, enquanto o seu nome se convertia num motivo de interesse público nos jornais e provocava uma profunda humilhação à Sociedade de Amigos.

Sentia-se muito agradecida a Elias, a Constance e a alguns outros amigos de peso por terem falado a seu favor, por terem testemunhado que estivera errada mas que se afastara de tudo aquilo e, com o tempo, conseguiria regressar à Luz. E estavam todos à espera de a ouvir ler a carta na qual se condenaria a si mesma. Não era algo que dissessem abertamente, mas Maddy sabia que se as palavras que escrevesse fossem convincentes, se mostrassem o seu desejo real e absoluto de encontrar a Verdade, os Amigos deixariam de estar contra ela e voltariam a acolhê-la plenamente dentro da sociedade.

- Como vai o teu artigo, John? - perguntou Constance ao pai. Este esfregou o queixo.

- Lento. Ultimamente tem avançado muito devagar.

- Não me pediste que to transcrevesse - disse Maddy.
- Não tenho a certeza se o quero publicar. Maddy olhou-o, surpreendida.
- Não?

- Minha querida Maddy - disse ele num tom de voz calmo -, sabes que o mérito deste artigo não é inteiramente meu.

- Todo não, mas... - Maddy calou-se.

- Publico-o também com o nome dele? Achei que não ias gostar disso. - O pai esboçou o seu característico sorriso cheio de tristeza e doçura. - E, para ser sincero, deparei-me com uma complicação que não sou capaz de resolver sozinho.

Maddy baixou a cabeça sobre o prato. Não era justo. Há muito que o pai se entregava àquele artigo e trabalhara arduamente. Tanto esforço não deveria resultar em algo de infrutífero devido aos seus erros.

- Queres um pouco desta couve-de-sabóia, John? - perguntou Constance para mudar de assunto ao mesmo tempo que o servia. - O amigo Gill trouxe-a hoje de manhã. Diz que está à venda no mercado a um xelim e seis *pennies* a cesta.

- Era bom que nos encontrasse espargos - disse Elias. - Ou que os cultivasse juntamente com as suas flores.

Constance sorriu.

- Talvez Archimedeia lho possa pedir. Tenho a certeza que por ela o faria.

- Vamos, Constance - repreendeu-a ligeiramente Elias. - Estás a adiantar-te aos acontecimentos.

Constance, sem sentir nenhum arrependimento, colocou um pouco de couve no prato de Maddy.

- Felizmente tudo se resolverá - disse Constance. - Sinto no meu interior que isso acabará por acontecer.

- Continuas a escrever a tua carta, Archimedeia? - perguntou Elias.

- Sim - respondeu Maddy, a remexer sem vontade a couve no prato. - Mas ainda não a acabei.

- Esta noite rezaremos juntos - disse Elias. - Talvez isso ajude.

- Sim - replicou Maddy.

O erro seria corrigido. Jervaulx não lhe queria colocar qualquer obstáculo.

Recordava-se dele naqueles últimos momentos em que tinham estado juntos. Nunca o poderia esquecer. Aquela astúcia e segurança em si mesmo, aquele brilhantismo e domínio das coisas. As estrelas e o infinito, um mundo que ninguém conseguia atingir. Um *bon chat*, *bon rat* sob a fénix a renascer das cinzas. Convencido, ousado, sanguinário na sua vingança. Como o gato bom, brincalhão e preguiçoso mas simultaneamente poderoso e implacável, virara a mesa e atormentava os seus carrascos. Metera-os na prisão, quase os deixara em liberdade, mas afastara-se e apresentara de novo queixa, fizera com que tivessem de se apresentar a tribunal antes de os voltar a colocar em liberdade quando lhe apetecera. O pobre primo Edward, pensou Maddy, nunca seria o mesmo depois de tudo aquilo.

Porque ele era o duque de Jervaulx. Tinha amantes. Conseguira vencer os próprios problemas graças à própria força.

Vem, dissera-lhe muitas vezes. Quase conseguia ouvir a voz dele a dizer-lho mais uma vez.

Mas as palavras desvaneceram-se até na sua imaginação. Eram o último vínculo que a unia àquela outra vida. Tinha que escrever a carta. Chegara o momento.

Depois do jantar, sentou-se com Elias e Constance na saleta austera e ouviu a voz profunda do velho homem enquanto orava. Ouvia todas as coisas que devia escrever. Depois de rezarem, escreveu-as sem derramar uma única lágrima.

Christian estava sentado a ler o correio e a atirar todos os convites, um a um, para a lareira.

Deteve-se quando chegou a uma carta vinda da Escócia, que afastou para o lado. Depois de a contemplar por um momento, partiu o selo e leu-a. De seguida, levantou-se e dirigiu-se ao piso inferior.

Na sala amarela, um berço ocupava o lugar mais quente do quarto, cuidadosamente separado da lareira por uma grelha. Jilly levantou a cabeça do berço quando Christian entrou.

- Ah, excelência, acaba de acordar e está pronta para o ver.

Christian assentiu. A rapariga fez uma vénia e saiu do quarto, fechando com cuidado a porta atrás de si.

Christian não se dirigiu ao berço. Encostou-se à cama e observou a criança dali. Diana não se apercebera da sua presença. Estava deitada de barriga para cima a dar pontapés na comprida camisa de linho e a brincar com os pés. Tinha agora um gorro branco bordado e minúsculos sapatinhos com laços, camisinhas e bibes, uma roca de prata, um pente e uma escova de marfim macio. Tudo aquilo de que uma criança pequena precisava, tal como Jilly e o pessoal feminino da casa lhe tinham explicado.

- Pequena - disse com doçura.

A menina virou-se ao ouvir a voz dele, algo que acabara de aprender a fazer. Uma expressão de surpresa enrugou-lhe a testa enquanto procurava a fonte do som.

Christian aproximou-se do berço. A menina começou a sorrir antes de ele se encontrar junto dela, e começou a mover as pernas e os braços, frenética, quando Christian se inclinou sobre o berço. De seguida, esfregou o nariz contra o dela, e provocou-lhe guinchos de felicidade. Diana bateu-lhe no maxilar e nas faces com os pulsos diminutos. A cada pancada, ele virava a cabeça e emitia um som, numa brincadeira que parecia encantar a menina.

Christian endireitou-se e olhou-a de cima ao mesmo tempo que lhe estendia os dedos. Ela agarrou-os de imediato e arqueou a cabeça para trás para o olhar.

- Vais ter frio na Escócia? - perguntou-lhe Christian. Ela franziu a testa com uma expressão interrogadora.

- Roupa quente - prometeu ele. - Enviá-la-ei. Vestidos. Dinheiro. Coisas bonitas. Brinquedos nos aniversários. Christian perguntou-se se lhe dariam. Ele não poderia escrever, nem receber notícias dela. Tíham-lhe deixado isso bem claro. Pagaria o seu sustento em segredo e não faria nada que pudesse causar uma maior vergonha à família.

Era melhor assim. O melhor para ela.

Tinha que se manter à margem, em silêncio, como estava a fazer com a anulação do casamento. Também isso era o melhor. Parecia ter-se transformado num motivo de vergonha para todos.

Soltou-se da menina e dirigiu-se para a porta. Ela virou a cabeça e seguiu-lhe os movimentos. Um pequeno beicinho de insegurança e preocupação obscureceu-lhe o rosto.

Era o melhor.

Christian virou-se, olhou desesperado para a criança e fechou a porta sem fazer ruído.

A Noite de Reis passou-se sem festas, nem jogos. Christian encontrou desculpas para atrasar o momento de enviar Diana para a Escócia. Era uma época festiva, o tempo estava mau, ainda precisava de roupa quente. A menina já tinha um guarda-roupa que seria a inveja de qualquer *femme fatale*, criado pela sua própria costureira, uma prima da irmã da cozinheira, supervisionada por esta e por Jilly. Calvin tinha contribuído com uma peça de musselina bordada que, de algum modo, saltara para dentro do cesto quando se encarregara das librés de Primavera. Durham levaria-lhe laços azuis para combinarem com os seus olhos.

Christian percorria Oxford Street quando já era de noite e fazia com que a carruagem o esperasse enquanto caminhava entre os candeeiros a gás a comprar-lhe xales, lã e veludo. Não queria que a menina apanhasse frio. Mais do que tudo, não queria que apanhasse frio.

Quando até ele percebeu que nenhuma criatura poderia precisar de tanta roupa ao mesmo

tempo, Jilly guardou as peças de tecido numa arca. Christian sabia que teria de alugar uma carruagem e um acompanhante para a viagem até ao Norte, mas não parecia encontrar o momento ideal para o fazer.

Num dia de Janeiro, Calvin fez entrar para a biblioteca um rapaz de aparência rude. O jovem não parava de remexer nas luvas sem dedos enquanto o mordomo anunciava solenemente:

- Excelência, um jovem da escola de Lancaster deseja falar convosco.

- Por favor, senhor - disse o rapaz antes de Christian ter sequer tempo de erguer uma sobancelha -, sou monitor da escola. O amigo Timms ensina-nos Aritmética. Trago um recado da parte dele. - E fechou os olhos para recitar a mensagem. - «Peço-te que me concedas um momento para estudar um problema. Posso ir visitar-te?» - O jovem voltou a abrir os olhos. - E se o duque me responder que não, então deverei pedir desculpa da parte do amigo Timms e partir, e se o duque disser que sim, que pode vir, então devo dizer-lhe que o amigo Timms ensina ao Quarto Dia, que é uma quarta-feira, senhor, e depois o amigo Timms pode passar por Belgrave Square às duas. Essa é a única altura em que pode vir sozinho, e o duque conhece os motivos. E é tudo, senhor.

O rapaz respirou fundo depois de falar e descontraiu as mãos.

Christian não se movera durante todo o discurso. Limitara-se a permanecer sentado, a contemplar o muro do jardim das traseiras. No seu íntimo, acendera-se uma pequena chama agriçoce.

- Vai até às cocheiras - disse ao rapaz. - Fixa a carruagem. Recorda-te dela. Quarta-feira, às duas... estará à porta junto da escola. Procura-a. Levas o senhor Timms até ela... para que o traga.

- Sim, senhor - disse o jovem, e inclinou a cabeça.

Christian sentia-se nervoso como um colegial quando Calvin mandou entrar Timms para a biblioteca e lhe pediu que se sentasse.

- Estás bem? - perguntou-lhe à distância depois de o mordomo se retirar.

Sob a aba do chapéu, Timms virou-se para o lugar de onde provinha a voz de Christian.

- Estou bem fisicamente - respondeu sem se alterar.

Christian não sabia se existia algum tipo de acusação no seu tom de voz. Moveu os dedos da mão direita. A sala pareceu encher-se de um silêncio cada vez mais pesado.

- E Maddy? - perguntou em voz muito baixa.

O pai dela esboçou um sorriso fraco e sacudiu a cabeça.

- Não sei.

Christian dirigiu-se à secretária junto da qual Timms estava sentado e sentou-se na cadeira do lado oposto.

- Que problema... queres que veja?

Timms não trazia papéis nem cifras gravadas. Descreveu por momentos uma equação de um modo tão claro que Christian nem sequer teve de a escrever. De seguida, sugeriu outra redefinição óbvia da variável problemática.

- Claro - disse Timms com um ligeiro sorriso, como se a solução fosse mais irónica que satisfatória.

Christian esperou que o outro lhe apresentasse o verdadeiro desafio, mas Timms não proferiu palavra.

- Não vieste... apenas por isso - disse, por fim, Christian.

- Pensei que demoraríamos mais - respondeu Timms, irónico.

Era isso o que Christian teria preferido.

- Quanto ao resto... o artigo... está a correr bem? - perguntou.

- Não avancei muito - respondeu Timms. - Receio que me tenha deixado levar pela tua excelente biblioteca matemática do castelo e esteja mimado.

- Ficas para jantar?

- Não posso. A minha filha não sabe que estou aqui. Christian levantou-se de repente da secretária e aproximou-se da janela.

- Aborrecer-se-ia.

- Não, não penso que se aborrecesse, mas não a quero perturbar mais.
- Perturbar? - perguntou Christian, e fechou os olhos.
- Amanhã é a Assembleia mensal. Vai ter de ler a carta. A Assembleia exigiu que também enviasse uma cópia para os jornais e para o teu amigo Durham, que oficiou ao matrimónio.
Christian virou a cabeça.
- Que carta? - perguntou.
Timms levantou-se e pousou ligeiramente as mãos na extremidade da secretária.
- Vem à Assembleia, amigo, e ouvi-la-ás.

Maddy acompanhava todas as manhãs Constance ao asilo, onde levavam comida aos idosos e às crianças. Nessa manhã, o dia da sua desonra, o dia em que seria criticada pela Assembleia, também foi.

O trajecto delas seguia por trás da aldeia, através de campos e viveiros. Do lado oposto de um terreno lavrado, no local em que um carreiro virava para o pátio do asilo, viram uma estranha cena muito antes de chegarem à instituição de beneficência.

Uma vaca estava atada ao tronco de uma árvore a comer de um monte de feno. Aquilo era algo que viam todas as manhãs naquele mesmo lugar. Mas naquela manhã, no meio do carreiro sujo, junto da vaca encontravam-se dois criados de peruca e librés brancas a flanquear a insólita aparição de *lady* de Marly, sentada numa cadeira dourada com os pés delicadamente colocados sobre um tamborete a condizer. Uma carruagem coberta esperava um pouco mais à frente, a bloquear completamente a passagem.

Constance limitou-se a dizer «O que significa isto?», e continuou a andar na direcção deles. Os pés de Maddy começaram a mover-se cada vez mais devagar. Por fim, deteve-se a poucos metros daquela barricada humana.

- Acho que deveríamos dar a volta.

Constance olhou-a, e o rosto redondo e suave exibiu tanta tranquilidade quanto a da vaca.

- É apenas a perseguição do mundo - disse com uma tal serenidade que Maddy se encheu de coragem. - A única coisa a fazer é continuar a andar e passar ao lado dela.

E continuaram até se aproximarem de *lady* de Marly. Maddy viu que a mulher tinha no colo um frasco de sais de jade trabalhado.

- Que comovedor. - A voz idosa de *lady* de Marly soou firme e áspera no ar frio. - A tratarmos das nossas obras de caridade, não?

Maddy não respondeu. Tentou contornar *lady* de Marly, mas um criado meteu-se no seu caminho.

- Vamos *falar*, duquesa - disse *lady* de Marly. - Aqui e agora, ou em qualquer outro momento e lugar.

Maddy afastou-se do criado.

- Não sou duquesa.

- Não. Parece que a única coisa que sois é uma cobarde.

A tia do duque estava envolvida em xales ricos. Tinha o colo coberto por uma fina manta de lã e as mãos enfiadas num regalo de zibelina.

- Vamos, Archimedeia - disse Constance, e afastou-se para um lado.

- E porque não deixa que ela me oiça? - perguntou *lady* de Marly. - Se sou o Diabo que a vim tentar, não será suficientemente forte para me resistir?

- Não és o Diabo, apenas mais outro problema para ela - respondeu Constance. - E já tem bastantes provas para enfrentar hoje.

- Não. - Maddy sentira-se atingida pela ideia que qualquer coisa que *lady* de Marly lhe pudesse oferecer a modo de tentação seria suficiente para acabar com a sua vocação de verdadeira amiga. - Que fale. Não há nada que possa dizer que me perturbe.

- Jervaulx não está bem - murmurou *lady* de Marly. Maddy virou-se rapidamente com um nó

na garganta.

- Como não está bem?

Lady de Marly soltou uma pequena gargalhada.

- E diz que não há nada que a possa perturbar.

O sangue subiu às faces de Maddy. Sentiu-o subir-lhe à cabeça, um latejar febril demasiado evidente.

- É a Graça que existe dentro dela que faz com que Archimedeia se preocupe com o bem-estar de qualquer ser humano - disse Constance.

- Ah, sim? - replicou *lady* de Marly num tom divertido e irónico. Inclinou-se para a frente, e ajeitou um dos xales. - Jervaulx está bem, criança, suficientemente bem para me maldizer como intrometida se soubesse. Tive que a encontrar por conta própria. Sabe qual é o meu interesse - acrescentou, a observar Maddy com atenção. - Há alguma expectativa?

Maddy percebeu o que ela queria dizer. Pensou no «fardo», no embrulho nos braços da rapariga, no sangue de Jervaulx perdido num beco. Mas uma filha assim não respondia às expectativas de *lady* de Marly.

- Não - respondeu Maddy rápida e incisivamente.

A mulher idosa olhou-a durante um longo período de tempo. De seguida, torceu a boca e suspirou.

- Bom, então, nada mais há a fazer.

- Tenho de te dizer a verdade - disse Constance de imediato com um tom de voz firme. - Embora deseje de todo o coração que todas as bênçãos recaiam sobre ti e sobre os teus, também tens de compreender que esse casamento era errado. Foi algo terrível fazer com que Archimedeia casasse e se afastasse de nós. Nem sequer podes imaginar a coragem que lhe foi necessária, e ainda será, para regressar à sua antiga aliança com Deus.

- Sim, claro - disse *lady* de Marly, e apontou com a cabeça para as cestas que levavam. - E vai consegui-la levando pão e peixe para os pobres.

- Troças daquilo que não compreendes.

- É óbvio que a senhora conhece Deus melhor do que eu - replicou *lady* de Marly -, mas eu conheço muito bem a sua Archimedeia. Não é nenhuma santa cheia de coragem. - Olhou para Maddy e acrescentou: - Ou é-o, criança? Não, claro que não. Sente medo da verdadeira tarefa que Deus lhe colocou à frente. - Tirou uma mão do regalo e pegou na bengala, com a qual apontou para a cesta de Maddy. - Mas para isso não é preciso pensar muito, pois não? É um gesto bonito, sem dúvida, mas com isso consegue-se trabalho para os homens?

- E para as crianças e para os velhos. Não tenho meios para conseguir arranjar trabalho para os homens. Se os tivesse, arranjá-los-iam - respondeu Maddy.

- É uma rapariga tonta, mesmo muito tonta. Não sabe o que teve. Tinha demasiado medo para afastar a mão dos olhos e ver o que se passava à sua volta. - Com muito cuidado, *lady* de Marly pousou os pés em terra e endireitou-se. Um criado aproximou-se rapidamente e ajudou-a a andar até junto da porta da carruagem. Uma vez ali, a dama deteve-se e virou-se para Maddy, apoiada à bengala. - Quantos consegue alimentar com isso? Uns dez ou qualquer assim? Pense, rapariga. Dez, quando poderia ter alimentado dez mil, se tivesse tido coragem.

- Vais ao Brooks's connosco? - Durham subiu os degraus de dois em dois. Fez balançar um espelho diminuto que pendia de uma corda.

- É para a encantadora Diana. - Estendeu-o a Christian e seguiu-o até ao quarto de hóspedes.

- As damas gostam de começar a arranjar-se desde muito cedo. Que me dizes? Fane reunir-se-á comigo assim que sair de serviço.

Christian mostrou o espelho a Diana, que soltou gritinhos de alegria e o tentou agarrar. Christian começou a brincar com ela.

- Hoje não - respondeu Jervaulx.

- Então quando? - perguntou Durham. Aproximou-se da janela e encostou-se a ela a olhar para o exterior. - Achas que irás algum dia?

O tom de voz, na aparência indiferente, escondia a opinião que Christian não o podia adiar indefinidamente.

- Hoje não - repetiu Christian, e olhou para Durham de soslaio. - Durham, recebeste alguma carta de Maddy?

O amigo parou de bater no postigo da janela com os nós dos dedos. Não se virou.

- Qualquer... sim, acho que recebi qualquer coisa - disse num tom vago.

- Qualquer coisa?

- Uma espécie de carta. Não sei. Tens a certeza que não queres ir ao Brooks's?

- O que... é que dizia?

Durham continuava a olhar pela janela.

- Muitas palavras espirituais. Tudo muito *quaker*. A verdade é que não a li com muita atenção.

- Muito *quaker*!

- Olha, dizia muitas tolices. Vou-me embora, já que tu não vens.

- Vai lê-la hoje perante os *quakers*. E vai sair... nos jornais. Durham virou-se.

- Então nesse caso, meu velho, recomendo-te vivamente que não compres o jornal. - A expressão do rosto dele contradizia o tom frívolo das palavras. Enfiou as mãos nos bolsos e saiu do quarto. - Se mudares de ideias, encontramo-nos no clube.

36

Christian atravessou a porta sem saber muito bem o que o esperava no interior. Se a inquisição, um tribunal de justiça, ou uma congregação silenciosa entregue à oração. O que encontrou parecia-se mais com uma discreta junta directiva na qual não havia presidente. Estavam sentados em bancos naquela enorme e austera sala, e ninguém votava. Parecia que todos podiam falar se assim o quisessem. O barulho de pés ressoava e embatia nas tábuas do soalho e no tecto conforme os membros se iam levantando um a um para expressar os seus sentimentos, até alguém extrair de tudo aquilo uma declaração que obtinha a aprovação geral e era incluída na acta.

Christian não se sentou e permaneceu de pé junto da porta. A fileira de homens sentados sobre o estrado, que havia numa das extremidades da sala, olhou-o com receio quando entrou. Nenhum fez qualquer gesto para o mandar embora, mas um deles continuou a olhá-lo com uma expressão muito séria. Christian reconheceu o líder do grupo sombrio que fora visitar Maddy a sua casa, e retribuiu-lhe o olhar sem se perturbar.

Havia apenas uma mulher presente. Estava sentada sozinha num dos primeiros bancos, mesmo junto ao estrado, e olhava em frente. Aquela figura anónima usava um gorro e um xaile branco sobre a roupa negra. Fez-se silêncio na sala. O único som perceptível procedia da pena do secretário que acabava de escrever a última acta.

- Archimedeia Timms está presente? - perguntou uma voz pausada. Christian sentiu que lhe custava respirar quando ela se levantou.

Do local onde se encontrava não lhe conseguia ver o rosto, mas sabia que Maddy estava a tremer. Sabia-o.

Maddy baixou a cabeça ao virar as costas aos presentes.

- Archimedeia Timms - declarou um dos homens do estrado -, convoquei-te aqui por causa do teu casamento, oficiado por um sacerdote, com alguém do mundo, assim como por algumas outras faltas. Os Amigos pediram-te que clarifiques a verdade e escrevesse uma carta na qual condenes os teus actos.

A congregação emitiu um ligeiro murmúrio de assentimento.

- Peço-te que a leias agora - disse alguém de um dos bancos. Christian agarrou-se com muita força à ombreira da porta atrás dele.

Com a cabeça ainda baixa, Maddy ergueu o papel que tinha nas mãos e começou a ler. A voz era trémula e baixa, ininteligível excepto pelo som, um som tão doce e familiar que Christian sentiu-o no seu interior como se se tratasse de uma dor física.

- Amiga, tens de te virar e falar alto - queixou-se um homem no fundo da sala.

Maddy calou-se por instantes. De seguida, virou-se para os assistentes.

- «Não duvido...» - disse ainda de cabeça baixa e, então, como se tivesse decidido enfrentá-los de verdade, ergueu a cabeça.

Por cima da cabeça dos congregados, o olhar dela encontrou-se de imediato com o de Christian.

Abriu a boca para falar, mas não disse nada. A luz que entrava pelas janelas altas e redondas caía sobre ela, uma figura pálida e imóvel.

Christian olhou-a, desafiador.

Di-lo, pensou. Diz-mo, se conseguires dizer-lhes a eles.

Maddy pareceu perder a noção das coisas. Desviou os olhos dele. Com uma expressão cheia de ansiedade, percorreu os bancos que os separavam como se acreditasse que ia ver algo neles, ou como se não se lembrasse do que tinha que fazer.

- Archimedeia - disse o homem corpulento e de voz baixa que a visitara -, tens de continuar.

Maddy baixara os braços e o papel repousava contra a saia negra. Levantou-o. O papel tremeu como a asa partida de um pássaro enquanto o olhava sem ver nada.

- «Não duvido...» - repetiu com voz trémula. Interrompeu-se e fez um esforço visível para recuperar a compostura. - «Não duvido que é justo que sofra, e alegro-me que assim seja...» - Ergueu a cabeça e a voz elevou-se-lhe - «... porque é espantoso que, embora tenha caminhado junto dos Amigos, não fosse realmente um deles, já que se o tivesse sido não teria feito o que fiz; e se tivesse acudido ao Senhor e aos Amigos em busca de conselho, também nunca o teria feito.»

Interrompeu-se e humedeceu os lábios. Quando prosseguiu, a voz adquirira um tremor distinto e muito alto.

- « Quando me encontrava no templo perante o falso ministro, disse que recebia o encargo de Deus de amar aquele homem e chamei-o meu marido, mas isso ia contra a Verdade e, enquanto permaneci ali, disse que era sua mulher, mas isso também ia contra a Verdade.»

Maddy afastou o olhar para um recanto afastado da sala para não o ver a ele nem ao papel. As faces começaram a banhar-se-lhe de lágrimas.

- «Assim que o fiz, soube que era algo de terrível» - prosseguiu -«e que o devia recusar e assim lho disse, mas não tive a coragem suficiente para agir, nem sequer quando a Luz pareceu iluminar-me. Foi uma revelação muito forte, mas a minha vontade era-o ainda mais. Eu...»

Voltou a interromper-se. Chorava abertamente, de pé perante todos, uma figura solitária e isolada que segurava um papel, papel que se desintegrava lentamente pela agitação a que as mãos o submetiam. Maddy apertou os lábios com força e olhou para o tecto e para o chão, para qualquer parte menos para aqueles que a olhavam.

- «Fui a sua casa» - disse numa voz fraca - «e vivi nela como uma perda...»

Christian soltou um resmungo, soltou-se da madeira e deu um passo em frente, mas Maddy continuou a ler.

- «... cercada de luxo e de comodidades frívolas e mundanas e caí no pecado da fornicção e do desejo carnal. A minha vontade continuava a ser mais forte, e não podia nem queria obedecer às ordens do Evangelho mas, pelo contrário, caí ainda mais profundamente na armadilha do inimigo e voltei para ele até depois de me ter tentado libertar e regressar para junto do meu pai.»

Christian sacudiu a cabeça. Olhou-a, desejoso que ela olhasse para ele, sem deixar de sacudir a cabeça.

- «Disse-lhe com frequência que o amava e que isso tinha de ser Verdade, mas era apenas uma ilusão da minha imaginação ou uma tentação de Satanás, e não a abençoada influência do

Espírito Santo» - prosseguiu Maddy, incansável, no mesmo tom de voz alto e trémulo.

- «E sei que era assim porque senti que estava a fazer o que devia e, quando algum tempo depois vi alguns amigos, envergonhei-me de os olhar no rosto.» - Calou-se por instantes enquanto as lágrimas lhe caíam como uma torrente pelo rosto. - «E lamento-o. Sou uma mulher indigna. Arrependo-me do que fiz e suplico aos Amigos que não me repudiem, pois já me afastei desse homem.» - Fez outra pausa e pestanejou com o olhar perdido. - «Lamento profundamente ter sido tão fraca» - disse e baixou a cabeça. - «E agora desejo fervorosamente voltar à Luz e viver conforme a Verdade.»

- A Verdade! - exclamou Christian. As palavras dele ressoaram no meio do silêncio da sala.

Conseguira por fim que Maddy o olhasse, juntamente com o resto dos presentes. Estava em frente da porta, deslocado, sem a roupa adequada, zangado, humilhado, e naquele momento apenas Maddy parecia tão humana quanto ele entre aquelas filas de rostos severos.

- A Verdade! - voltou a gritar e olhou fixamente para Maddy, como se fosse um eco inconsciente de si mesmo, as únicas palavras que conseguia dizer. A voz dele voltou a percorrer a caverna austera que era aquela sala.

O homem que falava sempre em voz baixa levantou-se do estrado.

- Amigo - disse e dirigiu-se a Christian -, sentimos uma profunda compaixão por ti, mas temos de te informar que estás afastado da vida divina, pelo que és um intruso nesta Assembleia.

Outro homem sentado num dos bancos também se levantou. Era Richard Gill.

- Queremos que te vás embora - disse.

Christian riu-se, enlouquecido. Percorreu o corredor central e arrancou das mãos de Maddy o papel amarrotado.

- Quem é que escreveu isto? - perguntou e ergueu a folha em frente do rosto dela.

Maddy olhou-o como se fosse uma alucinação, como se falasse uma língua estranha que era incapaz de compreender. A expressão do rosto dela enfureceu Christian. Aquele olhar perdido, aquele medo, aquela dor, aquela estupidez, aquela debilidade, não és tu, não és a minha Maddy, são mentiras, mentiras, mentiras!

Voltou a olhá-la ao mesmo tempo que rasgava o papel. Sentia os *quakers* atrás de si, via Maddy perante ele, ali de pé a mentir, aquelas palavras tão piedosas e tão falsas. Falsas! Tinha de o dizer. Tentou fazê-lo mas não conseguiu. Afogou-se-lhe tudo na mente antes de lhe chegar à garganta.

Acontecera. Perdera-o. Sabia que desapareceria quando mais precisasse. Todos o olhavam. Era uma atracção de circo, *encolhido seco sem conseguir falar lunático quakers julgamento para onde olham!*

Mas, apesar de toda a fúria e desespero, conseguiu manter-se digno. Tremia de vergonha e fúria, respirava como um animal selvagem, sabia que era um pobre idiota louco à frente de todos eles.

À frente de todos aqueles *quakers*. À frente do piedoso Richard Gill.

- *Melhor!* - A palavra surgiu-lhe da boca como um grito. Abriu os braços. - Olhem! Mim! O pecador... não pode falar! - A voz embateu contra as paredes vazias ao apontar para Gill. - *Pensas... que és melhor* - Olhou com desdém para a Mula. - *Achas... tu tão santo... que mereces... a minha mulher* - Virou-se e levantou o papel para os solenes homens do estrado. - Quem escreveu isto? Tu? - Sacudiu o papel na direcção daqueles rostos severos. - Ou tu? Ela não. Ela não... diria que sou... *inimigo*. - Christian sacudiu a cabeça e emitiu um resmungo descrente. - Maddy... *fornicação?* - Estava a meio caminho entre as lágrimas e as gargalhadas. - Eu chamo-lhe... amor por ti. Perante Deus... amar... honrar... a minha mulher... adorá-la toda a vida. Assim lho disse. Ainda é verdade, Maddy. Ainda é verdade... para mim... e para sempre.

Maddy, ainda rígida e imóvel, olhou-o fixamente. As lágrimas sulcavam-lhe o rosto.

- *Ajudarme!* - gritou Christian àquela fachada inexpressiva e lacrimosa. - Deus... mandou... *amar-nos*. Só uma obrigação... amar-nos! *Duquesa!*

Maddy moveu os lábios e humedeceu-os.

- Não... acreditas? - perguntou Christian. - Pensas... que és... uma pequena *quaker*... mansa e dócil? - Outra gargalhada selvagem ergueu-se até às vigas do tecto. - Obstinação... segura... orgulhosa... opiniosa... *mentirosa*. Não se inclina perante o *rei*, maldita seja. Entra... na sela do louco... de cabeça erguida... sem medo. Poderia ter-te matado... Maddy. Matado uma centena de vezes.

- Era uma revelação - sussurrou ela.

- Eras tu - disse Christian. - Tu, duquesa. Tiraste-me dali. Casaste... com o duque. Disseste... que os criados não... tinham que pôr pó no cabelo. - Apontou para o chão. - Diz-me... que me ajoelhe... e fá-lo-ei. Será o presente do Diabo - acrescentou a torcer a boca. - Nem pérolas, nem flores... nem vestidos. Algo nada santo. Dou-te... este bastardo egoísta e arrogante... aquilo que sou... e o muito ou pouco... que posso fazer. Dou-te... a minha filha... porque vou ficar com ela... porque arruinarei o seu nome para minha satisfação... porque apenas tu, apenas tu... duquesa... compreendes porque o faço. Porque apenas tu... podes ensinar-lhe a ter coragem... a que não se preocupe... com o que digam os outros. Apenas tu... podes ensinar-lhe... a ser como tu. Uma duquesa. - Abriu a mão e o papel caiu no chão. - Uma verdadeira duquesa!

Christian percorreu com o olhar a fila de *quakers*, que olhou com ferocidade. De seguida, virou-se e dirigiu-se à porta. Uma vez ali, voltou-se e disse:

- Espero lá fora... cinco minutos. Vem... ou acabou.

Do lado oposto da casa das Assembleias, entre as sombras do cemitério composto por uma árvore e alguns túmulos antigos amontoados junto a uma pequena igreja, Christian estava encostado à cancela.

Ainda tremia. Começara a fazê-lo assim que saíra pela porta, o resultado de toda a ira e medo que lhe percorriam as veias. Havia muito tráfego na rua. Apenas a minúscula igreja e a casa de Assembleias pareciam não ter vida nem movimento, e confrontavam-se como remansos de paz no meio do tumulto.

Esperou muito mais de cinco minutos. Esperou, cada vez com menor esperança, durante uma hora e depois duas, a saber que deveria partir, a saber que era absurdo lançar ultimatoss estúpidos e, por fim, a perceber que por mais ridículo que fosse estava à espera de a ver mais uma vez, apenas mais uma vez, antes de ela desaparecer para sempre da sua vida.

Ainda encostado à cancela contemplou o tráfego, que escorria incessante como uma torrente. Passou uma indolente carroça coberta com uma lona e puxada por dois bois, lenta mas inexorável no seu movimento para a frente. Assim que passou, Christian viu Maddy nos degraus de entrada para a casa das Assembleias.

As pontas da cancela magoavam-lhe os polegares. Ninguém mais saiu da casa. Christian franziu a testa, pois era incapaz de ver a expressão do rosto dela, oculto sob o gorro que levava. A sua única certeza era que Maddy estava sozinha.

Parecia procurar algo, o olhar a percorrer ambos os lados da rua. Por fim, desceu os degraus e dirigiu-se a ele.

Christian reparou que as pernas se lhe paralisavam. Limitou-se a olhá-la. Não conseguiu mexer-se nem falar quando ela se deteve à beira do passeio e esperou que uma carruagem passasse. De seguida, levantou a saia e atravessou a rua.

Christian pressionou as palmas das mãos contra os picos afiados. Quando Maddy se encontrou à frente dele, parou e ergueu a cabeça. A cancela de ferro separava-os. O rosto de Maddy estava sulcado de lágrimas mas não mostrava tristeza. Na penumbra do cemitério, a aba branca do gorro parecia captar a pouca luz existente, e fazia-a refulgir.

Uma dúvida terrível apoderou-se de Christian. Soltou a cancela e andou uns passos pelo cemitério. Não queria saber. Não queria ouvir que a fonte daquele brilho de Maddy procedia de um acordo com a sua Assembleia *quaker*.

- A menina - disse Christian com uma voz rouca que ressoou pelo cemitério estreito. - A de Eydie e minha - explicou a olhá-la com uma expressão nos lábios que nada tinha de irónica. - É a isso... que se chama fornicção.

- Sim - respondeu ela, imóvel atrás da cancela.

Christian sentiu necessidade de lhe contar tudo, de lhe falar dos seus segredos sujos para que ela não pudesse voltar a dizer que era falso. Olhou fixamente para as letras gastas de uma lápide de mármore.

- Os Sutherland sabem... que é minha. Não gostam nada... mas ficarão... com ela. - Encolheu os ombros. - Tem linhagem. Ela nunca... precisará... de o saber - acrescentou, a sorrir com amargura enquanto olhava para o túmulo. - Que eu sou o seu benfeitor anónimo.

Não conseguia olhar para ela. Tudo aquilo lhe era muito difícil. A vergonha, erros, pecados. Arrastara-os com ele mesmo antes de a ter conhecido. Mas Maddy estava radiante e tranquila, etérea. A aura de paz que a cercava fez com que Christian se alterasse ainda mais interiormente.

- Vais ficar com ela? - perguntou Maddy.

- Minha filha - disse Christian num tom triste. - A minha filha bastarda. E assim que a conhecerão.

- Sim - replicou Maddy. - Mas vais ficar com ela?

Christian inclinou a cabeça. Uma sensação estranha apoderou-se-lhe do peito. O musgo do túmulo começava a deslizar sobre as letras. Pestanejou e desatou à gargalhada.

- Bom... pode ser que tenha frio... e não lhe façam caso. - O som do tráfego transformara-se num chiar distante, abafado, como vindo de outro mundo. - Não sabia... que fosse tão difícil - disse e limpou os olhos com as costas da mão. - Maddy...

Ela abriu a cancela e entrou. Dirigiu-se à árvore e deteve-se junto dele, tranquila e firme, como um formoso anjo inflexível. É claro que lho fora dizer. Não ia omitir nada, nem partir silenciosamente para não o magoar.

- Deixam-te... ficar com eles como *quaker*? - perguntou Christian em voz baixa. - Aprovaram a tua carta?

- Não era a Verdade - limitou-se Maddy a responder. - Por isso, voltei para ti.

O som continuava a diminuir, a afastar-se cada vez mais dele.

- Para mim? - repetiu ele, apático.

Maddy esboçou uma expressão ligeiramente irónica com a boca.

- És o meu marido e eu sou a tua mulher. A tua abnegada mulher, e a única obrigação que temos é amar-nos. - Tocou-lhe no braço ao de leve, como se fosse um professor a aconselhar um aluno. - Repetir-te-ei esta última parte todas as manhãs.

Christian pegou-lhe na mão e agarrou-se a ela. No seu interior, as palavras eram como pássaros a chocarem contra vidros.

- Se é que me deixas voltar contigo - acrescentou ela timidamente, depois de uma pausa. - Quanto à carta, fiquei para a reescrever e voltar a ler, e assim dizer a verdade. E a verdade é que apenas nos podemos apoiar no nosso Amo e Senhor, que fala às nossas almas por intermédio do seu Espírito, e apenas Ele pode dizer em que consiste o nosso serviço e quando, onde e como o devemos fazer. - Entrelaçou os dedos aos de Christian e ergueu a cabeça. - Demorei mais cinco minutos do que aqueles que disseste...

Christian continuava sem o domínio de si mesmo, sem nenhuma maneira de lhe responder a não ser ajoelhar-se e apertar o rosto contra o corpo dela, com um som que queria dizer «Sim e sim e amo-te e tens a certeza do que fazes?».

Sentiu Maddy a percorrer-lhe o cabelo com os dedos. De seguida, baixou-se e sentou-se sobre a lápide de mármore enquanto continuava a segurar-lhe o rosto entre as mãos. Os olhos de ambos estavam à mesma altura.

- Não preferes... Gill? - perguntou ele com uma enorme dificuldade. - Não preferes... esse homem melhor?

Maddy olhou para as mãos enquanto lhe acariciava o cabelo. Como não respondeu, Christian emitiu um resmungo de amargura que fez com que ela reagisse.

- Ainda não percebeste? - replicou Maddy a sorrir. - Receio que sirva apenas para ser a tua duquesa.

- Tu... far-me-ás... um homem melhor.
- Bem, vou tentar - disse ela ao mesmo tempo que afastava uma madeixa de cabelo da testa de Christian. - Mas tu és o duque, um homem mau e perverso, e amo-te demasiado para conseguir que mudes.

- Mau, perverso... e idiota - acrescentou ele secamente.

- Não - respondeu Maddy. - És uma estrela que eu só podia ver no céu e maravilhar-me. Mas apercebeste-te da minha verdadeira natureza humana, e sinto-me satisfeita por teres caído à terra e poder segurar-te nas mãos.

Christian soltou uma enorme gargalhada.

- Uma estrela... de lata. - Baixou a cabeça e olhou para o colo de Maddy. - Não te mereço, mas sou... demasiado degenerado... para te deixar ir embora.

- Estás a ver? - disse ela. - Somos ambos maus e egoístas. Christian voltou a rir-se, irónico.

- Nem tanto... nem tanto, minha Maddy.

Os dedos de Christian continuavam entrelaçados aos dela, e sentiu um ardor cada vez maior nos olhos e no peito. Depois de um curto silêncio, ela perguntou:

- Como se chama a tua filha?

- Diana - respondeu Christian. De seguida, engoliu em seco e pigarreou. - A... família dela... baptizou-a. - Sacudiu a cabeça com os olhos ainda fixos no colo dela. - Maddy, percebes... o que vai acontecer? As pessoas... vão olhar-nos de lado. Falarão dela. De ti. Serão... cruéis,

Maddy fez um gesto de desdém com a mão.

- Ensiná-la-ei a fazer frente a essas críticas mundanas. Christian ergueu a cabeça.

- Fá-lo-ás?

- Claro que sim - respondeu ela com uma determinação tranquila.

Christian deixou escapar uma pequena gargalhada.

- Pernas para o ar. Pões o meu mundo... de pernas para o ar, Maddy.

Ela baixou a cabeça e voltou a entrelaçar os dedos nos dele.

- E tu o meu. É isso que me assusta. Que, com os teus beijos, me transformes numa mulher libertina. E ciumenta, e receosa que não os guardes todos para mim.

Christian olhou para as faces rosadas, para o modo como mordia o lábio inferior, e apercebeu-se de que falava a sério. Inclinou-se para a frente e aproximou os lábios dos dela.

- Maddy - sussurrou enquanto lhe roçava a boca.

Ela apertou-lhe as mãos com mais força e, virando ligeiramente a cabeça, beijou-o com abandono e avareza, intensa e ardente. Christian puxou-a para si até que os corpos de ambos se fundiram e as pernas dela o envolveram. Frenético, explorou-lhe toda a boca e sentiu-a a responder, apaixonada. A sua pequena duquesa dos «tus» era tão fervorosa nas suas paixões quanto nas suas virtudes.

Essa ideia fê-lo sorrir - algo difícil de fazer no meio de um beijo tão erótico. Teve que se afastar dela e baixar a cabeça. Maddy endirei-tou-se.

- Estás a rir-te de mim! - disse, enquanto se tentava soltar dele.

- Estou a amar-te - respondeu Christian sem lhe soltar as mãos e a sorrir-lhe. Começou a dar-lhe beijos leves como penas, a língua a percorrer-lhe a suave curvatura do queixo. - Estou a beijar-te. - Soltou o laço do gorro e tirou-lho. - Minha vida. - Segurou-lhe o rosto entre as mãos. - Meu doce amor. Três cavalos... duas carruagens... de veludo... salas... sofás... cama... os meus beijos. Tudo... apenas para ti.

Epílogo

Como tinham perdido a refeição de Natal do ano anterior, os habitantes do castelo de Jervaulx pareciam determinados a ter uma celebração dupla naquele ano, e o próprio duque parecia

encantado por a triplicar. Dois dias antes do Natal, sobre um estrado de madeira colocado em cima do chão de pedra do grande salão, havia comida, bebida, música, bailes, diversões e muitos beijos desde o meio-dia até passada a meia-noite. Até Maddy teve de dançar, por mais que tentasse recusar entre gargalhadas. Depois de a levar para o centro do estrado, Jervaulx deteve-se em frente dela e iniciaram os majestosos passos de uma quadrilha em conjunto com Durham e *lady* de Marly, para grande regozijo de todos os presentes. Eram gargalhadas amistosas que aumentaram até se converterem num rugido quando Jervaulx - como um titereiro solene - pegou num ombro de Maddy e na cabeça para a colocar no sítio correcto depois de ela se enganar num dos passos.

Quando acabaram de dançar, ele inclinou-se perante ela. Maddy, com um sorriso tímido, estendeu-lhe a mão. Jervaulx pegou-lhe na mão com toda a seriedade para, de seguida, puxar por ela e beijá-la, no meio do salão e perante todos. Os aplausos febris e a música latejavam nos ouvidos de Maddy. Foi um beijo longo e intenso. Um momento de silêncio ardente entre ambos no meio daquele enorme clamor.

- E agora - sussurrou-lhe ele -, retiremo-nos... graciosamente.

Maddy beijou o pai, e recebeu na face os beijos de todos os membros da família do duque. Da mãe, irmãs, e até de *lady* de Marly, juntamente com a queixa desta de que já era hora de o duque e a duquesa se retirarem; Maddy consentira que todo aquele disparate durasse demasiado tempo. Quando se afastaram, deixaram *lady* de Marly a bater o ritmo da música com a bengala e a dizer ao pai de Maddy que já era demasiado velha e se devia ir deitar.

- Vem comigo - disse Christian a Maddy enquanto subiam as escadas até à outra extremidade do salão.

Ela seguiu-o encantada pelos corredores, iluminados com tochas brilhantes e fumegantes, até chegarem ao quarto que tinham escolhido para as crianças.

Christian abriu a porta com cuidado. Jilly estava sentada na antes-sala com uma lamparina, toda arranjada e expectante. Levantou-se de um salto e fez uma vénia. Quando Christian assentiu com a cabeça, a jovem sorriu de alegria e, depois de se voltar a inclinar, saiu a correr do quarto para se juntar à festa. Assim que saiu, Maddy viu Christian espreitar pela porta aberta que dava para o quarto contíguo.

Durante o último ano, Maddy tentara viver de acordo com os ditames da Luz, até entre toda aquela grandeza e luxo, e começara a compreender o significado das palavras de *lady* de Marly quando esta lhe dissera que era precisa muita coragem e determinação. Quando dispunha apenas de uma pequena renda, não lhe fora difícil saber o que fazer. Ficava com o suficiente para poder viver com o pai, e o pouco que restava entregava-o às colectas da Assembleia.

Mas agora que dispunha de tanto, tinha de tomar diariamente decisões, escolher entre o necessário e as meras frivolidades. Podia despedir metade dos criados mas, como Jervaulx referira ironicamente, então teria de dar dinheiro à paróquia para os sustentar. Era quase tudo cinzento, em poucas ocasiões branco ou negro. Durante esse ano passara mais tempo do que em toda a vida a questionar-se e a tentar descobrir se, realmente, se comportara de acordo com a Verdade. Tinha os seus próprios projectos, além de outros que conseguira que Christian se encarregasse. Eram as suas «boas obras», como ele lhes chamava ao mesmo tempo que lhe piscava o olho e assinava os cheques, cheques que pressupunham uma enorme responsabilidade sob cujo peso Maddy tremia.

Mas nem tudo eram incertezas. Estava plenamente certa de uma coisa, de uma tarefa que sabia com todas as fibras do seu ser que fizera como devia.

Por muito com que se pudesse deparar no futuro, por muito que o mundo pudesse falar de desonra, Diana era uma bênção, e se a menina crescesse a ver a expressão de Christian quando a via dormir, então nada teria a temer.

Christian fechou a porta até deixar apenas uma ranhura aberta e voltou para junto de Maddy. O olhar distraído fora-se apagando dos olhos dele ao longo daquele ano, de um modo tão gradual que Maddy não saberia dizer em que momento exacto é que desaparecera. Como Christian dizia impaciente em certas ocasiões, já não era o mesmo homem, mas Maddy sabia que aquilo significava que o que demorava um instante a analisar, dizer ou decidir, prolongava-se agora por

dois, e apenas se podia ocupar de um assunto e não de vários ao mesmo tempo. Mas já a olhava com uma perfeita percepção das coisas.

Nesse momento não parecia nada desorientado quando, com extremo cuidado, tirou as pérolas do cabelo de Maddy e lhe soltou as tranças. Depois, percorreu com os dedos as faces e os braços nus.

- Já tinha visto esse vestido - murmurou.

- Um vestido de noite é suficiente - afirmou ela cortante, enquanto ele lhe abria os colchetes do vestido prateado.

- Mas pensa... nas pobres costureiras... a morrer à fome.

- Não te enganes. Muitas morrem mesmo de fome.

- Então não encomendes... outro vestido - disse ele com a boca apoiada no ombro dela. - Envia-lhes dinheiro... directamente.

Maddy pousou uma mão sobre a face dele e sentiu a sua firmeza.

- Melhor seria que falasses com o governo para que aprovassem uma lei que lhes garanta um pagamento justo.

Christian ergueu a cabeça.

- Claro. Aprovarei... uma lei. Nada de mais fácil... na terra do comércio livre.

Maddy sorriu enquanto continuava a acariciar-lhe o rosto, da face até à boca.

- Tenho alguns números de...

Christian encostou a cabeça ao pescoço de Maddy e resmungou.

- Bom, deixaremos isso para amanhã - disse ela.

Christian voltou a resmungar. Fez deslizar as mãos sob o peito dela e empurrou-a para trás.

A cama de Jilly era estreita e mole. Quando Christian a beijou, Maddy esqueceu-se de vestidos e leis. Quando a penetrou, agarrou-se com força a ele. Aquele momento pertencia apenas aos dois, livres de qualquer preocupação do mundo exterior. Era uma união doce e íntima, a obrigação de o amar, uma alegria intensa e transbordante que abarcava tudo.

Quando o Dia de Natal amanheceu, o grande salão era uma confusão de bancos espalhados, velas consumidas, azevinho descolorido e laços vermelhos desfeitos. O tronco de Natal ainda ardia na gigantesca lareira e aquecia a sala deserta. Christian sorriu ao contemplar o rosto exasperado de Maddy ao ver *Devil* em cima de uma mesa comprida a roer um osso de javali que prendera entre as patas da frente. *Cass* lambia, tímido, o gelo derretido do enorme recipiente prateado do vinho, que estava caído no chão.

Christian assobiou. *Cass* respondeu à chamada, mas *Devil* limitou-se a erguer a cabeça e a continuar o que estava a fazer.

- Que cão é aquele? - perguntou Maddy, surpreendida. Christian virou-se. Em frente da lareira jazia um enorme mastim, cuja pele cinzenta quase se confundia com a pedra iluminada pelos primeiros raios de sol. Christian pegou em Maddy pela cintura e conduziu-a até à escadaria.

- É isso, um cão.

- Nunca o tinha visto.

- Não entra com frequência.

Maddy começou a subir a escadaria enquanto olhava para trás.

- Presumo que alguém o deve ter deixado entrar ontem à noite. É um animal enorme.

- É um bom cão - disse Christian atrás dela. - Nunca mordei E adora crianças.

- Então quando Diana for um pouco maior... - Maddy bocejou -... pode servir-lhe de pônei.

Christian deteve-se e, encostando a cabeça à parede da escadaria, atraiu Maddy para si. Quando baixou o rosto para beijar a mulher, viu ao longe a lareira atrás dela. O mastim levantou-se, espreguiçou-se e olhou Christian por instantes.

Enquanto se beijavam, Christian fechou os olhos. Quando os abriu, viu o rápido relampejo de uma cauda a desaparecer. Poderia ter sido *Devil*, ou *Cass*, ou a sua imaginação. Era impossível

sabê-lo.

Mas Christian sabia-o. Tinha Maddy entre os braços de faces incendiadas, uma expressão de felicidade e olhos sonhadores. Apoiou a cabeça no peito dele e voltou a bocejar.

Christian sorriu. Ele sabia-o. Podia ser um homem perverso e louco, mas sabia reconhecer um milagre quando o via.

FIM